

TRILOGIA CORES - VOLUME 3

# *Luz de* **Inverno**

*Linhagem mágica*



Keila Gon



***Luz de Inverno***

**Linhagem mágica**

***Keila Gon***

*Copyright ©2016 de Keila Gon*

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento ou a reprodução de qualquer parte desta obra – física ou eletrônica –, sem a autorização prévia do autor.

Revisão: Mundo Uno Editora

Capa: Lari Azevedo

# Índice

[Prólogo](#)  
[Aprendizado](#)  
[Primeiro Dia](#)  
[Anjo](#)  
[Demônio](#)  
[Conselheiros](#)  
[Demônio irritado](#)  
[Sonhos reais](#)  
[Segundo Dia](#)  
[Planejamento](#)  
[Surpresas](#)  
[Acerto de contas](#)  
[Dia sem noite](#)  
[A nova Casa de vidro](#)  
[Terceiro dia](#)  
[Convidados](#)  
[Recepção de Anúncio](#)  
[Luz de inverno](#)  
[Goch](#)  
[Montanha](#)  
[Família](#)  
[Uma \*oportunidade\*](#)  
[Vida nova](#)  
[Uma nova vida](#)  
[Sombras do passado](#)  
[Despedida](#)  
[Tempo](#)  
[Valentin](#)  
[Tempo](#)  
[Retorno](#)  
[Luz e Sombra](#)  
[Epílogo](#)  
[Agradecimentos](#)

*“Olhamo-nos, sorrimos e recomeçamos esta história  
que lhe acabo de contar e que é ao mesmo tempo o nosso romance,  
nosso drama e o nosso poema.”*

*Cinco Minutos (1856) – José de Alencar*

## Prólogo

CONTROLANDO MEU CORAÇÃO acelerado, respirei fundo e me sentei à pequena escrivaninha abaixo da janela. Era possível que eu estivesse vivendo um sonho? Era possível que essa alegria esquentando meu rosto não fosse real? As perguntas incrédulas pareciam ingratidão, mas como reagir quando a felicidade toma sua vida, transformando e agraciando cada segundo com algo tão intenso?

Estiquei a mão até o livro de capa dura e, puxando a fita verde, corri os dedos pelas folhas escritas. Muita coisa tinha acontecido desde a minha primeira anotação. Coisas boas e ruins. Que justificavam minha alegria como uma bela recompensa pela perseverança...

*Eu não procurava pelo amor; na verdade, buscava apenas um pouco de coragem para continuar. Era como uma árvore do outono, dormente, esperando que as folhas caíssem. Mas descobri, por caminhos inimagináveis, que até as folhas secas do outono possuem cores vivas e apaixonantes. Conduzidas pelo destino, flutuam com a brisa, vivendo experiências desafiadoras nos prados floridos da primavera. Provando suas alegrias e tristezas.*

*Neste caminho tive a ajuda do acaso, encontrei meu destino, meu amor. E me comprometi com ele. Descobri que ele é meu poder, minha coragem, minha vida. Uma singela semente...adormecida pelo inverno, mas que vai ressurgir para a luz de uma nova vida. E só posso sorrir para esse futuro que acaba de começar.*

Com um sorriso, finalmente entendi o objetivo daquele livro. E, como os outros antes de mim, deixaria em suas páginas minha própria descoberta. Minha história.

## Aprendizado

O SILÊNCIO DA MADRUGADA tomava o bosque, enaltecendo nossos passos entre as folhas secas do chão. Depois de horas recheadas de adrenalina, o cansaço de nossa aventura finalmente havia me alcançado, e podia sentir o esforço do meu corpo em cada movimento. Caminhando de mãos dadas com *meu* mago das sombras, desejei ter nada mais do que uma noite – ou um dia – de sono pacífico ao seu lado. Segurei um suspiro, sabendo que George jamais permitiria isso. Principalmente depois do sumiço de Vincent e minha partida intempestiva para seu resgate. Pior, ele nem sonhava que meu “consorte” já havia dormido em sua casa. Cheguei a me sentir culpada; depois, injustiçada. Afinal, teoricamente, não precisaria consultar meu avô sobre onde pretendia dormir com meu marido... Por Deus, eu estava *casada*!

Soltei o ar, exasperada, atraindo a atenção de Vincent.

– Sei que está cansada, mas precisamos resolver isso – entendendo de forma errada meu desconforto, o mago das sombras me apoiou em seu braço.

Queria soltar meu peso em seus músculos, estava muito cansada, mas me contive. Procurei em seu rosto algum sinal de desconforto, avaliando sua recuperação, e me deparei com um sorriso zeloso que fez meu estômago congelar. Seus dedos afagaram minha cintura e estremeci, afetada pelo homem ao meu lado. Imaginei se algum dia iria reagir de outra forma à sua presença... Mais uma espiada, outro sorriso, e inspirei com dificuldade. É, provavelmente não.

Contornamos a cerca do quintal até a varanda da casa amarela, e minha primeira reação foi procurar pela chave extra na arandela... Minhas mãos tremiam. Estávamos prestes a revelar notícias surpreendentes à meu avô, que já desconfiava de muita coisa. E, de repente, isso se tornou mais perturbador do que a visita à Dimensão das Sombras!

Com um gesto de apoio, Vincent colocou a mão em meu ombro; automaticamente busquei a figura de preto. O rosto deslumbrante ganhou contorno com os primeiros raios da alvorada e os olhos turquesa brilharam ansiosos, encorajadores. Prendendo o ar nos pulmões, adiantei-me para a porta. Só esperava que Vincent estivesse mesmo recuperado, porque iria precisar de energia e agilidade caso tivesse que fugir da ira de George. Pensar nas consequências desse encontro trouxe o tremor de volta às minhas mãos.

Inesperadamente, Vincent tomou a chave de meus dedos, devolvendo-a à arandela. Eu o olhei, confusa, mas o mago sustentou a expressão paciente.



– Você precisa acreditar em seu poder, Melissa. Sua força vai ajudar a enfrentar situações de conflito. Experimente... – murmurou, com um sorriso torto. Aprofundei minha expressão confusa, estava claro que eu não sabia como. Ele suspirou, entendendo meu silêncio. – Está tudo bem. Que tal começar usando *sua* magia? – Parando atrás de mim, ele chegou mais perto e seu calor percorreu minhas costas. Vincent circulei meu corpo com os braços, espalmando as mãos em minha cintura. A respiração suave roçando minha orelha. – O importante é a concentração – disse em meu ouvido.

Um arrepio correu meu pescoço.

– E... você vai... hum... ser meu professor? – A pergunta não deveria ter sido exteriorizada, mas eu não tinha muito controle das minhas ações com ele tão perto.

Um riso foi abafado em meus cabelos. Vincent apertou minha cintura, depositando um beijo em meu ombro.

– Quer que eu a ensine?

– Sim.

A voz grave deixou claro outros sentidos na pergunta, e esperava que minha resposta imediata também deixasse claro que aceitava todas elas.

– Então, serei seu professor dedicado.

Ele subiu o nariz pelo meu pescoço até parar os lábios na região sensível abaixo da minha orelha.

– Chame seu poder, concentre o calor... aqui. – suas mãos escorregaram até meu ventre, devagar, contornando minha barriga. Já não sabia se era o poder ou *outro* calor que queimava meu corpo.

Apoiei minha cabeça em seu peito com a respiração acelerada e, colocando minhas mãos sobre as dele, parei seu avanço sobre minhas costelas. Percebi que seria impossível me concentrar em qualquer coisa que não fosse Vincent.

– Se quer mesmo que eu me concentre, é melhor ensinar de longe – murmurei sem ar.

Uma lufada descontente levantou meus cabelos. Vincent se afastou, e cambaleei, corando. Ele parou ao lado da porta e cruzou os braços.

– Aqui está bom? – concordei, esforçando-me muito para não corar. O que era impossível. – Ótimo! Então, chame o poder... Concentre seu desejo. E ordene com convicção que a porta abra. Escolha palavras curtas, que traduzam sua vontade com exatidão.

Assenti mais uma vez e, inspirando com vontade, olhei a fechadura... Como ele pediu, foquei minha atenção no calor, chamando-o, e a onda de poder respondeu, crescendo em meu peito. Sua energia vibrou por meu corpo, correndo para meus braços quase que inconscientemente. Mas não era lá que ele deveria

se concentrar. Tensionei os músculos, impedindo sua passagem, e forcei o caminho inverso, tentando conter o fluxo que formigava em minha pele. E ele retornou, acomodando-se espontaneamente em meu tórax, bem no meio das costelas.

A sensação do poder era diferente ali, não como uma reação, mas como uma expansão. Inflando a ideia de invencibilidade que a magia provocava. Uma sobrecarga de confiança misturada a uma superdosagem de adrenalina, que dava a certeza de que poderia fazer qualquer coisa. E eu poderia?

Ainda com os olhos na fechadura, murmurei o comando:

– Abra.

Um, dois, três segundos. Nada.

– Você está sentindo seu poder? – Vincent perguntou, ainda de longe.

– Sim. Estou. Aqui. – Indiquei o meio das costelas, e ele assentiu. – Talvez eu não tenha tantas habilidades.

Vincent se remexeu, chegando um pouco mais perto.

– Todos têm habilidades. Você consegue levitar, atingiu um elfo com seu poder... Queimou sua blusa até ela virar cinzas e doou energia para salvar uma vida. Por que não abriria uma porta? – Depois do tom quase repreensivo, o mago cruzou os braços mais uma vez. – Tente de novo.

Estreitei os olhos, desanimada. Algo me dizia que ter Vincent como professor não seria tão divertido quanto imaginei. Fiz outras duas tentativas frustradas e, quando o Sol inundou a varanda, meu cansaço já havia se misturado à irritação.

– Chega... É isso. Talvez eu não tenha habilidades, só dons.

Estiquei-me para pegar a chave na arandela mais uma vez, mas o mago determinado segurou minha mão. Como eu previ, seu olhar sisudo lembrava o cavalheiro carrancudo, não um professor dedicado.

– Todos os magos têm habilidades, Melissa – repetiu. – Elas são natas. Você está cansada, eu entendo, mas não vou deixar que desista tão facilmente.

Soltei-me de suas mãos.

– Realmente, Vincent, *estou* cansada. E, se tivesse me deixado abrir a porta com a chave, já estaríamos lá dentro há muito tempo. George deve estar se levantando e gostaria muito de trocar de roupa antes de começar uma conversa que... que... nem sei por onde começar!

Apoiei as mãos nos quadris, e pelo olhar contemplativo de Vincent, a postura irritada enfatizava meu decote.

O mago escorregou os dedos pelo cabelo, subindo e descendo o olhar por meu corpo. E, endireitando os ombros, assumiu de vez a postura do cavalheiro carrancudo. Mas seus olhos não pareciam furiosos, apenas brilhavam, com

aquela intensidade líquida que, agora eu sabia, era seu desejo. Não precisava piorar a tensão que crescia a cada minuto e baixei os braços, cruzando-os para esconder o volume realçado sem intenção. Constrangida, lembrei-me do que ele disse certa vez... Minha irritação o provocava. Agora entendia o motivo.

Vincent observou minha reação e com uma longa inspiração, replicou:

– A magia precisa ser... explorada. Conhecer seus detalhes é um desafio muitas vezes arriscado. Outras vezes, *tentador*. Não quero que alimente medo sobre algo que é – Vincent engoliu em seco, e eu também – natural para nós. – Os olhos turquesa cintilaram, faiscando nos meus mais uma vez, e ele completou. – A magia é natural.

Havia duas mensagens em seu discurso. Mas sua preocupação subentendida era dispensável... Todas as células do meu corpo garantiam que eu não estava apreensiva para desfrutar de nossa intimidade; na verdade, estava ansiosa até demais! Apenas achava que não era conveniente incentivar algo que não poderia continuar. Infelizmente. No entanto, para a mensagem oficial, ele tinha razão: eu tinha medo da magia.

Desde o princípio, minhas experiências com o Mundo Mágico foram recheadas de surpresas, receios e traumas. Ver a magia com cautela era uma reação automática e não sabia se algum dia poderia vê-la como natural. *Natural* para mim.

Abaixei os olhos, apertando meu abraço.

– Estar cercada pela magia não quer dizer que eu a aceito... – Assumir isso era embaraçoso. Mas, se ele pretendia ajudar, deveria saber como eu me sentia. – Tudo está acontecendo rápido demais, Vincent, e, às vezes, não sei como agir. Acho... Acho que preciso de mais tempo. Tempo para me acostumar com as coisas que aconteceram. Só isso.

Em um segundo seus braços estavam ao meu redor.

– Serei paciente, eu prometo. – A poderosa voz grave escorregou sedosa por meus ouvidos.

Eu me apoiei nele, rendendo-me ao conforto. E compreendi que minha resposta provavelmente foi aceita para a pergunta oculta também. Com movimentos rápidos girei em seus braços, ansiosa para encontrar o rosto do mago angustiado acima de mim.

– Não estou dizendo que tenha receio... de *outras* coisas – limpei a garganta com um som rouco – Coisas que também são naturais para nós – completei, acanhada.

Vincent piscou os olhos. Um segundo bastou para que o mago compreendesse a urgência da minha resposta. Ele abriu um sorriso amplo e não deixei de notar o suspiro aliviado. Os oceanos turquesa ainda me fitavam com

intensidade, mas desta vez foi diferente. Seu olhar tornou-se vibrante, quente. Com um gesto quase inconsciente, sua mão escorregou pelo veludo do vestido, acompanhando o contorno do meu corpo... E me deixou quando a porta da casa abriu de repente.

– Melissa? – O rosto de George estampava claramente sua confusão, que logo virou fúria ao notar minha companhia. – O que *ele* faz aqui?

Vincent se aprumou e vi o temor tomar os olhos turquesa.

INSPIREI DEVAGAR, lembrando o script em minha mente. Mas ele não parecia bom o bastante para contestar a decepção nos olhos oliva enfurecidos.

Busquei a mão de Vincent, entrelaçando nossos dedos com um sorriso singelo. E resolvi arriscar o simples:

– Oi, *Opa*. Nós... voltamos. Definitivamente.

Esperava deixar claro o outro sentido da frase curta. A estratégia era falar pouco, dando tempo para George avaliar a felicidade em meu rosto. Mas uma dor aguda mudou minha expressão. O mago das sombras esmagou meus dedos, puxando-me para trás dele, deixando claro que não concordava com minha estratégia. Vincent queria dar as explicações completas, e eu nem imaginava como ele faria isso... Principalmente a parte sobre nosso *casamento* e sua *comemoração*, que aconteceria em três dias. *Céus!*

Esfregando minha mão, estreitei os olhos para o mago das sombras, mas ele nem notou meu alerta. Com um gesto decidido, Vincent deu um passo largo à frente.

– Bom dia, senhor George. Sei que meu retorno é inesperado, mas gostaria muito de ter um pouco do seu tempo para explicar minha ausência. E, se puder, finalmente ter aquela nossa conversa.

Engoli em seco, angustiada com a face avermelhada de meu avô que avaliava meu *consorte* de cima a baixo.

– Meu *tempo* expirou há muito tempo... “*senhor Dippel*”. E vamos deixar algo bem claro: pouco importa se o seu retorno é definitivo, porque, para nós, ainda *é* indesejado – rosnou, nada gentil. Além de deixar sua intolerância muito evidente, George frisou o sobrenome de Vincent de forma desagradável. Isso não pareceu um bom começo. Quando imaginei que não poderia piorar, meu avô indicou o interior da casa. – Melissa. Entre. AGORA.

Vincent trincou o queixo, a postura tensa, e segurou meu braço para que eu permanecesse onde estava. Os olhos de George acompanharam o gesto e chegaram ao mesmo tom do rosto: vermelho colérico. Percebi que a situação acabara de se tornar uma disputa, o que deixava tudo ainda pior do que imaginava. O problema era que eu amava os dois, não queria magoar nenhum

deles, e qualquer decisão minha seria vista como uma traição pela outra parte. Eu me sentia como uma menina de sete anos no meio de um cabo de guerra... Mas precisava resolver a situação como uma mulher!

Depois de um afago no braço do meu consorte, eu o contornei, parando à frente do meu avô.

– *Opa*, por favor, ouça. Sei que está desapontado conosco... *comigo*. – Sustentei seu olhar duro e abaixei a voz. – Peço desculpas por isso. Por sair daquele jeito, às pressas... Sem dar explicações. Acredite, há muito para ser explicado. Coisas que você precisa compreender, que estão acontecendo ao nosso redor... Na montanha. Em nossa casa. Comigo e com...

A expressão horrorizada de George me calou. Meu avô desceu os olhos arregalados por meu vestido, como se o tivesse notado naquele instante. Apesar de o modelo longo de veludo preto ser belamente conservador, George me olhava escandalizado, como se eu estivesse nua.

– Por que está vestida assim, Melissa?

Avaliei meu figurino, confirmando a elegância distinta do vestido de Christine. Tudo bem, o delicado bordado violeta no decote ressaltava meus dotes, mas nada tão alarmante para merecer o julgamento dos olhos oliva. Eu me encolhi, constrangida, e Vincent veio em meu socorro.

– Foi um presente *meu*, senhor George. Era o traje favorito de minha mãe. E agora, pertence à Melissa. – O tom grave tentava esconder o incômodo, mas eu sabia que, para ele, a reprovação de George soou como uma ofensa pessoal.

Meu avô levantou o rosto, agitado de repente, vasculhando os arredores como se estivéssemos à mercê de algum ataque. Por reflexo segui seu olhar, apenas para admirar a rua vazia, iluminada pelos singelos raios amarelos da alvorada.

– Eu sabia que não podia confiar em você... Devia ter imaginado que aquela reserva toda era algo assim! – O pânico na voz de George me deixou intrigada, e ainda mais curiosa foi sua expressão condescendente com minha incompreensão. Com uma atitude ainda mais inesperada, meu avô agarrou meu braço com força, puxando-me para dentro da casa. – Vamos, Melissa... tire isso imediatamente, antes que alguém veja você vestida assim.

Dentro do hall libertei meu braço de sua mão; não deixaria Vincent para trás. Mas o mago já estava atrás de mim, fechando a porta. Voltei minha atenção para meu avô, espantada com sua reação, e ele fuzilava o homem que vestia preto, parado do lado de dentro da porta.

– O que você quer? Por que está aqui? Por que deu isso a ela? Você não devia ter dado isso a ela! – George censurou, balançando as mãos para o veludo preto.

– Qual é o problema do vestido, *Opa*?

– Não é o vestido... – George hesitou e, ainda com os olhos fixos em Vincent, continuou. – É o que ele representa. E *ele* sabe disso! – finalizou em um silvo, levantando o queixo para o mago que agora parecia paralisado no hall. Tomando meu braço novamente, a versão raivosa de George continuou a me arrastar, colocando-me a uma boa distância de Vincent. – Não sei o que *ele* contou a você, Melissa, e não tenho ideia do quanto está envolvida... Mas apelo ao seu bom senso. Isso precisa acabar aqui! Ele não é o que você pensa, ele nos enganou. Enganou você... E isso já foi longe demais!

Carregada pelas mãos decididas e atordoada pela inesperada cólera que transbordava dos olhos oliva, não consegui argumentar.

Voltei o rosto sobre o ombro e encontrei outro olhar, tão aturdido quanto o meu. Um, dois segundos, marcados sonoramente pelos ponteiros do relógio cuco acima de nós, e algo no reflexo dos oceanos turquesa brilhou em compreensão. Vincent focalizou meu rosto, seus lábios se moveram, foram duas palavras, mas eu... eu não compreendi. Só sabia que aquilo era impossível. Ainda assim, afligia o mago das sombras, que se tornou um misto de indecisão e choque. Presa na conexão dos poderosos oceanos turbulentos, assisti sua revolta crescendo, transformando o temperamento mal humorado em algo sombrio que ele tentava conter a todo custo, mas que, inevitavelmente, consolidou-se no olhar aniquilador. Aquele que arrepiava os pelos do meu braço.

– Acho que há muitos enganos aqui, *senhor George*. E o pouco que contei à sua neta não é “nada” comparado ao que ela descobriu sozinha.

As palavras de Vincent ecoaram pelo hall, fazendo George parar. Fiquei surpresa com seu desprezo, que substituíra o habitual tom respeitoso, mas logo percebi que havia algo mais.

– Então, o estrago está feito. – Meu avô encontrou meu rosto, direcionando à ele sua assombrosa decepção. A voz rouca oscilando entre razão e descontrole. Virando-se lentamente, George encarou o homem que ocupava quase todo o hall. – Mas não vou permitir que continue... Quero que saia desta casa senhor Dippel. *Agora!*

– Se eu sair, Melissa sairá comigo – rebateu a poderosa voz grave, tão decidida quanto a de George.

– Você não vai levá-la – as mãos de meu avô cortaram o ar. – Nunca!

– Estamos comprometidos, senhor George – Vincent anunciou com um rugido. O maxilar tensionado, completando a postura impassível. – Melissa me aceitou em um Pacto de Futuro. Estamos *casados*.

O pânico me dominou... *este* era o confronto que eu mais temia. Olhando de Vincent para George, eu soube, não poderia escolher um lado. Não haveria

vencedores. Apenas dor. Para aumentar minha agonia, George apontou meu anel... e a raiva em seus olhos parou o ar em meus pulmões.

– Você fala disso? – meu avô balançou a cabeça – Por acaso você se importou com isso antes? Ora Vincent... Sabemos que logo se cansará de brincar com esse mundo. É apenas uma questão de tempo para abandoná-la... de novo! E ainda acha que não tenho motivos para encerrar esse absurdo agora mesmo?

– Jamais desejei ter me ausentado, senhor George. Não foi intencional.

Eu me movi, tocando o ombro de meu avô, não poderia permitir que aquilo continuasse.

– Opa... Sei que isso tudo o pegou de surpresa, mas é verdade, estamos *realmente* comprometidos. – Com esforço, alinhei as palavras: – Esta decisão foi minha também. Sobre o que eu quero para meu futuro. Por favor, aceite isso.

Os olhos oliva perderam o foco e George ficou pálido. Depois de alguns segundos, piscou aflito, olhando-me como se eu fosse um fantasma. Eu sabia que esse, definitivamente, não era o melhor momento para fazer o comunicado, mas entendi que a opinião de George sobre Vincent nunca facilitaria as coisas. Não haveria momento perfeito. Confirmando minha teoria, George deu um passo bambo para o lado, fugindo de mim. Só então notei sua respiração oscilar.

– Você foi iludida, Melissa. – Ele indicou meu anel mais uma vez. – Não vê? Ele não honrou esse compromisso antes, nunca pretendeu fazê-lo... Por que faria agora? Ele a abandonou! Como seu pai fez com sua mãe! Pode ter voltado hoje, mas isso não vai durar. Ele está enganando você, *filha*, é isso que gente como *ele* faz... A mentira e a ilusão são armas. Você não precisa aceitar isso!

Suas palavras ainda ecoavam em meus ouvidos quando me empertiguei, pronta para questionar suas insinuações. Mas Vincent foi mais rápido:

– Sua neta não foi enganada, ela é minha consorte pelos termos do *meu* mundo. Isso é oficial. Definitivo. E tudo que quero é honrar o Pacto que nos uniu. O senhor tem minha palavra.

Meu avô virou bruscamente, ficando de frente para o mago de olhar violeta.

– Não há honra ou lealdade no Mundo Mágico. Apenas traição e maldade. Sempre foi assim... Por isso os Wels abandonaram a magia. E isso nunca vai mudar!

George retomou o fôlego enquanto eu perdia o meu.

Esperei por um interminável segundo, ansiosa pelo instante em que o contexto daquela discussão fizesse sentido. Mas isso não aconteceu. Uma névoa tomou conta do meu cérebro enquanto o eco daquelas palavras girava em meus ouvidos... e então, meu mundo parou. Uma batida de coração. Uma última inspiração. Quando o ar deixou meus pulmões levado pela última respiração inocente, o silêncio trouxe a revelação. Na respiração seguinte, estava tudo

diferente. Eu enxergava novamente, mas nada era igual. Nada jamais seria igual.

Toda minha vida estava sendo avaliada de um novo ângulo quando meu olhar atordoado encontrou o de Vincent. Mas ele não pareceu surpreso, apenas preocupado. Suas palavras, antes sussurradas, voltaram aos seus lábios de forma clara, diluindo qualquer dúvida: *Ele sabe... George sabe. George sabe sobre a magia!*

Percebendo meu desespero, Vincent tentou se aproximar. Mas foi bloqueado por um senhor de idade avançada, nada intimidado.

– Essa união não tem validade neste mundo. Aqui suas regras não passam de palavras vazias. E tudo isso deixa de ser *real*!

– A palavra dela é real. Melissa me escolheu por sua vontade, concordou em dividir seu futuro comigo. E em três dias vou providenciar para que sua decisão seja oficial neste mundo também.

– Pouco importa o que Melissa disse ou fez... – George falava por mim, *protetoramente*, mas não parecia notar que uma parte de mim estava morrendo naquele instante. E a dor era  *muito real*. – Se protelei isso, foi por desejar mais do que tudo ver um sorriso no rosto de minha neta... Não estava feliz por vê-la com você. Mas estava feliz por vê-la feliz. E Deus sabe o quanto ela merecia isso! – Absorto em sua ira, meu avô levantou o indicador, apontando para o nariz do mago das sombras. – Por *ela*, acreditei que esse milagre era possível, acreditei que você era mesmo um parente distante *deles*... Um renegado da magia. Como *nós*! Mas milagres não existem, não é, *senhor Dippel*? – George deu um passo para trás, ignorando o casulo sem vida que abrigava meu coração destroçado. – Tudo ficou claro em sua ausência... E, mesmo sabendo que as coisas ficariam difíceis, estava aliviado com sua partida. Minhas meninas estavam tristes, mas seguras. A montanha voltou a ficar distante e tudo estava onde deveria estar. Protegido pelo *silêncio*.

Meu avô alinhou os ombros.

– Mas a magia sempre volta para nos assombrar... Para levar nossa paz! – a voz irritada voltou ao tom de repulsa – Não importa “quem” ou “o que” você é... Renegado ou mago da tradição, você NÃO VAI levar minha neta! Posso não ter tido a oportunidade de defender a mãe dela, de impedir que minha filha se envolvesse com esse mundo traiçoeiro, mas não vou repetir meu erro!

Vincent permaneceu imóvel. Talvez também não estivesse respirando. Mas, surpreendendo-me com seu autocontrole, o mago falou, a voz grave muito firme:

– Meu mundo também é o dela, senhor George.

– Não. *Seu mundo* não nos pertence há muito tempo! Esta família fez sua escolha. Uma escolha que nos protegeu por gerações. E *você* não vai mudar isso! Pode ter seduzido Melissa, contando maravilhas sobre a magia, mas de forma



alguma a magia voltará a esta casa! – George indicou a porta. – Saia, AGORA!

De repente, o chão pareceu areia movediça. Ou eram meus joelhos que não aguentavam o peso da minha perturbação. Caí sentada nos degraus da escada enquanto meu cérebro absorvia o fato irrefutável: *George sabia. George sabia sobre a magia...* E, talvez, soubesse mais do que *eu*.

Afinal meu colapso foi notado. Dois braços fraternais me ampararam, mas estava magoada demais para receber seu consolo. Levantei-me desajeitada, desviando de George enquanto um zunido crescia em meus ouvidos: o som atordoante da verdade. Cambaleante, busquei por outros braços, que prontamente me acomodaram em um peito forte. Reconheci seu calor e, mesmo com a percepção abalada, soube que estava no lugar certo.

– Afaste-se dela! – George rosnou, revoltado.

– Eu amo sua neta, senhor George. E isso nada tem a ver com a magia. – Mãos tensas me ampararam com cuidado, mantendo-me de pé. – Nosso compromisso foi selado longe das convenções deste mundo, mas, como nele, é o comprometimento com o futuro, a integridade do amor que compartilhamos que mantêm a validade do juramento. – Os braços de Vincent se estreitaram ao meu redor. – Este casamento é tão definitivo quanto qualquer outro. Quer queira ou não, Melissa *é* minha consorte. Se preferir, minha *esposa*. Seu título foi sancionado no Mundo Mágico e o anúncio de nossa união ao Mundo Físico era o assunto que eu queria discutir com o senhor naquele dia infeliz em que fui sequestrado... – com uma pausa o mago das sombras endireitou os ombros. – Na verdade, comunicar. Nossa decisão já foi tomada. A comemoração de nossa união vai acontecer em três dias, a contar de hoje, em uma Recepção de Anúncio.

Procurei o rosto do meu mago, sabendo que deveria dividir sua revolta, mas o que restava do meu coração lutava pela esperança. Por uma migalha de compreensão da minha única família. E uma lufada colérica indicou que ela estava perdida.

Não podia imaginar como a notícia afetaria meu avô, mas, pela expressão que fez George trincar os dentes, poderia apostar nas piores consequências.

– Se pensa que vou aceitar isso...

Do topo dos 1,93 de altura – que lhe conferia a indiscutível postura intimidadora – a voz grave do mago das sombras se espalhou pelo hall, ecoando nas paredes... Estremecendo meus ossos. Interrompendo meu avô no meio de sua frase.

– Também estou tentando aceitar alguns fatos aqui, senhor George! Como simpatizante da omissão, entendo seus benefícios, mas, seja lá o que aconteceu com sua família, isso está além do que acredito.

Virando-me com ele, Vincent deu um passo na direção da porta.

Apesar do movimento do meu corpo, meus olhos ainda estavam grudados em meu avô, que, naquele momento, ignorava seus cabelos grisalhos.

– NÃO. Você não vai levá-la! – gritou enquanto avançava atrás do mago e, decidido, segurou meu braço, puxando-me para ele.

Os olhos violeta hesitaram apenas por uma batida de coração. Com movimentos rápidos, Vincent afastou a mão que me segurava colocando-me atrás dele. Desta vez a voz do mago das sombras soou baixa, perigosamente articulada.

– Prometi à Melissa que nunca usaria minha magia no senhor ou em qualquer outro membro de sua família. *Por favor*, não me faça quebrar minha promessa.

Vi George parar, cauteloso, no rosto a determinação furiosa lutando com o receio do desconhecido.

A situação havia saído de controle e, antes que piorasse, eu precisava intervir... Só precisava sentir o sangue correr por minhas veias antes. Desvencilhando-me da proteção do mago alterado, virei-me para o rosto irreconhecível de meu avô, forçando as palavras pela garganta:

– *Opa...* p-pare – gaguejei. – Por favor. – Prendendo o olhar de meu avô, inspirei longamente, mais amargurada que temerosa. Com o tom mais decidido que consegui, esclareci: – Eu não vou ficar longe de Vincent. Porque eu o escolhi. Assim como ele me escolheu. Estamos unidos por compromisso e por amor, e vamos honrar nossa escolha. *Minha escolha*. Por favor, respeite minha decisão. – As palavras borbulhavam em meu peito, estava aliviada por dizê-las em voz alta. Um segundo sustentando aquele rosto desapontado e a dor da minha mágoa voltou a crescer. Era hora de outra verdade. Abaixei meu olhar, a dor me impedindo de encará-lo. – Sobre as coisas que disse antes, imagino que fez o que achava certo... Sei disso porque fiz o mesmo. Por muitas vezes, escolhi o silêncio para proteger quem eu amava. Mas... *Opa*, você está enganado sobre muitas coisas. – Levantei o rosto, lutando com minha respiração falha. – Principalmente sobre minha mãe. Sua filha desejava conhecer a magia. Ela a *despertou*. Eu não entendia isso antes... Mas, agora que vivi o que ela viveu, tudo ficou claro. A magia sempre esteve lá, esperando por nós. Porque, de alguma forma, mesmo que *você* não queira, ela faz parte desta família.

Um som agudo ecoou pelo espaço limitado quando o porta-chaves de louça se espatifou no assoalho. Pisquei repetidas vezes, e demorei mais um segundo para notar George apoiado na mesinha aparadora do hall. Com dificuldade, ele deu um passo para trás até se encostar à parede, e não parava de balançar a cabeça. Meu avô parecia não acreditar no que ouvia... Ou desejava não acreditar.

– Não. Você não sabe o que está falando. Angelina não faria isso. A culpa é *dele*! – George levantou o rosto aterrorizado para Vincent, a respiração oscilando. – Ele a envolveu... ele a levou para esse caminho... E você está sendo enganada como sua mãe!

Foi minha vez de balançar a cabeça tristemente, imaginando o quanto meu avô estaria abalado com meu casamento para culpar Vincent por algo que aconteceu tanto tempo antes. Então, a dor nos olhos oliva me fez entender. George não falava de Vincent. Seu conhecimento sobre a magia era apenas o começo.

Se eu pudesse me desfazer mil vezes, ficaria aliviada por não sobrar sequer uma mísera poeira para comprovar minha existência.

– *Opa...* Você... Você sabe sobre meu... – Não consegui completar a pergunta e, de qualquer forma, George não pareceu ouvi-la.

– Angelina também negou a magia. Sua mãe acreditava nos motivos que levaram os Wels a abdicar desse dom traiçoeiro. Ela ignorou essa herança, como todos nós... E sabia do esforço que fazíamos para ficar longe de tudo isso. Se chegou a se aproximar desse *outro* mundo, foi por culpa *dele*!

Eu encarava aquele rosto descontrolado, e não contive o rancor no meu. Engasguei com minha revolta enquanto absorvia seu discurso e, ignorando a fragilidade que tomava o corpo à minha frente, levantei a voz:

– ... *Meu pai!*? Você sabe sobre *meu pai*?

George levou as mãos ao rosto, esfregando-o nervosamente como se quisesse acordar de um pesadelo. Mais uma vez, ignorou minhas perguntas.

– Ela é cruel, Melissa... A magia é cruel. Você sabe disso... – George jogou as mãos nos cabelos, quase exasperado. Fixei meus olhos no rosto confuso. *Eu sabia? Sabia de quê?* Antes que meu choque permitisse formular novas perguntas, a voz trêmula continuou... – precisamos nos proteger *filha*. Ignorar os sinais. Deixar que a herança fique fraca até se tornar inofensiva, e então ela vai passar despercebida... Sua mãe também sabia disso. Sei que Angelina sentiu a curiosidade inicial, mas isso passa. Sempre passa. E também sei que ela ignorou essa herança porque honrou nosso silêncio até sua morte. – Meu avô falava rápido quando se aproximou para segurar minhas mãos e, esquadrinhando meu rosto, forçou um olhar esperançoso. Ignorando com veemência a indignação no meu. – Você também tomou sua decisão, Melissa, e não precisamos voltar a isso... – Presa nos exigentes olhos oliva, mergulhei mais fundo no torpor. – Mas deve se lembrar de como os efeitos deste gene incomodam. Isso sempre a deixou constrangida na frente dos seus amigos. Se voltar a ignorá-los, eles voltarão a diminuir até desaparecer. Lembre-se, Mel, só podemos ver e sentir o que queremos. Essa herança é anulada com nossa decisão. E sempre me senti

orgulhoso da sua.

Eu não conseguia respirar.

– Sei que, para você, é ainda mais difícil negar os sinais, por causa do seu pai... Ver os vestígios da magia pela casa quando você retornou me deixou apreensivo. Mas fiquei muito satisfeito quando você honrou o silêncio que nos protege. Quero apenas que continue, Mel... E você sabe como isso é importante para nós!

Sufocada, eu me afastei com um pulo, esbarrando na parede de músculos rígidos logo atrás de mim.

Algo queimava meu peito, algo ainda mais forte do que meu poder, e demorei alguns segundos para identificar a dor da desilusão. Era *ele*. O tempo todo foi *George*. A linhagem de nossa herança mágica vinha dos Wels.

Silêncio.

No mundo, em minha mente, em meu coração.

Outra parte de mim morria naquele segundo, junto com minha inocência, e esse era o preço do entendimento. E eu entendia... *Desconfiança*. *Omissão*. *Medo*. *Silêncio*. Esse gene tão temido por meu avô carregava mais do que magia, seu legado parecia ser a competência da família Wels para esconder seus segredos.

Avaliando minha perplexidade, George estendeu a mão novamente, como um chamado, oferecendo-me a garantia de sua escolha segura.

– Está tudo bem, Mel – meu avô levantou o queixo para o mago estático atrás de mim. – Enquanto ficar afastada da magia, ela não lhe fará mal. Você ficará segura. Todos nós ficaremos.

Olhei para suas mãos, e recuei, mesmo sem sentir minhas pernas. Vincent murmurou algo, mas eu não estava ouvindo. Nenhum som parecia fazer sentido.

Não era apenas o segredo sobre nossa herança... George sabia sobre meu pai. Um *pai* do Mundo Mágico! A confirmação de sua identidade deveria ter doído ainda mais, mas percebi que a mágoa havia anestesiado todo o resto. Com decepção. Rancor. Revolta. E me perguntei como as gerações anteriores puderam suportar isso. Lembrei-me então que o silêncio não era apenas dele. Apesar de ter suas dúvidas, minha mãe viveu sob esse segredo também. E, por mais que tentasse entender sua mágoa por meu pai, não era justo que ela escondesse a magia de mim. Como Angelina poderia acreditar que o silêncio era o melhor caminho depois de viver algo semelhante ao que eu vivi? Neste instante outro tormento pulsou no fundo da minha mente... Por que eu não me lembrava do surgimento da *minha* magia? Seria possível que eu tivesse concordado com esse silêncio estúpido?

Balancei a cabeça, procurando o mago das sombras em busca de ajuda,

eram muitas perguntas e iria explodir se não encontrasse ao menos uma resposta. E, pelos olhos violeta, ela veio clara: o ataque de Ludwig no bosque. Sua absorção levou meu poder em desenvolvimento, e o *Elixir do Vento* de Alex apagou o trauma. Junto com ele, todas as lembranças que envolviam magia.

Voltei meus olhos tristes para George e percebi que agora havia um abismo entre nós: o conhecimento. Um poder tão absoluto quanto a magia. Com tristeza, soube que meu avô estava longe de entender minha escolha... Porque nunca precisou fazê-la. E insistia em ignorar que eu estava comprometida com ela, com minha nova vida. Observei sua mão suspensa. A omissão acabava aqui. Jamais negaria a magia às futuras gerações dos Wels, porque ela estava em meu sangue, era parte de mim. Pertencia ao meu coração.

Todas as células do meu corpo pareciam inflar com uma coragem ancestral e essa energia gloriosa, engrandecida pelas emoções confusas, implorava para ser libertada. Involuntariamente, comecei a tensionar os braços, sentindo o calor crescer por meu corpo... Até que uma mão forte apertou meu ombro ao perceber a mudança. Acatando o alerta do mago das sombras, cerrei os punhos, contendo a onda de poder que queria escapar pelos poros. Aquilo ardeu como fogo queimando a carne, mas ele tinha razão, eu não poderia manifestar minha magia agora. Simplesmente porque *George* não suportaria essa reação.

Meu avô estava em seu limite. Mas eu também estava.

Segurando o ar nos pulmões, envelopei minhas emoções junto com meu poder, formando um escudo. Minha respiração acelerou; era como engolir uma fogueira, e esse calor chegou aos meus olhos. Com esforço, levantei o queixo para encarar aquele rosto tão familiar... Inseguro e, ainda assim, impenetrável. Tentei encontrar naqueles traços a memória de um avô honrado, que me criou como um pai. Do meu *Opa*. Que me amava. Que só queria nos proteger. Como George, eu também arrastei segredos para honrar minhas crenças. Mas era hora de começar meu futuro. Com *minhas* escolhas. Com a verdade.

Decidida, recuei até ficar ao lado de Vincent.

– Não posso ignorar o que sou, *Opa*, porque faço parte dessa herança.

A perturbação viajou do meu rosto até os olhos oliva, mas não demorou para meu avô encontrar o caminho de sua ira, mais uma vez.

– Essa herança só trouxe desgraças para nossa família, Melissa, e não vou deixar que aconteça novamente. Você me ouviu, Melissa? NÃO vou permitir a magia nesta casa!

Era minha vez de rejeitar o que ouvia.

Sacudi a cabeça, meus olhos fixos no rosto pálido, e entendi que era inútil argumentar. Suas palavras nos colocavam além do limite, além do precipício... Dali, não havia volta. Era acreditar ou negar. E não podia deixar que George

desse seu último passo, porque tinha medo de que fosse definitivo. Por pior que fosse o momento, precisava assumir que esse, um dia, também foi meu dilema. A incompreensão nos distanciava a cada frase raivosa, colocando-nos em realidades diferentes. Em mundos diferentes... Aí estava meu primeiro aprendizado sobre a magia: ela *nunca* seria aceita com facilidade.

Com o coração estilhaçado, reconheci um movimento no corredor, uma presença tentando permanecer oculta. Cabelos avermelhados escondiam um rosto assustado, que buscou o meu com ansiedade... Os olhos esmeralda brilhavam, com preocupação, medo... Culpa. Aumentando exponencialmente a dor em meu peito. Nessa troca de olhares, a compreensão explodiu em lágrimas. Estendi os braços e Alice correu ao meu encontro, chocando-se contra minha cintura para um abraço esmagador, sedento da compreensão que tanto desejávamos. Afaguei suas costas com um carinho lento, tentando imaginar a quanto tempo ela estava ali... E pela aflição daquele aperto, soube que há tempo suficiente.

Com apenas seis anos, minha irmã chegou a uma triste conclusão: pertencíamos a um mundo que George rejeitava. Isso nos tornava indesejadas em nossa própria casa.

Quando Alice levantou o rosto, compartilhamos uma decisão. Esperei minha irmã se espremer entre as pernas de Vincent e com tristeza, falei calmamente.

– Não importa o que os *outros* antes de nós fizeram, *Opa*. A magia está nesta casa. Nesta família. E, se quiser expulsá-la, terá que expulsar a todos nós.

Eu sabia que minhas palavras eram um golpe terrível para ele, mas era um alívio saber nossa origem. Como esperado, a reação de George não foi das melhores... Seus braços caíram ao lado do corpo enquanto seu olhar focava minha irmã, no rosto lívido cresceu a expressão aterrorizada. Não me lembrava de já tê-lo visto assim. Tive um breve impulso de ampará-lo, mas qualquer gesto solidário se diluiu no olhar mortificado que ele nos dirigiu. Nele estava a resposta que eu mais temia... rejeição.

– O que você fez com minhas meninas?

Reconheci o timbre do meu protetor naquela voz. Ainda assim, não éramos mais *suas* meninas.

Enquanto puxava minha irmã para meus braços, pensei no que estávamos prestes a fazer... Senti mãos pequeninas me apertarem pelo pescoço e afaguei as costas de Alice, dando-lhe mais confiança do que eu mesma tinha. Não demorou para que o mago das sombras apoiasse meus ombros, trazendo a mim e a minha irmã para junto dele.

– Eu as ajudei a entender o mundo ao qual pertencem. Não podemos mudar

o que somos, senhor George. – A voz grave foi solene, completando a postura altiva. – Melissa é tudo que tenho; é minha família. E Alice também faz parte dela. Meu único desejo é protegê-las. E tenha certeza de que vou fazer tudo que estiver ao meu alcance para que continue assim.

Ao comando das mãos do mago em meus ombros, espiei o corpo pálido de meu avô junto à parede... Em seguida, abaixei o rosto, caminhando para a porta. Alice compreendeu meu desolamento e agarrou-se ainda mais a mim. Talvez soubesse que “eu” era tudo o que ela tinha agora, e somente por isso estava me esforçando para não voltar a chorar.

Já estava na varanda quando uma voz se arrastou de dentro da casa, entoando algo parecido com preocupação:

– Para onde vocês vão?

Estaquei no último degrau, soltando o ar que queimava meu peito.

– Para um lugar onde a magia é bem-vinda.

Apertei Alice em meus braços e voltei a caminhar, escoltada pelo meu consorte.

## Primeiro Dia

### Linhagem

CADA PASSO A MAIS aumentava o sentimento de traição que açoitava meu coração... O ar queimava. Eu tinha um milhão de acusações para proferir agora, indagações, desabafos, mas não podia. Não com Alice agarrada ao meu pescoço.

Caminhamos em silêncio, contornando a casa amarela, e seguimos para o bosque iluminado pelos primeiros raios da manhã. Nosso destino era um lugar onde não havia mais segredos: a casa dos Von Berg.

De repente, o peso de Alice pareceu triplicar em meus braços... Poderia ser apenas o cansaço que aumentava, mas eu sabia que era algo que eu evitei por muito tempo: a mudança. Não era apenas George e a casa amarela que eu deixaria para trás. Com uma espiada sobre os ombros, me despedi da *antiga* nova vida que me esforcei tanto para construir. Mais uma vez, eu iria recomeçar. Voltando o rosto para frente, perdi os olhos nas árvores do bosque e respirei fundo, reunindo minha determinação para encarar mais uma vez meu futuro incerto.

Vincent cruzou meu olhar com um gesto solícito, mas apertei minha irmã com mais força, encostando meu rosto nos cabelos avermelhados. Uma mão hesitante rondou meu braço, mas logo se acomodou em minha cintura. O mago das sombras era o único que entendia o conflito de sentimentos que sustentava meu esforço: ansiedade, tristeza, revolta, desejo protetor... Eu poderia estirar um músculo, mas não largaria Alice. Faria qualquer coisa por ela. Queria dizer à minha irmã que ela jamais se decepcionaria de novo, que nunca se magoaria de novo. Que não seria rejeitada de novo. Mas fiquei calada. Porque isso provavelmente iria acontecer. Muitas vezes. Neste mundo ou no outro, o mágico. Talvez nos dois. Mesmo sabendo que não poderia deixá-la em meus braços para sempre, eu a apertei novamente... A dor da minha impotência era maior do que qualquer cansaço.

Vincent me seguia de perto, guiando-nos até o tronco retorcido em forma de arco. O portal do bosque. Um dos acessos até o Mundo Mágico. Mais precisamente, a passagem que levava até as Colinas da Terra da Luz. Mordi o lábio inferior... Nunca havia atravessado esse portal, mas sabia que, do outro lado, encontraríamos passagens que nos levariam até um dos jardins do palacete.

Embora soubesse que esse tipo de travessia era tranquila, o que



encontraríamos do outro lado ainda era uma preocupação. Minha recente experiência no Mundo Mágico deixou claro que não podia confundir calma com segurança. Não importava o lugar... Luz ou Sombra, cada porção do Mundo Mágico possuía seus próprios desafios.

Sentindo a tensão dominar meu corpo, Alice se endireitou e sua sagacidade logo compreendeu minha insegurança. Colocando uma das mãos em meu rosto, ela falou confiante:

– Está tudo bem, Tata, pode me descer... Eu levo você agora.

Meu coração se partiu pela milésima vez. E mais uma ao notar uma lágrima esquecida abaixo das esmeraldas cintilantes.

– Acho que sou pesada para você – sorri com dificuldade.

Alice espremeu os olhos com uma careta.

– Vou levar você pela mão – disse com censura. – Sei que você não gosta dos portais.

Com um suspiro, concordei. Por que negar uma realidade àqueles olhos que me conheciam tão bem? Sequei seu rosto e a coloquei no chão. Com um longo olhar contemplativo, Alice estendeu a mão para mim; depois, ergueu o rosto para pedir a de Vincent também. O mago a segurou com cuidado, como se minha irmã fosse uma peça rara de cristal.

– Sei que o vovô ficou zangado por você ter voltado, Vincent, mas eu fiquei muito feliz. – Alice falou com um sorriso sincero, esforçando-se para manter o pescoço erguido.

A cena era a exemplificação dos opostos e, ainda assim, me fez suspirar. Meus dois amores, se apoiando. Unidos. Por uma única razão, magia.

– Obrigado, Alice. É bom estar de volta.

Alice assentiu e seu sorriso morreu rapidamente. Minha irmã abaixou o rosto, fitando seus pés descalços entre as folhas secas do chão. Ajoelhei-me ao seu lado, levantando seu queixo com a mão livre. Não suportaria vê-la derramar mais uma lágrima sequer.

– Não fique triste, Alice... Vamos deixar o vovô se acalmar e depois tentamos falar com ele mais uma vez. Tudo vai se ajeitar. – Sustentando os olhos esmeralda, falei com firmeza. – Eu prometo.

Alice suspirou.

– Eu sei, Tata. A Aristela disse que contar para ele ia ser difícil. – Minha irmã levantou os ombros. – Só estou triste porque ele não gosta da magia. E isso eu não entendi. Se ele sabia que havia magia na nossa família... e se até a mamãe era maga... Por que ele ficou zangado daquele jeito? – Minha irmã espremeu os olhos. – Ele sabia de nós, não é?

Foi minha vez de suspirar.

– Sim, Alice. Ele sabia. Mas para o vovô a magia é diferente. Ele ficou muito tempo longe dela, não sabe o que sabemos. Por isso tem medo. Mas vou explicar tudo a ele, não se preocupe. Eu ainda não sei como, mas vou resolver isso. Está bem?

Alice concordou em silêncio. Quase suspirei de novo, agradecida por seu amadurecimento precoce. Com mais um levantar de cabeça, ela espiou Vincent, depois voltou os olhos para mim... Neles, havia uma nova tristeza.

– O que foi, Alice?

– É que... – Ela chutou as folhas secas. – Você e o Vincent se casaram... e eu não fui no seu casamento.

Eu quase sorri para seu bico magoado, quase. Com um afago, trouxe sua atenção de volta para mim.

– O casamento no Mundo Mágico é reservado, Alice, por isso eles têm a Recepção de Anúncio. – Alice pareceu confusa e resolvi simplificar. – Em alguns dias, nós vamos comemorar nosso casamento.

– Com uma festa? Uma festa de verdade? Com bolo, vestidos... e baile? – Assenti para sua animação, aliviada quando as esmeraldas cintilaram, caleidoscópicas. – Oba!

Levantei o rosto até o mago das sombras que espremia um sorriso bobo e dividi com ele meu alívio. Mas eu queria mais. Mordendo os lábios, busquei sua aprovação... Afinal, eu não sabia ao certo quais eram os protocolos do evento e seria prudente consultá-lo antes de continuar. E foi a vez de Vincent concordar. Na verdade, seu sorriso estava tão confiante que entendi aquilo como uma espécie de incentivo.

– Alice... Você gostaria de ser nossa madrinha?

Um sorriso grandioso iluminou seu rosto de orelha a orelha.

– Jura, Tata? Eu posso? – Alice saltou em meu pescoço. – Vou ser sua madrinha! Como nos contos de fadas! – exclamou, eufórica, e afastando-se com os olhos brilhantes, compartilhou sua própria ideia. – O Heros pode levar você! A Aristela pode transformá-lo em um cavalo para puxar sua carruagem, como na história da Cinderela!

Sim, um casamento no Mundo Mágico não teria limites para uma criança imaginativa. Pisquei algumas vezes, sem fala, tendo a certeza de que a inocência de sua infância permanecia intacta. Admirando o pequeno rosto resoluto, percebi que aquela era apenas uma opção da *sua* realidade. Ainda iria demorar muito para que *eu* me acostumassem com isso.

Alice ainda esperava minha resposta e, depois de uma gargalhada divertida, Vincent se curvou para a menina de pijama fluorescente.

– Adoraria ver Heros virar cavalo, Alice, mas acho que não vai dar.

Teremos convidados da cidade no anúncio do casamento. Por isso, a comemoração precisa ser aqui, deste lado. E você lembra qual foi a primeira regra que ensinei sobre a magia no Mundo Físico?

Alice assentiu, decepcionada.

– Não podemos nos expor – respondeu de pronto, deixando o mago visivelmente orgulhoso. Com um olhar tristonho, a menina maga se voltou para mim. – Ah... Então não vamos poder usar magia?

– Infelizmente não, Alice.

Um suspiro foi compartilhado, inconformado de sua parte, mas definitivamente aliviado da minha.

– E onde vai ser sua festa, Tata?

Franzi os olhos para o mago de olhos turquesa, compartilhando a dúvida de minha irmã. Onde, em Campo Alto, poderíamos reunir convidados da cidade e da montanha de forma diplomática, sem expor identidades mágicas, mas com a segurança necessária para proteger *todos* da impulsividade do visitante ilustre da Dimensão das Sombras? Mordi o lábio, conectada com os olhos penetrantes, e finalmente compartilhei seu *insight*.

– Na Casa Botânica – informei, convicta.

A Casa Botânica era um pedacinho da montanha dentro da cidade, o único lugar onde a segurança mágica poderia se impor sem levantar suspeitas. Ao mesmo tempo, como Vincent lembrou, havia regras sobre o uso da magia fora da montanha. Isso evitava qualquer exposição aos convidados não tão *especiais*. Perfeito!

– Com todas aquelas flores... Ah, vai ser lindo, Tata! – Alice saltitou entre os troncos das árvores. – Vamos... Vamos... Não vejo a hora de encontrar os outros... a Aristela e a Viviana, vão adorar a novidade!

Enquanto Alice dava um passo na direção do portal, Vincent alcançou minha mão. Com um beijo em minha testa, convidou-me a segui-la. E então notamos a menina maga, nos espiando com as bochechas rosadas... Eu conhecia aquela expressão que saltava corações pelos olhos: era a mesma que ela fazia quando os príncipes beijavam as princesas nos contos de fadas.

– Sei que o vovô não entende muita coisa... – Alice suspirou – A magia... O porquê gostamos dela... fico triste com isso. E sei que também estão tristes porque ele não entende como vocês ficam perfeitos juntos. – Minha irmã inclinou a cabeça, apertando as mãos embaixo do queixo. Impossível não rir. – Mas sei que isso vai mudar... O vovô é teimoso, Mel, como você. Mas não consegue ficar irritado por muito tempo. – A maga perspicaz afirmou com convicção. – Quando a raiva dele passar, tenho certeza que o ele vai querer ir na sua festa de casamento. E vamos nos divertir muito... Todos juntos!

Eu sorri, engolindo o choro emocionado.

– Espero que sim, Alice.

Puxei minha irmã para um abraço agradecido que logo se tornou um abraço comemorativo. Alice me arrastou para o arco de troncos retorcidos e nosso momento festivo foi acompanhado de perto por um mago de rosto aliviado. Sabia exatamente como ele se sentia... Era bom saber que o anúncio de nosso casamento trouxe mais do que apreensão e choque. E também muito bom dividir a felicidade que sentíamos.

ATRAVESSAMOS O PORTAL em fila, os três. Foi como das outras vezes, apenas uma batida de coração. No passo seguinte, o verde profundo das árvores e o chão forrado por folhas mortas deu lugar a um gramado verdejante, salpicado por pedras que subiam a encosta de uma colina cinzenta. Familiarizada com o lugar, Alice soltou minha mão, correndo gramado afora na direção da colina... mas eu parei. Uma nova visita ao Mundo Mágico era sempre uma experiência nova. Levantando o rosto para o céu rosado, admirei a luz do sol se expandir, dançando no horizonte em uma disputa de cores. A brisa rodopiava ao nosso redor, subindo e descendo em um roçar de aromas frescos... Terra, água, madeira, grama... estimulante.

Despertei da tempestade sensorial com uma mão em meu cotovelo e lembrei que um certo mago ficava muito desconfortável na Terra da Luz. Olhando por sobre os ombros, Vincent avaliava os arredores, circunspecto. Adiantando-se atrás de Alice, levou-me com ele. Dez passos depois e minha irmã já era um ponto ruivo subindo a colina.

Na tentativa de ser mais ágil, levantei a saia do vestido longo, não queria estragar meu presente no solo pedregoso, ainda mais um presente herdado de Christine. Mas o salto alto não estava ajudando. Soltei o ar, decidida... Mesmo sabendo da predileção de Vincent, jurei a mim mesma nunca mais usar algo assim. Absorta nos movimentos calculados, fui surpreendida por duas silhuetas que se deslocavam a uma velocidade vertiginosa. O choque foi evitado graças aos reflexos do mago das sombras.

Com um solavanco Vincent me colocou atrás dele, grunhindo algo pouco educado para o casal de duendes. No mesmo instante uma voz acelerada iniciou um pedido de desculpas, que não chegou a se completar... Olhos negros se arregalaram, e enquanto a garota de baixa estatura estrangulava um grito, seu companheiro derrubou a cesta de cogumelos entre as pedras. Recuperando-me do susto, avalei as formas pequeninas, buscando algo em sua aparência que indicasse fúria... Havia aprendido na noite da invasão na casa do meu avô que os duendes exteriorizavam o que sentiam através de sua pele mutável. Portanto,

avaliar seu exterior era a melhor forma de prever um ataque.

Como eu, Vincent tinha os olhos fixos no casal, mas não havia nada além de surpresa no casal de pele enrugada... E então, algo empalideceu seus rostos miúdos, curvando seus corpos em busca de proteção. Isso não era apenas receio, era pavor. Sem saber como reagir, busquei o mago das sombras, e ele pareceu tão incomodado quanto eu. Com duas passadas Vincent nos levou para longe. Sua reação foi estranha já que era notória sua antipatia, bem como seu prazer ao intimidar seres mágicos inferiores, principalmente duendes. Talvez o mago das sombras estivesse cansado de ser motivo de temor. Hum... não. Provavelmente não era isso.

Caminhando ainda mais apressado pelo terreno inclinado, Vincent tentou alcançar Alice, que já estava no topo da colina. Ao lado da menina ruiva, uma moldura em forma de arco se erguia em três grandes pedras. Outro portal. Agarrei minha saia na altura dos joelhos, me esforçando para seguir os passos do mago mal humorado sem deslizar ladeira abaixo. No topo, apoiei as mãos na cintura, controlando a respiração afetada pelo esforço enquanto admirava a agitação no lado oposto da encosta. Um grande número de pequeninos se avolumava ali, circulando entre cordões de terra e pilhas de troncos mofados. Eles chegavam e partiam com sua agilidade incomum e era difícil acompanhar com olhos destreinados. Mas um fato comum entre os vultos velozes chamou atenção: todos carregavam algum tipo de cesto.

Apontei para a confusão quase organizada.

– O que...

Vincent ainda aparentava incômodo e respondeu antes mesmo que eu concluísse a pergunta.

– Esta é a plantação de cogumelos. A iguaria dos duendes.

– Ah. – Isso fazia muito sentido agora.

Alice concordou e, agitando as mãos de forma animada, acenou para um corpo esguio que se destacava entre os pequeninos. Reconheci os cabelos alaranjados e o avental comprido com um sorriso. Lume. Imittei o gesto de minha irmã, e quando a elfo de fogo acenou de volta, fomos notados.

Levou apenas alguns instantes e o murmurinho alarmado se transformou em um frenesi. Cabeças ligeiras corriam para todos os lados e ficou ainda mais difícil acompanhar seu movimento. Enquanto eu tentava entender o corre-corre, mãos decididas puxaram a mim e a Alice para mais perto. Mas a preocupação do mago pareceu um exagero, já que os vultos passavam muito longe do topo da colina.

Com certa indignação, o eco de uma voz aguda chegou até nós:

– *Pela lava escaldante, ele não é um fantasma!*

Levantei um dedo, pronta para comentar o ocorrido, mas um resmungo em alemão me deteve. Colocando um braço possessivo sobre meus ombros, Vincent soltou a respiração de maneira irritada...

– Pelo visto, os representantes dos jardins não estão espalhando as novidades de maneira eficiente.

Afaguei seu braço enquanto Lume subia a lateral da encosta rochosa ao nosso encontro. Ela estava, literalmente, sozinha. Todos os duendes haviam desaparecido. Foi minha vez de suspirar. Além de ser evitado por ser um mago das sombras, Vincent carregaria mais um estigma: o de ter renascido da morte. E isso não traria apenas temor, faria o povo do Mundo Mágico correr! Desviei de Vincent para ajudar a dona da voz aguda que alcançou o topo da colina equilibrando uma cesta repleta de cogumelos.

Lume agradeceu a ajuda, abanando-se enquanto se recuperava do esforço.

– Ao menos agora posso usar a passagem do Jardim Vermelho sem ser incomodada por esses encenqueiros – exclamou, animada. Passando os olhos por Alice, ela os pousou em mim, depois relaxou os lábios, deixando crescer um sorriso que ocupou todo o rosto. – Mas veja só... É muito bom vê-la deste lado Melissa.

– É bom estar deste lado, Lume – respondi, e coloquei em meu olhar muitos outros significados.

A elfo assentiu, enquanto dividíamos a lembrança de uma conversa constrangedora, que questionou os limites de um amor *sem limites*. Orgulhosa, tomei o braço do mago das sombras, demonstrando que as coisas estavam bem diferentes. Lume avaliou a felicidade em meu rosto e, depois de pensar um instante, levantou os olhos para Vincent.

– Sinto pela reação deles, mago das sombras – murmurou sem muita emoção. – Mas, enquanto a notícia do seu retorno não se espalhar, seria melhor evitar aparições públicas. Se existe algo que o Mundo Mágico teme mais do que um mago das sombras... é um mago das sombras que *retorna* da morte.

– Sei disso – Vincent disse seco, deixando claro seu conformismo.

Lume baixou os olhos até meu rosto, os lábios apertados como se estivesse relutante em continuar. O silêncio embaraçoso se instalou no topo da colina e, para minha surpresa, foi quebrado por Vincent. Ele limpou a garganta e girou o rosto pelos arredores enquanto falava:

– O povo mágico acredita que um mago das sombras é um ser amaldiçoado pela luz e pela sombra... – explicou à meia-voz. Voltei-me para ele, entendendo que Vincent estava continuando a explicação que Lume não deu. Assenti, indicando que compreendia a referência à lenda sobre a união do herdeiro do Demônio das Sombras e sua Deusa. Vincent retorceu o rosto em uma careta. – Se

o nascimento traz a união desse poder que eles tanto temem, a morte deveria repartir estas forças, reestabelecendo o equilíbrio. Mas um mago das sombras renascido da morte seria mais do que um fantasma. – O mago soltou os braços. – Seria a ruína do Mundo Mágico.

Ponderei por um segundo.

– Isso é uma daquelas lendas verídicas ou outra história?

– A verdade é que a história surgiu por causa da lenda. – Ele parou os olhos em mim. – Mas não posso opinar sobre o assunto, porque, felizmente, não morri.

A explicação frustrada do mago lembrou-me de algo, um detalhe que tentava se encaixar em alguma informação arquivada. Fechei os olhos e me perdi em um vertiginoso momento de introspecção... mas a possível explicação se turvou no cansaço. O que deveria durar um instante tornou-se um lapso convidativo à inconsciência.

Fui resgatada do *quase-coma* pelos gritos de minha irmã.

– Ah... Estou muito feliz por você não ter morrido, Vincent! – Alice exclamou, abraçando rapidamente o mago das sombras pela cintura. E, ignorando a tensão na conversa dos adultos, saltitou com seu pijama de nuvens fluorescentes até a elfo de fogo. – E advinha, Lume! Vou ser a madrinha na festa de casamento deles! Como nos contos de fada!

Os olhos amarelos se espremeram, confusos. Esperava que fosse *apenas* sobre a parte do casamento e, ignorando a indiscrição de minha irmã, me apressei em explicar:

– *Casamento* é o nome que damos no Mundo Físico para a Recepção de Anúncio do Pacto de Futuro.

Lume assentiu, disfarçando a dúvida persistente. Enquanto isso, Alice continuou em sua animação.

– E tem mais... Meu avô está zangado com a gente, porque usamos magia. Ele sabe da nossa linhagem, mas não entende porque escolhemos ela... e isso é triste – informou, cabisbaixa. – Mas vai entender. Até lá, eu e a Mel vamos ficar na casa da Aristela. – Sem conseguir conter a empolgação, a menina maga deixou escapar um sorriso. – Não vejo a hora de contar isso para o Heros!

Alice não esperou uma resposta. De nenhum de nós. Com um salto atravessou o portal, chamando com ansiedade por um certo cão peludo. Sem alternativa, segui atrás de Lume, tentando pensar *apenas* nos benefícios de toda aquela empolgação. Do outro lado do arco de pedra, fui recepcionada por um mar de flores vermelhas... Eu me encolhi, alarmada. Minha última experiência no Jardim Vermelho quase resultou em um desastre mortal e, por via das dúvidas, segurei a respiração para não inalar nada por acidente.

Minha irmã já estava na outra ponta do jardim, correndo para a saída,

quando Lume percebeu meu desconforto. Com um sorriso encorajador, a elfo me acompanhou pelo caminho tortuoso, sinalizando cuidadosamente para os canteiros venenosos. Desta vez, Vincent permaneceu um passo atrás, acompanhando nosso avanço. Eu sabia o quanto custava a ele reprimir seu impulso protetor e esperava apenas que o olhar pensativo não fosse o começo de um novo problema.

Com toda minha atenção direcionada para o perigo escarlate, esqueci-me do mago carrancudo e me ocupei apenas em avaliar a ameaça escondida por trás da beleza exuberante. Podia notar a força sedutora do cenário, como cada centímetro daquele jardim fora preparado para atrair suas vítimas a uma armadilha belamente venenosa. Quando avistei os vasos de cipreste que marcavam a saída do jardim, minha necessidade por oxigênio estava no limite... Sem pensar duas vezes, levantei minha saia, unindo o excesso de tecido, e corri para fora daquele pesadelo vermelho. Fora do Jardim Vermelho, soltei o ar preso nos pulmões. Alice já estava na calçada de pedra, contornando torres intimidadoras, até desaparecer do alcance dos meus olhos. Exausta pela aventura do dia anterior, nem cogitei a ideia de segui-la. Afinal, essa era, literalmente, sua segunda casa.

Solidária, Lume parou ao meu lado.

– Acho que os próximos dias vão ser bem agitados!

Enquanto alisava o veludo do vestido de Christine, me deleitava com outra grande porção de ar.

– Meu desejo é que os próximos dias sejam muito tediosos, Lume – falei, ajeitando meus cabelos engomados. Uma lembrancinha da aventura na Dimensão das Sombras.

A elfo espiou o mago que se aproximava e pareceu relutante em concordar.

– Espero que tenha sorte... E lembre-se, Melissa, estou aqui para ajudar no que precisar. – Desviando os olhos para a construção de pedra, Lume limpou a garganta – Vou avisar Aristela que teremos hóspedes. Apesar dos meios tristes, tenho certeza de que ela vai ficar radiante com a notícia.

Antes que pudesse agradecer, uma voz grave vibrou acima de mim:

– Seria de grande ajuda se você espalhasse pelos Reinos da Luz a verdade sobre meu retorno, Lume. Ou, no lugar de uma festa, teremos um exorcismo! – Indeciso, Vincent espremeu um sorriso. Precisei piscar duas vezes. O cavalheiro carrancudo estava tentando ser simpático? Meu olhar duvidoso encontrou o rosto da elfo, e Lume piscou de volta, tão incrédula quanto eu. – Foi uma piada – Vincent resmungou, desmanchando qualquer vestígio de humor.

– Nós... ah... entendemos, Vincent – informei, surpresa. – É que você nunca... – Mais uma troca de olhares e o desconforto tornou-se palpável. – Bem,



de toda forma, você tem razão. – Voltei-me para a elfo que também se recuperava do choque. – Precisamos espalhar a notícia do retorno de Vincent antes que aconteça algum mal entendido às vésperas da Recepção de Anúncio.

Lume balançou a cabeça, repetidas vezes, esforçando-se para mexer os lábios.

– C-claro. Farei isso.

Com um meneio de cabeça, ela seguiu pelo caminho onde Alice havia desaparecido. Esperei que ela tomasse alguma distância e levantei uma sobrancelha.

– O que foi isso? – Indiquei a elfo sobre o ombro.

Levantando os ombros, o mago soltou o ar, mais incomodado do que eu imaginava.

– Ela é... simpática com você.

Eu ainda estava com a boca aberta e pisquei, resistindo ao impulso de manter os olhos fechados.

– Sim, ela é. Mas você nunca foi...

Vincent não me deixou continuar. Segurando minha mão, puxou-me para o palacete.

– E nunca diga que não tentei. Agora vamos, precisamos avisar os outros das descobertas antes que você desmaie de cansaço.

Estava pronta para discordar, mas era verdade. Tudo que eu queria era poder fechar meus olhos por alguns instantes.

DENTRO DO PALACETE, seguimos os uivos e as gargalhadas que ecoavam pelos corredores, e acabamos na porta da grande cozinha medieval. Nela, uma maga de cabelos acinzentados observava um cão radiante, que rodopiava em torno de uma menina maga de pijama fluorescente. A cena era festiva, mas pela expressão de Aristela, sabia que ela havia entendido a gravidade do que aconteceu na casa de meu avô. Provando minha teoria, a maga veio ao nosso encontro de braços abertos. Sem pestanejar me joguei neles, aceitando seu conforto.

– George sabia sobre a magia, Aristela – murmurei em seu ombro. – Sempre soube. E escondeu isso de nós. De mim...

Segurei a mágoa que queria escapular em lágrimas e percebi que também estava cansada de chorar.

Aristela afagou meus cabelos.

– Também estou surpresa, *ma chère*. Muito surpresa.

Suas palavras poderiam ser esperadas se não houvesse um detalhe mágico implícito nelas.

– Mas... Como? Como ele escondeu isso de você? – gaguejei, afastando-me. – Vocês se encontraram poucas vezes, mas seria impossível esconder algo assim.

Aristela ajeitou os cabelos nos ombros, encabulada.

– Desculpe, *chérie*. – A maga levou o olhar até Vincent, voltando-o ao meu. – Pensamentos encobertos por temor e rancor são difíceis de suportar. Penetrar em algo assim é extremamente desagradável. E pouquíssimas vezes valeram o esforço. Meu bloqueio funciona como uma barreira natural... – Aristela fechou os olhos. – Mas não é a primeira vez que esta forma egoísta de me resguardar nos causa problemas.

Estava claro que Aristela se referia aos elfos que nos traíram, Piro e Lúcius. Nos dois casos, não havia dúvidas de que mentes capciosas poderiam facilmente mascarar pensamentos. Mas, no caso de George, nem imaginava o que havia por trás de sua fachada silenciosa... Talvez uma boa mistura dos sentimentos competentes em repelir a telepata, em especial, se o assunto era a família da montanha.

Concordando lentamente, Aristela soltou os ombros; em seu rosto, a expressão inquieta voltou a ser terna.

– Ultrapassar a névoa formada pelo medo não é divertido, ainda assim, entendo a responsabilidade do meu dom... Sinto muito. Desligar meu dom ao lado dos moradores da cidade tornou-se um hábito, principalmente para não me aborrecer. Não poderia imaginar que todo aquele receio de nossa família pudesse esconder algo tão grandioso.

Conhecendo a opinião da cidade, não poderia questionar os motivos de Aristela. Muito menos culpá-la de coisa alguma. Pelo contrário! Não consegui esconder minha admiração... Como alguém podia se conter tendo a chave para todas as portas do mundo? Com outra longa inspiração, Aristela levou os olhos até Vincent.

– O autocontrole é um desafio diário para quem carrega dons mágicos, *chérie*, principalmente os tentadores.

Com um som rouco Vincent limpou a garganta, depois se aproximou. Oferecendo-me a mão, levou-me para perto da mesa e puxando a cadeira com um daqueles gestos cavalheirescos, me fez esquecer temporariamente meus tormentos.

– A descoberta sobre George é apenas o começo Aristela. – o mago esperou que eu me sentasse e a gentileza do gesto se dissolveu na inquietação dos oceanos turquesa. – Precisamos discutir algo ainda mais chocante... e acho melhor nos prepararmos para essa conversa.

Aristela focou seu olhar, intrigada, e Vincent contornou a mesa, puxando

uma cadeira para ela também. Enquanto a matriarca dos Von Berg se acomodava, ele reuniu alguns quitutes, esquecidos em graciosas travessas de vidro, e os colocou em meu prato. Não tive ânimo para negar. Ansioso, o mago mordiscou uma *madeleine*, e iniciou sua narrativa, que resumia os últimos acontecimentos... Por mais de uma vez apoiei o cotovelo na mesa, esforçando-me para continuar de olhos abertos.

Minutos depois, era minha vez de detalhar o final desse drama. Reprimi um bocejo, e decidi me servir de uma generosa xícara de café... precisava de algum incentivo para reviver aquele pesadelo.

Aristela ouviu tudo atentamente. Ajeitando-se no assento, jogou os cabelos sobre ombros.

– Antes de mais nada, gostaria de dizer que sinto muito, *ma chère*. Posso ver seu desapontamento e gostaria que as coisas fossem diferentes... – Ela me olhou com cuidado. – Mas posso entender George.

Desencostei o corpo da cadeira, procurando alguma falha em meu discurso.

– Aristela... meu avô não consegue aceitar o que somos.

A maga podia ler minha mente, ver o tamanho da minha decepção, e eu não entendia *como* ela podia ficar a favor de George. Em resposta ao meu pensamento amargurado, Aristela sorriu, carregando sua expressão com carinho maternal.

– Seu avô teme o que não conhece, Melissa. E protege quem ama do perigo que teme. Como poderia julgá-lo?

Abri a boca para retrucar. Mas a fechei em seguida.

Era difícil aceitar, mas Aristela tinha razão. Ainda assim, algo me entristecia: George não confiou em mim para dividir seu segredo.

Com um suspiro, Aristela esticou a mão para alcançar a minha.

– Ah, *ma chère*, não seja tão dura... George não pode ser acusado *disso*. Você se esqueceu do *Elixir do Vento*. – Com um carinho, a maga deixou claro o pesar implícito em suas palavras. – No fim das contas, nós fomos os responsáveis por boa parte dessa confusão. Se Alex não tivesse apagado suas lembranças do ataque no bosque, você ainda teria suas memórias de infância, saberia de sua herança oculta e de ter jurado silêncio sobre ela. E, provavelmente, se lembraria de um dia ter experimentado o surgimento do seu poder.

Concentrada na sabedoria dos olhos cinzentos, coloquei o ar dolorido para fora do meu coração. Aristela tinha razão mais uma vez.

Satisfeita com minha compreensão, ela continuou:

– Sobre o fato de sua família negar a magia... Bem, o que aconteceu aos Wels não é incomum. Já ouvimos falar de alguns casos de linhagens perdidas, e

até suspeitávamos que isso pudesse ter acontecido com sua irmã. Como sabe, antes de você descobrir sua magia, ligamos o fato ao pai de Alice. Mas, depois do que nos contou sobre sua mãe e suas experiências no Mundo Mágico, ficou claro que o gene de vocês vinha de um de seus avós... E, de fato, nunca iríamos suspeitar que viesse de George. Muito menos que essa herança perdida estivesse *aqui*, ao nosso lado, camuflada sob o silêncio da montanha. Se pensarmos sobre isso, a proximidade da montanha foi perfeita para que sua família ocultasse seu poder sem levantar qualquer suspeita... Ah, *chérie*, um caso de linhagem perdida é intrigante! – A voz suave da maga elevou-se com vivacidade enquanto os olhos cinzentos brilhavam. – Nicolau vai ficar muito animado com a possibilidade de estudar a regressão da magia no gene dos Wels, provar a ação do tempo... a eficiência dessa negação... A magia de sua família regrediu a ponto de seus sinais serem imperceptíveis! Isso é fascinante!

Vincent levantou-se de súbito.

– Sim, Aristela, realmente é. Mas não é uma boa hora para análises... mágicas ou acadêmicas. Precisamos deixar o avô de Melissa se acostumar com a ideia do retorno dessa herança. Envolvê-lo com a burocracia do Conselho Mágico não parece uma boa alternativa. Além disso, existe outro ponto a ser discutido nesta história.

Ignorando as palavras preocupadas de seu protegido, Aristela iniciou um resmungo distante:

– Sim, imagino que sim... Há muitas coisas para se considerar. Sabemos que o dom de Melissa é diferente do de Alice; com isso, posso concluir que a mãe delas restaurou seu gene mágico por meios diferentes... – A maga tamborilava os dedos no queixo, perdida em suas conjecturas. Levantando-se de súbito, agarrou uma das travessas, levando-a até ao outro lado da cozinha. – Talvez o aprimoramento seja a resposta. Se Angelina praticasse com afinco em suas visitas à Terra da Luz... Ou, talvez, aquele *amigo especial*. Sim, provavelmente o amigo do outro lado a tenha ajudado. – Aristela girava pela cozinha, indo e vindo com as travessas, até que a voz murmurada se calou. Num átimo o rosto da maga girou até focalizar o de Vincent, e o som seguinte foi de uma travessa de vidro encontrando o chão. – Não... posso crer...

O estardalhaço atraiu a atenção de Alice e Heros, que se aproximaram desviando das *madeleines* destruídas. Estava claro que Aristela havia captado uma informação chocante da mente do mago das sombras... mas, definitivamente, estava perdida na lista de opções.

Com uma careta, foi a vez de Vincent se juntar a nós.

– Acredite, é isso mesmo. O tal “*amigo especial* da Terra da Luz” a que Angelina se referia, é o pai de Melissa. – Como Aristela não exteriorizou

nenhuma reação, Vincent ajustou o volume de sua potente voz grave. – O pai de Melissa era do Mundo Mágico, Aristela.

Por um momento achei que conseguiria ouvir a correnteza do riacho à frente do bosque de cerejeiras, a muitas centenas de metros dali. Depois de avaliar o silêncio chocado que emudeceu a maga telepata, a menina maga e o cachorro peludo, imaginei que deveria confirmar a notícia... e percebi como a informação ainda era irreal aos meus ouvidos.

Vincent voltou para o meu lado antes de continuar:

– Sobre seu dom Melissa, acho que chegamos ao fim do mistério. Sei que isso pode soar inacreditável, mas ponderei muito antes de formar minha opinião... Se somarmos as informações que você deu sobre as visitas sigilosas de sua mãe à Terra da Luz com a confirmação de George sobre seu pai ser do Mundo Mágico, e ainda a indiscutível ausência de uma aura de poder... – Vincent engoliu em seco. – Bem, eu experimentei os dois lados de seu poder, e posso afirmar com toda certeza: você tem o dom do *compartilhamento*.

O silêncio aturdido dos ouvintes foi interrompido por um barulho arrastado. Virei por impulso e vi a maga esparramada em uma cadeira, que ainda balançava pelo impacto. Pelo estado de Aristela, eu havia perdido algo importante na conclusão do mago. Como previsto, um suspiro impaciente varreu meu rosto.

– Você retirou, armazenou, depois doou energia. Essa capacidade, ou dom, é muito singular no Mundo Mágico. E, assim como o dom das sombras define um herdeiro do Demônio, o dom do compartilhamento nos leva a outra linhagem especial, dos Deva.

Agora as reações se diversificaram. Enquanto Aristela praguejava em francês, um som engasgado escapava do gigante canino. Já minha irmã mantinha a expressão que oscilava entre curiosidade e dúvida. Quanto a mim, só consegui piscar. Porque, provavelmente, havia entendido errado.

– Espera... você está insinuando que meu pai era um... um...

– Deva. – Vincent prendeu meus olhos. – E não estou insinuando. Estou afirmando.

Meu cérebro questionava a certeza nos olhos turquesa. Um minuto ou um século depois, Vincent levou a mão até meu rosto.

– Respire, Melissa.

Eu obedeci, mas não consegui absorver a grandiosidade da notícia. Senti uma mão pequenina envolver a minha e abaixei o rosto, atendendo ao chamado de minha irmã.

– Mel? Isso é um problema?

No olhar assustado de Alice procurei uma resposta.

Com muito esforço, engoli em seco, forçando algo que parecesse um

sorriso. Afinal, minha irmã não estava apreensiva com a revelação, apenas com a reação dos outros. Com minha reação. Nesse ponto, tinha que concordar: a conclusão de Vincent era algo realmente impressionante. Não sabia da existência de outro Deua além de Lorelei, e a ideia de ser herdeira de um deles pareceu algo...

Parei antes de completar o pensamento. A palavra *impossível* pareceu-me muito, *muito* errada.

– Ainda não sabemos, Alice. – Busquei o apoio do mago das sombras. Mas sua expressão indecisa não era bem a ajuda que eu esperava.

Um milésimo de segundo depois, todas as informações arquivadas se sobrepuseram com clareza... Linhagens especiais. Sombra. Luz. Um herdeiro do Demônio das sombras, uma Deua. A origem de uma lenda. Era essa a explicação para a forma com que Victor se referiu a mim na Dimensão das Sombras, e também, a resposta às lacunas do plano de Ludwig. O motivo de eu estar incluída em seus planos. Mas ainda restava saber *como* ele soube de minha origem antes de nós. E, mesmo com todas estas conclusões pulsando em minha mente, foi uma frase de Vincent que trouxe a dimensão do que estava por vir... “*Isso resolveria muitos problemas. Mas, dependendo de sua origem, poderia criar muitos outros. Unir opostos seria um desastre*”.

Opostos. Desastre. Engasguei com meus pensamentos.

Não havia mais indecisão ou dúvida. Sim, isso *era* um grande problema!

## Anjo

ARISTELA LEVOU as duas mãos ao rosto, concentrando-se para escutar os próprios pensamentos.

– Isso... é... isso... Precisamos de uma confirmação, Vincent!

Os olhos da maga pulavam de mim para Vincent e, embora suas palavras estivessem cheias de dúvidas, a surpresa de seu rosto começou a mudar para certeza. Aristela via todas as respostas se encaixando em nossas mentes e era difícil argumentar com duas versões da mesma verdade.

– Olhe para ela, Aristela. – Vincent levantou os braços, estendendo as mãos para mim como se minha imagem oferecesse uma explicação melhor. – Sei que pode ver o que eu vejo. *Isso é o que acontece quando ela passa pela Terra da Luz.*

Olhei para baixo, buscando algo de anormal em mim mesma, mas não vi nada além do vestido de veludo preto e a ponta dos meus sapatos. Mas um latido afobado discordou. Ecoando pelo chão de pedra, o resmungo de Heros se transformou em um choramingo e foi interrompido por uma voz infantil, um tanto confusa.

– O Heros disse que a Mel está bonita como um *anjo*. – Alice chegou mais perto, esquadrinhando meu rosto com atenção. – Eu sempre achei você bonita, Mel... Mas acho que o Heros tem razão. Tem alguma coisa diferente. Você parece mesmo com um...

– Deva – Vincent completou para minha irmã. – É assim que chamamos o que ela é, Alice.

Olhei os rostos curiosos que me avaliavam e arfei.

– Acho que preciso me sentar.

Soltei a mão de minha irmã e, aos tropeços, procurei uma cadeira ao lado de Aristela.

– Eu não entendi. Qual é o problema? – Alice espremeu os olhos. – Pra mim, tudo bem se a Mel for uma Deva.

– Não há nada de errado nisso, Alice. Pelo contrário, o dom de sua irmã é *muito* raro, o que deixa bem claro quem era o pai dela.

– Não entendo sua conclusão, Vincent. Só restou Lorelei depois que o irmão dela... – Aristela congelou sua expressão enquanto Vincent sustentava seu olhar. Demorou mais alguns instantes para exteriorizar uma reação e, voltando o rosto para o meu, a maga de rosto pálido me observou com cuidado. – Você acha que *Eddall* era o pai de Melissa? Mas... ele morreu não faz dois anos!

Foi minha vez de buscar o rosto do mago das sombras.

Vincent deslizou a mão pelos cabelos negros com um gesto cansado.

– Isso depende, Aristela. Exatamente em qual Dimensão você está fazendo o cálculo de tempo? Porque, se for pela passagem de tempo do Mundo Físico, aposto que já se passaram vinte e um.

O silêncio de Aristela cresceu com a constatação.

Apoiei o corpo na cadeira, reavaliando as novas informações sobre minha vida... E me deparei com um nome: *Eddall*. Que tipo de nome era esse? Inspirei com dificuldade... um nome Deva. O nome do meu pai. E ele estava morto.

O fluxo de ar se tornou inconstante em meus pulmões enquanto eu assimilava, concordando, acreditando... abstraindo-me dos acontecimentos ao meu redor.

Não me importava a possível perda de consciência da maga telepata, a paralisia do gigante cinzento ou o rosto confuso da menina maga. Nesse minuto, mergulhei em meu próprio silêncio. Talvez para reverenciar esse homem que eu nem conheci, mas que recebeu o amor de minha mãe. Um homem que pertenceu a um mundo inacreditável, o mesmo mundo que ainda era um desafio para mim. Um pai que deixou como herança mais do que a cor dos meus cabelos. De repente, senti a necessidade de compreender a grandiosidade da linhagem que compartilhávamos. A força desse dom que podia ajudar e machucar. Talvez, com ele, encontrasse uma forma de homenageá-lo. E eu queria isso, de verdade.

A indiferença que nutri pelo homem responsável pela minha existência não existia mais. Isso surpreendeu. O “*anjo conselheiro*” que Angelina descreveu no *Gramaire Wels* era muito diferente do homem insensível que imaginei como meu pai. Seu anjo, *Eddall*, tinha sua lealdade. Seu respeito. Agora, gostaria de lhe oferecer o meu.

– Aristela, como meu... – Esforcei-me para limpar a emoção da voz. – Como *Eddall* morreu?

A maga demorou para processar a pergunta, e ainda mais para formular uma resposta.

– Um acidente. O ataque de um *Manticore* nas divisas da Terra da Luz.

Levei as mãos ao rosto por pura aflição. Seja lá o que isso fosse, a palavra *ataque* era terrível o bastante para apertar meu peito. Empática à minha angústia, Aristela continuou:

– Sinto muito, *chérie*, isso nunca foi esclarecido.

Assenti, hesitante. Estava além da minha compreensão um ser de linhagem tão poderosa morrer de forma tão brutal.

– E isso é estranho, não acha? Um Deva morrer dessa maneira... Sem mencionar que feras como *Manticores* são restritos à Dimensão das Sombras –



Vincent resmungou, como se estivesse lendo meu pensamento.

Aristela balançou a cabeça de forma mecânica, talvez por ver a mesma conclusão em mentes diferentes.

– Ninguém sabe ao certo como aconteceu. Imaginamos que a fera de alguma forma fugiu e Eddall foi morto enquanto tentava capturá-la. – A maga telepata pareceu angustiada. – Lorelei não fala sobre isso e foi ela quem encontrou Eddall.

Por mais que não quisesse imaginar a cena do ataque, sabia que Lorelei possuía o poder necessário para ajudar o irmão, meu pai, e, se ela não conseguiu fazê-lo, o ataque deveria ter sido terrível. Ainda mais terrível era imaginar o desespero de uma irmã ao não conseguir salvar o irmão. Por esta perspectiva, o silêncio de minha *tia* era compreensível.

– Mas... Os Devas não deveriam ter algum controle sobre a mortalidade? Como os demônios?

A maga de olhos distantes se esforçou para organizar mais uma resposta.

– Nem todos os demônios são imortais, *ma chère*. Quanto aos Deva, bem, este foi o preço. – Estreitei os olhos, confusa. – Todos os elfos originais perderam a imortalidade com a deserção da primeira Deva. As divisões vieram a seguir, originando os outros elfos. Lorelei e Eddall eram os últimos do grupo de Devas originais. Embora a longevidade seja uma característica do Mundo Mágico, eles nunca foram imortais.

Eu sabia que essa lenda era real, o problema era imaginar o quanto ela ainda poderia influenciar nossas vidas. Fechei os olhos, e o silêncio do meu coração foi interrompido por um carinho reconfortante.

– Eu sinto muito por seu pai, Mel. – Alice enxugou uma lágrima que escorria solitária por meu rosto.

Nos olhos esverdeados encontrei a solidariedade de quem vivera tão pouco, mas já havia perdido tanto. Por ela pisquei forte, interrompendo a enxurrada que ameaçava jorrar dos meus olhos.

– Obrigada, Alice. Eu também.

O aperto voltou, a dor por alguém que nem conheci, mas que gostaria de manter em meu coração. Alice ficou por ali, sem saber ao certo como me consolar. Em seguida, Vincent assumiu essa função e apoiando-me firmemente em seus braços, beijou minha testa. Em seu beijo estavam todas as palavras de conforto que eu precisava ouvir.

– Vou levar Melissa para descansar – ele falou diretamente a maga de cabelos acinzentados. – Assim que possível, atualize Nicolau das novas descobertas. Diga a ele que precisamos ir ao Conselho comprovar meu retorno, comunicar a comemoração do Pacto de Futuro e... as outras novidades. Mas

quero ser eu mesmo o porta-voz das notícias. Não perderia a reação de Lorelei por nada. – Suas palavras não eram rancorosas, apenas desafiadoras. Isso foi estranho. Como eu, Aristela ainda estava abalada, e conseguiu apenas balançar a cabeça. Vincent abaixou o olhar, passando-o de Alice para Heros. – Quanto a vocês dois... Aproveitem o dia.

Com um sorriso grandioso Alice assentiu para o mago das sombras, e se atirou no pescoço do gigante felpudo.

– Quero ir ao Conselho também, Vincent.

– Você não dorme há muito tempo, qualquer um pode ver o quanto está exausta. Acha mesmo que consegue enfrentar mais uma enxurrada emocional?

Pisquei lentamente, encarando a realidade dentro dos olhos turquesa. É... provavelmente não.

SEGUI O MAGO mal sentindo minhas pernas e, no interminável corredor repleto de portas iguais, fui vencida pela curiosidade.

– Então... Você já sabia. Sobre minha origem.

Vincent inclinou a cabeça e os oceanos turquesa brilharam de forma incomum... talvez felizes, talvez pesarosos. Talvez um mix dos dois.

– Juntei alguns detalhes depois que você viu minha aura de poder na Terra da Luz. E deveria ter feito isso antes. – Um som frustrado escapou de seus lábios. – Acho que lhe devo um pedido de desculpas por isso.

– Não estou culpando você. Sei que não tivemos tempo... Tudo aconteceu rápido na Sala dos Portais – balancei a cabeça, fugindo das terríveis cenas em minha memória. – Só estou curiosa para saber *quando* você começou a juntar tantos detalhes.

O mago escorregou a mão pelo cabelo enquanto apertava os lábios.

– Tarde demais – repetiu. – Eu tinha o conhecimento, Melissa, podia identificar a mudança... Mas estava tão obstinado em afastá-la dos perigos da magia que ignorei o que estava diante dos meus olhos. – Vincent hesitou. – Quanto mais penso no assunto, mais vejo como isso era óbvio. Por isso lhe devo desculpas.

Vincent apertou sua mão na minha, diminuindo a velocidade de seus passos. Com um suspiro, encostei meu rosto no ombro do mago, escondendo minha satisfação por ouvir aquilo. Não queria dizer *eu avisei*, mas era muito bom saber que ele enxergou algo pelo qual eu estava lutando há tanto tempo.

– Tudo é diferente agora. Vamos começar do *agora*, está bem?

Senti seus lábios pressionarem meus cabelos.

– Eu, definitivamente, não mereço você.

Seu braço me envolveu pela cintura, sustentando meu peso em seu ombro.

Mas ainda não era suficiente... Algo me incomodava.

Com os olhos fixos na madeira do chão, falei baixo:

– Vincent, se isso for mesmo verdade, a nossa união... A união de nossas linhagens... isso restaurou a lenda. – O silêncio do mago me fez hesitar. – Não é? A resposta demorou mais do que minha angústia podia suportar.

– VINCENT? – repeti, levantando os olhos para o mago de olhar perdido.

– Sim.

A palavra curta fez meu sangue tremer. Lembranças zuniam em minha mente e, depois de alguns passos silenciosos, arrisquei:

– Eu... eu ainda não sei como, mas acho que era a isso que Ludwig se referiu em nosso encontro. Ele já sabia sobre mim. Sobre minha linhagem. Acho que falava da lenda quando disse que queria você e eu... – Engoli em seco. – Você e eu juntos, felizes e saudáveis. Mas... Por que nossa união é parte do plano dele?

Por algum tempo, nossos passos ecoaram no corredor até que a voz grave reverberou em meus ossos.

– Ele sabe que unir luz e sombra é algo raro e extremamente poderoso.

Mordi o lábio, esperando que ele continuasse, esperando que alguma palavra tranquilizasse meu coração. Mas isso não aconteceu. Minha respiração acelerou.

– Ele vai vir atrás de nós, não vai?

Vincent soltou o ar com força.

– Não quero que se preocupe com Ludwig. Em breve teremos o depoimento de Victor e colocaremos o Conselho contra ele. Seu plano será desfeito e todo esse terrorismo ficará para trás. – Ele abaixou o rosto, os olhos violeta sondando os meus. – Vai ficar tudo bem.

A voz grave carregava mais determinação do que confiança. Mas eu acreditava no meu mago de olhos turquesa e, antes que percebesse, assenti. Vincent afagou minhas costas e me aconcheguei em seu ombro mais uma vez, rezando para que estivéssemos no caminho certo para deixar Ludwig no esquecimento. Surpreendendo-me com um daqueles gestos que me fazem adorá-lo ainda mais, ele me levantou em seus braços, acomodando-me em seu peito. O sobressalto passou em segundos e, depois de uma gargalhada, eu me aninhei em seu pescoço... respirando profundamente.

Uma pontada de culpa me disse que eu não devia abusar de seu cavalheirismo.

– Vincent? Você está bem para se esforçar? Como estão seus ferimentos? Ainda doem?

– Acredite... *Nada* poderia me fazer ficar melhor. – A resposta acompanhou um beijo em minha testa. Seus braços se estreitaram ao meu redor e me aconcheguei novamente.

Rendendo-me ao seu calor, envolvi seu pescoço com minhas mãos, afagando seus cabelos em agradecimento. Dois passos depois, seu perfil ficou inquieto. Segurei o ar, avaliando sua perturbação... Mas, contrariando minha percepção, o mago deixou os lábios no alto do meu rosto com um beijo mais demorado. Ele me carregou sem pausa pela escada do vitral e fiquei atenta a qualquer sinal de desconforto causado pelo esforço. E, mesmo com meus protestos, o mago só me pôs no chão quando chegamos a uma porta muito familiar.

Controlando a respiração alterada, Vincent entrou em seu quarto. Queria acreditar que esse era apenas o resultado do peso extra, mas um olhar turquesa faiscante destruiu minha inútil ilusão. Um segundo sustentando aquele olhar e o ar também ficou escasso para mim. Ainda mais agitado, Vincent se afastou para examinar cada metro do quarto monocromático.

– É bom estar de volta – disse ao lado da cama.

Com um gesto distraído ele correu os dedos pelo dorso do espelho de toalete que repousava sobre o edredom. Observei o Espelho de Nereu, o oráculo de sua família, esquecido no mesmo lugar onde eu o havia deixado... parecia muito tempo desde que ele me mostrou Vincent vivo.

– É bom tê-lo de volta.

Vincent inspirou longamente, libertando-se dos pensamentos distantes.

– Esta estadia é provisória Melissa. Este não é meu lugar. – Com um tom baixo ele finalizou sem levantar os olhos. – Nem o seu.

Isso bastou para que eu entendesse seu momento contemplativo. Sua hesitação. Sua intensidade. A casa de Vincent, construída por ele, ficava no topo da montanha, na divisa com a Terra das Sombras. Sim, esta não era mais sua casa. Muito menos a minha. Este era o motivo de seu espelho se revelar à mim... *Eu era sua família!* Tornei-me parte dela no dia em que aceitei o anel que selou nosso compromisso, nosso Pacto de Futuro. Engoli em seco. Eu pertencia a Vincent, e Vincent pertencia a mim. Isso era definitivo.

Quando seus olhos encontraram os meus, corei vergonhosamente. Vincent desviou o olhar, e guardando o Espelho de Nereu sobre a cômoda, falou devagar:

– Tenho que ir ao Conselho comprovar meu retorno, comunicá-los da comemoração do nosso Pacto e também, a descoberta de sua herança. Essa visita deve ser amistosa, mas nada é previsível quando se trata de Lorelei... – Vincent detalhou, como se precisasse de uma justificativa para sua ausência. – Portanto, não espere por mim. Quero que descanse.

Esfreguei o rosto, a menção ao descanso fazia meus olhos arderem.

– Ainda acho que devo ir com você.

Depois de uma longa inspiração, ele fixou os olhos nos meus.

– Será melhor preservá-la desse primeiro encontro, Melissa. Não posso prever qual será a reação deles.

Franzi os olhos, balançando a cabeça.

– Você disse que seria uma visita amistosa.

– Eu disse que nada é previsível.

– Acha que vou ficar tranquila sabendo que você pretende assumir a ira deles sozinho? Depois de sofrer com todo tipo de traição?

Vincent retorceu os lábios, a preocupação em seu rosto se desfazendo em carinho.

– Fique tranquila... O Conselho não pode me punir por ser sequestrado. Muito menos por sobreviver a um ataque. E agora, sei que traições são possíveis. Estarei alerta. Por fim, Nicolau estará comigo. Ele se encarregará de deixar as notícias mais... diplomáticas.

Contive o impulso de esfregar meus olhos, que ardiam como brasas... Não queria me afastar de Vincent. Nunca mais. Mas sabia que só me restava acreditar na tranquilidade forçada que transbordava dos olhos turquesa.

Vendo minha indecisão, o mago das sombras usou um golpe baixo.

– Sinceramente? Acho que você não conseguiria ficar muito tempo em pé.

– Para demonstrar a veracidade de suas palavras, Vincent desceu um dedo por meu nariz. O movimento fechou meus olhos involuntariamente e levei mais de três segundos para abri-los... com *muito* esforço. Quando consegui focar o olhar, encontrei dois oceanos turquesa brilhando acima de um sorriso convencido.

Soltei o ar, frustrada. E contive um bocejo.

– E você? Não está cansado?

– Dormi por tempo suficiente na Dimensão das Sombras. Tenho muitos assuntos pendentes e o Conselho é apenas um deles. Preciso providenciar os detalhes da recepção de anúncio, revisar meus negócios, e também... – Vincent hesitou, a voz grave tornando-se densa e arrastada – ajustar alguns detalhes em *nossa* casa.

Assenti. Mais lentamente do que precisava.

*Sua* casa de vidro era *minha* nova casa.

*Minha* casa e de *Vincent*.

A *casa* da *nossa* família.

Meu mundo parou. Tudo que via eram os oceanos turquesa brilhando, profundos, magnéticos... Esse olhar gelou o fundo do meu estômago. Vincent estendeu a mão para envolver a minha, e um choque de calor correu por meu

braço. Ele fechou os olhos como se também pudesse senti-lo, mas rapidamente girou o rosto. Seu corpo acompanhou o movimento forçado e ele voltou para a cômoda de madeira escura. Com gestos rápidos, o mago retirou algo de uma das gavetas, deixando sobre a cama.

– Isto é para o caso de querer tirar o... – Ele engoliu seco, olhando para a camiseta sobre a cama. – Enfim.

O silêncio que se seguiu ficou saturado por uma energia que fazia meu corpo se aproximar do dele. Com a tensão se espalhando por cada centímetro do quarto, Vincent caminhou para a porta. Fugindo de mim.

– Vou pedir para alguém providenciar roupas limpas para você.

Espremi os olhos, incomodada com sua reação. Não parecia certo deixá-lo partir. Principalmente porque eu não queria ficar longe dele.

– Eu... – encarei a figura determinada diante da porta, e perdi meu argumento. – Obrigada.

Com a distância segura entre nós, Vincent liberou toda a potência de seu olhar turquesa. Sua intensidade atravessou minha pele, fazendo-me estremecer.

– Quando você acordar, estarei aqui. Eu prometo.

Aquele olhar levou toda a coerência que ainda me restava e consegui apenas balançar a cabeça. Só esperava que o movimento fosse de afirmação. Isso resultou em um sorriso presunçoso nos lábios do mago. Avaliando-me de cima a baixo uma última vez, Vincent deu dois passos para trás, encostando a porta ao sair.

Eu sabia que ele estava certo. Podia sentir o esgotamento me consumir e a ideia de um banho quente – que retirasse o que restava das cinzas do Jardim de Fogo do meu cabelo – era muito acolhedora. Mas não tanto quanto me jogar na cama de Vincent. Hum. Com dois passos me encostei à cômoda, imaginando se tudo não estava acontecendo rápido demais... Quase instantaneamente balancei a cabeça, assustando-me com minha própria reação. Eu estava enlouquecendo? Não podia desejar outra coisa depois de tudo que passei para tê-lo ao meu lado. Não depois de, literalmente, enfrentar as profundezas das sombras para isso! Há dois meses eu daria tudo para estar aqui, comprometida com o homem que amava, pronta para passar o resto da vida com ele... Então, eu o perdi. Vivi toda a dor que um coração pode aguentar, toda a solidão que um ser humano pode suportar. Esta era a melhor justificativa para estar ansiosa em começar uma nova vida ao lado de quem eu amava com toda a minha alma!

De alguma forma, a consciência da felicidade aumentou o tremor que transformava meus ossos em gelatina.

Cambaleei para o banheiro e liguei o chuveiro, deixando o som da água ecoar no mármore por um longo minuto. Quando o vapor me envolveu como

uma nuvem tranquilizante, retirei o vestido de Christine com cuidado, controlando meu nervosismo infundado, e entreguei-me à água quente. Ansiosa para afogar minhas apreensões nos planos do meu futuro.

## Demônio

### Vincent Dippel

SEGUI COM MELISSA pelo corredor e tentei diminuir o ritmo, imaginando como ela ainda poderia estar de pé. A exaustão em seu rosto se misturava ao estresse acumulado nas últimas quarenta e oito horas e, somado a isso, ainda havia a revelação bombástica sobre seu pai... Isto a deveria estar consumindo, mas ela continuava firme. Nesta força estava mais um traço de sua herança. Apertei as mãos, frustrado. Como pude ser tão cego?

Minha culpa aumentou com o som fraco de uma voz cadenciada.

– Então... Você já sabia, não é? Sobre minha origem?

Desviei os olhos para o rosto cansado e, ainda assim, encantadoramente envolvente. O tempo ajustava seu magnetismo élfico de acordo com o crescimento do poder Deva, e percebi como isso me afetava...

– Juntei alguns detalhes depois que você viu minha aura de poder na Terra da Luz. E deveria ter feito isso antes. Acho que lhe devo um pedido de desculpas por isso.

Ela franziu a testa, formando adoráveis ruguinhas entre os olhos... Pisquei, libertando-me da força atrativa. Deveria estar mesmo cego para não ver o que estava diante dos meus olhos.

– Não estou culpando você. Sei que não tivemos tempo, tudo aconteceu rápido na Sala dos Portais. Só estou curiosa para saber quando você começou a juntar tantos detalhes.

Diminui o ritmo nervoso dos meus passos e segurei sua mão, apreciando o pequeno contato que tinha o poder de acalmar meu coração.

– Tarde demais. Eu tinha o conhecimento, Melissa, podia identificar a mudança... Mas estava tão obstinado em afastá-la dos perigos da magia que ignorei o que estava diante dos meus olhos. – Meu orgulho teria que conviver com a consciência de que ela estivera certa desde o começo. – Quanto mais penso no assunto, mais vejo como isso era óbvio. Por isso lhe devo desculpas.

Pensei realmente que ela iria levantar o rosto para dizer *eu avisei*. Mas Melissa apenas encostou a cabeça em meu ombro, a respiração ficando mais leve. Com voz tranquila, ela falou de forma clara e definitiva.

– Tudo é diferente agora. Vamos começar do agora, está bem?

Deveria imaginar.

Com seu espírito genioso e impulsivo, Melissa sempre brigava por seu



ponto de vista, por seus ideais, muitas vezes sem justificativa alguma além da teimosia. Mas nunca apontaria meus erros para se vangloriar. Porque não era orgulhosa. Eu era. Precisaria me esforçar muito para honrar essa mulher. Porque, de todas as criaturas sobre a Terra, eu era a que menos teria direito a tal compreensão.

Beijei sua testa, sentindo o calor emanar de sua pele... Apostava minha alma como ela nem notava a diferença.

– Eu, definitivamente, não mereço você.

Como um ser amaldiçoado, que fez tantas coisas ruins, poderia ter alguém tão benevolente ao seu lado? Eu a abracei pela cintura, tentando crer que aquele ser em meus braços era real.

Minha incredulidade questionou o futuro. As consequências de unir duas linhagens tão diferentes. O peso de uma lenda... Despertei daquela angústia quando Melissa apoiou-se em meu ombro, demonstrando seu cansaço. Eu a apoiei, tentando ignorar a sensação vivaz do seu corpo colado ao meu.

– ... Se isso for mesmo verdade, a nossa união... – Ela fez uma curta pausa. – A união de nossas linhagens, isso restaurou a lenda. – Sua colocação era uma reprise das minhas apreensões e me fez esquecer momentaneamente os pensamentos persistentes que comprovavam a criatura deplorável que eu era. – Não é?

Eu não precisava piorar as coisas ao dividir meus próprios temores. Mas Melissa chamou meu nome mais uma vez, exigindo uma resposta. Algo me dizia que, no fundo, ela aguardava apenas uma confirmação.

– Sim.

Seu corpo estremeceu e apertei meu abraço. Ela sabia, mas não queria acreditar. Não poderia culpá-la, porque também recusava a ideia de que nossa vida juntos se limitava a uma maldição.

– Eu... eu ainda não sei como, mas acho que era a isso que Ludwig se referiu em nosso encontro. Ele já sabia sobre mim. Sobre minha linhagem. Acho que falava da lenda quando disse que queria você e eu... Você e eu juntos, felizes e saudáveis. Mas porque nossa união é parte do plano dele?

Agora ela começava a ter consciência dos problemas que estavam por vir.

– Ele sabe que unir luz e sombra é algo raro e extremamente poderoso – falei, quase que para mim mesmo.

Era óbvio que Ludwig havia encontrado um meio de tirar vantagem da força desta lenda. A questão era... Como? Abaixei os olhos, avaliando sua angústia. O que eu podia dizer a ela? Que não tinha a menor ideia de como evitar isso? Que não restava alternativa a não ser esperar o próximo movimento do nosso inimigo? Obviamente, Melissa ficou aflita com meu silêncio.

– Ele vai vir atrás de nós, não vai?

Soltei o ar com força, já tinha minha resposta.

– Não quero que se preocupe com Ludwig. Em breve teremos o depoimento de Victor e colocaremos o Conselho contra ele. Seu plano será desfeito e todo esse terrorismo ficará para trás. – Abaixei o rosto, esperando que minha resposta fosse convincente. – Vai ficar tudo bem.

Eu a olhava atentamente e quase sorri quando Melissa assentiu. Ela desceu seu peso sobre meus ombros mais uma vez, e não hesitei. Com um movimento ágil dobrei seus joelhos em meus braços, levantando seu corpo ao encontro do meu peito. Ela agarrou meu pescoço, reprimindo um riso surpreso, e aninhou-se em meus braços em seguida. Seu perfume, doce e delicado, se espalhou ao meu redor... Eu já duvidava das minhas boas intenções.

– Vincent? Você está bem para se esforçar? Como estão seus ferimentos? Ainda doem?

A voz suave acariciava meu pescoço... iniciando uma tempestade de calor dentro do meu peito. A presença de Melissa alterava o controle do meu poder e isso parecia cada vez mais forte.

– acredite, *nada* poderia me fazer ficar melhor.

Deixei um beijo controlado em sua testa e, para aumentar a tortura, Melissa aproximou o rosto do meu pescoço. Eu podia sentir seus lábios em minha pele enquanto suas mãos escorregavam para meus cabelos, enrolando-se aos fios em minha nuca... Carregá-la não foi uma boa ideia. As recordações de nossos últimos momentos em Goch não ajudavam minha concentração e tudo que eu queria era voltar àquela casa com minha consorte. Abaixei o rosto para encontrar os olhos dourados, e eles me fitavam... preocupados. Ela havia percebido meu descontrole? De repente, fiquei com muito medo de decepcioná-la e repeti a mim mesmo que ainda não era a hora.

Caminhei com firmeza, olhando para frente sem nada ver. Quando chegamos à porta do meu quarto, eu a abaixei ao chão. Sua proximidade era mais do que podia aguentar. Fitando seu rosto confuso, caminhei pelo quarto e agarrei o primeiro objeto ao alcance das mãos, tentando mudar o rumo dos meus pensamentos.

– É bom estar de volta.

– É bom tê-lo de volta.

A voz suave tilintou em meus ouvidos, acariciando meu coração.

Por descuido, deixei meus olhos vagarem para a cama ao meu lado, tão grande e espaçosa... Demônios! Ficar nesse quarto ao lado dela não era uma boa ideia.

– Esta estadia é provisória Melissa. Este não é meu lugar. Nem o seu.

O silêncio dela aguçou minha curiosidade e levantei os olhos apenas para saber se ela entendeu o que não tive coragem de dizer. E, pela cor escarlate em seu rosto, ela entendeu. Esta não era nossa casa. A referência à casa de vidro no topo da montanha fez os olhos amendoados brilharem inocentes, talvez surpresos, e agora eu parecia tão nervoso quanto ela. Apertei o objeto em minhas mãos e, girando o corpo, coloquei o Espelho de Nereu de minha família a salvo, antes que o danificasse sem querer.

– Tenho que ir ao Conselho comprovar meu retorno, comunicá-los da comemoração do nosso Pacto e também, a descoberta de sua herança. Essa visita deve ser amistosa, mas nada é previsível quando se trata de Lorelei...

Saber que nosso Pacto de Futuro fora aceito pelo Mundo Mágico era um alívio, mas isso não impediria o frenesi que minha presença causaria na Torre dos Portais. Meu ressurgimento dos mortos surpreenderia muita gente. Mas não tanto quanto a notícia da continuidade da linhagem dos Devas. E, pior do que ser o porta-voz da notícia, era o juramento de sangue. Algo que sempre evitei por um motivo óbvio: saber demais. Viver do outro lado, junto aos excluídos, conferia-me uma bagagem de segredos nada confortável. E responder a *qualquer* questionamento com a pura verdade poderia comprometer pessoas inocentes... ou quase inocentes.

– Portanto, não espere por mim. Quero que descanse.

– Ainda acho que devo ir com você.

A censura estava pronta em meus lábios, mas, por descuido, fitei seu rosto por mais tempo do que deveria... Minha irritação se desvaneceu graças ao fascínio da beleza élfica. Não pude conter o suspiro. Não queria que ela notasse o quanto estava afetado e me concentrei no outro ponto primordial: uma herdeira dos Devas significaria muito para uma linhagem quase extinta. Poderia gerar comoção. Ou ira. Afinal, a única parente de Melissa era mais instável do que um Demônio, e eu conhecia sua influência sobre o Conselho. Precisava ter cautela.

– Será melhor preservá-la desse primeiro encontro, Melissa. Não posso prever qual será a reação deles.

Os olhos dourados se estreitaram, vibrando, voltando ao tom amendoado... Aquela era a expressão de indignação que mostrava o quanto ela detestava ser vulnerável. Como pude perder esses detalhes?

– Você disse que seria uma visita amistosa.

– Eu disse que nada é previsível.

– Acha que vou ficar tranquila sabendo que você pretende assumir a ira deles sozinho? Depois de sofrer com todo tipo de traição?

Eu normalmente ficava zangado com sua teimosia, mas precisava admitir que sua bravura era admirável. Principalmente ao defender alguém como eu.

– Fique tranquila... O Conselho não pode me punir por ser sequestrado. Muito menos por sobreviver a um ataque. E agora, sei que traições são possíveis. Estarei alerta. Por fim, Nicolau estará comigo. Ele se encarregará de deixar as notícias mais... diplomáticas.

Eu poderia sombrear a verdade, mas Nicolau era um diplomata e sua especialidade era dissolver nós em qualquer conflito, principalmente com o Conselho. Mas Melissa continuava com o olhar de esguelha. Eu a conhecia o suficiente para saber que precisaria provar que tinha razão.

– Sinceramente? Acho que neste momento você não consegue ficar muito tempo em pé.

Escoreguei um dedo por seu nariz, surpreendendo-a com o gesto. Melissa fechou os olhos, comprovando sua exaustão, e demorou mais do que o reflexo esperado para abri-los.

Quando conseguiu, suspirou frustrada.

– E você? Não está cansado?

– Dormi por tempo suficiente na Dimensão das Sombras. – Sua expressão descrente exigia mais justificativas. – Tenho muitos assuntos pendentes e o Conselho é apenas um deles. Preciso providenciar os detalhes da recepção de anúncio, revisar meus negócios, e também, ajustar alguns detalhes em *nossa* casa.

Ela assentiu, os olhos densos, profundos, conectados aos meus. A energia atrativa entre nós era tão forte que podia sentir o calor crescente em minha pele, esperando o mínimo contato. Melissa reluzia de forma hipnotizadora, como uma supernova, imperiosa, única... Exatamente como o anel que carregava. Fechei os olhos, reafirmando que não precisava me apressar. Ela já era *minha*.

Blasfemando comigo mesmo, voltei para pegar uma camiseta de dentro da cômoda e a deixei sobre a cama.

– Isto é para o caso de querer tirar o... Enfim.

Seria melhor não imaginar isso. Com os olhos no tapete negro, caminhei para a segurança do corredor. Na porta, lembrei que ela não poderia passar o dia seguinte com minha camiseta... Hum.

– Vou pedir para alguém providenciar roupas limpas para você.

Seus olhos se estreitaram, reprovadores, e já não sabia se era por minha evasiva ou pela preocupação persistente com suas roupas.

– Eu... Obrigada.

Vê-la irritada era um afrodisíaco potente para um homem apaixonado.

– Quando acordar, estarei aqui. Eu prometo.

Melissa balançou a cabeça, subindo e descendo os olhos com um movimento lento, provocante. Aquele olhar era um convite. Engoli em seco,

usando a racionalidade que me restava para lembrar que dividíamos estas paredes seculares com magos e outros seres nada discretos, que tinham por hábito controlar e aconselhar a vida alheia. Para eles, *privacidade* era uma reunião de urgência. Soltei o ar com uma lufada, imaginando um bom feitiço que mantivesse Melissa dentro do quarto... e a mim, do lado de fora.

Avaliei a frustração da mulher desejável à minha frente. *Minha* mulher. Não pude deixar de sorrir. Com uma sequência de movimentos forçados, encostei a porta do quarto e marchei pelo corredor, convencido de que esta era a decisão certa. No fim do corredor seguinte, eu já não tinha tanta certeza. Com as mãos cerradas, apressei meus passos, repetindo silenciosamente que *o certo jamais seria fácil*.

– Que bom encontrar você, mago!

A voz aguda da elfo de fogo afastou os pensamentos que me distraíam. Não pude deixar de notar sua satisfação por me pegar desprevenido. Ignorando seu sorriso, eu a olhei de cima.

– Era com você mesmo que queria falar, Lume – informei, sem nenhuma intenção de soar simpático. – Melissa precisa de roupas limpas.

A elfo abriu um sorriso nervoso enquanto inclinava a cabeça para os tecidos dobrados em seus braços.

– Ah, eu imaginei que precisaria. – Ela encurtou a distância respeitável que nos separava. – Separei alguns vestidos de Viviana para ela, vão servir direitinho.

Olhei para o volume em seus braços estendidos... Lume estava sugerindo que eu mesmo levasse aquilo? Apertei minhas mãos junto ao corpo. Não. Definitivamente, não. Eu já fizera um esforço descomunal para deixar aquele quarto e não estava disposto a testar meu autocontrole mais uma vez.

– Estou atrasado, Lume. Leve *você* as roupas. – Hesitei, percebendo que o tom autoritário não iria ajudar. Corrigi a postura tensa. Talvez algo cordial fosse mais eficiente... ainda que completamente infundado. – Por favor.

Quando as palavras tropeçaram para fora, fiquei satisfeito comigo mesmo. A cordialidade era um processo árduo e sofrido, mas necessário para os próximos dias. E, como nesta manhã, a expressão da elfo marcava a incompreensão diante do meu grande gesto.

– Ah... Sinto muito, senhor Vincent, mas Alice está me esperando. – Lume indicou o outro lado do corredor e reconheci um dos quartos de hóspedes da ala norte. – Eu a deixei de molho no banho depois que Armand, ou melhor, Heros, derrubou toda a produção de geleia de amoras em cima dela. Se eu não tomar cuidado, aqueles dois vão destruir o palacete! – Ela colocou os vestidos literalmente em minhas mãos. – Mas diga à Melissa para não se preocupar,

cuidarei muito bem de Alice.

Como poderia argumentar com isso? Baixei os olhos para os tecidos delicados... O segundo interminável foi muito bem aproveitado pela elfo. Lume desapareceu pela porta entreaberta do quarto de hóspedes e, mesmo a certa distância, pude ouvir o barulho alto de água se esparramando, um grito agudo e uma sequência de gargalhadas infantis. Concluí que era melhor não segui-la.

Balancei os olhos para o corredor vazio, procurando uma alternativa milagrosa que evitasse meu retorno ao quarto onde Melissa descansava. Num lapso de lucidez, fiquei tentado a largar aquilo tudo ali, no meio do corredor. Mas, com um suspiro, voltei pelo caminho que deveria evitar a todo custo, afirmando que era capaz de acabar com isso rapidamente. Tomado pela ilusão, entrei no quarto com o coração acelerado... E, depois do primeiro passo, compreendi que deveria ter batido na porta.

Parei, segurando a respiração, e me obriguei a varrer o cômodo com os olhos em busca da mulher que desestabilizava minhas emoções. Mas ela não estava ali. Em uma batida de coração, a agitação deu lugar à preocupação. Eu julgava o palacete um lugar seguro pela presença dos elfos, magos e também pelos guardiões dos portais espalhados nos três Jardins. Mas Ludwig era louco e ousado o suficiente para desafiar a todos nós. Cego pelo medo, joguei os vestidos na poltrona ao lado da porta e avancei pelo quarto em três passos largos... Meus olhos treinados varreram cada centímetro daquelas paredes em busca de traços da magia das sombras e pararam na porta entreaberta do quarto de banho. Um rápido movimento dentro dele levou a um gesto impensado: com um pulo, agarrei a maçaneta, preparado para qualquer coisa.

Ou quase.

Tentei piscar, mas não consegui. Estava congelado sobre meus pés, absorvendo a totalidade da minha visão. Lentamente, meus olhos acompanharam o veludo preto escorregar pela pele de seda, contornando curvas delicadas... Melissa deu um passo para o lado, desviando do tecido aos seus pés. Levantando os braços, juntou os cabelos, permitindo que eu contemplasse a silhueta que começava na nuca e terminava nos tornozelos. Meu coração parou de bater. Com o mundo congelado ao meu redor, me dei conta do infeliz condenado que eu era... hipnotizado diante de sua beleza angelical.

Meu anjo caminhou para a ducha, testando a temperatura da água que enchia o ar com uma névoa inconveniente de vapor. Eu estava respirando? Não. E quem se importava? Porque eu estava pronto para morrer. Quando a visão de seu corpo ficou borrada pela nuvem esbranquiçada, fui assaltado por um surto indesejado de culpa. Imaginei qual seria sua reação se me visse bisbilhotando... E, mesmo sabendo que aquela mulher era minha consorte, eu recuei. Dei um

passo bambo para trás, mas, no segundo, parei. Encostado à parede do quarto, espiei a porta entreaberta do quarto de banho mais uma vez... Afinal, nunca neguei ser um herdeiro do Demônio.

Com um longo suspiro flutuei pelos corredores até a escadaria do vitral, os olhos desfocados, recordando a visão de um anjo. Se não fosse pelos passos estalando nos degraus, nem notaria Nicolau subindo às pressas. Meu tutor estacou à minha frente e, apesar da taquicardia e falta de ar, pareceu feliz em me ver.

Apoiando as mãos no corrimão de madeira, ele recuperou o fôlego... enquanto eu recuperava minha sanidade.

– Vincent, que bom encontrá-lo. Estava indo falar com vocês!

Pisquei algumas vezes; é claro que ele iria. Quase balancei a cabeça, reprovando a indiscrição que parecia transpirar pelas paredes do palacete. E lembrei a mim mesmo que esse era um dos motivos que me fizeram abandonar aquele quarto.

– Aristela me contou sobre a linhagem de Melissa... – Nicolau continuou em tom exacerbado. – Céus! Como algo assim escapou de nossos olhos?

Eu ainda tentava escapar das lembranças grudadas em *meus* olhos e soltei o ar, reunindo algum raciocínio coerente.

– Fiz a mesma pergunta, Nicolau. – Para acalmar o mago, coloquei um pouco mais de certeza em minha voz. – Concluí que não havia meios de descobrirmos isso sem conhecer toda a história de Melissa. Ela teve seu poder absorvido por Ludwig antes de tê-lo despertado por completo, precisou de anos para se recuperar no Mundo Físico e de vários estímulos para despertar o gene mágico novamente. Neste ponto, imagino que minha presença, a proximidade da montanha e as viagens ao Mundo Mágico sejam os pontos principais da lista. Considerando tudo isso, não poderíamos agir de forma diferente.

Nicolau concordou, esfregando a testa.

– Bem, a linhagem de Melissa torna *tudo* diferente. E muda algumas coisas... – O mago conselheiro pareceu preocupado. – Félix já havia feito o comunicado do seu retorno ao Conselho e eles aguardavam sua presença, mas, agora, precisamos levar Melissa conosco. É nosso dever informá-los das recentes descobertas.

Nicolau não precisava me lembrar de seu juramento como Conselheiro Von Berg. Eu também tinha ciência do protocolo.

– Como minha consorte, ela não precisa estar presente. Posso representá-la. De qualquer forma, é apenas um protocolo. Eu mesmo não estava lá quando Félix fez o comunicado sobre meu retorno.

– Mas o Conselho requisitou sua *presença*, como vai solicitar a dela. E, nos

dois casos, você há de convir que averiguações não são apenas compreensíveis, mas necessárias para comprovar a veracidade dos fatos. – O mago escorregou a mãos pelos cabelos escassos. – Você voltou da morte e ela é uma Deva! Um teste com seu dom será exigido para excluir qualquer fraude.

No que se referia ao meu retorno, era ridículo, mas não havia muito a discutir. Apenas minha presença no Conselho da Tradição atestaria que eu não era fantasma. Ainda assim, era muito arriscado colocar Melissa frente a frente com Lorelei, e deixá-la nas mãos da elfo original para um teste de linhagem estava fora de questão.

– Sou legitimamente o consorte de Melissa e, por enquanto, eles terão que se contentar com meu depoimento – falei, decidido. O mago conselheiro pareceu incrédulo. – Ela está descansando, Nicolau. Depois de tudo que passou para me resgatar, Melissa precisa descansar. Ela exigiu demais de seus poderes, e sabemos que não tinha condições de fazer isso sem desgastar o próprio corpo. Por falar nisso, a ajuda de Alex seria bem-vinda para acelerar o processo... Um pouco de pó do sono não vai curar o que se perdeu, mas vai garantir que Melissa se reestabeleça com o pouco que possui. Não sabemos o que ainda está por vir.

Nicolau pareceu preocupado.

– Concordo que o período de descanso seja fundamental para seu bem estar, mas...

– Este não é o momento de Melissa ficar diante do Conselho, Nicolau. Ainda não. Ela precisa aprender a se defender. Sem seus poderes, ela seria uma vítima fácil para a ira de... – Pausei antes de completar minha acusação, mas, pela expressão de entendimento do meu tutor, nem precisaria. – Todos sabem da importância dessa linhagem, mas Melissa não. Ela não tem ideia da grandiosidade dessa descoberta, e acho que não preciso mencionar o quanto é incerta a reação da única integrante de sua família mágica.

Nicolau levantou os olhos até o topo da escadaria, na direção do corredor principal que levaria ao meu quarto. Sua hesitação foi breve.

– Compartilho de sua preocupação, Vincent, mas, tratando-se de Lorelei, sabemos que uma justificativa será exigida. Ela não vai tolerar incertezas. – Pensativo, o mago buscou alternativas. – Se ao menos eu visse o poder de Melissa, poderia fazer o juramento de veracidade como representante Von Berg... Se for verdade, vai haver grandes mudanças!

– Sei disso. E acredite em mim, é verdade. Melissa é a herdeira de Eddall. Não há dúvida.

– Estou chocado e preocupado, mas isto parece mais óbvio a cada minuto que penso sobre o assunto. Porque justifica tudo! Todas as coisas para as quais eu não achava uma resposta coerente. E é aí que as coisas ficam complicadas...



Toda uma hierarquia precisará ser reconstruída! Como vê, não é só Lorelei. Todo o Conselho da Tradição questionará os fatos. Melissa precisará fornecer uma prova irrefutável de sua herança, ou será colocada em quarentena.

– Jamais deixarei que toquem nela!

– Também não quero isso. Por isso mesmo, precisamos de algo plausível.

Frustrado, lembrei-me de que o mundo fora do meu sonho não era nada paciente. Com um suspiro resignado, coloquei as mãos nos ombros do meu tutor.

– Nicolau, eu serei a prova – informei, com os olhos no rosto chocado. – Estou vivo graças a ela, ao poder de compartilhamento Deva. Além disso, Melissa possui todos os dons dos Devas: fogo, luz, sombras... Todos eles! – Precisei de toda minha determinação, porque sabia do risco por trás da minha decisão. – Vou fazer o juramento de sangue para depor a favor dela. Depois, quando ela estiver recuperada, você pode testar seus dons. E isto será uma exigência... Quero que *você* faça isso. Ninguém mais. O Conselho terá que aceitar estes termos, porque serão os únicos oferecidos. Não vou permitir que Melissa fique diante de Lorelei sem saber sua reação à notícia. Não é seguro. Você sabe disso.

– Mas... Vincent, um juramento é muito arriscado! – Nicolau segurou meus braços. – Se estiver em um juramento de sangue, vai ter que responder a *todas* as perguntas dos Conselheiros, inclusive sobre a época em que vivia com Ludwig. Não vai poder esconder nem mesmo um pensamento! E, conhecendo o repúdio de Lorelei por sua linhagem, é claro que ela vai encontrar um meio de incriminá-lo... Aquela Deva espera uma chance de tê-lo sob o juramento do Conselho desde que você chegou à montanha! Daquela vez conseguimos burlar o protocolo, mas milagres raramente se repetem. Ainda mais com precedentes!

Eu sabia de tudo isso, mas, desta vez, não tinha alternativa.

– Então temos que torcer para ela ficar tão abalada com as novidades a ponto de esquecer as perguntas que podem me comprometer. – Inspirei longamente. – Por isso vou precisar de sua ajuda mais uma vez... para guiar meu depoimento. Você, melhor do que ninguém, sabe que algumas respostas podem me colocar no exílio. Outras podem gerar uma crise no Mundo Mágico.

O sábio mago de olhos avelã buscava com afinco a trilha de esperança que se escondia nesse emaranhado. Depois de uma golfada de ar, concordou.

– Vamos precisar de muita cautela... Mas talvez seja possível. Afinal, não é a primeira vez que enfrentamos o Conselho em circunstâncias desfavoráveis. – Nicolau jogou as mãos ao ar. – Que os antigos protetores Von Berg nos ajudem!

Expulsando o ar que pesava meus pulmões, comecei a descer a escada. Depois de alguns degraus, Nicolau recobrou seus movimentos, apressando-se atrás de mim. Cruzamos a sala do piano até a porta principal em silêncio. No

caminho para a ponte de pedra, a tensão parecia se tornar audível, como se a colisão de átomos ao nosso redor fosse uma chuva de meteoros.

Passei pelas gárgulas ferozes com os olhos fixos no caminho de pedra, que era o acesso mágico para a Torre dos Portais. A partir dali, Nicolau tomou a dianteira, esforçando-se na concentração para abrir a passagem do Portal Von Berg. Eu voltei ao passado, revivendo uma cena parecida... quando um rapaz revoltado engoliu seu orgulho e pediu ajuda a um tutor para convencer o Conselho da Tradição de que queria apenas fazer parte da família da montanha.

– Acho que lhe devo desculpas por tantas confusões, Nicolau. Principalmente pelos problemas que se acumularam na comemoração de última hora, como a visita do Demônio das Sombras. Sei que a presença dele é muito incômoda para vocês. Não falo apenas da maldição de Armand; como responsáveis pela montanha, a responsabilidade pelos possíveis imprevistos desta visita recairá sobre vocês. – Encolhi os ombros, sentindo-me um menino travesso diante da concordância que crescia no rosto do meu tutor. – Eu sinto muito... Quando você e Aristela escolheram me abrigar, em memória à minha mãe, imaginavam que o pior já havia passado. Bom, no meu caso, acho que o pior não tem limites.

Nicolau deixou escapar uma risada astuta enquanto girava os braços no ar, dando início a uma nuvem esverdeada. Quando a massa densa nos envolveu, ele desviou uma das mãos para meu ombro, sem disfarçar o bom humor.

– Preciso admitir, penso em me aposentar todos os dias. Mas desisto sempre que vencemos um desafio, e foi por eles que assumi o cargo de representante do povo desta montanha. – Com um gesto amplo, ele indicou os jardins da casa. – O desafio está no sangue dos Von Berg... E não falo apenas por mim, mas por Aristela também. Nosso coração busca a justiça. Foi para fazer justiça que nos responsabilizamos por você. Acreditamos em você, Vincent. No que vive aqui dentro! – Com um dedo, o conselheiro tocou o lugar exato do meu coração, ampliando o sorriso. – Até agora, estou muito satisfeito com o que vejo. Por isso, não mudaria nenhuma das minhas decisões. Eu sou grato por elas. – Nicolau voltou-se para a nuvem verde. – E, para ser sincero, a vida seria muito enfadonha sem estas confusões.

Dizer que eu estava aliviado não era verdade. Eu estava *muito* aliviado, principalmente por não ser uma decepção ao único homem que conheci como pai.

Nicolau caminhou pela ponte de pedra para dentro da nuvem verde e fez um sinal para que eu o acompanhasse.

– Quanto a Victor, quero que encare essa visita como uma oportunidade. – O mago caminhava com passos firmes e sua voz começou a ficar distante,

tomando forma de eco na bruma verde. Eu me apressei para não perdê-lo de vista. – Não vejo o senhor das Sombras desde que Armand recebeu sua maldição. Mesmo não sendo simpático à sua neutralidade, espero uma oportunidade de revisar o assunto. Isso nunca foi possível antes; afinal, ele raramente sai da Dimensão das Sombras. E, como sabe, poucos têm permissão para entrar nela. – Virando o rosto sobre o ombro, o mago fez crescer um sorriso esperançoso. – Como vê, a inconveniência pode disfarçar uma oportunidade!

Sabia como isso era importante para eles; infelizmente, também sabia que Victor nunca faria nada que não o favorecesse, sua essência egoísta não permitiria que agisse de outra forma. Sendo assim, não poderia incentivar meu tutor a iniciar algo que só causaria mais sofrimento. Mas quem era eu para aniquilar sua esperança? Embora repudiasse essa sensação enganosamente reconfortante, era fato que a alimentava quando o assunto era meu futuro. Por este motivo, fiquei calado.

No meio do verde claustrofóbico, um conhecido portão tornou-se visível. Nicolau o empurrou, dando-me passagem, e, depois de outro passo, parei. Estava de volta à sala oval de pedra e seus vitrais coloridos... O lugar em que fui traído, quase morto, mas também, recebi um sopro de vida. Onde descobri que meu amor pode ser mais poderoso que a morte. De onde fui levado por meu inimigo e agora voltava determinado a aniquilá-lo de vez. Um lugar onde iria jurar com meu sangue, por minha verdade. Por minha justiça. Porque *agora* acreditava que merecia um futuro de paz.

## Conselheiros

### Vincent Dippel

ACOMPANHEI NICOLAU até a porta de fogo que trancava a sala do Conselho, mas o mago impediu meu avanço. Com a mão em meu ombro, ele procurou meu rosto.

– Não acho prudente que fale por si. Seria mais sensato se eu conduzisse tudo sozinho.

– Não quero comprometê-lo ainda mais, Nicolau. Quero apenas que complete meus esclarecimentos. Quanto menos detalhes, menos riscos. Além disso, Félix já se encarregou da parte chocante... E eles nem imaginam que isso é só o começo. Confesso que estou ansioso para ver a reação de Lorelei.

Nicolau balançou a cabeça, sabendo que seria impossível me convencer do contrário.

– Tudo bem. Mas gostaria de lembrar que ela vai provocá-lo. Por favor, Vincent, não revidar. Se você quer sair daqui para providenciar os preparativos da comemoração do seu Pacto de Futuro, não se deixe levar. – Levantei os lábios de forma discreta, era justamente esse o caminho que eu usaria para obter mais informações sobre Lorelei. As reações da Deusa eram a melhor forma de descobrir mais sobre seu passado, confirmar minhas suspeitas e virar definitivamente esse jogo. Atento ao meu rosto, Nicolau suspirou, quase inconformado. – *Tente* falar o mínimo necessário... Não dê brechas para perguntas e lembre-se... – O mago espiou a porta preenchida por fogo. – Estou do seu lado.

Alinhando os ombros, agradei, posicionando-me diante das labaredas ameaçadoras. Nicolau anunciou nossa entrada com um murmúrio concentrado e, assim que as chamas baixaram, avistei uma imagem muito conhecida... Travei o maxilar, me culpando por ser tão cego. Era estranho ver naquela mulher intragável tantas semelhanças com alguém que eu amava e, ainda assim, cultivar uma aversão viperina pela figura.

Lorelei pareceu realmente surpresa com minha presença e, tentando se sentar, quase caiu da poltrona. Isso era estranho, já que Félix havia se incumbido de avisar ao Conselho sobre meu retorno. Confirmando minha teoria, Alleb, o mago ancião de traços orientais, levantou os lábios por baixo da longa barba branca, como se esperasse nossa chegada. Sem perder tempo, meu tutor caminhou ao seu encontro, e eu o segui, pisando na sala de juramento pela

primeira vez. Nicolau iniciou as formalidades, anunciando o propósito da audiência: confirmar meu retorno e esclarecer meu sequestro.

Ao contrário de Lorelei, Alleb aquiesceu tranquilamente; e tive certeza de que poucas coisas poderiam chocá-lo. Já a Deva, sentada logo atrás, permanecia fora de foco. Pelo seu silêncio atônito, havia perdido a voz. Embora sua reação a minha presença fosse algo curioso, não escondi minha satisfação com a cena. Percebendo que a outra conselheira continuava prostrada em seu assento, Alleb fez um sinal com uma das mãos, dando a entender que conduziria a audiência.

O ancião se aproximou com a cautela exigida por seu corpo frágil e, durante o movimento, avaliou-me de cima a baixo, como se estivesse satisfeito com o que via.

– Ora, ora, mago das sombras! É muito bom vê-lo entre nós – disse com o mesmo sorriso atrás da barba.

Estreitei os olhos, avaliando a sonoridade branda daquela voz sábia, procurando algum traço de hipocrisia ou ironia. E me surpreendi por não encontrar o que procurava. Meu reflexo automático de defesa falou mais alto e, antes que percebesse, estava olhando o velho mago de cima, ponderando sua fragilidade. O ancião percebeu a mudança. Eu não pretendia intimidá-lo, mas esse era um hábito difícil de conter. De qualquer forma, nada parecia funcionar quando se tratava daquele velho. Surpreendendo-me mais uma vez, Alleb sorriu. Não que eu desejasse um grande pandemônio, mas estava mais satisfeito com a reação de Lorelei... A conformidade do ancião era... desconcertante.

O velho deslizou os dedos pelos poucos fios de barba.

– Pelo que o líder elfo informou faz pouco, você têm muitas novidades para este Conselho, mago das sombras.

– Sim, Conselheiro.

E foi a vez de Nicolau fazer às vezes de mediador.

– Félix foi incumbido de anunciar o retorno de Vincent, mas viemos pessoalmente para esclarecer os detalhes de seu sequestro.

Lorelei arfou.

– Alleb? Voc-cê sabia disso? – A voz distorcida da Deva era música para meus ouvidos. Com mais um olhar para seu rosto atônito, entendi seu choque. Por algum motivo, o velho não dividiu a novidade com a amiga conselheira. E, por esta única decisão, o ancião me pareceu mais simpático. Confirmando meu julgamento, Alleb voltou-se vagarosamente para a Deva, levando uma das mãos até a cabeça.

– Perdoe-me, Lorelei, minha memória me prega algumas peças às vezes. De qualquer forma, é ainda melhor ouvir as novidades pelo próprio mago das sombras, não acha? – Com o mesmo movimento vagaroso, a mão do velho

destacou minha presença na sala.

A expressão da Deva era impagável.

– Certamente.

Mesmo estando visivelmente furiosa, sua voz soou calma e articulada.

Com um sorriso astuto, o mago ancião concentrou-se em mim mais uma vez.

– Pois bem, Vincent Dippel, como pode notar, estamos ansiosos para ouvir o que tem a dizer. Portanto... – Com outro gesto lento ele indicou uma mesa ao canto, onde um alfinete medieval estava suspenso por hastes de cristal. Travei os dentes, era tarde para recuar. – Se veio até nós, é porque está certo de sua verdade. Faça seu juramento, e estaremos ouvindo.

Embora me esforçasse para neutralizar a ansiedade, o velhote parecia um radar pronto para captar minha hesitação. Sem perder tempo caminhei para a lateral da sala, contornando Nicolau que, a meu ver, disfarçou muito bem sua apreensão. Incerto da loucura que estava prestes a fazer, retirei o alfinete do apoio e, respirando profundamente, forcei a ponta do alfinete contra minha mão. A lâmina de prata não só parecia, mas *era* muito afiada... minha força excessiva não perfurou só a pele, mas também, boa parte de minha mão. Um xingamento em alemão me escapou enquanto eu devolvia o alfinete ao seu apoio.

Sentindo a mão latejar, voltei até o mago ancião, deixando um rastro de sangue atrás de mim.

– Acho que me esqueci de mencionar, meu rapaz, mas preciso apenas de uma gota.

Segurei o comentário malcriado em respeito à sua idade.

Ignorando meu desagrado, o velhinho de aparência frágil esboçou um risinho, enquanto puxava um pequeno vidro de sua casaca. Ao seu comando, uma única gota do meu sangue se desprende do ferimento. Esquecendo-me do desconforto, acompanhei com atenção o percurso da gota rubra que subiu ao ar, deixando-se cair dentro do pequeno frasco transparente. Alleb estreitou os olhos para observá-la de perto; depois, abriu-os com certo exagero, como se estivesse... surpreso com o que via. Eu já não sabia o que seu gesto significava.

Piscando algumas vezes, o velho desfez sua expressão admirada. Poderia ficar satisfeito por surpreendê-lo, mas algo me dizia que sua surpresa não era um bom sinal. Em seguida, ele devolveu o vidrinho a sua casaca e, embora não conseguisse ficar totalmente ereto, assumiu uma postura formal.

– Muito bem, mago das sombras, como sabe, posso sentir a vibração de sua essência... Devo confessar que é a primeira vez, em toda minha existência, que tenho a oportunidade de ler a essência das sombras... fascinante. – Ele ajustou a voz, de maneira didática. – Deve saber que nada acontecerá se suas palavras

forem verdadeiras. Mas, se em algum momento escolher o caminho da leviandade – ele pausou – ou da *omissão* – frisou –, será punido pelas leis do Conselho da Tradição.

Assenti, aceitando seus termos. Afinal, não tinha alternativa.

– Estou ciente, Conselheiro.

– Então... estamos prontos para seu relato, Vincent Dippel.

O mago franzino afastou-se um passo, aproximando-se da Deva, que, com a postura indiferente, conseguiu mascarar suas emoções.

Limpei a garganta, escolhendo por onde começar... Era fato que minha presença bastava para provar que não estava morto, mas para todo o resto eu deveria me preparar com cuidado. Avaliando a inércia da Deva em sua poltrona, concluí que deveria ser conciso. Cumprir o protocolo era o melhor começo; depois, dar a notícia bombástica e deixar aquele lugar enquanto tivesse chance. Bom, esse era o plano.

Com um som rouco, limpei a garganta para dar voz à minha insanidade.

– Acredito que Félix informou ao Conselho sobre o motivo do meu desaparecimento, mas gostaria de trazer mais detalhes sobre a noite em que fui sequestrado. – O mago ancião apenas acenou, pedindo que eu continuasse. Com certa ansiedade, lancei minha acusação. – Confirmo que o elfo das sombras, Lúcius, me atacou com um punhal das sombras na Sala dos Portais. Mas foi um mago das sombras que me raptou... – Olhos atentos me encaravam e com certo prazer, concluí: – *Ludwig Dukell* me levou para a Dimensão das Sombras, mas antes, atacou Ayla e matou Lúcius. – Precisei fazer uma pausa. – Ludwig é o outro mago das sombras que está rondando a montanha dos Von Berg. Ele é o responsável pelos assassinatos do elfo Piro e do duende.

Um longo silêncio seguiu meu monólogo, e foi suficiente para Lorelei voltar a seu estado catatônico. No entanto, Alleb deu um passo à frente... O pequeno mago corcunda até pareceu intimidador.

– Embora sua essência confirme a verdade, mago, espero que saiba o quanto esta denúncia é grave. O mago Ludwig Dukell é o representante dos magos das sombras no Mundo Mágico, e uma acusação dessas terá inúmeras consequências.

– Reafirmo minha denúncia contra Ludwig, Conselheiro.

Mais uma pausa. Desta vez, tive quase certeza de ver a dúvida passar pelos olhos do Conselheiro.

– Mais uma vez, sua essência confirma sua certeza. – O ancião fez uma pausa. – É de sua ciência, mago Vincent, que este Conselho conhece *todas* as desavenças entre o referido mago das sombras e sua família? – Afirmar uma única vez e o gesto foi repetido por Alleb. Ele estava me dando uma chance de

voltar atrás... mas eu não faria isso. Não de novo. E desta vez não me importava com as consequências. – Deve saber que estes antigos conflitos, mesmo anteriores a Ludwig se tornar seu tutor, vão pesar em um julgamento presente. – O velho se aproximou, abaixando o tom de voz. – Reafirma sua denúncia, mago?

Mais uma chance.

Sabia que o ancião não duvidava de mim, porque tinha a prova da minha verdade em sua casaca. Isto me fez concluir que, de maneira improvável, o velhote desenvolveu algum apreço por mim.

– Sim, Conselheiro.

– Muito bem. Espero que compreenda, este Conselho precisa exigir mais do que um juramento para agir com justiça. – Alleb deixou cair os ombros, ficando ainda mais curvado. – Vincent Dippel, você deverá apresentar provas ou outro testemunho que justifique o seu. Caso contrário, sua acusação poderá ser usada contra você.

Esta era a hora do meu trunfo.

– Tenho outra testemunha para confirmar meu depoimento, Conselheiro. – O ancião endireitou imediatamente a cabeça, ouvindo com atenção. Completei sorrindo... – O Demônio das Sombras, soberano da Dimensão das Sombras.

Lorelei levantou da poltrona, estarrecida.

– Victor? Você está falando de Victor?

Não olhei para ela ao responder.

– O próprio.

Só esperava que o Demônio das Sombras continuasse disposto a ser minha testemunha; caso contrário, acabara de assinar minha condenação.

– Isso é um absurdo sem tamanho... Estamos perdendo nosso tempo aqui! – A Deva exclamou, sem conter seu descontrole.

Lutando contra seu corpo frágil, a voz do ancião carregou sua autoridade.

– Ele está dizendo a verdade, Lorelei.

Satisfeito com a perplexidade muda da Deva, continuei:

– Como eu disse, Ludwig levou meu corpo inconsciente para a Dimensão das Sombras, confiando-me aos cuidados do Demônio das Sombras para acelerar o processo de cura. O próprio Demônio pode confirmar isso. – Sem resistir ao impulso, passei os olhos pelo rosto atordoado de Lorelei – Ludwig precisava ter meu poder reestabelecido para concluir seu plano, apenas por isso não me deixou morrer. Para garantir isso, ameaçou minha consorte quando ela tentou me resgatar. Foi à Melissa que o mago das sombras confessou seus crimes... Mas imaginei que o depoimento dela ou o meu não seriam suficientes para incriminá-lo. Por isso, solicitei ao próprio Demônio das Sombras que viesse até o Conselho para dar seu relato. Ele é minha testemunha. E também, meu convidado para a



comemoração do meu Pacto de Futuro, que deverá acontecer em três dias do Mundo Físico. Nesta data, ele poderá confirmar minhas palavras.

Ouvi um gemido estrangulado que achei vir da Deva, mas não desviei os olhos desta vez.

– E você pode nos dizer o motivo que levou o mago Ludwig a fazer todas estas atrocidades?

Um suspiro escapou sem que pudesse conter.

– Infelizmente não, Conselheiro. Cheguei a achar que ele desejava me incriminar; depois, que desejava absorver meu poder, como já tentou antes... Uma vingança por eu tê-lo abandonado. Mas os últimos acontecimentos indicam que ele deseja algo muito maior. Algo grande o suficiente que justifique o risco de envolver o Demônio das Sombras em seus planos. E é do conhecimento deste Conselho o desejo de poder do mago Ludwig. Isso nunca foi segredo, aqui ou na Terra das Sombras.

Alleb voltou a deslizar os dedos pela barba rala, em uma longa pausa pensativa.

Neste momento, Nicolau resolveu intervir... De forma concisa, explicou os detalhes menores, informou sobre os preparativos para a Recepção de Anúncio do meu Pacto de Futuro, e também, os outros preparativos, que garantiriam a segurança de *todos* durante a chegada do ilustre convidado. Eu apenas ouvi, imaginando se ele acreditava mesmo nisso. Porque ele sabia, tanto quanto eu e os outros ali, que um Demônio como Victor não poderia ser controlado.

De qualquer forma, seu discurso permitiu que os Conselheiros avaliassem a notícia... E eles nem imaginavam o que ainda estava por vir.

Quando Nicolau terminou, Alleb apenas assentiu, intrigando-me ainda mais com a calma incomum diante de tantas novidades. Já a Deva parecia mais descontrolada do que nunca. Lorelei usou a levitação para cobrir o curto espaço que nos separava e, pela expressão enfurecida, sabia que estava procurando um meio de usar as novas informações contra mim.

– Deixe ver se entendi – disse asperamente, pousando ao lado de Alleb. – Você convidou Victor não só para a Terra da Luz, mas também para a montanha, ou seja, para o Mundo Físico... Tudo isso, sem o consentimento do Conselho. Ignorando a frágil aliança que equilibra Luz e Sombra. Pondo em risco um acordo de milênios que garante a paz em toda a comunidade mágica! – Lorelei levantou uma das mãos, e quase acreditei ver fogo saindo dela. – Você tem ideia do que pode acontecer se aquele demônio se irritar?

Alinhando minha postura, levantei o queixo. De propósito, desta vez. Sim, eu queria intimidá-la.

– Ele foi convidado para uma festa. Não tem motivos para se irritar. A não

ser que *alguém* o desafie por imprudência. Ou *vingança*. Caso contrário, tudo deve permanecer dentro da cordialidade. E, sinceramente, não acho que alguém seria capaz de arriscar uma aliança *que equilibra a comunidade mágica* apenas por implicância.

A referência às suas palavras foi uma provocação direta. Com os olhos fixos em sua mão, que chispava em ondas douradas, preparei-me para levantar um escudo de proteção em uma fração de segundo. Mas recuei ao sentir a mão de Nicolau tocar meu ombro.

Compreendendo o descontrole da Deva, o ancião assumiu a audiência mais uma vez.

– Devo dizer, *em nome do Conselho*, que a visita de Victor é algo inesperado... Mas concordo com você, Vincent. Não creio que o Mestre das Sombras criará maiores transtornos. – Algo no rosto do ancião pareceu realmente reconfortante e, por mais que evitasse ter esperanças, foi difícil segurar a expressão duvidosa... *Isso daria certo? Seria finalmente o fim de Ludwig?* Percebendo minha dúvida, Alleb finalizou: – Vamos aguardar que seu depoimento se confirme, e só então tomaremos as atitudes necessárias.

Outra figura em meu campo de visão se fez notar graças a sua irritação mal contida.

– Devo acrescentar que foi insano, embora muito inteligente, solicitar o depoimento do Demônio das Sombras... uma vez que ele não poderá ser questionado.

A voz ácida da Deva acompanhou o olhar acusador. Sustentei este olhar, preparando-me para desestruturá-la de vez.

– Obrigado Lorelei.

Vi a Deva levitar brevemente ao ouvir seu nome, mas ela logo voltou ao chão, mascarando seu descontrole com habilidade.

– Devo lembrá-lo, mago das sombras, que o Conselho *sempre* encontra meios de fazer justiça.

Esta era minha confirmação... Embora a Deva não pudesse contestar o depoimento de Victor, faria de tudo para encontrar um meio de contestar o *meu*. Lorelei era determinada, intransigente, e certamente, não possuía compaixão. Principalmente com as Sombras. Ela seria perfeitamente capaz de deixar um assassino à solta por capricho, por não aceitar ser contrariada. Isso não modificou a ideia que tinha da Deva, apenas elucidou algumas suspeitas. E era hora de esclarecer outras.

– Imagino que essa *justiça* seja desprovida de interesses. Isso me deixa aliviado.

Meu tom provocador foi um teste ao qual Lorelei reagiu com perfeição. A

Deva abriu a boca e achei que iria gritar, realmente achei, mas ela pareceu desistir no último segundo. Lorelei era mais dissimulada do que eu pensava. Mas duvidava que conseguisse manter a máscara que escondia sua verdadeira essência por muito tempo.

A mudança na postura da Conselheira também foi percebida por Nicolau, que se remexeu apreensivo ao meu lado. Eu entendi o gesto... Antes que Lorelei tivesse oportunidade de mudar a direção de suas perguntas, eu precisava continuar com as novidades chocantes. Surpreendê-la parecia a melhor forma de evitar perguntas que poderiam me comprometer. Era hora da última revelação... A que eu aguardava ansiosamente.

– Há ainda um último assunto que gostaria de trazer a este Conselho. – Ainda de queixo erguido, fixei meus olhos na máscara de gelo da Deva. – A recém-descoberta linhagem mágica de minha consorte, Melissa Wels.

Estreitando os olhos dourados, Lorelei tentava decifrar minhas palavras.

– O que você sabe sobre a linhagem dela, mago?

Com satisfação, dei um passo à frente, elevando minha postura para responder àquela mulher intragável.

– Tudo. Sua origem, a de seus antepassados... O motivo que freou seu desenvolvimento mágico. O incentivo que o fez desabrochar depois de tanto tempo. Mas, o principal, sou a prova de seu dom e, conseqüentemente, de sua linhagem.

Por um momento achei que a Deva tinha vacilado, mas, desviando minha atenção, Alleb se aproximou.

– Muito bem, comece pelo princípio, mago das sombras. – O mago ancião falou devagar, ignorando a ansiedade evidente de sua colega.

– Nicolau já deve ter informado que a magia de Melissa despertou há pouco tempo e de forma inconstante. Isso aconteceu porque seu poder foi absorvido durante o desenvolvimento. Na verdade, absorvido por Ludwig, em nosso último confronto nos bosques da montanha.

Neste ponto, Nicolau achou melhor intervir.

– Como deve lembrar, Conselheiro, este confronto foi relatado. Mas, sem vestígios de magia, imaginávamos que Melissa, a menina ferida, era apenas uma moradora da cidade que teve a fatalidade de cruzar o caminho de dois magos descontrolados. Descobrimos recentemente que Melissa e sua irmã, a pequena maga Alice...

– A protegida dos Von Berg – Alleb completou com voz serena.

– Sim, ela mesma. A linhagem de Alice e Melissa vêm de magos renegados, que moram nas terras da montanha há muitas gerações. O antecessor mágico das irmãs é seu avô materno, George Wels. Embora as garotas tenham escolhido

viver a magia, até agora seu avô insiste em se abster da herança.

Sem perceber que este era apenas o começo, Alleb deslizou a mão pela longa barba branca e suspirou antes de se pronunciar.

– Segundo as regras do livre arbítrio, não podemos interferir. O citado George Wels é livre para negar a magia, assim como suas netas são livres para aceitá-la.

Nicolau assentiu e continuou com a parte que lhe cabia como representante Von Berg.

– Sim, Conselheiro, não pretendemos interferir em suas escolhas. Mas, por permanecer exclusivamente no Mundo Físico, Melissa não teve ajuda no reestabelecimento de seu poder. Isso afetou suas habilidades e ainda não sabemos se há sequelas.

Acompanhando a narrativa, fiquei abalado com as prováveis consequências que se tornavam reais pela primeira vez... Mas uma espiada para a Deva de olhar amedrontado fez o propósito da audiência retomar seu foco. Com um sinal para Nicolau, assumi a preleção que chegava à sua conclusão bombástica.

– No caso da pequena Alice, a linhagem perdida basta para esclarecer sua magia. Mas no caso de minha consorte, Melissa, o problema se mostrou mais complexo. – Parei propositalmente, apenas pelo prazer de ver o rosto de Lorelei perder a cor. – Melissa carrega outra linhagem, uma herança única. Poderosa. Que provém de seu pai. – Como eu suspeitava, Lorelei desconfiava do que eu estava prestes a revelar. A Deva arfou, mas, ainda assim, permaneceu em silêncio. Isso somou pontos à minha desconfiança. – Um Deva.

Lorelei permaneceu estática e eu não poderia estar mais satisfeito com o temor que perpassava os olhos amendoados. Até Alleb abandonou a habitual imparcialidade e, demonstrando sua incredulidade, retirou o vidrinho com meu sangue de sua casaca e observou-o para confirmar a veracidade de minha afirmação. O curioso é que a Deva nem ao menos voltou os olhos para checar a conclusão do colega. Ao invés disso, deu um passo adiante, levantando a voz asperamente.

– O único que poderia ser acusado dessa irresponsabilidade está morto. Isso faz de *mim* a única descendente remanescente da linhagem Deva – disse com voz alterada.

Havia conseguido meu objetivo: desestabilizá-la. Agora era hora de colher informações para preencher minhas lacunas.

– Posso informações sobre seu irmão que a Conselheira desconhece. – Com um meneio de cabeça, captei a atenção de *todos* os presentes. – Antes de morrer de forma tão trágica, Eddall se relacionou com Angelina, uma moradora da montanha. – A referência à morte do irmão fez o gelo voltar aos olhos de

Lorelei, confirmando o que eu precisava saber. – Angelina, a mãe de Melissa, era uma maga de linhagem renegada que decidiu restaurar sua magia depois de se envolver intimamente com Eddall. Esse relacionamento gerou uma herdeira: Melissa. Todos os registros de sua descoberta e desse encontro estão no *Grimaire* da família Wels. – Vendo a aflição crescer no rosto de gelo, finalizei meu teste. – Pensei que isso a deixaria feliz, Conselheira. Graças ao relacionamento de seu irmão, você não está mais sozinha nesta herança. Agora, a decisão de continuar ou não a linhagem dos Deva não está apenas em suas mãos.

Este toque foi minha cartada final e, nos olhos dourados, vi a fúria de um ser divino. Todas as células do meu corpo, que carregavam anos de instintos de defesa das sombras, me alertaram para um ataque iminente. Sem duvidar, levantei uma das mãos, preparando-me para o confronto. Mas o ancião, que poderia facilmente ter alguns séculos a mais de experiência, ganhou meu respeito ao antecipar o movimento de Lorelei. Alleb segurou o braço de Lorelei antes que seus pés deixassem completamente o chão... Virando o rosto, a Deva pareceu exigir algo do velhote. Só esperava que meu julgamento sobre ele estivesse certo mais uma vez.

– Isso é mesmo surpreendente – Alleb declarou. – Entretanto, tenho o dever de preservar a memória do ex-Conselheiro Eddall e insisto em esclarecer alguns detalhes. – Concordei de imediato. Qualquer detalhe só faria Lorelei se contorcer, e isso era muito satisfatório. Ainda contendo a colega, o ancião continuou. – O primeiro deles é a diferença de tempo entre os Mundos. Há quanto tempo esse encontro aconteceu?

Relaxando minha postura de defesa, respondi sem tirar os olhos da Deva.

– Pelas anotações de Angelina no *Gramaire* dos Wels, seus encontros com Eddall aconteceram pouco antes da morte dele, há quase dois anos na contagem de tempo do Mundo Mágico... Estou certo, Conselheira?

Lorelei não respondeu, claro. Mas Alleb soltou um som pensativo.

– Hum... Você sabia algo sobre esse relacionamento de seu irmão, Lorelei? – A Deva voltou-se para o ancião ao seu lado bruscamente, mas de sua boca não saiu nenhum som. Ela hesitou, e então balançou a cabeça em negativa. – Bem... Se esse relacionamento era algo recente, nunca vamos saber. Mas, com certeza, devia ser muito importante para implicar em tanto sigilo. De qualquer forma, concordo que a diferença de tempo entre os Mundos permite que Eddall seja mesmo o pai de sua consorte, mago das sombras. – O velhote levantou os lábios para a Conselheira de olhar aturdido. – Neste caso, estou feliz por você, Lorelei. – A voz de Alleb era tranquila, quase consoladora, mas o arfar da Deva ao seu lado o fez mudar de tom. O ancião levantou o rosto, olhando-me com firmeza. – Neste caso, concluo que uma prova do poder de sua consorte é a melhor forma

de confirmar sua herança em uma linhagem tão importante.

Era exatamente isso que eu queria evitar. Aflito, dei um passo à frente, apertando as duas mãos em punho, e senti a perfuração do alfinete latejar na mão úmida de sangue.

– Eu sou a prova, Conselheiro. Se estou aqui, diante deste Conselho, foi porque Melissa usou o dom do compartilhamento dos Devas para me curar. E ela o usou mais de uma vez. A última delas, ainda esta noite. – O olhar entusiasmado de Alleb confirmava que eu estava no caminho correto. – Ela não carrega apenas o dom do compartilhamento, mas também os principais dons élficos: calor, levitação, e o domínio de seu poder inclusive na Dimensão das Sombras.

Alleb ouviu atentamente; em seguida, desviou a atenção para a estátua ao seu lado. Lorelei tinha os olhos opacos, fixos no sangue que ainda escorria de minha mão. Segui seu olhar, sem entender seu temor, até que o ancião esclareceu:

– Se ela usou o compartilhamento com você tantas vezes, e em espaços tão curtos, a energia Deva ainda corre por suas veias. – Apontando para o sangue que pingava no tapete, o velho incitou. – Vá em frente, Lorelei. Se houver resquícios de magia Deva nele, apenas um comando seu será suficiente para a ferida se curar. – Alleb sorriu por baixo da barba branca. – Assim resolveremos dois problemas: o estrago na tapeçaria e a confirmação dessa declaração. Não posso imaginar um teste mais eficiente.

Era tudo que eu desejava.

Levantei minha mão prontamente, vendo o sangue fazer novos pingos no tapete. Lorelei acompanhou meu movimento e pareceu furiosa por ser desafiada, mas estava claro que jamais desrespeitaria o pedido de outro Conselheiro diante de testemunhas. Com os músculos tensos e a expressão friamente controlada, ela levantou o braço, esticando apenas um dedo que mal tocou minha pele. O gesto foi suficiente para agitar a energia de Melissa que ainda restava em meu peito, espalhando aquele gosto doce e fresco até a garganta. Com ondas vibrantes, aquela energia revigorante correu por meu braço até a ferida aberta. O formigamento que transbordava calor foi mais breve do que nas outras vezes, mas a sensação de vitalidade ainda era incrível. Um segundo depois, o ferimento desapareceu. Havia apenas uma mancha de sangue seco na palma da minha mão, nada mais.

Lorelei recuou um passo, controlando a respiração enquanto sua máscara de confiança se desfazia. Até mesmo o velho ancião deixou escapar um som curioso e, cruzando os braços nas costas, se aproximou da Deva.

– Devo concluir que você não compartilhou sua energia com ele antes desse

encontro, certo?

Sem interromper seu silêncio enfurecido, Lorelei balançou a cabeça, negando lentamente. Os olhos dourados ferviam em ódio quando subiram até os meus e, pela voracidade deles, soube que, se estivéssemos sozinhos, teria toda minha energia vital retirada... Sem dúvida alguma, a Deva me deixaria frágil o suficiente para sangrar até a morte por aquele pequeno corte.

Percebendo que a amiga Conselheira não possuía palavras educadas para substituir o silêncio, Alleb voltou-se para mim, reassumindo o tom formal.

– Isso, com certeza, é uma prova. Não acho necessário que a nova maga de linhagem Deva seja colocada em quarentena para os testes de linhagem. Entretanto, acho prudente que o responsável Von Berg – o Conselheiro indicou Nicolau – faça uma avaliação detalhada para sabermos a evolução do poder Deva e suas limitações até o momento. Insisto para que essa informação seja enviada ao Conselho da Tradição o quanto antes.

Nicolau assentiu.

– Certamente, Conselheiro.

Não me preocupei com o longo suspiro que escapou de meus lábios. Nicolau se aproximou e, por sua expressão, dividia o mesmo alívio. Havíamos conseguido. Enquanto isso, o ancião voltou sua atenção para a mulher emudecida, que transbordava a revolta pelos olhos mortais.

– Isso é uma ótima notícia, não é, minha amiga? Não estás mais sozinha!

A estátua de cabelos castanhos e rosto angelical não respondeu ao conselheiro e, demonstrando completa falta de decoro, deu-lhe as costas, caminhando com passos firmes até a outra ponta da sala, onde desabou em sua poltrona. O velhote de traços orientais acompanhou seu trajeto, murmurando para ele mesmo:

– Acho que a novidade ainda precisa ser absorvida... – Alleb juntou as mãos, voltando-se lentamente para nós. – Você nos trouxe muitas surpresas, mago das sombras. Há algo mais que queira acrescentar? Talvez o alagamento do Deserto Prateado... ou o aprisionamento de um dragão... Certamente não me chocarei com mais nada.

Sem conter o sorriso, fiz o que achei justo.

– Antes de ir, gostaria de deixar meu convite para a comemoração de meu Pacto de Futuro. Melissa e eu ficaríamos lisonjeados com sua presença. – Percebi Nicolau assentir ao meu lado, aprovando o gesto. Passando o olhar pelo rosto frio da Deva, deixei a alegria se esvaír de minha expressão... Não poderia limitar o convite; afinal, ela era meio que... minha parente agora. Pela repulsa em seus olhos, ela também compreendeu isso. – Seria de nosso agrado que “todos” do Conselho testemunhassem nossa união.

Indiferente ao desconforto velado, o ancião jogou as mãos para o alto com uma gargalhada.

– Um descendente do Demônio das Sombras e uma descendente dos Devas? Não perderia uma união como esta por nada! E, se me permitir, gostaria de fazer as honras.

O comentário do velhote foi eloquente o suficiente para me fazer olhar a contrariedade de Lorelei com outros olhos... Sabendo de sua conhecida opinião sobre as linhagens originais, concluí que engolir um demônio na família poderia ser parte de seu castigo. Levantei os lábios no canto, satisfeito com minha vingança pelos anos de perseguição e, desviando os olhos para o velhote sorridente, concordei com sua oferta.

– Será uma honra, Conselheiro.

– Excelente! – O ancião juntou as mãos novamente. – Muito bem, acho que já posso encerrar essa audiência.

Definitivamente, simpatizei com o velhote.

Levando meu olhar triunfante até Nicolau, sinalizei a porta de saída com a cabeça. Meu tutor parecia mais exultante do que eu e rapidamente encerrou o protocolo com despedidas rápidas. Havíamos conseguido! Melissa estava a salvo e eu havia escapado de um juramento de sangue sem maiores danos. Bem... Decerto seria vítima da ira de Lorelei pelo resto dos meus dias, mas isso não mudava muito o quadro anterior. Contendo minha felicidade, deixei a sala de juramento e, na sala oval dos vitrais, o ar pareceu mais leve. Talvez pela oportunidade de vislumbrar um futuro promissor ao lado da mulher que amava.

Ampliando essa nova sensação, a onda de vitalidade Deva correu meu corpo uma última vez, e extinguiu-se. Em seu lugar, outra fonte motivadora correu por minhas veias: a tal *esperança*. Algo que temi por muito tempo, mas passei a aceitar como aliada e não como minha ruína.

– Parabéns, meu rapaz, você se saiu muito bem! Mas sabe que ganhou uma inimiga, não é? – A voz de meu tutor acompanhou algumas palmadas em minhas costas.

Olhando para Nicolau, deixei expandir um sorriso relaxado.

– Ela já era minha inimiga, Nicolau, nossa intolerância mútua apenas não era declarada. Mas acho que isso vai mudar agora que me tornei seu parente torto, aquele que ela vai odiar com justificativas.

Nicolau ponderou brevemente.

– Sobre isso... Fiquei pensando durante a audiência e... – O mago enrolou as palavras e isso não poderia ser um bom sinal. – Vincent, sua união com Melissa se tornou um grande acontecimento. Não apenas por você voltar da morte ou por ela ser descendente de Eddall, mas sim pela união de duas



linhagens distintas. Você entende o que quero dizer?

O olhar pesaroso no rosto do meu tutor fez toda a esperança que aliviava meu coração evaporar.

– Sim – a palavra escapou junto com o ar. Pelo visto, *felicidade* era um sonho inatingível para um mago das sombras. Erguendo o queixo, falei quase que para mim mesmo... – Estamos refazendo a lenda. E o poder que representamos, juntos, vai atrair a atenção de muitos ambiciosos. Como atraiu Ludwig. Isso nos aproxima da maldição dos magos das sombras mais uma vez.

Nicolau baixou a cabeça, parando à frente do conhecido portão de ferro que era a passagem para a mansão na montanha. Desfrutando de mais um minuto pensativo, apoiou a mão na grade, empurrando-a devagar...

– Sim e não. A união de Luz e Sombra com certeza remete a muito poder. Mas há algo mais na versão da lenda. Esta história tem muitas outras interpretações, Vincent, não apenas uma maldição. Dela se originou toda a hierarquia élfica que conhecemos hoje... e a hierarquia das sombras também. – O mago piscou, depois, ajeitou os cabelos escassos. – Preciso estudar o assunto, me dedicar às entrelinhas. Talvez nelas encontre o que procuro. Mas, infelizmente, isso terá de esperar. Coisas urgentes nos esperam e vou começar reunindo os líderes dos Reinos. Preciso discutir medidas de segurança para receber Victor... Talvez até preparar um novo pacto de cordialidade. Quanto antes ajustar isso, mais rápido poderei me dedicar aos esclarecimentos sobre o poder de Melissa. – um suspiro se tornou um meio sorriso – Esse relatório ao Conselho vai dar trabalho.

– Obrigado.

Nicolau apertou meu ombro.

– É para isso que estou aqui.

## Demônio irritado

### Vincent Dippel

DE VOLTA AO PALACETE, o representante Von Berg deu ordem para que os líderes dos Reinos se unissem a ele na Sala do Portal... Em pouco tempo, elfos, sereia e duende estavam ao redor da mesa principal, aguardando ansiosos. Com meu consentimento, Nicolau anunciou a descoberta da linhagem de Melissa e esperei que os olhares incrédulos se voltassem a mim para começar as explicações. Da forma que podia, resumi os últimos acontecimentos, que garantiam à minha consorte o título de descendente dos Devas. O torpor dos ouvintes rapidamente deu lugar a murmúrios atônitos, seguidos de um audível *eu sabia!* de Alex. No geral, até que eles encararam bem a notícia. Ou não.

Enquanto Nicolau explicava detalhadamente o teste feito pelo Conselho, Ayla me puxou para um canto da sala, enfiando-nos entre duas estantes perto da porta... Pelas unhas cravadas em meu braço, a ninfa preparava um sermão furioso.

– Você não acha que foi longe demais, Vincent? – Ela me chacoalhou, afundando as unhas em minha pele. – Brigar com outro mago das sombras, eu até entendo. Afinal, todos precisam de diversão. Dispor da vida de uma garota para brincar de amor eterno, eu também entendo. Qualquer um pode se apaixonar pela pessoa errada. – A voz ácida lembrava humor, mas a expressão rancorosa no rosto perolado me fez desviar o olhar. – Convidar um Demônio para a montanha depois de uma experiência de quase morte, tudo bem também, cada um tem sua própria maneira de aliviar a adrenalina. – Ela chegou mais perto, fazendo com que seus grandes olhos negros brilhassem a centímetros do meu queixo. – Mas... unir linhagens? Luz e Sombra, juntas, remontam uma lenda com consequências imprevisíveis! E você sabe muito bem disso! – Permaneci impassível, esperando que sua fúria chegasse ao fim. Mas estava enganado, aquilo era apenas o começo. – Qual. É. O. Seu. Problema?

Ayla chacoalhou meu braço mais uma vez, afundando as unhas ao som de cada palavra. Aquilo já estava além do que podia suportar.

– Ei, ei... Isso machuca – emendei um gemido ao alerta e libertei-me de suas garras para procurar vestígios de sangue.

Soltando o ar com um silvo, minha suposta *amiga* espiou o grupo que ainda discutia na mesa oval. Confirmando que seu acesso de fúria não atraiu atenção excessiva, ela cruzou os braços, enfatizando suas curvas e sua inconformidade.

Desviei os olhos mais uma vez. Em outros tempos aquilo seria uma sutil provocação, mas, agora, eu sabia que o gesto era só uma forma de exteriorizar sua fúria. Foi minha vez de bufar... Nada do que Ayla disse era invenção ou exagero e, definitivamente, não eu podia argumentar. Mas também não podia concordar com sua versão dos fatos.

– Você está certa, assumo a confusão. Mas não me arrependo dela.

Percebendo minha expressão desafiadora, minha amiga reforçou seu tom indignado.

– Sabe o que é pior? Eles parecem não se importar... – Ela levantou o polegar sobre o ombro, indicando os líderes dos Reinos mais atrás. – Acho que *todos*, nesta montanha, resolveram enlouquecer com você!

Eu esfregava meu braço dolorido, mas não pude deixar de sorrir.

– A loucura depende do ponto de vista.

Ayla chegou mais perto, levantando um dedo acusador, depois o recolheu, com um som irritado:

– Você sempre foi egoísta, mas dessa vez foi longe demais.

– Sim, eu sou. E a determinação para alcançar meus objetivos sempre foi uma ferramenta útil contra meus inimigos.

– Você merece ser eletrocutado pelo guardião do Portal das Águas! Quem sabe alguns quilowatts de seus tentáculos façam surgir um pouco de empatia nesse seu coração obscuro!

A ninfa balançou o dedo para meu peito e o rancor de suas palavras incomodou. Deixando a ironia de lado, foi minha vez de chegar mais perto para dar ênfase à minha verdade.

– Não nego que sou o responsável por tudo que está acontecendo aqui, simplesmente porque *estou* aqui. Mas *você* sabe que tentei evitar cada problema. Cada tormento. Cada decisão. Eu lutei o quanto pude para evitar meus sentimentos, e você estava lá quando fui vencido, quando assumi meus erros e as consequências deles. Talvez você seja a única testemunha dessa batalha, por isso ajudou Melissa a me resgatar. Mas não posso ser julgado pelo destino. Estou fazendo o melhor com as armas que tenho, por Melissa, por minha família... – Levantei os ombros, o silêncio me deu esperanças de que ainda houvesse uma aliada dentro dos olhos negros. – Por todos que são especiais para mim.

Ayla fechou os olhos rapidamente, um segundo depois piscou de modo frenético... As mechas de cabelo negro agitaram-se ao seu redor.

– Pelas barbas de Nereu... Você não vai usar esse discurso, vai?

Minha amiga *renegada* apoiou as mãos na cintura, salientando mais curvas. Desta vez eu estava perto demais e precisei desviar o rosto, definitivamente incomodado.

– Ayla, podemos conversar em outro lugar? Está apertado aqui.

Eu já estava em movimento quando ela girou, bloqueando meu caminho com o quadril. De repente a situação ficou mais do que desconfortável. Não queria magoá-la e sabia que estava perto de fazer isso... Olhei para meus sapatos, avaliando se havia sombra suficiente abaixo deles para uma viagem, mas, por me conhecer, minha amiga antecipou a fuga. Com um gesto decidido, Ayla levantou meu queixo para que eu olhasse seu rosto reprovador. Olhos negros e profundos prenderam os meus, fazendo com que o ato mecânico de piscar desprendesse muita determinação. Se não soubesse o que estava acontecendo, poderia ficar zangado.

– O destino não é imutável, Vincent. Você sabe disso. Foram *suas* escolhas que levaram a montanha ao caos!

Eu deveria imaginar que sua persistência predadora não me deixaria escapar facilmente. Como eu fazia com a persuasão, para ela, o encanto das ninfas também era uma arma de defesa. Soltando o ar ferozmente, desviei o rosto.

– O caos chegou aqui há muito tempo, Ayla, junto comigo. Se esse caminho foi determinado, não importa quantos atalhos eu escolha, o destino será o mesmo. E deste ponto não há volta, porque ele é o fim.

– É isso que você não entendeu... Não chegamos ao fim. Você pode evitar o pior. – O olhar negro tornou-se profundo. Eu conhecia aquele olhar, ele alertava que, por sua boca, sairia apenas cruel sinceridade. – Você sabe e eu sei o tipo de gente que vai se interessar por essa união... Seres obstinados por poder, como Ludwig e Victor. A não ser que você faça alguma coisa *agora*, seu futuro está mesmo fadado ao desastre! Pense bem, Vincent... Se algo acontecer à Melissa, aos Von Berg ou a qualquer um nessa montanha durante seus planos de comemoração, você vai se punir pelo resto de seus dias! *Eu sei* que vai. Nunca vai se perdoar!

Foquei o rosto furta-cor e tive de lembrar que ela só estava me provocando porque se importava.

– Para sua informação, *perdão* é algo que neguei a mim mesmo há muito tempo. E, se é isso que quer ouvir, sou capaz de dar minha vida para que nada aconteça. Satisfeita?

Meu tom ríspido a fez recuar, e seu olhar me feriu mais do que o aperto de suas unhas.

– Há tempos você teme a maldição dos magos das sombras, mas não percebe que é você quem está se amaldiçoando porque não faz nada para que as coisas sejam diferentes.

A possível verdade da ninfa ecoou nas profundezas da minha mente até chegar ao meu coração.

– Não vou voltar atrás – murmurei, perturbado. – Não posso voltar atrás, Ayla, porque não estou no controle. Meu amor por ela está. Esse sentimento é, definitivamente, mais forte do que eu.

Os olhos negros tremeram, já não sabia se de revolta ou rancor.

– Você é louco!

Escorreguei uma das mãos pelo cabelo, irritado por ter que expor meus sentimentos à última pessoa que queria saber deles. Embora tivesse Ayla em alta estima, estava na hora de encerrar o assunto... e sair dali.

– Sou muitas coisas, Ayla... Egoísta, teimoso, nocivo e, principalmente, mal-humorado. Mas esse Pacto de Futuro foi a coisa mais sã que fiz na vida.

Com dificuldade forcei a passagem entre suas curvas e a estante de livros, deixando a ninfa furiosa para trás.

– Aonde você vai? Temos um plano de segurança para elaborar! – alertou em reprimenda.

Parei bruscamente, procurando o rosto atrás de mim.

– Preciso resolver alguns detalhes práticos – falei entre os dentes. – Além disso, vocês são capazes das melhores decisões, tenho certeza.

Podia jurar que a ninfa havia soltado fogo pelos olhos.

Abri a porta mais próxima com um empurrão nada educado que chamou a atenção de toda a sala. De qualquer forma, minha irritação pouco se importava com a cena. Se não tínhamos plateia antes, ela agora estava com certeza atenta.

Estava a um passo de mergulhar no corredor escondido pelo breu quando uma voz musical, um tanto descontrolada, me alcançou:

– Por Nereu... *Vincent!* Que detalhe pode ser mais importante do que receber a visita de um Demônio?

– Enviar o convite – falei entre os dentes antes de deixar a escuridão gelada me engolir.

FOI DIFÍCIL neutralizar a irritação causada pelo confronto com Ayla. Por mais que ela me desafiasse, eu ainda confiaria minha vida àqueles olhos negros... Talvez por isso o desconforto fosse tão grande.

Emergi na Terra das Sombras, em uma viela esquecida da Vila das Sombras. Calcular o caminho ajudou a evitar multidões e, portanto, mais confusões. Caminhei sob a proteção da noite até o pátio de pedra cercado por construções antigas, reforçadas por vigas de madeira; do outro lado, avistei o portal para o Mundo Físico e, à frente dele, o novo líder dos guardiões das sombras e seu respeitado grupo de elfos em armaduras negras.

O elfo robusto não pareceu surpreso com minha presença, mas nem mesmo a calma de seu líder mascarou a apreensão de seu exército, visível em cada

músculo tenso. Dirigindo-me a eles mais por formalidade do que por interesse, cumprimentei cada guarda. E, por cortesia das sombras, fui inteirado dos acontecimentos na fronteira durante minha ausência. Não podia negar: com o portal no quintal da minha casa, era necessário um contato mais próximo para garantir a boa vizinhança. Neste ponto, Anasor se mostrava um líder perfeito. Não apenas por conhecer a importância dessa passagem, mas por reforçar a vigilância no Portal com meu retorno, protegendo a montanha e seus moradores de possíveis invasores... Ou, no meu caso, traidores desejosos de vingança. Não escondi o alívio, já que pretendia trazer Melissa para o conforto da *nossa casa* o mais rápido possível.

Por falar em precaução, seria bom ter um guardião de escolta em minha próxima parada.

Espiei com desânimo o prédio em ruínas na lateral do pátio de pedra... Sempre evitei me envolver com a burocracia da Terra das Sombras por uma razão bem simples: não confiava em um ser das sombras. A demônio dentro daquela construção arcaica não era apenas a representante de Victor, mas sua fiel informante. Eu a ignorava com veemência, mas sua presença discreta e, ao mesmo tempo, atenta, era a forma que o Demônio das Sombras encontrou para controlar a extensão de seu território.

Inspirei profundamente, ponderando minhas alternativas... Ainda que fosse um herdeiro das sombras, era melhor enviar um recado do que voltar à casa dos meus ancestrais. Bati na porta de madeira, e logo estava diante de Camilla, uma demônio simpática demais para ser confiável.

Mesmo intrigada com minha visita, a demônio de longos cabelos encaracolados me recebeu com um sorriso cortês. Aquilo mereceu uma dose a mais de cautela. Uma mensagem ao próprio Victor não era algo comum, nem mesmo uma enviada por um de seus herdeiros, por isso precisava ser cuidadoso... qualquer palavra contestável ou mal interpretada poderia gerar uma crise de proporções desastrosas!

Com cumprimentos formais, acompanhei a emissária de Victor até uma sala ao fundo do prédio e, de forma concisa, informei meu objetivo. Apesar dos olhos estalados, Camilla anotou tudo com cuidado. A data da comemoração do Pacto de Futuro, as instruções sobre a reunião com o Conselho da Tradição, e, por precaução, um lembrete específico sobre o esclarecimento de minha estadia na Dimensão das Sombras.

Por fim a demônio levantou os olhos, um tanto abismada.

– Vou... enviar a mensagem. Imediatamente. – A voz amigável acompanhou gestos afoitos, que dobravam e envelopavam o papel de linho.

Camilla levou o envelope para a chama violeta que crepitava em um

castiçal à sua frente. Quando o fogo se alastrou, consumindo o papel com uma fumaça violeta, a demônio me dirigiu um sorriso ambíguo demais para ser convincente. Sem demora eu me levantei, caminhando para a porta. Fui escoltado até a saída pelos olhos violeta e, com determinação, desviei deles para atravessar o pátio de pedra. Mensageira ou sentinela, não importava; quanto mais longe de demônios, melhor.

Do outro lado, expulsei o ar e, cumprimentando o guardião à minha frente, atravessei o Portal das Sombras. Era hora de retornar à casa de vidro. Mas na construção moderna, encravada no topo da montanha, faltava muito vidro. Hum... isso trouxe a memória da noite anterior ao meu sequestro, e uma discussão, que acabou em uma explosão de poder das sombras. Droga! Não poderia trazer Melissa para uma casa destruída! Com uma rápida vistória defini reparos urgentes e providências necessárias para algum conforto... e isso levaria tempo. Um tempo que eu não tinha. Distraído, desci a escadaria externa, e apenas no estacionamento de cascalho me dei conta de que faltava algo ali. Com o mau humor se apoderando de minhas emoções, caminhei pela estrada, buscando a sombra densa das árvores para mais uma viagem de providências... A primeira delas seria um novo BMW.

POUCO TEMPO depois, eu observava o novo SUV preto pelo vidro da sala de espera da concessionária, meu mau humor aumentado pela discussão com Ayla... Não queria que ela estivesse certa, mas meu egoísmo somado a minha fúria causava problemas desnecessários... Droga. Mas quem era a ninfa para me julgar? Soltei o ar com fúria... ela era minha amiga. E por ter essa amizade em alta conta, estava mesmo preocupado em tê-la magoado. Para piorar, de mais de uma forma. Mas Ayla deveria se sentir assim? Afinal, há muito tempo pensei ter deixado claro que entre nós havia apenas a mais sincera amizade. Pelo menos da minha parte. Talvez por isso seu ressentimento me irritasse. Mas agora eu sabia, por experiência, que determinados sentimentos eram impossíveis de se evitar. E lá estava a tal empatia, despontando dos lugares mais improváveis para me atormentar.

Voltando meus pensamentos ao Mundo Físico, me dei conta da demora burocrática que ainda me prendia ali. Eu tinha muitas outras coisas a resolver e nada justificava o tempo perdido. Percebendo minha impaciência, o funcionário da concessionária se atrapalhou com alguns papéis...

– Vou finalizar sua encomenda, senhor Dippel.

– Acho que há um engano aqui, não quero uma encomenda. Estou aguardando para levar o BMW, *agora* – frisei no auge do meu mau humor, esclarecendo a condição para compra que o vendedor conhecia tão bem.

– Ahhh, sobre isso... – balbuciou, ajeitando-se na cadeira antes de continuar. – O senhor terá que aguardar dois dias para a chegada do veículo. Não temos mais em estoque.

Levantei um dedo, apontando para o SUV preto do outro lado do vidro.

– Paguei por *aquela* carro. Preciso levá-lo. Agora. – Falei entre os dentes.

– Não podemos dispor de carros do mostruário, senhor. – O homem se atrapalhou com a pilha de papéis mais uma vez. – Mas não se preocupe, a gerência vai providenciar um transporte adequado ao senhor.

– Eu não uso esse tipo de *transporte*.

Aquilo havia extrapolado o limite da minha paciência. Eu me movi, disposto a forçar o homem de gravata manchada a levantar o olhar para receber a persuasão... Mas não contava com a interrupção da copeira que cruzou minha frente para servir o café. Atemorizada com meu avanço, ela derrubou a bandeja aos meus pés. O som da louça se quebrando completou o terror em seu rosto. O curioso é que ela nem imaginava o quão pior poderia ser esse terror. Recuei um passo, incomodado por ser a causa de seu medo.

Estava usando as sombras da minha ira como justificativa para amedrontar pessoas inocentes, algo aprendido há muito tempo com meu antigo mestre... Ludwig. Balancei a cabeça, surpreso com a influência do meu passado, e as palavras de Ayla voltaram para me assombrar mais uma vez... Eu era minha própria maldição.

Durante meu momento de reflexão, outro homem, roliço e de ar soberbo, entrou na sala avaliando-me de cima a baixo. Provavelmente atraído pela confusão.

– Avise seu *patrão* que o BMW será entregue em breve. Temos um transporte à sua disposição. Essa é nossa última oferta.

Eu me endireitei, mais surpreso do que aborrecido. Ele havia concluído que a cor preta de minha roupa era um tipo de uniforme, e isso até seria perdoado, não fosse o desprezo persistente em seu olhar. Em segundos, a tal empatia que eu me esforçava para reunir se desfez.

– Já disse que não uso esse tipo de *transporte*.

Com justificativas honrosas para agir, chamei o calor violeta, prendendo os olhos do homem. O dom da persuasão não tinha falhas. Em questão de minutos estava dentro do meu novo SUV BMW, estacionando no posto de combustível mais próximo.

Desci do carro arranhando o asfalto com os sapatos, irritado com a burocracia que complicava a vida do Mundo Físico... Ou comigo, por precisar de justificativas para usar meu poder. Para piorar meu humor, me deparei com a fila de pagamento dentro da loja de conveniência.



Com a impaciência transbordando pelos olhos, não demorei dois segundos para me tornar um repelente natural, e para isso nem foi necessário invocar o poder das sombras. Depois de alguns olhares mortíferos, as pessoas à minha frente abandonaram a fila, inclinadas a vistoriar as gôndolas de chocolates e outras bugigangas esparramadas ao nosso redor. Mas a responsável pela lentidão do caixa continuava ali, vasculhando a bolsa com afinco ao mesmo tempo em que chacoalhava uma criança que chorava a plenos pulmões. Para minha total indignação, a mulher sacou um brinquedo de borracha de dentro da bolsa, não a carteira.

Dei um passo adiante, determinado a resolver com rapidez outro contratempo... Mas não esperava ser dominado por um par de olhos chorosos.

Eu me vi à mercê daquele olhar destemido, livre de qualquer julgamento ou temor. Aquele pequeno rosto inocente reunia tudo que era antagônico a mim, tudo que eu era incapaz de enfrentar... Contra minha vontade, fui bombardeado por um sentimento afável demais para ser compreendido. Neste instante, o vislumbre de um futuro ameaçado me deixou indefeso. E me surpreendi ainda mais por desejar esse futuro.

Recuei, desconcertado. E, como os outros patéticos ao meu redor, desviei minha atenção para as gôndolas, agarrando a primeira coisa à minha frente. A cor rosa da embalagem me lembrou de Melissa, dos detalhes do cotidiano que viriam com um presente que lutamos para ter... e do quanto nossa vida seria abalada caso os danos ao seu poder mágico se refletissem em seu corpo físico. Isso era óbvio agora, um fato corriqueiro no Mundo Mágico: a má formação da magia comprometia um corpo sadio, levando a danos físicos ou mentais. Bem... Apesar do gênio terrível, Melissa não apresentava traços de esquizofrenia. E parecia disposta demais para sofrer de falência dos órgãos. Mas havia um mal invisível muito comum, que poderia ser ainda pior: a incapacidade de gerar herdeiros. A natureza mágica era seletiva, como qualquer outra parte da evolução. Pisquei uma vez, surpreso com a preocupação que a um minuto parecia distante demais para ocupar minha mente... E agora, doía em meu coração.

Com uma espiada sobre os ombros, deixei a conformidade se apossar do futuro; concentrando-me no presente, na embalagem previsível em minha mão. Iria me preocupar apenas com coisas que poderia controlar, com Melissa, e jurei a mim mesmo jamais deixar qualquer tristeza abalar este momento tão desejado. Apanhei alguns chocolates e outras bugigangas das gôndolas próximas. Mesmo com a cesta quase cheia em minhas mãos, ficaria ali o tempo necessário para não cruzar com os olhos chorosos novamente.

DEPOIS DE ESCOLHER móveis e materiais para o conserto da casa de vidro, usei a intimidação e não a persuasão para conseguir entregas rápidas, não imediatas. Isso me deixou orgulhoso; afinal, com as horas do dia passando, ser controlado não ajudava meu cronograma.

Retornei à montanha quando já era noite e, contornando o chafariz no pátio do palacete, reconheci um mago de cabelos acinzentados que descia os degraus de pedra da porta principal.

– Belo carro! Quando posso dar uma volta?

Saltei do X6 BMW estreitando os olhos.

– Depois do que fez ao último? Nunca!

– Ei... Eu apenas sigo ordens!

Armand não se abalou e, deslizando os dedos pela pintura reluzente, deixou escapar um assovio.

– Então siga esta: *tire os dedos*. – Contornei a frente do SUV, seguindo para a escadaria.

O mago encantado levantou as mãos com um sorriso debochado antes de me seguir.

– Tudo bem, estou pensando em arrumar meu próprio transporte.

– Excelente! Vou adorar desintegrá-lo.

Armand franziu os olhos.

– Você nunca vai esquecer isso, não é?

– Nunca.

Ele pareceu preocupado e foi minha vez de sorrir, satisfeito.

– Como estão as garotas? – Eu poderia ter perguntado apenas por Melissa, mas sabia que ele havia passado o dia todo como babá de Alice e me pareceu desrespeito ignorar o fato. Mas, pelo olhar indiferente do meu amigo, ele dispensava a gentileza. Esse era o motivo de nos darmos bem, Armand não se importava com subterfúgios emocionais. Talvez fosse assim por ter o dom da ilusão em suas veias. E, mais do que ninguém, meu amigo não se deixava levar por falsas esperanças. Isso ajudava a se conformar com a própria realidade.

Como esperado, meu amigo foi direto:

– Alex deixou uma boa dose de pó do sono em seu quarto mais cedo. Melissa deve estar em sono profundo, vai estar totalmente recuperada amanhã. – Não escondi o contentamento pela notícia. Meu amigo captou minha reação e, colocando o braço sobre meu ombro, caminhou ao meu lado. – Sei como se sente... Só para constar, a culpa pelo esvaziamento do estoque de geleia de amora não é minha. Se pudesse, eu mesmo colocaria pó de sono no quarto de Alice. Mas ela estaria com o triplo da energia no dia seguinte, e isso não é animador. Sei que a intenção foi boa, mas ser sua madrinha na comemoração de

anúncio está deixando aquela menininha eufórica! Nem vou comentar a parte sobre eu puxar a carruagem de Melissa. – Armand balançou a cabeça. – Eu adoro Alice, nem sei se conseguiria viver sem aquele sorriso lambuzado de chocolate... Mas, às vezes, acho que não tenho energia para acompanhá-la.

Voltei o rosto para ele, confuso com o tom satisfeito em sua voz. E, sem qualquer justificativa, o rosto inocente do menininho no posto de gasolina voltou para me atormentar. Neste ponto, a inconformidade venceu a barreira sentimental.

– Sei que isso não é da minha conta, afinal, você sempre buscou distrações que o afastassem das pulgas... – Por *pulgas*, quis dizer maldição. O olhar enviesado de meu amigo captou rapidamente a legenda. – Você sabe que admiro sua dedicação à gastronomia, mas nunca imaginei que poderia se tornar o bicho de estimação de uma criança. Alice é uma criança instigante, realmente adorável... Mas sua tolerância com as travessuras dela vai além da minha compreensão. Ainda não acredito que conseguiu se desprender de seu egocentrismo por ela. – Minha sinceridade fez Armand dar um passo para o lado, incomodado. Por conhecê-lo há tanto tempo, pude compreender que ele mesmo não tinha uma resposta coerente. – Desculpe por importuná-lo com isso, amigo, mas há de convir que é intrigante... Você nunca dedicou seu tempo e sua energia a outra pessoa sem ter algo em troca.

– Alice me proporciona distração, sim... Mas também carinho, amizade... – Armand me olhou quase indignado. – E sou muito dedicado aos amigos.

– Sou como sua família, Armand. Não é a isso que me refiro.

Meu amigo me encarou com algo parecido com indulgência, o que me deixou ainda mais confuso. Ao mesmo tempo, um brilho inocente cresceu em seus olhos, lembrando-me mais uma vez do menininho na loja de conveniência. Era o mesmo olhar puro, desprovido de julgamento, que me deixou desconcertado.

– Acho que Alice me ensinou muitas coisas. Principalmente tolerância...

O tom de gratidão em sua voz surpreendeu. E ainda mais surpreso fiquei ao notar a sensatez em seu rosto. Meu jovem amigo estava mudado e a pequena Alice era a responsável por essa improbabilidade. A maldição havia aprisionado Armand nos seus dezoito anos, tornando a imprudência e a arrogância da juventude seus traços mais marcantes. Agora, no entanto, o mago de cabelos acinzentados estava amadurecido... e tinha aprendido mais sobre paciência e empatia do que eu mesmo almejava. Sorri, cheio de orgulho. E, confesso, com alguma inveja.

– E, por falar em tolerância, espero que esteja praticando a sua. – Armand esfregou a nuca. Estreitei os olhos, atento à expressão de meu amigo, que

alertava para uma mudança brusca de direção. – Os líderes dos Reinos ainda estão reunidos com meu pai... Ele está tentando convencê-los faz horas de que um bloqueio mágico é suficiente para conter Victor. Mas, para ser sincero, também não acredito nisso. – Meu amigo retesou os ombros, parecendo desconfortável. – Minha maldição é a prova do quanto um demônio pode ser instável.

Espiei seu pesar com o canto dos olhos.

– Sua maldição é a prova de que um demônio não deve ser provocado – afirmei, apenas porque era a verdade. Armand entendeu minha indireta, mas não disse nada. Ele havia recebido sua maldição por trair um demônio; no caso, Dalilah, e, para julgar o limite de tolerância de um demônio, esse era exatamente o exemplo que os líderes elfos precisavam compreender. – Se Victor não for afrontado, acredito que sua visita será inofensiva. Afinal, como qualquer outro demônio, ele vai ser cordial enquanto estiver se sentindo... satisfeito. – Armand pareceu indignado com a referência e achei melhor explicar. – O fato é que Victor está mais ansioso ou curioso do que nós com essa visita. Se formos cuidadosos com a recepção, não haverá perigo.

– Pelo bem da montanha, espero que esteja certo, mas não me culpe por exagerar na cautela. – Com um suspiro, Armand atravessou o hall de pedra da mansão e indicou o corredor do outro lado da sala do piano. – De qualquer maneira, aconselho você a acompanhar o assunto de perto. Quem sabe consegue convencer mais alguém de sua teoria.

Eu o segui, sabendo que era inútil pedir um pouco de compreensão para o caso.

NA SALA DO PORTAL, Nicolau, os elfos, o duende e a sereia ainda estavam reunidos ao redor da mesa, exatamente como os deixei horas atrás. O grupo estava concentrado em uma discussão fervorosa e mal notou meu retorno. Aliás, questionei se eles haviam sequer percebido minha ausência. A exceção talvez fosse Ayla, que propositalmente não me olhava nos olhos. Avaliando a cena, Armand deu de ombros; sem poder ou querer ajudar, jogou-se na poltrona mais próxima.

Respirei fundo antes de tomar meu lugar na mesa de reuniões, aquilo ainda iria longe.

Meus músculos já reclamavam do cansaço quando interrompi o discurso inflamado de Ronie... E, sob o olhar avermelhado do líder dos duendes, reafirmei que o exagero seria um equívoco imperdoável. Armadilhas de contenção estavam fora de questão. Eu tinha quase certeza de que Victor não causaria maiores danos à montanha, contanto que fosse tratado com cortesia,

entretanto, a prevenção era bem vinda e alguma cautela, essencial. A maioria finalmente concordava comigo, mas ainda havia muitas pontas soltas no plano de segurança e duvidar dos interesses de meu parente direto era uma premissa indiscutível.

Em algum ponto da noite, desisti de tentar convencer os líderes dos Reinos de que a curiosidade do Demônio das Sombras era nossa maior aliada. Na verdade, pela expressão impotente de Nicolau, ficou claro que a palavra de um herdeiro do próprio demônio não estava ajudando. Vencido pelo cansaço, segui o exemplo de Armand e recostei-me em uma poltrona, ouvindo os discursos que avançavam sem chegar a lugar algum. Algum tempo depois, pisquei longamente, tendo a certeza de que estava quase dormindo.

Aristela entrou no cômodo com algumas mantas nos braços, e aquele foi o sinal de que não fariam pausa. Minha tutora cobriu o corpo adormecido do filho, completamente esparramado em uma poltrona ao meu lado, e ajudou Lume a recolher as bandejas com os restos da refeição que fizemos ali mesmo. Ainda com as mãos ocupadas, a matriarca da família parou diante de mim, alcançando-me com sua doce voz mental.

*“Vá descansar, mon cher. Eu aviso de qualquer novidade.”*

Fitei o corpo adormecido de Armand, sabendo que minha tutora tinha razão. Era inútil continuar ali. Assenti, cansado demais para uma conexão mental. E, sentindo os ossos pesarem, deixei um beijo nos cabelos de Aristela.

Para minha última ação da noite, caminhei até a mesa onde os líderes dos Reinos ainda discursavam. Sem interromper as considerações de Anasor, fiz um sinal para Viviana antes de puxar Alex pelo braço, afastando-nos o suficiente para que a distância encobrisse minha voz.

– Não quero atrapalhar, Alex, sei que quer ajudar Viviana nas decisões, mas parece que as tais decisões ainda vão demorar e... Bem, também preciso de sua ajuda.

O elfo espiou sua companheira sobre o ombro e deixou escapar um sonoro suspiro. Voltando sua atenção para mim, alinhou os ombros, interessado.

– Terei prazer em ajudar... Mas do que estamos falando, exatamente?

– A Recepção de Anúncio.

– Qual parte?

– “Toda” a Recepção de Anúncio?

A afirmação em tom de pergunta revigorou o rosto cansado.

– Acho que eles não vão notar minha ausência – disse, indicando o grupo na grande mesa antes de dar um passo na direção da porta.

Algo me dizia que o elfo estava aliviado por ter um motivo para deixar a Sala do Portal.

– Bem... Esta comemoração precisará ser semelhante a um casamento do Mundo Físico. – Alex me olhou com curiosidade. – Teremos que unir convidados dos dois mundos. Para ser sincero, não tenho ideia de como isso pode ser feito. Mas sei que você estuda a cultura deles há algum tempo, então, imaginei...

– Imaginou certo. – O elfo parou ao lado da porta. – Alguns meses atrás, a Casa Botânica foi visitada por um casal que queria alugar o espaço para um casamento. Obviamente, eram de fora da cidade – explicou à meia voz. – O pedido foi negado, claro. Mas minha curiosidade fez com que pesquisasse o assunto e, pelo que me lembro, a celebração de união deles é bem parecida com as Recepções de Anúncio que fazemos no Mundo Mágico. Nada muito complexo. Acho que pode ser feito sem problemas.

– Em dois dias?

A confiança do elfo foi abalada.

– Bem... Teremos que correr contra o tempo. – Alex esticou os olhos para a sala atrás de nós. – Mas ainda acho possível. Posso reunir um número significativo de encarregados e, quando tiver tudo organizado, informo a você. Assim poderá decidir como devemos prosseguir. Afinal, a Recepção é sua.

Balancei a cabeça.

– Não. Melissa deve saber melhor destes detalhes do que eu. Reúna toda a ajuda que conseguir para viabilizar isso, mas lembre-se... – Eu sorri de leve. – A consorte tem exclusividade nas decisões finais.

O elfo estalou os lábios, um tanto preocupado.

– Isso pode ser um problema. Pela dose de pó do sono que deixei no quarto, teremos sorte se Melissa acordar amanhã. Espero que tenhamos tempo suficiente.

Eu não contava com o exagero mágico do elfo, mas sabia que, depois do embate de hoje, uma dose cavalgar de sono era bem vinda.

– Precisamos ter, Alex... O convite a Victor já foi enviado. Se ele perceber o imprevisto, entenderá o quanto sua visita é necessária, e posso apostar ele que teria um imenso prazer em frustrar nossas expectativas.

O elfo balançou a cabeça.

– Por esse ponto de vista, imagino que o esforço deverá ser redobrado.

Com uma pausa, segurei meu amigo pelos ombros.

– Sou grato pela ajuda, de verdade. Seria impossível resolver isso sozinho, eu jamais conseguiria reunir ajuda no Mundo Mágico em meu nome.

– Você se esquece de que Melissa é uma Deusa. Isso muda tudo, não se preocupe. – Chegando mais perto, o elfo emendou um cochicho camarada. – E obrigado por me dar um motivo para deixar a sala.

Apertei os lábios, compreendendo perfeitamente seu alívio. O elfo atravessou a porta, afastando-se pelo corredor; eu pretendia segui-lo, mas, depois de um passo, fui arrastado de volta por uma mão fria. Unhas afiadas se agarraram ao meu braço com firmeza... Maldição. De novo, não!

– Alex tem razão. Tudo é diferente agora.

O desconforto voltou galopante, porque sabia que aquela voz fria pertencia a um rosto magoado. Mas, ao me virar, encontrei algo bem diferente moldando a expressão de Ayla. Sem entender o que acontecia no rosto furta-cor, soltei o ar.

– Estou muito cansado para discutir, Ayla.

– Não quero discutir, Vincent. Por mais que você seja o idiota turrão que me leva à loucura, não gosto de brigar com você. – Ayla abaixou os olhos negros, soltando meu braço. Algumas mechas de cabelo preto flutuaram com o movimento e a ninfa se ocupou com elas antes de continuar. – Mas isso nunca vai me impedir de mostrar a verdade que você não quer ver.

Desta vez, a pausa foi minha.

– Sei disso. Ainda assim, *nada* mudará minhas decisões.

O olhar negro ainda estava longe do meu quando a sereia apertou os lábios com força, contendo algo doloroso. Aquilo incomodou.

– É por isso que as coisas são diferentes... Porque não importa mais.

O incômodo aumentou.

– O que quer dizer?

Ayla se voltou para mim. Dentro dos olhos negros, estava tudo que temia ver.

– Como eu disse, não importa. Não vou mais incomodá-lo. O que quero dizer é... Estarei aqui. Você é detestável, mas é meu amigo. Não vou abrir mão de você. Mesmo que tudo desmorone, estarei ao seu lado.

– Nada vai desmoronar Ayla, eu...

Uma sobrancelha delineada se levantou na pele furta-cor.

– Não quero discutir, Vincent. Lembra-se? Quero apenas que fique atento. E se cuide para que o pior não aconteça. Está bem?

Ayla jogou as mechas flutuantes para trás, destacando as curvas que não se escondiam enquanto retornava à sala. Foi minha vez de segurar seu braço frio para soltá-lo em seguida. Quando seu rosto encontrou o meu, recuei.

– Também não gosto de brigar com você, Ayla. – Fui sincero, e precisava continuar com a sinceridade que minha consciência pedia. – Não gostaria de perder sua amizade irritante por nada.

Uma luz piscou na profundidade negra de seus olhos enquanto um sorriso iluminava o rosto furta-cor. Mas qualquer emoção morreu em seguida. A melancolia escureceu os contornos perolados e, disfarçando o desconforto, Ayla

voltou para a mesa de reunião. Talvez pudesse fazer mais pela minha amiga, que sempre estava presente quando eu precisava, mas o fato é que não poderia fazer o que ela esperava. Por isso, deixei que se afastasse. O cansaço me ajudava a não pensar muito no assunto e, mesmo que quisesse pensar a respeito, não havia o que fazer. Talvez a atitude fosse cruel, mas eu tinha Ayla em alta estima para romper esta amizade.

Os longos e silenciosos corredores de pedra ajudaram com minha consciência pesada e, diante da porta do meu quarto, algo muito mais poderoso tomou conta do meu corpo. A expectativa de rever Melissa espantou qualquer pensamento disperso e, tentando não fazer barulho, girei a maçaneta... Depois de alguns passos cautelosos, apreciei a visão encoberta pela penumbra da lareira.

Aquele rosto sereno era um bálsamo para qualquer problema.

Soltei o ar, apenas admirando a mulher sobre minha cama, e compreendi o quanto essa noite prometia ser torturante. Cheguei a pensar em voltar para a sala do portal, talvez fosse melhor me juntar a Armand em uma das poltronas... Mas lembrei que havia outras coisas lá com as quais eu também não queria lidar no momento. Pesando os tormentos, sabia que estava escolhendo o pior deles.

Com um passo, me aproximei do meu anjo adormecido.

Melissa dormia pacificamente, os cabelos esparramados sobre o travesseiro enquanto as sombras mornas da lareira brincavam em seu rosto... Duvidei já ter visto algo mais belo em toda minha vida. Seus braços aninhavam um dos travesseiros junto ao corpo e, pela primeira vez na vida, tive ciúme de um objeto inanimado. Ela usava *minha* camiseta e uma pequena peça de renda branca... De onde eu estava, podia afirmar que ela não usava nada mais. Engoli em seco, controlando a imaginação. Com cuidado estiquei o edredom sobre suas pernas, seria melhor afastar dos olhos do que poderia me enlouquecer. E, lembrando que minha herança nunca ajudava o autocontrole, entrei no quarto de banho. Uma ducha fria provavelmente afastaria meu sono, mas, de qualquer forma, a noite prometia ser longa. Muito longa.



## Sonhos reais

ABRI OS OLHOS, sem reconhecer nada ao meu redor... e concluí que poderia estar dentro de um sonho.

Da última vez em que dormi, tive pesadelos por não saber se meu amor estava vivo; por isso, espantei a sonolência para ter certeza de que estava acordada. Esfreguei os olhos doloridos e me surpreendi ao lembrar o meu sonho, uma festa de casamento... *Minha festa de casamento!* Sim, essa era a minha realidade. Minha inacreditável realidade que mais parecia um sonho.

Com um longo suspiro, tentei adiar minha consciência e, aconchegando-me ao edredom, tentei voltar à posição confortável... Mas a escuridão do quarto estava maculada por um chispar de claridade enervante. Concentrei minha atenção no fogo tímido que queimava na lareira do outro lado do quarto. O curioso é que ele não era incômodo; na verdade, a chama bruxuleante combinava perfeitamente com o breu da grande vidraça ao seu lado. Hum... Que horas seriam? Tarde da noite? Ou ainda muito cedo para o sol? Eu me lembrava de ter deitado no começo da manhã e, pelo corpo dolorido, eu havia dormido durante muitas horas. Mas, contrariando a lógica, poderia dormir durante mais algumas facilmente.

Apoiando-me nos cotovelos, baixei os olhos, reconhecendo a camiseta preta. Lutando contra a sonolência, esforcei-me para absorver a sobriedade do quarto familiar, procurando... Mas não havia sinal de Vincent. Um suspiro iniciou um bocejo descontrolado e, inclinando a cabeça, encontrei a origem da claridade que me incomodava. O feixe de luz escapava da porta do quarto de banho onde eu provavelmente deixei a luz acesa... Resmungando contra mim mesma, joguei o edredom preto de lado para pôr os pés no chão. Levantando-me a contragosto, testei meu equilíbrio. Um formigamento letárgico se espalhou por meu corpo e foi um milagre não tombar novamente no colchão.

Depois de alguns passos cautelosos, estiquei uma mão, abrindo passagem pela fresta iluminada até o interruptor. Mas, ao notar uma presença no interior do cômodo, eu parei. Do lado de dentro, uma silhueta se movia calmamente. Era impossível não admirar a altura do homem de cabelos escuros, que exibia músculos definidos por baixo de uma pele perfeita.

A cor creme sedosa descia por suas costas largas, contornando o quadril estreito e terminando em pernas torneadas. Bíceps se esticaram quanto ele se livrou do tecido preto e o movimento enalteceu seus ombros, alinhando perfeitamente omoplatas e músculos dorsais. Tentei piscar, mas meus olhos

ainda estavam paralisados... Contemplando a beleza daquele homem perfeito. Ali não havia nenhum traço da linhagem sombria do Demônio, apenas a visão de um anjo. Meu anjo.

Tentei piscar mais uma vez e, mais uma vez, não consegui. Eu ainda estava sonhando? Recolhi minha mão e voltei um passo, minha pulsação retumbando sem controle. Meu corpo estava mole, quente, gelado, atordoado... Eu precisava respirar!

Cuidadosamente me sentei na cama, escondendo as pernas trêmulas embaixo do edredom. Com a respiração acelerada, espiei a fresta mais uma vez, mas a silhueta do meu anjo não estava ao alcance dos meus olhos. O som da água ecoou pela porta entreaberta. Logo o ar ficou saturado com um aroma conhecido... amadeirado, levemente cítrico. O perfume dançava ao meu redor e, como de costume, me acalmou. Porque *ele* era Vincent. E a presença do amor da minha vida sempre me deixaria segura. Apertei o anel em meu dedo, ele comprovava que aquele sonho era *meu*. Só meu.

Os tremores cessaram... A sonolência voltou, envolvendo-me como um feitiço. Fechei os olhos, relembrando com ternura cada detalhe da minha visão. No aconchego do edredom, contei os segundos... que provavelmente viraram minutos. O tempo domou minha ansiedade enquanto me perdia naquele perfume único e, sem saber onde meu sonho terminava, mergulhei na inconsciência... Desejando outros sonhos reais.

## Segundo Dia

### Reconciliação

QUANDO ABRI os olhos novamente, uma luz morna clareava o quarto. Desta vez eu sabia onde estava e tinha certeza de que não era um sonho.

Virei o rosto, procurando, e ao meu lado encontrei um lindo homem inconsciente. Admirei seus traços serenos, as sobrancelhas grossas, os cílios espessos, os lábios assimétricos... Desci os olhos pelos músculos de seu peito e suspirei. Tudo bem, talvez fosse um sonho.

Admirando aquele rosto lembrei-me da última visão da noite, demorando-me nas reprises. Só notei que Vincent estava de olhos abertos quando uma onda se espalhou pelo colchão. Ele virou o corpo para me olhar de frente, e o aroma fresco... amadeirado e levemente cítrico, me envolveu como um convite. Corei violentamente com as lembranças persistentes.

– Desculpe, não queria acordá-lo.

– Acredite, isso é melhor do que um sonho.

Envolvida pela voz ronronada, endireitei-me na cama, admirando o sorriso torto que crescia em seu rosto.

– Acho que você tem razão. – Não consegui resistir ao impulso e levei a mão até seu rosto... Definitivamente, minha memória não era fiel ao modelo original.

Reagindo ao meu toque, Vincent apoiou a cabeça em um dos braços enquanto o outro se esticava para tocar meus cabelos. Com a visão privilegiada de seus músculos peitorais, quase não notei o carinho. Só conseguia pensar em deslizar minha mão por suas cicatrizes, que se espalhavam pelas ondas do abdômen e desapareciam sob o edredom... Hum. Eu já sabia que ele gostava de dormir sem camisa, mas será que ele dormia de calças? Parei de respirar.

Vincent estreitou os olhos com uma careta preocupada, que não deixava de ser sexy.

– Você está bem?

Pisquei uma vez e, girando o corpo, desviei os olhos para a luz na vidraça.

– Dormi o dia todo... e a noite toda. Estou um pouco... zozza – disse, com a respiração acelerada.

Não era mentira. Agora, havia muito pouco oxigênio no meu cérebro.

Vincent jogou o edredom para o lado, levantando-se em seguida... Ah, calças pretas de malha. Por que eu estava decepcionada?

Ele andou até a lareira quase apagada e, acima dela, notei uma bandeja com algumas louças. Rapidamente o monumento de músculos estava de volta, equilibrando sua calça de malha perigosamente no quadril, e sentou ao meu lado na cama. Não conseguia parar de encará-lo. Vincent me ofereceu um objeto com um sorriso... Talvez um copo, mas não desviei os olhos para confirmar. Seguindo o comando de suas mãos, endireitei-me para beber o líquido de dentro dele. Algo refrescante, como água gelada. De fato, com aquela visão à minha frente, eu beberia areia e ainda acharia refrescante.

Meu *marido*, tomou o objeto de minhas mãos, deixando-o sobre a mesa de cabeceira e voltou para o seu lado da cama. Concedendo-me uma exibição de movimentos perfeitos enquanto se ajustava em uma posição confortável... Um braço embaixo da cabeça e o outro repousando sobre o peito. Percebi que iria assistir aquilo todas as manhãs, pelo resto da vida, e não pude deixar de sorrir.

Vincent. Era. Meu.

Firmando esse pensamento, reuni coragem para me aproximar, reivindicando meu lugar em seu ombro. Ele ficou imóvel. Com um gesto paciente, pressionei os lábios na pele quente de seu peito... E sua reação não foi bem a que esperava. Com um grunhido em alemão o mago pulou, quase batendo a cabeça no encosto da cama. Eu me senti imediatamente.

– Desculpe – resmunguei, confusa diante da reação exagerada. – Esqueci que você tem cócegas.

– Eu não tenho.

Mordi o lábio, duvidosa, e recordei a última vez que dormimos juntos, na casa de meu avô... Ele estava certo. Na ocasião, sua reação ao toque dos meus lábios em seu peito foi bem diferente. Mas a situação agora também era diferente, favorável... A não ser que algo em minha nova condição de Deva o repelisse. Isso, ou outra coisa. Minha memória voltou até nossa *quase noite* em Goch. Com o rosto em combustão, voltei ao meu travesseiro, concentrando minha atenção nos arabescos florais espalhados pelo teto. Alguns intermináveis segundos depois, a cama cedeu ao meu lado. Vincent estava apoiado em um cotovelo, olhando-me de cima, e, com um gesto hesitante, afastou o cabelo do meu rosto.

– Ainda é cedo, quero que descanse.

– Eu já fiz isso.

Com um rosnado ecoando do peito, o mago voltou para o seu lado da cama. Aguardei outro segundo, que durou a eternidade... Não consegui me conter.

– Por que está fugindo de mim?

– Não estou.

Afastando o edredom, eu me sentei, e, encarando o rosto perturbado ao meu

lado, cruzei os braços.

– Está – bufei. – Se está fazendo isso por causa do beijo em Arthur, eu já disse, não foi nada além do momento.

Com um grunhido irritado, Vincent levou as duas mãos aos olhos, escorregando-as pelos cabelos.

– Você não precisava me lembrar disso.

Hum... primeira opção.

– Desculpe. Eu não queria – resmunguei, apertando os braços no peito. – Então me diga o que está acontecendo.

– Não está. – Ele começou, depois parou. – Quer saber? Na verdade está... – Sentando-se com um único movimento, Vincent também jogou o edredom longe. Descendo os olhos pela extensão do meu corpo, parou em minhas pernas. A voz grave preencheu o quarto com meu nome enquanto ele fechava os olhos. – Melissa... Você tem ideia de como é difícil ficar ao seu lado dessa maneira?

Vincent abriu os olhos e os oceanos faiscantes percorreram os contornos da minha camiseta. Segui seu olhar, atentando-me à forma nada discreta que meus braços esticavam o tecido, evidenciando curvas bem redondas, e parei a avaliação em minhas pernas nuas... Acho que podia entender seu ponto de vista. Soltei meus braços imediatamente, na dúvida se ajeitava o tecido em meu peito ou o esticava para cobrir decentemente minha calcinha. Se *eu* estava perturbada com minha visão, podia imaginar o efeito que havia causado. Em resposta, o mago levou a mão ao cabelo enquanto soltava o ar ruidosamente. Quando falou, sua voz soou baixa, densa e arrastada.

– Estamos unidos em futuro há bastante tempo. *Casados*, se este termo soa mais familiar. Tudo que mais quero é ter você em meus braços... – Os penetrantes olhos turquesa encontraram os meus. – E juro, nunca mais vou soltá-la. – Achei que meus ossos tinham virado gelatina. Quando ouviu minha respiração ruidosa, a frustração de Vincent ganhou nova intensidade. – Mas este não é o lugar. Digo, não é o *melhor* lugar para...

Suas palavras cessaram e suas mãos se fechavam ao lado do corpo. Olhos intensos ainda sustentavam os meus e foi como mergulhar no mar revolto. Ondas gigantescas tocavam cada centímetro do meu corpo, envolvendo-me com calor, desejo, ansiedade. Amor. Ele se esforçava para manter o controle, mas eu nunca fui boa nisso. Senti meu corpo se mover, atraído para essa força hipnotizadora... E quase cai para trás quando três batidas apressadas ecoam da porta.

Cruzei meu olhar assustado com o mago de olhos furiosos.

– Entende o que quero dizer?

Se não estivesse tão frustrada quanto ele, poderia rir de sua expressão irritada.

Pulamos para fora da cama ao mesmo tempo e, antes que percebesse, Vincent já vestia um roupão preto, saído sabe-se lá de onde. Sem muitas alternativas, puxei minha camiseta para baixo, avaliando o que fazer com minhas pernas nuas. Notei que não era apenas eu quem as estava olhando. Apoiei as mãos na cintura, pronta para exigir dele o roupão emprestado, quando mais batidas chacoalharam a madeira... despertando o mago de seu transe.

– Há roupas para você no quarto de banho.

A voz encantadoramente envolvente me fez congelar por alguns segundos... Apenas quando o mago virou para a porta, que chacoalhava com outra batida, consegui conectar minhas funções cognitivas. A seu exemplo, girei nos calcanhares, disparando para o cômodo elegante que estava longe de ser apenas um banheiro. Fechei a porta atrás de mim e, sem perder tempo, vasculhei os arredores em busca de roupas familiares. Ouvi Vincent trocar saudações nada animadas de bom dia e parei meus movimentos, atenta. A voz aguda que escorregou pelas frestas era inconfundível, mas o recado de Lume foi breve. O pouco que pude compreender revelou que alguém nos aguardava na sala da grande lareira.

Imaginei o tipo de visita inconveniente que madrugaria na casa de alguém. Mas sua importância mudou quando percebi as opções... Na pior delas, um Demônio que não partilhava das convenções do nosso mundo. Na melhor, um mago que renegou a magia e suas netas, desesperado o suficiente para não se preocupar com formalidades. Para qualquer um deles, eu precisava me apressar.

Voltando à minha busca, encontrei vestidos pendurados atrás de um biombo de madeira. Avaliei minhas opções... Vestidos longos, curtos, esvoaçantes... Todos de seda. Suspiro. Tinha certeza de que eram roupas de Viviana e, apesar de agradecida pela gentileza, fiz uma nota metal para incluir uma calça jeans na lista de Natal da elfo. Para completar minha frustração, encontrei meus *odiados* scarpins pretos posicionados estrategicamente abaixo dos vestidos. Desta vez, deixei um grunhido exteriorizar a raiva de mim mesma por deixar Rose escolher meu último vestuário.

Depois de uma ducha rápida, parei na frente do espelho para domar meu cabelo e, para minha surpresa, encontrei uma escova de dentes cor de rosa me aguardando sobre o mármore da pia. Abri a embalagem um enorme sorriso, agradecida pela sensibilidade inesperada do meu cavalheiro *não tão carrancudo*. Enquanto escovava os dentes, me peguei imaginando quantos outros detalhes práticos Vincent havia providenciado no dia anterior. A casa de vidro com certeza era um deles... Hum. Cuspi a espuma, encarando meu sorriso nervoso no espelho, e, controlando a ansiedade, escorreguei para dentro do modelo mais simples dentre as opções de Viviana. Fechei os botões nas costas com

malabarismos inimagináveis, ajeitei as camadas de seda branca que dançavam em meus joelhos e, pulando sobre os saltos, corri para o quarto.

Encontrei meu mago parado junto à vidraça, perfeitamente alinhado em seu combinado preto. Seu olhar perdido admirava o sol nascente e, sem pressa, ele voltou o rosto para mim. Contendo um suspiro, falei devagar.

– Desculpe a demora, tive dificuldade com os... botões.

Afinal, era melhor não reclamar. O modelo *vintage* de seda era definitivamente mais contemporâneo do que o vestido longo de Christine... Eu teria que me acostumar à moda extremamente feminina do Mundo Mágico. Mas, para Vincent, aquele detalhe parecia não importar. Seu olhar aturdido subia e descia, mas não parecia se atentar ao tecido que cobria meu corpo. Sua boca aberta, hesitante, não falou, apenas deixou escapar o ar com um arfar extasiado. Ele veio ao meu encontro, parando muito perto e, sustentando meus olhos, tomou minha mão. Virando-a lentamente, deixou um beijo quente e demorado em meu pulso.

– Algo me diz que esse dia vai ser mais longo do que posso suportar – murmurou em minha pele.

O calor de seus lábios eletrizou meu corpo... Engoli em seco, o curioso é que Vincent nem podia imaginar o *quão longo* esse dia seria para *mim*. Com *muito* esforço, desviei meus olhos, controlando a respiração.

– Quem está esperando por nós?

– Na verdade, a visita é para *você*.

– George... – pensei em voz alta.

Vincent apertou minha mão.

– Se ainda não estiver preparada para esse encontro, posso resolver o assunto com seu avô.

Meu coração machucado deu um salto. *George estava aqui! Na montanha. Na casa dos Von Berg!* Estaquei no lugar, imaginando o quanto essa simples visita custava a meu avô. No segundo seguinte, já estava em movimento. A dois passos da porta, uma mão se fechou em meu cotovelo.

– Espere... – A voz grave tremeu, ansiosa, fazendo-me parar. – Sei que espera fazer as pazes com ele, Melissa, e desejo que vocês se entendam, mas não vou aceitar que George a magoe novamente. Ele tem todo o direito de negar a magia, mas deve respeitar *suas* escolhas.

Vi a seriedade toldar os olhos protetores e, com um carinho lento, deslizei os dedos pelo rosto do meu mago carrancudo.

– Meu avô teve bastante tempo para pensar em nossa discussão, Vincent. Se veio até aqui, é porque deixou muito de sua determinação para trás.

Vincent, ainda relutante, soltou meu braço.

– Espero que tenha razão.

Com um sorriso brando eu me aproximei, apoiando as mãos em seu rosto, uma de cada lado, e estiquei-me para beijá-lo. Acomodei meus lábios nos dele com um suspiro, apreciando seu calor se espalhar por minha boca... A mudança aconteceu rapidamente. Rendendo-me ao desejo, deslizei minhas mãos para seu pescoço, e saí do chão quando braços possessivos se fecharam ao meu redor. Vincent apoiava meu corpo contra o dele enquanto seus lábios sugavam minha consciência, dissolvendo-me em um beijo profundo e intenso... Mas não esperava que eu o devolvesse com o mesmo vigor. Ofegante, o mago me devolveu ao chão.

– Melhor não começar o que não podemos continuar.

– Eu sei.

Avaliei o rosto que se distanciava e o olhar faiscante foi meu incentivo. Sem aviso, subi minhas mãos por seu peito até encontrar a gola de sua camisa, e, escorregando os dedos para a pele macia, afundei minhas unhas em sua nuca. Tomando impulso, avancei para beijá-lo mais uma vez, prendendo seus lábios nos meus ferozmente. Vincent deixou escapar um som rouco e, com as duas mãos em meu rosto, se afastou.

Apoiando sua testa contra a minha, falou entre o fôlego descompassado:

– O que foi isso?

– Um agradecimento pela escova de dentes.

Seus olhos brilharam com uma satisfação diferente. Meu mago *não tão carrancudo* levantou os lábios no canto, enquanto a ternura imperava nos poderosos oceanos turquesa.

Levantando o rosto, ele beijou minha testa.

– Seu avô está esperando, *senhora Dippel*.

Sorri abobada e deixei o quarto, escoltada por meu marido.

No último corredor antes do mezanino, interrompi o silêncio do mago pensativo.

– Você sabe de Alice? – Minha pergunta o surpreendeu e Vincent arqueou as sobrancelhas, retornando de onde quer que estivesse. – Minha irmã nunca ficou tanto tempo fora de casa... Será que dormiu bem? Será que ela...

Antes que eu terminasse a pergunta, gritos eufóricos ecoaram pelas paredes de pedra atrás de nós. Um latido soou mais perto e logo ouvimos passos que se revezavam em uma corrida barulhenta. Apenas pelo reflexo treinado do mago das sombras não fomos atropelados. Vincent me puxou para uma das paredes a tempo e, recuperada do susto, assisti a competição de velocidade entre uma menina maga de vestido verde e seu amigo cinza felpudo.

– Vem, Mel! O vovô está aqui! – Alice gritou a plenos pulmões antes de



alcançar a escadaria do vitral.

– Alice! Alice, você não deve... Alice?! – chamei, inconformada ao ser ignorada pela dupla eufórica.

– Você sabe que ela não está te ouvindo, não é? – O mago alertou em meu ouvido.

– Só queria alerta-la do perigo de correr pelos degraus...

– Não se preocupe, ela deve ter feito esse percurso umas mil vezes nas últimas vinte e quatro horas. Correndo. E ainda está inteira.

Não respondi, apenas suspirei, falhando terrivelmente na tentativa de parecer controlada. Com um afago Vincent puxou minha mão e, no meio da escadaria, pude ver o visitante na sala da lareira. Nesse momento, agradei os inúmeros degraus que prolongaram o inevitável.

George ocupava uma das poltronas vitorianas, os olhos inquietos, a expressão duvidosa. Ele se levantou para receber Alice, e não escondeu o alívio quando ela se jogou contra seus braços, devolvendo-o à poltrona. A euforia da neta caçula o distraiu, assim como seus olhos meticolosos que avaliavam cada centímetro de sua integridade. Ao seu lado, Aristela e Nicolau se entreolhavam em uma conversa silenciosa. Indiferente à tensão, Alice tagarelava sem parar, colocando o assustado avô a par de suas peripécias com Heros no dia anterior. Ao fim de sua narrativa, a menina maga girou pelas mesas aparadoras, servindo-se dos quitutes cuidadosamente dispostos pela anfitriã. Aproveitando a oportunidade, a maga de cabelos acinzentados deixou sua posição ao lado do marido para circular uma bandeja de *madeleines*. Cruzando o olhar conosco, Aristela enviou sua voz mental... “*Está tudo bem, chérie, seu avô veio fazer as pazes*”... Atrás dela, George finalmente notava nossa presença.

Com um suspiro meu avô soltou os ombros, o rosto cansado encontrou o meu e ele se levantou mais uma vez. Em seus olhos esverdeados vários sentimentos se misturavam. Alívio, admiração, dúvida, preocupação... Por fim, temor. Sua expressão final me deixou apreensiva.

Ouvi a saudação educada do mago das sombras, mas estava nervosa demais para seguir seu exemplo. De qualquer forma, George permaneceu calado. Vincent guiou nossos passos, conduzindo-me até uma das poltronas livres, e desmoronei nela, sem conseguir desviar daqueles olhos entristecidos. As paredes da gigantesca sala de madeira ecoavam nosso silêncio constrangido... Até que, com um sábio gesto diplomático, a maga anfitriã ofereceu xícaras fumegantes aos presentes. Meu avô negou a sua e, hesitante, sentou-se em seguida. Mas eu desejava despertar minha coragem com a ajuda da bebida revigorante e, queimando a garganta, entornei o café de uma única vez. Depois de quase expelir meu pulmão com uma tosse engasgada, notei que a sala compartilhava a

mesma expressão cômica... Pelo menos meu *quase sufocamento* havia quebrado o gelo.

George ajustou o peso do corpo para a borda da poltrona, soltando o ar lentamente antes de falar.

– Vocês... parecem bem – murmurou em um tom quase descrente, dançando os olhos entre mim e Alice.

O conflito de sua voz fez crescer a mágoa em meu coração.

– Nós estamos – respondi, seca.

Um olhar da maga telepata lembrou que reviver a briga da manhã anterior não era o propósito da visita. Como apoio, Vincent procurou minha mão, entrelaçando seus dedos nos meus. Os olhos de George não perderam o movimento.

Ignorando a tensão que voltava à sala, Alice pegou outro *éclair de chocolat*.

– Estamos bem sim, vovô, foi muito legal ficar aqui... Eu falei que dormi em um quarto só meu? – Alice deu uma bocada na cobertura de chocolate, ao mesmo tempo em que girava o tule de sua saia. – E ganhei um vestido... Olha! A Lume trouxe para mim da Vila da Luz. Ela disse que escolheu verde para combinar com meus olhos. Não é lindo?

Meu avô parecia um pouco confuso, mas também determinado a não se aprofundar nos detalhes.

– É sim, Alice.

Minha irmã pausou para engolir.

– Ah... Eu ia pedir um vestido para você, Mel, mas você estava dormindo. – Ela se voltou para o avô. – A Mel descansou bastante... Estava dormindo desde ontem. Nem acordou para eu dar boa noite.

George avaliou a normalidade no rosto de minha irmã e, escondendo a pergunta que quase saiu, contornou as palavras na boca.

– Isso é... Bom. – Levantando algo por trás da máscara inerte, meu avô tentou sorrir. Mas não conseguiu. Abaixando a cabeça, ele juntou as mãos de maneira nervosa. – Melissa... eu...

Sua voz parou. George espiou Alice no tapete e cruzou um olhar com a anfitriã atenta... Achei ter visto Aristela assentir, incentivando-o; curiosamente, meu avô pareceu buscar no gesto o que lhe faltava. Quando voltou a falar, sua expressão era determinada.

– Eu não entendi sua reação ontem. Mas, agora, acho que entendo. – Ele limpou a garganta. – Aristela e Nicolau esclareceram algumas coisas antes de você chegar, contaram do ataque daquele outro mago... no dia em que você se perdeu no bosque. Eu não sabia disso. E imagino que, se sua mãe sabia disso, teve um bom motivo para deixar a cidade. – George abaixou a voz. – Eles

falaram também sobre o tal elixir que apagou a magia de sua memória, e explicaram como aconteceu a evolução mágica de sua irmã, logo depois que vocês chegaram à cidade.

Sua voz parou mais uma vez, eu quis falar... Mas não consegui. Porque estava devastada, imaginando o sofrimento por dentro daqueles olhos oliva. George inspirou, ainda fitando minha irmã, e ela simplesmente sorriu, feliz por ser o foco de sua atenção.

– Eu percebi os vestígios de magia pela casa, mas não imaginei que vinham de Alice... Pensei que as manifestações eram resultado da herança do seu pai, Mel. – De repente meu avô parecia frágil, como se o peso dos anos o tivesse alcançado. – E sobre *ele*, eu juro, sei apenas o que sua mãe nos contou.

Meus olhos arderam instantaneamente e eu me ajeitei na cadeira.

– Isso quer dizer que... que minha mãe, ela falou dele? – perguntei, incrédula e aliviada.

– Sim. – George falou um pouco mais animado, provavelmente por me ver disposta a interagir com sua presença. – Mas não entrou em detalhes. A única coisa que Angelina revelou é que ele pertencia ao outro mundo, o Mágico, e que, com a ajuda dele, havia decidido despertar sua magia. Mas isso não fez diferença, porque ele desapareceu e sua mãe voltou a negar a magia com mais fervor ainda. Ela não falava sobre o assunto, sobre ele... Isso a machucava. Respeitando nosso juramento de silêncio, não exige mais nada.

Depois da última palavra, George expirou, como se retirasse algo dolorido do peito. Eu também estava disposta a esquecer tudo, soltei a mão de Vincent, pronta para abraçar meu avô... Me sentar ao seu lado, contar o que *eu* sabia sobre meu pai, sobre a magia, detalhar todas as aventuras que vivi, principalmente minhas experiências ao descobrir *minha* magia... E foi aí que minha disposição evaporou. Porque o rosto inflexível à minha frente não estava preparado para isso. Sua compreensão da magia ainda era limitada. E continuaria assim. Por opção. George preencheu as lacunas da minha história com um único propósito, não perder sua pequena família. Esse era seu interesse aqui: sua família. Não a magia. Meu avô não estava preparado para fazer parte do meu mundo.

Senti a mão de Vincent envolver a minha novamente, com seu apoio reuni coragem.

– Eu compreendo, *Opa* – falei em tom indulgente, respeitando os limites delimitados durante uma vida.

George sorriu para a referência carinhosa e, levantando o rosto, inspirou profundamente.

– Espero que compreenda também que, para os Wels, *saber* não quer dizer se envolver... *Saber* quer dizer estar preparado. – Meu avô passou os olhos por

Aristela e Nicolau. – Vim aqui hoje porque não quero ficar ausente mais uma vez. Mas, depois do que ouvi, preciso ser sincero... Não sei se faria algo diferente. Eu protegi vocês de tudo isso o máximo que pude, Melissa, porque esse era meu dever. Foi isso que aprendi. O que me contaram aqui só justificou minhas decisões. As decisões dos meus antepassados. – Seu rosto resoluto não me permitiu argumentar, porque, para qualquer cérebro racional, ele tinha razão. Desviando da emoção, meu avô levou seu olhar até Vincent, depois o baixou para nossas mãos unidas. – Ainda assim, de uma forma ou de outra, a magia estaria no seu destino, Melissa. Por sangue ou compromisso. Como foi com sua mãe. E, como aconteceu com ela, sei que esta escolha é sua. Mas quero deixar claro... Isso me apavora. Como me apavorou antes. – George apertou as mãos, como se lutasse contra todos os seus instintos protetores. Seu olhar concentrou-se em Alice e, com um gesto expansivo, ele abriu os braços para a grande sala intimidadora. – Porque isso é tudo que evitei a vida inteira, mas... não posso ficar longe de vocês. Eu não quero perder vocês.

Seus olhos mareados foram meu limite e, cruzando o tapete, curvei-me ao encontro do meu avô. Eu o apertei em meus braços, para tranquilizar a ele e a mim, enquanto lágrimas suavizavam o aperto do meu coração.

– Você nunca vai nos perder, *Opa*.

George retribuiu o abraço, desfazendo a barreira impenetrável. Um instante depois, mãozinhas carinhosas se juntaram ao nosso aperto.

– É, vovô. Sempre estaremos perto de você. – Percebi George reprimir um soluço, e acho que Alice também percebeu. – Está tudo bem agora, ninguém mais precisa ficar triste.

– Ninguém mais – George repetiu.

Eu com certeza não estava triste, mas foi impossível segurar as lágrimas. Desdobrando um sorriso afoito, Alice secou minhas lágrimas enquanto se esticava até meu ouvido:

– Eu não disse que a raiva do vovô ia passar? – Afastando-se um passo, minha irmã uniu os três pares de mãos. Trocamos um sorriso, da minha parte um dos mais satisfeitos que já produzi na vida. – Agora vamos todos juntos nos divertir na sua festa de casamento, Mel!

Era tudo que eu queria.

Meu contentamento transbordou pelos olhos, até encontrar o rosto inquieto de George.

– Sobre isso... – George limpou a garganta, assumindo um tom sério enquanto soltava minha mão e a de Alice para se levantar. Ele ajeitou a calça na cintura e, procurando por Vincent, falou rápido. – Gostaria de terminar aquela conversa, senhor Dippel.

Minha alegria se esvaiu em uma fração de segundo. Busquei o mago das sombras com a aflição contorcendo meu rosto e, para meu desespero, Vincent pareceu muito seguro.

– Claro, senhor George. Por favor, venha comigo.

Fiquei paralisada, congelada, emudecida, enquanto meu consorte e meu avô se afastavam pela sala do piano. Lembrando-me da manhã anterior e avaliando as improbabilidades de uma conversa particular entre os dois, eu praticamente gritei enquanto os seguia.

– Vou com vocês!

Vincent sinalizou para George esperar e voltou alguns passos para me encontrar. Tomando minhas mãos, o mago das sombras beijou-as delicadamente.

– Esta é uma conversa de cavalheiros, Melissa – informou. Eu o olhei em pânico, temendo que o progresso dos últimos minutos fosse desperdiçado. Felizmente, o mago entendeu minha aflição. – É só uma conversa, fique calma.

Eu era o oposto da calma, mas, enquanto buscava palavras para justificar meu nervosismo, eles se afastavam por um dos corredores ao fim da sala. Vendo minha perturbação crescente, Aristela tomou meu braço, rebocando-me de volta à sala da lareira.

– Venha comer algo, *ma chérie*. Agora que está descansada, temos muito a fazer.

Neguei a oferta, concentrando-me na expressão de Nicolau.

– Sobre o que vocês acham que eles estão conversando?

Nicolau franziu as sobrancelhas e Aristela reprimiu uma risada. Quando falou, foi bem direta:

– Você. – Não disfarcei a careta ao perceber que Aristela se divertia com o desespero em minha mente. – Não se preocupe... Eles voltarão. Inteiros.

Sem tanto humor, Nicolau tentou ajudar.

– Vincent fará parte de sua vida e seu avô sabe disso. Eles precisam dessa conversa para ter uma convivência amigável.

Mordi o lábio, fitando o rosto do mago... *Amigável* não me pareceu uma palavra satisfatória.

– Só podemos esperar, *chérie*. Mais café? – A maga perguntou com um sorriso naturalmente encorajador. Bem que eu gostaria de saborear uma boa xícara de café, já que não consegui da primeira vez, mas uma dose de cafeína a esta altura seria como dinamite. Inevitavelmente, Aristela acompanhou meus pensamentos. – Você está agitada sem motivos, Melissa. Eles não tinham o propósito de brigar quando deixaram a sala.

Ela poderia saber o que se passava na mente deles, mas, na minha, se repetia a discussão da manhã anterior que quase chegou às vias de fato.

– É, Mel... O Vincent e o vovô vão ficar amigos. E a gente logo vai para casa.

Ouvi minha irmã com o coração partido, sabendo que precisávamos conversar; afinal, eu não voltaria para casa. Dizer que ela e George ficariam sozinhos pareceu mais difícil do que eu podia imaginar. Virei para a menina e o cachorro no tapete, procurando uma forma de dar a notícia. Mas, antes de começar, fui interrompida pela maga telepata.

– Isso não é um problema, acredite em mim. – Aristela suspirou longamente, seu olhar indicou Alice e eu entendi o recado. – Quanto ao resto, sei que está preocupada, mas George parece conformado com sua união. Conversamos bastante antes de vocês descerem, e Nicolau explicou os detalhes do Pacto de futuro... Embora George tenha demorado para aceitar os termos mágicos, pareceu aliviado ao saber que a festa de anúncio ainda não aconteceu. Acho que seu avô não queria perder a comemoração.

Enquanto falava, a maga levantou outro prato com um insistente olhar maternal. Olhei para os pães recheados, sem querer ofendê-la, e, para minha felicidade, minha irmã aceitou a oferta por mim. Alice alcançou duas porções com uma das mãos e chamou Heros com a outra e, em segundos, os dois desapareceram pela porta principal. Observei a cena contorcendo as mãos.

– Preciso conversar com minha irmã, Aristela, não tenho certeza se Alice entendeu a mudança. George não vai abrir mão de tê-la ao seu lado, de vê-la crescer... Sinceramente, acredito que esse seja o melhor caminho. Não ousaria separá-los. Mas não sei como ela vai reagir à minha ausência.

Aristela ajeitou alguns pãezinhos em seu prato.

– A compreensão de sua irmã é maior do que imagina, *chérie*. Ela sabe que agora você não vai estar presente o tempo todo e não está preocupada. Pelo contrário. Como pôde ver, ela está muito animada porque isso lhe garante acesso irrestrito à montanha. Tudo que Alice deseja é unir todos em uma grande família.

– A maga levantou os ombros com um sorriso doce. – E acho que ela já conseguiu isso.

Soltei o ar, agradecida. Pensativa... Até que Nicolau limpou a garganta, requisitando minha atenção.

– Sei que vocês logo ficarão ocupadas com os preparativos da Recepção de Anúncio e gostaria de aproveitar esse momento para ter *nossa* conversa, Melissa.

Franzi os olhos, prevendo o objetivo por trás das palavras polidas.

– Pensei que os testes não seriam mais necessários, agora que sabemos minha origem.

– Os testes não são, mas preciso confirmar a evolução do seu poder para finalizar os protocolos do Conselho. – Ele não disse, mas a voz didática não

deixava dúvidas, Nicolau falava como um representante Von Berg. – Como Vincent não quer nem mesmo cogitar a hipótese de levar você à Terra da Luz, vamos fazer isso aqui mesmo.

Assenti rapidamente. Seria a primeira a sugerir um passeio pelo Mundo Mágico, mas não tinha pretensão de voltar à Torre dos Portais do sei lá o quê, e muito menos encarar o Conselho. Ajeitei-me na poltrona vitoriana enquanto tentava controlar a inquietude persistente. Mordendo o lábio, avaliei os rostos ansiosos à minha frente... Lembrando-me de um doloroso detalhe.

– Será preciso usar aquele alfinete? Para que eu jure com meu sangue ou algo assim?

Nicolau não escondeu o sorriso divertido, mas eu ainda o encarava com seriedade.

– Não, minha cara, ele não será necessário. Mas preciso que você esteja disponível. – Ele sinalizou para Aristela e entendi. Não havia necessidade de um juramento de sangue com uma bola de cristal ao seu lado. Encontrei o olhar de Aristela e concordei. Não que tivesse opções. A expressão desconfortável da maga telepata chegou a me deixar culpada. Percebendo o desconforto pairar na sala, Nicolau endireitou-se ao meu lado. – Preciso apenas de algumas informações, Melissa. Prometo que essa conversa será rápida e indolor.

Um longo suspiro foi inevitável. Meu maior desejo era deixar o frenesi e a parte burocrática do Conselho para trás. Mas entendia que Nicolau e Aristela não haviam presenciado meus dons, para eles tudo era uma incógnita e isso explicava o receio em seus olhos. Mas, agora que sabia um pouco mais sobre minha história e porque estas coisas estavam acontecendo, não me sentia fora de controle. Minha linhagem faria parte de minha vida, assim como o calor inquietante, e, se isso me levava para mais perto do homem que eu amava, para seu mundo... Só havia vantagens. Decidida, levantei os ombros.

– Estou à sua disposição, Nicolau.

– Obrigado. – Ele ficou visivelmente aliviado. – Muito bem... Vincent disse que você consegue controlar parcialmente seu poder, e pode exteriorizá-lo em ondas de energia.

O mago robusto me olhava atentamente, e sua expressão analítica fez eu me sentir um projeto de ciências.

– Sim, consigo reuni-lo no meu peito. Quando o libero pelos braços, esse calor escapa por minhas mãos em ondas douradas. Já queimeei várias coisas fazendo isso.

Ele avaliou a informação.

– Interessante. Um poder do fogo. Muito interessante. – Avaliou-me como se eu fosse um espécime raro. – Quero que siga minhas instruções e, se tiver

alguma dúvida, pergunte. Acha que pode fazer isso? – Concordei. – Ótimo. Então, comece concentrando seu poder.

Fechei os olhos e obedeci, sentindo a onda de calor crescer em movimentos circulares dentro do peito.

– Agora, libere sua força.

Mais uma vez, obedeci, e senti os dedos de Nicolau tocarem minha mão. Controlei o calor que tentava escapar; a sensação de contê-lo não era agradável, mas eu me esforcei, não queria machucá-lo por acidente.

Um murmúrio admirado escapou dos lábios do mago.

– Curioso. Eu sinto seu poder, mas não posso ver sua aura de energia – disse para a maga silenciosa a seu lado, que balançou a cabeça em concordância. – Você poderia exteriorizá-la? – A pergunta não fazia sentido e uni as sobrancelhas. – Eu posso ajudá-la. Concentre-se novamente, Melissa, e ordene a seu poder que flua para fora de seu corpo.

Aquilo continuava sem o menor sentido.

– E exatamente *como* vou fazer isso?

Nicolau girou uma das mãos no ar, com um movimento impensado.

– Exteriorizar a aura de poder é algo natural para seu corpo, como expirar o ar. O calor acumulado em sua pele vai pedir para ser libertado sempre que se sentir nervosa, furiosa, ansiosa, alegre ou... ah... muito empolgada. – Achei ter visto o mago corar. – Enfim, é algo automático que aprendemos a controlar com o tempo.

Soltei o ar, exasperada, o ilógico me incomodando... Eu? Brilhar? Como Alice? Tudo bem, poderia dar uma chance ao mago, acreditar que era possível. Lembrei que o *possível* na magia deveria vir com uma dose de cautela.

– Mas, se eu liberar esse poder, o calor vai ferir vocês.

– Desta vez não será como o raio de fogo. Seu poder vai se dissolver em uma aura de luz. Mas peço que tome cuidado, pois, se ele se descontrolar, poderá realmente nos machucar. – Não consegui conter o choque. – Não vamos olhar diretamente para você, fique tranquila. Isso é apenas um aviso para que saiba do que ele é capaz.

O que ele quis dizer? Mordi o lábio, não saber como controlar isso definitivamente não me deixava tranquila. Fechei meus olhos e empurrei o calor por todo o corpo. Senti uma vibração em minha pele e imediatamente algo gritou em alerta, um instinto de autopreservação, como se aquilo fosse uma exposição perigosa ou muito pessoal. Em um segundo o calor aqueceu meu corpo todo, mas, duvidosa, o contive. Ainda sentia minha pele quente nas extremidades, era confortável. Absorta, quase sorri, imaginando que saber controlar a camada externa de poder seria muito útil para não sentir frio novamente.



– Ah...

O murmúrio extasiado de Aristela foi ecoado por Nicolau e me trouxe novamente para a sala do palacete.

– Você controlou a aura com perfeição, Melissa. Definitivamente, não fulge seu poder como os outros magos. A ausência de cor e a contenção é peculiaridade de um Deu.

– Hum... Então não há dúvidas agora, certo?

Esperava que não houvesse, porque eu carregava as minhas próprias dúvidas. Um sim ou um não bastariam. Mas é claro que o mago não facilitaria as coisas para mim. Nicolau se curvou, estendendo-me a mão.

– Gostaria de ver seu dom principal, o compartilhamento de energia.

Eu hesitei. Claro.

– Nicolau, não tenho o controle total disso, tenho receio de que possa... machucá-lo de verdade. Como fiz com Vincent.

O mago de olhar sábio sorriu, confiante.

– Você não vai me machucar, Melissa. Porque esse não é o seu desejo. E agora sabe disso. Confie em mim, você tem instintos muito bons e deve usá-los. Um breve toque é suficiente para compartilhar a energia. Primeiro retire, depois devolva. – Ele estendeu a própria mão, oferecendo-se como cobaia. – Isso pode deixá-la cansada, portanto tente controlar o fluxo. Sei que consegue.

Pisquei, balançando a cabeça, admirada com sua tranquilidade... ou insanidade. Com um sorriso, Aristela se uniu a ele no incentivo.

– Vai ficar tudo bem, *chérie*. Relaxe e deixe sua mente aberta. Assim posso intervir, se necessário.

Precisava crer que os dois rostos, aparentemente inconsequentes, pertenciam a tutores experientes. Reuni minha coragem e, apenas porque ele pediu, toquei a mão do mago robusto. Senti seu calor me guiar e com ele um aroma de folhas frescas invadiu meu corpo, revigorante! Eu o trouxe comigo, acomodando-o dentro do meu peito. Nicolau estremeceu e entendi que tinha funcionado. Com medo de ter ido longe demais, interrompi o fluxo. Se tomasse demais sua energia, eu o deixaria doente... como fiz com Vincent.

– Desculpe, você está bem?

Nicolau não parecia bem, mas balançou a cabeça afirmando. Mas, pela cor pálida que se espalhava por seu rosto, sabia que ele fora afetado. Concentrando-me novamente no que restava de seu calor, deixei minha energia fluir, atravessando a pele em ondas elétricas até chegar à conexão de nossas mãos. Quando o mago apertou minha mão, prendendo-me a ele, senti o primeiro calafrio. Obedecendo meu senso de autopreservação, soltei-o rapidamente, cortando nossa ligação.

– Isso foi incrível! – O mago estava exultante. Mas logo se conteve, voltando à expressão centrada. – Obrigado por sua disposição, Melissa, agora tenho tudo de que preciso.

Para mim, sentir-se fadigado estava longe de ser uma sensação incrível. Forcei um sorriso enquanto o cansaço atravessava meu corpo com um arrepio gelado. Encostei as costas na poltrona, e Aristela imediatamente me ofereceu um generoso pedaço de bolo de chocolate.

– Usar seu dom é exaustivo agora, mas vai melhorar com um pouco de prática – comentou, solícita.

Assenti, aceitando sua oferta sem hesitar. Com três garfadas nada educadas devorei o bolo de duas camadas, agradecida pelo chocolate extra da cobertura. Devolvendo meu prato vazio à mesa lateral, ajeitei-me na poltrona, inspirando e expirando pausadamente para me recuperar da lassidão.

– Então, acho que preciso praticar muito!

O olhar analítico do mago indicava cautela.

– Na verdade, você precisa ter cuidado, Melissa. Embora tenha o controle da energia, a totalidade de seu poder ainda é uma incógnita. É importante lembrar que, no seu caso, a absorção de poder durante o desenvolvimento mágico deixou consequências sérias... falhas. Que podem se agravar com o uso desse poder em formação. – Nicolau trocou um olhar significativo com Aristela. – E, pelo que sabemos, você usou seu poder até o limite nestes últimos tempos.

Franzi os olhos, algo me dizia que ele não estava falando da minha incapacidade de abrir portas.

– Que tipo de *falhas*, Nicolau?

O mago se ajeitou na cadeira, e teve o incentivo de Aristela. Mas por que Aristela precisaria apoiá-lo? Engoli em seco.

– A magia é uma força natural, que deveria se desenvolver a partir da energia que seu próprio corpo gerou. Mas Ludwig absorveu essa energia e sobrou muito pouco para seu desenvolvimento. Seu corpo precisou fazer compensações, que muitas vezes resultam em sequelas físicas.

– Se-sequelas?

Nicolau trocou outro olhar embaraçado com Aristela.

– Não sabemos ao certo quais. Teremos que observá-la. Você parece bem, não possui nenhuma disfunção aparente. Mas é esperado que uma falha nesse desenvolvimento sobrecarregue alguns órgãos... – ele limpou a garganta – e paralise outros. Uma espécie de seleção natural.

Aristela suspirou longamente, ajeitando-se no sofá.

– O que Nicolau quer dizer é que reestabelecer sua magia vai demandar ainda mais energia, e um corpo fragilizado não pode se reproduzir.

Endireitei o corpo na poltrona.

– O quê?

Aristela veio ao meu encontro, segurando minhas mãos.

– Isso ainda é recente, *ma chère*, e precisamos de tempo para confirmar o quadro. Estamos apenas explicando a teoria. Por hora, você precisa se fortalecer antes de praticar. A magia por si só vai tentar se reestabelecer e, com um bom treinamento, podemos amenizar as falhas e recuperar isso.

– Você está dizendo que isso pode ser revertido, não é? Essa... condição. Isso é, quando minha magia estiver completa, tudo voltará ao normal, certo?

Aristela apertou minha mão, visualizando a preocupação fervorosa em minha mente.

– É o que esperamos.

A esperança em sua voz foi desesperadora para mim. Milhões de pensamentos se cruzavam em minha mente e era incapaz de escolher um. Não que estivesse programando ter filhos agora. Não! Afinal, eu ainda nem tinha... enfim. A questão não era essa. O problema era perder algo que eu nem sabia que queria. E eu queria, claro! Mas será que Vincent queria? Será que ele conhecia as consequências do atraso em meu poder? Seria por isso que insistiu nas aulas de magia? As perguntas se enfileiravam em minha mente e os olhos aflitos da maga telepata confirmavam a confusão.

Desviando o rosto para o marido, Aristela me pareceu quase arrependida.

– Sei que há muitas coisas afligindo você, Melissa, e talvez sejamos os culpados por isso. – Enfatizando o tom consolador e seu olhar maternal, Aristela colocou um bolinho de chocolate em minha mão. – Mas gostaria que confiasse em mim quando digo que podemos ajudar a resolver qualquer problema.

Assenti, porque este parecia o único caminho. Na verdade, não cogitava outro.

– Agora vamos... Ainda precisamos resolver muitos detalhes. Estamos a um dia da comemoração do seu Pacto de Futuro, Melissa, e o tempo deste lado está literalmente contra nós!

Balancei a cabeça, atordoada por outros motivos...

## Planejamento

CAMINHEI EM SILÊNCIO atrás do vestido farfalhante de Aristela, imaginando se era meu destino ser uma espécie de alienígena com defeito... E, o pior, o que Vincent diria disso. A amargura me afligia em vários níveis quando a maga de cabelos acinzentados tentou mudar o rumo dos meus pensamentos. Ela detalhou a origem do grupo que nos aguardava na Sala do Portal e como eles nos ajudariam nos preparativos da Recepção de Anúncio. Confesso que absorvi muito pouco.

Divagando com as incertezas em meu futuro, só me dei conta do burburinho que ecoava ao nosso redor quando paramos diante da porta de folha dupla. Calculei o número de pessoas necessárias para produzir tal som e concluí que o tal *planejamento* de Aristela estava longe de ser simples como havíamos pedido. A maga empurrou um dos lados da porta, dando-me passagem, e parei depois de um passo, ainda com meu bolinho nas mãos... Parecia estar em uma feira livre.

A sala ampla, iluminada pela claraboia no teto, estava repleta de desconhecidos, tantos que mal conseguia ver as estantes de livros e as cristaleiras que cobriam as paredes. Os grupos falantes amontoavam-se ao redor das mesas de estudo, ocupadas com todo tipo de coisa, de tecidos a penas e papéis. Tentei me situar, mas minha atenção foi requisitada pelo chispar rosa do portal no centro da sala. Num piscar de olhos a chama se extinguiu, trazendo alguém muito familiar.

Alex desceu do elevador de pedra com muita pressa, misturando-se a um dos grupos, que, depois de algumas palavras do elfo, também se dispersou. O volume das vozes aumentou, mas, no meio da agitação, um grupo permaneceu muito concentrado. Nele reconheci os líderes dos Reinos, reunidos ao redor da mesa principal... Viviana, Félix, Ronie, Anasor e Ayla – Luz, Fogo, Terra, Sombras e Águas Profundas. Eles olhavam mapas e livros gigantescos, os corpos curvados, dando a ideia de que aquela era uma conversa de extrema importância.

Ainda observava a reunião incomum e pulei ao ser surpreendida pelo elfo de cabelos espetados.

– Que bom que chegou!

– Ah... Alex. – Levei as mãos ao peito, esmagando o que restava do meu bolinho de chocolate na seda branca. – Ah, Alex... Olha só... este vestido é de Viviana!

Enquanto eu tentava limpar inutilmente o estrago, o elfo de luz abriu seu

sorriso inabalável.

– Não se preocupe com isso, ela sabia dos riscos quando o emprestou.

Levantei os olhos para o elfo, tentando traduzir sua ironia de uma forma educada, mas, pelo sorriso persistente, ele estava mesmo me chamando de desastrada nas entrelinhas.

– Desculpe a pressa, Melissa, mas a Recepção de Anúncio é amanhã. – Sem se importar com o caos espalhado por meu vestido, ele me rebocou até uma das mesas mais ao canto, na qual estavam expostos vários tipos de tecido em pilhas degradê. – A recepção na Casa Botânica e o número limitado de convidados ajudou, mas ainda temos muito a resolver. Reuni alguns fornecedores da Vila da Luz, eles estão esperando para iniciar os trabalhos. Vamos começar por aqui. – Ele indicou os elfos à nossa frente. – Eles precisam saber sua preferência para confeccionar as toalhas e faixas decorativas.

Eu me encolhi enquanto tentava limpar a sujeira em meu vestido, envergonhada por me apresentar àqueles seres de olhares curiosos de forma tão desleixada. Para me lembrar que o tempo estava correndo, Alex tossiu duas vezes. Desconcertada, assenti... engolindo meu cumprimento polido. Pelo visto, o prestativo elfo de luz fora encarregado da organização da cerimônia, e era agradecida pela ajuda. Murmurando um pedido de desculpas, baixei os olhos, concentrando-me na variedade de texturas e cores empilhadas à minha frente. Os segundos se acumulavam entre as variedades brilhantes e estampas florais... Mordi o lábio, indecisa. Mais duas tosses secas de Alex, e já estava a ponto de retirar meu pedido de desculpas.

– Minhas preferências... – balbuciei para mim mesma, tentando encontrar meu foco. Foi impossível não levantar um olhar de soslaio até os elfos do outro lado da mesa. Tentei assimilar suas peculiaridades, mas, além das orelhas levemente pontiagudas, falhei em sua classificação de origem... Temendo enfurecê-los, deixei escapar um suspiro quase desesperado. Decisões sob pressão não eram o meu forte.

E foi a vez de Alex suspirar.

– Sei que é muita coisa para decidir de uma vez, mas é você quem deve dizer o que devemos fazer, Melissa.

Encarei os olhos prateados, espremendo os meus quando cheguei a uma resposta.

– Coisas simples – falei firme. – Vocês devem fazer coisas simples. – Desviando o olhar para os elfos, falei com o tom mais agradecido que consegui. – Sei que se esforçaram para reunir opções, mas gosto de coisas simples. E Vincent também.

Alex levou um dedo ao queixo.

– Não posso negar que isso vai facilitar as coisas.

Suspirei, definitivamente menos culpada.

Uma elfo de mais idade remexeu o monte de tecido à minha frente, puxando algo do fim da pilha.

– Que tal isso, querida?

Aceitei o linho branco com um sorriso, que ela retribuiu, parecendo aliviada. Outra elfo mais jovem se aproximou hesitante e, depois de trocar um olhar com a elfo mais velha, estendeu algumas fitas coloridas.

– E a cor de destaque? – perguntou baixo, a voz lutando para assumir um tom profissional. – Qual cor usaremos de base para a decoração?

Olhei para as fitas em suas mãos... Meus olhos foram atraídos para a escolha inconsciente do meu coração.

– Azul e violeta.

Isso arrancou mais um murmúrio satisfeito de Alex. Com um gesto camarada, o elfo colocou o braço sobre meus ombros.

– Sabe... Eu cheguei a ficar preocupado, mas acho que vamos terminar esta organização mais rápido do que esperava.

Com um girar das mãos, sinalizei para a sala lotada.

– Confesso que não esperava *tudo* isso, e nem sei como agradecer o empenho de tantas pessoas. – Terminei o gesto indicando os elfos à minha frente. – Muito obrigada.

Recebi sorrisos inesperados em resposta.

– A notícia de sua herança espalhou alegria pela Terra da Luz – Alex esclareceu.

Olhei com mais atenção os elfos à minha frente. Mais uma vez, confirmei seus sorrisos persistentes.

– É uma honra conhecer a filha de Eddall – a elfo mais velha falou saudosa. – Você se parece com ele, em todos os detalhes.

Então, *todos* eles eram amigos de meu pai? Isso surpreendeu. Ainda de queixo caído, assisti a elfo se afastar com a amostra de linho branco nos braços. Eu queria agradecer, perguntar o que ela sabia sobre ele, se algum dos outros elfos o conhecia também... Mas a emoção segurou minhas palavras. Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, a elfo se foi, seguida pelos elfos mais jovens.

Com um sorriso espremido, Alex se encostou na mesa, ao meu lado.

– Acho que eles não estão aqui apenas para ajudar na comemoração de seu Pacto de Futuro – disse, com certa surpresa. Levantei meus olhos para o elfo de cabelos espetados. – Você não percebeu ainda, mas, além de ser a herdeira de uma linhagem especial, é filha de um Deva muito respeitado. Acho que notou como Eddall era querido na Terra da Luz... Todos nós, tanto da Terra da Luz

quanto da Terra da Sombra, temos esperança de que sua união com Vincent mude essa divisão que há no Mundo Mágico. Para melhor!

Voltei os olhos para a sala, compreendendo sua colocação... Nós estávamos unindo as origens do Mundo Mágico, as linhagens responsáveis pela sua separação. Este poderia ser o primeiro passo de uma grande mudança, o fim das divisões e do preconceito. Acompanhei o otimismo do elfo, desejando que ele estivesse certo. Amenizar a antipatia que a Terra da Luz tinha pelos seres das sombras, definitivamente, seria o melhor presente de casamento que poderia ganhar de meu pai. Despertei de minha utopia com o eco de um latido, e virei a tempo de ver Heros se afastar com Alice pendurada em seu pescoço. A dupla sumiu do alcance de meus olhos, desaparecendo por uma porta ao fundo da sala... Muitas vidas seriam beneficiadas com essa nova esperança.

Passei as horas seguintes escolhendo flores, louças, cristais, papel e envelopes para os convites da Recepção. Nos intervalos, Alex explicava os protocolos da cerimônia, como a identidade do condutor, Alleb. Isso não me preocupou tanto quanto o misterioso buffet preparado por Armand, ou o esquema de segurança, que ainda parecia estar indefinido. Como pensei, aquilo não seria um casamento convencional do Mundo Físico, pois, para todos os fins, eu já estava casada. Seria a Recepção de Anúncio que, com uma ajudinha mágica, reunia boa parte dos detalhes de uma festa convencional. Tive certeza disso quando peguei em minhas mãos os convites já prontos, que seriam enviados aos convidados ainda aquela tarde.

*“Melissa Wels e Vincent Dippel  
convidam para a comemoração de suas Bodas.”*

Logo abaixo, em letras menores, estavam a data, o horário e o endereço da Casa Botânica. Nada mais.

Perdi um longo minuto admirando a letra elegante e, deslizando os dedos pelo cartão de linho branco, devolvi-o ao envelope violeta. Aquela era a segunda prova de que aquilo era mesmo realidade. Com um sorriso bobo, baixei os olhos para a primeira prova... a pedra negra como a noite que se destacava em minha pele. Apertei meu anel junto ao peito, lembrando-me com carinho do mago que o deu a mim. E me dei conta do tempo que se passara desde que eu o deixei na sala da lareira.

Levantei o rosto, procurando a maga de cabelos acinzentados, mas Aristela havia desaparecido. Sem muitas opções, recorri ao mestre de cerimônias improvisado.

– Alex? Você sabe de Vincent? Ele e meu avô estavam conversando... mas isso foi há horas. Ele já deveria estar aqui. – Percebi meu tom possessivo e limpei a garganta. – Ah... opinando sobre os preparativos da Recepção.

Não queria posar de esposa ciumenta, mas, pela risada disfarçada do elfo, não tive sucesso.

– Pensei que soubesse. Vincent não está no palacete.

– Ele não está? – Lá estava o tom possessivo de novo.

– Parece que ele tinha muitas coisas para resolver, mas deixou claro que deveríamos acatar *suas* decisões. Ele confia em você – concluiu, com um sorriso amarelo. Cruzei os braços, era difícil de acreditar, principalmente depois do incidente com o BMW. O elfo indicou o aglomerado de seres mágicos ao nosso redor. – Na verdade, acho que Vincent daria tudo para evitar esse tipo de situação. Afinal, a tolerância ainda é novidade para a herança das sombras.

Soltei o ar, isso era mais convincente. Percebi que ele não era o único sem paradeiro.

– E o meu avô? Você sabe onde ele está?

Alex desviou os olhos, procurando alguém ou ajuda. Nesse momento ficou claro que muitas coisas estavam acontecendo fora dessa sala.

– Ah... Ele está bem. Deixou o palacete junto com Vincent. – Arregalei os olhos, imaginando o que teria acontecido para que meu avô saísse sem se despedir, ainda mais na companhia de Vincent. Mas, antes que lançasse a pergunta, o elfo continuou. – Eles tinham coisas urgentes para resolver. Mas, antes de ir, Vincent me pediu para inteirá-la do plano de segurança. – Alex agarrou meu braço, arrastando-me pela sala. Nesse ponto, eu já não sabia o que vinha na frente em grau de urgência: o paradeiro do meu avô, do meu marido ou os planos de segurança para a chegada do Demônio das Sombras. Indiferente ao meu dilema, Alex se apressou entre os elfos, caminhando para a mesa oval ao centro da sala. Lá estavam os líderes dos Reinos. – Estamos discutindo o assunto desde ontem. Esta é a reunião final. Os líderes dos Reinos estão avaliando os primeiros relatórios para saber se tudo está ocorrendo como o planejado. As contenções e isolamentos mágicos já estão vigorando nos portais e, até a partida de Victor, fica proibido o uso de magia fora da montanha.

Eu ouvia com atenção e, graças ao puxão de Alex, perdi o equilíbrio sobre o salto. Estacionei de forma nada graciosa entre Viviana e Ayla; para não cair, apoiei-me na sereia... Péssima escolha. Ayla reclamou da minha chegada intempestiva, mediu meu figurino de cima a baixo e parou os olhos negros na mancha de chocolate. Reunindo minha dignidade, endireitei-me com o queixo erguido. Viviana, no entanto, pareceu não se atentar ao desastre no vestido emprestado. Custei a aceitar, mas Alex tinha razão... Ela previa o risco. Anasor e



Ronie, não tão acostumados com minha falta de jeito, fizeram reverências cautelosas. Félix disfarçou uma risada.

Limpando a garganta com um som seco, o elfo de fogo começou o relato das últimas atividades, detalhando o plano de segurança que anulava os feitos mágicos a partir dos jardins. Explicou que os guardiões dos Reinos haviam formado uma espécie de bloqueio que impedia a passagem da magia, restringindo seu uso nas divisas do Mundo Mágico.

– Essa limitação é suficiente para conter o Demônio das Sombras? – perguntei de forma prática.

Um silêncio preocupante instalou-se ao redor da mesa principal. Elfos, duende e sereia pareciam incertos, mas a voz que me respondeu falou com um tom bastante seguro.

– É por isso que estou aqui.

Olhei sobre o ombro, procurando a voz ativa, e me deparei com os olhos amendoados e o rosto perfeito da Deva. De repente, todos pareciam estar respirando aliviados... menos eu. Com uma expressão que parecia satisfeita, Lorelei continuou:

– A contenção mágica será reforçada amanhã pelos membros do Conselho. Isso deverá ser suficiente para evitar incidentes nas divisas de território. Mas, com o último acordo, não creio que Victor nos cause outros problemas além de sua presença.

Lorelei parou logo atrás de mim, acompanhada por Nicolau e Aristela. No rosto, o ar pretensioso que enfatizava sua superioridade, como se quisesse deixar visível a barreira que a separava dos demais. Acostumados com tal atitude, os representantes dos Reinos repetiram meneios de cabeça, um após o outro. Ao fim de sua saudação, Félix contornou a mesa.

– Agradecemos o auxílio, Conselheira – disse, com mais deferência do que o necessário.

Imediatamente um murmúrio baixo pareceu discordar dele. Com o canto dos olhos, vi a silhueta voluptuosa de Ayla se afastar. A sereia foi para o lado oposto, o mais distante possível da elfo original... Ao contrário dela, os outros se aproximaram, concordando com Félix. Em segundos, novos tópicos foram levantados pelos integrantes da mesa, atraindo Nicolau, que se aproximou para ouvir melhor. Mas eu continuava presa ao rosto angelical da Deva. Tentei piscar, engolir, forçar alguma palavra cordial para fora, qualquer coisa que me libertasse daquele olhar inquisidor... Mas só consegui repetir um pensamento: *aquela mulher intransigente era a única ligação que eu tinha com meu pai.*

Aproveitando a distração dos outros, Lorelei deu um passo e, com um gesto investigativo, tocou uma mecha do meu cabelo... Seus olhos frios se tornaram

ainda mais opacos; em seguida, sua mão me deixou.

– É bom vê-la novamente, Melissa – falou, seca. Surpreendendo-me com sua indiferença cáustica, desviou os olhos amendoados e se afastou pelo vai e vem da sala. Esta foi a recepção do lado Deva da família.

Assistindo Lorelei ser reverenciada pelos outros elfos, comecei a questionar... Será que Vincent havia mesmo falado da minha herança ao Conselho? Será que ela sabia que éramos parentes? Tive o impulso de segui-la para esclarecer o assunto, mas fui interrompida por uma mão gentil em meu ombro. Não precisava virar o rosto para confirmar a presença que enchia o ar com aroma de maçã e canela... E uma boa dose de amor maternal.

– Sim, Melissa, ela sabe – Aristela disse suavemente. – Vincent se apresentou ao Conselho ontem, inteirando-os das novidades.

– Ah. – Observei a frieza indiscutível da Deva, decepcionada. – Isso é... Bom. Eu acho.

– Não fique assim, *ma chère*. Lorelei parece indiferente, mas deve estar muito feliz por saber que não é a única em sua linhagem.

Deixei escapar uma risada sarcástica.

– Jura? Aquilo é felicidade? Desculpe, sei que pode ler a mente de todos aqui, mas é difícil de acreditar.

Aristela veio para o meu lado, no rosto uma careta curiosa.

– Na verdade, não posso ver todos os pensamentos dela. Os Devas são seres únicos, como os Demônios... Só posso ver os pensamentos que eles permitem que eu veja.

Encontrei o olhar questionador da maga telepata e não precisava ler mentes para entender sua conclusão.

– Você está dizendo que eu também posso esconder pensamentos de você?

Aristela levantou os ombros, mas não desfez a expressão curiosa.

– É provável. Afinal, você herdou muito dos Devas. O compartilhamento de energia, a contenção da aura de poder, os dons originais... Se eu comparar com Vincent, por exemplo, bom, ele é acessível porque quer ser.

Lembrei de como me esforcei para esconder meus pensamentos de Aristela em algumas ocasiões... Ao ver o mago da capa preta durante a luta com Piro, e a revelação do espelho que mostrou Vincent vivo. Nos dois casos, tive sucesso. Hum.

A maga ajeitou os longos cabelos acinzentados nos ombros, quase incomodada.

– Não posso discordar, algumas vezes sua mente parece um furacão! Não consigo ver muito além da tempestade de sentimentos. Isso não acontece sempre, mas, agora que sabe disso, acho que vai encontrar sua resposta.

De fato. Mas, *agora*, queria outra resposta... Seria possível que eu herdasse outros dons dos Devas?

– Quais são os *dons originais* que você diz que herdei?

– Todos os seus dons, *chérie*... – A maga voltou os olhos para mim, entendendo o lapso. – Desculpe, pensei que Vincent tivesse conversado com você sobre isso, mas percebo que não tiveram tempo. Você sabe que os Devas são conhecidos como elfos originais, porque deles surgiram os elfos que conhecemos hoje. – Eu assenti, e a maga indicou os elfos ao redor da mesa. – Os dons originais dos Devas nomearam os elfos... Luz, Sombras e Fogo. A divisão dos poderes determinou sua origem e hierarquia. Como já experimentou algumas vezes, o dom primordial dos elfos de luz é a levitação. Já os elfos de fogo dominam forças primitivas, sua força vem do calor, do centro da terra, e você mesma disse que já usou esse poder para *torrar* algumas coisas. Aos elfos das sombras ficou o domínio do poder nas sombras. E, pelo que entendi, você usou seu poder na Dimensão das Sombras com sucesso.

Desta vez, esqueci até de concordar. Revivi cada descoberta dos meus dons, comparando-as com as memórias que tinha dos elfos. Olhei-os, confirmando as diferenças entre os seres... Com inacreditável clareza, percebi que ficar perto deles aprimorou cada um dos meus dons. Senti as pernas tremerem... *Eu reunia o poder de todos eles!*

– E-eles... – Engasguei com meu sussurro. – Eles sabem disso? – Levantei um dedo para indicar a sala. – *Todos* sabem disso?

A maga telepata afagou meu ombro, assistindo a perplexidade tomar conta dos meus pensamentos.

– Nem todos sabem, Melissa, mas é muito óbvio depois que descobrem sobre sua herança. A maioria fica muito feliz por saber que Eddall teve uma filha. Seu pai era muito querido na Terra da Luz. Quanto a eles... – Aristela sorriu, encorajadora, indicando os elfos, o duende e a sereia atrás de mim. – Fique tranquila, seus amigos sabem que isso não muda quem você é.

Com um longo suspiro, voltei minha atenção para o grupo na grande mesa. Não sabia se me sentia envergonhada ou orgulhosa por compartilhar algo especial com eles. Sabia que, por amigos, Aristela se referia a Viviana, líder dos elfos de luz, Alex, seu companheiro, e Félix, líder dos elfos de fogo. Afinal, minha relação com Ronie, o líder dos duendes, e com Anasor, o ex-chefe da guarda e agora líder dos elfos das sombras, estava mais para cordialidade do que para convenções sociais. E, apesar de termos nos unido na busca por Vincent, a insatisfação no rosto furta-cor da soberana das Águas Profundas – que odiava ser chamada de *sereia* – indicava que nosso relacionamento nunca passaria de meramente amigável. No caso dela, eu não fazia questão de que fosse diferente.

Perdida em minhas divagações sociais, mal notei a chegada da elfo de cabelos cor de cenoura. Lume olhou para a sujeira em meu vestido com certo desânimo e, com um suspiro, puxou Aristela para compartilhar alguma informação. Imediatamente o rosto da maga se iluminou com uma pergunta:

– Pronta para ir?

Nesse ponto, a preocupação tornou-se maior do que minha curiosidade.

– Pensei que iria aguardar Vincent... e meu avô.

Contorcendo o longo avental nas mãos, Lume exteriorizou sua ansiedade.

– Vincent não retornou, Melissa, mas seu avô está esperando por você.

Dissipei parte da minha tensão.

– Então vamos, não podemos deixá-lo esperando! – Aristela me deu as costas, arrastando Lume com ela.

Definitivamente, *tempo* era algo escasso no palacete.

Antes de deixar a sala, considerei outro contato com minha... *tia*. Seria falta de educação sair sem me despedir. Voltei o rosto rapidamente para o aglomerado de elfos e flagrei Lorelei me encarando... Sua curiosidade poderia ser um sinal de incentivo. Quase me movi ao seu encontro, mas, esforçando-se na indiferença, a Deva de olhar superior desviou o rosto.

Disfarçando minha decepção, recuei, apressando-me atrás de Aristela e Lume.

Cheguei perto o bastante para captar palavras perdidas de uma conversa paralela:

– ... Quer que eu os chame? – Lume sussurrou em sua voz aguda, que pouco disfarçava o tom particular.

Aristela espiou a mesa de reunião sobre o ombro e reprimiu um sorriso.

– Vamos dar algum tempo a eles.

O assunto misterioso aguçou minha curiosidade. Procurei o grupo na grande mesa, mas ele já havia se dispersado. Exceto por Ayla e Félix, que pareciam realmente alterados com alguma discussão. Conhecendo o temperamento de ambos, entendi porque Aristela preferiu não interrompê-los... Voltei minha atenção para os longos vestidos farfalhantes e precisei correr para integrar a fila.

– Onde exatamente meu avô está esperando, Lume?

– No quarto de sua irmã. – A elfo de fogo respondeu sem interromper o caminhar apressado.

– Minha irmã tem um quarto no palacete?

Aristela desviou os olhos para meu tom surpreso.

– Agora tem. Alice precisa de algum espaço, se vai nos visitar com frequência.

Qualquer surpresa passou ao admitir o quanto Alice era querida pelos Von Berg.

– Obrigada, Aristela. Imagino como minha irmã deve estar radiante. Mas... e meu avô? Ele aceitou isso?

– Vamos dizer que ele soube como reagir. – Ela falou com certo humor enquanto desviávamos de três bolas de fogo que dobravam o corredor no sentido contrário. – Seu avô percebeu que, para Alice, nunca houve escolha, só aceitação. Acho que a naturalidade com que ela vê a magia vai ajudá-lo a transpor seus paradigmas.

Acompanhei o grupo de elfos de fogo com os olhos, vi quando mudaram de forma ao chegar à Sala do Portal... Por mais que desejasse, não consegui achar natural. Não era apenas George que precisava quebrar paradigmas.

– Meu avô disse alguma coisa sobre sua conversa com Vincent?

Lume e Aristela me espiaram ao mesmo tempo; o gesto que deveria ser encorajador acabou se tornando assustador.

– Na verdade, não – Aristela respondeu. – Mas seu avô estava muito animado quando nos falou de sua surpresa... Por isso achei melhor reuni-los em um lugar reservado, longe dos olhos curiosos.

A inusitada cumplicidade de George com a família da montanha levava a crer que seu medo e rancor haviam diminuído consideravelmente desde a manhã. Sendo assim, seus pensamentos deveriam estar mais claros e acessíveis... Isso explicava porque a surpresa de meu avô não parecia mais surpresa para a maga telepata. Suspiro. Não era fã de surpresas, mas estava muito feliz por saber que meu avô estava de volta ao palacete. Mais uma vez, por livre e espontânea vontade.

## Surpresas

SUBIMOS A ESCADARIA do vitral e, depois de dois corredores, Lume abriu uma porta pintada de branco... algo atípico por aqui. Entramos no quarto de mobília clara e fomos atacadas por algumas centenas de estrelas de papel cintilante que pendiam do teto. Desviei de algumas, mas meu salto enroscou nos cachorros de pelúcia esparramados pelo chão. Retomando o equilíbrio, segui o som conhecido das gargalhadas e encontrei a pequena maga de vestido verde ajoelhada ao lado de um enorme cachorro cinza... De carne e osso.

– Você gostou, Mel? A Aristela e o Heros que fizeram – Alice falou alegremente, saltando de braços esticados para tocar uma das estrelas brilhantes, depois voltou a abraçar seu amigo.

Avaliei a cena, pensativa... focando a alegria nos olhos cinzentos do cão. Sabendo que o amigo peludo de minha irmã não possuía polegares opositores, e que sem eles seria impossível produzir tantos detalhes, aquele abraço agradecido era destinado a Armand, sua parte humana. Mas Alice jamais admitiria isso. Essa incompatibilidade era triste, mas, pela cara canina de felicidade de Heros, não parecia relevante.

– Eu gostei muito, Alice. Ficou lindo.

– Achamos que o quarto precisava de um detalhe alegre para receber alguém como Alice. – Aristela justificou logo atrás de mim. – Algo que tornasse as noites aqui mais divertidas.

– Eu posso dormir aqui de novo? – Minha irmã perguntou esperançosa enquanto se levantava. Mas ela não olhava para mim, nem para sua tutora. Alice torceu o pescoço para falar com alguém encoberto pelas estrelas de papel do outro lado do quarto.

– Outro dia, talvez. Eu e o coelho estamos com saudades.

A voz conhecida atravessou o quarto, a silhueta familiar desviou de algumas estrelas para contornar a cama, e então encontrei o esperado sorriso largo ocupando boa parte do rosto de George.

– *Opa!* – exclamei, aliviada. – Onde você estava?

Meu avô olhou-me atentamente, o rosto não guardava nenhum sinal de rancor ou preocupação, apenas contemplação e carinho.

– Estava ajudando seu... *consorte* – disse, arrastando um sorriso. Imediatamente eu o devolvi, sem esconder minha satisfação ao ouvir aquela referência cordial. – Ele precisava da ajuda de um especialista para resolver... ah... algumas coisas. Esta festa em cima da hora deixou todos atarefados por

aqui. – Levantando os olhos para as estrelas que pendiam acima de sua cabeça, ele limpou a purpurina dos ombros. – Acho que todos estão um pouco eufóricos. Fico imaginando o que vai acontecer quando a notícia chegar à cidade.

– Para ser sincera, ainda não havia pensado nessa parte.

George levantou os ombros.

– Nada que alguns meses de fofocas não resolvam. – Meu avô apertou os lábios por baixo do cavanhaque ruivo; aquilo parecia preocupação encoberta por humor.

Era reconfortante vê-lo aceitar a comemoração do meu Pacto de Futuro, isso trouxe lágrimas aos meus olhos. Desconcertado com o momento emotivo, George se curvou para pegar algo sobre a cama. Com um sorriso cheio de significado, estendeu-me uma caixa amarelada pelo tempo.

– Eu demorei um pouco mais porque fui buscar isso. – George desceu os olhos carinhosamente sobre a caixa e, correndo uma das mãos pelo papelão, limpou a purpurina que parecia estar por toda parte. – Esta é a herança de sua avó, Mel. Ela guardou por anos, esperando que sua mãe a recebesse... Mas você sabe que nem tudo acontece como planejamos. Às vezes, o destino nos reserva surpresas. – George levantou os olhos, que estavam mareados. – Mas acho que algumas surpresas podem ser ainda mais preciosas.

Avaliei a forma como meu avô segurava aquela caixa, como se fosse um pedaço dele, e minha garganta fechou. Eu a peguei com as duas mãos e lentamente a coloquei sobre a cama. Em um piscar de olhos, Alice estava se debruçando sobre mim.

– O que tem na caixa, vovô?

George sorriu, um sorriso lento que levantou o cavanhaque ruivo nos dois cantos do seu rosto.

– Nada mágico, eu garanto. Essa herança é comum, Alice. Ainda assim, tão especial quanto sua avó.

Alice voltou sua atenção à caixa, fitando-a, pensativa. Como eu.

Sentei-me ao seu lado na cama e levantei a tampa vagarosamente, reverenciando a importância do presente. Quando vi seu conteúdo, preendi a respiração. Já George suspirou longamente, como se desfrutasse de cada reação.

– Sei que a Recepção de amanhã é apenas a comemoração de suas Bodas... Mas gostaria muito que usasse o vestido de sua avó na festa. Ela ficaria muito feliz.

Levantei o tecido delicado o máximo que meus braços permitiam... Não consegui dizer nada, apenas contemplei a beleza da renda e a leveza do chiffon branco.

– Mel... Ele é lindo! – Alice escorregou a mão pelo tecido com um sorriso

maior que o meu. – Você vai usar o vestido da vovó na sua festa de casamento?

Demorei uma eternidade para responder à pergunta, mas acho que minha irmã não se importou. Alice alisava a renda que eu segurava com ternura, feliz por minha felicidade. Depois de um suspiro encantado, finalmente respondi:

– Sim, Alice, vou. – Afastando o vestido com extremo cuidado, eu o estendi sobre a cama. – Prometo que vou tomar muito cuidado. Assim, se um dia você quiser, poderá usá-lo também.

– Jura, Tata? – Alice desviou os olhos para mim, maravilhada, sem se importar com meu histórico de vestidos danificados. – Eu quero, quero sim!

Fiquei satisfeita pelo voto de confiança. Avaliando nosso tesouro, deslizei os dedos pela renda que cobria as mangas e o decote canoa, depois estiquei o chiffon da saia longa e fluida. Com lágrimas nos olhos, levantei-me para abraçar George. Naquele momento, poucas palavras poderiam descrever minha emoção.

– Obrigada pelo presente, *Opa*. Eu adorei.

George se afastou, encabulado; antes de falar, limpou a garganta para disfarçar a comoção.

– Esse não é meu presente de casamento. É o da sua avó. O meu já foi entregue, e espero que goste tanto quanto gostou desse.

– Entregue? Onde seu presente foi entregue?

George uniu as sobrancelhas como se não entendesse minha dúvida.

– Na sua nova casa. A propósito, ela é muito bonita. Vamos dizer que seu marido ganhou muitos pontos comigo por ter construído aquilo sozinho.

– Você foi até a casa de vidro?

George confirmou, segurando um sorriso. Aparentemente, ainda havia muitas outras surpresas.

– Vincent pediu para avisar que vai ficar por lá um pouco mais, ainda está bem ocupado. Preciso admitir, ele está se esforçando para que isso dê certo.

Alcancei a mão de meu avô, depois a apertei com força. Eu sabia que aos poucos ele confiaria em Vincent, mas George ainda precisava de tempo. O importante é que todo o resto havia ficado para trás.

Duas figuras antes ocultas se aproximaram da cama com sorrisos afetuosos e, murmurando elogios, admiraram o vestido de minha avó.

– Acho que você deve experimentar, *chérie*...

– Oh, sim, por favor, experimente, Tata!

– Faremos ajustes se for necessário – Lume disse muito, *muito*, animada. – Ele estará perfeito amanhã.

George pareceu encabulado com o coro feminino e, esfregando os olhos rapidamente, afastou-se um passo. Sorri para sua tentativa inútil de disfarçar a emoção.



– Não sei o que seria de mim e dessa comemoração relâmpago sem vocês – falei com o máximo de ternura que consegui.

A maga telepata virou o rosto para encontrar o meu.

– É para isso que serve a família.

Devolvi seu olhar amoroso, completando o que ela não disse... *A família que escolhi em meu coração.*

Como Aristela e Alex não me deixavam esquecer, o tempo no Mundo Físico não corria a nosso favor. Lembrando-me disso pela terceira vez, Lume assumiu uma expressão eficiente.

A elfo levantou o vestido de minha avó com as duas mãos, avaliando as detalhes do bordado, procurando por botões soltos ou costuras desfeitas. Ela e Aristela especulavam sobre arranjos e fitas que poderiam combinar com o modelo e até minha irmã se envolveu na discussão... sugerindo um pouco de purpurina mágica e uma coroa de princesa, claro. Cheguei a ficar aflita com a dimensão das ideias, mas, para meu alívio, a maga telepata esclareceu que nada deveria mudar a originalidade do modelo clássico.

George nos observava calado e, disfarçadamente, caminhou para a porta. Sua saída passaria despercebida se não fosse pelo movimento das estrelas brilhantes penduradas por todo o teto.

– Vovô... Aonde você vai? – Alice se levantou da cama, inclinando a cabeça para enxergar o avô.

– Vou deixar vocês sozinhas. Isso, definitivamente, não combina com minha barba.

Depois de uma sequência de risadas descontraídas, Alice pulou atrás dele.

– Então, leve o Heros com você. Ele também é menino!

Só então percebi que o gigante peludo ainda estava no quarto. Sem protestos, Heros seguiu George. Notei o carinho solidário que meu avô deixou em sua cabeça e, pela voz de desenho animado que usou para falar com o cão, ainda não sabia de sua outra identidade. De qualquer forma, a maldição de Armand poderia esperar... George já havia absorvido muitas atualizações mágicas para um dia, e, como diria Vincent, as doses homeopáticas eram sabidamente melhores para seu coração. Balancei a cabeça para mim mesma, descrente com a ironia... Eu havia me tornado adepta da omissão.

Pensando em outros detalhes mágicos que deveríamos reservar para outra ocasião, direcionei um olhar aflito até Aristela. A maga se apressou atrás da dupla, sorrindo para meu suspiro aliviado. Eu tinha muito medo de que George se perdesse pelos corredores de pedra, ou, pior, encontrasse bolas de fogo ou portais mágicos por trás de alguma porta... Cada uma das alternativas colocaria em risco nossa preciosa reconciliação.

QUANDO A MAGA retornou ao quarto, eu já usava meu vestido de casamento.

– Deixei seu avô na cozinha, ele ficará seguro com Nicolau e Heros... – disse, rebocando uma elfo de luz sorridente e uma sereia emburrada para dentro do cômodo. Piscando os olhos acinzentados, Aristela levou as mãos ao peito. – Vejam... Não é perfeito?

Viviana elogiou a delicadeza da renda e, falando sobre pequenos ajustes, começou a medir o excesso de tecido em minha cintura. Ayla não demonstrou nenhum interesse. Afastando-se para a janela, resmungou algo apático e permaneceu lá, estrategicamente escondida pelas estrelas de papel. Ela podia estar lá contra sua vontade, mas eu não permitiria que estragasse esse momento de felicidade com alfinetadas.

Rodeada pelo time feminino do palacete, rodopiei dentro do vestido de minha avó, apreciando cada detalhe do caimento perfeito que exigia poucos ajustes... A graciosidade da renda chantilly, que contornava meus braços subindo pelos ombros até o colo, a cintura ajustada e o chiffon da saia, que ganhava leveza e caimento por seu comprimento. Sim, o vestido era realmente perfeito. Perfeito para mim. Não poderia me imaginar usando algo diferente.

Com poucas marcações, Lume levou o vestido de minha avó para os costureiros da Vila da Luz, os mesmos elfos responsáveis pelas outras costuras da festa. Sem alternativas, comecei meu malabarismo para voltar ao *vintage* não tão branco de Viviana. Percebendo a carinha triste de minha irmã, a elfo assumiu seu papel de *tia* preferida e tomou Alice pelo braço para providenciar um vestido especial, de *madrinha*. Aristela as acompanhou, apenas para se inteirar de *todos* os detalhes, claro.

E então, ficamos eu e a sereia com cara de poucos amigos.

Notei o movimento oscilante das estrelas de papel enquanto procurava meus sapatos, e rezei para que Ayla estivesse indo embora também. Não queria que seus comentários mal-humorados estragassem um momento tão perfeito. Mas, destruindo minhas esperanças, uma silhueta voluptuosa parou ao meu lado. Esperei que a sereia tomasse a dianteira... mas ela continuou calada. Ayla não parecia certa de sua atitude e, depois de alguns segundos embaraçosos, finalmente falou:

– Espero que vocês sejam felizes.

Assenti, os olhos fixos no rosto furta-cor... Eu sabia de seus sentimentos especiais por Vincent, e imaginei o quanto aquelas palavras custavam à sereia. Ou o quanto poderiam machucá-la. Por isso, a respeitei por pronunciá-las.

– Obrigada – falei com seriedade. – Farei de tudo para que ele seja feliz.

– Essa vai ser uma tarefa difícil – ela retrucou no mesmo tom, quase impondo um desafio.

Levantei o queixo.

– O certo nunca é fácil.

Ayla assentiu, atenta à seriedade que tomava meu rosto; em seguida, mergulhou nas estrelas de papel, levando suas curvas voluptuosas para fora do quarto. Demorei alguns minutos a mais, apenas porque não queria compartilhar o corredor vazio com a ninfa aborrecida.

DESCI A ESCADA do vitral vagarosamente, procurando algum sinal da minha família ou da família da montanha. E, seguindo meus instintos famintos, acabei na cozinha medieval. Na porta, reconheci as vozes das pessoas que amava. Menos um... Suspiro.

Enquanto Aristela e Lume ajeitavam as últimas travessas, Nicolau puxou uma cadeira na mesa lotada, indicando o lugar onde eu deveria me sentar. Escorreguei para o assento à frente de George, avaliando sua expressão deslocada. Alex se acomodava na cadeira ao meu lado; aproveitando a oportunidade, colocou-me a par dos avanços nos preparativos da comemoração. Segundo ele, os convites já haviam sido entregues aos convidados da cidade e do Mundo Mágico. Não ousei perguntar “como” para não alarmar um avô que já parecia alarmado.

George não desgrudava os olhos de Alex, reconhecendo detalhes que antes ignorava. Mas a coisa ficou mesmo constrangedora quando Viviana sentou ao seu lado, varrendo o ambiente com sua beleza e naturalidade invejável. Por isso, agradei aos céus quando Alice entrou correndo, tagarelando sobre seu vestido novo. Minha irmã sentou do outro lado do avô e percebi quando George chegou mais perto da neta, como se arquitetasse um plano de fuga. Sem conseguir disfarçar, meu avô levou seu olhar incomodado até o meu; solidária, imaginei quantos paradigmas ele já havia quebrado desde o café da manhã.

Tentei acalmá-lo silenciosamente, indicando a mesa com os olhos, justificando que era apenas uma refeição. Um suspiro resignado foi minha resposta. George desviou o rosto quando Aristela depositou uma travessa caprichada no chão, mas não pareceu surpreso ao ver Heros devorar seu almoço... Suspirei longamente, desejando que George estivesse preparado para uma nova série de revelações.

A refeição foi servida. Como qualquer refeição ao redor de uma grande mesa, conversas paralelas se elevavam ao nosso redor. No entanto, George permaneceu silencioso, remexendo de forma distraída seu *Coq au Vin*. Apesar de o prato estar delicioso, meu avô demonstrava falta de apetite... Hum. Eu sabia

que isso não era normal. Mas o que eu poderia esperar de normal em uma situação dessas?

Aos poucos, seu olhar viajou pelos integrantes da mesa, e já não sabia se esse súbito interesse era um avanço ou um alerta de perigo. Entre uma garfada e outra eu observava suas reações, temendo que as conversas chegassem a assuntos mágicos difíceis de explicar, como minha visita à Dimensão das Sombras, à casa de um demônio, ou que *este* demônio seria meu convidado especial. Engoli com dificuldade.

Ao fim do almoço, já estava preocupada com a exposição excessiva de George. Decidi que era hora de tirá-lo dali e convidei-o para um passeio pelos jardins... George aceitou meu convite prontamente. De certa forma, pareceu tão aliviado quanto eu.

Saímos pelos fundos da cozinha, e o gramado verdejante do lado de fora funcionou como uma recarga de oxigênio. Relaxei os ombros, desfazendo a tensão que me enlouquecia há mais de uma hora. George imitou meus movimentos, esticando os músculos das costas, mais consciente do desconforto do que eu podia imaginar. Passo a passo contornamos os muros de pedra, nos afastando do palacete e seus assuntos mágicos... Isso pareceu facilitar a conversa tímida que se desenrolou naturalmente. Antes que percebesse, estava explicando o que podia e sabia sobre as peculiaridades do lugar. Falei sobre os jardins coloridos, o lago dos cisnes, o bosque de cerejeiras... George apenas ouviu, limitando-se a um comentário ou dois sobre a beleza evidente da paisagem.

Espreitando assuntos mágicos, nossa conversa divagava sobre amenidades. Mas, quando alcançamos uma boa distância de qualquer membro da família da montanha, George pareceu confortável para falar sobre o passado.

– ... Eu nunca me senti atraído por isso, Mel. – Ele levantou as mãos para a construção de pedra que ficava para trás e, conseqüentemente, para todo o terreno impecável ao seu redor. – Sei que a magia instiga o desejo, traz facilidades, mas o que sou e o que tenho por meu esforço basta. A simplicidade de nossa vida é a verdadeira magia. Foi isso que aprendi com meus antepassados e foi isso que tentei ensinar para vocês.

– Eu entendo, *Opa*. Mas é difícil de acreditar que você simplesmente deixou tudo isso de lado. – Imitei seu gesto. – Não falo das facilidades e sim do conhecimento, os mistérios sobre o que acontece do outro lado... Sobre o que nunca imaginamos ser possível, sobre outros seres espalhados por essa montanha... Todo esse outro mundo extraordinário! É muita coisa para se ignorar.

George virou o rosto para me olhar melhor e levantou o canto dos lábios, ironicamente.

– Às vezes a ignorância é uma dádiva protetora. A descoberta transforma, mas nem sempre para um caminho melhor.

Parei de supetão. O fim podia ser diferente, mas eu lembrava daquelas palavras, ditas por Vincent na noite em que revelou sua magia. Aquilo era alguma antiga metáfora mágica... que antes não fazia o menor sentido, mas, agora, explicava tudo.

Parando ao meu lado, George continuou:

– Eu escolhi não saber para me proteger, Melissa, para proteger aos que eu amava. O conhecimento sobre a magia traz dúvidas, tentações... perigos. Tudo o que ainda pretendo evitar.

Olhando-o fixamente, tive que admitir: eu entendia. Restava agora uma última pergunta:

– Você nunca sentiu vontade de falar sobre esse segredo?

– Algumas vezes. – Meu avô levantou o rosto para o céu salpicado de nuvens, pensativo, e voltou a se mover devagar.

Ele não protegia apenas a mim, Alice ou minha mãe...

– Ela sabia? Minha avó sabia?

– Ela precisava saber. Sua avó conhecia as lendas da montanha, os boatos que circulavam pela cidade. Como todos os outros, tinha receio deles. – Com um longo suspiro, ele baixou os olhos para o gramado. – Nós nos conhecemos logo depois que a herança despertou em mim. Sua avó foi um dos motivos para acreditar que fiz a escolha certa.

Fiquei em silêncio, reverenciando sua memória, entendendo sua escolha.

Alguns passos depois, arrisquei.

– Então... Você nunca sentiu vontade de descobrir o que poderia fazer, ou o que poderia deixar de herança mágica para minha mãe.

George me olhou atentamente, entendendo que aquilo não era mais uma pergunta.

– A magia a que você se refere nunca fez parte da minha vida, Mel. Mas, acredite, existem muitas outras formas de magia, e experimentei todas elas. Foi essa a herança que deixei para sua mãe. – Seus passos diminuíram mais uma vez e, quando falou, sua voz era um mero sussurro. – O que eu fingi não ver é que, para Angelina, isso não bastava. Ela foi instigada pelo conhecimento, como você, e só o abandonou depois que seu pai desapareceu. Sua mãe ficou muito abalada, ainda mais quando descobriu que estava grávida. Ela tinha muito medo de que a herança dele, somada à nossa, pudesse colocar você em perigo. Sua avó e eu não entendíamos, mas acreditávamos que, sabendo mais sobre a magia do que nós, Angelina tinha suas razões para temer. Quando chegou o tempo de sua herança despertar, as coisas não pareceram tão problemáticas. Você era tímida,

negou as mudanças prontamente... Depois daquela tarde no bosque, nunca mais falou sobre o assunto. Agora entendo o motivo.

Eu me movia lentamente atrás dele... comparando sua história com a deixada por minha mãe no *Gramaire* dos Wels.

– Você chegou a escrever no livro da família... o *Gramaire*?

George virou a cabeça rapidamente para encontrar meu rosto.

– Você o encontrou?

Confirmei, e meu avô parou os olhos no jardim de flores azuis à nossa frente. Seu rosto parecia cansado, como se tivesse fracassado em uma longa missão.

– Não. Mas alguns Wels fizeram isso.

Estava prestes a dizer que ele conhecia alguns destes Wels... Mas, sabendo sua posição sobre a magia, fiquei receosa em continuar. Estávamos cruzando um limite invisível agora, delimitado por gerações, e a única certeza era de que nosso envolvimento com a magia o decepcionava. Desanimada, parei os olhos no canteiro de flores azuis à nossa frente... O Jardim Azul... Nunca estivera tão perto dele! Virei para George, animada, e percebi que não tinha motivos para isso. De nada adiantava dividir minha descoberta; para meu avô, aquilo eram *apenas* flores. No fim, esta era a questão. A magia se escondia nos detalhes e, mesmo que eu fracionasse as informações, dependia de George querer absorvê-las. Meu avô nunca veria a verdadeira magia, aquela que fazia parte da minha vida, se eu não dividisse minhas experiências.

– Minha mãe escreveu nele. E eu... Eu também – revelei por fim. George voltou-se para mim, e inspirei, sustentando os olhos oliva. – Escrevi no antigo *Gramaire* dos Wels para deixar minha história. Na verdade, mais de uma vez.

George continuou me fitando, como se visse outra pessoa em meu lugar.

– Melissa... – Ele parou. Colocando as mãos nos bolsos, baixou os olhos. – Bom, minha opinião é irrelevante agora. – Senti uma pontada de rancor naquelas palavras. Ele estudou meu rosto, e continuou, com a voz cansada. – Mas gostaria que tivesse cautela. As experiências descritas naquele livro nem sempre falam dos perigos escondidos nas entrelinhas, na maior parte das vezes porque quem escreveu nem sabia destes perigos. Isso pode ser prejudicial a um desavisado. – George levou os olhos para as flores. – Não posso impedi-la de deixar seus registros... O livro é uma parte da herança dos Wels que me recusei a receber há muito tempo. Mas posso lhe pedir que tome cuidado. Muitas vezes as palavras são pequenas para seus significados. Use-as com sabedoria, minha filha.

Assenti, compreendendo cada detalhe da metáfora. A magia não possuía apenas beleza, e eu sabia bem disso. Sua dualidade estava presente em todo lugar, unindo opostos, desafiando limites, buscando o equilíbrio nem sempre

constante. Lidar com algo tão grandioso demandava, acima de tudo, respeito.

– Sim, *Opa*.

George colocou a mão em meu ombro, e o ouvi suspirar. Um instante de silêncio foi necessário para dissipar a tensão da conversa e, ainda observando a graciosidade do jardim à nossa frente, comecei a questionar outras possibilidades mágicas.

– *Opa...* O que acontece depois de tantos anos de negação? A magia simplesmente desaparece?

Ele demorou na resposta.

– Na verdade, ela adormece. Bem, foi assim que meu pai me explicou. – Franzi os olhos com outra interrogação evidente, e, porque me conhecia, George procurou novas palavras. – Como qualquer parte do corpo que não é utilizada regularmente, ela deixa de ser útil e enfraquece.

Eu o espiei sorrateiramente... Então eu estava certa. Embora adormecida, a magia fazia parte dele. Foi a vez de meu avô me espiar com olhos estreitos.

– Aristela e Vincent tentaram me tranquilizar quanto à sua irmã, mas estou muito preocupado com Alice. Ela é muito jovem para entender essa mudança. – Em seu rosto, a preocupação se transformou em tristeza. – E me sinto culpado por não ter notado antes, por não ter ajudado quando ela precisou.

Vi naqueles olhos o reflexo de preocupações antigas, de desconfiças que um dia eu senti, mas que não existiam mais.

– Não há com o que se preocupar, *Opa*. Quando eles dizem que a magia é a vida de Alice, estão certos. Para ela, as mudanças foram mais naturais do que imagina. Além disso, Aristela é uma ótima tutora. Acho que minha irmã está onde deveria estar. Você viu o carinho que os outros Von Berg têm por ela, pode confiar neles. – George me ouviu com olhos atentos e, relutante, assentiu. Levantei minha mão para o Jardim Azul. – Ao contrário de nós... Este é o mundo de Alice.

George sugou o ar com vontade, depois esfregou a barba.

– Então, as visitas ao palacete vão ter que continuar – disse, resignado.

Assenti quase sorrindo. Pelo menos agora meu avô acreditava que o motivo de minhas visitas à mansão dos Von Berg era mesmo Alice.

– Por falar em visitas, então você e o Vincent conversaram... – Deixei a frase inacabada, esperando que meu avô a completasse. Mas, depois de alguns segundos sem resposta, perdi as esperanças. Avaliei o rosto pensativo e arrisquei. – Sei que ele é muito diferente do que esperava, *Opa*, mas quero que saiba... *Vocês dois* são muito importantes para mim. Os dois. Entendeu? – Olhando-o atentamente, tentei colocar minha gratidão em uma frase. – E estou muito feliz por você ter encontrado uma forma de conviver com as diferenças.

Meu avô balançou a cabeça, não sabia se ele estava concordando ou apenas ponderando minhas palavras. Movendo o peso do corpo de uma perna para outra, ajustou as calças na cintura. Hum... isso não pareceu um bom sinal.

– Sempre achei Vincent um rapaz fechado, mal-humorado... Mas de respeito, e muito correto. Não tenho *nada* contra ele. – George pausou, e quase me alegrei. Quase. Até que notei o olhar duro. – *Nada*, além de esconder ser um mago, de ter levado você para o mundo dele e... O que mais? – Meu avô levou uma das mãos ao cavanhaque com um gesto irônico, depois arregalou os olhos. – Ah, sim! Ter se casado com *minha* neta nos costumes de um mundo que eu mal conheço. E depois, desaparecer! – Finalizou, colocando no olhar uma carga a mais de severidade. Eu me encolhi. Com um longo suspiro condescendente, meu avô colocou as mãos nos bolsos. – Sim, Melissa. Nós conversamos. Esclarecemos muita coisa, e vamos dizer que estou me esforçando para aceitar o *esforço* dele.

Estudei a seriedade dos olhos oliva... *harmonia* era pedir muito.

Mas como poderia argumentar com sua lista? George tinha toda a razão em ressaltar cada ponto, mas, lembrando a parte sobre o *esforço* em conjunto, tive certeza de que isso era mais um daqueles acordos de cavalheiros de Vincent.

– Eu lhe devo desculpas, *Opa*... Mas gostaria que acreditasse em mim quando digo que boa parte dessa confusão também me surpreendeu. E a outra ainda me causa pesadelos! – Soltei os braços, parte aliviada, parte exasperada. – Minha única certeza é que escolhi o caminho certo. Confuso, inacreditável, surpreendente... mas certo. Essa certeza me acompanha desde o dia em que vi Vincent pela primeira vez. Eu o amo. Quero que ele seja feliz. Quero ser o motivo dessa felicidade. E sei que ele se esforça pela minha. Ele é minha vida, meu futuro. E, se esse é o mundo dele, também vai ser o meu.

George esquadrinhou meu rosto por um longo minuto... Até que finalmente se rendeu.

– Eu não concordo com muita coisa, Mel, talvez nunca concorde. Mas você está certa sobre uma coisa, ele está se esforçando por sua felicidade. – George abriu os braços para a paisagem ao nosso redor. – No meio de tudo *isso*, ele está determinado a conquistá-la. – Suas palavras me fizeram sorrir, mas ele logo esclareceu. – Ainda assim, para mim, nunca será suficiente. Esse rapaz vai ter que provar ser merecedor da sua afeição. E minha função é ficar por perto para garantir isso.

Reconheci naquele rosto o meu avô protetor. Seu discurso era previsível, talvez duro demais, mas deixava claro duas coisas: ele aceitava Vincent ao meu lado, em minha vida... com ou sem magia. E continuaria ao meu lado, ainda me protegendo, como o *pai-avô* que era. Para mim, isso bastava.



Surpreendi meu obstinado avô com um abraço carinhoso e fiquei surpresa quando ele me abraçou de volta, com a mesma intensidade.

– Vou sentir saudade, *filha*. – A voz estrangulada deixava claro seu amor.

– Não vou estar tão longe, *Opa*, continuarei na montanha...

George se afastou. Os olhos sábios podiam estar mareados, mas ainda assim conseguiam ver além dos meus.

– Mas agora vai estar em um lado diferente da montanha.

A consciência de nossa separação somou-se às minhas escolhas. Estava deixando minha família, minha casa, para dividir *meu* futuro com o mago que me entregou *seu* coração. Engoli o nó em minha garganta. Deste ponto, não havia volta.

MAIS FALANTE E ANIMADO, meu avô lamentou não ter mais os cafés da manhã e jantares caseiros. Com humor, fez planos para sua nova rotina, que incluía visitas mais frequentes à casa de Lucila e Arthur. Rimos juntos. Fiquei aliviada ao notar que meu avô estava se esforçando para ser o George otimista que eu conhecia. Empenhados em aliviar a tensão, só notamos outra presença no jardim quando Lorelei estava bem perto. Um alerta se espalhou por meu corpo, como sempre acontecia quando eu estava em sua presença... Parei de respirar.

A Deva diminuiu seu caminhar apressado, checando meu avô de cima a baixo, mas seu desinteresse típico logo se pronunciou. Uma fração de olhar passou por meu rosto e, com um quase imperceptível meneio de cabeça, ela continuou seu caminho até o arco de pedra rodeado por flores azuis. Com um passo a elfo original desapareceu, mergulhando na paisagem do outro lado do arco.

A surpresa por presenciar o feito arrancou um palavrão de George.

Tentei acalmá-lo, lembrando-me de como as primeiras... *a quem eu estava enganando?*... de como as recentes visões explícitas de magia me afetavam. E, por estar habituada ao choque, esperei seu torpor inicial passar.

George não pediu detalhes mágicos sobre o portal para a Terra da Luz, muito menos sobre o que havia do outro lado, mas pareceu curioso sobre outra coisa...

– Quem era? Quem era ela? – perguntou, um pouco zozinho.

Suspiro. Lá íamos nós para mais uma explicação inexplicável.

– Ela é um elfo original. Uma Deva – falei devagar, imaginando se meu avô já tinha ouvido falar a respeito. – Seu nome é Lorelei e ela faz parte do Conselho da Tradição Mágica. Este Conselho é responsável por avaliar crises e regulamentar as leis do Mundo Mágico. Foram eles que oficializaram minha união com Vincent. – George respirava pausadamente e avaliei seu rosto

confuso... me preparando para mais uma dose homeopática. – Ah... Tem mais uma coisa sobre Lorelei. Ela é irmã do meu pai, Eddall.

George piscou, desviando os olhos para o portal de pedra em forma de arco no meio do Jardim Azul. Seu rosto endureceu em cada traço, transformando-se rapidamente na carranca irada da manhã anterior.

– *Eddall*. Esse é o nome dele. – As palavras jogadas ao ar não pareciam uma pergunta. Ainda assim, confirmei, assistindo a revolta dolorida dos olhos oliva. – E você... o conheceu?

Desta vez a pergunta era clara e raivosa.

– Não, *Opa* – falei devagar. George voltou os olhos para meu rosto. A revolta se transformando em algo profundo. Magoado. Ele não estava sofrendo apenas por mim, mas por minha mãe. Por tudo que viu. Por tudo que não pode mudar. Talvez aliviar sua dor fosse a melhor forma de começar. – Ele morreu antes de eu nascer em um acidente. Foi por isso que desapareceu... – Desviei os olhos do rosto surpreso. – Ainda não descobri se minha mãe soube de sua morte. Ela não tinha outros contatos no Mundo Mágico, apenas ele. E me entristece imaginar que passou a vida imaginando que ele a deixou. Porque Eddall não fez isso. Ele não a abandonou. Nem a ela, nem a mim. Para falar a verdade, nem sei se ele chegou a saber sobre mim.

George hesitou, mas os olhos oliva continuavam impenetráveis.

– Eu sinto muito, Mel. – A voz dura ainda carregava desconfiança.

– Tudo bem... Não há nada que se possa fazer sobre isso. Mas é muito bom saber minha história. – Foi minha vez de espiar o Jardim Azul. – Lorelei é a única ligação que tenho com meu pai, e não tivemos chance de conversar. Como pôde testemunhar, minha *tia* não se interessa por amabilidades... E já estou achando que ela não gostou muito de saber da minha existência.

Meu avô balançou a cabeça, ponderando. De certa forma, a expressão diplomata foi um alívio.

– Se isso foi surpresa para ela como foi para nós, acho que só precisa de um pouco de tempo. – Levantando a mão, George ajeitou uma mecha do meu cabelo. – Mas não há como negar, vocês... se parecem muito.

Repeti seu movimento, arrumando meu cabelo atrás da orelha.

– Parecemos, não é.

Não era uma pergunta, e não precisava de confirmações porque já havia notado isso. Mesmo assim, George perdeu os olhos em meu rosto, depois confirmou com uma expressão amedrontada. Não quis pensar muito sobre seus temores, porque eles ainda eram os meus. Mas ainda não era o momento de desvendar a grandiosidade dessa herança.

## Acerto de contas

ENCONTRAMOS A FAMÍLIA da montanha ainda reunida na cozinha e, sob os protestos da menina maga, informamos nossa partida. Com o sumiço do meu consorte, resolvi ir para minha antiga casa. Afinal, como George lembrou, precisava me preparar para a mudança... uma mudança iminente em “toda” minha vida. Talvez por isso quisesse passar algum tempo com minha família, me despedir. Deixar alguns milhões de recomendações para minha irmã e, acima de tudo, colocar roupas comuns e normais. Era agradecida à Viviana pelos empréstimos frequentes, mas iria enlouquecer se usasse seda ou sapatos de salto em um futuro próximo.

Escoltados pelo cão acabrunhado, pelos magos atenciosos e elfos atarefados, seguimos os corredores intermináveis do palacete até a porta principal. Com detalhes da comemoração para resolver, Alex e Viviana se despediriam, desaparecendo por uma das portas laterais ao som dos meus eternos agradecimentos. Forçando a simpatia, meu avô balbuciou um adeus e, tomando meu braço, levou-me a caminhar com ele. Era visível seu desejo de deixar o palacete, e inegável seu incômodo perto dos elfos. Isso chegava a ser curioso, pois, de todos os integrantes da família Von Berg, os *elfos* eram seus conhecidos mais próximos graças aos negócios da Madeireira Wels com a Casa Botânica... Hum.

Recordei minhas próprias descobertas sobre a família da montanha... Alex e Viviana não eram filhos de Aristela e Nicolau; consequentemente, não eram irmãos. Mas, principalmente, não eram humanos! Ficava difícil olhá-los sem perceber as diferenças agora. Com um *insight*, me dei conta de que também carregava as mesmas “diferenças”. *Por Deus... eu era apenas meio humana!* Tropecei no corredor, entendendo o temor que vi nos olhos de George ainda no Jardim Azul. Lembrei-me de toda a repulsa, preconceito... desconfiança, e tive receio que meu avô também estendesse isso a mim. Eu o espiei, discretamente, e sua mão firmou meu braço; depois, outra mãozinha apertou minha mão livre. O gesto protetor da minha família significava apenas uma coisa, amor. Esse sentimento que sempre seria a resposta. A grande resposta.

NA PORTA DO PALACETE, Nicolau insistiu na cordialidade, reforçando um convite para visitas futuras. George limitou-se a assentir mecanicamente. Eu sabia que meu avô não faria objeções às aulas de magia de Alice, mas duvidava que voltasse para visitas cordiais. Com os olhos no futuro, decidi estar presente

ao lado de minha irmã pelo tempo que pudesse... Eu nem cogitava a ideia de separar Alice de George, sabia da boa vontade do meu avô para cuidar da neta caçula, mas também sabia o quanto seria desgastante para ele dar conta de uma criança e seus dons extracurriculares. O problema era convencê-lo disso.

Aristela deixou o braço em meus ombros, acompanhando-me pelo hall de pedra, e uma presença forçou minha mente... algo denso, constante. Busquei o rosto da maga telepata, e ouvi sua voz mental: *estou aqui para ajudar no que for preciso*. Atordoada com a clareza daquela voz, assenti sem pestanejar. O acesso à minha mente era limitado pelo poder Deva; portanto, deveria ser mais fácil se conectar quando eu estava distraída. Minha confirmação veio com a mesma voz mental, que retumbava um grandioso *SIM*.

sDepois de desgrudar Alice do pescoço de Heros, desci a escadaria externa do palacete e coloquei a menina emburrada dentro da caminhonete de George. À frente da porta do palacete, os acenos se tornaram lentos conforme nos distanciávamos... Ver os Von Berg, juntos, trouxe a recordação de uma cena parecida que machucava minha memória. Agitei a mão uma última vez, com vigor, confirmando os sorrisos que deixavam a tristeza no passado... E parei os olhos em um rosto que não poderia sorrir. Mas, se pudesse, não iria querer. Heros estava esparramado, ocupando pelo menos três degraus da escadaria de pedra, e nem esperou a caminhonete se afastar para fechar os olhos. De fato, as tardes no palacete sem Alice deveriam ser muito monótonas.

Curvada no banco, observei a grandiosa construção de pedra desaparecer na nuvem de poeira. Meu avô acelerava com vontade e, a despeito do mau humor de Alice, parecia mais satisfeito, ou aliviado, a cada quilômetro... Bem, levando em conta sua idade, estava agradecida por seu coração sobreviver ao massacre de descobertas mágicas sem maiores danos.

Recostei-me ao assento quando o bosque à margem da estrada se tornou um borrão verde... hipnótico, revelador... Fechei os olhos com força, desejando lembrar tudo aquilo que o *Elixir do Vento* se encarregou de apagar. As conversas sobre um pai do Mundo Mágico, o surgimento de habilidades mágicas, o medo de possuí-las. Talvez o medo de antes fosse o culpado pelo fracasso do agora, e pensar nas falhas de minha evolução mágica me fez temer não conseguir reaver meu poder. Se fosse assim, estaria incompleta. Não apenas para a magia.

Dar continuidade a uma família que nem havia começado era um plano distante, mas a ameaça a estes planos não abalava apenas o futuro da minha linhagem, e sim minha vida ao lado do homem que amava. Como Vincent reagiria a isso? Engoli em seco. Como eu reagiria a isso? Ao contrário da incapacidade mágica, não *poder* ter filhos não era algo com que pudesse me acostumar. Lembrei-me da lenda e, por mais que não quisesse, da maldição que a

acompanhava. Uma maldição que também recaía sobre mim. Não podia deixar de pensar que a impossibilidade de dar continuidade a esse amor era uma punição. Mais uma vez, estava diante das consequências dessa lenda.

O temor se acumulava em meu corpo quando me dei conta de que era a pessoa menos qualificada para carregar uma linhagem como a dos Devas. Por mais que quisesse recuperar algo tão grandioso dentro de mim, ainda me sentia muito humana para admitir que tinha medo. Medo do que eu não conhecia. Medo das consequências deste outro mundo, mágico e incontrollável. De mim mesma. E, principalmente, das lacunas em meu futuro com Vincent... das provações que ainda nos aguardavam, como demônios inconstantes e magos das sombras ambiciosos. Agora, tinha medo de que as falhas que eu carregava acabassem com o sonho de felicidade.

Apoiei a cabeça no vidro da caminhonete, sentindo-me uma fraude.

AO FINAL DA ESTRADA da montanha, eu pulei no assento quando George chamou meu nome um pouco mais alto do que o espaço entre nós exigia.

– ... Você me ouviu?

Eu me recompus, voltando para o mundo dos corajosos.

– Desculpe, *Opa...* O quê?

George estreitou os olhos para a estrada, virando o volante para acompanhar a última curva.

– Eu disse que Arthur voltou ontem à noite. Lucila apareceu lá em casa toda afobada, falando algo sobre ele e Rose em Amsterdam... Não entendi muito bem, estava atordoado demais para me concentrar no que ela dizia. – George limpou a garganta. – De qualquer forma, depois que contei a ela sobre nossa discussão e como você tinha saído com Alice, ela também deixou o assunto de lado. – Ele entortou os lábios discretamente. – Foi Lucila que me convenceu a ir falar com você.

Acompanhei seu humor com um suspiro.

– Acho que devo um *obrigada* a ela.

Sem se conter, meu avô deixou um grande sorriso para a estrada, e imaginei até onde iria a cumplicidade dessa amizade. Desviei os olhos para a casa azul com aparência de chalé que passava rapidamente pela minha janela.

– *Opa*, os Casella sabem de nós?

George demorou um segundo para desmanchar seu sorriso e reorganizar sua expressão concentrada.

– Não. Eles não sabem. Antônio comprou e reformou a casa que pertenceu ao meu pai sem nunca desconfiar do que acontecia no bosque atrás de seu quintal. Sua avó e eu pensamos muito antes de vender a casa para eles... Por isso,

sempre tomamos o cuidado de protegê-los. E por Antônio, pela memória do meu amigo, gostaria que me ajudasse a cuidar de Lucila e Arthur.

Assenti fervorosamente. Já temia pelas pessoas que eu amava antes; saber dos perigos mágicos do agora só aumentava minha certeza. Deixar meus amigos no limbo deste conhecimento era a única forma de protegê-los. Mais do que tudo, eu também os queria a salvo.

– Pode contar comigo, *Opa*.

– E comigo!

Uma voz primaveril se fez notar no banco traseiro e arrancou sorrisos orgulhosos de George.

– Obrigado, Alice. É bom saber que posso contar com você – destacou, enquanto estacionava a caminhonete na entrada de carros da casa amarela.

Minha irmã saltou do carro apressada, mas eu me demorei em cada movimento, admirando a construção reforçada da casa tão familiar. A janela do segundo andar, a cerca branca que contornava o quintal... Arrastei os pés pelo jardim renovado, lembrando-me do presente que dei à George em meu primeiro dia em Campo Alto, e de como a presença do acaso marcou cada detalhe desse outro recomeço. No alpendre da porta de entrada, as memórias nostálgicas embalaram a melancolia, aumentando a insegurança que chegava cada vez mais perto. Com um aperto na garganta, dei passagem para a menina maga que entrou chamando pelo coelho. Algo tão corriqueiro, e de que sentiria tanta saudade.

Estava a um passo de segui-la quando meu avô segurou meu braço. Os olhos oliva acompanharam a distância de Alice e voltaram para meu rosto.

– Sei que já resolvemos isso, mas queria dizer... *Isso não é uma despedida, Mel. Você está deixando essa casa de forma diferente agora, e sempre vai ser bem-vinda aqui.* – A voz decidida tentava a todo custo não tremer nas palavras. – Você pode ter se casado, pode ter outro lar... mas esta sempre vai ser sua *casa*. Isso nunca vai mudar.

George podia se conter, mas eu não; abracei-o com um soluço emocionado. Do seu jeito, meu avô disse tudo que eu precisava ouvir. Ele e Alice eram minha casa, meu conforto, minha segurança. Isso nunca iria mudar. As lágrimas ainda lutavam em meus olhos quando encontrei minha irmã na cozinha e, abaixando-me no chão ao seu lado, expliquei que estava ali para embalar minhas coisas... porque desta vez minha mudança seria definitiva.

Alice puxou o coelho branco para seus braços.

– Eu sei. Você vai mudar para a casa do Vincent. Ouvi a Aristela e a Lume falando sobre isso o dia todo. – Alice acariciou as orelhas da bola peluda, pensativa. Quando levantou os olhos, eles não pareciam tristes, apenas curiosos. – Mas... sabe? Elas pareciam mais animadas do que você. Você não está feliz?

Enxuguei uma lágrima teimosa no canto dos olhos.

– Estou. – Uma fungada e mais um carinho nos cabelos de minha irmã. – Eu estou. Só que vou sentir muitas saudades de você e do vovô... e até desta bola peluda.

Alice sorriu, esfregando as orelhas do coelho mais uma vez.

– Mas você ainda vai vir aqui... Certo?

Engoli as lágrimas com um sorriso.

– Todo o tempo.

– E eu vou poder ir lá, na sua outra casa?

Esforcei-me ainda mais, mas minha voz já entregava a vontade louca de chorar.

– Sempre que quiser.

Minha irmã fez um último carinho na bola peluda e o devolveu à gaiola. Levantando as esmeraldas brilhantes, ela suspirou.

– Eu também vou sentir saudade, Mel, mas acho que é melhor assim – falou, assustadoramente objetiva. – Acho que o vovô ainda não gosta tanto do Vincent pra deixar ele morar aqui.

O momento era emotivo, mas a seriedade somada ao pensamento prático me fez gargalhar. Um pouco mais aliviada, convoquei Alice para me ajudar a arrumar minhas coisas. Afinal, estava de mudança. Pensar como isso aconteceu tão rápido ainda me deixava sem ar. George arrumou algumas caixas de papelão para que eu reunisse meus livros, mas não subiu para nos ajudar. Ele ficou zanzando pela sala, observando de longe. Imaginei que empacotar minhas coisas estava além do seu esforçado limite emocional. Confirmando minha teoria, eu o ouvi fungar no andar de baixo. Mais de uma vez.

Entretida entre caixas e gavetas, deixei que a tarefa física ocupasse meus pensamentos enquanto a tarde perdia sua luz do outro lado da janela. No fim, esvaziar meu guarda-roupa não foi problema... Mas meus *tesouros* exigiram um pouco mais de trabalho. Fechei minha mala às pressas quando notei Alice soterrada por uma pilha de livros e, depois de coordenar *como* eles deveriam ser acomodados nas caixas, certifiquei-me de não ter esquecido nada para trás. Bem, na verdade havia deixado um item para trás, mas este foi esquecido de propósito. Com um sorriso vingativo, fitei os scarpins pretos uma última vez antes de fechar as portas do guarda-roupa.

– Não entendo porque você vai deixar seus sapatos aí... – Alice resmungou confusa ao captar minha súbita alegria. – Eles são tão bonitos!

Podíamos dividir o mesmo sangue, mas minha irmã e eu éramos *muito* diferentes.

– Você só vai entender daqui a alguns anos, quando crescer e tiver que ficar

o dia todo dentro de um destes. – Apontei para o interior do guarda-roupa com desprezo enquanto vestia minhas sapatilhas pretas.

– Ah! Queria que esses anos passassem bem rápido. – Alice colocou as mãos na cintura, erguendo as costas para parecer maior.

Minha irmã não era uma criança miúda e crescia a olhos vistos. De fato, ela nem precisava fazer esforço para parecer maior, mas eu me abaixei até alcançar seus olhos.

– Não tenha pressa de crescer, Alice. – Lá estava outro nó em minha garganta. – Você merece que esse tempo passe bem devagar.

Minha irmã fez uma careta contrariada.

– Mas eu quero crescer logo! – Alice apertou as esmeraldas brilhantes. – Os adultos estão sempre fazendo coisas legais. Coisas que não posso fazer. Falam coisas que não posso ouvir, vão a lugares que não posso ir... – Ela agarrou mais um livro na pilha ao seu lado, demorando os olhos nas letras do título. Com um suspiro, ela o colocou na caixa, dando ênfase ao tom indignado. – Cansei de ser criança!

Era impossível não rir de sua expressão frustrada.

– Muitas destas coisas são perigosas, Alice. Amamos você, por isso te protegemos. Você não deveria ficar zangada por isso.

– Mas você também não gosta quando o Vincent te protege das coisas.

*Touché.* É... Talvez fossemos um pouquinho parecidas.

– Bem, você pode não ter feito algumas destas coisas... Mas já fez outras incríveis! Coisas que eu mesma não consegui – falei animada, atraindo sua atenção. – Você aprendeu a controlar sua magia mais rápido do que muitos magos, tem habilidades mágicas que eu nem sonho ter, fez amizade com todos os tipos de seres e soube lutar contra eles quando foi preciso. Você nunca teve medo de usar seu poder e está sempre aprendendo coisas novas, todos os dias. Coisas que eu nem sei que existem! – Ajeitei seus cabelos vermelhos para longe do rosto com um gesto contemplativo. – Ainda fico imaginando o que poderá fazer quando finalmente crescer.

Minha irmã endireitou os ombros, orgulhosa de si mesma. Isso me arrancou outro sorriso.

– Quando eu crescer, vou viajar pelo Mundo Mágico. O Heros vai me levar para conhecer todos os lugares que conhece... Seremos exploradores!

Admirando sua certeza infantil, contornei o humor, igualando-me à sua seriedade.

– Exploradores? Vocês vão procurar algum tesouro?

Alice franziu os olhos, estranhando minha pergunta.

– Não, Mel. Vamos procurar a cura para a maldição do Heros.



Desta vez me espantei de verdade com sua seriedade e, vagarosamente, me ajoelhei à sua frente para uma conversa esclarecedora.

– Alice... Você sabe que, se encontrarem a cura, Heros voltará a ser só o Armand. Não é?

A menina de cachos vermelhos soltou o ar com força.

– Eu sei – falou baixinho, como se já tivesse desistido do assunto. – É que às vezes ele fica muito triste. E não gosto de ver o Heros triste.

Peguei sua mão pequenina e a afaguei, incentivando-a.

– Acho isso muito legal de sua parte. É para isso que servem os amigos, para ajudar os amigos.

Mas o incentivo não funcionou como esperado, Alice pareceu ainda mais deprimida. Quando levantou os olhos, eles estavam opacos, confusos.

– Não sei se sou uma boa amiga, Tata... –ela hesitou, encolhendo-se como se estivesse envergonhada. – Eu gosto muito do Heros, queria que ele fosse cachorro para sempre. Mas, se eu falar isso, ele não vai procurar a cura da maldição e vai ficar como cachorro para eu ficar feliz. Porque ele sempre diz que adora me ver feliz. Mas aí, é ele quem vai ficar triste... E *eu* não gosto de ver ele triste. Entende?

E ali eu tive a certeza de que minha irmã seria uma pessoa incrível no futuro.

– Você está pensando na felicidade dele antes da sua. Isso é uma coisa difícil de fazer, o que prova que você é uma amiga de verdade, Alice – falei, orgulhosa. – Acredite em mim, é disso que o Heros precisa.

Alice entortou os lábios, um breve sorriso pensativo, depois assentiu conformada.

– É. Acho que o Heros tem razão... As coisas nem sempre acontecem como queremos – disse, com um longo suspiro.

Mesmo sensibilizada com sua tristeza, não iria revelar que seu desejo estava mais próximo do que ela podia imaginar. Afinal, Armand havia desistido de decifrar a charada que Dalilah usou para compor sua maldição. Mesmo não sendo simpática à demônio pálida, era de se imaginar que o poder da ilusão de Armand, somado ao seu tão comentado comportamento egoísta do passado, foi um grande incentivador dessa ira. Quebrar a maldição dependia dele mesmo, de uma grande mudança como mago e pessoa, e, embora fosse testemunha de muitas atitudes honrosas, nada parecia grande o bastante para reverter sua condição. A verdade é que Armand ainda estava perdido, e talvez não soubesse *como* poderia mudar. Isso me levava a pensar se ele realmente queria. Sua determinação em transpor a mudança poderia ser a chave... ou a honestidade de seu sentimento. Hum. Sabendo dos benefícios que a amizade de minha irmã

havia lhe proporcionado, talvez fosse melhor esperar que o tempo trouxesse a resposta.

Abracei Alice, assumindo parte de sua tristeza. E a de seu amigo também. A história deles era mais uma das contradições deste mundo mágico, louco, assustador... incrível.

Afastei minha irmã ao imaginar algo que poderia animá-la.

– Sabe... Tem uma coisa que deve ficar com você agora... – Eu me levantei para alcançar o pequeno espelho de armação dourada em cima da escrivaninha. Alice espiou o objeto, curiosa, e seus olhos brilharam novamente. – Minha família agora é a de Vincent, e temos o espelho dele, que era da mãe dele. Por isso, quero que fique com o espelho dos Wels. Ele é seu, Alice. Para sua família.

Entreguei o espelho para minha irmã enquanto ela abria um sorriso grande e exultante. Com cuidado, Alice o acariciou de leve e ele reluziu brevemente.

– Obrigada, Tata! Obrigada! – falou, enquanto o espremia contra o peito. – Prometo que vou cuidar direitinho dele!

COM O ÂNIMO RENOVADO, voltamos às caixas, que eram poucas e nem de longe poderiam comportar minha coleção de livros. Teria que deixar a maioria para trás... mesmo porque, a lembrança da estante abarrotada de Vincent me desmotivou.

Coloquei alguns volumes inseparáveis por cima das roupas, a maioria presentes de Vincent, como a primeira edição de *Cinco Minutos* e a versão inglesa do conto *Beauty and the Beast*... Outros eu levaria por afeição, como a brochura de *O Fantasma da Ópera* e *Alice no fundo do espelho*. Livros que me traziam memórias especiais, dos quais nunca me afastaria. Pedi à minha irmã sentasse sobre a mala, para que eu pudesse fechá-la... O trabalho estava feito. Em um momento nostálgico, perdi meus olhos pelo quarto... mas as lembranças foram interrompidas por batidas rápidas na porta. Antes mesmo que eu respondesse, George colocou o rosto por uma fresta. A expressão incomodada indicava que havia algo mais importante do que minha privacidade.

– Ah... Mel? Você tem visita. – George indicou alguém atrás dele com os olhos, retorcendo a boca em seguida, como um aviso. Isso explicava a voz branda, enganosamente controlada.

Enquanto imaginava as possibilidades para sua apreensão, George deu passagem ao visitante. Meu sorriso surgiu de maneira espontânea.

– Rose! – Dei um passo à frente para abraçar minha amiga. – Que bom que está aqui!

Rose não devolveu meu abraço e então percebi seu olhar assustado. Ela se moveu pelo quarto, desviando de Alice, e parou os olhos em George, ainda na

porta. Entendi o que ela queria e agora me preocupava com o que a poderia estar perturbando. Será que a necessidade de sigilo significava que as coisas entre ela e Arthur haviam se complicado? *Eu mataria meu vizinho!*

Sem conseguir pensar em algo mais efetivo, agarrei meu nécessaire sobre a cama, colocando-o nas mãos de minha irmã:

– Alice, você pode recolher minhas coisas no banheiro? Rose e eu vamos descer daqui a pouco.

Alice concordou prontamente. Um olhar cortante e meu avô a seguiu. Quando a porta fechou, saltei para o lado de minha amiga, imaginando formas de torturar Arthur com meus recém-descobertos poderes mágicos.

– O que ele fez? Ele a magoou? – investiguei apressada, observando o rosto de minha amiga passar da angústia para a frustração.

– Quem? Arthur? – Encaixando os pensamentos, Rose piscou, surpresa. – Não. Está tudo bem entre Arthur e eu. Mas ele com certeza vai enlouquecer quando ler isso. – Rose levantou um conhecido envelope roxo em sua mão. Apressada, procurou os delicados óculos de leitura na bolsa e passou os olhos pela letra elegante, como que para ter certeza de que sua dúvida era justificada. – Melissa... O que quer dizer *isso*?

Ah. Então, esse era o problema.

Sustentei seu olhar por trás das lentes e não contive o longo suspiro. Parte aliviado, por saber que o romance entre meus amigos estava progredindo, e parte incomodado, pela opinião deles ser a mesma de dias atrás.

– Isso é um convite. – Indiquei o cartão em sua mão, julgando-o bem explicativo. Mas, ao voltar o olhar para o rosto incrédulo à minha frente, percebi que esta seria a reação de todos os convidados da cidade. E, provavelmente, dos convidados da montanha também. Intensifiquei meu olhar brando, uma tentativa inútil de acalmar minha amiga, porque sabia que seu espanto poderia ser ainda maior com a ausência de explicações plausíveis. – Eu e Vincent vamos comemorar nossas Bodas amanhã, em uma recepção para alguns convidados.

– Recepção. Das suas Bodas. Com o Vincent. Amanhã – ela falou pausadamente, talvez para ter certeza de que estávamos falando da mesma coisa.

Alarguei um sorriso esperançoso enquanto Rose espiava o envelope em sua mão mais uma vez.

– Sei que é inesperado, Rose, mas a verdade é que esperamos muito por isso... Vincent e eu finalmente vamos começar nosso futuro!

Meu tom festivo não pareceu convencê-la; então, indiquei minha mala no canto. Rose ofegou, atentando-se não só a ela, mas também às caixas recheadas de livros ao nosso redor.

– *Por Deus*, Melissa, isso é... sério?

Meu silêncio não agradou. Apertando os lábios, Rose colocou as mãos em meus ombros, me rebocando para a cama.

– Por favor, pense um pouco mais sobre o assunto, Melissa. Decisões como essa precisam ser avaliadas com cuidado. E você deveria fazer isso... Pensar. Definitivamente. Quem sabe por mais alguns dias. Sei que seu reencontro com ele foi emocionante, mas esse não é o tipo de decisão que se toma no calor do momento.

Escapei de suas mãos enquanto me levantava.

– Estou esperando e pensando há dois meses! É só o que tenho feito. Eu perdi meu amor, Rose... Mas ele voltou para mim. Tem ideia do quanto rezei por esse milagre? Do quanto desejei esse presente? – Fixei meu olhar no rosto atordoado – Minha vida estava esperando por ele, Rose. Agora, finalmente vai começar. Você me entende? É ele. Sempre foi *ele*. – Pausei, esperando que minha certeza alcançasse seu coração apaixonado. E, aos poucos, a aceitação cresceu nos olhos amendoados. – Sei que, se pudesse, faria a mesma coisa com Arthur. Porque você fez sua escolha também, no seu coração. Como eu. E também não tem dúvidas sobre isso.

Rose não negou. Pelo contrário, pelo longo suspiro soube que concordava comigo. Minha amiga olhou para o convite em sua mão e abriu a boca, mas as palavras demoraram a sair. Hesitante, ela levantou um olhar determinado.

– Melissa... Acho ótimo que vocês tenham se entendido na Holanda. Você sabe que eu torcia sinceramente por isso. Pela sua felicidade. E é só o que eu quero... sua felicidade. Você sabe disso, não é? – Ela esperou minha resposta. Assenti com um sorriso terno. – Certo. Isso é bom. Sei que seu amor por ele é verdadeiro. Mas não é isso que me preocupa. *Ele* me preocupa. Eu não... não consigo confiar nele. Tenho medo que a magoe novamente. Que a abandone novamente. E você tem que concordar que o histórico imprevisível dele só piora as perspectivas.

Sorri, comovida por sua preocupação.

– A felicidade não vem com termo de garantia, Rose, mas estou certa do esforço dele. Isso é real... É para sempre.

Rose lançou os braços ao ar.

– O *para sempre* é muito incerto, Melissa, até para quem está apaixonada!

Ponderei até onde ir com minhas revelações e Rose cruzou os braços, estreitando os olhos para meu silêncio. Era agradecida por ter uma amizade como a dela, por sua sinceridade ao me defender. Esse cuidado era recíproco, e por isso minha amiga merecia o máximo que podia oferecer da verdade.

Juntei as mãos, preparando-me para sua reação:

– Rose... Nós já estamos casados.

Quando as palavras saíram da minha boca, notei que pronunciá-las não me incomodava mais. Esperei por muito tempo pela minha felicidade e, agora que a tinha, não poderia temê-la. Eu estava casada! Por outras convenções, regras pouco familiares de um Mundo Mágico, mas que não diminuía minha decisão consciente. Eu aceitei me casar com Vincent porque o amava. Desci os olhos para meu anel, fitando-o em meu dedo... Sim, esse casamento já existia. Anunciá-lo era apenas um detalhe.

Rose continuava de boca aberta, e retirando os óculos, apertou os olhos com os dedos.

– O. Que. Você. Fez? Um casamento relâmpago? Em outro país? – Ela tentou recuperar o fôlego – É isso que quer dizer a tal *comemoração das suas Bodas*? – Rose chacoalhou o cartão de linho em sua mão. – Melissa, vocês mal se reencontraram... Vocês mal se conhecem! Não acredito que fez isso!

Suspirei profundamente. Como poderia explicar que minha história foi apadrinhada pelo destino? Que meu coração pertencia a esse mago há mais tempo do que eu mesma imaginava ser possível? Como convencê-la de que esse amor não se limitava ao tempo convencional? Que existia além da certeza ou da lógica desse mundo? Bom, eu não poderia. Aí estava o limite das minhas revelações. Restava acreditar que a alegria em meu rosto estivesse além das explicações impossíveis.

– Fiz isso porque era o que meu coração mandava fazer. E, se confia em mim, vai acreditar quando eu disser que conheço o coração dele. Vincent não me magoaria de propósito. – Sustentei os olhos da minha amiga. – Perdemos um tempo precioso contra nossa vontade, Rose. Acredite em mim, por Vincent, já teríamos comemorado nosso casamento há dois meses.

Rose continuava com a expressão entorpecida.

– Você ouviu o que disse, Melissa? Parou para fazer as contas? Vocês estão juntos há pouco mais de três meses, isso se contarmos os dois meses que ele ficou fora...

– Você e o Arthur estão juntos há três dias, mas tenho certeza que se casaria com ele hoje se ele a pedisse.

Mas Rose estava longe de admitir isso. Muito menos poderia entender meu relacionamento magicamente conturbado, o amor avassalador ou meus motivos insanos. Joguei as mãos ao ar, praticamente desistindo dos argumentos, mas minha amiga não desistiria dos seus.

– Melissa, isso é muito diferente. Eu conheço o Arthur a vida toda... Mas o Vincent está na sua vida há poucos meses. Desapareceu sem dar explicações e pode desaparecer de novo. Este casamento é, no mínimo, pura precipitação e euforia. *Por Deus!* Estamos falando do senhor *Dippel*, o homem é imprevisível!

– Rose se aproximou de queixo erguido. – Você pode ficar zangada, magoada... Se quiser, pode ficar sem falar comigo. Mas gosto demais de você para deixar isso acontecer sem fazer nada!

Queria poder explicar que Vincent não era esse monstro que ela via, e decidi que não podia deixar que minha amiga o odiasse. Determinada, agarrei sua mão, segurando-a entre as minhas, e arrastei minha amiga até a cama. Sentada ao seu lado, tentei colocar em meu olhar todo o carinho que sentia por ela, toda minha admiração e agradecimento por sua preocupação. Mas também quis mostrar como estava decidida, feliz por finalmente ter minha vida completa.

– Rose, eu não estou zangada. Nem chateada. Sei que você está preocupada comigo e agradeço... Mas acredite, Vincent mudou. Eu mudei. Somos muito diferentes agora. Você nem imagina o quanto! Há coisas que nunca poderei explicar, mas garanto, nosso amor é forte e o encontro na Holanda comprovou isso. – Apontei para o convite em suas mãos. – Quanto aos planos de nossa união... Isso não é novo. Só estamos concluindo o que começamos antes dele partir. E estou muito feliz por isso. Por favor, acredite em mim.

Rose piscou mais algumas vezes, os olhos presos em meu rosto. Depois levantou e, tamborilando os dedos na testa, rodopiou pelo quarto... confusa, frustrada. Ela levou os olhos até o envelope violeta, fechou-o com cuidado e o devolveu à bolsa. Quando levantou o rosto parecia mais calma, mais conformada com o que não podia resolver.

– Eu só quero retribuir o que fez por mim, Melissa. Estou torcendo para que ele possa fazer você feliz. Feliz como eu estou. – Rose ajeitou a bolsa nos ombros, encabulada. – Desculpe por ser sincera, mas tem sempre algo que grita alto em mim quando ele está por perto. Como se ele fosse algo a ser evitado. Estou tentando separar a implicância enraizada da cidade desse instinto de defesa, mas até agora não consegui identificar uma coisa e outra. – Rose se aproximou, envolvendo-me em um abraço apertado. – Só... Por favor, tenha cuidado.

O ar dos meus pulmões foi forçado para fora pelo aperto de seus braços, e, eliminando a tensão que pairava entre nós, retribuí seu abraço.

– Eu terei. Prometo.

Rose se afastou e o rosto doce surpreendeu pela seriedade.

– Espero que sim. Porque, se ele machucar você, eu mesma vou ter uma palavrinha com o *senhor* Dippel. – Dividimos um olhar silencioso, até que minha amiga decidiu encerrar sua missão. – Preciso ir... Saí da prefeitura sem deixar nenhum aviso e aquilo fica uma bagunça com minha ausência. – Um sorriso suavizou sua expressão. Rose caminhou para a porta, mas parou antes de cruzá-la. Girando para mim, apontou a seda manchada em meu peito. – A

propósito, tirando a mancha de chocolate, adorei o vestido.

Eu poderia sorrir por terminar esse pequeno conflito, mas a lembrança de outro vestido avariado me deixou culpada.

– Ah, Rose... Sobre isso, acho que estou lhe devendo um vestido. E um casaco novo também. – Eu me encolhi ao notar seu olhar decepcionado, mas nem tudo estava perdido, havia uma peça que permanecia intacta. – Mas seus sapatos estão inteiros!

Eu me virei para pegá-los, mas Rose segurou meu braço.

– Quer saber? Deixa para lá... Queria perguntar o que aconteceu, mas algo me diz que você não vai me contar.

Meu silêncio lhe arrancou outro sorriso. Eu era agradecida pelo esforço. Rose girou para a porta e me apressei atrás dela.

– Espere... Você não disse se vai amanhã... na nossa comemoração.

Ela me espiou sobre o ombro, a expressão suave de quem falava com o coração.

– Jamais perderia. Mesmo que você se casasse com um lobisomem, eu estaria lá. Vestida de prata, mas estaria lá.

Eu ri de sua piada, agradecida por minha amiga sensível ignorar o quanto estava perto deste tipo de fantasia.

– Obrigada, Rose.

– Não me agradeça ainda, você não falou com Arthur. – Ela abaixou os olhos para a escada ao notar minha expressão agitada. – Desculpe, Melissa, mas liguei para ele no caminho. Estava nervosa e disse a ele para...

A campainha retumbou no andar de baixo. Desviamos os olhos para o final da escada ao mesmo tempo e, quando ouvimos a voz de Arthur, cruzamos nossos olhares.

– Me deixa adivinhar... *para ele vir para cá?* – Soltei o ar com uma lufada – Ah... Rose.

– Volte para o quarto e me dê alguns segundos. A opinião dele não é diferente da minha, então, é melhor esperar que eu fale com Arthur antes e tente explicar isso. Não vai resolver, mas pode ajudar.

Assenti sem hesitar.

Rose se despediu com um sorriso amarelo e eu não poderia fazer nada além de retribuí-lo. A sabatina de Arthur provavelmente seria pior, mas poderia suportar desde que tudo terminasse com alguma compreensão. Voltei para meu quarto e ouvi quando os murmúrios se elevaram no hall. Depois de um minuto, decidi agir. Arthur poderia me magoar, ficar contra mim, mas nada que dissesse poderia mudar a esperança de ter meus amigos durante um momento tão importante de minha vida. Determinada, agarrei minha mala e arrastei o peso

descomunal pelos degraus. No andar de baixo, vi George acalmando alguém junto à porta. Rose não estava mais lá e, pela voz alterada de Arthur, os argumentos de minha amiga não foram convincentes. Hum. Ou ela não se esforçou para que fossem. Suspiro.

Eu sabia que era pedir demais, mas queria que *todos* fossem amigos... Mesmo que meu marido e eu carregássemos segredos e heranças de outro mundo, que minha amiga acreditasse nas assombrações da montanha e que meu amigo fosse o responsável pelo meu primeiro beijo... Sim, eu tinha esperança de um final feliz. Tudo bem, as coisas poderiam ser mais complicadas do que isso se acrescentasse a perseguição de um mago do mal ou a visita de um demônio, mas não era impossível. Era?

Deixei minha mala junto à escada e encontrei o rosto do visitante irritado. A inconformidade nos olhos dourados era maior do que imaginava, mas me mantive firme. Meu desejo de felicidade ganhava graus extras de dificuldade a cada segundo.

– Mel... O que é isso? – Arthur indagou assim que me viu. Em sua mão, o conhecido envelope violeta.

Pelas palavras de Rose eu imaginava sua reação, mas percebi que não estava preparada para o julgamento daqueles olhos verdadeiros, que me conheciam tão bem. Isso aumentou consideravelmente meu nervosismo. Não havia uma explicação racional para meu casamento-relâmpago, eu sabia disso, e o olhar estarecido de Arthur era um aviso de que a cidade encontraria uma... Mas levaria sete meses para se convencerem de que estavam enganados.

Parei no meio do pequeno hall e percebi Alice vindo do corredor, logo atrás de mim, como uma escolta. Era bom ter o apoio da família. Ou quase. Ao lado de Arthur, meu avô colocou as mãos nos bolsos enquanto levantava as sobrancelhas, como quem diz... *quero ver como vai sair dessa*.

O suspiro foi inevitável.

– Um convite.

– Eu sei que é um convite. Mas você não pode estar falando sério.

Inesperadamente, Alice passou à minha frente. Lá estava a porção da família que sempre reagiria em minha defesa.

– Claro que é sério... A festa de casamento da Mel e do Vincent vai ser amanhã. Eu vou ser a madrinha e já tenho até um vestido!

Arthur uniu as sobrancelhas enquanto desviava o olhar atordoado de minha irmã para George. Meu avô levantou as mãos, as palmas viradas para cima, esclarecendo que não tinha *nada* a ver com aquilo. Depois de um longo segundo avaliando a expressão escorregadia de George, Arthur soltou o ar, incrédulo.

– Estão todos loucos? – Seu olhar descrente encontrou meu rosto enquanto



agitava o fatídico envelope violeta no ar, como uma bandeira. – Casar em dois dias, Mel? O cara sumiu por dois meses e você vai casar com ele em dois dias? – Seus olhos desceram para minha cintura. – Você disse que não estava...

Não deixei que meu amigo completasse seu julgamento.

– Pela última vez, Arthur, não estou grávida! – Percebi Alice me olhar com espanto e cruzei os braços, aborrecida. Sabia que um casamento arranjado em dois dias era mesmo surpreendente e, se ele soubesse quem eram convidados do noivo ou a tia recém-descoberta da noiva, iria achar esse casamento ainda mais surpreendente. – Para sua informação, estamos organizando os preparativos desde ontem, então, são três dias.

Arthur começou a balançar a cabeça sem parar.

– O que é? Teve despressurização no seu voo de volta? Seu cérebro ficou sem oxigênio? – falou, piscando os olhos. Mudei o peso do corpo sobre as pernas, ele nem imaginava que uma viagem pela sombra poderia ser muito mais perturbadora do que um pouso forçado. – Qual é, Mel... Isso é loucura e você sabe que é!

Normalmente a lógica de Arthur era a outra versão da minha verdade, mas, desta vez, ele não tinha ideia do que significava a *minha verdade*. Presa em seu olhar questionador eu abri a boca, mas não poderia continuar... Porque prometi protegê-lo.

Eu sabia que meus amigos estavam unidos em uma missão de resgate. Meu resgate. E procurei outra forma de esclarecer os detalhes omitidos nessa história... mas voltei ao mesmo problema que enfrentei com Rose. O silêncio protetor. Será que uma amizade pode suportar tanto silêncio? Será que eu poderia me abrir com ele, contar que estava casada há pelo menos dois meses, como fiz com minha amiga? E de que forma deveria contar que já estava comprometida com meu mago quando nos beijamos? Como poderia detalhar a comemoração de minhas Bodas no dia seguinte em um lugar nada convencional sem mencionar os motivos mágicos? Como mencionar os convidados peculiares sem fazê-lo duvidar da minha sanidade? Mordi o lábio. Isso era mesmo muito difícil.

Arthur ainda esperava uma reação e minha careta sem argumentos foi percebida por meu avô. Sabia que George se esforçaria para ficar longe da polêmica; nunca se envolveria com assuntos mágicos, ou, no caso, confusões mágicas. O irônico disso tudo é que, apesar da confusão criada pela omissão, este era um dos momentos de maior clareza em toda minha vida... Talvez esta fosse a única resposta possível.

– Nunca estive tão lúcida, Arthur. – Prendi os olhos dourados do meu amigo, vendo sua expressão preocupada crescer astronomicamente com minha

certeza. Mas, por mais que amasse meu amigo, estava comprometida com esse grande segredo. – Sei que foi tudo parece rápido para vocês, mas, para nós, já deveríamos ter feito isso há muito tempo. Vincent e eu sofremos com a separação e desejamos mais do que tudo ficar juntos. Isso é muito simples. Muito claro. Nosso maior desejo é poder comemorar o começo do nosso futuro ao lado das pessoas que são importantes para nós. – Eu me aproximei um passo e peguei a mão de Arthur, a que segurava o convite. – Você e Rose são muito importantes para mim. Por favor, esteja lá.

Arthur ainda estava preso ao meu olhar e, depois de soltar o ar rapidamente, deslizou a mão livre pelos cabelos dourados.

– Por favor, Mel, me diga que ele tinha um bom motivo para ficar ausente por tanto tempo.

Apertei sua mão.

– Ele tinha.

Arthur avaliou a seriedade em meu rosto.

– Você é louca e inconsequente. Sabe disso, não é?

Confirmei com um suspiro. O pior é que eu sabia.

Meu amigo balançou a cabeça, reprovando minha atitude.

– Só espero que não seja masoquista.

– Posso garantir que não tenho intenção alguma de sofrer daquela forma de novo. Acredite em mim.

Seus lábios se levantaram nos cantos. Uma pitada mínima de humor, mas era algum humor, e sorri em resposta. Ignorando minha reação, Arthur tirou sua mão da minha e, olhando para o convite, meditou por um segundo; depois, concordou quase imperceptivelmente.

– Estarei lá – disse tão baixo que o som da sua voz era um mero tremor no ar. Mas foi suficiente para que eu me jogasse em seu pescoço, aliviada demais para me conter. Arthur quase tombou para trás.

– Obrigada! Obrigada!

Ele me afastou com uma careta quase divertida.

– Hei, você está toda suja... – O vislumbre de humor se foi quando ele se concentrou em meu rosto. – Estarei lá, Mel. Mas só para garantir que esse cara não fuja de novo. – Arthur trocou um olhar significativo com George e, a meu ver, meu avô concordava com ele. – Tem mais uma coisa... Você vai ter que falar com a Rose e limpar minha barra. – Arthur deixou cair os ombros e desta vez não controlei o riso. – É sério, Mel. Ela saiu daqui com esperança de que eu colocasse um pouco de juízo na sua cabeça, mas não tem ideia de como isso é difícil! Vai ficar uma fera comigo por eu concordar com essa loucura tão depressa.

Arthur esfregou o pescoço, parecia realmente preocupado. Ele se importava, estava levando a sério seus sentimentos... Senti meu contentamento transbordar pelos poros. Um misto de alegria e alívio pela reciprocidade do amor deles. Contendo um sorriso de cupido vitorioso, afirmei:

– Eu resolvo isso, fique tranquilo... Teremos uma conversa de mulher para mulher. Você vai sair ileso.

Arthur sorriu e, ainda que tímido, era um sorriso. Sua aceitação. Isso bastava. Desta vez foi ele quem me puxou para um abraço e, levantando-me no ar, falou em meu ouvido:

– Espero que você seja muito feliz, Mel. De verdade. – Ele me girou no pequeno hall. – Não acredito... Você vai se casar!

Eu me ouvi gargalhando. Pelo eco ao meu redor, inspiramos a alegria de minha irmã. Ainda espremida no abraço de Arthur, ouvi outra risada, ainda que discreta, de George. Eu poderia explodir de felicidade... Teria minha família e meus amigos, *todos*, reunidos na comemoração do meu casamento! Mais risadas vieram automáticas e me dei conta de que há um dia isso era apenas um sonho distante. Com a euforia me dominando, devolvi o aperto em meu amigo, mas Arthur se esquivou quando alguém pigarreou ao nosso lado. Voltei ao chão ainda sorrindo, pronta para puxar meu enciumado avô para nossa comemoração... Mas sua expressão circunspecta me deteve. George levantou o queixo para a porta aberta e quase perdi o equilíbrio ao ver uma figura vestida de preto parada como uma estátua na pequena varanda.

Os oceanos violeta poderiam congelar o Saara.

Mais uma vez, minha irmã foi em minha defesa, usando nada mais do que sua espontaneidade infantil.

– Oi, Vincent! – Alice cumprimentou o cunhado sorrindo, embalada pela alegria que rapidamente se dissolveu nos outros rostos. – O Arthur e a tia Rose também vão na festa de casamento! Não é legal?

O mago das sombras fechou as mãos em punho, desviando os olhos mortíferos de Arthur para pousá-los em mim.

– Muito – rosnou, baixo. Bem devagar, os olhos violeta voltaram para Alice e, entre os dentes, Vincent soltou o ar e as palavras. – Alice, você pode fazer a gentileza de trazer um copo de água?

Com um grande sorriso prestativo, Alice girou para a cozinha e o que aconteceu em seguida foi muito rápido... Em um segundo Vincent estava avançando e no outro seu punho cortou o ar com velocidade, acertando o queixo de Arthur. No terceiro segundo, meu vizinho caiu no chão. Levei mais dois segundos para ter uma reação. Enquanto Arthur se recuperava do golpe, uma voz grave e mortal ecoou no pequeno hall.

– Não encoste suas mãos nela. Nunca mais.

Levantei meus olhos assustados para a estátua de preto que continuava inabalável. Recuperando-se do susto, George também se moveu. Meu avô se colocou entre Arthur e Vincent, bloqueando o revide de meu amigo furioso.

– Nem pense em começar uma briga aqui, Arthur! – Meu avô alertou em tom autoritário.

– Foi ele quem começou essa briga, George! – Arthur estreitou os olhos e achei ter visto fumaça saindo de suas orelhas, tamanha era a raiva que cobria seu rosto. Impedido pelas mãos de meu avô ele ralhou, murmurando algo nada educado para meu consorte, e, esfregando o queixo, recuou um passo. Os olhos dourados ainda ferviam como ouro líquido quando ele endireitou os ombros para encarar Vincent. – Não vou esquecer isso, pode ter certeza.

– Espero que não esqueça.

A voz grave deixou clara sua seriedade.

## Dia sem noite

RETOMANDO O EQUILÍBRIO e meus batimentos cardíacos, dei um passo na direção do mago furioso.

– Por que fez isso?

Vincent não desviou os olhos de Arthur.

– Preciso listar meus motivos?

Lá estava uma pergunta que não ousaria responder. Balancei a cabeça, frustrada. Estava me esforçando para que meus amigos aceitassem meu casamento com o mago carrancudo; agora, tudo rodava ladeira abaixo.

– Mas não precisava disso... Que *droga*, Vincent, estávamos apenas comemorando! – Levei as mãos ao ar com irritação.

– É mesmo? Se me lembro, o convite diz que a comemoração é amanhã.

A impaciência em sua voz poderia ser percebida a quilômetros de distância como um alerta de perigo. Ainda assim, sustentei o olhar aniquilador... Se os oceanos violeta tinham o poder de congelar o Saara, imagine minha frágil estrutura óssea... Não respondi à sua provocação. Eu sabia que ele estava com ciúme e não pretendia agravar sua ira. Sem dizer qualquer outra palavra, o mago das sombras me deu as costas. Vincent inclinou a cabeça para meu avô, que aquiesceu um tanto preocupado. Meu avô temia – como um dia eu temi – o descontrole do mago carrancudo na frente das pessoas que deveríamos proteger. O problema é que meu vizinho de instintos suicidas – que deveríamos proteger – estava ansioso para testar limites.

Arthur se aproximou de Vincent com aquele olhar desafiador que significava encrença, e imaginei que era uma boa hora para começar a rezar por mais um milagre.

– Só espero que você compareça a essa tal “comemoração”, porque, se magoar Melissa ou fizer com que ela chore de novo... *Juro por Deus*, eu mesmo vou fazer você desaparecer. E acredite, vou ter muita satisfação ao fazer isso! – Meu vizinho suicida levantou o queixo vermelho, encarando meu consorte.

Parei de respirar. Segurando um gemido, levei as mãos ao rosto, porque era covarde demais para ver o fim dessa cena. No segundo seguinte meu coração tropeçou e depois bateu mil vezes, aflito com a frieza da voz grave.

– Se ela chorar, será no seu enterro.

A indiferença do mago das sombras foi suficiente para ressuscitar minha coragem. A legenda subentendida na frase era muito clara... *Ela pode gostar de você, mas eu não dou a mínima*. Com o coração disparado, desci os olhos pela

postura ativa, confirmando o potente olhar violeta, as mãos abertas ao lado do corpo... E, para minha incredulidade, a tênue névoa azulada que escapava delas. Sua ameaça não era uma provocação. Era real. Percebi que não havia legenda, a frase queria dizer aquilo mesmo. Na íntegra.

Engasguei com o ar que se recusou a passar pela minha garganta quando o mago avançou um mísero centímetro... Os flashes da luta com Hector na Dimensão das Sombras me lembraram de que Vincent podia ser letal sem magia, e isso era suficiente para imaginar o que poderia acontecer se somássemos seu mau humor à magia das sombras. Antecipando a catástrofe, pulei na frente do meu consorte.

– Vincent! O que está fazendo?

– Não preciso aturar isso.

Sua justificativa acompanhou o potente olhar aniquilador. Impotente diante de sua fúria, só consegui girar no mesmo lugar, bloqueando seu caminho até meu amigo imprudente que avançava em minha direção.

– Arthur... deixe as provocações de lado. Nossos problemas foram resolvidos, por favor, não crie outros. – Encontrei seus olhos dourados, desafiadores, e implorei mais uma vez. – Por favor.

Arthur empinou o queixo vermelho.

– Meu recado está dado.

Vincent me segurou pelos ombros, colocando-me de lado.

– O meu também.

Pelo calor em suas mãos, tive certeza de que ele não estava blefando. Exasperada, estacionei ao lado de George. Com um olhar mendicante, implorei para que ele intervisse com sua inabalável diplomacia. E, talvez para me castigar, meu avô hesitou. Depois, com um suspiro, finalmente atendeu meu pedido.

– Vamos, Arthur, está na hora de contar as novidades à sua mãe – George disse em tom de comando, colocando-se entre nós. – Só espero que Lucila tenha reações melhores. – Meu avô espiou Vincent sobre o ombro, mas não pareceu temê-lo. Pelo contrário, com um sorrisinho misterioso, laçou o braço de Arthur e conduziu-o pela pequena varanda. Na rua, meu avô dirigiu-se ao meu esqueleto congelado. – Eu volto logo.

Quando eles alcançaram alguma distância, voltei a respirar. Nesse instante, uma menina ruiva apareceu no pequeno hall. Com passos curtos, Alice se esforçava para não derrubar a água que já transbordava do copo em suas mãos. Olhei para minha irmã, agradecida por ela não assistir ^`a cena de violência dentro da própria casa.

– Pronto! Eu trouxe sua água, Vincent.

– Obrigado, Alice. – Vincent avançou para ajudá-la e, tomando o copo nas mãos, ofereceu-o a mim. – Para você, imaginei que iria precisar.

Olhei dele para o copo e estreitei os olhos. Vincent havia premeditado tudo! Contive o impulso de jogar o conteúdo do copo em cima do mago carrancudo, e quase escorregando no chão molhado, agarrei sua camisa.

– Vem comigo! – Desviei da menina maga, que nos olhava confusa, e com esforço arrastei os cento e noventa e três centímetros de mau humor até a sala. No cômodo mais amplo da casa, dei espaço para minha raiva transbordar. – Você prometeu nunca fazer mal a ele, e estava prestes a usar seu poder! Eu senti!

O mago fixou os olhos violeta em meu rosto, como se seu descontrole não precisasse de explicações.

– Deveria ter usado. Para acabar com isso de uma vez!

Eu me aprumei, indignada.

– Você não ousaria...

– E por que não? – indagou com desprezo – Não suporto esse tal de Arthur e não preciso listar meus motivos. Avisei que não iria aturar provocações dele e você deveria estar grata por ele sair *respirando* daqui.

A seriedade de sua voz ainda era inacreditável aos meus ouvidos. Vincent bufou para meu choque e, soltando-se de minhas mãos, afastou-se até uma distância considerável. Achei ótimo, porque estava a ponto de bater nele.

No cenário tenso, vi Alice observando a discussão. Contive um resmungo nada educado. Se brigas não eram saudáveis para os olhos de uma criança, imagine os palavrões que passavam por minha cabeça. Vincent pareceu concordar comigo e escorregou as duas mãos pelos cabelos.

– Uma provocação não é motivo para... – desviei o olhar rapidamente para Alice e mudei a palavra em minha boca – ... machucá-lo.

Os poderosos oceanos turbulentos focaram meu rosto.

– Vê-la nos braços dele é motivo suficiente.

Não podia argumentar com isso. Depois de alguns segundos fitando aqueles olhos magoados, falei com a maior sinceridade que podia.

– Sei que não gostou do que viu. E peço desculpas. Ao contrário de suas ações, não foi intencional. Mas eu... – Inspirei profundamente, hesitante. Sabia dos seus motivos para ficar nervoso, mas ele precisava entender os meus. Aqueles que me levaram aos braços do meu amigo. – Eu só estava feliz.

Vincent alinhou os ombros, ficando ainda maior. E mais irritado. Engoli em seco, percebendo que minha justificativa o magoara ainda mais.

– Claro. Porque *ele* faz você feliz – rosnou, feroz.

Fechei os olhos por um instante e levantei a cabeça. Havia outro ponto ali. Algo mais importante do que o ciúme do meu consorte. Algo que Vincent

insistia em não ver.

– Fiquei feliz por saber que meus *amigos* e minha *família* estarão juntos na comemoração do *nosso* Pacto de Futuro. Sim, eu estava *feliz*, Vincent. Por eles. Por nós. E não vou me sentir culpada por isso. Porque você sabe que eles são importantes para mim, e sempre vou ficar feliz por ter minha família ao meu lado.

O mago carrancudo mudou o peso do corpo sobre as pernas, inquieto. Os belos traços de seu rosto escurecendo nas sombras de seu temperamento instável. Quando os oceanos em tempestade se fixaram em meu rosto, soube que deveria me preparar para o pior. A diferença é que há alguns meses eu me sentiria afetada por sua postura intimidadora, mas, agora, enxergava com nitidez a frustração que se misturava à raiva contida de um homem que detestava ser contrariado. Confirmando minha avaliação, Vincent me olhou de cima, os oceanos violeta cintilando suas emoções enquanto a voz grave carregava no sotaque.

– E que esta seja a última vez.

O ar parou em minha garganta.

– O... O quê?

– Esse sujeito. Ele pode até ir à Recepção de Anúncio, mas não quero vê-lo perto de você. Nunca mais.

Meu coração batia rápido enquanto mergulhava nos penetrantes olhos violeta. Sua força opressora tentava dominar meu corpo, prendendo-me ao chão. Ele estava me intimidando de propósito, e isso me feriu mais do que irritou.

– Você... – Engasguei com minha revolta. – Você não está tentando usar o dom da persuasão em mim... está?

– Ainda não.

Soltei o ar que bloqueava minha garganta.

– Você não pode estar falando sério.

Em resposta Vincent intensificou o olhar, provando o quanto estava falando sério. Senti meus pés deixarem o chão.

– Sei que a presença de Arthur não lhe agrada e já pedi desculpas pela cena do hall... Mas você não pode exigir isso, Vincent! – O rosto do mago mudou abaixo do meu. Os olhos violetas estavam vitrificados, presos em algo além da minha ira. Não me importei com seu espanto, naquele momento eu poderia pegar fogo e continuaria impassível. – Arthur é parte da minha família. Nunca vou abandonar minha família. Não ouse tentar me forçar a isso!

O silêncio entorpecido do mago foi quebrado por uma voz infantil, maravilhada.

– Tata, você está voando!



Minha ira foi dissipada parcialmente quando notei minha irmã aos meus pés. Alice olhava para cima, o pescoço dobrado, e só então percebi que o teto estava logo acima da minha cabeça. Tentei controlar meu próprio espanto, fazendo esforço para não despencar sobre minha irmã, mas o pouso forçado foi inevitável. Ainda precisaria melhorar muito nisso.

Vincent deu dois passos na minha direção com a mesma expressão de Alice, um pouco mais aturdida, era verdade... Entendi que esta foi a primeira vez que eles me viram levitar. Eu até havia usado a levitação na Dimensão das Sombras, mas obviamente Vincent estava ocupado demais lutando com Hector para notar. O mago das sombras estendeu a mão para me amparar, mas ainda estava zangada com seu autoritarismo para aceitar a gentileza de sua personalidade cavalheiresca.

– Estou bem – ralhei, desviando dele, e caí sentada no sofá.

Vincent retomou a carranca mal humorada e grunhiu baixo, dividindo sua frustração com Alice.

– Sua irmã é o *ser* mais teimoso que eu já conheci!

Não deixei de notar o termo *ser*, que abrangia muito mais do que a espécie humana. Estreitei os olhos para sua provocação. Alheia à crise, Alice teve um acesso de riso. Então ouvi uma porta batendo, em seguida George entrou na sala. Estimulado pelo humor de minha irmã, meu avô abriu um grande sorriso.

– O que está acontecendo agora?

– Vovô... A Mel pode voar!

O sorriso de George morreu rápido, na mesma velocidade com que a palidez cresceu em seu rosto. Ele arregalou os olhos e, de boca aberta, balbuciou um som que logo tomou forma.

– Ela... pode?

Eu me levantei, arrumando meu vestido, cansada de vê-los falando de mim na terceira pessoa, como se eu fosse um fantasma.

– Sim, *Opa*. Eu posso. Mais um detalhe da herança do meu pai.

George notou o tom aborrecido e fechou a boca. Mas levou um tempo para se adaptar à informação. Ele desviou os olhos até Vincent e os voltou até mim.

– Ah... Certo. Mas, se puder não fazer isso agora, seria ótimo. Arthur foi buscar Lucila no restaurante e eles logo estarão de volta com o jantar.

Não que tivesse o controle *total* dos meus poderes, mas eu meio que controlava esses escapes com sucesso antes de George sequer imaginar que eu carregava mais do que uma herança mágica. Portanto, um pouco de credibilidade não seria má ideia. Percebi o olhar solidário de Alice e entendi que eu agira da mesma forma com ela. Inclinei a cabeça com um suspiro, tentando me redimir. Distraída com meu pedido de desculpas silencioso, só percebi o mago das

sombras se movendo quando ele já estava ao lado do meu avô.

– Não se preocupe, senhor George. Nós não vamos ficar.

George assentiu mecanicamente, ainda em estado alfa. Mas eu encarei Vincent, imaginando onde estava a credibilidade e a confiança que ele depositou em meus poderes na Dimensão das Sombras.

– Não vou me expor – repliquei, voltando à minha irritação. – Posso ser principiante nisso, mas, ao contrário de alguns, sei me controlar.

Vincent voltou um passo, comprando minha guerra com um único olhar.

– Não estou preocupado com seu controle, Melissa – informou sem muita propriedade.

– E com o que está preocupado? Com os convidados que teremos para o jantar?

– Não. Estou preocupado com *outros* convidados, que chegarão à montanha em breve para a comemoração do Pacto de Futuro – respondeu em tom repreensivo. Cruzei os braços, sabendo que ele nunca me deixaria esquecer o convite mais infeliz que fiz na vida. Mas também sabia que não poderia carregar essa responsabilidade sozinha; afinal, o convite foi feito por um motivo muito nobre. Sobre isso, não haveria discussão. O fato é que Vincent estava usando a comemoração de nosso casamento como desculpa para sua obsessão por controle. Casamento este, que começava com o pé esquerdo graças ao mau humor do meu consorte ciumento. Avaliando minha postura irredutível, ele procurou outra justificativa... – Não temos tempo para socializar, Melissa, precisamos cuidar de sua mudança.

Escolhendo a hora errada desta vez, minha irmã pulou entre nós.

– Ah, mas já resolvemos isso, Vincent... Eu ajudei a Mel e a mala dela já está pronta. – Alice informou alegremente, apontando para o corredor. – Empacotamos os livros dela também. Só falta guardar os sabonetes que ela gosta tanto. – A menina ruiva mostrou o nécessaire em sua mão.

Balancei a cabeça, surpresa com o desapego de minha irmã. Pior, com a concordância embasbacada de meu avô. Era espantoso, mas tudo levava a crer que eles estavam mais conformados com minha partida do que eu.

Decidido, o mago das sombras pegou a maletinha de couro das mãos de minha irmã e caminhou apressado para o corredor.

– Ótimo. Então podemos ir de uma vez – Vincent disse, em movimento.

Ele realmente não estava me levando a sério. Mas, se eu suportei o mau humor de uma *sereia* voluptuosa na prova do meu vestido de casamento, – *Uma sereia que ainda tinha sentimentos amorosos por meu consorte*, – Vincent poderia tolerar meu *amigo* irritante em um jantar familiar. – *Um amigo que não tinha mais sentimentos amorosos por mim*. Era uma troca justa. O preço da

harmonia em convivências futuras. Porque Arthur faria parte de nossa vida, assim como Ayla também faria.

Quando Vincent alcançou minha mala no corredor, eu me apressei atrás dele, agarrando seu braço.

– Você não quer ficar... Tudo bem. Mas eu quero. – Tomei meu nécessaire de sua mão, esforçando-me para que a levitação não fosse ativada pela raiva. – Lucila está preparando um jantar para nós e não vou desapontá-la. Quero me despedir dos *meus* amigos e da *minha* família antes da mudança. – Levantei o queixo. – Além disso, os elfos estão cuidando de tudo na montanha com muita competência. Tive a prova disso mais cedo. Portanto, não há nenhum motivo para não ficar para o jantar.

A ousadia valeu o espanto no rosto do mago, que apertou a alça da mala até os nós de seus dedos ficarem brancos.

– Você não pode...

– Ah, eu posso!

Com um movimento rápido, recuei. Vincent apenas observou.

– Então, você escolhe ficar.

Minha teimosia seria justificativa de represálias no futuro, mas precisava fazê-lo entender que eu continuaria tendo minha vida neste mundo, porque ele era uma grande parte de mim.

– Sim.

Com o maxilar tensionado, o mago de olhos furiosos sustentou meu olhar. Naquele momento, *eu* havia vencido a batalha. Então compreendi que o resultado não era nada diplomático... Alguém iria perder. E, curiosamente, era eu. Balancei para frente com uma vontade súbita de dizer que não queria continuar com aquilo. Mas Vincent matou minha fagulha de esperança dando dois passos para o hall, levando minha mala com ele, mostrando que para ele não haveria meio termo. O que eu podia fazer? Ensinar harmonia para um mago das sombras não era uma tarefa fácil. Embora tivesse esperança, ver seu bom senso brotar de algum lugar empoeirado era algo improvável. Principalmente porque a mágoa nos movia para caminhos opostos.

Eu recuei, apertando o nécessaire em minha mão. Sempre respeitei suas decisões, confiava nossas vidas a elas, ao seu julgamento... Mas, agora, gostaria que ele lembrasse que eu também podia decidir por nós. E não abriria mão disso.

– Se é o que deseja... nos vemos na Recepção de Anúncio de nossas *Bodas*.

A voz grave arranhou a última palavra, machucando-me profundamente. Com ela Vincent me lembrou de que já estávamos casados. *Há algum tempo*. Que havíamos prometido não ficar longe um do outro. E que, juntos, sempre seríamos mais fortes. Senti a umidade crescer em meus olhos... Mas isso não

abalou o mago de olhar violeta, que usava minhas lembranças como punição.

– Boa noite, Alice. Boa noite, senhor George.

Com um rápido aceno, o mago das sombras saiu pela pequena varanda, levando minha mala pelo jardim florido até um familiar SUV preto... *Outro SUV preto?* Franzi os olhos, mas a imagem ficou turva pelas lágrimas. Meu primeiro impulso foi segui-lo, mas fui impedida pelas gotas de chuva, um indício da tempestade que confirmava a indisponibilidade de seu humor para qualquer conversa. Pelo menos nas próximas horas. Assisti o BMW se afastar... e a cena familiar apertou meu peito.

De volta ao sofá, tentei entender como havia conseguido me desentender com meu consorte às vésperas de uma comemoração, que celebraria nossa união. União que nem havia se completado! Joguei meu nécessaire no outro canto do estofado, inconformada.

Observando meu desolamento, George deixou escapar um som pensativo.

– Acho que esse casamento não começou muito bem.

Levantei os olhos, sem forças para argumentar... Porque ele tinha razão.

LUCILA E ARTHUR chegaram meia hora depois, e eu ainda estava no sofá, fazendo uma lista em escala numérica para o tamanho da minha burrice. Embora tivesse motivos honrosos para justificar minha decisão, e um deles era o sorriso maternal no rosto de minha vizinha, no primeiro minuto longe do mago carrancudo tudo pareceu insignificante se comparado ao que poderia ser nossa primeira noite juntos. *Idiota*. Agora teria que esperar até o dia seguinte para saber se ainda tinha um *lindo, atraente e perfeitamente sexy* marido rabugento disposto a comemorar nossas Bodas.

Animado com o jantar, Arthur voltou à cidade para buscar Rose, enquanto eu enfrentava a terceira sabatina do dia sobre meu casamento relâmpago. Os questionamentos cessaram quando Lucila viu o filho e a namorada entrarem pela porta. Na verdade, a explícita demonstração de carinho do casal deixou *todos* em estado contemplativo. Carregando seu sorriso exagerado, Lucila se ocupou com as travessas de lasanha enquanto nós nos apertamos na cozinha de George. Vendo o calor fraternal transbordar pela mesa, pensei que teria algumas horas de paz... Até Rose comentar, entre uma garfada e outra, que gostaria de ter estado presente no casamento *oficial*, na Holanda. Suspiro.

Lucila engasgou e, depois de se recuperar dos espasmos, voltou rapidamente aos questionamentos enquanto focalizava o tamanho do meu ventre. Com a ameaça de sequelas por minha inabilidade mágica, isso já era castigo. Vincent deveria estar satisfeito.

Em algum ponto entre a sobremesa e o café, eles se conformaram com o

que não tinha volta. Isso significava que eu havia sobrevivido ao jantar. E, por amar estas pessoas que se preocupavam sinceramente com minha felicidade, não fiquei aborrecida. Aos poucos, suas preocupações deram espaço para a alegria... que *eu* queria compartilhar. E não poderia estar mais satisfeita por ver esse vislumbre de felicidade bem à minha frente.

A troca de afeto entre Rose e Arthur era inspiradora... os dedos entrelaçados, e os beijos discretos não traziam sorrisos apenas ao meu rosto. Com certo humor, presenciei a troca de olhares entre Lucila e George, que pareciam estar assistindo a encenação do paraíso. Mas eles tinham razão; depois da depressão dos últimos meses, era mesmo *muito* bom ver Arthur feliz.

Com o espírito mais leve e estômagos satisfeitos, meus amigos começaram a se interessar pelos preparativos do evento no dia seguinte. E, porque precaução nunca é demais, incluí avisos sobre a possível excentricidade de alguns convidados dos Von Berg. O curioso é que isso não pareceu surpreendê-los.

– É claro que vai ter gente estranha, *eles* são estranhos. Acho que aquela família nunca vai ser normal. – A frase murmurada de Arthur não poderia ser mais verdadeira. Ainda assim, Rose o cutucou nas costelas. – Ai... Por que todo mundo resolveu me bater hoje?

Ignorando-o com determinação, minha amiga se inclinou sobre a mesa com os olhos brilhando; por conhecê-la, eu podia adivinhar qual seria o próximo tópico da conversa...

– O que você vai usar amanhã?

... o olhar *fashionista* era infalível.

– O vestido da minha avó.

Ouvi o regozijo de Lucila, mas foi minha amiga que externou sua reação com mais ênfase.

– Oh... Perfeitamente romântico! – Rose bateu palmas, muito, *muito* animada.

Não demorou para Lucila embarcar em sua euforia.

– Se precisar, posso ajustá-lo – disse, enquanto se levantava. – Só preciso do meu kit de costuras... Onde está o vestido?

Eu me ajeitei na cadeira, essa parte seria difícil de explicar. Pela segunda vez na noite, George veio em meu auxílio.

– Eu o levei até a casa da montanha, Lucila. Ao que parece, os Von Berg possuem... *hã...* – meu avô limpou a garganta – ajudantes muito competentes pra isso.

Lucila se esforçou para disfarçar o desapontamento, mas a mágoa estava visível em seu olhar.

– Ah. É uma pena, George. Gostaria muito de ajudar em alguma coisa neste

dia especial.

Minha vizinha sentou novamente e Rose deixou escapar um muxoxo solidário. A expressão tristonha em rostos queridos não era algo fácil de se lidar.

– Bem, eu... Acho que vou precisar de alguns conselhos na hora de me arrumar. – Olhei de um lado para outro, buscando uma forma de consertar as coisas. – Vocês viriam para ajudar?

Uma explosão animada era mais do que eu esperava. Enquanto Rose e Lucila faziam planos sobre horário, material e etapas da arrumação, outro muxoxo, desta vez infantil, requisitou minha atenção.

– Mas se vamos nos arrumar aqui, isso quer dizer que a Aristela não vai colocar borboletas em meu cabelo?

Olhei para minha irmã, segurando o suspiro nos lábios. Deveria repreendê-la pela possível indiscrição mágica, mas nem sabia ao certo se aquilo era uma indiscrição. Enquanto isso, olhos continuavam brilhando à minha frente. Os de Rose pareciam os mais empolgados.

– Posso cuidar disso, minha querida, tenho certeza de que encontraremos algo muito especial para colocar em seus cabelos.

A certeza de Rose tranquilizou a menina de cabelos avermelhados e o sorriso ansioso de Alice era um aviso de confusão.

– Se quiser, tia Rose, podemos experimentar algumas fitas agora mesmo!

Já não sabia qual das duas estava mais animada com a sugestão.

Alice arrastou Rose para o quarto, falando sobre tranças, presilhas e tiaras...

Lucila as seguiu e em minutos, a mesa de jantar deu lugar a um salão de beleza improvisado. Elas tagarelavam sem parar enquanto giravam ao meu redor, esticando mechas e aplicando camadas de laquê. Pela expressão debochada de Arthur, o teste não estava evoluindo como deveria. Ainda assim, a alegria delas valeu cada puxão em meu couro cabeludo.

Depois de uma hora de experimentos e conversas animadas, Lucila, Arthur e Rose se despediram. Sentiria saudades dos jantares cotidianos, das loucuras fashionistas, da *minha família* comum e normal. O grupo desapareceu na escuridão da rua deserta e voltei para a casa amarela com os olhos ardendo, os pensamentos voando pelo passado e pousando no futuro... Não consegui escapar da tristeza por Vincent não estar disposto a partilhar destes momentos comigo. Será que ele não via como era injusto excluir o lado normal da minha vida?

Parei no pequeno hall, avaliando cada quadro na parede, cada porta-retratos, cada centímetro daquela casa como se meus olhos fossem câmeras fotográficas. Distraída pela nostalgia, só notei George se aproximar quando ele estendeu o braço sobre meu ombro.

– O dia de hoje foi carregado de tensão. – Sua voz era arrastada, quase

culpada. – Mas tenho certeza de que amanhã vamos compensar tudo.

O sermão de Rose voltou para me assombrar... Esse casamento precipitado seria um erro? Sorri melancolicamente, não queria desistir da esperança.

– Queria que Vincent estivesse aqui.

George limpou a garganta, quase incomodado.

– Ver seu passado como parte de você levará algum tempo. – Pela intensidade dos olhos oliva, entendi que aquele era o conselho de uma vida. – Mas não posso criticá-lo, eu também era ciumento.

Arregalei os olhos, surpresa pela revelação, e meu avô levantou os ombros, desconversando.

– Amanhã é outro dia. Um dia bem cheio, precisamos descansar. E recomendo que você lave os cabelos antes de dormir – sugeriu, com uma careta. Levantei a mão, tocando meus fios duros, e deixei escapar um som desolado. George não conteve a risada. – Mas antes... que tal uma ajudinha na cozinha?

Espantei a angústia enquanto acompanhava meu avô e, recolhendo os pratos da mesa, espiei Alice no chão com o coelho.

– *Opa...* Acha que vai dar conta de cuidar das coisas aqui? Sozinho?

George pegou a louça das minhas mãos com uma expressão quase indignada.

– Eu já lavava louça antes de você nascer, Mel.

Balançando a cabeça, levantei o queixo sobre o ombro, indicando a menina ruiva que continuava alheia à conversa.

– Fique tranquila, tenho muitos anos de experiência com isso também – disse, quase debochado.

Desta vez eu sorri, feliz por ter meu avô de volta. Por ter ficado esta noite para jantar com minha família, por ter tomado a decisão certa. Ainda assim, algo muito pesado esmagava meu peito. George percebeu a mudança.

– Não se preocupe, todo casamento passa por uma fase de adaptação. Tenho certeza que esse desentendimento não vai significar nada depois de uma boa noite de sono. – A voz serena completava a percepção aguçada de quem me conhecia desde as fraldas.

– Espero que sim – falei com uma fungada, levando os olhos para encontrar o rosto familiar. – *Opa*, sei que vai parecer redundante depois de minha insistência em continuar com isso, mas... Vou *mesmo* sentir muitas saudades. – Minha voz morreu e não consegui completar a frase.

Pelo olhar oliva entristecido, percebi que não precisava. George encostou ao meu lado, colocando o braço sobre meu ombro. De repente, eu me senti pequena, muito pequena.

– Isso não é uma despedida, Mel. Vamos estar juntos, o tempo todo.

– Espero que sim – repeti com fé.

DEIXEI MINHA IRMÃ dormindo em seu quarto, cercada por uma coleção de ursos flutuantes; ao sair pelo corredor, meus passos foram acompanhados pelos rancos rítmicos de George. Esta, com certeza, era uma noite de recordações.

Um sorriso triste me acompanhou até o banheiro e morreu diante do espelho. De repente, a aflição não era mais a do meu coração... porque eu tinha uma peruca da monarquia francesa na cabeça! Ali estava uma decisão para o dia seguinte: nenhum penteado complexo. Hum... O dia seguinte.

Com o pensamento longe e os olhos na mancha de chocolate que se espalhava pela seda branca, comecei a abrir meu vestido... E murmurando um xingamento, lembrei que o *vintage* manchado era a única peça de vestuário que me restava. *Droga!* Definitivamente, o universo nunca estaria a meu favor. Depois do banho vesti meu roupão, que por sorte continuava atrás da porta do banheiro, e passei longos minutos na lavanderia até deixar o vestido de Viviana impecável. Usá-lo novamente seria irônico, principalmente depois jurar nunca mais usar seda... Por um momento desejei estar junto com minhas roupas na casa de vidro.

Contendo a vontade de bater a cabeça na parede, mergulhei na secadora em busca de algo limpo e usável esquecido por ali. Por um descuido benevolente do universo, minha busca surtiu efeito. Subi para meu quarto com uma lingerie retorcida pela estática e uma camiseta grande demais para ser minha. Desviando das caixas de livros, me joguei na cama ainda com os cabelos empapados, ansiosa para que a noite apagasse as memórias desse dia sem fim.

ALGUM TEMPO DEPOIS, alguém me chamou no meu sonho... E demorei para perceber que o chamado era real. Quando ouvi meu nome mais perto, esfreguei os olhos, esforçando-me para encontrar o caminho da consciência. O eco da voz inconfundível foi reforçado por um carinho que correu meu rosto... Lutando com a imaginação, abri os olhos.

Na penumbra da noite encontrei um rosto acima do meu, me admirando, como se eu fosse uma gota de orvalho no deserto.

– Oi.

A voz de veludo escorregou por meus ouvidos e eu me endireitei na cama, duvidando de que estivesse acordada.

– O que... você...

Os dedos do mago desceram para meus lábios, prendendo minhas palavras enquanto seu calor formigava em minha pele, despertando borboletas frenéticas



em meu estômago.

– Sei que está zangada comigo, mas preciso falar com você...

Vincent retirou a mão de meus lábios e, sem aviso, a sombra de dois oceanos turquesa brilharam de mais perto. Cheguei a deslocar a cabeça do travesseiro, indo a seu encontro, e tarde demais percebi que ele havia apenas se esticado para acender o abajur. Seu perfume me envolveu com aquela nuvem intoxicante que levava para longe qualquer pensamento coerente e, quando a luz amarelada brilhou entre nós, notei algo muito sutil... Vincent estava sem camisa. Baixei os olhos para a calça de malha preta desta manhã e parei de respirar.

O mago seminu inspirou longamente, por ele e por mim.

– Na verdade, não quero ficar longe de você – informou, com a voz grave.

Desviando os olhos de seus músculos peitorais, eu pisquei, esforçando-me para fazer o cérebro funcionar com o pouco de oxigênio que me restava.

– Foi seu ciúme que começou essa briga, Vincent. Por ele, você decidiu ir.

Vincent bufou, escorregando as duas mãos pelos cabelos. Concedendo-me uma das melhores visões da minha vida.

– Sei disso. – Vincent uniu as sobrancelhas, avaliando meu rosto. – Se quer saber, isso é ridículo! Não vamos ficar separados por causa de uma briga.

Afastei o edredom enquanto me sentava, controlando as sensações que sua proximidade causava.

– Então sabe também que precisa superar isso. Você não pode agir dessa maneira todas as vezes que me ver perto de Arthur. Por mais que fique incomodado com a presença dele, Arthur namora minha melhor amiga... Não tem como eu não vê-lo.

O mago carrancudo desceu os olhos, momentaneamente disperso, depois limpou a garganta, voltando os oceanos cristalinos para meu rosto.

– Não é isso que me incomoda agora. Eu... – A voz grave ficou rouca, carregando um tom arrependido. – Eu não deveria afastá-la da sua família. Desculpe.

Foi minha vez de suspirar. Duplamente. Por alívio e contemplação. Soltei os braços, me desarmando.

– Fico feliz que tenha entendido isso.

Vincent levantou a mão, mostrando que havia mais. Esforçando-se na concentração, olhou diretamente em meus olhos.

– Preciso falar outra coisa. – Ele pausou, muito sério. – Meu dom não funciona em você.

Pisquei os olhos, libertando-me de sua intensidade.

– Você testou? Mas... Você disse que não *usou* seu dom em mim! – repreendi, chocada.

Ignorando minha revolta, Vincent se inclinou, apoiando uma das mãos no colchão ao lado do meu corpo. Eu podia sentir o calor emanar de sua pele em ondas perfumadas e engoli com dificuldade. Sua proximidade mexia com minha determinação e, pelo sorriso disfarçado no canto de seus lábios, ele sabia disso.

– Eu não usei. Mas entendi porque ele não funcionou antes. – Ele perdeu um segundo viajando por meu rosto. – Quando conheci você. Quando tentei realmente usá-lo.

Estava congelada ali, concentrada apenas em respirar.

– Meu dom não funciona em seres mágicos, Melissa – concluiu.

Lembrei suas explicações sobre sua magia, as limitações de seu dom. Ele não poderia persuadir seres mágicos como os elfos, o que deveria se estender aos demônios e... Devas.

– E eu sou um.

Vincent assentiu lentamente, enfatizando o olhar arrependido. Talvez esperando resgatar minha confiança.

– Quanto ao resto... Eu não queria pressioná-la. Desculpe. – Ele abaixou os olhos para meus lábios e comecei a respirar mais depressa. – Mas, perto daquele grudento, eu fico... – Vincent inclinou a cabeça para encontrar meus olhos mais uma vez. – Eu não sou bom como *ele*. Ainda tenho muito medo de não fazê-la feliz.

Isso bastava.

Levantei as mãos até seu rosto, uma de cada lado, satisfazendo meu desejo de tocá-lo, apaziguando a saudade que ardia em meu peito.

– Eu sou feliz até mesmo quando estou *brigando* com você. E, mesmo brigando, não quero que fique longe de mim... Porque, quando minha raiva passa, quero você ao meu lado para fazer as pazes. – Vincent distribuiu um sorriso convencido pelos lábios, mas não ousaria repreendê-lo. Vê-lo sorrindo era tudo que eu queria. – E, de uma vez por todas... Eu amo você, mago das sombras!

Vincent colocou a mão livre sobre a minha, arrastando-a até seus lábios para deixar um beijo quente e demorado em minha palma. Estremeci involuntariamente. Eu já me aproximava, desejando alcançar seus lábios, mas o mago endireitou os ombros enquanto abaixava minha mão.

– Só tenho um pedido a fazer: não me obrigue a conviver com aquele sujeito.

– *Pelo amor de Deus, Vincent!* – Joguei as mãos ao ar. – Não posso evitar que vocês eventualmente se esbarrem. Sempre que eu encontrar Lucila ou Rose, Arthur estará com elas. E espero ver minha vizinha e minha amiga sempre que puder! – O mago rosnou baixo e soltei o ar lentamente, tentando manter a calma.

– Arthur não está ligado a mim, não como antes. Ele está feliz com Rose. Ele a ama, eu sei. Ao contrário de uma certa sereia que ainda gosta muito de você.

O olhar atravessado do mago era genuinamente surpreso.

– Ayla? Ela não...

Cruzei os braços mais uma vez, encostando-me à cabeceira da cama enquanto estreitava os olhos.

– Não se finja de cego, Vincent. Passei bastante tempo com Ayla e sei como ela é direta. Imagino que já tenha deixado muitas pistas sobre seus sentimentos.

Vincent ficou em silêncio. Sem questionar. Mas, também, sem negar a sugestão.

Rangi os dentes, apertando meus braços no peito. Os olhos do mago desceram e subiram rapidamente. Quando falou, a voz grave tinha aquele toque rouco e aveludado que reverberava em minha pele.

– Eu sei dos *meus* sentimentos, *meine lieben*. Por eles, invoquei um Pacto de Futuro. – Vincent fixou os poderosos oceanos turquesa em meu rosto. Aquele era o olhar que comandava meu coração, deixando todo o resto para trás. – Por eles, vim lhe ver. – Sem quebrar a conexão entre nós, ele se esticou até o abajur. – Por esse sentimento, prometi nunca mais deixá-la. Por que não consigo ficar longe de você.

Tudo ficou escuro novamente e, ainda assim, eu sentia seu perfume, seu calor. Muito, muito perto. Antes que eu recuperasse minha voz ou minha capacidade cognitiva, o mago já tinha seus braços ao meu redor. Vincent me levantou com cuidado e, ajeitando-me contra seu peito, falou em meu ouvido:

– Quer conhecer sua nova casa?

Meu coração tropeçou e depois disparou em um ritmo alucinado.

– Sim. – Foi o que pensei ter dito, porque não ouvi minha voz.

Eu não tinha mais o controle do meu corpo. Estava concentrada em meus sentidos... o brilho hipnótico dos olhos turquesa, à voz ronronada que arrepiava minha pele, ao perfume que me deixava tonta, ao calor de seu toque em meu corpo... E, o que mais desejava, recordar o sabor de seus lábios.

## A nova Casa de vidro

A VIAGEM PELA SOMBRA foi rápida e, desta vez, Vincent nem me pediu para fechar os olhos. Talvez porque ele os quisesse abertos.

Emergimos do lado de fora da casa de vidro e Vincent começou a andar imediatamente. Embora os dias ficassem mais quentes com a proximidade do verão, o vento no topo da montanha cortava as árvores de forma severa; talvez por precaução, o mago me apertou em seus braços, aconchegando-me em seu peito para me proteger do frio da madrugada. Eu nunca reclamaria do gesto, mas fiquei curiosa para saber por que não emergimos do lado de dentro da casa e, olhando além de seu pescoço, me espantei com uma luz morna que atravessava as vidraças da construção de pedra. Sim, o vidro estava lá. Intacto. Tudo parecia exatamente igual, incluindo o SUV BMW preto estacionada no pátio de cascalho. Era como se não houvesse passado um minuto desde minha última visita. Levantei um dedo para o carro que brilhava sob a luz da lua.

– Como... Como o conseguiu de volta?

Vincent espiou o SUV com um sorriso satisfeito no canto dos lábios.

– Não é o mesmo. E confesso que estou gostando mais do modelo novo. – Ele subia os degraus curvos de madeira que levavam até a porta principal, e viu que eu ainda admirava o utilitário preto. – Tive certo trabalho para consegui-lo e agradeceria muito se você não mandasse destruí-lo também.

Franzi a testa mais uma vez, imaginando quantas coisas o mago fez durante o dia. Mas a curiosidade perdeu importância quando paramos à frente da imponente construção de vidro... Minha nova casa. O momento contemplativo foi interrompido quando a noite impôs seu domínio, outra rajada de vento gelado atravessou nossos corpos e, involuntariamente, me apertei contra Vincent.

Um som rouco reverberou pela garganta do mago, mexendo com as borboletas frenéticas em meu estômago.

– Desculpe pelo clima – disse, à meia voz.

Levantei o rosto, piscando algumas vezes. Ele deveria estar tão abalado quanto eu para influenciar o clima da montanha; isso era lisonjeiro vindo do magnífico mago sem camisa. Mordi o lábio para segurar o sorriso convencido e Vincent desviou o rosto. Com impaciência, ele empurrou a porta de entrada com o ombro; como sempre, ela não estava trancada.

– Sei que já veio aqui outras vezes, mas esta é a primeira vez como dona desta casa. Então... Seja bem-vinda, *senhora Dippel*.

Um frio polar se espalhou por meu estômago, mas eu não conseguia parar

de sorrir. Mesmo sem olhar para meu rosto, os lábios de Vincent se esticaram, acompanhando minha felicidade. Ele cruzou a porta ainda me segurando em seus braços e a fechou com um comando mágico. Do lado de dentro, o mago me escorregou por seu corpo até que meus pés tocassem o chão de madeira. O calor de suas mãos ardia em minha pele e sua respiração estava tão acelerada quanto a minha... Ainda assim, ele se afastou.

– O que acha?

Ele podia ser controlado, mas este nunca foi meu ponto forte. A distância me permitia admirar *todos* os detalhes do homem esculpido com perfeição ao meu lado: os ombros, as curvas em seu peito, cada cicatriz de seu abdômen, até a calça de malha que se equilibrava no quadril. Tomei algumas golfadas de ar. Estava a um segundo de me atirar em seus braços. E eu podia, não podia? Agarrar meu marido? Mas perdi minha oportunidade quando Vincent se afastou, sinalizando para a sala ampla ao nosso redor.

Esforçando-me no gesto, desviei os olhos para admirar as mudanças em sua... ou melhor, na minha... Engoli em seco, na *nossa* nova casa.

Mais surpresa do que poderia imaginar, levei a mão à boca enquanto absorvia as diferenças no interior da grande sala... a começar pela iluminação regular dos abajures espalhados por todos os lados e as cortinas pesadas que cobriam as paredes de vidro. Mas não era só isso, a sala ampla possuía mobília. E tapetes! Combinações simples em tons escuros, mas de bom gosto. Sorri brevemente e o mago não perdeu minha reação.

– Você gostou? – perguntou, inseguro.

Vincent caminhou para a outra extremidade da sala, ansioso para mostrar as novidades; controlando meus impulsos enlouquecidos, eu o segui. Um pouco trôpega, era verdade. Desviando do homem que usava *apenas* uma calça de malha, reconheci a confortável *chaise* preta e suas almofadas violeta, cuidadosamente alinhadas sobre o estofado. Completando o ambiente aconchegante à frente da lareira de ferro, duas poltronas de veludo se alinhavam com a parede. No chão, um tapete baixo ia até a porta do deck. Do outro lado, mais aparadores sustentavam abajures clássicos que destacavam uma linda mesa de madeira, entalhada com perfeição. Aquilo pareceu muito familiar. Vagarosamente, caminhei ao seu redor, correndo a mão pelo encosto das cadeiras.

– É... perfeito – falei, admirada.

Vincent parou ao meu lado.

– Isto foi um presente do seu avô.

Voltei o rosto para ele. Deveria estar surpresa, mas algo, nos detalhes do conjunto simples e ao mesmo tempo robusto, tinha as marcas do trabalho de

George. Ou talvez fosse assim porque essa era uma versão um pouco maior e melhorada da mesa que ocupava a cozinha da casa amarela.

– Então, este é o presente misterioso – pensei em voz alta. George provavelmente mobilizou toda a revendedora para fazer algo assim em tão pouco tempo, e compreendi que ele tinha aceitado meu casamento com Vincent antes mesmo de nossa conversa nos jardins do palacete.

– Não sei da parte misteriosa, mas, quando viu a casa vazia, George disse que tinha o presente perfeito. – O mago fez uma pausa. – Um presente para reunir *nossa* família.

Um nó fechou minha garganta e engoli com dificuldade enquanto me lembrava de todas as reuniões que fizemos na casa amarela, sentados em uma mesa muito parecida com esta.

– Passei um bom tempo olhando para essa mesa. – O mago continuou, chegando mais perto. – E então entendi o que ele quis dizer... Estamos começando algo aqui, algo que nunca tive. E que descobri que quero muito. – Vincent deslizou os dedos por meu cabelo. – É por isso que estou lutando, Melissa. Por minha família.

A declaração deveria me encher de alegria, mas saber de seus planos me deixou devastada. Vincent queria uma família, uma que nunca teve... que começaria a partir de nós. Mas eu não sabia se poderia proporcionar isso a ele. Se a falha do meu desenvolvimento mágico compromettesse mesmo minha capacidade de gerar filhos, estas cadeiras permaneceriam vazias. Isso me destruiu por dentro.

– Vincent, eu... – Ele precisava saber da possibilidade, mas matar a esperança nos olhos brilhantes seria como vê-lo morrer pela segunda vez. Lágrimas se formaram no canto dos meus olhos e mãos quentes afagaram meu ombro. Esperava sinceramente que Vincent as visse como emoção.

Com um beijo em meus cabelos, o mago se afastou.

– George me ajudou com outras coisas também – informou e, girando o corpo, apontou para o deck da varanda. – Como as tábuas soltas e o corrimão da escada. Ele disse que precisava deixar a casa segura para você. Embora tenha ótimas memórias daquelas tábuas soltas, fui obrigado a concordar com ele... A escada me preocupava.

Seu humor sobre minha mobilidade deveria ser repreendido, mas, no fundo, as mudanças demonstravam seu esforço em deixar tudo confortável... para mim. O que comprovava que qualquer tristeza deveria ser adiada. Não parecia justo despejar incertezas ou desfazer seus planos de um futuro perfeito.

– Estou orgulhosa e muito feliz por saber que você deixou meu avô participar disso. – Abri as mãos para a casa. – Tenho certeza que significou

muito para ele. Significa para mim também. Obrigada, Vincent.

Algo brilhou nos olhos do mago. Algo entre a satisfação e outra emoção mais profunda que ele tentou esconder. Vincent abaixou o rosto e, para não pressioná-lo, caminhei até a escada curva de degraus vazados... que agora possuía um lindo corrimão de madeira. Com ele, o antigo monumento ao terror não pareceu assustador. Apoiando minha mão na madeira, subi vagarosamente os degraus, deslizando os dedos por seu comprimento. No fim da escada, deixei escapar um suspiro.

– Meu avô é um excelente marceneiro – falei com orgulho. – Ficou lindo!

– Imaginei que ia gostar – Vincent disse em meus cabelos.

Virei o rosto apenas para encontrar os atentos olhos turquesa acima de mim, acompanhando meus movimentos. Foi impossível não corar com a intensidade daquele olhar. Com um movimento lento, ele afastou os cabelos do meu pescoço e beijou a pele sensível abaixo da minha orelha. O arrepio estremeceu meu corpo. O mago entortou um sorriso que poderia ser presunçoso, mas eu sabia que havia satisfação real em seu olhar. Ele se divertia ao me ver abalada com sua proximidade, mais ainda com minha incapacidade de disfarçar. Vincent passou por mim, subindo o último degrau, e indicou o espaço amplo no andar de cima.

– Algumas coisas mudaram aqui também – falou, enquanto caminhava pelo cômodo reservado da casa.

Com o coração acelerado, eu precisei me apoiar no novo corrimão para segui-lo.

Logo à frente da escada, a mesa escrivaninha me recepcionou. Como eu me lembrava, continuava apinhada de papéis, objetos e livros, que contrastavam com o moderno computador portátil. Atrás dela, a única parede de alvenaria era recoberta por uma estante de livros, que ocupava *todas* as suas dimensões. Bem ao centro, a porta do closet despontava com a luz fraca de seu interior. Mesmo distante, foi suficiente para contornar a silhueta do mago que se afastava para o outro lado do cômodo.

Girei nos calcanhares, acompanhando seu movimento... Não havia como deixar de notar o móvel majestoso encostado em uma das vidraças. Vincent parou de costas para mim, olhando para a cama coberta por travesseiros à sua frente.

Com um sonoro suspiro, arrastou a voz rouca:

– Não consegui dormir sozinho.

Minha respiração acelerou junto com a pulsação em meus ouvidos enquanto observava os ombros do mago... Subindo e descendo com a respiração pesada. Eu não era a única a concluir as possibilidades daquela noite, mas, mesmo assim, ele não se moveu. Não se virou. Simplesmente ficou ali, esperando minha

reação. E parecia ter receio dela. O que Vincent não sabia é que estar aqui, finalmente sozinha com ele, era tudo que eu desejava. Tomando fôlego, eu me aproximei, controlando as palpitações em meu coração, e parei logo atrás dele. Sentindo-me pequena perto daquele homem gigantesco. Mas também protegida. Segura.

Acompanhei o contorno de suas costas com os olhos, e depois, com um gesto hesitante, usei as mãos. Concentrada em suas reações, senti o calor de sua pele crescer sob meus dedos gelados até ele se arrepiar. Sua respiração acelerou e a tensão contraiu seus músculos ao meu toque. E então... ele parou de respirar. Meu mago ficou imóvel. Mas eu segui meu curso, descendo as mãos por sua cintura, e o abracei, encostando o rosto em suas costas. Senti o calor de sua pele, o perfume tão familiar... Ali era meu lugar. A noite seria perfeita, porque, depois de hoje, eu sempre pertenceria a Vincent.

– Você sentiu minha falta? – murmurei baixo, deixando um beijo na junção de suas omoplatas.

Vincent soltou o ar de uma única vez. Girando mais rápido do que a batida do meu coração, segurou minha nuca, enquanto sua outra mão apertava minhas costas, apoiando meu corpo para o beijo que carregava sua resposta. Lábios urgentes dominaram os meus com a fúria de sua saudade, e fiquei feliz em retribuir com a mesma urgência, deixando claro o tamanho da minha. Envolvida pelo beijo que me curvava para trás, apoiei meu peso em seus braços, agarrando seus ombros para me equilibrar. De repente, eu saí do chão. Vincent me levantou pela cintura, apertando-me contra seu peito e, com a respiração descompassada, afastou o rosto para encostar sua testa contra a minha.

– Você não faz ideia... – disse, com um sorriso no canto da boca. – Eu me acostumei ao terremoto.

Estreitei os olhos para o comentário, afastando meu rosto.

– Hei... Eu não me mexo enquanto durmo! – Na pausa para recuperar o fôlego, pensei a respeito. – Não tanto assim.

Vincent jogou a cabeça para trás enquanto gargalhava e, voltando para frente, me devolveu ao chão. Eu ia responder ao humor exagerado, mas seu sorriso espontâneo era tão raro, e tão lindo, que simplesmente fiquei ali... admirando.

Ele deixou um beijo carinhoso em minha testa, que fez meu coração disparar tanto ou mais que o beijo avassalador de um minuto atrás.

– Você é como um fenômeno da natureza, imprevisível, capaz de desestabilizar meus alicerces... destruir minhas proteções. Você me deixa maravilhado em seus pequenos detalhes – ele deslizou os dedos por meu rosto – e modifica meu mundo com sua força. Não posso impedir isso.



Mordi o lábio enquanto me concentrava nos cintilantes oceanos turquesa.

– E você quer impedir?

A mínima distância entre nós permitiu que ele descesse e subisse seu olhar, observando minuciosamente cada centímetro do meu corpo, fazendo-me sentir a mulher mais bonita do mundo. Depois, com um sorriso torto, Vincent levou uma das mãos até meu cabelo, ajeitando-o atrás da minha orelha.

– Não.

Sua mão se encaixou em meu pescoço enquanto a outra descia da minha cintura, encontrando as curvas do meu quadril. Com um único movimento ele me puxou, colando meu corpo ao dele. Apoiando as mãos em seu peito eu arfei, surpresa, mas, principalmente, afetada pela aproximação  *muito* esclarecedora.

– Você não tem ideia do que faz comigo, não é?

Isso era um pouco óbvio agora, mas dizer que eu sabia essa resposta era uma mentira. Eu tinha meus *melhores momentos*, descobri alguns truques nestes meses que funcionavam com ele... Mas não tinha ideia do alcance dos meus dotes. Presa pelo aperto ousado e congelada pelos intensos olhos turquesa, balancei a cabeça negativamente. Vincent varreu meu rosto com um suspiro; apoiando os dedos em minha nuca e o polegar em meu maxilar, ele girou meu pescoço para mergulhar o nariz em meus cabelos.

– Você me enlouquece. – Ele inspirou e, afastando meu cabelo, deslizou o nariz até minha nuca, fazendo meu corpo se arrepiar. – Desde o primeiro dia em que te vi. Depois do nosso primeiro beijo, eu soube... Você é minha. Meu destino. Minha maldição. Minha felicidade – Com outra longa inspiração para tomar fôlego, levantou a cabeça. – *Ich liebe dich*, Melissa.

Eu queria responder, mas estava hipnotizada pela melodia cadenciada da voz grave, que descreveu com exatidão tudo que senti desde o dia que encontrei os penetrantes olhos turquesa. Arrebatada por sua intensidade, levantei as mãos de seu peito para tocar seus lábios, tentando agarrar o amor que saía deles. O que eu poderia fazer, a não ser beijar o mago que se declarava com tanta paixão? Com um carinho, deslizei as mãos por seu rosto até mergulhar os dedos em seus cabelos, e então o trouxe para mim. Meus lábios deslizaram nos seus, sentindo, saboreando, tomando posse do seu amor.

Vincent se entregou ao beijo doce e, um instante depois, suas mãos subiram para meu rosto, segurando-o no lugar. Ele estava tremendo. Recuei, vendo a tensão se misturar à ansiedade no rosto do mago das sombras.

– Você quer... dormir aqui? Comigo? – A voz grave era baixa e arrastou o sotaque alemão, deixando as palavras mais longas.

Vi os oceanos cristalinos faiscando com o desejo contido e mordi o lábio quase sorrindo para o acanhamento do mago das sombras. Ele estava mesmo

preocupado que eu não quisesse? Suspirei, satisfeita com meu cavalheiro *nada* carrancudo.

– Isso é *tudo* o que quero.

Vincent espremeu os olhos, hesitante, avaliando-me cuidadosamente. E entendi a sugestão em minhas palavras. Quase suspirei de novo, mas resolvi que demonstrar seria mais eficiente. Eu me aproximei, desta vez ficando na ponta dos pés para colocar os braços ao redor do seu pescoço, e, apertando as mãos em sua nuca, dei um impulso para cima, alcançando sua boca para um beijo nada delicado. Com um arfar aliviado que separou nossos lábios, ele assumiu o controle. Seus braços se fecharam em minha cintura, levando-me ao encontro do seu peito. Esse beijo foi lento, profundo... Porque, finalmente, não tínhamos pressa.

Acaricieei seu cabelo, deslizando as unhas por sua nuca, contornando seus ombros... Satisfeita com o rosnado baixo que escapou de seus lábios. Percebi que havia voltado ao chão quanto suas mãos me imitaram, fazendo o mesmo percurso em minhas costas, descendo lentamente até a cintura e subindo de forma ainda mais lenta pela pele por baixo da camiseta. O carinho acompanhava a velocidade de seus lábios, que passearam por meu pescoço... torturantes, intensos. E pararam, impedidos de avançar pelo tecido de algodão. Com a respiração acelerada, Vincent se afastou brevemente, as mãos voltando para minha cintura enquanto os dedos se enrolavam na barra da camiseta. Com um olhar que parecia pedir permissão, ele hesitou... E eu, que não conseguia nem mesmo respirar, fechei os olhos, levantando os braços.

Com um único movimento, a camiseta não estava mais em meu corpo. Abri os olhos ao som de um suspiro e Vincent estava a um passo, apreciando sua visão. Seu olhar contemplativo deveria me fazer corar, mas, pela primeira vez, não senti constrangimento. Subindo e descendo o olhar uma última vez, o mago parou em meu rosto.

– *Sie sind sehr schön.*

Sorri, apreciando o elogio em alemão, mas Vincent continuou estático. Envolvida pela reverência em seus olhos, que contornavam cada curva do meu corpo, encurtei a distância entre nós. Fui recebida pelos braços do meu mago das sombras, envolvida pelo calor de sua pele... E, de repente, estava sozinha. Tudo se foi sem aviso.

Abalada com a mudança brusca de atitude do mago, recuperei o equilíbrio, enquanto Vincent arrancava o edredom da cama com um único gesto para cobrir meu corpo.

– Há alguém na casa.

Meus olhos se arregalaram.

– O quê? A-Aqui?

– Sim. E, quem quer que seja, já está morto.

Vincent apertou os braços ao meu redor, por cima do edredom, e finalmente me atentei ao som que se repetia ao fundo. Pareciam passos no andar de baixo.

– *Vincent?* – Uma voz rouca ecoou pela escada. – *Está aí?*

Eu conhecia aquela voz, e, pela careta furiosa do mago, ele também.

Segurei o braço de Vincent, temendo que ele realmente cumprisse sua ameaça.

– Não o culpe, faltou um detalhe na reforma da casa... uma fechadura.

Ele bufou.

– Isso não é motivo para invadir a casa de alguém.

Mordi o lábio.

– Talvez seja urgente.

Com um último olhar para o casulo que envolvia meu corpo, Vincent travou o maxilar.

– É bom que seja.

Com um beijo estalado em minha cabeça ele se dirigiu para a escada, deixando-me sozinha no andar de cima da casa de vidro.

Três segundos não haviam passado quando a voz grave do mago das sombras se pronunciou no andar de baixo. Pela sua fúria, eu sabia que ele poderia mesmo dar um fim à vida de Armand e, de quebra, destruir a casa de vidro mais uma vez. O curioso é que a voz do mago encantado parecia tão alterada quanto a de Vincent, ou aflita. As vozes diminuíram e sons arrastados indicavam que os magos caminhavam para a porta. Sem resistir à curiosidade, eu me apertei no edredom e, arrastando-o comigo, afastei uma das pesadas cortinas que cobriam a vidraça para espiar. Do lado de fora, duas silhuetas discutiam cautelosamente nos degraus externos da casa.

As vozes poderiam ser murmuradas, mas, pelos gestos expansivos de Armand, ele parecia bem agitado. Percebendo que estava sendo observado, o mago de cabelos acinzentados acenou para a janela. Eu me encolhi, afastando-me do vidro com um pulo. Mais do que depressa, deixei o edredom na cama e, resgatando a camiseta do chão, eu a vesti. Olhei em volta e, com um estalo de lucidez, lembrei que minha mala estava aqui. Corri até o closet iluminado, procurando... Precisava colocar roupas *decentes* e descobrir o que trouxe Armand para a porta de Vincent no meio da madrugada.

Eu nem tinha começado minha busca quando a voz grave me chamou do quarto.

– Aqui! – sinalizei.

O mago de olhos agitados apareceu na porta do cômodo.

– O que está fazendo?  
– Procurando minha mala... Preciso me trocar, não posso falar com Armand assim – expliquei, puxando a barra da camiseta sobre minhas coxas.

O mago acompanhou o gesto, engolindo em seco.

– Ele já foi.

Soltei meus braços, relaxando enquanto o encarava com atenção.

– Qual era o assunto urgente que o trouxe aqui no meio da noite?

Vincent escorregou uma das mãos pelo cabelo.

– Victor está no Conselho. – A voz grave não estava apenas agitada, estava aflita. A mesma aflição que Armand carregava em seu murmúrio minutos atrás.

– É... apenas isso?

Ele estreitou os olhos.

– Apenas?

– Nós esperávamos por isso, Vincent. Na verdade, estou de certa forma aliviada por Victor estar aqui. Isso quer dizer que tudo está correndo como o planejado e logo Ludwig estará longe de nosso caminho. – Meu tom esperançoso não alcançou os olhos profundos do mago, que concordou com um movimento forçado. Mas quem era eu para julgar seus temores? Com dois passos, parei à sua frente. – Vai ficar tudo bem.

– É o que desejo. – Vincent escorregou as mãos pelos cabelos mais uma vez, descendo e subindo seu olhar. – Mas não o que *mais desejo*. – O olhar contemplativo do mago, *que continuava sem camisa*, me fez corar. – Não acredito no que vou fazer... mas preciso ir. Prometi para Armand que o encontraria no portal para a Terra das Sombras em alguns minutos.

Cruzei os braços, mais aborrecida do que preocupada.

– Victor criou algum problema?

Disperso, Vincent não respondeu, embora seus olhos estivessem em meu rosto e não em minhas pernas.

– Não. Ele não. Mas... – Com outra pausa enervante, ele continuou. – Precisamos tomar algumas medidas preventivas que não podem esperar.

Pensei em questionar sua evasiva, mas estava frustrada o suficiente para não querer entrar em uma discussão sobre o Demônio das Sombras ou o Conselho Mágico. Resolvi ser direta:

– Isso é grave?

Minha pergunta poderia ter várias respostas, mas eu esperava uma negativa curta.

– Ainda não sei ao certo – falou, tão frustrado quanto eu.

*Droga...* negativa longa.

Baixei os olhos até o carpete. Não precisava olhar em seus olhos para saber

que nosso momento a dois estava sendo adiado.

Ao som de um suspiro Vincent se aproximou, e, com delicadeza, levantou meu queixo.

– Você tem ideia de como é difícil para mim deixar você aqui?

Pensei por um rápido segundo...

– Vou com você até o Portal das Sombras. – Desviando dele, voltei à minha busca. – Quero ajudar.

Uma mão firme segurou meu cotovelo, trazendo-me para o aconchego de braços fortes.

– Não. Você fica. – O olhar decidido do mago me surpreendeu, e então me dei conta de que não fora convidada para a conversa. Percebendo minha expressão insatisfeita, Vincent curvou a cabeça para alcançar meus olhos. – Por favor. E estou mesmo pedindo *por favor*. Ouça-me só desta vez, Melissa. – Envolvida por seus braços e aconchegada em seu peito, eu realmente já tinha esquecido qualquer urgência. Mas precisava incentivá-lo em suas atitudes. Afinal, ele pediu *por favor*. Afastando-me do calor convidativo, apoiei as mãos na cintura, aguardando seu argumento. – Armand disse que há muita confusão na Vila Noturna... em parte pela chegada de Victor. Não é hora de circularmos juntos. Para sua segurança, prefiro que me espere aqui. – Avaliando minha incerteza, ele finalizou. – Não vou demorar.

Joguei as mãos ao ar, terminando meu teatro.

– Tudo bem.

Vincent deixou um beijo rápido no alto de minha testa e, indo para uma das gavetas, puxou um agasalho de lã. Ele o vestiu na minha frente, e precisei me lembrar de fechar a boca. Achei estranho o mago sair em missão sem sapatos e usando calça de malha, mas, devido às circunstâncias e à sua pressa, quem era eu para questionar.

Voltando ao quarto, ele me deixou sentada na cama e, colocando o edredom ao meu redor, falou com uma intensidade quase preocupante.

– Vou deixar um escudo de proteção ao redor da casa. Você estará segura. – Concordei uma vez, apertando-me ao tecido pesado. Com um olhar duvidoso, Vincent reforçou. – Por favor, me espere aqui.

– Já disse, vou esperar – falei, aborrecida pela dúvida. Mas isso não abalou o mago que assumia sua postura impassível.

– Obrigado.

Vincent esticou os dedos até meu rosto e se virou em seguida; caminhando com rapidez, desapareceu pelos degraus da escada curva. Logo depois, ouvi a porta da frente bater. Em segundos uma névoa violeta escapou pelas frestas das cortinas, rompendo a escuridão da noite do outro lado das vidraças. Eu me

apertei no edredom, admirando o feito. Sabia que estava segura, mas um calafrio foi inevitável. *Que confusões seriam estas?*

Caindo de costas na cama, apoiei a cabeça em um dos travesseiros, sentindo o perfume de Vincent tomar meus sentidos. Revivi com ternura todas as lembranças de uma noite que poderia ter sido  *muito* especial.

## Terceiro dia

### De volta à casa amarela

DESPERTEI COM A CLARIDADE que despontava, literalmente, por todos os lados. Ainda sonolenta, reconheci as vidraças da casa de Vincent; embora houvesse cortinas presas aos carretéis, elas não estavam totalmente fechadas.

Tentei me mexer e percebi que estava presa por braços sufocantes. Eu havia caído no sono durante a minha longa espera e fiquei desapontada por não ter acordado quando Vincent voltou. De qualquer forma, o peso do mago adormecido era uma garantia de que tudo tinha acabado bem na noite anterior. Mas... como eu poderia ter certeza? Girando o rosto, avaliei seu corpo enroscado ao meu. Embora aquela fosse a melhor visão que eu poderia desejar pela manhã, ainda estava preocupada com algum ferimento oculto. Com a cabeça apoiada em seu peito, me atentei à respiração suave e, espiando o rosto tranquilo acima do meu, soube que estava paranoica... Pessoas feridas não dormem em paz. Segurei um suspiro e, aproveitando que estava presa ali, desfrutei as vantagens da luz matinal.

Apenas admirei o homem ao meu lado, recordando seu olhar fascinado, seu carinho, sua paixão... A promessa de um desejo que quase nos consumiu. Meu corpo aqueceu com as lembranças e foi impossível conter o sorriso exagerado; não era minha intenção, mas meus lábios tocaram sua pele, acordando o belo mago adormecido. Vincent me apertou em seu abraço, deixando-me sem ar. E, curiosamente, sentir seu corpo colado ao meu não me aquietou, apenas me fez sorrir ainda mais.

Retorcendo-se com o toque insistente dos meus lábios, Vincent deixou escapar um som rouco pela garganta.

– Humm... Ainda temos tempo, *meine liebe*... A Recepção de Anúncio é no fim da tarde. Volte a dormir.

Havia me esquecido dos preparativos para a comemoração do Pacto de Futuro! Repreendi-me em pensamento, mas a exclamação exteriorizada foi bem mais pejorativa. Agitada, levantei os braços do mago, forçando passagem por seus músculos para escapar dele.

– Tenho que voltar para casa!

Vincent me alcançou com uma das mãos enquanto a outra esfregava os olhos.

– Esta é a sua casa – disse, confuso.

Ainda iria demorar para me acostumar com isso. Mas o mago não pareceu incomodado com meu lapso. Com uma careta para a claridade, Vincent me trouxe de volta para seu peito.

– Por favor, volte a dormir.

– Dormir? Como? É dia lá fora!

Eu me liberei de seu braço pela segunda vez, enquanto jogava longe o edredom embolado entre nós. Vincent piscou os olhos e, apoiando o corpo nos cotovelos, levantou o rosto, constatando que a volumosa cortina não estava fechada. Mas ele rapidamente resolveu o problema. Com um gesto de sua mão, o tecido pesado deslizou pelos trilhos, correndo pelas vidraças enquanto a penumbra confortável se instalava ao nosso redor. A facilidade com que ele executou o feito mágico causou certa inveja. Eu precisava aprender alguns truques. Vincent voltou a se esticar no travesseiro e estendeu o outro braço, oferecendo-me seu ombro de forma despretensiosa.

– Problema resolvido.

Ele voltou a fechar os olhos e admirei o contorno de sua silhueta, tentada a aceitar o gesto.

– Se hoje não fosse a comemoração das minhas Bodas com um *certo* mago das sombras, eu voltaria para a cama – falei enquanto me levantava, sabendo que iria me arrepender durante todo o dia. A expressão serena no rosto do mago se dissolveu, Vincent abriu os olhos e, ainda assim, continuou imóvel. Sem duvidar, agarrei meu travesseiro e joguei nele. – Levante-se, senhor Dippel! Preciso voltar para a casa do meu avô antes que ele e Alice acordem!

– Melissa... – Vincent ronronou meu nome em tom de repreensão enquanto colocava meu travesseiro embaixo da cabeça. – Seu avô já sabe que estamos casados. Que diferença faz ele e sua irmã saberem que você dormiu em *sua* casa?

A voz séria parecia desapontada. E, de certo modo, ele estava certo. Mas nada era tão simples... Nunca era!

– A diferença é que eles não sabem que eu saí! Não quero deixar meu avô preocupado, principalmente hoje. Se ele não sabe dos desafios dessa tarde, como a presença de um Demônio como convidado especial de nossa comemoração, Alice sabe. E ela também sabe que desaparecimentos não são boa coisa. – Cruzei meus braços, estreitando os olhos para o mago. – Não quero deixar minha irmã aflita ao acordar e não me ver lá. Hoje não é o melhor dia para imprevistos e confusões, Vincent.

O mago soltou o ar com força.

– Tudo bem. – Ele sentou na cama, esfregando os olhos com uma careta



sofrida. – Eu só queria repor o máximo de energia possível, justamente por não saber o que nosso *visitante* nos reserva para esse dia. Afinal, a noite de ontem foi – eu já estava me afastando, mas parei, curiosa com sua percepção de nossa *quase* noite juntos. Vincent notou meu interesse e entortou um sorriso – reveladora.

Com outro sorriso largo ele se levantou, espreguiçando-se longamente. Pisquei. Uma. Duas vezes. Vincent ainda estava sem camisa e, apesar da penumbra das cortinas, parecia ainda mais perfeito que na noite anterior. Com seu andar felino, que balançava levemente os ombros, ele parou à minha frente.

– Por falar nisso, bom dia – sussurrou de perto, deixando um beijo demorado em meu rosto. Minha respiração entrou em descompasso. As chances de escapar de Vincent eram mínimas, em especial porque eu não queria escapar. Depois de avaliar minha expressão, ele sorriu com humor. – Mudou de ideia, senhora Dippel?

Limpei a garganta com esforço.

– Não. Eu... eu estava... – balbuciei, subindo e descendo os olhos por seu peito. Em minha defesa, nunca me acostumaria com aquela visão. – Estava pensando em como foi o desfecho da noite de ontem. Você demorou.

A expressão brincalhona se foi instantaneamente.

– No fim, a confusão toda não passou de suspeitas. – Recuando um passo, o mago entrou no modo evasivo.

Isso dava no que pensar.

– Que suspeitas? Você não ia ajudar Armand com medidas preventivas? O que aconteceu?

– Cuidamos do que era necessário para garantir a segurança da montanha.

– O que, exatamente?

– Bloqueios na Terra das Sombras... Esse tipo de coisas. Medidas preventivas para evitar confusões. – Vincent hesitou por um segundo; no segundo seguinte, estávamos em movimento. – Por falar em confusões, você tem razão, é melhor nos apressarmos. George vai ficar preocupado se acordar e não encontrar você.

– Mas, Vincent... – tentei questionar, mas o mago já me rebocava para o outro lado do quarto.

– Melissa... Esta camiseta vai estar nos meus melhores sonhos, mas não pretendo passar o dia tentando a perder a cabeça. É melhor você se trocar. – Vincent me deixou na porta de acesso para o closet e, virando-me para ele, deixou escapar um suspiro. – Mais tarde, podemos continuar de onde paramos.

Com um beijo provocante na junção dos meus lábios, o mago se afastou para a escada. Tentei andar sem tropeçar, mas isso era exigir muito dos farrapos

que constituíam meus músculos. O desejo era algo poderoso, mas não conseguiu mascarar a tática do mago para me distrair. Havia algo omitido nesta história... O problema é que não conseguia me concentrar. Com uma boa golfada de ar parei no corredor, espiando o banheiro revestido de mármore negro e, sem hesitar, pulei para dentro dele. Precisava de um banho frio, com urgência!

Enquanto me enrolava em uma das tolhas pretas, encontrei uma conhecida escova de dentes cor de rosa fazendo par com outra, preta, em um copo sobre a pia. Um sorriso bobo esquentou meu rosto quando percebi que a mudança dele também era definitiva. Apreciando a sensação refrescante da nova vida em meus lábios, parti para o amplo closet acarpetado à procura da minha mala. Fiquei perdida em meio aos armários de portas duplas, e, mesmo distraída com o reflexo do meu rosto rosado no espelho central, tive certeza... O que eu procurava não estava ali.

– Melissa? Eu trouxe café. Imaginei que...

A voz grave me sobressaltou e me virei, apertando a toalha frouxa no peito.

Vincent estava parado na porta do closet, vestia um familiar roupão preto e tinha uma xícara fumegante nas mãos. Sua boca entreaberta perdeu a palavra enquanto o olhar turquesa descia devagar pela toalha a que eu me agarrava. Com um som rouco, ele limpou a garganta. Mas não voltou a falar. Avancei para pegar a xícara e ele desviou os olhos, cruzando os braços firmemente no peito.

– Obrigada! Você nem imagina como precisava disso – falei, com um sorriso agradecido.

– Acho que não devo imaginar nada – resmungou, recuando um passo até o corredor.

Com algum espaço entre nós, ele me espiou mais uma vez, em seguida mudou o peso do corpo sobre as pernas. Incomodado. Equilibrando a xícara em uma das mãos, eu me apertei à toalha... Achei que avançar em nossa intimidade deixaria as coisas entre nós mais naturais, mas, pelo visto, estava enganada.

– Está tudo bem? – perguntei, com a xícara nos lábios.

– Sim.

Franzi a sobrancelha para a resposta simplista.

– Sobre ontem... – falei com cautela e os olhos turquesa focalizaram meu rosto, interessados. – Aconteceu algo na Terra das Sombras que você não quer me contar.

Não era uma pergunta e ele sabia disso. Vincent soltou os braços para escorregar uma das mãos pelos cabelos.

– Nada para se preocupar. Agora você poderia... – Ele movimentou as mãos, fazendo círculos no ar. Eu me ajeitei entre a xícara e a toalha. – Não pensei que iria levar tanto tempo para se vestir.

Poderia ter corado, mas já estava rosa pelo calor do banho e também pelas lembranças da noite, por meus trajes, sua presença... Enfim.

– Estaria vestida, se encontrasse minha mala.

Os olhos perturbados estavam se esforçando para olhar atrás de mim, desviando de alguma ideia persistente. Vincent levantou o queixo, indicando o armário.

– Coloquei suas roupas nas gavetas do canto esquerdo. Os vestidos estão pendurados.

Meu queixo caiu. Quase que a xícara em minhas mãos caiu também.

– Você... arrumou minhas coisas?

Vincent pareceu confuso com minha surpresa, mas, lembrando-se de algum detalhe, respondeu:

– Coloquei os livros na estante. Foi bom não trazer os outros porque vamos precisar de mais espaço.

Senti o corpo amolecer. Para mim, o gesto prestativo foi mais romântico do que uma declaração de amor.

– Isso foi... – palavras elogiosas giravam em minha boca, mas sabia que elas não ajudariam com a tensão que crescia no espaço fechado – muito gentil.

Olhos turquesa faiscantes encontraram os meus.

– Posso ser prestativo, desde que incentivado – disse com a voz baixa, envolvente.

Com um sorriso torto Vincent deu um passo para tomar a xícara de minha mão, deixando um beijo quente em meu pulso. Com a respiração falha, tirei minha mão da dele, fugindo do poder daqueles olhos.

– Acho melhor tomar um banho frio, porque sua recompensa vai ter que esperar.

Vincent esticou os lábios com um amplo sorriso travesso enquanto se afastava para o banheiro. Ainda procurava normalizar minha pulsação quando ouvi barulho de água. Com certa afobação, abri as gavetas do canto esquerdo, procurando o que vestir. Seria melhor para nós dois se eu não estivesse no closet quando ele voltasse.

Não foi surpresa descobrir que minhas roupas ocupavam apenas três gavetas e, explorando as opções, resolvi vestir algo confortável. Jeans e camisa de botões. Minhas sapatilhas haviam ficado na casa amarela, só me restaram os tênis de caminhada. Suspiro. Eu precisava fazer compras... Com urgência!

Voltei para o quarto, que ocupava quase todo o andar superior; assumindo que aquela era *minha* casa, arrumei a cama, esticando lençóis e edredom que misturavam padrões de violeta e cinza. Não era tão fã de cores escuras a ponto de espalhá-las pela casa, mas teria que me acostumar às preferências de Vincent.

Com tudo organizado, abri as cortinas para admirar o sol resplandecente sobre as montanhas. Já que o dia nos abraçava, não custava deixá-lo fazer parte da minha felicidade. Encostei-me ao vidro com um sorriso bobo, deixando os olhos se perderem na belíssima paisagem que veria todos os dias... Me sobressaltei quando outra paisagem, igualmente bela, apareceu em meu campo de visão.

– Espero que se acostume com as mudanças. – A voz grave ecoava pelo cômodo amplo enquanto Vincent caminhava na minha direção.

Ele também usava jeans e isso me surpreendeu, tanto quanto agradou. A blusa de malha azul escuro tinha as mangas dobradas até os cotovelos e os cabelos negros, ainda molhados, estavam penteados para trás, deixando algumas mechas soltas em sua testa. Desta vez meu sorriso não era nada bobo.

– Acho que nunca vou me acostumar – murmurei. Mas logo em seguida limpei a garganta e, com um gesto rápido, indiquei o conjunto de montanhas do outro lado do vidro. – É tudo tão lindo! – Suspiro.

Vincent aprofundou a expressão duvidosa.

– Bom... não falo só da vista. – Ele levou os olhos até a cama arrumada atrás de nós. – Providenciei o necessário para nosso conforto, mas esta é *sua* casa. Quero deixar claro que deve mudar tudo que não estiver ao seu agrado.

Vincent nem podia imaginar como essa proposta era tentadora, mas, ao mesmo tempo, imaginava o quanto lhe custava abdicar de seus hábitos. Afinal, esse lugar significava muito para ele, era seu refúgio. Por isso, estava impressionada com sua disposição em me deixar confortável.

– Obrigada por tudo que fez aqui. Eu adorei, de verdade. – Suspiro. – Quanto às tais mudanças, bem, elas vão acontecer mais cedo ou mais tarde... E não estou falando apenas da casa. Você está acostumado com a reclusão, Vincent, e tudo vai ser diferente agora.

Um sorriso conformado estava além do que eu esperava como resposta.

– Acho que nem percebi há quanto tempo aguardava por essa *mudança*.

Neste ponto comecei a ficar preocupada com suas expectativas, porque tinha dúvidas se poderia corresponder a elas.

– Tenho medo de que algumas coisas não aconteçam como você espera.

Falei com uma sinceridade dispensável, mas o curioso é que o mago não pareceu incomodado. Será que Nicolau havia conversado com ele sobre minha possível infertilidade? Respirei fundo, pronta para iniciar o assunto incômodo, mas o mago foi mais rápido.

– Aprendi que nem sempre é possível controlar os acontecimentos, principalmente quando estou com você. – Com um sorriso espremido e gestos ágeis, Vincent tomou minha mão, levando-me de volta ao corredor do closet. – Por hora, fico satisfeito se me acompanhar em uma viagem pela sombra. – Ele

apagou a luz do cômodo e se certificou de fechar a porta atrás de nós; então, colou seu corpo ao meu. No escuro, seus braços circularam minha cintura e seu perfume tomou meus sentidos. – Vamos?

Não tive tempo de responder, muito menos de concordar. Em um piscar de olhos o chão sumiu debaixo dos meus pés e o vento já rodopiava ao nosso redor... Na mesma rapidez com que começou, tudo cessou. Com o coração acelerado, identifiquei nosso destino, e vi que estava no lugar errado.

– Por que estamos aqui? – sussurrei, inconformada, enquanto tentava me afastar de seus braços. Mas o mago das sombras me apertou ainda mais, analisando o quarto de minha irmã com certa apreensão.

Embora imaginasse que isso era algo muito difícil, concluí que ele errou o caminho para meu quarto. Sem entender sua decisão, forcei alguma distância entre nós e, com extremo cuidado, fui em direção à porta. Depois de uma última espiada no rosto adormecido de Alice, fiz sinal para que o mago confuso me seguisse. Vincent demorou alguns segundos a mais; depois de checar minha irmã de mais perto, apressou-se atrás de mim. Enquanto eu conferia se a porta do quarto de George estava fechada, Vincent passou por mim com uma expressão alarmada; encurralou-me contra a parede do corredor, assumindo uma postura defensiva. Para mim, bastava.

– O que está acontecendo? – Meu sussurro se elevou ao fim da palavra e Vincent colocou o dedo nos lábios, pedindo silêncio. Ok. Aquilo já tinha ido longe demais! Agarrei seu braço, arrastando-o para a cozinha, e, quando a distância dos quartos me permitiu falar com entonação, repeti a pergunta. – O. Que. Está. Acontecendo? Porque não nos levou de volta ao meu quarto?

Vincent parecia disperso enquanto observava a casa, confirmando se estávamos mesmo sozinhos.

– Vincent? – sussurrei, exasperada.

Voltando os olhos violeta para meu rosto, o mago permaneceu calado. Como se avaliasse algo mais importante do que minha irritação. Depois, espiou o quintal pela janela.

– Eu preciso de sombra como porta de entrada e de saída para uma viagem... Pensei que já tivesse notado isso. – O murmúrio seco era distraído. O mago se voltou para mim e, com um suspiro, avaliou minha postura insatisfeita. – A janela de seu quarto só possui vidro, Melissa. Antes que diga qualquer coisa, seu guarda-roupa não comporta dois. Eu garanto.

Apertei a boca quando a lembrança irônica levou minha zanga. Inevitavelmente, as memórias do mago me acompanharam e, antes do que esperava, um sorriso lutou em seus lábios. Balancei a cabeça com um longo suspiro, suas oscilações de humor estavam melhorando, mas ainda existiam.

– Só gostaria que tivesse me avisado... Quase acordamos minha irmã.  
– Era o quarto dela ou o de George. Concluí que seria mais seguro acordar sua irmã a acordar seu avô. Principalmente porque ele não seria tão simpático a explicações mágicas quanto Alice.

Não podia discutir isso. Deixei o ar escapar com um suspiro e fui para a geladeira.

– Já que estamos aqui, vou fazer panquecas para o café da manhã.

Colocando-se à minha frente, Vincent me afastou o suficiente para fechar a geladeira.

– Adoraria ficar, Melissa, mas tenho que checar a segurança na montanha antes da Recepção de Anúncio.

Estreitei os olhos quando percebi que aquilo era uma desculpa.

– Pensei que tinha resolvido os problemas de segurança ontem.

Meu tom desconfiado retorceu o rosto do mago.

– Não estou preocupado apenas com o convidado *especial* – falou, mais nervoso do que o necessário. Desviando o rosto, Vincent espiou a janela. – Pode haver alguma retaliação pela presença de Victor, pelo meu retorno ou... outros contratemplos. Não quero que nada atrapalhe o dia de hoje.

Mesmo estranhando sua ansiedade exagerada, assenti. Porque desejava a mesma coisa. Ainda assim, não me agradava a ideia de me separar dele novamente. Sentindo-me desprotegida, cruzei os braços, sem saber o que fazer com eles.

Vincent observou o gesto e soltou o ar com força.

– A partir de hoje, teremos todos os outros dias para nós.

Seu tom confiante me roubou um sorriso. Com empatia, deixei um carinho no rosto do mago. Vincent me abraçou, apertando-me com força enquanto mergulhava o rosto em meus cabelos para respirar profundamente.

– Quero que tome cuidado, Vincent.

– Também quero que fique alerta. – Ele levantou as mãos para segurar meu rosto. – O tempo todo. Você entendeu? – A voz grave carregava algo urgente que me incomodou. – Não gostaria que ficasse sozinha.

– Meu avô e minha irmã devem acordar a qualquer minuto... Se não está preparado para explicações, é melhor ir.

Vincent assentiu, mas o gesto não demonstrava muita convicção. Surpreendendo-me com beijo rápido, ele alcançou a porta dos fundos.

– Verei você em algumas horas – ronronou baixo, como se falasse com ele mesmo.

Entendi finalmente porque a comemoração das Bodas em um Pacto de Futuro era opcional... Em um mundo perigosamente imprevisível, não havia

motivos para adiar a felicidade.

– Em algumas horas – repeti com desânimo.

Um minuto depois, ele ainda estava diante de mim.

– Acho melhor usar a passagem do bosque. – Vincent deu um passo para fora e observou o quintal atentamente. – Vou providenciar para que alguém venha lhe fazer companhia.

Por *alguém* eu traduzi *um ser da montanha* a quem o mago das sombras confiaria minha integridade. Segui seu olhar cauteloso, incomodada por absorver sua paranoia.

– O que foi... Há algo errado?

Endureci o rosto para disfarçar uma careta enquanto o aperto inesperado acelerava meu coração. Vincent não respondeu. A sensação ruim já se espalhava por minha coluna quando ele levou uma das mãos até meu rosto.

– Nada vai dar errado. É uma promessa.

Por um momento, a preocupação nos oceanos violeta deu lugar a um brilho quente e faiscante. Vincent se esforçou para suavizar a expressão, e foi minha vez de me esforçar. O dia de hoje seria especial, intenso. Mas também repleto de desafios. E, de verdade, precisava aprender a conviver com a superproteção do meu consorte. Abri um sorriso amplo, daqueles que mostravam *todos* os dentes, e meu esforço pareceu satisfazê-lo.

– Até mais tarde, senhora Dippel.

– Até mais tarde, senhor Dippel.

Acompanhei o mago se misturar às árvores do bosque sem conseguir evitar a desconfiança. Fechei a porta com a certeza de que havia *sim* algo sério acontecendo no limite de suas palavras. Omissão ou proteção, não importava, lá estava o aperto esmagando meu coração mais uma vez... Odiava essa sensação, que antecipava as indesejáveis situações de caos. Assombrada por seus alertas pouco explicativos, tranquei a porta. Talvez o nervosismo e a ansiedade do evento de logo mais justificassem o comportamento de Vincent, mas meu *sexto sentido inquietante* teimava em acionar meu alerta de perigo... Voltei para a cozinha e testei a bravura do meu coração ao trombar com um obstáculo.

– Ahhhh... *Opa!*

George me segurou pelos ombros.

– Bom dia – disse, não tão surpreso quanto eu. Olhando-me de cima a baixo, franziu as sobrancelhas. – O que faz acordada tão cedo?

– Eu tenho... ah... Muitas coisas para organizar... Preparativos da comemoração. Estas coisas demoram.

– Pensei que os Von Berg já haviam cuidado de tudo.

– Bem, eu... Ainda não estou com o vestido da vovó. Isso está me deixando

aflita. Também preciso começar a me arrumar... *Isso vai levar tempo!* – Soltei os ombros, aquilo era bem verdade.

Meu avô arrumou uma mecha do meu cabelo para longe dos olhos, disfarçando um sorriso.

– Você não consegue ver o que os outros veem, acredite em mim. Quanto ao vestido de sua avó... Bem, vai parecer estranho o que vou dizer, mas... Confio em Aristela. Sei que ela entendeu a importância que o vestido tem para nós. – Os olhos de George brilharam emocionados, mas ele disfarçou com precisão, deixando o rosto todo se alargar com um bocejo de leão-marinho. – Bom, é sábado, tenho que passar na revendedora para receber algumas entregas. Devo estar de volta na hora do almoço... Não se preocupe, vou encomendar algo na Taberna Casella para nós. Assim você poderá se concentrar em seus preparativos.

Agradecida pelo cuidado de um avô prestativo, beijei-lhe o rosto. Acanhado, George se concentrou na geladeira e um minuto depois já estava se despedindo. Decidi que ocupar minha mente era a melhor forma de deixar as horas correrem. Reuni os ingredientes do café da manhã e já colocava a primeira panqueca na frigideira quando Alice se empoleirou em uma cadeira atrás de mim.

– Tata, você não vai acreditar com *quem* eu sonhei – disse em um só fôlego.

Virando-me para a menina de cabelos cor de sol, me empenhei na expressão curiosa.

– Deixa ver... Comigo e com Vincent?

Minha irmã provavelmente confundira nossa presença real com um sonho e sua expressão assustada chegou a me deixar culpada. Mas Alice negou, balançando a cabeça de forma frenética. O temor em seu rosto era algo que eu desejava nunca mais ver.

– Ludwig!

Perdi o controle dos meus membros e por sorte estava próxima da mesa. Apoiei meu corpo enquanto a mente trabalhava rápido... Depois de ligar alguns pontos, desejei que a presença de Ludwig estivesse apenas nos sonhos de Alice.

– Tem certeza, Alice? – perguntei em um sopro de voz. Quando minha irmã assentiu, arregalando os olhos, eu fechei os meus. Com força. Aquilo não podia ser o que eu imaginava. Não podia. – Mas você nem o conhece!

– Mas era ele – disse, realmente assustada.

Com cautela, cheguei mais perto.

– *Como* você sabe?

– Porque ele falou.

Minhas pernas travaram. As sensações anteriores fizeram *todo* sentido.



Assim como as reações de Vincent logo que chegamos ao quarto de Alice. Ele sabia. *Droga! Ele sabia!* Concentrada no rosto assustado de minha irmã, abaixei-me ao seu lado para afagar seus cabelos rebeldes. Respirei fundo para tomar coragem e falei da forma mais suave que consegui:

– O que aconteceu nesse sonho, Alice?

Minha irmã piscou as esmeraldas cintilantes, concentrando-se na resposta.

– Ele estava no meu quarto... – Ela levantou os joelhos, abraçando as próprias pernas. – Disse que era o mago Ludwig e queria saber onde você estava.

A ousadia do mago não tinha limites.

– Você falou com ele?

Alice retorceu as mãos, como se a lembrança a afligisse.

– Não. Porque fiquei com medo. Então ele falou mais umas coisas que eu não entendi, como quando o Vincent fica nervoso e fala na outra língua dele... Então, ele se foi. O sonho acabou.

Eu avaliava várias alternativas, mas uma coisa era certa: aquilo não tinha sido um sonho. Mas ver minha irmã caçula com medo não me trouxe temor, e sim revolta. Meu instinto protetor sempre falava mais alto quando se tratava de Alice e, pelo calor que queimava meus braços, eu sabia que enfrentaria o mago das sombras sem medir qualquer consequência. Sob o olhar atento de minha irmã, decidi não assustá-la ainda mais. Esforçando-me na tranquilidade, repeti o afago nos cabelos cor de fogo.

– Está tudo bem, Alice, foi só um sonho ruim. – Engoli em seco, desejando que fosse. Agora imaginava o risco que minha irmã correu ao ficar desprotegida. – Acho que você ficou impressionada com todas as histórias que ouviu sobre ele no palacete. – Forcei a voz confiante, rezando para que o tom seguro encobrisse a aflição que me esmagava.

Alice me olhava com atenção e não negou minha afirmação. Imaginei o que a menina de olhos amedrontados ainda guardava dentro dela. Mesmo me repreendendo por deixar que o perigo chegasse tão perto, sabia que estas eram as consequências de sua proximidade com a magia. E isso não era nem o começo. Com um gesto quase desesperado, abracei a menina maga, agradecida por ela ter escapado ilesa do seu segundo encontro com o mago das sombras. Em momentos assim, era fácil entender as escolhas de George. Um pensamento silencioso ecoou todos os outros tormentos... Não estávamos seguras.

Enquanto controlava meu próprio temor, Alice retorceu o rosto para a fumaça que tomava a cozinha.

– Mel, a panela queimou.

O reflexo para impedir as chamas demorou a vir, porque o calor dentro de mim já queimava tudo... Com raiva, medo, e, acima de tudo, revolta. Estava

disposta a acabar com aquele monstro se ele chegasse perto de minha irmã de novo. Voltei para o fogão, contendo a ira que tremia em minhas mãos e, no ato mecânico de limpar e esfregar, coloquei meus pensamentos em ordem. Precisava alertar os Von Berg, solicitar proteção para a casa de meu avô, para Alice, e avisar Vincent! Coloquei algumas panquecas na frente de minha irmã e me apressei até o telefone, torcendo para que meu consorte não estivesse fora do alcance... Com o telefone nas mãos, entendi que Vincent provavelmente sabia da visita do outro mago das sombras.

Sua reação comprovava que ele sentiu a presença da magia das sombras na casa, o que me levou a questionar os reais motivos da visita de Armand à casa de vidro na noite anterior. Vincent havia dito que Victor não era problema; entretanto, não especificou *o quê* ou *quem* era o verdadeiro problema. E nem poderia dimensionar o quão próximo o perigo esteve de minha família. Fitei o telefone em minha mão, decidindo. Estava decepcionada com Vincent, mas deveria avisá-lo dos detalhes.

Estiquei o dedo para o teclado... Parei ao som de batidas na porta. Apressei-me até o hall, na esperança de ver meu mago das sombras pessoalmente. Para brigar com ele. Abraçá-lo. E fazer as pazes. Mas, no lugar dos olhos turquesa, encontrei o sorriso ansioso de uma amiga prestativa.

– Rose?

– Olá, Melissa, preparada para começarmos seu dia especial? Temos muito a fazer!

Pisquei uma vez, somando imprevistos a riscos.

– Temos? – Um olhar torto me fez mudar a entonação. – Temos. Mas antes, que tal algumas panquecas?

Os olhos amendoados brilharam.

– Sim, obrigada. Fiz um cronograma, mas acho que há tempo para panquecas... – Rose entrou com os braços carregados. Em uma rápida avaliação, vi todo tipo de coisa, de secador de cabelo a esfoliador elétrico para pés. – Arthur vai trazer Lucila mais tarde. Prometi que iria fazer seu cabelo só quando ela estivesse aqui.

Apertei as mãos, olhando para o interior da casa. Minha família logo estaria reunida em um lugar desprotegido, à mercê de um mago louco e sádico!

– Deixe-me ajudar... Vou levar um pouco disso para o quarto. – Tomei parte do volume de seus braços, levantando o queixo para a cozinha. – Sirva-se, eu já volto.

Subi a escada imaginando como poderia proteger minha amiga e minha irmã caso Ludwig voltasse, e senti meu corpo tremer. Eu não poderia, porque não tinha o domínio do meu poder. *Droga!* Ainda na porta do quarto, atirei as

sacolas sobre a cama e fui em direção à escrivaninha, procurando meu aparelho celular... Precisava falar com Vincent! De frente para a janela, levantei o rosto quando algo azulado brilhou do outro lado do vidro. Curvei-me sobre a escrivaninha, observando a névoa violeta oscilar com a luz do dia cinzento. As ondas quase translúcidas se espalhavam ao redor da casa como um escudo... *Um bloqueio mágico!* Sim, Vincent percebeu a presença de Ludwig e deixou sua proteção. Isso me fez respirar aliviada. Mas não diminuiu a vontade de gritar com o mago protetor. Disquei os números com rapidez e ouvi o som imediato da caixa postal. Ele estava fora de alcance, provavelmente dentro do Mundo Mágico.

Controlando meus nervos, voltei para o andar inferior. Se esse fosse mesmo meu dia especial, como Rose havia dito, eu desejava apenas um pouco de paz.

## Convidados

A PRESENÇA DE ROSE ocupou a manhã, e fiquei agradecida pela distração que levou as preocupações para longe. Entre esfoliações e hidratações, a conversa fluía leve. Minha amiga teve tempo de sobra para contar sobre sua estadia em Amsterdam e, claro, os mínimos detalhes de seu começo de namoro com Arthur. Tudo ia bem até que o assunto se voltou para meu reencontro com Vincent... Mordi o lábio enquanto passava os olhos pela névoa azulada do lado de fora da casa e, pelo canto dos olhos, vi minha irmã levantar os olhos do estojo de esmaltes. Sabia que Alice não estava curiosa sobre minha viagem; pelo contrário, seu olhar solidário era o exemplo perfeito de que uma parte da minha vida nunca poderia ser compartilhada com minha amiga.

Com espontaneidade infantil e a perspicácia que eu tanto admirava, minha irmã pulou no colo de Rose, implorando que nossa *beauty care asssistant* pintasse suas unhas. No meio do meu suspiro aliviado, a campainha ecoou pela casa. E, sem que ninguém abrisse a porta, passos rangeram os degraus da escada. Arthur foi o primeiro a entrar no quarto e, quando seus olhos ansiosos encontraram seu alvo, um grande sorriso iluminou o rosto ensolarado.

– Como estamos com o dia de salão, meninas? – Ele falava no plural, mas seu olhar não deixou a garota de olhos doces.

– Muito bem – Rose respondeu com orgulho.

– Mas veja só, acho que estamos perto de um milagre! – Arthur zombou, indicando minha figura imóvel, cuidadosamente sentada para que nenhuma unha estragasse antes de secar completamente.

Rose fechou o vidro de esmalte com uma gargalhada vitoriosa. Quanto a mim, só me restava ignorar o tom zombeteiro. Lucila entrou no quarto em seguida e, desviando do casal apaixonado, veio ver de perto o avanço dos preparativos. Ela elogiou minha pele lustrosa e admirou minhas unhas impecáveis, depois fez a pergunta para a qual eu não tinha resposta.

– Você está com o vestido de sua avó?

Meus olhos passaram por Alice e pararam em Rose.

– Ah... Ele ainda não está aqui. Mas alguém da montanha deve trazê-lo... – *assim espero*, completei em minha mente – ... logo.

Minha vizinha abanou as mãos apressadamente.

– Bem... Vou arrumar a mesa para nosso almoço, George encomendou tudo que você mais gosta, Melissa. Você me ajuda, meu bem? – Lucila estendeu a mão para Alice como um convite, e minha irmã jamais recusaria um convite para

experimentar suas delícias.

Enquanto Lucila, Arthur e Alice desapareciam pela escada, comecei a ficar realmente apreensiva com o destino do vestido de minha avó. Inquieta, pensei em ligar para Vincent mais uma vez, e cheguei a esticar a mão para alcançar meu aparelho celular sobre a escrivaninha... Rose me impediu.

– Tenha paciência, Melissa, o spray secante precisa de um minuto.

Com um suspiro levei os olhos para a janela, checando a névoa azulada... Ela não estava mais lá.

Enquanto meu coração acelerava, a campainha ecoou pela casa novamente. Agitada, troquei um olhar significativo com minha amiga, alertando que não adiantaria tentar me impedir desta vez. Deixei o quarto pulando os degraus, na esperança de que meu mago das sombras estivesse de volta com alguma explicação sobre o visitante noturno... Me desesperei quando Arthur atravessou o hall na minha frente. Com todo esse estresse, seria difícil contornar a tolerância de Vincent. Corri atrás de meu amigo, mas, quando cheguei à porta de entrada, ela já estava aberta.

O sangue deixou meu rosto. Na verdade, deixou meu corpo. Pensei que iria desmaiar.

– Olá, Anjo.

A voz do Demônio das Sombras retumbou na pequena varanda, arrastando o português enferrujado.

– Victor! – falei sem fôlego, encarando os olhos violeta. O Demônio das Sombras estava elegantemente trajado com um terno preto, e segurava um embrulho de presente com um enorme laço de fita vermelha. Pisquei algumas vezes, só para ter certeza do que via. – Como... – Eu me aproximei, passando por Arthur sem nenhuma delicadeza para bloquear a entrada do dono da Dimensão das Sombras em minha casa. – Como chegou aqui?

Ele indicou algo fora da varanda com a cabeça.

– Tive um velho conhecido como guia.

Espiei por trás de seus braços e vi um amontoado de pelos cinza mantendo alguma distância. Ao me ver, Heros baixou os olhos, balançando a cabeça peluda... como se estivesse aborrecido. Ou preocupado. Talvez os dois. Era difícil dizer.

Confusa, levantei um dedo, apontando o jardim.

– Mas havia um... – Parei de falar ao lembrar que Arthur ainda estava no hall.

Victor seguiu meu gesto com os olhos e curvou-se em minha direção, dizendo em voz baixa:

– Ora, Anjo, acho que se esqueceu de onde vem a herança de seu consorte.

Estremeci. Assustada. Atordoada. O pouco que sabia da magia não havia me preparado para uma visita do Demônio das Sombras. Ainda mais quando eu estava cercada por pessoas que deveria proteger!

Olhei sobre o ombro, conferindo a expressão confusa de Arthur e o rosto curioso de Rose, parada ao fim da escada... ambos avaliando a compostura da figura de terno à porta. Voltei-me para Victor, aflita. Eu precisava de ajuda dos céus, ou da montanha! Busquei o cão, que continuava como uma estátua no meio do jardim. Não entendia porque Heros o estava ajudando. Embora a presença de Victor fosse esperada na montanha e na Recepção de Anúncio de logo mais, era loucura trazê-lo para minha casa! Nervosa, agi instintivamente, largando os braços ao lado do corpo enquanto o calor do poder se estendia até minhas mãos.

Mesmo sem preparo, sabia do que Victor era capaz, e estava disposta a fazer qualquer coisa para defender minha família.

– Você não confundiu o lugar de sua visita? – falei com a maior firmeza que consegui reunir.

Victor parecia achar graça de minha desconfiança e, levantando o canto dos lábios, entortou seu sorriso... de uma forma que me fez lembrar de Vincent. Isso era perturbador.

– Se você se refere ao meu compromisso anterior, bem, ele levou mais tempo do que imaginei, mas já foi resolvido. Jamais esqueço uma promessa, Anjo.

Travei o maxilar, absorvendo as implicações da armadilha à minha frente... *Eu devia um favor ao Demônio das Sombras!* Victor jamais me deixaria esquecer disso. Inconformada, lutei contra meus instintos e fechei as mãos.

A energia do poder ardeu como ferro em brasa.

– Obrigada – falei com uma reverência educada, que foi apreciada pelo visitante.

– O prazer foi meu, Anjo. – O homem de cabelos curtos e olhos violeta levantou as sobrancelhas negras. – De fato, foi estimulante rever velhos amigos.

Alguns segundos fitando os penetrantes olhos violeta pareceram a eternidade e fizeram com que eu esquecesse de vez a diplomacia.

– Vincent sabe que está aqui?

– Sim. Seu consorte me enviou – disse sorrindo, divertindo-se com minha expressão alarmada. – Na verdade, todos na montanha concordam que não há melhor lugar para eu estar. – Victor se aproximou para baixar o tom de voz mais uma vez. Seu perfume doce, quase enjoativo, tomou o ar ao meu redor, fazendo-me lembrar do quanto sua aparência poderia mascarar o real perigo. – E concordam também que minha presença vai evitar convidados indesejados. Ao que parece, serei sua *companhia* hoje.

Quase sufoquei com a onda descontrolada de poder que subiu por meu braço até a garganta. Engolindo chamadas, balancei a cabeça, sem acreditar que Vincent tinha mandado o *Demônio das Sombras* para minha casa sem ao menos avisar da visita de Ludwig! O mais intrigante é que eu sabia de suas reservas quando o assunto era seu *parente*, o que me fez acreditar que ele estava mesmo desesperado. Tomei fôlego, desejando mais do que tudo que os magos da montanha comessem a usar o telefone. Principalmente para evitar ataques cardíacos.

A segundos de uma crise, avaliei o caos... O que seria pior? Deixar minha família à mercê de um mago cruel? Ou de um demônio simpático? Fui resgatada do dilema por uma interferência canina.

Heros estava parado logo atrás de Victor e esticou o focinho para a casa, farejando. Apesar de infeliz, a cara peluda estava com a conhecida expressão impaciente. Olhei sobre o ombro, para meus amigos... Concluí que Heros tinha razão. Não tínhamos opções. Nossa missão era proteger quem não poderia se defender do perigo. E, quando eu pensava em perigo, era outro nome que me vinha à mente.

– Seja bem-vindo, Victor.

Inspirando longamente, dei um passo para o lado, abrindo passagem para o Demônio das Sombras. Victor deu um passo pela soleira da porta, exibindo seu sorriso amplo. Acompanhei o convidado ilustre com os olhos, sem acreditar que acabara de convidar o dono da Dimensão das Sombras para dentro da casa do meu avô... Um avô que queria distância da magia.

– Isso é adorável! – falou fascinado, sinalizando para as paredes apertadas ao nosso redor. Com passos vagarosos, cruzou o hall para cumprimentar Arthur e Rose com um meneio de cabeça.

Acompanhei o demônio alinhado até a sala, e fomos seguidos de perto pelo monstro canino e meus amigos. Lucila deixou a cozinha ao perceber a movimentação, com Alice camuflada em suas pernas. Olhei delas para o convidado, imaginando *como* poderia oficializar as apresentações sem causar ataques de histeria. Respirei fundo mais uma vez, secando as mãos suadas no jeans, e indiquei o homem de postura impecável ao meu lado.

– Este é Victor, ele é...

A classificação indecisa rodou em minha boca. Uma espiada foi suficiente para confirmar que o demônio estava se divertindo mais uma vez. Mas algo mudou. Talvez comovido com meu olhar quase insano, Victor continuou de onde não consegui.

– Um parente não tão distante de Vincent.

Sorrisos confirmaram a compreensão e Arthur foi o primeiro a se

aproximar, estendendo a mão para um cumprimento vigoroso.

– Muito prazer, Arthur Casella. Esta é minha namorada Rose Dumont. E esta, minha mãe, Lucila Casella. – Meu vizinho prestativo indicou as mulheres.

Victor cumprimentou Rose com toda a cortesia e, caprichando no floreio, beijou a mão de minha vizinha. Lucila deixou escapar um leve arfar constrangido.

– É um prazer, senhora Casella – disse, enfatizando a pronúncia do sobrenome italiano.

Arthur limpou a garganta, um pouco incomodado; eu espremi os olhos, avaliando o interesse nos olhos violeta. Quase agradei aos céus quando meu amigo desviou a atenção do visitante.

– Então, Victor... Devo imaginar que também é um *Dippel*.

Com muito custo Victor tirou os olhos de Lucila e, arrastando o sotaque em tom aveludado, respondeu pacientemente.

– Minha linhagem é distinta, assim como meu nome. Embora não tenha sofrido alterações com os séculos, seria impronunciável nesta língua, e não tenho a intenção de ferir alguém tentando. – Ele levantou uma das mãos com descaso. – De qualquer forma, não me importo em ser anunciado por meu primeiro nome.

Depois de um instante de silêncio, todos riram. Menos eu. Engoli em seco ao imaginar que o aviso simpático de Victor provavelmente era uma justificativa muito real, e estremeci pelas gargalhadas que desconheciam o fato. O Demônio das Sombras aceitou o humor dos meus vizinhos de bom grado; nesse momento, nem sabia se estava agradecida ou ainda mais apavorada com o gesto.

Dando um voto de confiança ao julgamento de Vincent, encurtei um passo entre nós.

– Victor, estes são meus amigos, mas eu os considero como minha família – ressalttei.

– Ah... Então estou no lugar certo: junto da família! – Ele olhou os rostos sorridentes atrás de mim. – Estou honrado por conhecer sua *outra* família, Anjo.

Percebi o tom que ele usou para destacar *outra*, e tive a certeza de que Victor compreendia bem os laços que me prendiam àquela casa e àquelas pessoas. Mas eu não poderia esquecer quem, mesmo de forma relutante, tinha sua parte na hereditariedade desse outro mundo.

– Bem, falta meu avô, George. Ele precisou sair, mas deve chegar em breve.

Alice se contorceu atrás de Lucila, destruindo sua camuflagem... Minha irmã não fora apresentada, e duvidava que quisesse isso. Alice estava curiosa, mas permaneceu calada e circunspecta. Sabia que a menina maga conseguia absorver os imperceptíveis detalhes mágicos há mais tempo do que eu, e não demorou a notar as peculiaridades do visitante como uma ameaça. Alice



arregalou os olhos e procurou proteção atrás das minhas pernas. De certo modo isso me fez relaxar, era bom ter minha irmã sob a proteção das minhas mãos... Ou melhor, do meu poder. Com uma troca de olhares recheada de segredos mágicos, eu a acalmei, deslizando um carinho discreto em seus cabelos.

Ao notar sua presença, Victor se curvou com interesse.

– Olá, pequena. Já ouvi falar de você.

Alice espiou o demônio por trás das minhas pernas e recuou em seguida, franzindo os olhos. Ela provavelmente não entendia minha simpatia com alguém que exalava perigo. Para piorar a situação, Heros saltou a mesa de centro com uma manobra acrobática, parando defensivamente ao lado de minha irmã. Todos ali deixaram escapar um som tenso. Inclusive eu. Afinal, os dentes do cão gigante eram um aviso que ninguém poderia ignorar. Até mesmo nosso poderoso visitante.

A falta de tato do mago encantado poderia nos criar grandes problemas, principalmente se contássemos com o temperamento instável de um demônio... Mas, aparentando apenas curiosidade com a cena, Victor inclinou a cabeça, os olhos atentos a cada rosnada de Heros. Vendo a tensão se acumular nos dentes expostos do cão, recuei um passo, fazendo Alice e seu defensor recuarem comigo.

– Desculpe... Heros é muito protetor. Ele não gosta quando estranhos se aproximam de minha irmã.

Victor estalou os lábios.

– Mas vejam só, o cinzento finalmente é leal a alguém. Meus parabéns! – saudou, sem se abalar com a ameaça dos caninos. – É bom saber que não desistiu de sua busca.

Outra rosnada ecoou na sala. Já não sabia se concordava com a indignação de Heros ou se agradecia a Victor pela condescendência com o mago encantado. Em uma manobra rápida, Heros derrubou o abajur lateral enquanto empurrava Alice para o corredor. A menina não relutou e desapareceu em seu quarto. Algo me dizia que ela não sairia de lá até a hora da Recepção de Anúncio.

Passei os olhos pelas expressões confusas ao meu redor e parei no *meu* convidado especial.

– Fique confortável, Victor. – Indiquei o sofá, sem saber qual era o protocolo com esse tipo de visita.

Mas, pelo visto, Lucila sabia. Minha vizinha deu um passo à frente com um sorriso cortês.

– O senhor nos acompanha no almoço, certo?

– Será uma honra fazer uma refeição em tão agradável companhia. Mas, por favor, me chame de Victor. – A voz afável fez meu estômago gelar. Já estava

preocupada com o excesso de simpatia quando a expressão do convidado ganhou traços mais honestos. – Mas que cabeça a minha, este é o meu presente de *casamento*, Anjo. – Victor estendeu a caixa envolta em um laço vermelho, baixando significativamente a voz. – Há energia suficiente aqui para você recuperar o poder de toda uma geração. Espero que seja bem aproveitado.

A frase carregada de significado me deixou cautelosa.

Peguei o embrulho com dedos trêmulos, e instantaneamente senti a magia dentro dele aquecer minha mão. Pisquei os olhos, surpresa por conseguir senti-la. A vibração constante que vinha do interior da caixa agitava o poder em meu peito, e a sensação era estranha. Grandiosa. Incrível! Por isso mesmo, redobrei minha cautela. Desatei a fita, afastando o papel preto, e encontrei uma caixa de veludo violeta. Com os dedos na fechadura dourada, desviei minha atenção para os rostos curiosos ao meu redor, e parei em um que estava muito ansioso... Victor sabia das regras do Conselho, principalmente as que destacavam a importância de não expor o Mundo Mágico. Mas ele respeitaria tais convenções? Espiei meus amigos, avaliando o risco de um gesto simples.

Apesar de imprevisível, o demônio vivia sob esse pacto há muito tempo e, até agora, precisava lhe dar um voto de confiança pela descrição. Levantei a tampa com um único movimento. E soltei a respiração quando vi um daqueles vidrinhos coloridos que Alex usava para guardar seus elixires. Ergui o pequeno vidro contra a luz, confirmando a transparência do líquido esbranquiçado... Definitivamente, um elixir.

Rose se aproximou, espiando o vidrinho decorado com cristais por cima do meu ombro.

– Que lindo adereço!

O comentário arrancou uma gargalhada do Demônio das Sombras.

– Eu diria que é um adereço recheado de *vida*, minha cara.

Eu sabia que cada frase de Victor tinha um significado, por isso devolvi o vidrinho à caixa com delicadeza, imaginando que tipo de elixir era aquele. Claro que esta não era a melhor hora para perguntar.

– Ele será bem aproveitado, Victor. Muito obrigada.

Ignorando o acesso de humor fora de hora do parente *não tão distante* do meu marido, Lucila nos convidou a degustar o almoço encomendado por George, que, para meu alívio – ou desespero – estava atrasado graças às entregas da revendedora.

Sentar à mesa de refeição ao lado do dono da Dimensão das Sombras dava o que pensar. Apesar de seu corpo imortal, Victor tinha muito apetite. O demônio não parava de elogiar os dotes culinários de Lucila e, a cada risadinha de minha vizinha, eu me remexia na cadeira. Alice e Heros comeram no quarto, por opção

deles, e eu nem de longe faria objeção à reclusão da dupla. Ao fim da refeição mais indigesta que fiz na vida, deixei Lucila e Rose com a louça e acompanhei o visitante de volta ao sofá da sala modesta, para que apreciasse sua xícara de café... A iguaria dos mortais, como ele chamou. O desconforto da companhia não chegou a ser penoso, porque Rose logo veio à minha procura. Minha amiga lembrou que ainda havia uma máscara capilar na lista de beleza, e quem era eu para discutir seu cronograma? Espiando Arthur e a travessa de sobremesa, quase me senti culpada por sobrecarregar Lucila, mas sabia que deixá-la longe de Victor era na verdade um grande favor.

Escondendo o alívio, calculei a distância entre os cômodos da casa.

– Se me der licença, Victor, preciso deixá-lo por alguns instantes para... ah... cuidar de alguns... detalhes.

Um sorriso largo se apoderou do rosto anguloso enquanto Victor se recostava no sofá.

– Não se preocupe, Anjo. Estarei aqui quando voltar.

Ainda observava o demônio confortavelmente instalado na sala de meu avô quando minha amiga me rebocou pelo corredor. Rose falava sobre o adiantado da hora, as cores da maquiagem e a indecisão sobre meu penteado... Eu ia derrapando atrás dela e, antes de ser arremessada para o único banheiro da casa, vi a silhueta de Arthur sentando-se ao lado de Victor. Meu amigo e sua sinceridade espontânea não eram a melhor combinação para fazer companhia a um demônio de humor instável. Já imaginava um bom argumento para encerrar o dia de beleza quando Rose estalou a língua e, com meio passo para o corredor, levantou a voz:

– Arthur, não se esqueça de buscar nossas roupas na lavanderia. Eu pedi urgência, já devem estar prontas!

Na sequência, ouvi um murmúrio de concordância e um pedido de desculpas, seguido de passos no hall. A porta de entrada finalmente se fechou e me apoiei na pia, entoando meu novo mantra... *Todos estão seguros. Todos estão seguros*. Eu o repeti mentalmente por várias vezes enquanto tinha os cabelos melecados por uma pasta de aroma frutado e passava por todos os níveis de dor com técnicas *anti-dor* de depilação. Confesso, ficou difícil acompanhar o discurso *fashionista* depois disso. Rose citava os importantíssimos detalhes de uma recepção; sabendo que essa era sua especialidade, não podia interrompê-la... Sem perceber, deixei escapar um sonoro suspiro, alto o suficiente para Rose interromper a frase.

– Desculpe... Você está nervosa e eu não estou ajudando. – Ela se encolheu, culpada. Quase a perdoei pela depilação a cera. Quase. – É que existem tantos detalhes em uma comemoração como essa... E não acredito que deixou tudo nas

mãos dos Von Berg! – Ela ajeitou os óculos no rosto, agitada. – Eles são excêntricos, Melissa... Você tem ideia do tipo de coisa que eles podem fazer na sua recepção? Pode haver um bolo de jiló com cobertura de damasco aguardando você na Casa Botânica!

Não contive a careta só de imaginar aquela monstruosidade.

– Os Von Berg fariam de tudo para me agradar. Até mesmo um bolo de jiló, se essa fosse minha vontade. – O rosto alarmado de Rose permaneceu imutável. – Fique tranquila, pedi chocolate ao *chef*. Quanto ao resto, eles pesquisaram minhas preferências.

Minha amiga ainda não estava convencida.

– E seu vestido? Ele deveria estar aqui... Você não está preocupada?

Na verdade, estava começando a ficar. Mas, em um dia como hoje, precisava ter fé.

– Confio neles, Rose. – Isso também era verdade.

Minha sinceridade era indiscutível e, com um suspiro, Rose desistiu.

As etapas finais da preparação decorreram com tranquilidade. Não houve gritos do lado de fora da porta, a casa ainda não pegava fogo e, para me consolar, lembrei que, com Victor aqui, Ludwig não ousaria se aproximar. Sim... Havia esperança para esse dia, afinal. Para completar uma tarde de esperanças, o penteado feito por Rose ficou muito melhor do que eu tinha imaginado. As mechas suspensas valorizaram meu rosto e a maquiagem leve destacou meus melhores pontos. Parada diante do espelho, não tinha palavras para agradecer à moça de olhos satisfeitos ao meu lado. Mas sabia que ela havia garantido seu posto vitalício como minha heroína.

Quando finalmente saí do banheiro, me apressei em colocar minha irmã para dentro dele. E, mesmo com meu chamado incisivo, Alice demorou para se mover. Seu olhar admirado estava fixo, assim como a careta do cão peludo. Rose permaneceu alheia ao segundo admirador, mas ficou satisfeita com os elogios de minha irmã caçula. Com um grande sorriso, ela acompanhou a menina de cabelos vermelhos até o banheiro, prometendo-lhe algo semelhante. Isso me deu tempo para uma... *quase conversa* com o mago encantado.

– Você vem comigo! – Agarrei um tufo de pelo no pescoço do cão gigante. – Não queira saber como estou furiosa com *todos* vocês por concordarem com essa visita. Agora, vá vigiar o convidado. – Heros deixou escapar um choramingo cauteloso. – Sei que não suporta a presença *dele*, por tudo que aconteceu com você, mas preciso proteger meus amigos! – O cão virou o pescoço para a porta do banheiro com outro choramingo. – Ei... Esqueça Alice por um segundo, ela está segura com Rose. *Eu* preciso de ajuda aqui e...

Parei de falar quando chegamos à sala e encarei o sofá vazio com os joelhos

bambos. Heros levantou as orelhas, entrando em alerta, e imediatamente nos voltamos para lados opostos, procurando o que não víamos. Até que o nariz superdotado de meu amigo farejou o motivo de nossa angústia. O cão cinzento deixou escapar um rosnado rouco e indicou a cozinha com a cabeça. Mais do que depressa levantei as mãos, pedindo calma. Segui sua indicação e parei ao som de risadas. Parada na entrada da cozinha, tive vontade de esfregar os olhos... Mas contive o impulso ao lembrar do tempo gasto por Rose ao fazer a maquiagem. Ainda assim, não consegui conter um murmúrio surpreso. Ao notar minha presença, Victor interrompeu sua risada assustadoramente divertida e virou-se na pia, secando as mãos molhadas no avental xadrez. Surreal.

– Anjo... Estais ainda mais bela!

Guardando o último prato no armário, Lucila virou em seguida. Com um gesto de espanto, levou as mãos à boca, abafando o murmúrio.

– Oh... Melissa, você está linda! – Minha vizinha contornou a mesa e veio em minha direção, emocionada, abraçando-me com cuidado. – Rose fez tudo ficar perfeito!

Não consegui reagir a seu carinho porque meus olhos ainda estavam grudados no Demônio das Sombras que agora tirava o avental de meu avô. Lucila se afastou, esfregando os olhos mareados. Eu me concentrei nela, em sua integridade... Apertando a faixa do meu roupão, esforcei-me para entender o que acontecia ali.

– Eu... obrigada. Mas... – girei um dedo no ar – o que vocês estão fazendo?

Lucila espiou Victor sobre o ombro e, com um gesto espontâneo, ajeitou as mechas loiras de cabelo para longe dos olhos.

– Bem, eu precisava de uma mãozinha para arrumar a bagunça do almoço e Victor, *gentilmente*, se ofereceu para ajudar. Graças a *ele*, o serviço acabou como mágica!

Minha vizinha de olhos brilhantes deixou escapar mais uma de suas risadinhas divertidas, daquelas que me angustiavam, e indicou o homem bem apessoado que desdobrava as mangas de sua camisa preta para vestir o paletó do terno.

– Era o mínimo que eu podia fazer depois de ser presenteado com um banquete deliciosamente encantador. – Victor se curvou para Lucila... E pensei ter ouvido minha vizinha suspirar.

De qualquer forma, o som duvidoso foi abafado por uma tosse de cachorro. Olhei para baixo e Heros tentava se recompor, tão chocado quanto eu. Fechei os olhos, sem querer acreditar na legenda subentendida em cada gesto cordial... Aquilo podia ficar pior? O cão ao meu lado não pretendia fazer a mesma pergunta, talvez por saber a resposta, e resolveu agir. De forma nada graciosa,

Heros empurrou minhas pernas com a cabeça, quase me fazendo cair sobre minha vizinha. Entendendo a mensagem, agarrei Lucila pelo braço e aproveitei a oportunidade para levá-la o mais longe possível do demônio perigosamente envolvente.

– Se nos der licença, Victor, preciso de ajuda para... arrumar minha irmã. – Falei a primeira coisa que me veio à cabeça e, definitivamente, pouco me importava se ele notasse o tom dissimulado em minha voz.

Deixei o cão determinado vigiando nosso visitante e já estava no corredor quando a porta de entrada se abriu. Encarei o rosto ansioso que cruzou o hall, imaginando que aquela poderia ser a hora perfeita para surtar de vez!

– Estou atrasado, desculpem... – Meu avô falou comigo e com Lucila ao mesmo tempo, mas, depois de uma segunda olhada, parou de supetão. – Uau, Mel, você está... – George limpou a garganta para disfarçar a voz repleta de emoção, e deixou o olhar viajar por meu rosto. Com um grande sorriso, completou. – Está muito parecida com sua mãe.

Senti os braços de Lucila me apertando e, por um segundo, me esqueci do caos.

– Obrigada, *Opa*. – Antes que a umidade transbordasse por meus olhos, estragando o trabalho de horas, mergulhei nos detalhes práticos. – É melhor comer alguma coisa e ir se arrumar, *Opa*, ou vamos nos atrasar!

Meu avô concordou, retomando o passo, mas parou outra vez. O olhar oliva estava fixo no homem desconhecido, que despontava da cozinha com ar de superioridade. Deixei um olhar cortante sobre o cão que deveria estar montando guarda... Heros respondeu na mesma frieza; afinal, conter Victor era muito mais difícil do que parecia. George subiu e desceu os olhos pela postura elegante do homem de meia idade e, com um gesto desconfiado, ajeitou a calça na cintura. Inspirei longamente, preparando-me para mais uma rodada de apresentações impossíveis.

– *Opa*, este é Victor. – Com o nervosismo correndo meu corpo, levantei o dedo para o homem de intensos olhos violeta. – Um parente próximo de Vincent.

Aquilo deveria servir, pois não havia definições para seu parentesco. Enquanto Victor inclinava a cabeça, sem demonstrar interesse pelo dono da casa, George voltou os olhos para meu rosto. A sobrancelha levantada e o olhar inquisidor perguntando sobre o significado daquela visita. Sustentei seu olhar e, abrindo as mãos ao lado do corpo, assenti sutilmente. Na legenda silenciosa esperava deixar claro: *parente de Vincent significa ser do Mundo Mágico*. Pelo visto, deu certo. George empalideceu no segundo seguinte, mas se recuperou com determinação. Um tanto agitado, posicionou-se do outro lado de Lucila, afastando-a do visitante indesejado.

– George Wels, avô de Melissa e Alice. – Meu avô se apresentou, enquanto voltava o corpo para bloquear a passagem de Victor. Sem dar chance para o visitante se pronunciar, George voltou-se para Lucila, empurrando-a de maneira gentil para o pequeno hall. – Acho que Melissa tem razão, Lucila, é melhor você e Rose se apressarem... Acabei de encontrar com Arthur na rua e ele já foi para sua casa com as roupas da lavanderia.

Fiquei impressionada com a rapidez com que meu avô encontrou a justificativa perfeita para expulsar nossa vizinha. Compreendi que isto se devia a décadas de prática em esconder a magia. Quase sorri, era bom ter ajuda para proteger as pessoas que amava.

Alheia aos detalhes imperceptíveis, Lucila baixou os olhos para o relógio de pulso com um arfar surpreso.

– Mas veja só, nem vi o tempo passar... Preciso chamar Rose! – A costureira risadinha foi disfarçada com uma espiada de canto de olho para Victor enquanto ela se apressava pelo corredor.

Nós aguardamos, em um penoso silêncio constrangedor. Quando uma cauda rítmica se agitou ao meu lado, as atenções se voltaram para o grupo que retornava... Nele encontrei o rosto cansado de minha amiga e também uma menina alinhada, limpa e graciosamente penteada até o último cacho. Precisei agradecer a Rose mais uma vez, ainda mais por conhecer a árdua tarefa de desembaraçar aquele emaranhado ruivo. Na esperança de que seu esforço durasse mais algumas horas, minha amiga se inclinou, recomendando à menina impecável que não se movesse muito. Baixei meu olhar para Heros, sabendo que ela pedia algo impossível.

Lucila ajudou com as sacolas de acessórios e, caminhando para a porta, pareceu estranhamente constrangida.

– Ah... Obrigada pela ajuda, Victor, foi muito divertido – disse, ajeitando o cabelo sobre os olhos. Voltando-se para mim e meu avô, abriu um sorriso ansioso. – Nos vemos na Casa Botânica, daqui a pouco.

Ao som das despedidas breves dos homens sisudos, assisti as duas mulheres se apressarem pela rua até a casa azul ao lado. Antes de fechar a porta, levantei os olhos para o céu salpicado de nuvens... Um dia perfeito para o fim da primavera. Hum... Apesar dos contratemplos, não tínhamos chuvas torrenciais; isso significava que os magos da montanha estavam se esforçando para controlar o humor. Balancei a cabeça. Não era para menos, já que o *problema* estava em minha casa. Lembrando-me disso, Alice correu ao meu encontro, agarrando-se à minha cintura. Com um suspiro impotente, encostei a porta, sem ter ideia do que fazer com o demônio que ainda aguardava no pequeno hall.

Minha resposta veio do lado de fora, articulada por uma voz entusiasmada.

– ... não há com o que se preocupar. Vê? Está tudo bem por aqui.

– Sim, parece que sim. – Outra voz, doce e cantante, soou conformada.

Com meia pirueta abri a porta novamente, sem esperar que as novas visitas se anunciassem. Para minha alegria, dei de cara com o elfo sorridente e a musa de Botticelli na varanda da casa amarela. Viviana estava deslumbrante em um vestido azul claro, que descia por sua cintura em uma cascata fluida; Alex, com seu sorriso contagiante, estava alinhado em um terno claro e carregava dois cabides envoltos em capas de tecido.

– Olá, Melissa, trouxemos suas encomendas! – O elfo de cabelos espetados ofereceu o volume em suas mãos.

– Espero que esteja tudo perfeito – completou Viviana.

Dizer que eu estava agradecida pela presença dos elfos era pouco. Levei as mãos junto ao coração, sentindo meu corpo formigar pelo alívio que corria em minha pele... Não só por ver os dois cabides envoltos em capas de algodão, mas por ter ajuda para lidar com o demônio dentro da minha casa.

– Agora vai ficar. – Abracei a elfo de luz, que mal teve tempo de retribuir o abraço porque meu alívio deu lugar à revolta... Encarei o sorriso escandaloso de Alex e dei um passo para fora, espremendo-me no pequeno alpendre com os elfos. – Por falar em encomendas, *quem* enviou a outra? A que Heros trouxe?

Esticando os olhos para o interior da casa, Alex pareceu apreensivo com meu tom alterado. Até mesmo uma menina maga, imperceptível na porta, colocou o dedo sobre os lábios, pedindo silêncio para meu nervoso. Contive a vontade de gritar e, vendo minha reação, Viviana deixou um olhar cortante sobre Alex.

– Eu sabia que as coisas não seriam simples assim...

Alex se remexeu a porta, desconcertado.

– Foi uma decisão compartilhada, Melissa. – Algo na voz do elfo de luz não soou convincente.

Contendo um suspiro irritado, Viviana continuou em voz baixa:

– Mas nem todos concordaram com ela.

– A verdade é que foi necessária uma votação.

Pisquei, incrédula, esforçando-me para manter a conversa afastada de ouvidos interessados.

– Sei que o objetivo de vocês sempre foi proteger a mim e à minha família... Mas, por *Deus!* Quem teve a ideia de enviá-lo para minha porta?

Viviana e Alex se entreolharam e a beldade de longos cachos loiros soltou o ar devagar. O elfo de cabelos espetados também hesitou; neste ponto, eles não precisavam dizer mais nada.

– *Airr...* O mago das sombras, não é? – A afirmação saiu como pergunta e



Alex levantou os ombros. – Eu vou matá-lo! Mas preciso me vestir antes. – Com os cabides em uma das mãos, segurei firmemente o braço de Alice e levantei o queixo para o interior da casa. – Alex, por favor, dê um jeito nisso... Meu avô também precisa se arrumar – murmurei, sem muita paciência. Voltando os olhos para a beldade loira, soltei o ar com um longo suspiro suplicante. – Viviana... Você poderia nos ajudar com os vestidos? Por favor?

A elfo de luz concordou prontamente, trocando um olhar cúmplice com seu companheiro. Deixamos Alex a meio caminho de sua tarefa e subimos a escada até meu antigo quarto. A primeira tarefa foi vestir a menina maga e, enquanto arrumávamos as camadas de seda verde ao redor de Alice, Viviana tentou justificar o que não parecia ter justificativas coerentes.

– Sei que ter Victor em sua porta foi alarmante, e não concordei com isso. Mas agora vejo que a ideia de Vincent foi realmente muito lógica. Porque até Victor concordou com ela. Por mais difícil que seja de acreditar, ele também estava preocupado com você.

*Alarmante?* O que era mais alarmante? Ter o Demônio das Sombras em minha casa, ao lado da minha família, ou saber que ele estava *realmente* preocupado com meu bem-estar? Contive um resmungo irritado enquanto fechava os botões do vestido de minha irmã.

– Apreendi algo na Dimensão das Sombras, Viviana... Um demônio nunca se importa. Não realmente. Victor será gentil enquanto lhe convier. Se sua vontade mudar, tudo muda.

Viviana ficou pensativa, parecendo concordar comigo. O que diminuía as chances de eu perdoar o mago das sombras.

– Sim, ele é imprevisível, Melissa. Mas deu seu depoimento a favor de Vincent e isso prova que, *agora*, está aqui para ajudar. – A elfo juntou as mãos à frente do corpo, encabulada com meu olhar indignado. – Mas tomamos precauções, claro. O Conselho se encarregou de providenciar mais um acordo diplomático, que garante a segurança de todos na montanha enquanto ele estiver aqui. – Viviana levantou os lábios rosados. – Nunca pensei que diria isso, mas Victor não representa um risco. Não quando temos alguém como Ludwig à solta.

Pisquei, mudando o foco, compreendendo que o mago sádico fora desmascarado... Ludwig seria procurado pelo Conselho, não poderia mais usar manipulações ou planos elaborados para alcançar seus objetivos. De repente, sua visita noturna fez muito sentido. Confirmando meu pensamento, Viviana desviou de Alice e chegou mais perto para baixar o tom de voz.

– Uma acusação vinda do senhor da Dimensão das Sombras é muito séria. É o tipo de notícia circula rapidamente no Mundo Mágico e muitos temem a repercussão dessa denúncia. De agora em diante, Ludwig e seus aliados não têm

nada a perder.

Franzi os olhos, perdida em meus pensamentos.

– O que você quer dizer...

– Não é a melhor hora para discutir isso, mas preciso concordar que as preocupações de Vincent são justificadas... Os cúmplices de Ludwig são tão perigosos quanto ele. Não concordei com o envio de Victor para cá, mas, preciso admitir, não havia muitas alternativas eficientes. Melhor ter uma visita cordial do demônio do que ter uma surpresa de algum inimigo. E, em se tratando de Ludwig, não podemos arriscar.

Fiquei olhando para o rosto de porcelana da elfo, até percebê-la confusa com minha alienação. Contornei a cama, precisava de espaço para encaixar alguns detalhes... O principal deles é que Viviana não sabia da visita de Ludwig à minha casa. E, se ela não sabia, ninguém da montanha sabia. Vincent não contou a ninguém! Todos estavam preocupados com a abordagem de algum inimigo, sem imaginar que o próprio Ludwig esteve muito mais perto da minha família do que poderiam sonhar.

Estiquei meu vestido sobre a cama com movimentos lentos, disfarçando meu choque. Olhando a trama de renda e cetim, tentei entender porque Vincent omitiu uma informação tão importante como essa. Mas... e agora? Deveria revelar que o perigo estava nos rondando? Ou deveria confiar na decisão de Vincent? Levantei os olhos para a janela, procurando uma forma de resolver meu dilema sem deixar a montanha em frenesi... O céu turquesa do outro lado da vidraça foi minha resposta. O último dia de primavera, um fim de tarde perfeito para uma comemoração especial que unia dois mundos, garantindo alianças entre Luz e Sombra. Um dia em que magos e seres da montanha estavam felizes. Ou, no meu caso e de Vincent, se esforçando muito para ficar. Mordi o lábio. Era óbvio que ele estava remediando as consequências de uma notícia como esta, e podia apostar que sua intenção não era apenas evitar interferências climáticas em nossa Recepção de Anúncio. Vincent estava garantindo que esse dia acabasse como havia começado: em paz.

– Desculpe, não queria preocupar você em um dia de comemoração. – A voz doce soou culpada. Tomando minha mão, Viviana falou como a líder dos elfos de Luz. – Saiba que providências foram tomadas desde o depoimento de Victor. O Conselho mobilizou seus representantes em todo o Mundo Mágico e está investigando o paradeiro de Ludwig. Seu desaparecimento implica em culpa, e este é o primeiro sinal de vitória. Também começamos a investigar suas alianças e, de hoje em diante, qualquer ser mágico que oferecer ajuda a Ludwig será considerado seu cúmplice. É apenas uma questão de tempo capturá-lo.

– Obrigada, Viviana.

A elfo ainda tinha os olhos em meu rosto quando soltou os ombros tensos.

– Não gostaria que isso atrapalhasse seu dia de comemoração. A intenção ao deixarmos Victor aqui foi justamente o contrário. Vocês estão seguros. E, com as novas alianças, todos nós estaremos. Acredite em mim.

Ali estava minha confirmação. Vincent não deixaria que o caos se apoderasse de um dia que deveria ser perfeito. *Deveria*. Sorri para a elfo de olhos ansiosos, mas estava decepcionada por meu consorte não me achar forte o suficiente para suportar algo assim. Nós deveríamos resolver os problemas *juntos*, porque juntos sempre seríamos mais fortes. Quando Vincent entenderia isso?

– Sabe, acho que entendo porque todo mundo tem medo desse tal de Ludwig. Eu também...

Pulei para o lado, interrompendo minha irmã de imediato.

– Alice, vamos esquecer isso. Viviana está certa, hoje é um dia de festa! Certo? – Tomando as mãos de minha irmã nas minhas, eu a girei em um rodopio, colhendo sorrisos não só dela, mas também da elfo de luz. – Oh, Alice! Você está tão linda!

Minha irmã se encolheu com o elogio, juntando as mãos sobre os babados da saia verde.

– Agora é sua vez, Melissa.

Viviana se moveu pelo quarto com meu vestido nas mãos, vindo ao meu encontro. Com sua ajuda, acomodei meus braços na renda chantili e deixei o chiffon cair sobre minhas pernas... Me aproximei do espelho na porta do guarda-roupa... Naquele momento, qualquer outra preocupação evaporou, e quase – *quase* – perdoei Vincent. Eu só conseguia pensar em minha mãe e em minha avó, em como elas ficariam felizes ao me ver com aquele vestido. Nada havia mudado no modelo original, mas o vestido de minha avó com certeza estava mais justo e mais branco do que antes. E continuava perfeito.

– Você está linda, Mel, parece uma princesa!

Com um sorriso extasiado, eu me virei de Alice para Viviana, que terminava de fechar o último botão em minhas costas.

– Obrigada, Viviana... Ficou perfeito!

– Sim, ficou. – Seu sorriso contemplativo não precisava de mais detalhes.

– Nem tanto, Tata, você esqueceu uma coisa... – Ao perceber minha irmã apontar meus pés com os olhos franzidos, lembrei-me de um detalhe não planejado: os sapatos!

Com uma careta, tive que dar razão à Rose: esse planejamento apressado poderia ocasionar muitas falhas. Fui até o outro lado do quarto e vesti minhas sapatilhas pretas, deixadas ali na noite anterior; alonguei a barra do vestido e não

me neguei um suspiro.

Alice correu para a elfo de olhos prateados demonstrando a aflição eu não exteriorizava.

– Viviana, eu não conheço feitiços pra mudar a cor dos sapatos... Você conhece?

A elfo de luz riu.

– Infelizmente a magia dos elfos não domina feitiços, ela é mais útil para manipular elementos e fórmulas. Mas, se Melissa não se mexer muito, ninguém notará o contraste.

Como se isso fosse fácil.

Soltei o ar num silvo frustrado e, segurando a saia do vestido, caminhei para a porta. Desejando mais do que nunca ter o controle de minhas habilidades mágicas para resolver problemas que seriam corriqueiros para qualquer outro mago adulto. E ali ficava uma resolução: minhas aulas de magia iriam começar o quanto antes!

Ao fim dos degraus, encontrei um rosto emocionado. George limpou os olhos e, com dificuldade, balbuciou um elogio.

– Ah... Mel... – Suas palavras engasgadas podiam soar confusas, mas as lágrimas nos olhos explicavam tudo. Limpando a garganta, George se aproximou para beijar minha testa. Desta vez, eu segurava a emoção. – Sua avó e sua mãe ficariam muito felizes se vissem você assim.

Engoli o nó em minha garganta, me esforçando ainda mais. Vi outra lágrima escorrer pelo rosto do meu avô e já estava impossível controlar as minhas. Com uma fungada, levantei o queixo.

– Acho melhor irmos logo, ou minha maquiagem não vai resistir. – Só então percebi que a sala da casa amarela estava vazia. – Onde estão os outros?

George levantou o rosto, atentando-se à beldade loira que descia os degraus atrás de mim, junto com Alice.

– Eles foram na frente. E levaram o cachorro... Graças a Deus! – George arrumou a calça na cintura, voltando o conhecido olhar oliva para meu rosto. – Depois você vai me explicar quem é aquele tal de Victor. Deste mundo ou do outro, nunca vi sujeito mais pedante.

Contive meu mau humor, assentindo rapidamente. Explicar ou não os detalhes desse dia dependia da reação de meu avô ao conhecer os *outros* convidados.

Viviana parou do meu lado e, com um afago em meu ombro, foi para a porta.

– Chegarei mais rápido mudando de forma. Encontro vocês na Casa Botânica.

A elfo se despediu de Alice com um beijo e, depois de uma reverência distante a George, abriu a porta, cruzando a pequena varanda. Quando saiu de nosso campo de visão, imaginei que já estaria na forma de borboleta. George a seguiu... Apesar das reservas, ainda era um bom anfitrião. Mas, quando notou que não havia ninguém no jardim, voltou-se para mim. Ele chegou a abrir a boca, mas desistiu em seguida. Balançando a cabeça, meu avô chamou Alice e, tomando sua mão, foi em direção à caminhonete.

Fiquei um longo minuto no hall. Sozinha. Apenas olhando a casa. Memorizando cada detalhe... Então os segui. Aquele era meu adeus à casa amarela.

## Recepção de Anúncio

NO ESTACIONAMENTO da Casa Botânica havia mais vagas do que carros, mas, levando-se em conta a origem da maioria dos presentes, isso não significava falta de convidados. Passei meus olhos pelo estacionamento mais uma vez e dei por falta de uma nova BMW preta...

– Ele está aguardando na sala reservada.

A voz entusiasmada veio dos degraus da porta de entrada e precisei um segundo olhar para reconhecer Aristela. Ela estava muito diferente com seus longos cabelos acinzentados presos em um penteado elaborado, e usava uma versão festiva do seu vestido de veludo verde. O visual com certeza a deixava mais jovem, e também mais bela do que jamais notei. Ao seu lado, como uma escolta, um gigantesco cão abanava o rabo para minha irmã. Ela correu ao seu encontro e o instinto canino fez o gigante cinza levantar as patas dianteiras para um cumprimento eufórico... Levantei as mãos, o alerta nos lábios... Aristela foi mais rápida.

– Heros! Pelos portais mágicos, deixe *ma petite* limpa por alguns minutos!

– Colocando minha irmã ao seu lado, em segurança, a maga elegante voltou-se para mim. – Ah, *chérie*, você está *magnifique*!

Depois de sorrisos encabulados meus, e saudações contidas de George, Aristela nos conduziu pela lateral externa do prédio até um pequeno pátio, a entrada dos fundos da Casa Botânica. Dali era possível ouvir a música suave que atravessava a vidraça da estufa... e também o burburinho de vozes animadas. Estiquei o pescoço por cima dos arbustos, surpresa com o vai e vem de pessoas e bandejas... Aquilo era mesmo uma festa. Cruzei meus olhos com a maga telepata. Sim, eles haviam conseguido!

– Se eu me esquecer de agradecer depois, obrigada, Aristela. Por tudo. Não sei se algum dia poderei retribuir isso! – Levantei uma das mãos para o movimento além do vidro.

Ela sorriu, chegando mais perto.

– Sou eu quem está retribuindo, *chérie*. Por nós e por Vincent. Sempre faremos tudo por nossa família.

Pisquei uma vez e, mesmo sem ser telepata, entendi: eu era uma Von Berg agora.

Um pouco atordoada, segui as mãos da maga até uma porta alta, onde George me ofereceu seu braço. Segurando-me com força, meu avô caminhou pelo corredor ladeado de arbustos altos e trepadeiras, parando em uma das salas

da Casa Botânica. Imediatamente reconheci a elegância imponente do cômodo, os móveis de madeira escura e as poltronas cobertas pelo estofado verde. Aquela era a sala escura, o escritório de Vincent. Junto à vidraça, ao fundo da sala, o mago das sombras me aguardava.

Perdi o fôlego enquanto meus olhos viajavam pela figura fascinante, era como se estivesse vendo aquele homem pela primeira vez. Acompanhei o caimento do terno perfeito, os ombros largos e o rosto intenso do mago que me olhava fixamente... Quando encontrei os oceanos turquesa, me perdi. Não consegui desviar. Eu não vi o caminho, não sabia se estava andando ou flutuando, e agradei por estar de braços dados com meu avô. George parou a dois passos de Vincent e o mago das sombras finalmente libertou meus olhos. Com uma breve reverência a George, ele me estendeu a mão.

Tentei me afastar do meu avô, mas ele me segurou com firmeza.

– Acho que já tivemos essa conversa antes, senhor Dippel, mas não custa repetir... – Meu avô limpou a garganta, alinhando os ombros. – Quero que cuide muito bem dessa garota. Ela deve ser tratada com respeito e cortesia. Isso é uma exigência.

O tom firme de George foi acatado com veemência.

– Sou capaz de dar minha vida por ela, o senhor tem minha palavra.

Mais um momento hesitante... E meu avô afrouxou os dedos.

Depois de um beijo em meu rosto, George passou minha mão para Vincent. Senti o toque quente do mago formigar em minha pele e levantei os olhos, aquilo parecia um sonho. Meu sonho. E, dentro dos oceanos turquesa, tudo pareceu distante... A voz de meu avô se despedindo, minha irmã me desejando sorte e Aristela dizendo que nos aguardava no salão. Quando uma porta estalou do outro lado da sala, a voz grave reverberou pelas paredes, estremecendo meus ossos...

– Você está linda.

Eu ouvi, e queria retribuir o elogio, mas demorei para encontrar as palavras.

– Você. Também.

O mago se curvou, parando a centímetros do meu rosto, e, olhando-me com atenção, levou uma das mãos até meu queixo. Envolvida pelo poder dos oceanos turquesa, eu me aproximei... Vi sua boca recuar.

– Acho que não devo estragar um trabalho perfeito.

Franzi os olhos, quase sem ar pela antecipação do beijo.

– Hein?

– Não vai ficar bonito chegarmos ao salão borrados de batom.

– Ah. – Eu me endireitei, respirando pausadamente para me recompor.

Passando meu braço pelo seu, Vincent perguntou:

– Preparada para os convidados?

A voz grave era suave, cadenciada, e questionava minha disposição para mais emoções. Mas, depois da manhã de estresse na casa amarela, estava pronta para qualquer coisa. Então lembrei que tinha um ou dois assuntos a discutir com o mago antes das formalidades.

Afastando-me de seu braço, apoiei as mãos na cintura.

– Por que você não avisou que Ludwig esteve em minha casa?

Pela expressão surpresa do mago ele não esperava minha pergunta, muito menos minha zanga. E, a julgar pelo olhar perdido, não tinha nem mesmo uma justificativa coerente.

– Não acredito que fez isso de novo!

– Melissa, eu...

– Você prometeu, Vincent! Prometeu não esconder mais nada de mim!

Meu olhar cortante endureceu o rosto do mago das sombras com algo perto da indignação.

– Desculpe por deixar os *problemas* longe de você em um dia como hoje, achei que já estaria nervosa o suficiente. Mas, aparentemente, você superou a fase dos ataques histéricos.

O tom irônico anulava o pedido de desculpas, e a legenda continuava a mesma.

– Sim, eu ficaria nervosa, mas não me sentiria excluída das *suas* decisões! O que não entendo é porque você me protege de alguém como Ludwig, mas me acha capaz de lidar com Victor! – Apontei, franzindo as sobrancelhas. – Diga-me... Como isso faz sentido?

Vincent colocou as mãos nos bolsos enquanto olhava a porta que deveríamos estar cruzando.

– Ficar *um dia* longe dos perigos do Mundo Mágico faz muito sentido para mim. Você deveria saber que, se não fosse seguro, jamais teria mandado Victor à sua casa.

O mago das sombras soltou o ar com força, voltando seu rosto para o meu, e lá estava a expressão doce novamente. Ele estava sendo sincero. Ainda que seu olhar penetrante tivesse um efeito avassalador sobre mim, não poderia deixar isso se prolongar... ou nunca seríamos um casal de verdade.

– E você deveria saber que sou capaz de enfrentar qualquer problema ao seu lado. É por isso que estamos aqui, porque decidimos isso: ficar juntos. Mesmo que eu sinta medo, ele nunca vai ser maior do que meu amor. E sua dúvida sobre isso tem que acabar aqui! – Levantei um dedo para indicar o acesso ao salão. – Estou a uma porta de anunciar a todos os mundos que fizemos um pacto para dividir nosso futuro, nossa vida! Mas meu juramento não valerá de nada se você não confiar em mim.



O rosto intenso pareceu abalado com a afirmação. Compreendi que, dentro dos oceanos turquesa, acontecia uma batalha fervorosa entre a culpa e seus princípios. Finalmente, com um meneio rápido de cabeça, o mago se curvou, chegando muito perto.

– Eu erre com a melhor das intenções, e você sabe disso. Mas jamais colocaria sua palavra em dúvida. – Vincent segurou meu rosto, soprando as palavras em minha boca. – Sei o quanto você pode ser forte e corajosa, e não hesitaria em confiar minha vida a você. – Ele fitou meus lábios, depois subiu os olhos para os meus, prendendo-me na profundidade turquesa. – Mas porque eu te amo, *sempre* vou colocar sua vida antes da minha. Sua segurança e integridade sempre virão em primeiro lugar. Mesmo contra a sua vontade. E você já deveria saber disso.

A intensidade daquele rosto não poderia ser discutida.

– Se vai fazer isso *mesmo contra minha vontade*, de que adianta omitir os problemas?

Levantando o canto dos lábios com um sorriso encantadoramente atraente, Vincent balançou a cabeça.

– Está bem. Você venceu... Desculpe. Não deveria ter escondido a visita de Ludwig. Prometo não omitir nenhum outro perigo ou problema, mesmo que seja algo que coloque sua vida em risco. Mas isso não vai me impedir de fazer o que *eu* acho necessário para protegê-la.

Avaliei sua seriedade mais uma vez e resolvi aceitar a proposta. Sua obstinação estava além do que eu podia lidar.

– Vou cobrar isso, mago das sombras.

O olhar turquesa viajou por meu rosto, voltando à minha boca. Desta vez, pensei mesmo que ele iria me beijar... Mas, quando o mago estreitou os olhos, o momento se foi. Soltando meu rosto, Vincent tomou alguma distância, inclinando ligeiramente a cabeça como se analisasse algo complicado.

– Espere... Como você soube que Ludwig esteve em sua casa?

Inspirei com força, restaurando meu escasso controle.

– Ele falou com Alice, perguntou por mim – falei de uma única vez. O mago arregalou os olhos. – E, por mais estranho que pareça, foi apenas isso. Ludwig teve o cuidado de confundi-la... Alice pensa que a visita dele foi um sonho. Prefiro que continue assim.

Vincent fechou os punhos e balançou-os ao lado do corpo, como se quisesse esmurrar algo.

– Isso mostra como *todos* estão iludidos! Ludwig não tem nada a perder. Vai usar tudo que estiver ao seu alcance para se vingar, vai ocultar seus movimentos, atacar quem estiver em seu caminho... Ele se tornará ainda mais

nocivo. Nada mudou! O estranho é ele ir pessoalmente atrás de você e incumbir outro para vir atrás de mim... – Descendo os olhos até meu rosto, ele continuou com a voz alterada. – A não ser que a ideia fosse exatamente essa: distração!

Balançando a cabeça, eu tentava acompanhar o discurso confuso.

– O que quer dizer? Alguém foi atrás de você?

Um pouco hesitante, o mago explicou:

– Hector tentou passar pelo Portal das Sombras ontem. Foi por isso que Armand foi até nossa casa... – Eu estava chocada, mas não deixei de corar tanto pelas lembranças quanto por ouvir a referência à *nossa* casa. – Concluímos que Hector queria se aproveitar da ausência da guarda, que estava reunida nos jardins dos Von Berg. Mas ele não contava com a presença de Armand. Nestes dias, todos estão dobrando seus turnos na vigilância. – Com uma pausa, seus olhos se perderam no vazio. – Isso explica porque Hector não se empenhou em um confronto. Seu objetivo era apenas servir de distração, porque fugir de uma luta, definitivamente, não combina com seu estilo.

– H-Hector estava atrás de nós?

– Ele estava atrás de mim, Melissa. E, enquanto o perseguíssemos, Ludwig tinha caminho livre para se concentrar em... – os olhos nebulosos voltaram ao meu rosto – você.

Engoli em seco.

– Acho que, depois do seu resgate na Dimensão das Sombras, ele não vai mais me subestimar.

– Não. E sabe que, se chegar a você, eu serei um prisioneiro obediente. – Vincent apertou os olhos. – A questão é... *Como* Ludwig sabia que você estava na casa de seu avô e não comigo?

O rosto lívido do mago poderia espelhar o meu quando nossas conclusões emparelharam.

– Há outro traidor. Um espião! – Eu arfei.

Em um segundo, mãos quentes estavam em meus braços.

– Não podemos descartar a possibilidade, mas não é hora de paranoia. Existem muitos outros meios de confirmar uma localização... com magia. Basta um pertence, algo usado por você, e um feitiço executado com perfeição.

Não me lembrava de ter deixado nada para trás em minha visita à casa do mago psicopata em Amsterdam, mas sabia *como* comecei a busca por Vincent. Se a resposta era algo semelhante a uma sereia cantando para seu espelho em um mundo submerso, eu tinha uma resposta. Ela certamente unia duas possibilidades: a traição e os meios para uma visita surpresa. Balançando a cabeça, tentei descartar a ideia. Até mesmo para mim, que não simpatizava com a figura, a traição de Ayla parecia inacreditável... Então lembrei da tristeza da

ninfa com este casamento, e percebi que minha certeza não era assim tão firme.

Levantei o queixo, me recusava a ficar parada, esperando o caos. E essa poderia ser a melhor resposta.

– Talvez devêssemos montar uma armadilha, esperar por Ludwig, enfrentá-lo. Acabar com isso de uma vez!

O mago jogou as mãos no ar.

– Grande plano. Só falta você dizer que vai se oferecer como isca. – Eu já imaginava esta possibilidade quando Vincent externou sua revolta. – Não. Nem ouse pensar em algo assim! Foi um milagre você escapar dele na primeira vez e não haverá uma segunda.

– E o que podemos fazer? Preparar minha mudança para a Dimensão das Sombras? Convidar Victor para viver conosco? – perguntei alterada, e me deparei com a expressão analítica do mago das sombras. – Por Deus, Vincent! Isso foi ironia! Você não pode estar considerando a proteção vitalícia de Victor como opção!

Com dois passos decididos, Vincent tomou minhas mãos entre as dele, levando-as para junto de seu peito.

– Melissa, vou aceitar qualquer opção que deixe Ludwig longe de nós. Ele pode ter levado minha família, mas não vou deixar que chegue perto de você. – A voz grave era extremamente séria... Tentei escapar de sua insanidade, mas ele não deixou. – Por enquanto estamos seguros. Ludwig é um lunático ardiloso, mas, pela experiência da última noite, sabemos que não vai se arriscar num confronto direto. Ele está por perto, mas só vai agir quando tiver chance. Temos que ser cuidadosos... – Ele parou, pensativo. – Principalmente quanto à nossa localização. Agora estamos em vantagem, porque sabemos *o que* Ludwig quer.

– Mas ainda não sabemos *para quê*. – Por mais que me esforçasse, minha voz soou tremida.

Nos olhos que escureciam, vi meu dilema se tornar agonia. Vincent me puxou para seu peito, apertando-me em seus braços. Seu silêncio fez todo meu corpo estremecer.

Uma tossida ecoou pela sala de madeira escura, mas os braços do mago continuaram me envolvendo com conforto e proteção. Espremida em seu peito, virei o rosto e vi cabelos louros espetados sobre um rosto quase comovido.

– Hã... Imagino o quanto este momento seja especial, mas vocês terão muito tempo para a parte romântica – Alex destacou. – E, se não estiverem pensando em fugir, temos uma pequena multidão ansiosa na outra ponta do corredor.

Antes que o elfo de luz terminasse sua colocação, uma cabeça peluda se esgueirou pela fresta da porta, acompanhado de uma menina ruiva que apoiava

uma das mãos na cintura com impaciência.

– Mel, tá todo mundo esperando!

Em apoio, um latido exigente ecoou até a grande vidraça atrás de nós.

Senti uma breve risada chacoalhar o peito do mago e, com cuidado, Vincent me afastou. Abaixando o rosto, ele encontrou meus olhos.

– Está tudo bem?

Suspirei longamente. Os problemas não nos deixariam, mas eu me sentia forte e segura ao lado do meu mago. Segura o suficiente para levantar os lábios e sorrir.

– É tarde demais para fugir.

Era uma afirmação, mas Vincent fez questão de confirmar.

– Nunca é tarde para escolher.

– Já fiz minha escolha, mago, e jamais voltarei atrás nesta decisão.

Um suspiro varreu meu rosto. Levantei uma mão até o rosto preocupado e desfiz a ruga tensa que ficava entre seus olhos. Um sorriso iluminou os oceanos turquesa e, com um beijo em minha testa, Vincent passou meu braço pelo dele, conduzindo-me para a porta que Alex abria com um floreio. Mas, antes de atravessá-la, travei meus pés no chão.

O mago das sombras franziu os olhos.

– O que foi? Mudou de ideia sobre fugir?

– Não. – Um pouco aflita, retorci meu rosto. – Mas preciso de uma ajuda com outra coisa... – Levantando a barra do meu vestido, indiquei as sapatilhas pretas com um olhar suplicante. – Você pode fazê-las combinar com o vestido?

Vincent não escondeu o humor.

– Vejo que alguém está dependente dos truques mágicos... – Ele estalou os lábios – Quem diria.

Revirei os olhos.

– Por favor.

Com um sorriso torto, Vincent fixou os olhos em meus pés.

– *Schwarz und Weiß*. – Uma pausa, e ele completou ainda em alemão. – *Um wandeln*.

Senti um aperto familiar em meus dedos e, quando olhei para baixo, lembrei-me que as facilidades da magia sempre teriam seu preço. Admirando a versão em branco dos meus desconfortáveis scarpins pretos, soltei o ar, convencendo-me de que Vincent não fez de propósito.

– Obrigada – murmurei, contendo o tom ácido.

Como resposta, um sorriso recheado de significado escureceu o olhar do mago, levando minha certeza.

Apoiei meu peso em seu braço, adaptando-me ao novo centro de equilíbrio,

e, depois de um passo bambo, Alice me ofereceu dois ramalhetes... Um com flores azuis, outro com flores violeta.

– A moça das flores não sabia qual você ia gostar mais, por isso eu trouxe os dois pra você escolher.

Observei as flores separadas por cor nas mãos de minha irmã. Suavidade e intensidade. Opostos, que combinavam muito entre si. Agora eu compreendia a beleza da dualidade e, sem duvidar, tomei os dois ramalhetes de suas mãos, unindo-os em um único buquê formoso.

Enquanto Alex ria da porta, eu levantei os ombros.

– Elas se completam. Jamais as separaria.

Vincent observou meu gesto e, levantando minha mão que repousava em seu braço, deixou um beijo delicado em meu pulso. Nos olhos brilhantes, a admiração era quase um agradecimento.

DO OUTRO LADO da porta, a magia se espalhava por todos os lados. Mas não era a magia de poderes, purpurina e bolhas de sabão... Era a magia da felicidade, dos detalhes perfeitos, do carinho planejado em cada flor, cada laço, em cada sorriso que se expandia ao nos encontrar.

Com uma pequena pausa, aguardamos que Alice e Heros tomassem a dianteira no corredor principal, nos guiando como padrinhos de uma cerimônia muito especial. Notei a música suave que nos embalava... A mesma música que Vincent e eu dançamos no baile da cidade, meses atrás. Levantei o rosto para o mago que me fitava e, com um longo suspiro, Vincent apertou meu braço no dele. Com passos lentos, o mago seguiu pelo caminho delimitado por arranjos de flores, me conduzindo até o chafariz monumental no centro da grande estufa.

Foi impossível não ficar encantada com a luz esbranquiçada que rompia o teto de vidro, destacando os tons de azul e violeta das flores distribuídas por todos os lugares. Globos pendiam do teto, suspensos por fitas, e dentro deles reconheci a chama crepitante em lilás. O efeito mágico se confundia com o céu azul além do vidro, disfarçando uma das peculiaridades mais encantadoras do Mundo Mágico. Eram muitos detalhes para se absorver; o pouco que consegui me deixou ser ar.

Voltei minha atenção aos rostos que se alinhavam no corredor de flores, os familiares e os desconhecidos. Pessoas amadas e emocionadas, como meu avô, meus amigos e a minha nova família da montanha... Mas também havia rostos curiosos, como o de Victor, e outros inconformados, como o de Lorelei. Os mais comuns eram os surpresos, como o de Célia, a secretária centenária de meu avô, a professora de Alice e o prefeito da cidade... Embora a aceitação oscilasse entre conformidade e choque na maioria deles, para mim, pouco importava. Porque eu

estava transbordando em minha própria felicidade.

Quando o som de água corrente superou a música suave em meus ouvidos, percebi que estávamos próximos do nosso objetivo. E me dei conta da figura carismática que nos aguardava. Envolto em sua túnica amarela, Alleb expandiu seu sorriso por baixo da barba branca, sinalizando para que Alice e Heros ficassem ao nosso lado. Quando paramos à sua frente, o mago ancião levantou os braços.

– Ah... Este é um momento especial. – A voz sábia elevou um tom, ganhando firmeza. – E estou muito feliz por poder participar dele!

Surpresa, entendi o que estava acontecendo... O Conselheiro de traços orientais iria comandar os protocolos da Recepção de Anúncio, que a cada segundo se assemelhava mais a um casamento convencional do meu mundo. Embora tivesse minhas reservas quanto ao ancião frágil, não pude deixar de sorrir de sua animação. Apoiando uma das mãos em meu ombro e esforçando-se para apoiar a outra na parte mais alta do braço de Vincent, Alleb continuou:

– A união de Vincent e Melissa é um exemplo de perseverança, comprometimento e determinação. A prova de que o destino pode ser audacioso, belicoso, mas muito sábio. Capaz de mudar, ensinar e fortalecer corações muito diferentes. Que carregam heranças únicas, mas possuem o mesmo poder... O Amor. – Alleb se aproximou. – E ainda não há força maior do que esta sobre a Terra.

Atenta às palavras do ancião, senti a mão de Vincent apertar a minha. Quando levantei os olhos, dois oceanos cristalinos brilhavam em um rosto emocionado. Vê-lo expor sua vulnerabilidade diante de tantas pessoas desestabilizou meus sentidos e, antes que pudesse conter, lágrimas escaparam de meus olhos. Lentamente, Vincent secou cada uma delas.

Ainda estava presa aos olhos do mago quando Alleb voltou-se para os convidados.

– Estamos reunidos aqui para presenciar o anúncio dessa união. – Retornando para nós, o ancião esclareceu. – Para que todos se tornem suas testemunhas, peço que reafirmem seus votos.

Chegando um pouco mais perto, Alleb sussurrou algo que, confesso, não compreendi. Mas Vincent assentiu uma vez, sem tirar os olhos dos meus. O mago das sombras uniu minhas mãos nas dele, e a voz grave tomou forma, retumbando de forma decidida em meus ouvidos.

– Por algum tempo, eu lutei contra meu coração pelo controle da minha vida, mas me rendi ao poder de um amor que me aceitou como sou e que nunca duvidou de suas escolhas. Com ele, descobri que não estou mais sozinho. – Com um breve sorriso nos lábios, Vincent levantou nossas mãos unidas. – Dando voz

ao meu coração, anuncio que Melissa Wels é minha escolhida. Ela é agora minha família. Meu lar. Minha força e minha coragem. Com ela dividirei meu futuro, minha sorte e meu destino. Por seu amor, jurei proteger e lutar; por ela, entreguei minha própria vida, porque ela é parte de mim e sem ela não posso existir.

Ao terminar, Vincent baixou o rosto e seus lábios tocaram minha testa.

Precisei me lembrar como se respirava.

Aquele era o tipo de declaração capaz de fazer um coração derreter e a prova disso eram os murmúrios emocionados ao meu redor. Em sua maioria arrasadora, vozes femininas. E, se a declaração entoada com sotaque pela voz grave fez efeito sobre elas, imagine o que fazia comigo. Vincent ainda me olhava fixamente e, inebriada por suas palavras, demorei a perceber o silêncio que se seguiu. Pois nada ali parecia mais importante do que o amor declarado dentro dos olhos turquesa. Somente quando Alleb tocou meu ombro, entendi que era minha vez de reafirmar meus votos do Pacto de Futuro.

Mas, como colocar em palavras toda a força que eu guardava em meu peito?

O momento apreensivo durou pouco; dentro dos olhos do homem que amava, encontrei a voz do meu próprio coração.

– Eu escolhi Vincent Dippel mesmo sem conhecê-lo. E, antes de saber, meu coração já pertencia ao seu mundo. Acreditando nesse amor, descobri minha força, minha coragem. Por ele prometi honrar e proteger. Dividir sorrisos, desventuras. Ao meu amor entreguei minhas esperanças, meu futuro... E jurei minha devoção. E assim será, por todos os dias da minha vida.

Foi a vez de Vincent se desconectar do tempo.

Depois de uma longa pausa, o mago alinhou os ombros e fechou os olhos, até que uma névoa violeta deixou seu corpo, nos circulando rapidamente com alguns pontos brilhantes. Eu me lembrava de ter visto algo semelhante quando ele me deu o anel... Ah, então aquela era a tal cúpula de juramento. E, desta vez, vi com nitidez cada detalhe da magia, mas achei uma pena que boa parte dos convidados não pudesse apreciá-la.

Prendendo meu olhar mais uma vez, Vincent continuou, usando aquele timbre único que acariciava meus ouvidos:

– Por tudo que eu sou, por tudo que represento, para honrar minha consorte e nosso amor, este é o símbolo de nosso juramento. – Abaixando os lábios até minha mão, Vincent deixou um beijo delicado na pedra negra do meu anel.

Ao fim do gesto, a névoa violeta se desfez, deixando um calor agradável no ar. Por um instante fechei meus olhos, absorvendo aquela energia *revitalizante*... Quando os abri, encontrei um sorriso reluzente em um rosto de menino. Sorri de volta, enfeitiçada pela felicidade do meu mago das sombras. Se não fosse pela

voz vívida do ancião, dificilmente notaria as outras pessoas ao nosso redor.

– Meus caros... Somos testemunhas desse amor, que nasceu pelo destino e foi selado por um Pacto de Futuro que merece toda esperança e felicidade!

Alleb se curvou devagar e algumas palmas romperam pelos arredores, multiplicando-se entre os presentes até ecoar no teto de vidro. A vibração dentro do meu peito se confundia com a felicidade que explodia em um grandioso sorriso. O mago à minha frente poderia ser meu espelho e, segurando meu rosto, levou seus lábios até os meus. Seu beijo cáldo e venerado durou pouco, mas ficaria para sempre guardado em minha memória.

Vincent deu um passo para trás e sua mão me soltou quando Alleb se aproximou para nos cumprimentar. Depois dele, Alice e Heros nos circularam com sorrisos e latidos. A família da montanha foi a primeira a nos parabenizar; o carinho de Aristela com seu protegido era comovente, e o abraço firme de Nicolau deixou claro seu orgulho. Se eles estavam satisfeitos, eu estava a ponto de me debulhar em lágrimas... Mas, antes que o estrago em minha maquiagem fosse completo, fui rodeada por mais rostos que queriam dividir minha emoção. Depois de um aperto afetuoso em George e outro em Lucila, eu me perdi entre os conhecidos... distanciando-me do meu mago das sombras.

Minutos se passaram entre os cumprimentos, até que chegou a vez dos meus amigos. Rose foi a primeira a me envolver em seus braços e, sacando um maravilhoso estojo portátil de maquiagem, secou meu rosto com um pouco de pó, retocando o trabalho quase arruinado.

– Ah... A cerimônia foi linda, Melissa, diferente de tudo que já vi – disse, guardando seu estojo na bolsa de mão. Depois, girou um dedo pela estufa de vidro. – E retiro o que disse sobre a competência dos Von Berg... Está *tudo* lindo demais!

Franzi os olhos para a sinceridade autêntica dos olhos amendoados e me espantei ainda mais com Arthur, concordando com a cabeça logo atrás dela.

– Pensei que vocês achariam tudo *excêntrico* demais.

Minha amiga suspirou, trocando um olhar significativo com o namorado, e completou:

– É claro que foi excêntrico. Mas também foi extremamente romântico!

Rimos em sincronia, porque eu não poderia discordar dela. Com um sonoro suspiro, Arthur colocou as mãos nos bolsos e, inclinando a cabeça, indicou alguém longe do meu campo de visão.

– Confesso, estou surpreso... Foi a primeira vez que a voz dele não me irritou. – Elevando o tom de descontração, indicou meu vestido. – É claro que também estou surpreso por seu vestido ainda estar intacto. Se me permite um conselho de amigo... Fique longe do bolo!



Eu deveria ficar zangada pela insinuação à minha falta de jeito, mas o fato é que já havia feito uma nota mental muito parecida... Afinal, prometi o vestido à Alice e não poderia danificá-lo. Com uma careta, eu mostrei a língua; o gesto era infantil, mas Arthur sorriu e sabia que estávamos bem.

Arthur esticou o corpo, mas, antes que meu amigo se aproximasse para *seu* abraço de felicitações, mãos possessivas se fecharam em minha cintura.

– Desculpem, mas um convidado especial nos aguarda.

Embora as palavras fossem educadas, a voz grave pareceu um tanto ríspida, carregando o sotaque. Não precisei olhar sobre o ombro para saber a quem pertencia.

Vincent me puxou para trás, coloquei minhas mãos sobre as dele, mas não me movi um milímetro. Levantando os olhos, avaliei a situação do outro lado da estufa. Victor falava com Alleb e, pela postura do ancião, era uma conversa diplomática. Quanto aos outros... Apesar da expressão apavorada de Lume, que tentava conter um cão gigante e uma menina maga antes que eles chegassem à mesa do bolo, tudo parecia sob controle.

– O *convidado especial* parece familiarizado com os outros convidados, tenho certeza de que não vai se importar em esperar mais um minuto – falei firme, virando o rosto para deixar clara minha expressão determinada ao mago de olhos violeta.

Imediatamente as mãos possessivas me soltaram, mas a estátua de preto continuava colada às minhas costas. Voltando-me para meus amigos, carreguei a voz com sinceridade:

– Obrigada por estarem aqui. Significa muito para mim.

– Só queremos que seja feliz, Mel. – Com um olhar duro, Arthur buscou a mão de Rose como apoio, e então levantou o queixo. – Você sempre vai poder contar conosco, para o que precisar.

O olhar do meu amigo passou para Vincent, sem disfarces. Aquilo era mais um aviso do que uma saudação, mas não passou disso. Meu agradecimento subiu mais um nível.

– Eu sei. E digo o mesmo. – Reconhecendo o esforço pela compreensão, estendi o farto buquê à minha amiga. – Espero que minha felicidade seja a de vocês também. – Minhas palavras escondiam mil significados, mas meu olhar carinhoso revelou todos eles.

Rose abriu a boca com uma exclamação extasiada e mais do que depressa segurou o buquê. Seus dedos deslizaram pelas flores azuis e violeta enquanto seus olhos ficaram instantaneamente mareados. Ela foi a primeira a sorrir e, abraçando o buquê com uma das mãos, laçou o pescoço de Arthur com a outra, esticando-se para dar um beijo em seu rosto. O gesto amoleceu a expressão do

meu amigo, arrancando-lhe um suspiro involuntário. Por insistência dele, os dois se afastaram entre os presentes, a caminho de uma das mesas espalhadas pelo salão. Somente quando meus amigos tomaram alguma distância, girei sobre o salto, procurando o dono das mãos possessivas... Encontrei um rosto carrancudo acima do meu.

– Pare com isso.

Vincent permaneceu impassível.

– *Eu* não fiz nada. – Seu o tom intimidador ainda era perceptível.

Estreitei meu olhar, cruzando os braços.

– Mas poderia *tentar* mais. Eles estão tentando.

Um som exasperado fez o mago dobrar o pescoço para o lado, como se fugisse do meu olhar. Encontrando sua fuga, voltou o rosto para o meu.

– Vim buscar você porque Victor está de partida, e cada minuto dele aqui é um minuto a menos da *nossa* felicidade.

Soltei os braços, desfazendo a expressão reprovadora. Sabia que ele tinha razão.

Atravessamos a grande estufa, e durante o percurso consegui ter uma panorâmica completa da decoração elaborada pelos elfos. A sequência de arranjos baixos e as velas enfileiradas em cúpulas de vidro deixou o cenário muito elegante, mas era óbvio que o tamanho avantajado das mesas, capazes de acomodar um grupo considerável, servia para separar os convidados propositalmente por núcleos de relacionamento. Isso evitava a inconveniência de assuntos incompatíveis, como fofocas sobre a família excêntrica do palacete, lendas de assombrações na montanha ou visitas de demônios e portais mágicos... Enfim. Observando a interação controlada, suspirei satisfeita. Por mais difícil que parecesse juntar pessoas tão diferentes em um único lugar, Alex conseguiu!

Acabamos nos atrasando com o senta e levanta ao redor das mesas; a cada parada, o mago impaciente se contorcia ao meu lado. Tentando compensar as caretas carrancudas de Vincent, esforcei-me na simpatia aos desconhecidos que vieram nos prestigiar... Apesar do número elevado de curiosos, eu via isso como um bom sinal. Depois do terceiro puxão em meu cotovelo, me despedi do último elfo, deixando a segunda mesa. Quase exasperada, levantei a saia do vestido para alongar o passo.

– Se você não pretendia socializar com *seus* convidados, por que se deu o trabalho de organizar uma Recepção de Anúncio?

– Pensei ter explicado antes, mas, se esqueceu, não vejo problema em lembrá-la... – Descendo a mão que me conduzia, Vincent a encaixou na curva da minha cintura e, puxando-me para mais perto, inclinou-se para falar em meu ouvido. – Para que todos saibam que você é minha.

Enquanto a voz ronronada escorregava por minha coluna, um tremor esfarelou minha irritação. Pelo sorriso convencido do mago, era exatamente essa sua intenção.

Um pouco atordoada, segui o mago até o fundo da estufa, onde o Demônio das Sombras observava o movimento das mesas com olhos atentos. Victor estava ao lado de uma das vidraças, sozinho. Ou quase. Duas sombras corpulentas mantinham uma distância segura e, ainda assim, pareciam preparados para segurar uma granada assim que seu pino caísse. Sem saber se aquilo era uma guarda formal, curvei levemente a cabeça para cumprimentar Anasor... Não pude deixar de notar que, mesmo sem conseguir esconder seu tamanho, o terno preto no lugar da armadura o deixava mais simpático. Com uma reverência educada, o líder dos elfos das sombras murmurou suas felicitações, mas logo voltou à posição atenta, fazendo justiça à sua essência de guardião.

Sem tanta cerimônia, Félix deixou seu posto e, apoiando as mãos nos bolsos, veio ao meu encontro.

– É bom ver esse sorriso – disse com uma piscadela, ignorando a carranca do mago das sombras.

Assenti, satisfeita pela descontração do líder dos elfos de fogo.

– Se não tivermos mais nenhuma outra *visita-surpresa*, meu sorriso vai durar por um bom tempo. – O tom cansado foi quase inconsciente.

Um mago tossiu ao meu lado e então compreendi que, com exceção de Armand, as visitas de Hector e Ludwig ainda eram desconhecidas aos outros integrantes da montanha. De qualquer forma, o sinal dissimulado não foi perdido pelos olhos alaranjados. Instintivamente, Félix espiou o demônio a alguns metros e a tensão endureceu o rosto marcante do elfo. Preparando-se para o próximo movimento, ele soltou o botão que fechava o terno de alfaiataria enquanto se curvava para mais perto.

– Que outra visita a surpreendeu?

Ignorando o mago que se apossava do meu braço, abri os lábios para responder... Era estranho admitir, mas eu simpatizava demais com o elfo de olhos alaranjados para mentir para ele. Além de não concordar com o sigilo de Vincent, omitir essa informação poderia colocar muitas vidas da montanha em risco. A meu ver, era hora de informar a guarda dos jardins dos perigos que nos rondavam; afinal, todos precisavam estar preparados para imprevistos... Mas, antes da primeira sílaba, minha explicação foi frustrada por uma voz grave.

– Quase todo o salão, é óbvio. – Vincent levantou uma das mãos para as mesas retangulares atrás de nós. – Não esperávamos que *todos* os convites fossem aceitos. Principalmente no Mundo Mágico.

Levantei o rosto ainda com a boca aberta, o olhar de Vincent me devolveu

um alerta. Félix observou o gesto e, passando os olhos por meu rosto, não pareceu convencido. Mas o mago das sombras não daria chances para especulações.

– Será um desafio essa celebração acabar antes que alguém cometa uma indiscrição.

Como costume, o tom ríspido do mago teve efeito característico sobre o elfo, despertando antigas rivalidades. A preocupação se foi e Félix espremeu as labaredas amarelas. Balancei a cabeça, percebendo que esse era exatamente o objetivo de Vincent. Este tipo de manobra manipuladora distraía o oponente, atraindo-o para seu mau humor, distanciando-o de seu objetivo... Com surpresa, notei que o mago a usava com frequência. Inclusive comigo!

Rendendo-se à ira, Félix levantou o queixo.

– Devo lembrá-lo de quem foi a ideia de unir estes convidados?

Vincent alinhou os ombros, respondendo no mesmo tom.

– E devo lembrá-lo de que graças a esta comemoração tivemos um depoimento que lhe garantiu o nome de um assassino? Todos aqui tínhamos objetivos, *elfo*.

Félix tensionou o maxilar, segurando sua resposta. Quando falou, seu tom era mais controlado... ou conformado.

– Estamos controlando a movimentação, *mago*. Os convidados da montanha foram avisados, um a um, sobre a interação com os membros da cidade. Além disso, se não percebeu, todos devem ser discretos quanto à sua aparência e, com exceção do uso cerimonial, a magia está terminantemente proibida.

A voz ressentida me deixava culpada, mas para Vincent não parecia fazer diferença. Com um passo ele pressionou a mão em minhas costas, para que eu me movesse também. Mas, antes, precisava me desculpar pela omissão e alertar o elfo de fogo do perigo que ele desconhecia.

– Sei que estamos em circunstâncias desfavoráveis aqui... – Levantei a cabeça, indicando Victor. – A comemoração está atrasando as buscas por Ludwig e imagino o quanto vocês desejam ir atrás dele. Acredite, dividimos a mesma ansiedade. Tudo que queremos é que a justiça seja feita, foi por ela que lutamos até agora. – Soltei o ar, cansada, tocando o braço do elfo para dar ênfase às minhas palavras. – Mas também sei que estamos seguros com a presença de vocês... Jamais esquecerei o empenho de tantos amigos. Obrigada.

Félix deu alguns tapinhas em minha mão, e a sombra de um sorriso pintou seu rosto.

– Proteger sua herança é nosso dever, Melissa. Assim como os moradores da montanha. Mas não é apenas por isso que estamos aqui... Você conquistou

nossa amizade. E isso a torna especial.

Corei, recolhendo minha mão, e um mago se remexeu atrás de mim. Eu não podia vê-lo, mas sabia que ele estava balançando a cabeça.

– Definitivamente, é um alívio saber que nenhuma bola de fogo vai flutuar sobre a louça. – A voz grave desdenhou, e fiquei na dúvida se aquilo era mais uma distração ou uma provocação.

O fato é que, depois de todo o seu empenho, isso não era justo com Félix. Tomando as dores do elfo, olhei Vincent com uma expressão reprovadora, alertando o mago taciturno sobre os limites tênues da socialização. Sua resposta foi um suspiro impaciente, que praticamente gritava para que eu acabasse logo com aquilo.

– O que Vincent quer dizer é... *Obrigado*. Somos agradecidos por vocês cuidarem da segurança dos convidados da cidade, e também por garantir que *todo* o resto fique sob controle. – Indiquei Victor mais uma vez.

Se Félix continuava irritado, disfarçou bem.

– Algumas concessões são necessárias. – O elfo desviou o olhar flamejante de Vincent, pousando-o sobre mim. – Embora algumas pessoas arquem com uma sobrecarga maior do que outras.

O líder dos elfos de fogo inclinou a cabeça com uma reverência, unindo-se a Anasor. Acompanhei as mãos de Vincent, mas fiquei confusa com o olhar solidário de Félix. O curioso é que eu reconheci o mesmo olhar em outros rostos... Surpresa, percebi que a comiseração era a única coisa em comum entre os convidados ao nosso redor. Lembrando-me das expressões pouco simpáticas que o mago carrancudo lançou para o prefeito, a assustada professora de Alice e alguns outros elfos durante os cumprimentos, eles deveriam mesmo achar que eu era um tipo de mártir para me unir a alguém tão irascível quanto Vincent.

Com a distância, murmurei para o mago carrancudo:

– Pensei que, depois da cerimônia, poderíamos avisá-los sobre o que aconteceu na noite passada.

– Não.

– Mas, Vincent...

O mago virou rapidamente, colocando-se à minha frente para captar meu olhar.

– Por enquanto não precisamos de mais alarde. O Conselho está caçando Ludwig e, como você sugeriu, a guarda dos jardins vai se unir a eles assim que a recepção acabar. – Vincent apertou os lábios em uma linha fina, baixando ainda mais sua voz. – Se alertá-los sobre a visita de Ludwig, vai alertar também seu informante. Não quero afugentá-lo. Prefiro estar um passo à frente.

Corri os olhos pelo movimento na estufa.

– Você acha que o traidor está aqui?  
– Não posso descartar a ideia. Mas, se ele existir, ou se estiver aqui... Sou eu quem vai caçá-lo.

Avaliei o rosto acima do meu; nele, a desconfiança dividia espaço com teorias. Ele estava usando a recepção para estudar o comportamento de todos os presentes e, depois da última decepção com Lúcius, não excluiria nenhuma opção. Isso reacendeu *minhas* suspeitas...

– Não vi Ayla. Será que ela não veio porque está aborrecida ou muito enciumada?

O olhar confuso do mago tornou-se crítico, deixando transparecer sua indignação com a sugestão.

– Ela não queria causar escândalo. – Sua explicação chegou a me surpreender, mas sem demora Vincent incluiu justificativas que, para mim, continuavam suspeitas. – Como Félix disse, a magia está proibida e todos da montanha precisam ser discretos. Mas, sem magia, é impossível para Ayla esconder sua aparência de ninfa. Ela jamais perderia nossa comemoração sem um motivo. A prova disso é que deixou suas felicitações.

A certeza dominava os olhos turquesa. Pelo visto, *todos* eram suspeitos, exceto a sereia. Algo incômodo ardeu em minha garganta.

– Você falou com ela?

Vincent entortou os lábios de forma irritante enquanto passava meu braço pelo dele.

– Ela veio me encontrar mais cedo e disse que já havia cumprimentado você ontem.

Engoli o nó incômodo, mas não consegui disfarçar um resmungo.

– É. Ela pareceu muito sincera.

Vincent ia dizer algo, mas um rosto tão aborrecido quanto o meu se colocou à nossa frente. Com a postura rígida, Lorelei parecia estar realmente desconfortável; para se tornar um objeto inanimado, só faltava soltar gelo pelos olhos. Depois de uma pausa analítica a Deva forçou as palavras, como se elas demandassem grande esforço.

– Não creio que felicitações caberiam em minha sinceridade. Espero apenas que entendam as consequências do que acabaram de anunciar. E que estejam preparados para cumprir o destino dos opostos, a destruição.

Sem acrescentar nem mesmo uma respiração, Lorelei nos deu suas costas, deixando dois rostos atordoados para trás. Na verdade, Vincent estava mais cético do que abalado. Eu não poderia estar mais decepcionada ao verificar que nem mesmo um grande gesto romântico foi capaz de amolecer minha *tia*. Bufei, pronta para colocar minha frustração para fora, mas a primeira palavra não foi

minha, muito menos de Vincent...

– Vejo que os Deva originais não perderam seu rancor. – A voz do demônio era quase saudosa e, pelos olhos curiosos, algo me dizia que ele nos observava há bastante tempo.

Lancei um último olhar para a mulher de formas graciosas e cabelo amendoado que deixava a estufa pela porta principal.

– Acho que Lorelei não gostou muito de receber uma herdeira – justifiquei, como se fosse meu dever defender minha linhagem.

Victor chegou mais perto, olhando-me com atenção.

– A semelhança entre vocês é inegável, mas, acredite, vocês são muito diferentes, meu Anjo. E Lorelei já sabe disso. – Ele continuou sua avaliação e isso incomodou o mago das sombras, que colocou as mãos em minha cintura. Victor recebeu a reação de *seu* herdeiro com um sorriso misterioso. – Mas não se sintam privilegiadas, a antipatia dela não se restringe apenas a você. É fato que os Deva nunca simpatizaram com sua própria família, tendo-se em vista o número de deserções. Embora a impetuosidade e a audácia sejam traços de sua herança, suspeito que sejam ainda mais marcantes em sua tia.

Victor me olhava com certa ironia, como se tivesse omitido algo crucial de propósito; agora esperava ansioso que eu mordesse a isca. Fixei meus olhos nas labaredas violeta... ponderando se devia. Um aperto em minha cintura trouxe a decisão. Eu sabia que aquele era o sinal de Vincent para que eu me calasse, mas estávamos falando do lado misterioso da minha família e não consegui resistir ao jogo do Demônio das Sombras.

– Ela e meu pai não se davam bem?

– Vamos dizer que os princípios da Deva Lorelei não permitem que ela se relacione com ninguém além dela mesma.

Antes que o aperto de Vincent virasse um hematoma, afastei-me de suas mãos. De qualquer forma, não pretendia continuar; as palavras de Victor já haviam confirmado o que eu imaginava. Percebendo o silêncio desconfortável e as expressões alertas, o Demônio das Sombras deixou escapar um suspiro frustrado, voltando à sua expressão entediada.

– Bem... Meus bravos herdeiros, já vi tudo que precisava. Devo admitir, foi tudo muito mais *divertido* do que imaginei.

Um pouco mais calma do que o mago ao meu lado, forcei um sorriso cordial.

– Agradecemos sua presença, Victor. E também a gentileza de dar seu depoimento ao Conselho.

– Presenciar esse evento foi uma oportunidade única, Anjo, pode ter certeza. – Victor levantou uma sobrancelha, marcando os olhos violeta. Usando

o mesmo tom misterioso, falou diretamente a Vincent. – Quanto ao Conselho, bem, eles deveriam esperar que eu defendesse meu herdeiro de linhagem.

E foi minha vez de franzir as sobrancelhas... O comentário do Demônio das Sombras não tinha muita lógica, uma vez que ele acusara Ludwig, que também compartilhava sua linhagem... Com um insight eu ofeguei, chocada. O Demônio das Sombras havia feito uma escolha.

Ao meu lado, Vincent limpou a garganta, afastando-me cuidadosamente. Tensionando cada músculo do corpo, o mago das sombras alinhou os ombros, como se precisasse de um segundo antes de responder.

– Sou agradecido por isso.

Victor assentiu. Mais satisfeito do que jamais vi.

– Vocês são a prova de que sempre haverá dois lados de uma história. – O demônio se curvou em nossa direção. – E agora posso provar isso. Ao contrário do que alguns afirmam, o destino dos opostos não é o caos, mas a própria criação.

Levantei os olhos para Vincent; o mago estava petrificado, concentrado na charada à sua frente. Victor aproveitou a perplexidade do mago e tomou minha mão com um floreio amistoso.

– Fico muito satisfeito por você ter aceitado meu herdeiro, Anjo. – Encostando a testa em minha mão, Victor se afastou. – Esta união renova a história. Que seja o começo de um novo Mundo Mágico.

Foi minha vez de perder parcialmente os sentidos diante dos poderosos olhos violeta. Depois do meu lapso, percebi que ainda encarava as labaredas incandescentes no rosto perspicaz. Com toda minha determinação, desviei meus olhos para Vincent. Ele dividia minha expressão atônita, que anulava qualquer comentário questionador. Porque o receio de uma resposta era mútuo.

Parecendo satisfeito com nossa perturbação, Victor se afastou.

– Apreciem meu presente. Imagino que ele será de grande utilidade num futuro próximo. – Com um sorriso, Victor uniu as mãos nas costas. – Ah, sim, e me convidem novamente para este futuro.

Depois da frase enigmática, o demônio caminhou até a singela sombra da porta e mergulhou nela. Pisquei para o movimento inusitado e, apressada, olhei em volta, buscando olhos sorrateiros. Para meu alívio, a atenção dos convidados estava voltada para a refeição servida à francesa nas grandes mesas. Quase que instantaneamente, duas figuras musculosas estavam ao nosso lado. Félix e Anasor faziam perguntas a Vincent e, pela insistência, começavam a ficar aflitos com o silêncio do mago.

Percebendo que Vincent não deixaria seus pensamentos, me dirigi aos elfos.

– Victor se foi, simples assim. Não sei como ele conseguiu com tão pouca



sombra... Mas, sendo quem é, devemos dar algum crédito.

– E sua partida foi definitiva? – Eu podia notar a tensão na pergunta de Félix, mas não tinha mais do que minha intuição.

– Creio que não vamos vê-lo por um bom tempo.

A troca de olhares entre os elfos foi significativa. Duvidando dos meus olhos, acho que vi Anasor relaxar os ombros.

– Vou reportar o fato ao Conselho. – A voz poderosa do elfo das sombras acompanhou um sinal para Félix. Em seguida, Anasor curvou a cabeça brevemente e nos deixou.

Ainda incomodado com o estado catatônico de Vincent, Félix colocou a mão em meu ombro, franzindo as sobrancelhas.

– Victor criou algum problema?

Eu deveria responder, mas, de algum modo, a proximidade do elfo de fogo bastou para despertar o mago das sombras.

– Nada além dos que já existem. – Com um gesto rápido, Vincent me laçou pela cintura, falando diretamente ao elfo. – Mas, se puder incluir a família de Melissa na vigilância da guarda, ficarei grato.

A mudança no tom do mago era notável e, pela expressão de Félix, ele a percebeu também. Limpando a garganta, o elfo de fogo concordou prontamente.

– Sim. Claro. – Passando os olhos alaranjados por meu rosto, Félix ainda buscava algo... Se ele captou minha dúvida, não insistiu. – Se me derem licença, vou integrar a guarda. Tenho certeza de que Alex e Viviana são capazes de cuidar das coisas por aqui.

Esforçando-se na naturalidade, o elfo se despediu, caminhando entre as mesas com certa pressa. Sem perder tempo, Vincent me levou para o centro da estufa, onde um grupo talentoso de elfos dedilhava um conjunto de cordas. Tomando fôlego, deixei que o som dos violinos penetrasse na minha pele, estabilizando meu pulso acelerado. Em sincronia, as mãos do mago se acomodaram em minha cintura, enquanto seu calor comandava o movimento da dança. Levada pelo embalo suave, levantei a cabeça, e nos olhos violeta vi meu próprio temor... Sim, nós éramos a lenda. Luz e Sombra. O herdeiro escolhido pelo Demônio das Sombras e a última herdeira dos Devas. Nossa união era como a profecia que, uma vez, separou o Mundo Mágico. Agora, poderia destruí-lo. Mas... como? Ainda dentro dos olhos violeta, eu vi a mim mesma, minha coragem, minhas promessas, e encontrei as de Vincent. Nosso sentimento estava marcado pela esperança, e ela era a resposta. Nosso amor nunca foi o problema, mas a solução. E, segundo Victor, ele também poderia ser a criação. Uma nova esperança! Inspirei longamente, sem deixar espaço para a dúvida, porque, de agora em diante, esse seria o único caminho aceitável.

Mas a confusão ainda imperava no rosto acima do meu. Para acalmá-lo, deixei meus dedos subirem pelos ombros largos, até que acomodei minhas mãos no rosto incerto. Meu afago foi recebido com um sorriso. Ainda estávamos em silêncio e, com um carinho em minhas costas, Vincent se aproximou para beijar meus cabelos. A reciprocidade do gesto consolador provava que o mago estava tão assustado quanto eu.

– Nosso amor não é errado, Vincent.

– Sei que não... – Nos olhos que clareavam havia um implícito *mas*.

– Então qual o motivo disso? – Com um dedo, toquei a ruga entre suas sobrancelhas.

Vincent pegou minha mão, apertando-a em seu peito.

– Ainda estou tentando decifrar o outro lado da charada... O interesse de Ludwig em nossa união.

Ponderei, enquanto balançávamos suavemente pelos acordes do violino.

– Acho que entendi a primeira parte... O motivo de tanta perseguição. Ludwig queria a preferência de Victor. O título de herdeiro. Como o próprio Victor disse em minha visita, Ludwig sempre teve planos de alcançar o poder, tomar seu lugar na Dimensão das Sombras. Ele deve ter ficado furioso ao perceber que você era um dos candidatos favoritos a herdeiro. E, como o próprio Ludwig declarou em Amsterdam... o mais novo deles.

Vincent ouviu com a mesma expressão incrédula de antes, mas, por fim, concordou com o que parecia ser a única explicação. Estar certa não foi gratificante.

– Confesso que ouvi alguns rumores pela Terra das Sombras, mas, justamente por ser o mais novo dos magos das sombras, achei que era impossível. Isso me levou a acreditar que o boato era mais uma justificativa para perseguições e exclusões. O mais estranho nisso é que Victor sabe... Ele sabe que neguei minha herança. Nunca foi segredo que meu desejo é ficar na montanha com os Von Berg, o mais longe possível de quem fui. – Os olhos turquesa se fixaram em meu rosto com temor. – Essa preferência de Victor não faz sentido... Por que o líder dos demônios escolheria alguém desinteressado para sua sucessão?

Soltei o ar quando tudo começou a ficar claro.

– Justamente por você estar desinteressado. Como o filho dele. O primeiro mago das sombras não queria poder, não queria sua herança. Lembra-se?

Vincent baixou os olhos, avaliando a conclusão. As coisas pareceram claras para ele também.

– Para um mago controlador como Ludwig, conhecido por sua arrogância, deve ter sido um golpe duro ver seu discípulo renegado se tornar o favorito na

linhagem das Sombras. – O sabor de uma vingança se destacou no rosto atordado.

– E, como o mago ardiloso que é, ele acabou usando isso para seu próprio benefício. – Balancei a cabeça. – Ludwig não hesitou em levar você para a Dimensão das Sombras porque sabia que Victor não negaria ajuda a um herdeiro. Principalmente a um favorito. De qualquer forma, ele já havia encontrado outra forma de chegar ao controle da Dimensão das Sombras... Absorvendo e ampliando seus poderes, tentando se equiparar a Victor.

Vincent me apertou em seus braços.

– Mas houve um momento em que ele desistiu de eliminar a concorrência e mudou seu plano.

Segura nos braços do meu mago, esforcei-me para completar sua constatação, mergulhando nas memórias do encontro em Amsterdam... *Observar vocês na Terra das Sombras revelou esse pequeno detalhe. Algo tão natural e previsível que faz tudo voltar ao princípio. Único. Poderoso. Supremo... Uma união assim é rara e não gostaria que nada a impedisse.* Parei a dança, fazendo Vincent parar comigo.

– Quando descobriu que você tinha uma coisa que ele não podia ter. – Buscando os olhos turquesa, falei num sopro. – A ponte capaz de unir duas linhagens tão diferentes, poder em dobro para sua absorção. – Indiquei a pouca distância entre nossos corpos para exemplificar minha resposta. – Se nossa união é o presságio de uma nova era no Mundo Mágico, de caos ou criação, Ludwig acredita que isso aumenta nossa energia mágica. Não há mais dúvidas... Ele quer absorver o poder das nossas duas linhagens até a última gota de vida.

Os oceanos turquesa estavam fixos no meu rosto e o calor de suas mãos aumentou em minha cintura.

– Ele não vai. O jogo mudou, sabemos o que ele quer. Ludwig não está mais no controle. Para absorver meu poder e o que resta do seu, ele precisa vir até nós. Agora, estarei esperando.

Eu confiava no meu mago para nos defender, mas havia muitas vidas envolvidas nessa história. Vidas que eu amava.

– *Estaremos.* – Eu o corriji. – Juntos, podemos enfrentá-lo.

Silêncio. Olhos conectados. E um suspiro vencido varreu meu rosto.

– Por que não estou surpreso?

Aliviando a tensão da conversa, encostei meu rosto em seu peito e, suavemente, voltamos aos movimentos orquestrados. Como um sussurro, seus dedos subiam e desciam na renda das costas do meu vestido, a delicadeza do gesto conflitava com a inquietude em meu coração.

– O que você vai fazer sobre a herança de Victor?

– Nada.

Eu me desencostei dele, incomodada com a passividade em sua voz.

– Como, nada? O Demônio das Sombras espera que você aceite uma Dimensão inteira como legado e você não vai fazer *nada*?

O mago apertou os lábios, desaprovando meu tom esgoelado.

– Victor é imortal, Melissa... Jamais deixará o trono da Dimensão das Sombras. O título de herdeiro representa sua sucessão, mas não muda muita coisa.

Mordi o lábio.

– E se ele resolver se aposentar e tirar férias?

O mago não resistiu à gargalhada e, apertando-me contra seu peito, falou em meus cabelos:

– A herança faz parte do pacote nessa união, mas nada vai me fazer ficar longe de você novamente. Eu juro.

– Não precisa jurar. Eu acredito em você.

Mão decididas levantaram meu queixo e os penetrantes olhos turquesa dominaram meu mundo enquanto a voz grave reverberava em minha pele.

– Obrigado por não duvidar.

– Obrigada por não me trocar por um trono.

Um sorriso brincou em seus lábios.

– Esqueço o trono se você não me trocar por uma cadeira no Conselho.

Eu me afastei, piscando.

– Eu? Não sou qualificada para isso... De jeito nenhum! Além disso, algo me diz que Lorelei gosta demais do poder desta *cadeira* para abrir mão dele.

Vincent assentiu uma vez.

– Você tem razão.

– Eu *sempre* tenho.

Ele balançou a cabeça, mas não disse nada. Porque tinha outros meios para me convencer. Envolvida pela intensidade turquesa, fui atraída para seus lábios. Mas o beijo suave foi interrompido por um latido agudo que ecoou praticamente dentro do meu ouvido.

– Está na hora do bolo, Mel! Você precisa provar, dessa vez o Armand caprichou!

Pisquei uma vez, não queria nem saber como minha irmã já sabia o gosto do bolo que eu nem havia partido... Mas a surpresa ao comentário se deu por outro detalhe. Pelo silêncio de Heros, ele também notou a naturalidade na voz de Alice ao se referir à sua forma humana. Vincent, no entanto, nem notou a mudança.

– Mas nós nem provamos o jantar, Alice.

Alice cruzou os braços, lançando um olhar acusador para o cão ao seu lado.

– Você não está perdendo nada. Primeiro serviram um monte de coisinhas enfeitadas, depois uma sopa verde muito estranha. A tortinha de queijo que eles chamam de quiche até que estava gostosa, mas eu ainda preferia uma lasanha.

Um bufo canino chegou até nós em tom de indulgência. Pisquei uma vez, passando os olhos para o cão encantado com um sorriso agradecido... Entendendo que, pela descrição de minha irmã, Armand recriou o cardápio do meu primeiro jantar com Vincent no Bistrô das Sombras. Era um presente tocante.

Incentivada pela paciência de Armand, voltei-me para a menina insatisfeita.

– As coisas enfeitadas são *petit* porções, Alice. Pelo que conheço do cardápio, ele é muito saboroso. Tenho certeza que todos adoraram. Além disso, o bolo é reservado para o final da festa.

Alice voltou-se para Vincent.

– O jantar já acabou faz tempo. O que você prefere? As coisinhas enfeitadas ou chocolate?

Ninguém precisaria responder, porque minha irmã sabia a resposta.

– Acho que tem razão, Alice. Todos estão ansiosos pela *melhor* parte da festa.

Depois do súbito incentivo do mago das sombras, nos juntamos à Aristela ao redor da mesa principal. Precisei considerar a hipótese de tudo aquilo ser uma miragem. A mesa coberta por linho branco estava forrada de doces, em sua maioria elaborados com chocolate, organizados metodicamente em bandejas de prata. Iluminando as iguarias, conjuntos de castiçais cercados por arranjos floridos, e, no centro, a magnífica escultura branca de três andares. Tive pouco tempo para admirar o exímio trabalho do mago encantado metido a *chef*, porque o coro de vozes exigia com ansiedade que partíssemos o bolo.

Lembrando-me do alerta de Arthur e de minha própria nota mental de preservar o vestido de minha avó, dei um passo para trás, deixando Vincent assumir o controle da espátula de prata. Com extremo cuidado coloquei minha mão sobre a dele para fazer um único desejo... que seu sorriso fosse eterno.

A primeira fatia foi degustada em conjunto, e descobri, assim como Vincent, que a cobertura de mascarpone apenas adulava o chocolate intenso. Armand era um gênio! Extasiada com a sincronia em minha boca e admirando o bom humor que iluminava o rosto do meu consorte, estiquei-me para um beijo em seu rosto; o gesto foi elogiado pela plateia.

– Sei que também gosta de chocolate – falei baixinho.

Vincent baixou o rosto, para responder no mesmo tom.

– Sim, gosto. Mas há algo ainda melhor neste bolo. – Ele chegou ainda

mais perto, soprando em ouvido... – Ele encerra a festa.

O mago deixou um beijo na pele sensibilizada pela voz grave e afastou-se em seguida. Afetada pela constatação e pelo beijo, esforcei-me para engolir o restante da iguaria. Atento a cada reação, Vincent levantou um dedo para limpar a junção dos meus lábios, depois o levou à boca... Com um sorriso, o olhar turquesa faiscou com legendas significativas.

– Podemos ir?

Engasguei vergonhosamente.

– A-agora?

Dentro dos olhos intensos, vi meu reflexo e também minha resposta. Ainda assim, o mago articulou com lábios tensos... Uma respiração, uma palavra.

– Agora.

Concordei. Um tanto abobada. Libertando-me de seu poder hipnotizador, Vincent se afastou para falar com Aristela e aproveitei a deixa para procurar por minha família; de repente, estava muito ansiosa para encerrar a comemoração.

Tentei me despedir de todos os rostos familiares, pelo menos dos que consegui encontrar. Exagerando nas recomendações, deixei um beijo na parte limpa da bochecha de Alice e, avaliando o estrago, percebi que Lume havia desistido de tentar controlar a dupla incontrolável. Suspirando longamente, voltei-me para George... Aquilo não era uma despedida, mas as palavras me faltaram e deixei em um abraço todo meu carinho e gratidão. Meu avô retribuiu com a mesma intensidade.

– Pelo que Aristela disse, vou demorar para vê-la de novo. Então, se cuide. Divirta-se na lua de mel.

Afastei-me de meu avô, surpresa por ele saber mais do que eu.

Sem espaço para questionamentos, fui esmagada pelos braços maternos de minha vizinha. E, aproveitando a oportunidade, pedi que ficasse de olho nos moradores da casa amarela. Com um sorriso reconfortante, Lucila limpou os vestígios de chocolate dos cabelos de minha irmã. Não escondi minha gratidão. Ao meu lado, uma cauda impaciente se fez notar; com um carinho exagerado nas orelhas peludas, agradei ao mago encantado pelos detalhes do cardápio especial. Depois, roguei para que ele tivesse paciência com a menina agarrada a seu pescoço. O som afogado que escapou entre seus dentes caninos lembrava um *sim*.

Vincent retornou, escoltado por seus tutores, sua família... Que agora também era minha família. Aristela e Nicolau nos desejaram boa viagem, e compreendi que estávamos de partida para um destino que não era a montanha. Não deveria estar surpresa; afinal, para todos os fins, esta era minha lua de mel... Certo? Minha temperatura subiu, aquecendo meu corpo... Certo.

Encurtando as despedidas, Alex e Viviana nos conduziam para o fundo escurecido da estufa, livre dos olhares curiosos dos convidados... O que facilitava uma partida mágica. Sem perder tempo, o mago das sombras apertou minhas mãos, mas as soltou em seguida. A profundidade dos olhos turquesa lembrava vidros transparentes, mas a ousadia de minutos atrás não estava mais lá.

– Está pronta para ir? – Em sua voz estava a euforia do menino que vivia sua felicidade, mas também a incerteza de um homem que não estava certo do que fazer com ela.

Encantada pelas muitas facetas do mago à minha frente, eu sorri, devolvendo o aperto em suas mãos. Poderia perguntar para onde estávamos indo... mas realmente importava? Eu estava com meu amor, o dono do meu coração. Meu consorte. Meu futuro. E ao seu lado era onde eu queria estar.

Uma respiração, uma palavra.

– Sim.

Vincent me levou para dentro do escritório e fechou a porta atrás de nós.

– Segure firme.

O sotaque arrastado reverberou pelo breu, mas o calor de suas mãos dizia que ele estava muito perto. Vincent colocou os braços ao meu redor, puxando-me gentilmente ao encontro de seu peito. Eu me apoiei nele, agradecida por meu mago das sombras ser grande demais.

## Luz de inverno

A VIAGEM foi um pouco mais longa desta vez, e isso não ajudava minha ansiedade. Durante os minutos que se arrastavam, busquei uma pista de nosso destino... Mas, além do familiar vento gelado que rodopiava ao nosso redor, o resto pareceu ainda mais confuso. Uma sequência de sensações distintas que traziam cheiros e sons conflitantes. O contorno de curvas quentes se sobrepunha a depressões frescas, flashes de montanhas úmidas se misturavam com ruínas antigas... Um pouco zonzona pela velocidade do vento, fechei os olhos. Quando finalmente emergimos, precisei piscar algumas vezes para ter certeza de que a escuridão ao meu redor não era consequência da viagem. Não demorou para que as estrelas brilhantes e o ar gélido confirmassem domínio da noite.

Vincent se afastou um pouco tenso; sem o abrigo de seus braços, precisei me encolher para proteger o corpo do ar gelado. Sua distância revelou a estrutura que nos cercava: um estreito alpendre erguido em pedra, que se unia à construção reforçada. Estiquei os olhos para a sombra do jardim impecável e arfei brevemente, reconhecendo a casa antiga e bem conservada que ainda era muito familiar. Em silêncio, Vincent se concentrou na porta branca e ouvi o trinco escorregar na fechadura. Eu me aproximei, ainda sem acreditar que estávamos de volta à casa de seus pais, na Alemanha.

– Não pensei que voltaria aqui em tão pouco tempo.

Uma mão quente tocou meu ombro e, mesmo sobre a renda do vestido, foi capaz de aquecer minha pele até o pescoço.

– Esta será nossa segunda casa, nosso refúgio. – Abrindo a porta com um floreio ele completou. – Seja bem-vinda.

Seguindo o comando de suas mãos, pisei dentro da casa, que parecia aquecida e aconchegante, como se aguardasse nossa chegada. Vincent encostou a porta e descobri que seu sorriso triunfante significava outras surpresas. Quando as arandelas iluminaram o interior da casa esquecida pelos anos, vi que ela estava muito diferente... Móveis confortáveis ocupavam a sala de estar e o cheiro de tinta fresca deixava no ar a lembrança de algo novo. Dei dois passos pelo grande tapete central, passando os olhos pela mesa de jantar do cômodo ao lado, depois acompanhei a escada que se desdobrava até o andar superior. O revestimento de madeira e as conhecidas cortinas volumosas continuavam lá, mas, somados ao conjunto, tornavam a casa muito mais convidativa e desejável.

– Vejo que providenciou algumas mudanças aqui também – falei, indicando os móveis. Com um suspiro, procurei me integrar ao ambiente acolhedor. – A



casa era perfeita antes, mas agora se parece com um lar.

Vincent não disse nada, apenas se aproximou com passos curtos. Avaliando meu rosto, o mago tomou minhas mãos nas suas e, unindo as sobrancelhas, seus olhos procuraram os meus.

– Não me lembro do período em que moramos aqui. Mas, segundo minha mãe, foi uma época curta... e feliz – murmurou devagar. – Depois que fomos para a França, ela nunca mais voltou. Ainda assim, sempre contava histórias desse lugar. Acho que é por isso que nunca me desfiz dele, porque ele guarda felicidade. E é aqui que quero começar a nossa.

Sempre simpatizei com Christine, mas passei a gostar ainda mais dela. Acima de tudo, era agradecida por seu esforço em manter as boas memórias de Vincent. Ela com certeza era a responsável pela aura de paz e segurança que emanava das paredes do velho casarão.

– Eu gosto daqui. Há tranquilidade no ar. É como se estivéssemos protegidos – suspirei.

O mago olhou ao nosso redor e um sorriso levantou o canto de seus lábios. Com gestos lentos e o pensamento distante ele retirou o paletó do terno, esticando-o sobre uma das poltronas.

– Eu também sinto isso. O curioso é que cuido dessa casa há anos... Mas, até agora, não tinha planos para ela.

Levantei uma sobrancelha para o tom misterioso.

– E agora você tem?

– Sim. Alguns – disse, com um sorriso apertado nos lábios.

Vincent me levou para mais perto da lareira acesa e o calor das chamas dançou suave ao nosso redor. Tudo ali fora preparado com cuidado para nos receber, o que me fez questionar se estávamos sozinhos.

– Alguém sabe que estamos aqui?

– Na verdade, a sugestão partiu de Aristela. Vir para cá era uma das alternativas, mas não tinha certeza se devia deixar os... a montanha para trás. – Esfregando a nuca, Vincent deixou um olhar morno em meu rosto. Sabia que ele tinha omitido uma palavra, e era agradecida por não tê-la pronunciado. Porque, a cada verbalização, os *problemas* pareciam ficar mais próximos. Suspiro. – Vamos dizer que ela não precisou de muito para me convencer depois da noite passada.

Assenti, empática e agradecida à tutora que ainda cuidava de seu *filho*.

– Vamos ficar durante quanto tempo?

Ele pareceu despreparado para a resposta.

– Vamos começar com... algum tempo. Com exceção de Aristela, ninguém sabe que estamos aqui. Isso é um bom começo.

Senti meu coração acelerar quando percebi que o mago controlador estava sendo impulsivo. Isso era novo. E muito romântico.

– E quando você mandou nossas malas para cá?

Vincent piscou os olhos, desviando-os em seguida.

– Não mandei.

– *O quê?*

Voltando os olhos para meu rosto, ele pareceu surpreso com minha reação.

– Resolvi vir para cá ainda esta manhã, Melissa, não cuidei dos detalhes pessoalmente. Como pode ver, Aristela fez a gentileza providenciar o necessário... O restante está por conta do improvisado.

Tentei a todo custo não exteriorizar as preocupações práticas que acabariam com o momento perfeito, mas não pude deixar de imaginar que, tratando-se da maga excêntrica, uma coleção de vestidos medievais me aguardava em algum lugar. Fui retirada de meus pensamentos dramáticos por um som divino. Vincent ria, divertido; sem saber o motivo, eu estava rindo também. O mago de olhos cintilantes esticou a mão até meu rosto.

– Existem lojas aqui, não se preocupe.

Sua capacidade de ler minhas reações era surpreendente. E mais surpreendente ainda era o riso que ainda ecoava nas paredes à nossa volta.

– Acho que Christine estava certa sobre essa casa, parece fácil ser feliz aqui.

O mago baixou os olhos, disfarçando qualquer incerteza. Talvez estivesse apreensivo com nossa segurança, mas, nesse ponto, eu concordava com Aristela: o sigilo e a distância pareciam proteção suficiente.

Vincent foi até a mesa abaixo da vidraça, onde uma garrafa de espumante estava aberta ao lado de duas taças estrategicamente posicionadas. O mago serviu as tulipas, oferecendo-me uma delas enquanto afrouxava a gravata. O movimento pareceu distraído... Eu o conhecia o suficiente para saber que jamais baixaria a guarda se tivéssemos problemas.

– Não seria tão fácil há algumas décadas... A casa sofreu alguns danos durante a Segunda Guerra e, graças à proteção mágica, foi uma das poucas a resistir. O resto da cidade não teve tanta sorte. Goch foi levada às ruínas. Esse lugar era o próprio inferno e, se não tivesse visto com meus olhos, seria difícil acreditar que é o mesmo lugar. – Vincent entornou sua taça com uma gole, os olhos distantes, fugindo para a noite fora da vidraça. – Mas eles não desistiram. E, como ainda vai ver, se reergueram com bravura, fortificando suas estruturas. Transformando o caos em semente de paz e tranquilidade. – Com uma pausa, ele devolveu sua taça à mesa, puxando a gravata solta com um único movimento. – Admiro essa perseverança. Acho que é por isso que também gosto daqui.

Estava claro que seu discurso era uma metáfora, que transmitia de forma humilde suas próprias esperanças. Mas também era verdade que aqueles fatos não eram citações de um livro, eram detalhes da uma vivência longa, recheada de experiências que eu nem poderia sonhar. Levei à boca o líquido fresco, que contrastava com o calor morno que cobria minha pele. Ainda assim, eu estava tremendo. Com um passo bambo, que viajava pelo tempo, foi minha vez de devolver a taça à mesinha. Mais próxima do mago misterioso, me perdi no rosto instigante, que viu e experimentou uma infinidade de coisas graças à diferença de tempo entre dois mundos... Definitivamente, ele viveu muito em seus poucos vinte e quatro anos. De repente, eu me senti pequena. Muito pequena.

– Às vezes é difícil dimensionar o quanto sua vida foi diferente da minha...  
– Levantei as mãos para arrumar uma mecha de cabelo negro para longe de seu rosto e, dentro dos olhos turquesa, encontrei o que precisava. Eu não estava mais tremendo. – Mas sou agradecida por você ter burlado o tempo para esperar por mim.

Os oceanos cintilantes subiram e desceram por meu rosto, avaliando, admirando, prendendo-me em sua intensidade.

– Isso é estranho de admitir, mas até os caminhos mais tortuosos da minha vida me levaram a você... Você é meu destino, Melissa. E eu sou o seu. – Vincent acompanhou o contorno do meu rosto com os dedos. – Para uma força tão poderosa, o tempo é só um detalhe. Assim como o medo.

Ele tinha razão. Não importava em qual dos mundos isso foi escrito, esse amor tinha que acontecer. Para ele nunca haveria barreiras intransponíveis. Mais uma vez me senti pequena diante dessa força tão poderosa... E, ao mesmo tempo, grata pelo privilégio de vivê-la. Vagarosamente, Vincent levou minhas mãos até seu pescoço e, com um daqueles gestos inesperados, ergueu-me em seus braços. Arfei. Surpresa. Com mil borboletas frenéticas batendo asas em meu estômago, eu me perdi nas profundezas de seu olhar. Mas Vincent baixou o rosto, encostando-o em meu ombro enquanto me apertava em seus braços para caminhar sem pressa.

– Agora é minha vez de ajudar você a subir estas escadas.

Com o rosto enterrado em seu pescoço, lembrei-me de como ele estava fraco há apenas três dias... A ponto de precisar de ajuda para subir os mesmos degraus. Mas agora meu peso ou o esforço da escadaria íngreme não pareciam incomodá-lo. Toda essa disposição afetou a respiração que escapou por meus lábios, esparramando-se por sua pele. Minha resposta foi um som rouco que estremeceu seu peito. Com facilidade, o mago chegou ao andar superior e só parou à frente de uma porta dupla.

– *Öffnen*. – O comando em alemão abriu a porta; depois de dois passos, a

voz grave se pronunciou mais uma vez. – *Feuer*. – As brasas da lareira se transformaram em chamas poderosas, refletindo sua luz no olhar turquesa acima do meu.

Ainda com os olhos em meu rosto, o mago afrouxou seus braços, escorregando-me por seu corpo. Sem conseguir me afastar de sua intensidade, continuei presa a seu pescoço, enquanto suas mãos corriam livres sobre a renda que cobria minhas costas.

– Provavelmente já disse antes, mas você está muito... *muito* bonita. – Um suspiro quente banhou meu rosto. – A cor branca é como um contorno natural. Fica muito bem em você.

Seguindo o ritmo do seu carinho, enrolei os dedos nos cabelos de sua nuca, aproveitando cada sílaba do elogio.

– Principalmente porque estou de vestido, não é? Já percebi que você gosta quando uso vestidos.

O olhar turquesa estava fixo em meus lábios quando ele sorriu.

– Sim, eu gosto. Mas não consigo esquecer como é ver você sem eles.

A respiração do mago acelerou em meu rosto enquanto suas mãos subiam até os botões no alto das minhas costas. Vincent os desatou, um a um. Quando chegou ao último botão em meu quadril, deixou que seus dedos fizessem o percurso contrário sobre a pele exposta. O rastro de calor se espalhou até minha nuca. Sem tirar os olhos do meu rosto, suas mãos mergulharam em meus cabelos, procurando as duas presilhas que sustentavam o penteado. Com um movimento sincronizado, ele as puxou, deixando que as mechas caíssem em ondas fartas sobre os meus ombros.

O mago não estava mais respirando. Eu também não estava. Porque este era nosso momento.

Algo inquieto cresceu em meu peito. Um misto de ansiedade e nervosismo, que descontrolou algo adormecido. O calor crescia como uma tempestade e não sabia se eram as estrelas do lado de fora, caindo do céu negro, ou algum tipo de magia que brilhava em meus olhos... Mas aquilo se tornou poderoso demais para conter. A onda se espalhou, aquecendo a superfície da minha pele, e simplesmente deixei que fluísse. Agora as estrelas pareciam brotar do meu corpo, afastando-se dos meus olhos, fulgindo um brilho prateado que se tornou quase ofuscante. Deixar essa luz resplandecer era libertador.

Vincent inclinou a cabeça, espremendo os olhos com surpresa. Depois levantou os lábios em um sorriso fascinado.

– Sua aura de poder é linda, Melissa.

Ah. Então era isso. E, por algum motivo, esse elogio foi muito precioso.

Retribuí seu sorriso e, quando os olhos turquesa brilharam nos meus,

percebi que a luz não estava mais lá. O calor do poder também se foi. E outro calor tomou meu corpo, o desejo pelo homem que amava.

Vincent continuava muito perto, com mesmo olhar cintilante, mas não me tocava mais. Fiquei confusa, fitando os olhos suplicantes... Não demorou para que as estrelas brilhantes e o ar gélido confirmassem domínio da noite. Logo entendi que meu cavalheiro carrancudo esperaria até a eternidade por meu consentimento. Presa na intensidade daquele olhar, eu afrouxei as mãos de seu pescoço, deixando meus braços caírem ao lado do corpo. Com eles, a renda escorregou por meus ombros e, com um leve incentivo, todo o vestido desceu até meus pés. Ainda com os olhos no rosto do mago, eu recuei. O suficiente para deixar o volume que se enroscava em meus sapatos. Estar praticamente nua poderia ser intimidante, mas eu me sentia poderosa. Talvez por entender que o brilho turquesa em seu olhar era a admiração de um homem apaixonado.

Vincent se aproximou, ainda hesitante. Afastando os cabelos do meu ombro, deixou um beijo demorado em meu pescoço. Ali ele inspirou, como se tomasse fôlego, mas seus lábios não se afastaram de minha pele. E desejei que eles nunca mais me deixassem. Mais determinada do que nunca, minhas mãos se ocuparam com sua camisa, abrindo botões para passar o tecido por seus ombros, deixando seus braços livres. Sua boca percorreu meu pescoço, parando na curva da minha orelha com um roçar provocante que amoleceu meus joelhos e levou qualquer ideia de controle para um plano muito distante. E era muito bom não controlar mais nada. Acompanhando meu pensamento, bíceps firmes se fecharam ao meu redor, esmagando-me contra um peito em chamas. A sensação era terna, abrasadora. Maravilhosa.

Um de seus braços me laçou pela cintura, levando meu corpo ao encontro do dele, e eu não estava mais no chão. Agarrei seus ombros para me equilibrar e, com um som rouco que tremeu seu peito, Vincent segurou meu rosto com a mão livre. Agora ele me olhava de frente, a respiração escapava em descompasso enquanto seu polegar deslizava por minha boca, lentamente. No meu mundo só existiam os poderosos olhos turquesa se aproximando, até que lábios macios tocassem os meus. Primeiro com um leve roçar, suave como o vento, doce como a brisa. Eu suspirei, tomando para mim seu amor, sua veneração. E, recebendo minha rendição em seus lábios, Vincent intensificou o beijo com calor, exigência, paixão. O beijo voraz revelou sua promessa, seu desejo, seu amor. Depois dele, um caleidoscópio de sentimentos levou a coerência. Tudo era frenético... E vagaroso. Intenso. Não havia começo ou fim, nós comandávamos o momento. Porque o tempo estava sob nosso controle.

Ele sustentava todo meu peso em um dos braços, enquanto seu beijo profundo me afastava da existência. Sua mão livre escorregou por minhas

costelas, descobrindo novos caminhos, presenteando-me com novas sensações. E quando achei que não conseguiria mais respirar, Vincent me curvou para trás, para que seus lábios saboreassem cada centímetro de sua conquista. Agarrei os cabelos em sua nuca, esforçando-me para encontrar um pouco de oxigênio, mas suas mãos ardiam em minha pele... E pararam. Sua mão sobre meu quadril pareceu hesitante, mas, enroscando um dos dedos na lateral da peça de renda, Vincent deixou escapar uma risada baixa, que tremeu em meu pescoço.

– *Lösen sich.*

O murmúrio em alemão soou como um feitiço.

Correção, o murmúrio em alemão *era* um feitiço.

Arquejei quando seus dedos correram livres por minhas curvas, e afastei-me o suficiente para ver um sorriso vitorioso tomar seu rosto.

– Ela se foi pela BMW. Estamos quites agora.

Sem dar tempo para uma resposta, Vincent me apertou em seus braços para um beijo inebriante. E qualquer humor desapareceu. Nenhum de nós respirava. O silêncio dominava o mundo.

Respondendo à sua intensidade, desci minhas mãos por suas costas com um carinho, arrancando outro som rouco do mago. Quando parei meus dedos na calça que se equilibrava em sua cintura, os olhos turquesa procuraram os meus. Cintilantes, decididos. Apaixonados. E então, não havia mais nada entre nós... A não ser nossa respiração acelerada.

Em um segundo eu estava em seus braços, no outro estava confortavelmente apoiada sobre os travesseiros. Vincent pairou acima de mim por um segundo, para admirar sua visão. E esse segundo pareceu durar horas. Enquanto ele registrava a felicidade em meu sorriso... Eu memorizava o brilho que a exultação deixava no seu. Com um carinho em meu rosto, ele iniciou outro beijo intenso. Suas mãos não pararam, porque tinham a missão de memorizar cada centímetro de pele exposta, levando minha consciência para muito longe.

Aproximando o nariz do meu ombro, Vincent fez uma pausa para inspirar profundamente, mas eu não poderia fazer pausas. Com os lábios na linha de seu ombro, eu estava fascinada pelo sabor de sua pele e, quando cheguei ao seu peito, um som rouco indicou que este era seu limite. Mãos possessivas se fecharam em meus pulsos, devolvendo-me aos travesseiros, seu corpo se moldou ao meu, e podia sentir seu coração disparado. Sua respiração descompassada, seu toque febril... Todo um universo, novo e maravilhoso, que eu estava adorando explorar. Mas eu queria mais. Mais de seu calor, de seu cheiro, mais de Vincent. Porque ele estava por todos os lados. Alternando fúria e calma, oceanos em tempestade e mares cristalinos. Presa pelos olhos turquesa, eu me deixei levar por esse turbilhão e me joguei ao espaço em uma viagem que me levou para

muito longe.

Quando voltei para minha consciência, fiquei surpresa ao descobrir que o mundo ainda existia. Mas ele era muito diferente do que eu me lembrava.

HORAS. MINUTOS. Ou apenas um segundo depois, a calmaria foi perturbada por um beijo demorado em meu rosto. Pisquei algumas vezes, dissipando o torpor convidativo, e encontrei um mago de olhos turquesa que me observava concentrado.

– Nunca desejei o dom de ler mentes tanto quanto agora.

– Estava imaginando que uma noite sem dia pode durar para sempre.

Preso entre seus braços, levantei seus cabelos entre os dedos, depois apertei os lábios em um sorriso preguiçoso. Vincent me aconchegou em seu ombro com um suspiro e, mais do que depressa, eu me espreguei contra seu peito, sentindo o corpo todo relaxar com o calor que me envolvia.

– Até na Terra das Sombras o dia possui um final, porque do entardecer vem a beleza da noite escura. – Ele fez uma pausa para beijar o topo da minha cabeça. – E mesmo que o dia desponte em algumas horas, a noite sempre virá para trazê-la aos meus braços.

Sorri e o toque dos meus lábios fez sua pele se arrepiar. Ele deixou escapar um grunhido baixo que não deixou de ser convidativo.

– Cuidado, você pode começar algo que vai nos deixar acordados a noite toda.

Feliz com minha arma secreta, deslizei os lábios por seu peito de propósito, apoiando-me nos cotovelos para beijar as cicatrizes que se espalhavam por suas costelas, por sua barriga... A respiração do mago falhou. Vincent agarrou meus pulsos, prendendo-me a seu peito. Desta vez, meu sorriso era exagerado. Debruçada sobre seu peito, sustentei os faiscantes olhos turquesa.

– Não me importo de ficar acordada – falei com um sussurro, sentindo meu rosto aquecer. Vencendo o acanhamento, deixei um último beijo em seu queixo.

Não houve discussão. Em um segundo Vincent me girou, apoiando-me sobre os travesseiros. Os oceanos turquesa ocupavam meu mundo e, com um sorriso, percebi que eles eram *tudo* o meu mundo.

QUANDO DESPERTEI da sonolência, reconheci o calor que aconchegava meu corpo, e antes mesmo de abrir os olhos eu sorri. Era muito bom apreciar a felicidade se acomodar em meu peito. Meus músculos reclamavam das horas de imobilidade, que não foram muitas, mas pareciam suficientes para recarregar minhas energias. Outro sorriso foi inevitável.

Meus olhos focalizaram uma claridade turva, a luz fraca escapava de uma

fresta da cortina... Talvez fosse madrugada, ou, mais possivelmente, altas horas do dia no céu cinzento do inverno europeu. Tentei avaliar a diferença do fuso, mas era pedir muito para uma mente em êxtase. Por falar em sentimentos que me atordoavam, aproveitei a Luz de Inverno para admirar o homem adormecido ao meu lado. Com carinho, recordei sua delicadeza e cuidado na noite anterior. O ardor de seus beijos, a sinceridade de seu olhar... Se eu era uma nova mulher agora, era por causa dele. Não apenas pelas descobertas de uma noite inesquecível, mas pelos desafios que venci com esse amor. Que me fizeram ver o mundo com olhos corajosos, pacientes, apaixonados. Vincent era minha luz, capaz de iluminar o inverno mais rigoroso da Terra.

Depois de um longo tempo absorta, os músculos doloridos me lembraram de que eu precisava me mexer. Avaliei a melhor forma de deixar meu mago sem acordá-lo; afastando seu braço com extremo cuidado, coloquei-o sobre o travesseiro vazio. Uma espiada sorrateira confirmou a profundidade de sua inconsciência. Escorregando pelo colchão, enrolei-me ao lençol embolado ao pé da cama, e só então estudei o cômodo ao meu redor... Mal o notei na noite anterior. Mesmo parecido com o quarto de minha última visita, agora tudo era diferente. Novo. Inclusive a cama. Não havia dossel e, embora seu tamanho fosse exagerado, o mago adormecido estava esparramado, ocupando boa parte de sua largura. Suspiro.

Caminhando na ponta dos pés, recolhi as roupas negligenciadas no chão e, pendurando-as silenciosamente em uma poltrona, localizei a porta com desenhos florais... Eu me lembrava dela. Medi o cômodo conjugado com interesse e, incentivada pela urgência matinal, adiantei-me pela porta, segurando o ar a cada ranger das dobradiças. Depois de alguns minutos, comecei uma vistoria detalhada nos armários do cômodo revestido de mármore. Eu procurava por toalhas limpas, algo que pudesse usar como shampoo e, se não fosse pedir muito, um pouco de pasta de dente. Mas, para minha total decepção, faltavam muitas coisas no quarto de banho exageradamente soberbo. Com o vazio incômodo em meu estômago, rezei para que a cozinha da casa centenária fosse um pouco mais abastada. Entretanto, antes de pensar em comida, precisava relaxar meus músculos exaustos... Um sorriso bobo cresceu em meu rosto. E morreu com o desejo por minha escova de dentes.

Armada com uma toalha e um frasco de algo muito aromático, fui conferir o tamanho da ducha; a peça em louça ao seu lado, no entanto, me pareceu muito mais atraente. Parei à frente da banheira e, sem hesitar, alcancei suas torneiras douradas. Mergulhada até o pescoço na água quente, esqueci-me do tempo, de onde estava, e quase adormeci mais uma vez... Quase me afoguei quando a porta de madeira se abriu, golpeando a parede com violência. O estrondo chacoalhou



os vidros de toalete sobre a mesa aparadora, assustando-me a ponto de fazer minha cabeça afundar na água.

Eu não me afoguei, claro, mas metade da água da banheira foi jogada para fora.

– Ah... Você está aqui!

Recuperando-me com algumas tossidas, liberei meu rosto da espuma e arregalei os olhos para o mago que escorregava as duas mãos pelo cabelo com um som aliviado. Eu engasguei mais uma vez, e não foi por causa da água. Vincent não usava um lençol, ele não usava coisa alguma. A parca claridade que atravessava a janela foi suficiente para ressaltar todo seu esplendor. Eu pisquei. Uma. Duas vezes... E tive certeza de que, por este ângulo, ele parecia ainda mais perfeito do que na noite anterior.

Recuperando minhas conexões neurais, articulei palavras pouco coerentes.

– Estava... estou... no banho.

Se Vincent percebeu meu choque, fez questão de ignorá-lo.

– Percebi. É que não a encontrei quando acordei e, como não deixei proteção ao redor da casa, imaginei que você poderia ter saído. Ou alguém poderia... Eu fiquei... – Seus olhos finalmente avaliaram o cenário e algo duvidoso mudou sua expressão. – Enfim.

Minhas mãos procuraram a toalha ao meu lado.

– Você ficou *preocupado* que eu tivesse fugido? – A pergunta era mais curiosa do que reprovadora; afinal, eu era um ser mágico e o escudo me impediria de sair da casa, da mesma forma que impediria qualquer ser mágico de entrar. Confirmando a dúvida, o mago ficou constrangido. Balancei a cabeça e, puxando a toalha para o meu corpo, levantei-me da água. – Sei que não estamos na montanha, Vincent. Não vou me arriscar. Mas você mesmo disse que, além de Aristela, ninguém mais sabe nosso paradeiro. Acho que não precisa exagerar.

Eu já não sabia se me sentia tola, por acreditar que a distância faria o mago das sombras relaxar, ou aborrecida, por sua paranoia interromper meu relaxamento. Segurando a toalha ao meu redor, deixei a banheira.

– Além disso, não tinha um escudo quando chegamos. E espero que não tenha me trazido aqui para ser prisioneira...

O final da frase se foi com meu equilíbrio. Vincent adiantou-se pelo chão molhado com mais destreza e me apoiou quando meus pés deslizaram na espuma. A proximidade de seu corpo era algo implacável, que enfraquecia meus ossos, arrepiando com doçura a pele sensibilizada pelo banho.

– Um escudo impediria Aristela de entrar e sair da casa. Mas era minha obrigação não me distrair. Não podemos nos esquecer de...

Vincent parou de falar quando percebeu minha expressão aborrecida; na

verdade, um tanto abalada. Distrair? Eu era uma... *Distração?* Enquanto a palavra se repetia em meus ouvidos, eu me livreí de sua mão, esforçando-me para andar em linha reta até a porta.

– Melissa... Aonde vai?

– Evitar distrações!

– Você sabe que a noite de ontem não foi uma mera distração. – A voz grave ecoou pelas paredes em tom de justificativa.

Com alguma distância entre nós, seria mais fácil encará-lo. Virei para deixar claro minha mágoa... mas só consegui piscar. Eu havia me esquecido do detalhe óbvio e precisei respirar fundo antes de desviar meus olhos até seu rosto culpado. Cruzei os braços, mas não consegui deixar de corar. O sangue escarlate que pulsava em minhas orelhas era um bom exemplo da minha inexperiência no assunto.

– Eu realmente não tenho como *saber*, Vincent.

De repente o rosto culpado estava acima do meu.

– Desculpe. Acho que não fui claro. E, se essa toalha me deixa distraído agora, imagine o que a ausência dela foi capaz de fazer comigo ontem. – Com um olhar provocador, o mago arrumou meu cabelo empapado. – Se quer mesmo *saber* – Vincent levou seu sorriso para o canto da boca – a noite de ontem foi maravilhosamente inesquecível. E cansativa o suficiente para me fazer esquecer qualquer perigo fora destas paredes. Se resta alguma dúvida, sim, vou pensar seriamente em deixar você prisioneira naquele quarto.

Desta vez eu sabia que estava corando, mas realmente não me importava.

– É isso que eu quero... – A nova onda de calor se espalhou por meu rosto com a mínima sugestão de sorriso em seus lábios. – Eu quero que os problemas não nos persigam aqui. Não quero dividir você com lendas, maldições ou inimigos. Quero que, quando estiver comigo, nada do lado de fora destas paredes tenha importância.

Meu pedido intenso levou o sorriso provocador do mago.

– Estou aqui para ficarmos juntos, nunca duvide disso. – Os oceanos turquesa prenderam os meus e me esqueci de respirar. – Mas, mesmo vivendo o dia mais feliz de minha vida, tenho que estar preparado. Porque esta história ainda não acabou.

Com um suspiro entorpecido, apertei a toalha ao meu redor.

– Sei disso também.

Eu não tinha nem me virado quando Vincent segurou meu braço para capturar meu rosto, trazendo minha atenção de volta para seus olhos.

– Aonde vai, senhora Dippel? Fugir de novo?

Engoli em seco.

– Não. É que pensei... que você iria – meus olhos desceram e subiram rapidamente enquanto eu indicava a porta – cuidar da nossa proteção.

Vincent concordou, estalando os lábios em seguida.

– E vou. Mas, como você lembrou, preciso escolher prioridades. E nossa felicidade sempre vai vir em primeiro lugar. Isso me lembra que ainda não lhe dei um beijo de bom dia.

Com um suspiro assisti sua boca se aproximar da minha, e qualquer acanhamento se perdeu quando os lábios do mago encontraram os meus.

ENROLADA EM UMA toalha seca, voltei para o quarto sustentando um novo e grandioso sorriso bobo. Mas qualquer animação se foi quando encarei a realidade... Onde estaria o guarda-roupa? Eu me lembrava de como Vincent havia aberto a parede da outra vez e, se esse fosse mesmo o antigo quarto de seus pais, o armário oculto deveria estar em algum lugar. Tateei o papel de parede na direção de que me lembrava... Após algumas tentativas embaraçosas, encontrei a porta camuflada. Com uma leve pressão a madeira se desprende da parede, e a expectativa acabou em um suspiro frustrado. Observei os vestidos pendurados e balancei a cabeça para as diferentes tonalidades de veludo. A caixa de lingerie novas foi uma tocante surpresa; como agradecimento pelo presente essencial, escolhi um dos vestidos sem reclamar. A cor preta disfarçou o caimento da saia reta, que ia até os pés; dentro do armário ainda encontrei botas médias, casacos e cachecóis. Imaginei como estaria o clima fora da casa e uma espiada para o céu cinzento além da janela não foi animadora. Enquanto escovava os cabelos, o som da ducha silenciou no banheiro e deixei o quarto apenas porque meu estômago estava colado nas costas. Determinar prioridades parecia funcionar para tudo, menos quando o assunto era Vincent.

Segui pelo único corredor até encontrar a escada. No andar de baixo passei pelos cômodos, me familiarizando com os espaços amplos e os móveis escassos. Meu instinto me levou até a cozinha. Se os utensílios eram capazes de assustar uma cozinheira moderna, imagine os eletrodomésticos que lembravam relíquias de museu. Passei os olhos pelo que julguei ser uma geladeira e avaliava de perto uma possível salamandra gigante quando encontrei algo ainda mais instigante ao seu lado. O exemplar de ferro esmaltado lembrava um fogão a gás, e, se fosse realmente um, rezei para que ainda funcionasse. Determinada, escalei os armários de madeira na esperança de encontrar suprimentos não enlatados... Fui surpreendida por mãos quentes em minha cintura. Elas me devolveram ao chão, mas não me soltaram.

– Primeiro salvamento do dia. – Vincent deixou os lábios em meus cabelos, depois me girou ao seu encontro. Ele vestia calça e agasalho de lã e, apesar de

estar totalmente coberto, conseguiu roubar até mesmo minha surpresa. – O que está fazendo?

Nesse momento o vazio em meu estômago se tornou audível.

– Tentando nos manter vivos.

O mago levantou os olhos para o armário aberto e franziu as sobrancelhas.

– Parece que sua missão é suicida.

Fechei os armários, colocando as mãos na cintura.

– Pelo visto, Aristela não teve tempo de cuidar disso. Se comida não aparecer com feitiços, acho que vamos precisar de algum dinheiro para comprá-la. Como esta viagem foi surpresa para mim... Espero que você esteja preparado.

Vincent assentiu sem pestanejar. O olhar escurecido e a mão solidária sobre o estômago deixava claro que ele sofria do mesmo mal que eu: fome.

– Pegue um casaco. É hora de visitar a cidade.

## Goch

DESCOBRI QUE A CASA não ficava longe do centro da pequena cidade alemã e isso surpreendeu. É claro que *surpresa* mesmo foi andar de mãos dadas com meu mago das sombras pelas calçadas do centro turístico e sentar para jantar em um restaurante ítalo-germânico. Sim, jantar. O céu cinza de inverno significava o adiantado do dia, e descobri que, aqui, era costume fazer a refeição no fim da tarde.

A comida familiar e o restaurante acolhedor só não eram mais perfeitos do que ver Vincent falando naturalmente em sua primeira língua. Eu conseguia acompanhar algumas palavras soltas, mas a velocidade e a entonação da pronúncia me deixavam perdida. Isso só me fez admirar a desenvoltura do homem que trocava de idioma com uma facilidade assombrosa, traduzindo o cardápio, os pedidos e até mesmo os comentários gentis do proprietário. Contrariando a avaliação que eu tinha feito a partir de Vincent, os alemães não eram nada mal humorados. Não com conterrâneos.

Satisfeitos e com energias renovadas, caminhamos sem pressa pelas ruas pitorescas da cidade. Com uma segunda olhada mais atenta às vitrines ao nosso redor, vi que todo o comércio se preparava para uma festa que eu havia esquecido completamente.

– Natal? – Parei em uma esquina, apontando para o festão que se enrolava na luminária da calçada.

Vincent seguiu minha indicação com os olhos, mas não pareceu surpreso.

– Aqui eles levam isso a sério, você vai ver.

Com a naturalidade a que eu ainda não estava acostumada, Vincent tomou minha mão para continuarmos o percurso. Visitamos o Steintor, um portal de pedra da época medieval, e também o Carrilon, a torre de dezoito sinos na praça do mercado... Mesmo a pé, levamos cerca de uma hora para conhecer os principais pontos da cidade, e isto me deu uma boa ideia de sua dimensão. Goch podia ser pequena, mas seu charme era indiscutível. Ainda mais com as luzes natalinas, brilhando por todos os lados assim que a luz cinzenta se foi. Por insistência minha voltamos às ruas centrais, onde um convidativo café anunciava sua iguaria com a placa *coffee to GO*. Degustando a bebida reconfortante, apreciávamos a decoração noturna, que, para minha felicidade, era o indício de que o escasso comércio estenderia seu horário de funcionamento para as compras de fim de ano.

Meu vestido de veludo – acompanhado de botas e casaco de lã – não

impressionou os moradores locais, e logo percebi que a moda aqui era um tanto eclética. Na verdade, despreocupada. Ainda assim, preferi garantir um jeans, malha e tênis. Eu deveria ficar incomodada por Vincent arcar com todos os pagamentos, mas, se eu nem tinha documentos comigo, como poderia desejar um cartão de crédito? Apesar de suspirar diante de minhas escolhas, ele pareceu muito satisfeito ao conceder cada desejo meu.

A visita final foi a um mercadinho apinhado, que baixou as portas assim que saímos. Com as ruas quase desertas, voltamos para a casa de pedra carregados de sacolas. O mago prestativo parecia ter incorporado a melhor versão cavalheiro, não só guardando os pacotes, mas ajudando-me na cozinha enquanto eu preparava generosas canecas de chocolate quente. Com tudo pronto eu me acomodei em um dos sofás, enquanto assistia Vincent acender a lareira da sala. A caminhada, a comida e a pura felicidade de um dia perfeito trouxe o cansaço. Mas esse contentamento, que transbordava do peito até os lábios, não era reação passageira... Percebi que um sorriso passou o dia pendurado em meu rosto. Com uma expressão muito parecida, Vincent sentou ao meu lado, acomodando-me em seu ombro enquanto equilibrava sua caneca de chocolate.

Depois de um minuto admirando o fogo, um murmúrio escorregou para meus ouvidos:

– *Danke. Der tag war perfekt.*

Eu não era perita na língua, mas, depois de passar uma tarde inteira ouvindo o mago falar alemão, as palavras se conectaram com rapidez. Virei o rosto para ele, maravilhada com a transparência dos oceanos turquesa.

– Meu dia também foi perfeito. Obrigada.

Seu rosto encontrou o meu e, naquela conexão, alcançamos a felicidade que tanto almejávamos. De repente, entendi que ela era a soma de vários momentos como aquele... O amor em um banho quente, um jantar de comida simples, um passeio de mãos dadas, um carinho, o trabalho em equipe por boa vontade, um beijo depois de uma caneca de chocolate, o aconchego no calor do fogo... O dia perfeito que marcaria o resto de nossas vidas. Quando aquele instante suspenso no tempo acabou, roguei à força que comandava a magia da vida que nos presenteasse com mais dias perfeitos. Mais sorrisos calorosos e olhares agradecidos. Porque só desejávamos paz.

Eu me aconcheguei no ombro do mago, a sonolência era irresistível e foi alimentada pelos braços quentes que me apertavam com cuidado. Senti a pressão de lábios ternos em meus cabelos e, depois de um suspiro libertador, me entreguei ao mundo dos sonhos perfeitos.

ERA UMA CURIOSIDADE antiga saber se os magos comemoravam o

Natal... Bem, o meu mago comemorava. Três semanas depois de nossa chegada, fui surpreendida por um pinheiro na sala da lareira. Embora não soubesse ao certo o que fazer com ele, Vincent ficou muito animado com os enfeites de vidro. Incentivando o despertar de sua alegria infantil, garanti que nosso primeiro Natal juntos tivesse até uma mini ceia, preparada às custas de algumas queimaduras de segundo grau. Decididamente, eu e o fogão *old style* nunca teríamos um relacionamento amigável.

A troca de presentes foi a lembrança tensa da noite. Afinal, o que poderia agradar a um mago das sombras poliglota que dirigia um BMW? Mas, para meu alívio, Vincent pareceu realmente satisfeito com a camisa branca e os CDs de rock alternativo. Na minha vez, ganhei um vestido curto de malha cashmere e, para completar minha alegria, sapatilhas! Sua compreensão e bom gosto foram retribuídos com um desfile particular.

A data emotiva levou meus pensamentos para casa pela primeira vez e, mesmo sabendo que nossa presença não poderia ser substituída, fiz questão de enviar mimos carinhosos para Alice e George. Eles foram entregues por nossa correspondente na montanha, Aristela, a única a saber do nosso paradeiro. As visitas da maga à antiga casa de sua amiga eram breves, justamente para não levantar suspeitas, mas suficientes para trazer notícias dos que deixamos para trás.

Fiquei feliz ao saber que George estava colaborando com as aulas de magia de Alice e, segundo nossa informante, a rotina da cidade seguia seu curso natural. O Mundo Mágico, no entanto, continuava em alerta. Hector estava rondando os limites de território e fora visto mais de uma vez na Terra das Sombras. Mesmo com os esforços da guarda, a perseguição ao elfo passou longe de uma captura. Vincent sugeriu que isso poderia ser uma distração para algo maior e, mesmo com as garantias de Aristela de que minha família era uma das prioridades da guarda, confesso que não me senti confiante.

A partir daí, compreendi que a distância poderia afastar o perigo, mas não os problemas.

UM MÊS EM NOSSO refúgio foi tempo suficiente para me adaptar à luz fraca do inverno europeu. Embora o céu cinzento não mostrasse nenhuma alteração com o passar das horas, podia distinguir o almoço do jantar. O curioso é que isso lembrava a Terra das Sombras, onde o dia era um eterno pôr-do-sol, mas a noite sempre chegava implacável. Talvez por essa semelhança, os pais de Vincent – um mago das sombras e uma elfo das sombras – tivessem escolhido essa cidadezinha pitoresca da Alemanha como lar.

Os dias escuros e friorentos podiam levar nossos vizinhos à reclusão, mas

tentávamos aproveitar ao máximo a luz, quando ela aparecia, para passeios nos arredores. Logo que chegamos à Goch, Vincent providenciou a versão europeia de seu X6... Com estradas impecáveis e seu gosto por velocidade, nada parecia muito distante. De fato, para quem nasceu em um país com dimensões continentais, não era. Conhecemos várias cidades alemãs e também visitamos outros países, como Bélgica e Holanda. Fiquei preocupada por saber que estávamos tão perto de Amsterdam e, consequentemente, perto da casa de Ludwig... Mas Vincent garantiu que o lugar provavelmente estava sob a vigilância do Conselho, o que foi confirmado por Aristela em sua última visita. Segundo ela, o Conselho estava estreitando o cerco ao mago psicopata, mas Ludwig permanecia desaparecido.

Saber que nossa localização não era a única desconhecida não era animador.

Não via vantagens neste jogo de gato e rato; por mim, bastava de reclusão e espera. A saudade de minha irmã aumentava a cada carta de George e, embora apreciasse os dias de paz em nosso refúgio, já estava ansiosa para começar nossa vida no lugar a qual pertencíamos: nossa montanha.

ABRI OS OLHOS para mais uma manhã cinzenta e afastei os ombros do mago com dificuldade. Vincent dormia mais profundamente a cada dia e, mesmo que seu calor fosse um convite tentador, hoje tínhamos um compromisso matinal... com a cozinha! Na verdade, com o novo fogão que deveria ser entregue ainda essa manhã.

Há semanas o mago das sombras estava modernizando a casa esquecida pelo tempo, e estes pequenos ajustes faziam uma grande diferença em nosso cotidiano. Eu até que me virava bem com os utensílios culinários dos anos 30, mas os eletrodomésticos eram um desafio certamente perigoso. Principalmente o fogão a gás. Depois de assistir minha última luta com a grelha do forno, Vincent decidiu que era melhor trocar *tudo* antes que a antiga casa de seus pais ficasse em chamas. Eu sabia que deixar nosso refúgio confortável era uma tentação a estender nossa estadia, mas, com alguma relutância, me convenci de que meu bem-estar valia o risco. A prova disso eram as cicatrizes que se acumulavam em minhas mãos.

Com passos ligeiros, porém silenciosos, caminhei pelo novo chão acarpetado até o guarda-roupa invisível. E porque reservava minha calça jeans para nossos passeios externos, escolhi o vestido azul de mangas longas que ganhei de Natal, muito parecido com aquele destruído na Dimensão das Sombras. Graças ao novo sistema de aquecimento, ele era mais do que suficiente para a temperatura amena dentro da casa. Com outros pulinhos silenciosos empurrei a porta do banheiro, que não rangia mais, para uma ducha quente com



a versão europeia do meu sabonete de jasmim.

Minutos depois estava de volta ao quarto, espiando o ressonar leve do mago das sombras... profundamente adormecido.

Queria deixá-lo dormir, mas ainda era limitada por meu poder e, mesmo que soubesse *como*, não poderia desfazer um escudo das sombras. Com o escudo de Vincent ativado, minha condição meio humana não permitia que cruzasse o jardim até o portão da rua. Não queria imaginar isso como uma prisão... Mas o pensamento me perturbava. Suspiro. De fato, não se tratava apenas da magia fora do meu alcance; a verdade mortificante é que eu também esperava alguma ajuda com o idioma. Meu parco alemão havia melhorado depois de semanas ouvindo as conjunções sonoras e, embora arranhasse algumas frases com *Bitte* e *Dank*, percebi que *por favor* e *obrigada* ajudavam, mas não resolviam tudo.

Curvando-me sobre o rosto adormecido, deixei um beijo suave em sua bochecha, mas isso não surtiu efeito. O mago continuava imóvel. Com uma espiada para o relógio sobre a cômoda, decidi que era a hora de ser um pouco mais incisiva. Agora conhecia seus pontos fracos e, usando das armas que tinha, deslizei os dedos por seu peito, contornando músculos firmes e cicatrizes esbranquiçadas, parando apenas no elástico da calça de algodão. Eu esperava o arrepio característico, que acompanharia um resmungo e o questionamento das horas... só não esperava ver minhas pernas no ar.

Com um movimento rápido Vincent laçou minha cintura com um dos braços, girando-me sobre ele, e jogou-me na cama ao seu lado. O grito surpreso foi inevitável.

O mago de um metro e noventa me imobilizou no colchão com facilidade e dois oceanos turquesa brilharam acima do meu rosto com um brilho muito sugestivo.

– Se continuar a acordar cedo assim, vou amarrar você ao colchão durante a noite.

A voz grave murmurou o aviso enquanto eu lutava inutilmente com os músculos de seus braços.

– Vincent... o escudo. Preciso que o desfaça. – Quando finalmente desisti de lutar, o mago rolou de lado; com o braço em minha cintura, me levou com ele de volta ao travesseiro, fechando os olhos. – Se eu não puder sair para abrir o portão, o novo fogão não poderá entrar. Sem forno... sem cookies!

O mago me soltou.

– Só porque você pediu educadamente.

Sentei na cama, alisando meu vestido com uma careta... mas ver o mago se espreguiçar ao meu lado levou qualquer indignação. Não poderia desprezar o movimento que dava início ao meu dia. Deixei escapar um suspiro

contemplativo enquanto tomava impulso para me levantar, mas voltei para os travesseiros na mesma velocidade.

– Nada mais justo que um incentivo para eu deixar o conforto da minha cama. – Lábios interessados se aproximaram dos meus.

– Pensei que seu incentivo fossem os cookies.

Vincent roçou os lábios nos meus.

– Hum... eles são. O fato é que descobri que você é melhor que chocolate.

Antes que pudesse argumentar, lábios quentes pediram passagem para um beijo envolvente, que obviamente destruiria qualquer motivação de deixá-lo. Uma de suas mãos segurava meu rosto e a outra começava um caminho lento por minha perna, arrepiando a pele até chegar ao quadril... Quando Vincent tocou minha barriga, um tremular elétrico correu todo meu corpo, concentrando-se em meu ventre como um choque. Um gemido surpreso escapou dos meus lábios e ele afastou o rosto, piscando os calorosos oceanos turquesa. Antes que perdesse o pouco raciocínio lógico que me restava, girei em seus braços, escapulindo de lado.

– Vincent... A entrega vai chegar a qualquer minuto!

O mago ainda tinha a respiração pesada e desceu seu olhar.

– Se não queria se atrasar, porque está usando esse vestido?

Eu me sentei novamente.

– Estou falando sério.

Ele se concentrou em minhas pernas.

– Eu também.

Desviando de seu olhar intenso, pulei para o chão, arrumando meu vestido enquanto procurava por minhas sapatilhas.

– Se não quiser que esse vestido seja sua tortura, é melhor me encontrar lá em baixo em um minuto!

O olhar selvagem do mago deixava claro que ele aceitou a provocação. Não estava disposta a arriscar meu controle e me apressei para o corredor, desviando de seu sorriso sedutor.

Enquanto preparava meu último café à moda antiga, me dei conta de como Vincent havia mudado nestas últimas semanas. A impetuosidade e o bom humor aumentavam seu charme, o que o tornava ainda mais irresistível. Eu estava apreciando, e muito, essa versão relaxada do mago das sombras. Sua felicidade, que antes precisava ser cultivada, surgia espontaneamente e me surpreendia em vários momentos do dia.

Mas, se a distância da montanha trazia a alegria de Vincent, começava a mitigar a minha.

Nas últimas semanas não era só a saudade que incomodava; pensar no

lunático que rondava minha família me tirava o sono. Ludwig era ousado... nocivo, e sua visita à minha casa nas vésperas do Pacto de Futuro era a prova de que ele poderia cumprir as ameaças feitas no encontro em Amsterdam.

Sabia que nos distanciar de quem eu amava era a melhor forma de protegê-los, mas não sabia por quanto tempo mais ficaríamos longe... Essa incerteza começava a me assombrar. Depois de sentir o gosto da felicidade, Vincent poderia transformar nossa fuga em algo permanente. Por mais que concordasse com seus motivos, meu coração dizia que era hora de encerrar as férias perfeitas em nosso refúgio romântico. Não apenas por meu avô e Alice, mas também porque era hora de iniciar meu desenvolvimento mágico. O tempo passava e o silêncio de Ludwig aumentou nossas dúvidas, questionou nossa segurança e a necessidade desse distanciamento. Era hora de começar meu treinamento, recuperar minha magia perdida... não apenas para um possível confronto, mas para recuperar as chances de um futuro que, eu esperava, não estivesse completamente perdido.

Pensei muito sobre isso nos últimos dias, sobre *ter uma família com Vincent*. Observar o cuidado do mago em prover nosso conforto me fez acreditar que ele desejava uma. Vincent me fez prometer não usar meu poder enquanto estivéssemos aqui, alegando que o resguardo da magia ajudaria em seu fortalecimento. Sua preocupação poderia ser o indício de que ele também desejava uma família. Mas isso só aumentaria nossas preocupações durante um confronto. Depois da luta na Dimensão das Sombras, ficou provado que eu deveria fazer parte do ataque e não ser o alvo de um! Eu sabia que poderia ser útil em uma ofensiva a nossos inimigos... se soubesse o que fazer.

Com minha xícara fumegante nas mãos, parei diante da vidraça na sala de visitas, observando a névoa violeta tremular em tons de azul sobre o portão de entrada do jardim. O mundo do outro lado do escudo permanecia adormecido, pacífico, como toda Goch. Mas agora sua paz reconfortante me pareceu uma grande ilusão. Tamborilando meus dedos impacientes na louça, tentei afastar o sentimento inquietante que alertava meus instintos.

– Eu avisei que tínhamos tempo.

A voz grave me tirou do chão e a xícara de café se voltou contra meu vestido.

– *Airr...* Vincent! – Minha repreensão dolorida se confundiu com o som de uma risada.

Levantei o rosto sobre o ombro e notei que o mago também segurava uma xícara nas mãos. Vincent tinha uma toalha ao redor do pescoço e não vestia nada além de sua calça de malha e... chinelos. De tecido. Algo parecido com pantufas clássicas. Eu os havia visto no quarto, mas duvidava que algum dia ele os usasse.

Pelo visto, estava enganada.

– Algumas coisas nunca mudam – ele disse com um sorriso lento, recheado de significado. Retirando a toalha do pescoço, ajudou a secar meu vestido.

Fiquei imaginando o que significava seu descaso com a aparência... Ele não ficaria no andar de baixo para receber os entregadores? Ou realmente não se importava com a informalidade? Com um suspiro, admiti que Vincent podia ter melhorado em muitas coisas, mas nunca estaria disposto a ser meramente sociável com estranhos, que dirá informal. Tendo isso como fato, fiquei surpresa com sua confiança em mim. E também preocupada com minha capacidade limitada de me comunicar em uma língua complexa de pronúncia exigente.

Antes que destacasse a insegurança com meu parco alemão, o mago avisou:

– Vou subir para me trocar. – Trocou minha xícara vazia pela sua, cheia.

A sequência de gestos gentis levou qualquer reclamação pelo susto.

– Obrigada – murmurei.

– Você parecia muito longe desta vez. Devo me preocupar com a distância de seus pensamentos?

Levantando os olhos, tive certeza: ele sabia onde estavam meus pensamentos. E era hora de revelar o quão distantes eles estavam.

– Estou com saudades de casa.

A postura do mago se tornou rígida.

– Você está em casa.

– Não, Vincent. Estamos de férias em nosso refúgio, como você mesmo disse. E, por mais feliz que esteja aqui, é hora de voltar. – Usei o tom mais suave que consegui, mas isso não impediu que o mago reagisse às minhas palavras com uma careta.

Vincent virou o rosto para a janela; o movimento foi tão brusco que podia jurar ter ouvido seu pescoço estalar.

– Não é seguro lá. Ainda.

– Sei que se sente seguro aqui. Também me sinto assim. Mas não podemos nos esconder para sempre.

Os olhos turquesa voltaram para os meus, fuzilando-me sem piedade.

– Não estamos nos escondendo. Estamos aproveitando nosso tempo juntos, longe dos problemas. Pensei que era isso que queria. Mas acho que não está apreciando isso tanto quanto eu.

Colocar minha felicidade em dúvida era a mesma coisa que incitar meu mau gênio.

– Eu gostei *muito* de ter vindo para cá. – Levantei o queixo, mostrando que não aceitaria sua provocação. – E *estou* apreciando nossa estadia aqui, não deturpe as coisas. Estou me referindo a isso. – Apontei a nuvem violeta. – Não

precisaríamos disso se estivéssemos seguros e despreocupados de verdade.

– Isso é uma precaução.

– Não, isso mostra que os problemas podem chegar aqui se não formos até eles para resolvê-los de uma vez.

– Ninguém vai chegar até nós. Não aqui. Porque não há como saber que estamos aqui. Essa *precaução* serve justamente para não nos preocuparmos em sermos perturbados.

Ele indicou o escudo, imitando meu gesto. Sua negação já estava me irritando.

– Vincent... – Apertei a testa com os dedos enquanto fechava os olhos. – Sua *precaução* nos torna visíveis à magia. Eu mesma encontrei a casa de Ludwig pela forma como o escudo de proteção a envolvia, porque, mesmo com falhas em meu poder, posso ver a magia. Isso significa que qualquer um que tenha o mínimo de magia correndo em suas veias também pode, e vai saber que há alguém aqui que não quer ser incomodado. Isso não soa óbvio para você? – Soltei o ar para me acalmar. – Eu realmente adorei passar essas semanas aqui, mas cansei de fugir de Ludwig.

O mago trincou o maxilar, irredutível.

– Pelo que saiba, visitamos todas as cidades ao nosso redor... até outros países! Saímos para jantar regularmente no restaurante turístico da cidade e andamos de mãos dadas para que todos nos vissem. Não estou fugindo.

A voz dura do mago citou a lista de feitos apaixonados que um dia eu exigi. Aquilo magoou.

– Somos visíveis para desconhecidos... Mas nosso paradeiro é segredo para nossa família. – Levantei as mãos, quase entornando a xícara mais uma vez. – Você não vê? Temos o direito de viver nossa felicidade onde desejarmos. O medo está tomando nossa liberdade, mas, se voltarmos para ajudar na captura de Ludwig, não vamos mais precisar viver como prisioneiros!

Ele deu um passo para frente, endireitando os ombros. O mago parecia ainda maior... e furioso.

– Você não é prisioneira aqui, Melissa, é a dona dessa casa. E sua liberdade pode ser tomada a qualquer momento por qualquer um do outro lado desse escudo. – Ele indicou a vidraça com um dedo ameaçador. – Estou tentando nos dar tempo. Porque sei que isso vai perturbar Ludwig a ponto de desestruturá-lo. Cada dia de paz que vivemos é um dia a mais de frustração para ele, isso vai minar sua confiança. Falta pouco para que o desespero faça Ludwig tropeçar em sua raiva. Ela vai cegá-lo, não vai deixá-lo pensar... Quando isso acontecer, quando ele começar a agir por instinto, cometerá o primeiro deslize e se tornará vulnerável. Conto com essa falha para capturá-lo. – Vincent me lançou um olhar

duro, magoado. – Tem mais uma coisa... Se não estava feliz aqui, bastava falar. Nunca pretendi mantê-la aqui contra sua vontade.

Com os olhos grudados no rosto do mago impassível, eu tentei falar, esclarecer... me desculpar, mas não consegui. Antes que coordenasse a primeira palavra, a atenção dos oceanos turquesa se desviou para um caminhão que estacionava na rua à frente do jardim.

– Fique aqui, está frio lá fora.

Sem hesitar, Vincent levou a mão para a maçaneta da porta enquanto murmurava algumas palavras apressadas em alemão. Quando cruzou o estreito alpendre de pedra, a nuvem violeta não estava mais lá. De pantufas e calça de malha, o mago das sombras enfrentou o frio do inverno europeu, cruzando o jardim com seu andar felino até o portão externo. A expressão de poucos amigos associada a um peito musculoso deixou os entregadores visivelmente intimidados.

Depois de poucas palavras do cavalheiro carrancudo, apenas um dos três homens se prontificou a colocar a caixa de volume considerável sobre um carrinho e trazê-la com dificuldade ao seu destino. O mago de pantufas cruzou os braços no peito nu, aguardando impaciente em seu jardim... A imagem austera, que poderia pertencer a um sonho desconexo, de repente se tornou compreensível. Estava claro que Vincent não queria deixar para trás o saboroso gosto de sua felicidade. Mas era outro detalhe em seu mau humor que esmagava meu coração... Eu tinha saudades de casa, mas ele estava vivendo em uma *casa* pela primeira vez. E não queria deixá-la.

Vendo o entregador se afligir com o homem ameaçador que o seguia, me armei com um sorriso solidário para recebê-lo, mas o rapaz nem mesmo levantou os olhos ao passar por mim. Vincent o acompanhava de perto e, com outro murmúrio nada educado, indicou a cozinha. Não ousaria segui-los. Sabia que ele usaria a raiva para esconder qualquer sentimento e não queria discutir na frente de estranhos... Em três passos, eu estava no jardim.

O céu cinza transformava cada arbusto em uma escultura de sombras, deixando pouca coisa colorida para ser observada ao meu redor. Ainda assim, caminhei com passos decididos, puxando as mangas do vestido para baixo enquanto me abraçava. Desviei dos canteiros de dalias, as únicas que resistiam firmemente ao frio, e imaginei se haveria algum incentivo para que fosse assim... Entretida com pensamentos mágicos, só percebi a silhueta do homem alto quando o cascalho estalou atrás de mim.

– É melhor entrar, está um gelo aqui – alertou a voz grave.

Um peito musculoso se aproximou do meu ombro e controlei um suspiro.

– É você que não deveria estar do lado de fora nestas condições. – Balancei

os olhos por seu peito nu de forma sugestiva, mas nada parecia abalar olhar indiferente. Contrariando a lógica, Vincent não parecia ter frio. Podia jurar, ele emanava calor. Desta vez não conteve o suspiro. Buscando qualquer ponto de distração que não fossem os músculos em seu abdômen, encontrei o rapaz que empurrava o carrinho pelo portão da rua. – Ele acabou depressa...

– Sim. – rosnou, impaciente – Podemos entrar?

Na rua, o caminhão de entregas acelerou com vontade, desaparecendo da vista em poucos segundos. Estreitei os olhos, imaginando o motivo.

– Ele instalou tudo bem rápido.

– Não chegou a isso.

– Não? Mas... Vincent? Como eu vou... – A carranca de mau humor deixava claro que ele não se importava. Apertei meu abraço, deixando um som revoltado ecoar por minha garganta. – Às vezes você me irrita *muito*, sabia?

Minha reação indignada fez Vincent escorregar uma das mãos pelo cabelo, deixando uma nuvem esbranquiçada escapar por seus lábios junto com a respiração.

– Vou cuidar disso. Podemos entrar agora?

Me esforcei até o último fio de cabelo para não começar uma nova discussão. Para fortalecer minha vontade, precisaria ficar o mais longe que conseguisse do cavalheiro carrancudo... pelo menos nos próximos minutos.

– Vou ficar aqui um pouco mais – informei decidida.

Vincent não gostou do aviso, e ele sabia que era isso, um aviso. Depois de discutirmos sobre liberdade e prisões, ele não tentaria me convencer do contrário.

– Seja breve, preciso refazer o escudo – disse, cerrando as mãos. – Não quero ter que me preocupar com o que não vemos... e não estou falando do frio.

Minha expressão acabrunhada nem mesmo foi notada porque Vincent girou nos calcanhares, marchando para a porta. Com a distância dele, o frio pareceu ainda mais opressor, e a percepção disso não ajudou meu gênio. Sabia que não devia, mas usar minha magia pareceu certo, mesmo que para desafiar o mago controlador. Chamei o calor do poder, reunindo-o em meu peito... Uma estranha satisfação se apossou do meu corpo. Nunca pensei que diria isso, mas talvez estivesse com saudade da magia.

Espalhei o calor do poder pelo corpo, cobrindo minha pele de forma agradável até não sentir mais frio. Mais confortável, continuei com os passos lentos, contornando o jardim pelo caminho de cascalho que cortava os arbustos altos em uma formação geométrica. O mosaico bem planejado guardava o tesouro do jardim: uma estátua de mulher esculpida em mármore... Christine, a mãe de Vincent. Dentro do pequeno labirinto, eu contemplava o rosto eternizado

pelo tempo... Iniciei uma conversa silenciosa com a imagem da elfo das sombras, mais uma, entre muitas que tínhamos sobre seu filho.

Pouco tempo havia passado quando ouvi o cascalho estalar mais uma vez. Os passos se aproximaram bem atrás de mim e quase me virei, mas sabia que a presença sombria no jardim era apenas o mago carrancudo.

– Sua impaciência não ajuda... – murmurei sem muito ânimo. – Sabe disso, não é?

Silêncio.

Mais cascalho sendo amassado, e dessa vez a proximidade dos passos deixou os cabelos da minha nuca arrepiados. Apesar do ar gelado, isso não era frio. A sensação desconfortável se estendeu até a base da minha coluna e eu não precisava olhar para saber que aquilo era ruim. Meu instinto de proteção chamou o calor do poder, que correu unicamente para meus braços, concentrando-se em minhas mãos espalmadas. Girei com um salto, levantando as mãos... Mas não havia nada atrás de mim.

Meus olhos vasculharam o mar de sombra ao meu redor e comprovaram que eu estava sozinha, mas a sensação de perigo não me deixava. Arfando, baixei as mãos... e senti o toque. Arregalei os olhos quando a pressão envolveu meu braço e, mesmo estando sozinha ali, sabia que o calor que senti não era meu. Comprovando minha teoria, meu corpo respondeu ao calor intruso com um tremor, um choque, que percorreu meu estômago correndo por meu braço até a região sensibilizada. Pulei para trás, segurando meu próprio braço, sentindo que a pele nele ainda emanava calor.

Sem duvidar corri o mais rápido que pude, contornando o jardim até a casa. No estreito alpendre de pedra espiei o jardim mais uma vez e, recuando três passos, bati a porta com violência. Meu cérebro racional buscava respostas plausíveis para o que ouvi e meu instinto lembrava a sensação incômoda que ainda estava comigo. Cheguei a avaliar as possibilidades mágicas de uma visita, mas não havia nada visível que servisse como prova. Depois de mais um minuto, me convenci de que não havia nada lá fora. Nada além da minha paranoia. Isso era culpa de um mago *superprotetor*.

Subi os degraus da escada apressada, sabendo que minha afobação era um reflexo da minha indignação. Quando entrei no quarto, Vincent ainda estava no chuveiro e, concentrada no motivo da minha zanga, fui ao encontro do barulho da água corrente.

– Não tem graça me assustar – ralhei enquanto puxava a cortina da ducha, expondo minha revolta... e outras coisas também.

Vincent se virou, surpreso, e a visão divina ficou completa com o aroma amadeirado e levemente cítrico que me golpeou sem piedade. Confuso, ele



passou as mãos pelo rosto, livrando-se do excesso de água.

– Desculpe se a assustei... mas acho que você fez isso primeiro.

Seu rosto buscava uma explicação e, embora me esforçasse, era impossível lembrar qualquer urgência com aquela distração. Arrependida do gesto imprudente, soltei a cortina, afastando-me com uma careta.

– Estou ficando paranoica graças a você, e não gosto de sentir medo!

Vincent se esquivou da água para puxar uma toalha do suporte e, enrolando-a ao redor da cintura, avaliou meu nervosismo.

– Do que você sentiu medo?

Encarei o rosto atento, frustrada.

– Nem eu sei! – Joguei as mãos ao ar. – Agora dei para correr da minha imaginação, dos monstros invisíveis que nos esperam do outro lado do seu escudo! – Cruzei os braços no peito enquanto me apertava em meu abraço. – Não gosto de me sentir despreparada para enfrentar o que quer que esteja lá fora!

Vincent jogou os cabelos molhados para longe dos olhos e, com passos rápidos, deixou um rastro de água no piso de madeira.

– Mas eu estou preparado. Minha função é justamente nos proteger de qualquer ameaça. Espere aqui.

No rosto intenso do meu cavalheiro de armadura negra estava um dos meus medos. Meu herói tinha a tendência de lutar sozinho contra nossos inimigos, deixando-me como uma expectadora inútil. Eu não me arriscaria a perdê-lo de novo por não saber como agir.

Balancei a cabeça, seguindo o mago até a janela do quarto. Vincent abriu a moldura de vidro, deixando o vento gelado tomar o cômodo; concentrado em um murmúrio em alemão, fez o escudo azulado se estender além da vidraça. Satisfeito com sua obra, ele fechou a janela e quase trombou comigo. O olhar reprovador mereceu uma resposta.

– Eu também quero estar preparada. Sei que posso ajudar... se souber o que fazer. Não quero vê-lo sozinho em uma batalha outra vez.

– Não estamos em uma batalha. Estamos... de férias. Se me der licença, gostaria de terminar meu banho.

Foi minha vez de lhe enviar um olhar frio. Ele me contornou, voltando ao banheiro; eu o segui, estava longe de encerrar essa discussão.

– Quero que me ajude com meus poderes, Vincent. Quero saber como usá-los. E quando usá-los. Eu preciso estar preparada.

Vincent parou diante da ducha e, ajeitando a toalha na cintura, virou com um silvo irritado. A dúvida cruzou seu rosto, mas minha determinação o venceu. Com um resmungo, ele escorregou as mãos pelos cabelos molhados.

– Eu posso concordar, Melissa, mas treinar seus poderes sem desgastar a

magia em formação é quase impossível. Ao fazer isso, as sequelas da falha em seu poder podem se tornar ainda mais sérias.

Eu me encolhi com proximidade de um assunto que sempre evitávamos... Mas não iria recuar. Concentrada em seus olhos, assenti, e minha concordância passiva instalou um silêncio desconfortável no banheiro. Eu não estava abrindo mão do futuro, mas queria lutar por ele. Se não tentasse ajustar minha magia, nunca iria saber quais eram nossas chances de ter uma família completa. Os olhos do mago entenderam isso; por um longo momento, tudo que se ouviu foi o som da água escoando no ralo da banheira. Então, o som de um suspiro ecoou no mármore ao meu redor.

– Vou pedir ajuda aos Von Berg... *quando* voltarmos.

A citação de um retorno se tornou mais importante do que sua concordância com meu treinamento mágico.

– Nós vamos voltar?

– Não é isso que você quer?

Com um passo rápido à frente eu o abracei pela cintura, encostando o rosto em seu peito molhado. Vincent não retribuiu meu abraço, mas ouvi um gemido estrangulado em sua garganta e soube que estava no caminho certo.

– Sei que ficou zangado e não queria magoar você. – Com uma dose extra de coragem, levantei o rosto. – Eu adoro essa casa, Vincent, o que ela significa... Vou lembrar de cada minuto que passei aqui, ao seu lado. Sou agradecida pelas noites à frente da lareira, pelos passeios e viagens, pelas manhãs preguiçosas em *nosso* quarto... ou simplesmente pelas horas arrastando móveis, pintando paredes e trocando lâmpadas. Mas minha melhor memória desse refúgio sempre será nossa primeira noite juntos. – Consegui falar isso sem corar porque estava mesmo concentrada na seriedade do meu discurso e, pela sobrelanceira levantada, Vincent percebeu o esforço. – Um pedaço do meu coração sempre vai ficar aqui, mas eu preciso voltar para resgatar o outro pedaço que ficou lá na montanha... Sei que, no fundo, você também se sente assim.

Com uma longa expiração, o mago de profundos olhos turquesa desistiu de sua irritação. Estendendo os braços ao meu redor, Vincent me apertou contra seu peito.

– Eu queria apenas que essa... – ele me apertou um pouco mais – nunca acabasse.

Havia uma palavra omitida naquele abraço.

– Se depender de mim, a *felicidade* vai nos acompanhar onde estivermos. Eu prometo.

Lábios ternos pressionaram meus cabelos enquanto um sorriso aliviado se esparramava por meu rosto. Tentei desviar dele e da água que ainda respingava

por todo o banheiro, mas Vincent me segurou pela cintura, prendendo-me a ele. Seus olhos delinearam meu vestido parcialmente molhado e, sem me dar tempo para qualquer reação, ele me levantou em seus braços levando-me com ele até a água quente. O grito de susto foi afogado por um beijo ardente e agora pouco importava minha roupa molhada ou o cabelo arruinado. Sentindo seus músculos ao meu redor, eu soube que não deixaria a felicidade esperar.

ENVIAMOS UM COMUNICADO aos Von Berg pelo direcionamento do portal de pedra, informando que nossa estadia na Alemanha estava no fim. Nossa chegada deveria ser aguardada em dois dias, o que dava tempo de sobra para a segurança na montanha ser reforçada. Afinal, não podíamos ignorar as ameaças que se aproximariam com nossa presença.

Voltando aos detalhes do cotidiano, era hora de preparar a casa de Goch para outro período de hibernação. Precisávamos de mais lençóis para cobrir os móveis, de caixas para guardar objetos pessoais e, redimindo-se do surto mal humorado, Vincent prometeu resolver suas pendências com a nova cozinha.

Enquanto vestia meu jeans – a última opção do meu guarda-roupa – ouvi a voz grave praguejar no andar de baixo. Quando descii os degraus da escada íngreme, constatei o óbvio... Se eu estava faminta, o mago estava a ponto de roer os cantos da mesa. Mas, como todo homem, seu gene Y o impedia de admitir não ser capaz de instalar o fogão elétrico. Mesmo com magia. Optando pelo bom senso, induzi o mago rabugento a desfazer o escudo mais uma vez e o arrastei até a cafeteria do centro. As ruas de tijolos ficavam a apenas alguns quarteirões da casa centenária e, depois de um desjejum ao estilo alemão com queijos, linguiças e pães, Vincent providenciou os itens necessários para preparar a casa para nossa partida. Por fim, ele se convenceu de que uma visita à loja de ferragens resolveria honrosamente seus assuntos com o novo fogão; quanto a mim, queria apenas me despedir da cidade pitoresca, que me acolheu no período mais mágico da minha vida.

Deixei o mago na porta da loja e resolvi voltar ao café. Em parte porque não queria desperdiçar minha última visita ao centro de Goch em uma ferragem, mas também porque queria garantir alguns dos maravilhosos pães alemães para mais tarde... Não que fosse mencionar isso na frente do mago, mas era melhor garantir uma refeição que não necessitasse de preparo prévio.

A ideia de nos separarmos pegou Vincent desprevenido, e a perspectiva de termos alguns quarteirões entre nós não o agradou. Mas, surpreendendo-me com um surto de empatia, Vincent entendeu que me libertar do medo era a melhor forma de construir a confiança em meu poder. Avaliando o vai e vem das pessoas, o mago acenou lentamente, contendo qualquer comentário paranoico.

Retornei pela calçada de tijolos e, ainda que estivesse cercada por um número significativo de estranhos, senti os olhos turquesa me acompanhando... A confiança do mago era suficiente para me deixar segura.

De fato, era a primeira vez que caminhava pela cidade sozinha; mesmo depois de semanas cruzando essas ruas, me senti como uma exploradora em terras distantes. Para conferir total plenitude à minha empolgação, coloquei Ludwig e todos os outros problemas da montanha bem longe dos meus pensamentos. Teria tempo de sobra para eles quando retornasse a Campo Alto. Por hora, estava em um país distante, e queria aproveitar verdadeiramente o fim dessa aventura.

Andei devagar, apreciando cada prédio, cada vitrine, todos os detalhes que compunham a paisagem que ficaria registrada em minha memória. Demorei mais do que o esperado em meu curto percurso e, na esquina do contemporâneo Café Von Goch, comecei a treinar o *r* na pronúncia do meu pedido.

– *Guten Tag! Ich möchte einen Apfel Brot und ein Zimt-Brot... Bitte.* – Quando a balconista me deu as costas para colocar as opções escolhidas da vitrine em um saco de papel, eu quase saltitei na loja. Meu pedido foi compreendido! Com um glorioso *danke*, paguei pelos pães e saí do café comemorando minha vitória.

De volta ao calçadão, olhei para os lados. Vincent não estava à vista e concluí que ele também estava mais entretido do que imaginava. Com passos ainda mais vagarosos, comecei o caminho inverso... Faltava apenas um quarteirão quando me rendi ao aroma dos pães em meus braços. Retirei um pedaço do pão de canela – meu favorito – e, apenas para não ficar com a consciência culpada, deixei o pão de maçã intacto. Distraída com o sabor doce que derretia em minha boca, de alguma forma fui jogada ao chão.

O arfar surpreso se tornou dolorido quando meus joelhos encontraram a calçada de tijolos. Com uma careta, procurei o obstáculo aos meus pés e, acreditando ser desastrada a ponto de cair sozinha, desisti de encontrar o que não existia. Passei a recolher os pães arruinados na calçada e com a visão periférica notei uma sombra deixar a viela ao meu lado... Fiquei mortalmente envergonhada ao perceber que continuava tropeçando em estranhos, e, pior, em um país distante! Pronunciando um sonoro *entschuldigung*, eu me endireitei... E descobri que meu pedido de desculpas era desnecessário.

Mãos raivosas me arrastaram pelos braços até a viela, onde fui jogada no chão de propósito. Desta vez demorei a me levantar porque a surpresa me roubou qualquer reação. O homem de olhos felinos se aproximou, e estava muito diferente do que eu lembrava... Cicatrizes recortavam seu rosto pálido e, se a ausência das orelhas pontiagudas não fosse chocante o suficiente, Hector

arrastava uma perna. O olhar do elfo das sombras estava fixo em meu rosto e o ódio que transbordava dele deixou claro que, embora sua aparência mostrasse um corpo mutilado, seu desejo de vingança o tornara ainda mais letal.

Provando o que eu já sabia, o elfo deu um passo em minha direção; um tapa certo arremessou minha cabeça contra a parede do prédio ao lado. A dor aguda ecoou perto da abstinência dos sentidos e, quando dei por mim, estava sendo levada pelo elfo das sombras. Hector caminhava pela viela deserta com certa dificuldade, não apenas pelo meu peso em seus ombros, mas pela perna que parecia ferida. Atordoada, avistei seu objetivo: a sombra gelada na junção dos edifícios. Sem hesitar, chamei o poder, reunindo-o em meu peito... Apoiando as mãos nas costas do elfo, descarreguei a onda de calor de uma única vez e seu grunhido de dor cresceu pelas paredes de tijolos. Hector desabou no chão em cima de mim, e percebi que deveria ter descido de suas costas antes do ataque.

Aflita, empurrei seu corpo para longe do meu enquanto me arrastava pelo chão. Minha cabeça latejava e fiquei na dúvida se era o hematoma anterior ou um novo, da última queda. Quando ameacei me levantar, mãos se agarraram à minha calça jeans, trazendo-me ao chão com um tranco. Meu rosto bateu com violência contra o calçamento. Desorientada, preendi a respiração, fechando os olhos com força.

– Você. Continua. Irritante. – O português enrolado destacou as palavras com uma voz seca e feroz. Ele se aproximou, agarrando a gola do meu casado para me levantar do chão. – Pode ter certeza... se sua vida não fosse importante, agora já estaria morta.

Apoiei minhas mãos em seus ombros, lutando com a força de seu braço enquanto reunia meu poder para atacar.

– O que você quer?

Hector levantou as cicatrizes no que parecia um sorriso e aproximou seu rosto recortado do meu. Lutei ainda mais.

– Por mais que seja tentador ter minhas mãos em seu pescoço, o que eu quero não importa. Como pode ver, Ludwig me deixou um lembrete de que não devo falhar em minha missão dessa vez. – Hector indicou o próprio rosto.

Meu estômago revirou, chocada com a crueldade diante dos meus olhos.

– Ludwig fez isso com você?

Minha compaixão irritou o elfo das sombras, que me empurrou bruscamente contra a parede. Pressionando seu corpo contra o meu, ele segurou meu pescoço com uma das mãos.

– Você e aquele traidor fizeram isso comigo. – Franzi os olhos e então entendi que ele falava de Vincent. – Mas tenho certeza que, depois de tirar o que precisa de você, o mestre vai me dar o privilégio de fazer o mesmo a este rosto

bonito.

O elfo apertou a mão que segurava meu pescoço, enquanto eu lutava para alcançar o seu. Imaginei que uma descarga de poder ali poderia atordoá-lo por mais tempo; percebendo minha manobra, Hector tentou me imobilizar novamente. Eu só tinha as pernas agora e, com um chute certo, consegui fazer o elfo se afastar. Levando as mãos entre as pernas, ele se curvou, exclamando um xingamento em uma língua desconhecida. Em seguida, o olhar negro foi tomado pela fúria, deixando claro que ele não deixaria de revidar.

Eu tinha uma fração de segundo para decidir o que fazer: atordoá-lo com meu poder e fugir, ou absorver o seu e imobilizá-lo de vez. Meu corpo latejante comprovava o fracasso da primeira alternativa. Eu não tinha escolha.

Com uma manobra inesperada, avancei contra o elfo, colocando minhas mãos sobre o que restava de suas orelhas. Eu havia conseguido um contato direto, mas também abri minha guarda para seu ataque. Hector colocou as duas mãos em volta do meu pescoço, levando-me ao encontro da parede mais uma vez. Pela força que fazia, imaginei que preferia me matar a cumprir as ordens de Ludwig. Então... *eu* não poderia falhar.

Fechei os olhos. Apesar da pressão que me sufocava, tentei me concentrar no calor que brotava de sua pele... Eu o trouxe para mim e ele veio acompanhado por um gosto espesso, denso e amargoso. Tentei me concentrar no fluxo que se acomodava de forma desconfortável em meu peito, enquanto o ar me era roubado... Quando achei que estava perdendo, o elfo finalmente afrouxou as mãos em meu pescoço. O alívio levou a um gesto contrário. Apertei ainda mais as mãos em seu rosto, intensificando a assimilação de energia, e percebi Hector vacilar. Agora suas mãos não me atacavam mais, apenas mendigavam apoio para um corpo fraco.

– Pare, Melissa! Você vai matá-lo! – A voz grave ricocheteou na viela de tijolos, cortando minha concentração. – Pare!

Imediatamente abri os olhos e diante de mim outros olhos estavam arregalados, opacos... sem vida. O rosto do elfo estava sem expressão, ele parecia em choque, ou... Balancei a cabeça. Não queria nem mesmo pensar na palavra. Porque eu não poderia ter feito algo assim, mesmo a um ser como ele. Eu o soltei e seu corpo mole despencou até o chão. Os segundos duraram horas até que Vincent me alcançou. Congelada em seus braços, entendi o que tinha acabado de fazer. Levei as duas mãos à boca, e elas não seguraram meu grito de horror. Entendendo meu desespero, o mago das sombras me levou ao encontro de seu peito... Sob sua proteção eu me encolhi, fugindo da imagem do elfo largado aos meus pés.

– Eu o matei? – A pergunta abafada pelo pânico arranhou minha garganta

dolorosamente. Fechei os olhos com força. – Eu... eu o matei?

Vincent não respondeu, apenas estreitou os braços ao meu redor, segurando minha cabeça em seu peito. Afastando-me de algo muito ruim. Quando falou, não me deu a resposta que eu buscava.

– Eu devia ter chegado antes.

Balancei a cabeça, porque minha culpa era maior do que a dele.

– Diga-me, Vincent... Eu o matei?

A demora por uma resposta fez crescer a agonia em meu peito.

Relutante, abri os olhos e Vincent nos separou. O remorso havia se transformado em indiferença no rosto do mago. Quando falou, a voz grave estava desprovida de qualquer emoção.

– Não sinto mais sua energia das sombras. Ele não vai sobreviver.

Se o mago não tinha dúvidas, eu podia me desesperar.

Ouvi um som entrecortado que parecia ecoar das paredes e só percebi que ele vinha de mim quanto meu rosto ficou molhado pelas lágrimas. Fechei minhas duas mãos na camisa de Vincent, deixando claro meu tormento.

– Eu não queria... Não queria fazer isso a ele. Eu só estava... estava tentando... afastá-lo...

Vincent segurou meus punhos com força, interrompendo a enxurrada chorosa. Levantando meu rosto, me fez olhar para ele.

– Você fez o que tinha que fazer, Melissa. Lutou por sua vida. – A voz firme acompanhou um olhar vitrificado, mas muito sensato. – Prefiro ver esse desgraçado no chão a ver você. Pode ter certeza de que ele teve o fim que mereceu.

Uma espiada para o chão e a angústia intensificou as lágrimas, que agora eram um pranto desesperado. Eu não queria ser responsável pelo *fim* do elfo! Mesmo sabendo que ele estava disposto a me matar um minuto atrás, não queria ser responsável pelo fim de sua vida! Eu não queria ser responsável pelo fim da vida de ninguém! Minha magia devia ser usada como defesa, não como arma... Eu não era uma assassina! Não queria ser! Com uma pausa em meus soluços, concentrei-me no corpo desacordado. Eu não precisava ser. A lucidez me assaltou com um único pensamento: meu poder compartilhava energia. Era capaz de ferir, mas também de curar!

– Ele não merece esse fim. – As palavras acompanharam meu movimento.

Soltando-me dos braços do mago, eu caí no chão e estiquei a mão até alcançar o rosto gelado de Hector.

– O que está fazendo?

Ignorando a voz indignada que tentava ressuscitar minha razão, chamei pelo poder em meu peito. Eu o direcionei pelo braço, conduzindo-o

vagarosamente até o ponto de contato com a pele do elfo. Senti o calor me deixar, mas controlei as ondas de energia. Quando tive a mínima resposta de Hector, interrompi o fluxo.

Atendendo ao chamado da mão em meu ombro, levantei cambaleante. Um pouco fraca, mas definitivamente aliviada por saber que agora o elfo iria viver. Mas as mãos insistentes não concordavam comigo e me viraram na direção de olhos reprovadores.

– Não acredito que você o salvou depois do que ele fez a você!

A voz indignada de Vincent não demonstrava qualquer misericórdia. Não poderia culpá-lo. Eu já o vi no chão por causa desse mesmo elfo que, naquela ocasião, não teria a mesma benevolência... Eu queria ver Hector morto. Mas não por minhas mãos. Uma fração de segundo encarando os olhos violeta e um suspiro aliviado deixou meu coração mais leve. Talvez Hector tivesse mesmo muita sorte por não termos vocação para assassinos.

– Você o salvou antes, Vincent, quando me impediu de continuar. Fez isso porque sabe que a morte não era um caminho justo. Mesmo para ele.

A surpresa de Vincent quase evoluiu para o choque. Os olhos violeta nem mesmo vacilaram.

– E toda essa misericórdia poderia colocar um de nós no lugar dele. Não é assim que devemos lidar com seres como Hector.

Já não sabia se a emenda era uma crítica ou uma constatação.

– Não tenho dúvida de que ele ia me matar... Como não tenho dúvida de que ele o mataria na Dimensão das Sombras se não fosse impedido. – Indiquei o corpo que respirava com dificuldade no chão. – Mas, se Hector merece uma punição, a morte é uma saída muito fácil. Não se preocupe, doe apenas o suficiente para manter seu coração batendo e os pulmões funcionando.

Vincent abaixou o rosto, avaliando o corpo estendido no chão.

– Foi ele, não foi? Que deixou você assustada mais cedo. Por que não me contou?

Franzi os olhos e senti algo latejar em minha bochecha.

– Não sei se era ele, parecia... – Parei ao ligar os pontos. Embora não estivesse certa da identidade daquela presença assustadora, Vincent provavelmente tinha razão, era Hector no jardim. Se escondendo em minha própria sombra. Ainda assim, algo me dizia que poderia ser muito pior. – A sensação estranha que senti era uma presença, mas não posso ter certeza de que era ele... Se fosse, por que não me atacou lá?

– Porque eu estava perto demais. – Apertando as mãos em punho, o mago das sombras rangeu os dentes. Mas sua ira foi contida pela lucidez. Com um levantar de olhos para a saída da viela, Vincent se agitou. – Tenho que tirá-lo



daqui. O movimento na rua está fraco, mas alguém pode nos ver. Já que ainda resta um sopro de vida neste infeliz, ele deve pagar por seus crimes.

– Você vai levá-lo ao Conselho?

Os olhos violeta escureceram um tom; quando encontraram os meus, pareciam extremamente ferozes.

– Vou levá-lo para Victor. Ele não escapará na Dimensão das Sombras, mas estou quase certo de que isso pode acontecer na Terra da Luz. – Sustentando meu olhar, o mago foi categórico. – Ninguém na montanha além de Aristela sabia do nosso paradeiro. Ela foi orientada a comunicar nosso retorno porque queríamos garantir a segurança para a montanha quando voltássemos... Se nosso pedido foi encaminhado exclusivamente aos responsáveis, não há motivos para confiarmos no Conselho.

Assenti brevemente, entendendo o que Vincent não disse: se Hector chegou até nós, havia mesmo um espião na montanha. Alguém acima de qualquer suspeita, perto o bastante ou influente o bastante para saber do nosso comunicado aos Von Berg.

– Nunca pensei que diria isso, mas acho que o Demônio das Sombras é o único em que podemos confiar agora.

Vincent não se deu ao trabalho de contestar minha afirmação, porque estava claro que concordava comigo. Ele levantou uma mão, acariciando a lateral do meu rosto... Por mais leve que fosse seu toque, eu me afastei ao sentir a pele latejar. O mago trincou os dentes enquanto os olhos raivosos desciam para o elfo inconsciente. Com uma careta, eu trouxe seu rosto de volta ao meu.

– Eu estou bem. Um pouco dolorida, mas estou bem.

Bufando para minha calma, ele escorregou a mão pelo cabelo.

– Desculpe. Eu não devia ter deixado...

Coloquei a mão sobre seus lábios, interrompendo-o.

– Eu quase matei um elfo hoje. Acho que mereço algum crédito.

O suspiro não foi conformado, mas Vincent me abraçou. Com extremo cuidado colocou a mão sobre meus cabelos, apoiando minha cabeça para me aconchegar em seu peito. Sua mão pressionou de leve uma região dolorida e me lembrei da primeira pancada na parede. Eu gemi, afastando-me com outra careta. Desta vez o mago rosnou, furioso.

– É melhor eu levá-lo logo, ou vou matá-lo de verdade.

Assenti lentamente, e só então comecei a sentir a dor que se espalhava por toda minha cabeça, descendo até os ombros. Enquanto Vincent se abaixava para levantar o elfo no ombro, me adiantei até a esquina da viela para checar o movimento. Quando voltei, ele avaliava a sombra gelada na junção de dois edifícios.

– A rua está calma, mas duas mulheres acabaram de virar a esquina... É melhor ir logo.

O mago das sombras ajustou o peso do elfo.

– Não vou demorar, mas preciso avisar Victor do que aconteceu. Pela diferença de tempo, alguns minutos lá podem se tornar horas aqui. Quero que volte para o café e me espere lá. Um lugar movimentado deve ser seguro o bastante. – Com um toque em meu queixo, o mago finalizou. – Fique atenta.

Concordei para os olhos violeta; um segundo depois, Vincent mergulhou na sombra carregando meu atacante ainda desfalecido. Sozinha, fui vencida pelo silêncio aterrorizador da viela e girei sobre meus pés, afogando-me no choro insistente. Sem olhar para trás caminhei de volta ao centro, devagar o suficiente para não correr.

Por mais de uma hora, fiquei sentada em uma das mesinhas brancas bem no meio da cafeteria. Meus olhos eram velozes, correndo por cada mínimo movimento em uma análise minuciosa... Agarrada à minha xícara de café, percebi que o líquido balançava com meus tremores e, embora o terror guardado dentro de mim não pudesse ser visto, meus hematomas provavelmente eram.

Desviei de alguns olhares piedosos, de outros mais curiosos e, com um sorriso forçado, tentei me comunicar com a garçonete que por duas vezes veio me perguntar se eu estava bem. Bem? Como diria a ela que quase matei um elfo com meus poderes mágicos? Não, nada ia muito bem. Voltei o rosto para a porta de entrada que se abria para mais um freguês... Estava ficando impossível controlar a ansiedade que crescia para uma síncope a cada minuto de inércia, era como estar dentro de um relógio em contagem regressiva. E o nervoso não era apenas por me sentir vulnerável, mas por ter acreditado em uma segurança que nunca existiu. A magia sempre encontrava uma forma de burlar barreiras; sendo assim, não estaria segura em lugar algum.

Pela milésima vez, analisei cada cliente ao meu redor, gestos, roupas e aparência física... buscando qualquer peculiaridade que distinguisse um possível ser mágico de um morador comum. Até que alguém bem incomum empurrou a porta de vidro com um único golpe. O homem vestido unicamente de preto prendeu meu olhar enquanto caminhava e só parou quando os poderosos oceanos violeta estavam acima dos meus.

– Vamos. É hora de voltar.

## Montanha

FIZEMOS UMA VIAGEM rápida na primeira sombra densa que Vincent encontrou. Não conversamos no curto trajeto; de certo modo, isso era um alívio, porque qualquer palavra minha carregaria lágrimas. Eu me contentava com o braço protetor sobre meus ombros, que me confortava em silêncio... e que, talvez, também sofresse em silêncio. Porque nada poderia mudar o que estávamos prestes a fazer.

Emergimos no canto mais escurecido do corredor do segundo andar e, ainda de mãos dadas, caminhamos para o quarto que sempre ficava fechado. Com um comando mágico, o mago das sombras destrancou a porta, guiando-me para dentro do cômodo sem janelas. Com um olhar sobre o ombro, me despedi da casa que abrigou minha felicidade e dei adeus a uma Melissa que não existia mais.

Vincent fechou a porta atrás de nós. Jogou seu casaco para um canto e tirou o meu cuidadosamente. Cuidadoso, ele afastou meus cabelos, e por seus lábios franzidos imaginei o quão ruim minha aparência deveria estar... Mais uma vez, era melhor evitar palavras, porque elas não poderiam traduzir o pesar em meus olhos. Ou a fúria dos seus.

Quando subimos no elevador de pedra, o mago colocou as mãos em minha cintura, virando-se para a porta fechada. Seu olhar viajou pela tinta lascada, pelo papel de parede gasto... Demorando uma eternidade para encontrar meu rosto.

– Não reformamos este cômodo. – A voz baixa, grave e fraca, deixou transparecer a tristeza que ele tentava esconder.

Eu o abracei pela cintura, aproximando-me um pouco mais para encontrar dois oceanos em tempestade.

– Vamos fazer isso da próxima vez que voltarmos.

Um leve sinal da emoção contida brilhou em seus olhos, e, mais uma vez, Vincent a escondeu. Desta vez, atrás de um sorriso morno. Ainda assim, eu sabia que em nossa troca de olhares estava eternizada a saudade... porque nunca esqueceríamos este lugar.

Com uma longa expiração, mãos firmes apertaram minha cintura, o rosto tenso se concentrou, e a voz grave ecoou nas paredes anunciando nosso destino:

– *Path of Von Berg.*

ANTES QUE MEU CORAÇÃO batesse três vezes, a chama rosa morreu aos nossos pés, com o som de fogo consumindo pólvora. Estávamos de volta à

montanha.

Pisquei para a claridade que ultrapassava a claraboia, quase nos cegando, e por reflexo baixei os olhos... Na ampla sala rodeada de estantes e poltronas, encontrei um rosto conhecido. E muito surpreso.

Nicolau deixou cair o livro de suas mãos, levantando-se da poltrona com rapidez.

– Vincent... Melissa... Pensei que iriam retornar em dois dias!

Vincent pulou ao chão e, levantando-me pela cintura, desceu-me ao chão também. Com um abraço em seu tutor, deixou o ar escapar dos pulmões.

– Nosso *retorno* precisou ser antecipado, Nicolau.

Sem me dar tempo para cumprimentar o mago robusto, Vincent procurou minha mão, levando-me para a poltrona mais próxima. Ignorando minha negativa, ele insistiu com um gesto para que eu me sentasse. Eu estava bem... Apesar de sentir a lateral do rosto quente e o ombro latejante, não havia qualquer emergência física que necessitasse de tanto cuidado. Mas os olhos violeta do mago eram um aviso de que não adiantaria argumentar. Ele me observou por um instante e, com um grunhido, desviou o rosto, como se olhar para mim piorasse o que sentia. Não fui a única a perceber isso.

– É muito bom tê-los aqui, mas... – Aproximando-se de minha poltrona, Nicolau piscou algumas vezes, e parou. Como se precisasse de um minuto para registrar o que via. Voltando-se para Vincent, o mago robusto pareceu alterado. – Pelos céus, o que aconteceu?

Foi a primeira vez que vi Nicolau falar em tom rude com seu protegido e, a julgar pelos hematomas em meu rosto, sabia que uma variedade de horrores lhe ocorria agora. Mas não pude acreditar que ele julgava Vincent o responsável por eles. Mas um olhar para o rosto culpado do mago das sombras me fez entender o ponto de vista de Nicolau, porque estava claro que Vincent já havia assumido a responsabilidade sobre o incidente.

Com um suspiro, eu mesma respondi sua pergunta.

– Recebemos uma visita indesejada e houve um confronto. – Sinalizei para meu próprio rosto. – O que nos fez compreender que seria arriscado permanecer em Goch.

Vincent seguiu meu gesto e pareceu ainda mais incomodado. Eu não queria torturá-lo e me virei para o outro lado... Mas acabei favorecendo a observação de outro mago que se aproximou muito preocupado.

– Então Ludwig descobriu seu paradeiro?

Eu sabia que um ataque do mago psicopata ou de seus cúmplices era esperado desde o dia da comemoração de nosso Pacto de Futuro, mas a falta de surpresa na pergunta de Nicolau me intrigou.

– Não. Hector nos encontrou, e obviamente seguia ordens de seu *mestre*. – A voz grave se elevou ao fazer a indicação. Se identificar com Hector por um dia ter seguido as ordens de Ludwig parecia incomodar o mago das sombras. – De qualquer forma, o acerto de contas com o elfo já foi feito.

Algo realmente obscuro sombreou os olhos avelã, fazendo o mago robusto enrijecer.

– Você o eliminou?

Aquilo pareceu a gota d'água para alguém que estava prestes a transbordar. Elevando seu tom, Vincent jogou as mãos para o alto, girando como um tornado pela sala.

– Não. Eu não fiz *nada*! Nada para impedi-lo e nada para puni-lo. A única coisa que fiz foi levar aquele desgraçado para um lugar de onde nunca mais sairá. – Vincent voltou com dois passos pesados até Nicolau. – Preciso saber *como* ele nos encontrou! Afinal, nosso paradeiro deveria ser sigiloso. Não deveria?

A desconfiança na voz de seu protegido era justificada pela ira e foi imediatamente perdoada por Nicolau.

– Sim, deveria. Pelo visto, voltamos às traições. Hector foi visto algumas vezes nas fronteiras, sabíamos que ele estava procurando notícias, mas a informação estava muito bem guardada até esta manhã, quando recebemos seu comunicado. – O mago robusto falou pensativo, esfregando o pescoço com um gesto incomodado. – Eu não queria acreditar, mas já faz algum tempo que cogitamos a possibilidade de haver outro infiltrado entre nós. Vou chamar Aristela. Temos muito para conversar. – Nicolau me olhou. – E Lume também... para cuidar de seus ferimentos, Melissa.

O mago saiu da sala do portal com passos rápidos, deixando-me sob a observação dos tenebrosos olhos violeta. Suspiro.

– Não adianta acumular essa fúria, Vincent. O momento pede calma, para sabermos como agir.

– Vindo de alguém que estava aos prantos por quase matar um maldito elfo... Sim, parece muito coerente.

A voz dura sobrecarregou o poder dos olhos violeta, e soube que os dias felizes do mago definitivamente haviam acabado. Comecei a me levantar e duas mãos fortes me detiveram.

– Fique onde está até Lume chegar. Não sabemos a extensão dos seus ferimentos... Você pode ter uma concussão.

Eu me livrei de sua mão, mas continuei sentada.

– Pode ter certeza que Hector está muito pior. – Soltei em um impulso de defesa, e minhas palavras arrancaram um grunhido do mago das sombras. Apoiei

as costas no estofado, cansada. – Sei que agora tudo será diferente, Vincent, mas não custa tentar controlar seu humor. As coisas já estão ruins e não precisam piorar.

– E o que quer que eu faça, Melissa? Finja que não estou vendo o que aquele elfo fez?

– Se eu posso viver com isso, você também pode. – Levantei mesmo com a restrição de suas mãos e inspirei profundamente. – Estou assustada o suficiente pelo que fiz. E pelo que não fiz também. Porque agora sei como seria fácil realmente matá-lo. Eu quase fiz isso! Será que você poderia facilitar um pouco o que não tem volta?

– Você fez o que deveria fazer. Estava salvando sua vida.

Balancei a cabeça, abraçando-me.

– Você não entende? Eu não pararia se você não estivesse lá...

Ele bufou.

– Certamente eu não estava, e esse é o problema aqui! Se *eu* tivesse cumprido meu papel, se não tivesse baixado a guarda, ou se pelo menos tivesse chegado um pouco antes, *você* não precisaria se preocupar com a vida daquele desgraçado! – Ele levantou uma mão com um gesto exasperado, indicando meu rosto. – E não estaria neste estado!

E então, entendi. Sua fúria não era reservada a Hector, Vincent estava furioso consigo mesmo. Balancei a cabeça, eu estava me remoendo por quase ter matado um elfo e ele estava se remoendo por não ter matado por mim. Não sabia o que era pior, meu remorso ou sua culpa.

– Não podíamos imaginar que ele iria atrás de nós.

– Eu *sim*! Mantive um escudo, avaliei os arredores em cada passeio, fiquei sempre ao seu lado. Eu deveria estar lá! Mas não estava. E Ludwig contava com isso. Ele usou o mesmo plano que *eu* tinha para ele: excesso de confiança. – O mago agitou-se, dando ênfase à sua indignação. – Estávamos fazendo a mesma jogada! Mas ele, como sempre, está um passo à minha frente!

Vincent parou e notei breves espasmos de fúria em seus braços. Coloquei as mãos sobre seus ombros, contendo os tremores.

– É isso que Ludwig espera agora, descontrole... Mesmo que as consequências desse confronto me perturbem, não vou fazer o que ele quer.

– O que *me* perturba é saber que ele não tem mais nada a perder. Ludwig é um foragido e tivemos provas do quanto seus cúmplices podem ficar acuados, desesperados e violentos. – Ele desceu o olhar violeta pelo meu rosto. – Você fala em controle, mas não entendeu que não estamos controlando nada... há muito tempo. – Engolindo em seco, ele se afastou. – Sei que não acredita na maldição dos magos das sombras, mas eu a vejo cada vez mais perto.

Levantei o queixo, sentindo o local do inchaço latejar.

– Você está certo. Eu não acredito.

A troca de olhares foi interrompida por um gorgolejar francês.

– *Ma chère...*

Aristela atravessou a sala às pressas, escoltada por Lume e Nicolau. A maga de longos cabelos acinzentados me abraçou com cuidado. Quando se afastou, o olhar preocupado se voltou para Vincent. Mas palavras não vieram, sabia que a conversa mental deles era habitual e imaginei o que aqueles olhares intensos significavam. Enquanto isso, a elfo de fogo chocada se fez ouvir.

– Pela lava borbulhante... Isso está... – A frase foi interrompida e voltou com mais decisão. – Vou buscar alguns emplastros de Alex.

O comunicado ecoou com seus passos enquanto Aristela me conduzia até o sofá, sentando-se ao meu lado. Nicolau nos seguiu, mas Vincent permaneceu onde estava, andando de um lado para outro com a impaciência de um grande felino.

– Conte-nos como isso aconteceu, *chérie*.

Mesmo de longe, vi o mago das sombras fechar as mãos ao lado do corpo. Não sabia se ele aguentaria reviver o acontecido, mas precisávamos dos detalhes para desvendar a identidade do informante de Ludwig. Com um suspiro, segurei as mãos da maga e fechei os olhos, me preparando para reviver aquilo. Comecei o relato contando sobre a presença suspeita no jardim e, enquanto narrava a abordagem de Hector na viela, nossa luta e o que eu quase fiz ao fim dela, Lume retornou com vidros e compressas. Pelo olhar arregalado, ela conseguiu captar a parte crucial do acontecido. Mas não era apenas ela que prestava atenção; pelos passos enfurecidos que ecoavam até a claraboia, entendi que uma coisa era ver os hematomas, e outra era saber como eles chegaram ao meu rosto.

Ao fim do meu monólogo, dois magos silenciosos e atentos me olhavam. Uma elfo de fogo deixou cair um frasco esverdeado no tapete e um grunhido indignado praguejou em alemão.

Limpando a garganta, Nicolau finalmente rompeu o silêncio.

– Mas você não o matou. Isso é o que importa. E foi muito corajosa para enfrentá-lo, Melissa. – A voz incerta era um contraponto ao incentivo das palavras, e sua dúvida se justificava dentro dos olhos avelã. – Mas ainda me preocupo com o uso de seu poder nessa intensidade.

*Droga! E ainda havia essa!*

Era responsabilidade de Nicolau monitorar o desenvolvimento da minha magia e informar ao Conselho de uma possível recuperação, o que nunca aconteceria se eu gastasse cada gota de poder em lutas de vida ou morte. Durante um conflito mágico, eu precisaria salvar minha vida ou a de outros... Mas usar

meu poder agravava as consequências de seu desenvolvimento anômalo, tornando estas falhas permanentes em meu corpo físico. Afastando minha possibilidade de ter filhos. Levantei os olhos para o mago furioso do outro lado da sala, desolada, sabendo que ele tinha mais um motivo para estar furioso.

Aristela entendeu rapidamente meu desolamento e, afagando minha mão, tentou encobrir a própria tristeza.

– Vamos cuidar de você, *ma chère*... Vamos cuidar de você.

Os olhos cinzentos estavam mareados, fixos em meu rosto. Eu já não sabia se ela se referia aos hematomas ou ao meu abalo emocional. Quando ela desviou o rosto para Lume apressando-a com um gesto, entendi que eram os dois. A elfo de fogo posicionou potes e compressas ao meu lado, enquanto o mago das sombras distribuía mais passos em círculos no tapete.

– Houve algum incidente na montanha nestas últimas horas? Algum indício de ataque? – A pergunta em tom aflitivo não foi direcionada a um mago especificamente, mas a ambos representantes Von Berg.

Confesso que o unísono *não* retirou um peso do meu coração, e estaria sorrindo se minha bochecha não latejasse tão forte.

Acompanhando minha reação, Vincent expirou o ar lentamente, mas continuou com os círculos no tapete. Quanto a mim, o relaxamento trouxe as consequências da luta. Com a diminuição da adrenalina, a visão do olho esquerdo começou a ficar embaçada, comprometida pelo inchaço. A dor em minha cabeça descia pelos ombros, fazendo-me imaginar um possível trauma interno. Virando-me para Lume, afastei os hematomas dos olhos de Vincent e esperei com ansiedade que a pasta de cheiro pungente levasse a dor que se espalhava por todo o rosto. A aparência da pasta não era agradável, mas, sendo um dos remédios de Alex, com certeza era eficiente.

– Se incomodar muito, avise, e tentarei outra coisa – informou a elfo, pouco antes de colocar a primeira compressa com o emplastro na pele machucada.

Segurei um gemido.

Lume levou a mão à maçã do meu rosto para segurar o curativo e, pelo pulsar intermitente, achei que meu rosto iria explodir! Mas, com tantos olhos atentos, não ousei exteriorizar o desconforto. Sabia que os remédios mágicos eram capazes de apagar os vestígios físicos da luta, ainda que o rosto deformado de Hector me garantisse pesadelos para o resto da vida... De qualquer forma, precisava suportar a dor para que meu rosto não se tornasse o pesadelo da minha família. Lembrar deles foi um poderoso anestésico.

– Onde está Alice? – perguntei entre os dentes, esforçando-me para não me mexer ao falar.

Lume desviou os olhos do curativo.



– Ela foi com Viviana e Heros para a Terra da Luz, treinar sua comunicação com os animais mágicos.

Mais do que depressa, procurei a maga de longos cabelos acinzentados.

– Não quero que minha irmã me veja assim, Aristela.

A maga concordou, com um gesto sinalizou que eu deveria permanecer imóvel e levantou-se em seguida.

– Vou garantir que você tenha tempo para que o tratamento faça efeito.

Minha gratidão foi expressa em um olhar e qualquer sensação de desconforto foi substituída pela ansiedade. Calculando a diferença do fuso, percebi que ainda era tarde aqui. Alice devia ter acabado de chegar e faltava bastante tempo para reencontrarmos George... O alívio se transformou em lágrimas nos meus olhos, o que fez a mão da elfo se afastar. Minha emoção estava sendo erroneamente interpretada e, tentando distrair a mim mesma, me atentei aos resmungos que ecoavam do outro lado da sala.

Nicolau conversava com Vincent, especulando os motivos que levaram Hector a se arriscar em um ataque no meio do movimento da cidade. A voz grave precisou se concentrar para não dar a resposta com um rosnado.

– Ele não queria me enfrentar. – Vincent desviou os olhos e chegou mais perto para vistoriar meu tratamento. – Victor retirou os poderes de Hector em nossa luta na Dimensão das Sombras. Só lhe restava sua essência, a camuflagem. Ele sabia que não conseguiria me derrotar em uma luta direta e aguardou meu descuido. – Ouvi seu ranger de dentes – A oportunidade de espreitar Melissa. Sozinha. Ele só não esperava que o poder dela fosse suficiente para derrotá-lo.

– Hum... Mas ainda não faz sentido. Se Ludwig quer vocês dois, por que atacar Melissa sozinha? Por que perder uma oportunidade de capturá-los de uma única vez?

Eu me remexi na poltrona sob o olhar severo de Lume. Queria comentar que houve outra tentativa de ataque, que não era...

– Não foi a primeira vez. – Vincent deu voz a meu pensamento. – Na noite anterior à recepção de anúncio do Pacto de Futuro, ele também tentou nos abordar separadamente. Talvez acredite que assim tenha mais sucesso.

– De qualquer forma, precisamos entender como Hector descobriu o paradeiro de vocês.

O olhar mortal de Vincent desceu até o sofá onde eu estava. Isto bastou para a elfo de fogo estremecer ao meu lado.

– Tive chances de traí-lo antes, mago, e não o fiz. Não esperaria por tanto tempo se essa fosse minha intenção.

– Por que se preocupa com explicações se nem cheguei a fazer uma acusação?

Afastando o curativo, volvei o rosto para encontrar os olhos violeta.

– Pare, Vincent. Você sabe que podemos confiar em Lume. – Busquei a mão trêmula da elfo de fogo e a apertei na minha. – Esse infiltrado pode estar em qualquer lugar, não apenas nesta casa.

Lume tinha algo admirado em sua expressão, como se visse uma estrela na Terra... um unicórnio cor de rosa ou uma sereia ruiva. Tudo bem, as duas últimas referências eram comuns por aqui. E nem queria questionar a primeira. Inclinando a cabeça para frente no que pareceu uma reverência, Lume despertou de seu transe e recolocou o curativo em meu rosto.

– Você está certa, qualquer um que teve acesso aos protocolos de segurança informados hoje de manhã pode ser o contato de Hector.

O mago das sombras ouviu a elfo sem poder contestar sua lógica. Com a expressão menos ríspida, ele se voltou para Aristela.

– Preciso saber quem está nesta lista.

– Enviamos um alerta ao Conselho assim que recebemos seu comunicado e ele foi repassado aos líderes dos Reinos. A localização de vocês foi necessária para garantir a proteção das fronteiras. Foi uma exigência de...

Vincent travou o maxilar com um olhar feroz, como se já imaginasse o culpado.

– Lorelei?

Aristela não respondeu, mas assentiu titubeante. Nicolau arregalou os olhos, duvidando de seus pensamentos. Até as mãos de Lume congelaram em meu rosto. Depois de um instante, Nicolau encontrou uma linha de pensamento mais cautelosa.

– Vincent... Precisamos ter cuidado ao concluir algo assim. O alerta de Aristela pode ter sido interceptado; neste caso, qualquer um com acesso à burocracia do Conselho poderia ter lido a informação e passado adiante. Como aconteceu antes, sabemos que até os representantes dos Reinos podem ser suspeitos.

O mago das sombras não escondeu a contrariedade em sua expressão quando deu as costas para seu tutor, afastando-se até o outro lado da sala. Vincent nunca esqueceria a traição de Lúcius, o ex-líder dos elfos das sombras, seu parente... seu amigo. E desconfiar de outros amigos era igualmente doloroso.

– Se os representantes dos Reinos podem ser suspeitos, porque *ela* não se pode?

Dessa vez o incômodo se instalou em mim. Sabia que Lorelei tinha muitos defeitos sociais, e o pior deles era ser intragável... mas não podia esquecer que ela também era a única coisa que me restava. A única ligação que tinha com meu pai. Mesmo contra vontade, eu era sua herdeira e me senti na obrigação de

defendê-la. Afastando a mão de Lume mais uma vez, toquei meu rosto melecado pelo emplastro. A pele não latejava mais. Em um átimo eu estava ao lado do mago das sombras.

– Lorelei pode não gostar de mim, mas deixou claro que nunca trairia a linhagem dos Deva. Além disso, ela odeia os magos das sombras. Por que se uniria a um?

Os oceanos em tempestade ficaram ainda mais ferozes ao entender minha indignação.

– Lorelei é obstinada e carrega mais rancor do que toda a Montanha dos Suplícios. Além de seguir com rigor o traço mais marcante dos Deva, que é fazer cegamente o que acha que é certo. – Eu me afastei um passo, assumindo aquilo como uma crítica. – Pode ter certeza: para aquela Deva, nossa união é algo muito errado. Algo que fere sua tão estimada *linhagem*.

Franzi os olhos para a forma quase pejorativa que o mago usou ao pronunciar a palavra.

– *Aquela* Deva pode ter motivos... responsabilidades de uma linhagem e coisas assim... Mas também ajuda seres em sofrimento. Eu mesma vi, estava lá quando ela socorreu Ayla na Sala dos Portais. Naquela noite, Lorelei também tentou me ajudar. Tenho certeza de que teria feito o mesmo por você se Ludwig não o tivesse levado. A *Deva* pode não ser um poço de simpatia, mas não acredito que feriria alguém de propósito. Além disso, há outros seres nessa montanha tão determinados quanto ela. Como Ronie. Ele já mandou seus duendes nos perseguirem e acobertou a invasão em minha casa... Esqueceu?

– O líder dos duendes? – Vincent riu com desdém. – Aquele duende encenqueiro pode ser vingativo, mas não é burro. Ele passou por uma penosa quarentena e quase perdeu seu Reino por aquilo. Duvido que arriscasse novamente seu reinado para se aliar a um fugitivo.

Mirando os olhos violeta, cruzei os braços. Sabia que Lume e Nicolau estavam atentos à nossa discussão, mas precisava revelar minha suspeita de alguém que também era muito obstinada.

– E quanto a Ayla? Ela tem motivos, contatos... Se quisesse, poderia descobrir nosso paradeiro sem nem mesmo ler o relatório do Conselho.

– Do que você está falando?

– Do Espelho das Águas. Ela o usou para acharmos a casa de Ludwig e poderia usá-lo para encontrar sua casa em Goch com a mesma facilidade.

No rosto do mago das sombras se ergueu a indignação.

– *Nossa casa* – corrigiu com um rosnado. – E Ayla *nunca* faria algo contra nós.

Sua devoção cega pela amiga me enlouquecia. De ciúmes, era verdade, mas

me enlouquecia. Estreitei os olhos.

– Tem certeza? Porque Ayla também acha nossa união muito errada.

Uma tosse profunda ecoou pela Sala do Portal, dissipando a tensão. Logo mãos paternais apoiaram simultaneamente meu ombro e o de Vincent.

– Acalmem-se. Há muito a investigar antes de chegarmos a um suspeito. O que podemos fazer agora é redobrar o cuidado... e o sigilo. Por via das dúvidas, esse assunto não deve sair destas paredes até que possamos reunir mais provas. – O olhar autoritário do mago Von Berg passou por nossos rostos e se dirigiu à elfo de fogo de olhos arregalados. Lume assentiu imediatamente. – Ótimo. Agora, que tal deixarmos Melissa descansar? Tenho certeza de que ela prefere estar completamente recuperada para se encontrar com Alice.

Como um bom diplomata, Nicolau sabia que a oferta traria o consenso. E estava certo.

Acompanhado de Nicolau, Vincent deixou a Sala do Portal. Eu retornei ao sofá mais confortável para recolocar o emplastro. Finalmente tive acesso a um espelho e, mesmo tendo iniciado o tratamento, a imagem não deixava de ser impressionante. A lateral direita do meu rosto ainda estava arroxeadada, inchada, num claro lembrete da violência da luta... e reviver aquilo não estava ajudando. Coloquei o espelho de lado. O ferimento externo estava curando, mas a cicatriz interna ainda iria me perturbar por muito tempo.

## Família

DEPOIS DE ALGUM TEMPO, o próprio Nicolau veio nos buscar.

Acompanhada de perto pela elfo cuidadosa, saímos pela porta principal, contornando a lateral do palacete até o Jardim Azul. Enquanto meus olhos matavam a saudade daquela paisagem, uma silhueta vestida de preto se aproximou para caminhar ao meu lado.

Vincent avaliou meu rosto que, eu sabia, estava quase normal... Ao lado do olho restava apenas uma mancha vermelha praticamente imperceptível, mas a desaprovação do mago esclareceu que não era suficiente. Não queria continuar com as discussões e, obedecendo ao meu instinto de autopreservação, me afastei dele. Ignorando minha reserva, sua mão envolveu a minha com firmeza enquanto seu polegar desenhava círculos em minha pele. O carinho era uma forma de chamar minha atenção, talvez iniciar um pedido de desculpas, mas a verdade é que já não conseguia nomear a causa do meu aborrecimento.

Estava revoltada com o destino, que sempre adiava meu final feliz. Inconformada com minha incapacidade de controlar o que deveria ser natural à minha herança. E, acima de tudo, frustrada por não me livrar de um inimigo que estava sempre um passo à nossa frente. Somado a tudo isso, ainda havia o ciúme sufocante de uma sereia voluptuosa.

Talvez essa última parte fosse incoerente, mas eu não estava disposta a discutir o assunto.

Com um suspiro, soltei-me da mão do mago para caminhar ao lado de Nicolau. Só queria me concentrar em Alice... E, de repente, uma cabeça ruiva despontou dentre as flores azuis do jardim. Como sempre, Alice atravessou o portal correndo, seguida por Aristela, Viviana e Alex. Um cão peludo finalizava a fila, mas pulou alguns canteiros e logo estava ao lado da menina ruiva. Quando nos viu, a dupla parou completamente. Nem tive tempo de abrir os braços quando minha irmã disparou ao meu encontro. A força de sua saudade nos derrubou no chão, e a minha era tão grande que acabei retribuindo aos seus gritos animados, emendando a eles gargalhadas e sorrisos.

Outras risadas vinham do gramado ao meu lado e, desviando dos cachos ruivos, vi Vincent e Heros em um abraço afetuoso homem-cão. Eles não estavam no chão como nós, mas os sorrisos do mago e a felicidade canina de seu amigo deixaram claro que os dois também estavam matando a saudade.

Quando nos recuperamos da euforia, foi a vez de Viviane e Alex. O abraço dos elfos foi sincero, claro, mas suas expressões preocupadas levaram um pouco

da alegria do reencontro. Estava claro que Aristela já havia informado a eles o real motivo de nosso retorno; pela expressão de Viviana, ela estava ansiosa para saber dos detalhes. Alex avaliou a mancha rosada em meu rosto com certa aprovação, mas esclareceu que eventuais ferimentos internos não responderiam da mesma forma ao tratamento. A palavra *concussão* fez Vincent se aproximar instantaneamente. Suspiro.

Por insistência de Vincent, fui submetida a uma avaliação detalhada de Alex. O risco de uma lesão interna foi descartado, mas, seguindo as orientações do elfo, voltei ao meu estado de repouso por pelo menos mais uma hora. Confinada ao palacete, fiquei sob os cuidados de Alice, que me levou até seu quarto para que eu repousasse sob um mar de estrelas de papelão. Durante a hora seguinte, ninguém interrompeu nosso momento de cumplicidade. Alice me inteirou de sua evolução mágica, dos desafios na escola, da relutância de George em subir a montanha para acompanhar suas aulas, e também de suas não menos importantes aventuras com Heros.

O cão encantado a estava ajudando na comunicação com outros animais mágicos e, orgulhosa, minha irmã descreveu como ele a ajudou em seu primeiro contato com uma Quimera. Estremeci com a novidade. Minha referência a estes animais mágicos não era agradável, mas disse a mim mesma que Heros-Armand jamais colocaria a vida de Alice em risco.

Mudando o tópico da conversa com sua naturalidade infantil, Alice quis detalhes das *minhas* aventuras na Alemanha... Passei os minutos seguintes contando sobre os lugares que conheci, a outra casa de Vincent, correção, *minha* outra casa... e tudo de que conseguia me lembrar. Seus olhos brilharam, curiosos e um pouco tristes, e prometi a mim mesma que ela estaria comigo em uma próxima aventura. Foi durante esse pensamento que as esmeraldas perspicazes me surpreenderam.

– Se eu estivesse com você, não iria deixar o tal elfo te machucar.

Um arfar foi inevitável.

– Alice...

– Ah, Mel, você sabe e eu sei que posso me defender melhor do que você. –

Pisquei uma vez, pasma, principalmente porque não poderia negar. – Eu ouvi quando a Aristela contou pra Viviana e o Alex. Foi por isso que vocês voltaram mais cedo, e mandaram você descansar porque o elfo das sombras machucou você em uma luta. – Ela soltou o ar, frustrada. – Não sei por que vocês escondem as coisas de mim, o Heros sempre acaba me contando. Além disso, não é segredo que o tal de Ludwig está perseguindo você e o Vincent, era por isso que o Vincent estava bravo lá na cozinha. E o tal elfo das sombras que te machucou trabalhava pra Ludwig, como o amigo do Vincent, Lúcius... e o irmão da Lume

que morreu, o Piro. Eles enganaram os Von Berg pra chegar perto de vocês.

Observei com atenção a menina maga que parecia ainda mais astuta depois de algumas semanas. Quanto minha irmã compreendia do caos em que vivíamos? Quanto ela o achava normal? Baixei os olhos rapidamente, sem saber o que deveria acrescentar.

– Ludwig está nos perseguindo, sim. E não sabemos quem mais trabalha para ele. Por isso, quero que fique atenta. – Suspiro. – Mas... não são meus machucados ou Ludwig que estão me incomodando agora, Alice... – Eu precisava me abrir e a maturidade precoce nos olhos intensamente verdes era um grande incentivo. – Estou com problemas sérios por não conseguir controlar meu poder. Além das consequências no meu corpo, ele me falta nas habilidades de defesa e se torna quase incontrolável no ataque! Da outra vez eu machuquei Vincent sem querer, mas hoje eu... eu... eu feri o elfo seriamente. Se Vincent não tivesse me impedido, teria sido muito pior.

Alice levantou os ombros.

– O Heros sempre diz que num combate mágico precisamos nos defender da maneira que pudermos, porque quem estiver atacando não tem nada a perder. – A voz infantil esbanjava confiança. – Foi o que eu fiz quando os duendes invadiram nossa casa, lembra? – Concordei, disfarçando meu choque. – Você não fez nada de errado, Tata... Estava salvando sua vida em uma luta. E a Aristela falou que você ajudou o tal elfo depois que o derrotou, não foi? Então, você fez tudo certo.

Se eu achava que não poderia mais me chocar com minha irmã, estava enganada.

Em meu minuto embasbacado, invejei a sabedoria mágica de Alice. Ela não duvidava de seu poder ou do que poderia fazer com ele, porque o controlava. Não o contrário. Essa força construía uma personalidade segura, determinada. Um traço marcante de alguém que eu já admirava.

– Sabe de uma coisa, Alice? Mesmo que não consiga recuperar meu poder por completo, mesmo que os danos sejam permanentes... Quero saber me defender com a magia. Assim não vou precisar usar meu poder de forma extrema, como fiz hoje. – Levantei o queixo. – Acho que vou fazer companhia a você nas aulas de Aristela.

Um grito eufórico ecoou entre as estrelas de papel e a menina ruiva se jogou em meu pescoço entre gargalhadas.

– Eu vou adorar, *Tata*! Vai ser divertido... Podemos começar agora! Podemos brincar de escola de magia... Eu sou a professora, tá?

Minha irmã pulou da cama e foi até o canto do quarto buscar três ursos de pelúcia. Ela os enfileirou diante de mim e sentou-se aos pés da cama. Jogando os

cabelos sobre o ombro com um gesto exagerado, Alice adotou uma postura séria que chegava a ser cômica.

– Muito bem, *ma chère*, agora quero que reúna o poder em seu *ponto de controle*.

Não contive a risada porque aquilo era mesmo engraçado. O sotaque francês deixava claro que Alice estava imitando Aristela, inclusive nas palavras didáticas e na expressão firme. Mas, lembrando-me do seu comando, percebi que até a naturalidade de sua brincadeira era estranha para mim.

Engolindo meu humor, encarei-a com mais seriedade.

– O que é *ponto de controle*?

Alice entortou os lábios em uma careta de desagrado e fiquei com medo de ter estragado sua diversão. Mas ela não demorou a se esticar pela cama para tocar meu peito, bem no meio das costelas.

– Este é o *ponto de controle*. Onde você reúne seu poder para direcioná-lo ao *comando*... – As palavras articuladas me surpreenderam, mas Alice parou para me olhar com atenção. – Você sabe o que é *comando*?

Mordi o lábio e balancei a cabeça em negativa. Aparentemente, as aulas de magia eram muito mais complexas do que eu imaginava. Com um suspiro paciente, minha irmã ficou de joelhos sobre a cama e pensou por um instante antes de continuar.

– Você sente o calor do seu poder? – Concordei prontamente e ela pareceu aliviada – Então... quando sentir isso, não deixe que se espalhe, concentre tudo aqui. – Ela indicou o próprio peito. – É como segurar o ar. Mas sem segurar o ar. Entendeu?

Eu quase ri. Quase.

– Parece fácil – falei em tom de zombaria, mas isso não pareceu incomodar minha pequena professora. Alice ainda me olhava com seriedade e foi minha vez de soltar o ar, fechando os olhos. Ainda sentia o poder escasso por ter usado uma boa descarga de energia em Hector, mas consegui reunir o tremular tímido que logo aqueceu meu peito. Abri os olhos. – E agora?

– Agora você o comanda, com sua vontade. Você pode mandá-lo para os braços se quiser se defender, ou pode deixá-lo correr livre para mostrar sua aura mágica... Mas, se quiser usá-lo em suas habilidades, vai precisar que ele funcione aqui. – Alice indicou sua testa com um dedo. – É aqui que você decide se ele será suave como sorriso ou forte como uma gargalhada. – Franzi as sobrancelhas para a referência, mas a menina maga parecia muito certa de sua comparação. – Isso é um *comando de magia*.

A simplicidade com que ela terminou a frase me fez perceber como eu estava atrasada nesse aprendizado. Mas Alice não desistiria facilmente; afinal,



além da magia, ela carregava a teimosia dos Wels.

– Vamos lá, Mel, tente levitar os ursos. Prometo que vai ser fácil.

Abaixei os olhos até os ursos de pelúcia enfileirados sobre a colcha e inspirei profundamente. Não custava nada tentar. Tentei de verdade desta vez. Refiz todo o processo, reunindo e ajustando o centro do calor em meu peito; depois, ordenei – realmente ordenei – que essa força fluísse com meu pensamento. O único resultado foi eu me sentir febril. Soltei os ombros e, com um gesto exasperado, bati as mãos na colcha. Antes que pudesse evitar, meu poder correu pelo único caminho que conhecia e uma onda dourada crepitou por minhas mãos, iniciando o fogo que se alastrou sobre os ursos. Empurrei minha irmã enquanto eu mesma pulava para trás, mas, antes que minhas costas batessem no encosto da cama, Alice estava em ação.

Ela saltou para o chão com rapidez, alcançando um vaso de flores que decorava a cômoda. Jogando-o no chão com força, a pequena maga ordenou com voz altiva:

– Apague o fogo!

Pensei que Alice falava comigo até ver as gotas de água se levantarem entre as pétalas despedaçadas. A onda flutuante tomou forma, pairou sobre as chamas por um instante e despencou de uma única vez.

A fumaça tomou o quarto enquanto eu me recuperava do susto.

Controlando a respiração alterada, minha irmã pulou os cacos espalhados pelo assoalho e se aproximou da cama.

– É... Acho melhor você começar suas aulas logo.

Desci da cama arruinada e, um pouco abalada, abracei minha irmã.

– Desculpe, não queria estragar seu quarto, Alice.

Ela me afastou com as sobranceiras unidas.

– Está tudo bem, Tata, o fogo não chegou até as estrelas... – Só então olhei para as centenas de estrelas de papelão e purpurina penduradas acima de nós, percebendo o perigo em que nos coloquei por mero descuido. – Mas acho melhor não brincarmos mais de escola de magia aqui dentro. A Aristela pode não gostar da bagunça.

Concordei depressa. Naquele momento, percebi que minha irmã de seis anos poderia sobreviver nesse mundo mágico e insano. Mas eu não.

COM A AJUDA nada feliz de Lume, limpamos a bagunça. Nem precisei solicitar minha inclusão nas aulas de magia porque Aristela mentalmente me deu sua confirmação. Na verdade, sua mensagem pareceu mais uma imposição. Eu não estava em posição de discutir, mas, confesso, o alívio no rosto de Nicolau pareceu exagero.

Enquanto Alex falava de tratamentos e elixires que poderiam ajudar a restaurar a falha em minha magia, Viviana me ofereceu instruções de levitação. De todas as propostas, foi a que mais me interessou. Com minha coleção de memórias de tombos dolorosos, aceitei sem hesitar.

Depois de checar nossa integridade, Vincent permaneceu junto à porta. Meu consorte não opinou sobre as aulas de magia e não comentou o incidente, mas, por sua carranca, sabia que não era indiferente. Por fim entendi que ele estava respeitando o que pedi... a distância. Minha punição seria encarar a melhor versão do cavalheiro carrancudo. Suspiro.

Quando Armand sugeriu uma temporada no Mundo Mágico para ajudar em minha recuperação, me dei conta do adiantado da hora... Se Heros não estava mais no palacete, significava que já era noite lá fora. Meus olhos confirmaram a escuridão do outro lado da janela e a inconfundível voz grave retumbou entre as estrelas de papelão:

– É hora de levar Alice para casa.

Virei o rosto sobre o ombro para encontrar o rosto sério de um mago rabugento. Mordi o lábio e concordei, assumindo a parte que me cabia de sua zanga.

Deixamos a família da montanha na sala da lareira e seguimos para o pátio de pedra, onde a nova X6 nos aguardava. Vincent acomodou Alice no banco traseiro da SUV e imaginei o que ele fez durante o tempo em que fiquei confinada ao quarto... Pelo seu andar despreocupado ao redor do carro, não demorei a concluir que ele havia se ocupado de nossa proteção.

Vincent acelerou fundo em cada curva, tornando a descida da montanha muito breve. Desta vez, no entanto, eu não reclamaria de sua pressa mal humorada. Minha ansiedade para rever meu avô desejava uma viagem pela sombra!

Contornamos a última curva ainda em silêncio e até Alice permaneceu calada... o que já era estranho. A casa amarela se tornou visível além dos faróis e, quando a SUV parou na rua, senti meu coração se apertar. Lutando com minha intuição, arrastei Alice pelo jardim... Antes que chégássemos à pequena varanda, a porta de entrada se abriu.

Dela despontou um rosto severamente abatido.

– *Opa?* – O tom chocado foi impossível de conter.

Fiquei paralisada no segundo degrau, avaliando as feições desgastadas do homem sobrecarregado pela idade. De uma forma cruelmente irônica, o sorriso naquele rosto lembrava meu vigoroso avô, mas o restante estava muito longe da memória que tinha do senhor robusto que havia deixado em minha festa de casamento há pouco mais de um mês.

Eu ainda estava abalada com minha visão, mas a alegria de George perdoou meu lapso. Meu avô saiu às pressas para a pequena varanda e me envolveu em um abraço apertado.

– Ah... Mel, senti tanta saudade! – Ele me olhou com mais atenção e passou os olhos pela figura de preto que nos escoltava de perto. – Aristela me disse que vocês voltariam, mas não esperava que fosse hoje! Está tudo bem?

Era como se George pudesse ler o temor que se escondia em minhas memórias recentes, e tive que render créditos à sua percepção de pai.

– Agora está.

O rosto incomodado pareceu não acreditar, mas, com uma careta, desistiu de sua desconfiança. George me abraçou novamente e desta vez seus ombros desceram sobre os meus. O gesto de conforto só confirmou a exaustão do corpo que parecia ter perdido alguns quilos nas últimas semanas.

– Mas você não parece estar... – Eu me afastei com cuidado, e encarar aquele homem fragilizado quase me levou às lágrimas.

George ficou encabulado pela aparência que não podia esconder e, passando os olhos por Alice, arrumou a calça frouxa na cintura. De repente, o silêncio de Alice e sua fadiga tornaram-se uma única coisa... preocupação. Tudo estava claro. O que eu mais temia estava acontecendo. E acontecendo mais rápido do que eu imaginava. Mesmo entendendo seu desconforto ao parecer frágil diante daquelas a quem deveria proteger, não podia ignorar como suas órbitas se afastavam da face em círculos fundos. Acompanhando meu entendimento, George deixou escapar um gesto de desdém e falou com um sorriso um tanto forçado:

– Claro que estou bem. É que peguei uma friagem e... fiquei gripado. Foi isso.

Franzi as sobancelhas. Não podia acreditar que meu vigoroso avô havia sucumbido às intempéries da montanha depois de tantos anos. George não estava gripado, estava seriamente doente. Embora se esforçasse para esconder isso de Alice, não havia meios de negar a mim.

– Mas você nunca fica *gripado* – falei com cuidado.

Meu avô sustentou meus olhos, deixando transparecer algo perturbador.

– Com ou sem magia, não somos eternos, Melissa.

As palavras realistas pareceram grandes demais para meus ouvidos. Ou eu que fiquei pequena diante delas. Os olhos oliva deixaram meu rosto e George falou com a figura de preto mais atrás.

– Ah, mas essa surpresa é mesmo maravilhosa! – Executando uma manobra ousada meu avô desviou de mim e, surpreendendo a todos, jogou os braços ao redor de Vincent. Quando se afastou do mago estupefato, puxou minha irmã pela

mão, recuando para o abrigo da casa como se nada tivesse acontecido. – Não vamos ficar aqui fora. Venham, vamos entrar... Temos muito a conversar!

O efeito de seu gesto permaneceu em meu rosto, o mago das sombras também estava desconcertado. A surpresa se sobrepôs à aparência frágil de meu avô; talvez fosse essa a sua intenção. Seguimos George pelo pequeno hall e as coisas pareciam muito ruins na casa amarela também. Desta vez, mesmo que quisesse, meu avô não poderia esconder a bagunça generalizada. Isso era a comprovação do que já estava óbvio: cuidar de uma criança pequena havia se tornado uma tarefa árdua para alguém que já carregava o peso da idade.

Sem conseguir esconder minha preocupação, dei o braço a meu avô enquanto praticamente o conduzia até o sofá da sala. George não pareceu se importar, estava muito animado, falando dos acontecimentos em Campo Alto desde a nossa partida – que incluíam principalmente as fofocas sobre minha cerimônia de *casamento*. Meu avô quis saber sobre nosso destino misterioso e ficou um tanto surpreso ao constatar que passamos as últimas semanas na Alemanha, em uma cidadezinha comum e normal que abrigava a antiga casa dos pais de Vincent. De fato, até eu fiquei surpresa pelo mago das sombras não omitir os *detalhes*.

Enquanto a conversa evoluía de forma produtiva entre meu consorte e meu avô, meu senso prático gritou alto. Arregaçando as mangas, providenciei algo comestível com os poucos itens da geladeira; ao mesmo tempo, dei ordens expressas para Alice usar sua magia e recolher o máximo de entulho que conseguisse. Com sua ajuda, separei a roupa suja dos sapatos e brinquedos, e voltei à cozinha a tempo de retirar a lasanha de presunto do forno. Com *todos* ao redor da mesa, George serviu porções generosas... Seu apetite parecia preservado e, pelas embalagens de alumínio no lixo, soube que Lucila estava se empenhando na alimentação de seus estimados amigos. Então, porque George havia definhado tão rápido?

E outra pergunta foi minha resposta...

– Depois da festa, Aristela contou o motivo de vocês viajarem em segredo. Mas, se estão aqui, significa que aquele mago perigoso foi preso. Certo? – O rosto exausto se concentrou no meu e desviei dele rapidamente. Não havia nada aceitável ou tranquilizador que pudéssemos acrescentar, e mencionar o real motivo de nosso retorno estava fora de cogitação. Incomodado com a ausência de resposta, George levantou a voz. – Não me digam que, nesse tempo todo, ninguém conseguiu capturá-lo!

Vincent se remexeu na cadeira. Sua voz grave carregava seu próprio tormento.

– Não, senhor George.

Meu avô percebeu a falta de esperança em nossos rostos e, com um gesto impaciente, soltou os talheres no prato. A cena deixou mais hematomas em meu corpo que a luta com Hector. Com seu gesto, eu entendi... Meu avô não estava apenas sobrecarregado com os cuidados a uma menina maga, ele também estava aflito com *meus* problemas. Mágicos e catastróficos. Coisas que ele não podia resolver. Para alguém que evitava a magia com fervor, que havia se acostumado a viver na segurança do simples, a desordem de nossas vidas era mais do que justificativa para seu definhamento. Eu me encolhi, sentindo-me o produto da ingratidão.

George se curvou para frente, sem esconder a fúria que se misturava à frustração.

– Isso quer dizer que vocês ainda correm perigo?

Os olhos oliva deixaram o rosto de Vincent para se concentrar no meu, e eu já estava a ponto de chorar quando uma mão firme apertou a minha.

– Ludwig ainda não foi capturado, senhor George, mas isso não vai demorar. Dou minha palavra. – A voz de Vincent soou firme, reconfortante e indiscutível. – Sei que se preocupa com a segurança de Melissa, mas acredite, a magia provê artifícios de proteção. A prova mais recente disso é que sua neta se encarregou de capturar o cúmplice de Ludwig, motivo do nosso retorno. E preciso destacar que foi muito competente no confronto. Para ter ideia, eu apenas me encarreguei de levá-lo até seu cárcere. – A confusão se solidificou em surpresa dentro dos olhos oliva. George começou a alternar olhares entre Alice e eu. Vincent resolveu esclarecer. – Melissa foi muito corajosa, senhor George.

Meu avô arregalou os olhos um segundo antes de voltá-los ao meu rosto. Podia jurar que estava prestes a ter um colapso.

– Mas... mas... Nicolau e Aristela me disseram que você tem problemas com sua magia. Que ela... bem... Não funciona direito.

– É verdade, vovô, mas a Mel ficou boa em usar seu dom. Agora ela só precisa treinar suas habilidades antes que coloque fogo na casa de alguém – Alice completou de boca cheia.

Aflita, devolvi o aperto na mão de Vincent, temendo que o mago ou minha devotada irmã continuassem com a ajuda que não parecia lá muito eloquente.

– Mel... – George limpou a garganta. – Melissa? Isso é verdade? Você lutou com alguém? *Sozinha*? E venceu?

Vincent virou o rosto para olhar o meu, aguardando minha resposta. Eu até compreendia o espanto na voz de meu avô, mas, definitivamente, não entendia o propósito dentro dos olhos turquesa.

– Sim, *Opa*, eu derrotei o elfo que foi atrás de nós. *Sozinha*. – Meu avô piscou uma vez, como se visse algo muito difícil de compreender. Nervosa com

sua reação, justifiquei meu ato. – Posso não controlar minhas habilidades, mas meu dom é suficientemente forte. E... bem, naquele momento, eu... não podia hesitar.

Os olhos de George faiscaram com alguma revelação. Aos poucos sua fisionomia mudou, as maçãs de seu rosto se encheram com um sopro de vida e entre o cavanhaque ruivo despontou um sorriso. Eu jurava que essa era sua expressão aliviada. Ainda estudava a mudança no rosto de meu avô quando Vincent retomou o tom reconfortante.

– Sei que optou por não se envolver com assuntos mágicos, senhor George, e se preocupa com o envolvimento de suas netas, mas, como pode ver, é possível usar a magia como aliada. – Um resmungo resignado de George fez Vincent se ajeitar mais uma vez diante do prato de lasanha. – Por falar nisso, com nosso retorno, os cuidados devem ser redobrados. Por precaução, solicitei que a guarda das sombras continue a protegê-los.

A expressão de George se tornou um misto de indignação e impotência. Meu avô estreitou os olhos e, com um gesto involuntário, espiou a janela para o quintal.

– Você colocou mais guardas na minha porta. – A afirmação soou duvidosa.

– Mais precisamente, por toda a rua e ao redor do bosque, senhor. – A voz grave enfatizou o tom respeitoso. Mas o olhar de George requeria um complemento. – Peço desculpas por esta decisão ser tomada sem consultá-lo, mas deve compreender que a proteção da guarda é necessária a todos que vivem nos limites da montanha. – Aí estava um fato que nem mesmo a reclusão da magia ignorava... e George não negaria proteção a nossos estimados vizinhos. Percebendo a aceitação crescer no rosto cansado, Vincent finalizou. – A discricção da guarda será mantida aos olhos dos moradores convencionais, não se preocupe.

Meu avô deixou escapar um suspiro. Ele não parecia aborrecido com a invasão de sua privacidade; na verdade, eu diria que estava pensando sobre a atitude de meu consorte.

Servindo-se de mais um pedaço de lasanha, minha irmã interferiu com uma constatação que dispensava detalhes mágicos.

– E isso é bom pra eles, né? Se camuflar. Porque com o tamanho deles e aquelas roupas esquisitas, se alguém daqui visse um guardião das sombras, ia sair correndo! – Alice completou com um sorriso divertido, lambuzado pelo molho de tomate.

Desta vez George pareceu preocupado e Vincent não conteve o próprio suspiro.

– Ninguém irá notá-los. Os guardiões são elfos das sombras treinados e, se

não houver ameaça, eles devem permanecer ocultos nas sombras. Faz parte do pacto de proteção dos Von Berg.

Pela expressão de George, ele avaliava se valia a pena se irritar ou não. Por fim, decidiu adotar a velha diplomacia.

– Contanto que eles continuem apenas em volta da casa. Não quero esses brutamontes me seguindo por aí.

Sabíamos que os Von Berg haviam colocado minha família em proteção permanente; portanto, a guarda das Sombras estaria ao lado de George e Alice o tempo todo... Isso incluía a revendedora e a escola. Era surpreendente que George e Alice nem ao menos notassem a camuflagem dos elfos... mas, de certa forma, fiquei aliviada. Se eles não notaram, nossos inimigos também não notariam. E, se não houve nenhuma tentativa de ataque, isso significava que minha família não era o foco de Ludwig.

– Se prefere assim, senhor. De qualquer forma, eles têm ordens de interferir a qualquer momento se for solicitado.

– Isso não será necessário. – O murmúrio relutante acompanhou um gesto incomodado.

Sabia o quanto essa imposição custava a meu avô e rezei para que ele não colocasse nenhum outro empecilho no plano de proteção.

– Sei que a presença deles depois de nossa partida o pegou desprevenido, *Opa*, e também sei que isso pode ser ainda mais desconfortável agora. Mas não podemos permitir que nossa presença seja um risco à segurança de vocês.

A frustração se estendeu para um silêncio conformado.

George baixou os olhos para o prato e pegou o garfo. Aquilo era bom, certo? Observei meu avô levar pequenos pedaços da lasanha fria à boca e decidi que não era suficiente. A intervenção da magia sempre o deixaria abalado e, com duas netas assumindo sua herança renegada, afastá-lo desse estado de perturbação pareceu quase impossível. Somado a isso, havia sua idade avançada e as preocupações de pai-avô com uma menina cheia de energia... Eu não conseguia ver uma melhora do quadro em um futuro próximo e sabia que, com Ludwig solto, sua aflição ainda podia piorar.

Mordi o lábio para tomar coragem. O assunto era delicado, mas eu precisava fazer alguma coisa!

– *Opa...* Quero ajudar. – Quando os olhos oliva alcançaram os meus, encarei meu prato. – Agora que estou de volta, posso levar Alice para passar uma temporada comigo e com Vincent. Assim você poderá descansar. Se recuperar de sua... gripe.

George se endireitou na cadeira.

– Estou perfeitamente bem para cuidar de Alice. Uma gripe não vai mudar

isso.

O tom ríspido foi um indício de que comecei muito mal. Suspiro.

– Sei que pode cuidar dela, *Opa*, só acho que está... Na verdade acho que...

– Tentei argumentar, mas o olhar magoado de meu avô me calou.

George se levantou, apoiando as duas mãos na mesa.

– Você tem alguma dúvida de que sou capaz de cuidar de sua irmã, Melissa?

O que eu poderia dizer que não o ferisse ainda mais?

– Não é isso, *Opa*... eu...

Meu avô se voltou para a menina ruiva ao seu lado.

– Você gosta de morar comigo, Alice? Está lhe faltando alguma coisa?

Minha irmã concordou e, um pouco confusa, negou em seguida.

– Muito bem. Acho que estamos resolvidos.

George levou seu prato inacabado para a pia e fui duplamente alvejada por olhares repressores. A parte indignante é que nem o mago, nem menina maga, tinham soluções melhores do que a minha.

Depois de alguns minutos de silêncio consternado, meu avô resmungou algo sobre a nova estação... Ainda estava contrariada para fingir que nada estava acontecendo, e não iria mascarar isso com uma discussão sobre o clima ensolarado. Mas o mago das sombras incentivou a conversa, que voltou para o desconfortável cotidiano. Não consegui ficar na mesa simplesmente porque a silhueta desgastada junto à pia feria meus olhos.

Vaguei pelos cômodos desarrumados, mas, para qualquer lugar que fosse, podia ouvir o eco da conversa que se esforçava na normalidade. A frustração, a raiva e a culpa exigiam que eu me afastasse da ilusão, e parei naquele que parecia o único refúgio da casa amarela. Meu antigo quarto. Fechei a porta com um suspiro e me deparei com as pilhas de livros negligenciados ao lado da cama. Abaixei-me para vistoriar a primeira coluna, passando o dedo pelas lombadas adormecidas, matando a saudade dos meus tesouros... Percebi que minhas prioridades haviam mudado. Segurando um soluço culpado, eu me sentei no chão.

Agora eu usava a magia para lutar por minha vida, sofria com suas sequelas em meu corpo, me preocupava em não encontrar paz ao lado do homem que escolhi para dividir meu futuro... E, em algum ponto distante, notei que a tristeza pela perda de minha mãe havia se transformado em saudade. Assim como a falta de um pai se tornou uma lembrança. Minha família não era apenas Alice e George, mas uma montanha inteira! Era hora de reconhecer que a preocupação com essa nova vida me fez esquecer a antiga. Mas como conciliar as duas se até seus mundos eram diferentes?



Estava dividida entre duas Melissas... Encontrar um equilíbrio entre elas pareceu impossível. Ainda assim, precisava garantir que elas coexistissem. Se de um lado a segurança da montanha e a derrota de Ludwig eram prioridade, de outro precisava encontrar um meio de restaurar a saúde fragilizada de George para garantir que minha irmã tivesse sua família, um avô, um lar. A única forma de fazer isso com rapidez era usando magia, mas como convencer George a aceitar algo assim? Mas... Eu precisaria? Se fosse apenas para seu bem, que mal havia em um pouco de magia?

Enquanto eu pensava em pedir ajuda a Alex, meus olhos pararam distraidamente na mesinha de cabeceira. Nela, uma caixa de veludo violeta ativou uma memória esquecida... Era isso!

Estiquei-me para alcançar o lacre dourado e tomei o delicado vidrinho cravejado de cristais entre os dedos. Podia sentir a magia vibrar dentro dele, quente e convidativa. Então, a charada de Victor fez sentido... um elixir cheio de *vida*, com *energia suficiente para recuperar o poder de toda uma geração*. Eu já sabia que aquilo era um tipo de elixir, mas a compreensão de seu significado brilhou em meus olhos mareados: o presente de Victor era energia mágica. Ela seria capaz de recuperar a saúde de George!

Por um segundo apertei o frasco brilhante em minha mão, e a dúvida se foi quando compreendi que o próprio Vincent já havia concordado comigo: o Demônio das Sombras era o único em que podíamos confiar.

Com um salto eu estava de volta à cozinha, onde o assunto continuava seguramente estacionado nas contemporaneidades de Campo Alto. Meu avô falava dos dias longos de verão, dos turistas que voltaram para o fim de ano na montanha e de como Lucila ficou animada com o movimento na Taberna Casella na noite de Natal... Quando Vincent notou minha presença, iniciou uma série de perguntas educadas sobre o bem-estar de nossos vizinhos, deixando evidente seu esforço para restaurar a diplomacia. Era minha chance.

– Ah, estou com muita saudade de Lucila! – George me espiou sobre o ombro, talvez nem tivesse notado minha ausência, mas, pelos lábios cerrados, notou o exagero na entonação. Limpando a garganta, apertei o vidrinho em minhas mãos enquanto me aproximava da gaveta da pia. Com minha melhor expressão inocente, deixei o vidrinho na gaveta e virei para meu avô. – Ela vai adorar o chá que aprendi a fazer em Goch. Você vai adorar também, *Opa!*

– Não sou fã de chá, Mel.

Droga, tinha me esquecido disso.

– Mas você tem que provar este. Faço questão!

A oferta ansiosa não escapou ao mago das sombras. Vincent sabia da minha preferência por café e espremeu os olhos, curioso com meu propósito. Mas não

havia tempo para explicar porque precisava driblar a desconfiança nos olhos oliva.

– Tenho certeza de que *meu* chá vai fazer muito bem para seu resfriado. – O que não deixava de ser verdade.

– Mas eu não...

– É melhor tomar logo, senhor George. Aprendi que a vida se torna mais agradável quando Melissa não é contrariada.

Deixei um olhar agradecido para o mago que resolveu confiar em meus instintos.

Enquanto meu avô resmungava mais alguma coisa, coloquei a água para aquecer. Não perderia essa oportunidade por nada! Não demorou muito e uma sombra alerta se aproximou do meu ombro, vistoriando minha pressa.

– Que tipo de *chá* você vai fazer, Melissa?

Levantei os olhos para encontrar os oceanos turquesa.

– Do tipo *especial*.

– E onde mesmo você conseguiu esse *tipo especial*?

Pisquei uma vez.

– Bem... Ele estava aqui esse tempo todo. Foi um presente.

– De Alex?

– Ah... não. Na verdade, foi um presente de Victor, pelo nosso casamento.

Os olhos turquesa congelaram nos meus.

– Melissa, você pode me acompanhar? Acho que esqueci os faróis do SUV ligados, mas nunca consigo encontrar a chave da porta naquela *tigela* de chaves.

– Mas a porta não está... – Uma mão forte apertou meu braço, arrastando-me para fora da cozinha antes que eu terminasse a frase.

Ficou claro que sua urgência não tinha nada a ver com o SUV e imaginei se meu avô engoliria a desculpa. Derrapei pelo piso de madeira atrás de Vincent e ele só parou na pequena varanda, fechando a porta atrás de nós.

– O que você está fazendo? – A voz grave se esforçou para sair em um murmúrio.

Cruzei os braços, livrando-me de sua mão.

– Diminuindo minha culpa. – Suspiro. – *Meus* problemas e a proximidade da magia deixaram George doente... e ele não quer minha ajuda. Não posso deixá-lo nestas condições! – Apertei os lábios com força. – Simplesmente não posso. Você sabe disso. Como sabe que um elixir mágico pode ajudá-lo.

Vincent chegou mais perto.

– E quando você ia me contar do presente de Victor?

– Eu me esqueci. Mas que diferença faz? É só um elixir de energia em um vidrinho bonito.

– Melissa, não sabemos se esse elixir é confiável. Não podemos...

Levantei uma mão para interrompê-lo.

– Sim, podemos. Victor provou estar do nosso lado. Se não me engano, há apenas algumas horas você escolheu confiar nele, não no Conselho da Tradição. Além disso, posso sentir a magia agora, lembra-se? Sei que há magia dentro daquele vidro, energia. Apenas isso. E se é disso que George precisa para ficar saudável novamente, é o que ele vai ter.

– Você está me dizendo que Victor nos deu um elixir revitalizante de presente pela nossa união? Esse era o presente especial?

Não deixei de notar o tom decepcionado do mago das sombras.

– Sim. Pode não ser muito para você, mas é o suficiente para ajudar meu avô. – Girei nos calcanhares, abrindo a porta. Com uma pausa eu me virei, apontando para a mesa aparadora do hall. – E, para sua informação, isso é um porta-chaves, não uma *tigela*. Eu mesma fiz quando tinha oito anos. Agora, se me der licença, a água do chá está fervendo.

Fiz uma infusão com o primeiro saquinho de mate que encontrei no armário, e nela entornei até a última gota do líquido transparente, chacoalhando o vidrinho para ter certeza de que não restava nada. Para justificar a demora, incluí um pedaço de fava de baunilha e um anis estrelado. Coloquei a xícara fumegante diante do meu avô, cheia de expectativa... Apesar da careta, ele tomou tudo em goles cuidadosos.

George devolveu a xícara à mesa no mesmo momento em que o mago das sombras rompeu pela cozinha.

– Melissa, talvez fosse melhor... – O chamado pareceu perder a importância quando Vincent notou a xícara vazia sobre a mesa. Seus ombros desceram com uma expiração e levou mais que o tempo necessário para que ele levantasse os olhos. – Talvez fosse melhor irmos embora. O dia foi longo. Vamos para casa.

## ***Uma oportunidade***

MAIS LEVE e com um sorriso ansioso, eu observava o rosto de George ganhar os primeiros tons rosados. Com um beijo nele e outro em uma garota sonolenta, deixei a casa amarela e, caminhando para o SUV, vi que Vincent ficara para trás. O mago, que havia se transformado de cordial para tipicamente mal humorado nos últimos minutos de nossa visita, falava com a sombra das trepadeiras agarradas ao pequeno alpendre. Alguém *normal* veria aquilo como o início de uma possível esquizofrenia... Mas, como eu não fazia parte da parcela *normal* da cidade, soube que os guardiões já estavam em seus postos. Isso foi reconfortante. Já estava dentro do BMW quando o mago retornou, carregando sua carranca séria. Vincent se ajeitou no banco de couro, apertando os botões do painel para ajustar a música que tomava o espaço ao nosso redor.

– Espero que o efeito do elixir se complete logo.

Vincent espiou minha agitação enquanto manobrava na rua. Apesar da luz fraca do painel, reconheci o olhar duro, impassível.

– Se não crescer uma segunda cabeça em George, ou chifres... Sim, fará efeito logo.

Desviei os olhos, travando meu cinto.

– Victor foi gentil comigo. Não acredito que deixaria uma maldição em um vidrinho tão lindo.

– As piores maldições quase sempre são escondidas pela beleza. Este é um dos primeiros ensinamentos mágicos. – O mago virou o rosto para o meu, cintilando os poderosos olhos turquesa... Minha respiração falhou por um segundo, mas, com a prática, me recompus rapidamente. Imaginei se o comentário provocador era uma referência aos seus próprios encantos. – Acho que você precisa iniciar suas aulas de magia com urgência.

– Sei que não tenho conhecimento, mas tenho instintos, e já ouvi mais de uma vez que eles são muito bons. Posso sentir a magia... Sei que naquele elixir havia *apenas* energia.

Vincent deixou escapar um som conformado.

– Não lhe ocorreu que poderíamos simplesmente oferecer ajuda para cuidar de sua irmã?

Tentei me virar no banco, mas fui impedida pelo cinto de segurança.

– Desculpe, pensei que estava sentado naquela mesa de jantar comigo. Mas acho que tive uma alucinação com sua imagem.

– Eu estava, Melissa. Mas me pergunto se *você* estava. – A voz seca

carregava sua repreensão, mas eu continuava olhando para ele, piscando os olhos. – Passei a noite tentando falar a linguagem que George conhece, a diplomacia. Plantei sementes de segurança e tentei provar que éramos confiáveis mesmo com magia. Estava no caminho para oferecer auxílio, provar que poderíamos cuidar de Alice sem afastá-la dele, e teria o consentimento de seu avô se você praticamente não o tivesse chamado de incapaz. Agora, graças a você, ele não quer nem que espanemos o capacho da porta!

Joguei as mãos para o alto.

– Por que não falou isso de uma vez?

– E você me deu tempo? Como sempre, deixou sua afobação preocupada tomar a dianteira antes de qualquer pensamento racional.

Aquela era uma forma polida de me chamar de histérica. Eu me enfezei.

– Ei... Foi minha *afobação preocupada* que tirou você da Dimensão das Sombras, não se esqueça disso! – Eu me ajeitei no banco, acompanhando a luz dos faróis moldar as curvas sinuosas da montanha. – Agora, graças ao meu *pensamento racional*, George vai se reestabelecer e se tornar o avô protetor que quer ser para Alice. E minha irmã terá sua família como conhece. Como Victor disse, aquele *elixir cheio de vida* tinha *energia suficiente para recuperar o poder de toda uma geração* e tenho certeza de que vai...

O SUV freou bruscamente, derrapando na terra até ficar atravessado na estrada.

– O quê?!

O rosnado grave retumbou nas janelas fechadas, mas não me sobressaltou mais do que a manobra ousada. Descolei meus dedos do assento de couro para levar a mão ao cinto, travado em meu pescoço. Com a respiração entrecortada, virei o rosto para encarar o mago.

– Você é louco? Hector não conseguiu me matar e você quer terminar o serviço?

– Você tem razão, vou acabar louco! – Vincent levou as mãos aos cabelos com um som exasperado. – Deixa ver se entendi... Victor lhe deu um *Elixir da Vida*... E você o deu a seu avô porque ele estava gripado?

Só fiquei olhando para ele, reestabelecendo minha frequência cardíaca dentro dos padrões da normalidade.

– Bem, Victor não o chamou assim. E meu avô não estava apenas gripado, ele estava bastante doente. Você sabe disso.

Vincent inspirou lentamente, depois fixou seus olhos nos meus.

– Você sabe o que é um *Elixir da Vida*, Melissa? – Eu poderia responder com algo óbvio que o deixaria furioso, mas a verdade é que não sabia ao pé da letra o que significava aquilo... e estava cansada de ser cobrada por um

conhecimento mágico fora do meu alcance. Resolvi me abster da resposta; afinal, Vincent diria de qualquer maneira. Previsivelmente, ele continuou, e a voz grave era um mero sussurro. – Esse tipo de elixir é raro. Muito, muito raro. Ele carrega a *energia da vida* e, para ser sincero, nem sabia que algo assim ainda existia. Esse tipo de energia recupera não só um poder mágico debilitado, mas também suas sequelas em um corpo físico. – Um olhar dolorido completou a explicação.

Engoli em seco, sentindo todo o sangue se esvaír do meu corpo. Se não estivesse atada ao assento, provavelmente estaria no chão.

Abri a boca para falar, mas não consegui... Assim como não consegui impedir as lágrimas que se acumulavam em meus olhos. Estava devastada. Não só por ter perdido a chance de recuperar meu poder, mas por não reparar as consequências que me incapacitavam fisicamente. Pela primeira vez, vi o desejo de um herdeiro se distanciar dentro dos olhos turquesa. Vincent não disse mais nada. Apenas levantou um dedo para enxugar minhas lágrimas.

Depois de um minuto nebuloso, articulei uma palavra.

– Desculpe.

Vincent balançou a cabeça.

– George também precisava dele. – A afirmação foi precisa, verdadeira. Isso me deixou ainda mais amargurada. – Você não poderia escolher, Melissa. No fim, fez o que tinha que fazer.

Só consegui ficar olhando para o mago de olhos turquesa, a abnegação naquele rosto era algo que nunca tinha visto. Ele tinha razão... Eu não estava arrependida por ter dado o elixir a meu avô, mas agora via que seus benefícios não afetariam apenas minha vida, mas também a vida da minha família. Uma que nunca existiria.

– Mas eu poderia... nós poderíamos... – Eu tentei, mas não consegui encontrar palavras para minha dor. – Perdi a oportunidade que Victor nos deu de formar uma família. Não é apenas meu poder que vai ficar incompleto. É nosso futuro. Desculpe.

Vincent suspirou profundamente e beijou o topo da minha cabeça.

– Eu te amo, Melissa. Do jeito que você é. Isso basta. Quanto ao resto... De verdade, acho que é melhor continuarmos como estamos. Não seria capaz de proteger um inocente. Eu mal consigo proteger você. – Ele soltou o ar com força, como se estivesse mesmo aliviado. – Avaliando friamente, minha linhagem não deveria ter herdeiros. Quanto menos magos das sombras no Mundo Mágico, melhor.

Sua declaração me deixou inquieta. Na verdade, magoada.

Eu deveria estar feliz com sua conformidade, mas de repente ela se tornou

um muro intransponível... Foi decepcionante saber que minhas expectativas estavam do outro lado. Sua opinião sobre um futuro com o qual cheguei a sonhar me pegou de surpresa, e estava pronta para questioná-lo, mas... Valia a pena? De que adiantaria nos machucarmos com uma discussão que já tinha um ponto final?

Com um suspiro resignado, me libertei do cinto... Enroscando-me em seu peito, deixei que meu silêncio embalasse nossa cumplicidade. Voltando à sua costureira velocidade alucinante, o BMW logo fez a última curva da montanha, parando suavemente no pátio de cascalho da casa de vidro. Levantei o rosto para capturar seus lábios.

A intensidade do gesto o surpreendeu.

– O que foi isso?

– Um agradecimento pelo apoio – falei suavemente.

Vincent me espiou por um momento, piscando os olhos. Se não o conhecesse, diria que estava encabulado.

– Sempre vou apoiá-la, Melissa. Deveria saber disso.

– Eu sei. – Mordi o lábio, ainda sentindo o peso da minha escolha. – E também sei que seria ainda pior se eu soubesse sobre o elixir. – Fechei os olhos. – Não sei se fico agradecida por minha ignorância mágica ou ainda mais revoltada por não saber nada desse outro mundo.

– Você pode saber mais, se quiser saber.

Soltei o ar.

– Sei que todos esperam que eu treine o controle da minha magia, das habilidades, mas não vejo utilidade em explorar algo que não funciona. Mas há algo que eu gostaria muito de tentar... – Eu o olhei com atenção. – Sei que o ataque de Hector o deixou nervoso e sou agradecida por seu empenho ao convencer George de que sou capaz de me defender. Mesmo que você não acredite nisso, meu avô passou a acreditar. Agora, talvez, ele se preocupe menos com os *meus* problemas. Mas acho que isso pode mesmo melhorar se...

– Eu acredito, Melissa. – A voz grave soou baixa e duvidei dos meus ouvidos.

– O quê? – Voltei ao meu banco e me concentrei no painel, apertando todos os botões até silenciar a música.

Vincent soltou o ar com força, como se não quisesse repetir suas últimas palavras.

– Com *muito* treinamento você até pode se defender, o problema é que nem mesmo uma boa defesa garante uma luta. Você entendeu isso quando enfrentou Hector.

Franzi as sobrancelhas.

– O que quer dizer?

– Que você precisará escolher. Depois de hoje, sabemos que não conseguiria atacar um inimigo de forma letal e definitiva. Isso sempre a deixará em desvantagem.

Ah... Estava mesmo muito fácil.

– Se eu treinar minha defesa, não preciso ir tão longe com meus poderes. Posso me manter viva. Isso é o principal em uma luta.

Abri a porta do BMW, mas, antes que desse dois passos, Vincent estava ao meu lado, segurando meu braço. Os olhos violeta confirmavam a viagem pela sombra.

– E quando a vida não for sua? E quando tiver que escolher entre seu inimigo e a vida dos que estão ao seu lado? – A amargura tomou sua voz e já não sabia onde suas memórias estavam. – Você precisa lembrar que, enquanto estivermos aqui, *todos* correm perigo. Se não estiver disposta a fazer todo o possível para salvar a vida deles, não deve lutar.

Isso não era apenas um alerta, mas também uma lembrança. Por mais que quisesse negar memórias de dor e sangue, a luta com Piro, a invasão dos duendes e até mesmo o ataque de Lúcius não me permitiam discordar. O curioso é que seu alerta se tornou o *déjà vu* de uma conversa nebulosa com outro mago das sombras.

– Sei das minhas responsabilidades, Vincent, e também sei que posso fazer isso sem tirar uma vida. Mesmo de um inimigo. A luta de hoje não é o melhor exemplo, mas prova que é possível.

Vincent encarou meu rosto.

– A luta de hoje é o exemplo de como está disposta a arriscar sua vida por quem não pouparia a sua.

Balancei a cabeça, recuando.

– Você se parece com *ele* quando fala assim.

Vincent entendeu a referência e pareceu profundamente indignado.

– Não precisei ser doutrinado por Ludwig para aprender sobre raciocínio lógico. Com *ele*, aprendi outra coisa: não entre em um confronto que não pode vencer.

– Bem, estou viva até agora.

O olhar enviesado não gostou da provocação.

– Ludwig não vai desistir. Ele nos perdeu duas vezes. Está contrariado, furioso... e virá atrás de nós. Quando chegar a hora, ele não vai parar até que um de nós esteja morto. Você entende isso?

O pior é que eu sabia. Mas não podia ficar parada esperando o precipício se aproximar.



– Por que não vamos atrás dele ao invés de ficar esperando que ele venha até nós? Sabemos que estou nos planos dele, podemos atraí-lo. Capturá-lo!

Vincent emitiu um som irritado e se curvou para alinhar nossos olhos.

– Você tem ideia do que eu passo toda vez que vejo você envolvida em lutas e conflitos? Acha mesmo que vou permitir que se ofereça como isca para atrair um assassino? Eu já perdi muito da minha vida para aquele mago das sombras, Melissa. Não vou perder você. Entendeu?

Fiquei em silêncio, acalmando minha respiração enquanto Vincent fazia o mesmo. Não parecia haver ar suficiente para nós dois em todo o pátio de cascalho.

Quando o mago das sombras me libertou dos perturbadores olhos violeta, caminhei na direção da casa. Ele me seguiu de perto, seus passos pesados amassavam o cascalho com frustração, e pararam no primeiro degrau da escada quando uma silhueta de armadura negra se elevou à minha frente. A surpresa levou meu equilíbrio e já esperava um tombo fenomenal quando mãos ágeis me ampararam... O calor familiar daquele toque impediu o grito alarmado. Vincent envolveu minha cintura com um dos braços, apoiando-me contra seu corpo, talvez imaginando que eu iria correr caso me soltasse. E eu certamente iria.

Ignorando meus olhos arregalados, o guardião das sombras bateu sua lança no chão com um gesto brusco. Vincent meneou a cabeça acima de mim e só então percebi que aquilo era um tipo de reverência.

– A guarda está de vigia, como o senhor solicitou. – A voz encorpada escapou pela armadura e ecoou na noite ao nosso redor.

A afirmação me fez virar o rosto para outras silhuetas de tamanho respeitável, camufladas na parede de pedra. Sabia que eles estavam ali para ajudar em nossa proteção, mas o temor causado por eles era algo incontrollável.

– Ótimo. – Vincent afirmou uma vez, ainda me segurando com um dos braços. – Qualquer mudança deve ser informada. Como solicitei antes, quero que levantem o escudo de proteção sempre que estivermos na casa.

– Vamos providenciar isso, senhor. – O elfo das sombras inclinou a cabeça para frente e o gesto fez Vincent se mover na direção da escadaria de madeira. – Assim que os visitantes deixarem a casa.

Vincent parou, voltando-se.

– Vocês deixaram um estranho entrar na minha ausência? – questionou enfurecido.

– Tentamos impedi-la, senhor, mas a Soberana das Águas afirmou que sempre teve acesso à casa. E, sendo aliada do Reino das Sombras, não podemos desacatá-la.

À medida que processava a informação, o ar se esvaiu dos meus pulmões.

Senti o corpo do mago ficar tenso ao meu lado... E, se ele estava desconfortável, eu estava furiosa! Desviei de Vincent, concentrada no calor que queimava minha garganta e, esforçando-me para ignorar o tamanho avantajado do guardião, fui direta:

– Eu entendi direito? *Ayla* está em *nossa* casa?

Os olhos turquesa notaram a referência, e confesso, jamais usaria a entonação de posse se não fosse provocada. Mas uma urgência exigiu que eu demarcasse *meu* território.

Mesmo com a armadura imponente, o desconforto do guardião era evidente. Ele moveu a lança de uma mão para outra e o gesto me sobressaltou.

– Sim, senhora.

Bastava.

A voz firme do elfo ainda ecoava em meus ouvidos quando subi o próximo degrau.

Nenhum temor fazia diferença agora porque eu enxergava em tons vivos de vermelho. Sem esperar por Vincent, e com a maior agilidade que consegui reunir, subi os degraus curvos de madeira da escada externa até a porta principal. Uma mão ansiosa tentou me segurar, mas acabou escorregando por meu cotovelo assim que eu abri a porta. Parei logo depois de atravessá-la e, correndo os olhos pela claridade dos abajures, encontrei o rosto furta-cor no fim da sala ampla, e ele não pareceu muito feliz ao me ver.

– Até que enfim! – A sereia ergueu dramaticamente os braços, destacando o volume em seu decote. – Pensei que vocês iam passar a noite lá em baixo!

Cerrei as mãos, segurando o calor raivoso que borbulhava do meu peito.

– Olá para você também, *Ayla*. É uma surpresa vê-la em *nossa* casa.

O olhar da ninfa congelou por alguns segundos em meu rosto. Com certo desdém ela deixou o deck da varanda, rebolando pela sala ao meu encontro. Eu sabia que seus movimentos oscilantes eram na maior parte do tempo involuntários; por isso mesmo, aquele rebolado exagerado pareceu uma provocação.

– Imagino que sim... e adorei as mudanças. Vejo o toque de *Vincent* em cada detalhe.

Ok, aquilo era uma provocação declarada. Preparei uma resposta afiada enquanto dava um passo ansioso para encurtar nosso encontro, mas aquela mão que antes escorregou por meu cotovelo agora o envolveu com firmeza, segurando-me no lugar.

– O que a traz aqui, *Ayla*?

A sereia parou ao som da voz grave, mas a resposta veio de uma voz masculina igualmente potente.

– Viemos formar um plano de ataque. Isso já foi longe demais!

Uma silhueta musculosa se moveu na extremidade escurecida da cozinha, fazendo-me agarrar o braço de Vincent. A apreensão se dissolveu quando encontrei os familiares olhos alaranjados. Inclinando a cabeça com um cumprimento discreto, Félix contornou o balcão, parando ao lado da sereia. A diferença gritante entre os dois seres me distraiu... palidez e cor... frieza e calor... sagacidade e força. Pisquei uma vez quando o mau humor do mago das sombras se traduziu em palavras.

– Quem permitiu sua entrada aqui?

Félix levantou o polegar, indicando a sereia que pareceu subitamente desconcertada. Ayla desviou o rosto para o mago carrancudo, retomando o ar confiante.

– Pare com isso, Vincent. Não estaríamos aqui se o assunto não fosse urgente. – Seus olhos negros pararam em mim e de alguma forma a reprovação deles me fez sentir uma criança birrenta.

Vincent bufou ao meu lado, afrouxando seu abraço, e entendi que a repreensão da sereia se estendia a ele também.

– Muito bem. E a que devo a honra da invasão de minha privacidade?

Eu incluiria a palavra *nossa*, mas já estava satisfeita com a severidade em sua voz. Félix, no entanto, não pareceu se incomodar. Deixando uma xícara sobre o balcão, deu um passo adiante, levantando os ombros. Se a ideia era ficar maior do que Vincent, ele conseguiu.

– Os guardiões do Jardim de Fogo encontraram uma capa de camuflagem com magia das sombras durante a ronda na Vila Noturna... – A pausa do elfo fez Vincent enlaçar os dedos em minha mão. Os olhos da sereia não perderam o reflexo ansioso. – Acho que você sabe o que isso quer dizer.

– Ludwig está nos vigiando. – A voz grave era controlada.

Voltei-me para encontrar o rosto do mago... A lembrança de vê-lo em uma capa semelhante me incomodou, era impossível não associá-lo a Ludwig quando os dois dividiam o mesmo tipo de magia... Então notei a indiferença em seu rosto. E não fui a única.

A sereia deu um passo à frente.

– Você já sabia disso? – O tom surpreso era genuíno.

Vincent tomou fôlego e, soltando minha mão, deu alguns passos pela sala ampla.

– Não sabia, mas esperava essa reação. Por isso reforcei a guarda das sombras. – Parando ao lado da vidraça, ele admirou uma nuvem acinzentada que se estendia do outro lado do vidro. Eu já havia visto algo semelhante na casa do próprio Ludwig, e entendi que aquilo era o escudo dos elfos das sombras.

Vincent cruzou os braços. – Melissa capturou seu braço direito e, pelo que conheço de Ludwig, ele não vai recorrer a mais ninguém. Vai agir por conta própria agora. Vai ficar bem perto, estudar o território, procurar pontos fracos. E atacar.

Percebi os olhos negros da sereia sobre mim. Se eles eram duvidosos, os de Félix eram orgulhosos. Mas o momento de brio perdeu seu encanto quando compreendi que a guarda não estava apenas ao redor da casa de vidro, mas também ao redor da casa de George. Nas entrelinhas, entendi o que Vincent julgava ser um *ponto fraco*. A conversa com o mago das sombras em Amsterdam voltou como um flash de terror e a lembrança de sua ameaça voltou a ser real.

– E o que você pretende fazer? Simplesmente esperar o ataque?

Vincent virou o rosto para encontrar o meu.

– Sim.

– Não! – repliquei. – Se Ludwig conseguir driblar a guarda, pode machucar minha família... qualquer um de nós!

Indiquei os presentes e o gesto surpreendeu a sereia.

Vincent soltou os braços, o rosto impassível dizendo que ele tinha bons argumentos para uma discussão acirrada. Mas Félix não permitiu que o mago começasse.

– É por isso que estamos aqui, Melissa. Se está disposta a ajudar em nossa ofensiva, será muito bem-vinda.

Distribuindo passos firmes pelo chão de madeira, o mago retornou, parando diante do elfo. Quando a fúria violeta se tornou clara, vi Ayla se mover... mas Félix tomou a dianteira e, com uma espiada sobre o ombro, sinalizou que pretendia resolver aquilo sozinho. Mas esta não era a ideia da sereia. Ayla contornou a parede de músculos e parou ao seu lado, indicando que eles estavam ali como uma equipe. Isso surpreendeu. Jamais iria imaginar que seres tão conflitantes em personalidade e essência pudessem abdicar de sua altivez para dividir interesses comuns. E esse *interesse* era um mistério. Embora fosse responsabilidade dos líderes dos Reinos zelar pela segurança da montanha, era fato que Ayla me desprezava sempre que podia e Félix nunca engoliria a presença de Vincent... Ou seja, a empatia não era o motivo que os trouxe até a casa de vidro.

Intrigada, me aproximei para evitar a confusão anunciada.

– Vincent, apenas ouça o que eles têm a dizer. Por favor.

Ele me olhou de cima e bufou, contrariado.

A sereia remexeu suas curvas ao lado de Félix, demonstrando sua surpresa quando o impetuoso mago das sombras acatou minhas palavras educadas com mais calma do que aparentava.

– Se arquitetarmos tudo cuidadosamente, podemos capturá-lo, Vincent. – Ayla começou com sua voz cantada. – Só precisamos de uma armadilha. Uma oportunidade para colocar Ludwig onde queremos.

A sereia se voltou na minha direção e entendi o propósito da visita. Eu era a tal *oportunidade*. A sugestão da sereia não surpreendeu; afinal, eu mesma já cogitava a ideia... Mas não podia deixar de pensar nas outras vantagens que ela teria ao arriscar minha integridade. E, como antes, a mera possibilidade enfureceu o mago de poderosos olhos violeta. O que não melhorou o quadro, que já era o pior possível.

– Não vou deixar que vocês usem Melissa para atrair aquele psicopata – rugiu com voz grave. – Vamos aguardar que Ludwig venha sozinho até nós, não sabemos a dimensão de seu poder e precisamos de todo o contingente de guardiões que pudermos reunir. Esse era o plano anterior e ainda é o único viável. – Os olhos turquesa se fixaram no líder dos elfos de fogo, como se Vincent estivesse cobrando alguma decisão anterior.

Foi a vez de Félix se enfurecer. Ele colocou a mão no braço de Ayla, puxando-a para o lado com um gesto automático e, bloqueando-a com seu corpo, encarou Vincent de frente.

– Não podemos esperar mais, *mago*. Aguardar Ludwig não é uma alternativa segura quando há tantas vidas em risco. É hora de agir!

– Usar Melissa também não é uma alternativa! – Vincent levantou uma das mãos, e com um som raivoso a deixou cair sobre os cabelos. Imaginei que o gesto evitou uma reação da qual ele provavelmente iria se arrepender. – Vocês não entendem... É isso que ele espera! Ludwig não é temido apenas por sua influência e falta de escrúpulos, ele é um filho da mãe habilidoso... que absorveu energia durante anos! Imagino que seu poder alcance proporções respeitáveis para que pense em enfrentar o próprio Demônio das Sombras. – Vincent fechou olhos enquanto um tremor se espalhava por seu corpo. – Sou o único que tentou enfrentá-lo em um ataque direto, e tenho ideia da dimensão de seu poder. Nossa única chance é reunir a guarda dos Reinos para uma defesa eficiente, enquanto esperamos pela paciência dele, sem oferecer a nossa!

Desta vez foi o elfo de fogo que bufou, impaciente. Vincent era o único que realmente conhecia Ludwig, e Félix não podia ignorar isso. Mas sua frustração era compreensível. O elfo buscava aliados sedentos por vingança, como a sereia impassível a seu lado, e não contava com a prudência superprotetora do mago das sombras. Observando seu desapontamento, procurei brechas para minha própria esperança.

– E... se pedirmos ajuda a Victor?

Três pares de olhos encontraram meu rosto e dividiam a mesma reprovação.

Mas apenas um deles transformou a censura em palavras.

– Você pode achar divertido ser amiguinha do Demônio das Sombras, Melissa, mas *nós* somos responsáveis por Reinos inteiros! Não podemos dever favores a um ser que pode extinguir o equilíbrio que sustenta todo o Mundo Mágico!

Cruzei os braços, ofendida com seu tom.

– Decifrar as charadas de Victor não é nada divertido, acredite em mim. Mas não posso esquecer que ele foi correto conosco... Provou que tem interesse em ajudar. Além disso, se Ludwig seguir seu plano e absorver nossos poderes, ou seja lá o que pretende fazer, tentará conquistar a Dimensão das Sombras. É o domínio de Victor que está ameaçado. E, com ele, todo o seu precioso *equilíbrio*!

Apoiando as mãos no quadril, a sereia enfatizou a postura provocativa.

– Pelas profundezas de Nereu... Garota, quando vai entender que o Demônio das Sombras não se importa? Isso tudo é diversão para ele!

A voz alterada da sereia, que me ofendia dentro minha casa, me fez trincar os dentes, mas o que me irritou foi ver Vincent se unir a ela.

– Victor já poderia ter agido se quisesse, Melissa. Mas não fez isso. Ayla tem razão, ele só vai interferir quando lhe convier. Experimentamos sua satisfação com nossa agonia lá na Dimensão das Sombras... Se formos destruídos no caminho, isso só tornará o show mais atraente.

Ver Vincent dar razão à sereia me ofendeu de verdade, não por enaltecer meu erro, mas por dar credibilidade aos olhos negros que agora estavam carregados de uma satisfação revoltante. Voltei-me para Félix, buscando auxílio, mas sua expressão vencida levou o que restava das minhas esperanças.

– Não posso discordar, Melissa. Pelo que vi na Casa Botânica, o Demônio das Sombras ainda não se cansou de brincar conosco. – Félix se aproximou, já não sabia se os olhos alaranjados eram solidários ou culpados. – Sei que quer ajudar, mas Victor não é uma alternativa.

Soltei o ar e os ombros.

– Então só nos resta planejar uma armadilha.

Confiava nos olhos incandescentes para saber que Félix não cogitaria algo que pudesse colocar minha vida em risco. Apesar do rosnado de desacordo de Vincent, o elfo de fogo levantou uma mão até meu ombro, lançando-me um olhar agradecido... Só não sei quem ficou mais furioso com o gesto, o mago das sombras ou uma sereia que me fuzilava com olhos gelados. Eu até entendia a raiva de Vincent, mas a de Ayla foi curiosa.

Afastando o elfo com um gesto nada educado, o mago de olhos violeta me fez contornar o balcão da cozinha para nos dar uma ilusória privacidade, ou

apenas para deixar uma barreira física entre Félix e eu.

– O que acha que está fazendo, Melissa?

Levantei o queixo.

– Lutando. – Deixei meu olhar penetrar os oceanos amedrontados com uma boa dose de confiança. – Sabemos que Ludwig me quer para seus planos... E, pelo que sei, já estamos reunindo guardiões por toda montanha. Podemos acabar com isso de uma vez!

Vincent abaixou as mãos, contendo as duas ao lado do corpo.

– Pensei que já havíamos discutido isso.

– Também pensei que já havíamos tentado isso... – Levantei um dedo para a nuvem cinza que contornava a vidraça. – Nossa saída apressada de Goch confirmou que esse tipo de segurança é uma ilusão! Esperar vai deixá-lo em vantagem mais uma vez.

– Sabemos que Ludwig está na montanha, esse é o primeiro indício de que está perdendo a paciência. Estamos a um passo de um cerco de captura e para isso precisamos de guardiões treinados, não de você. Não vou discutir isso de novo. Sua vitória sobre Hector foi sorte, e você sabe disso. Como sabe que não está preparada para lutar.

Apelar para minha insegurança foi um golpe baixo. Levantei a voz, confrontando a realidade.

– Vou melhorar minha defesa... Posso ter sucesso se me preparar para um confronto.

– Com um mago das sombras?

– Não será a primeira vez.

Os olhos atormentados pararam em meu rosto... e uma fração daquele olhar tinha o poder de perfurar meu coração.

– Então, está confiante de que pode matá-lo, se for necessário?

Apertei minhas mãos e o remorso aumentou minha raiva... Não havia meios de argumentar. Por isso fiquei agradecida quando outra voz decidida respondeu por mim.

– A melhor forma de melhorar sua confiança em uma luta é a prática. Posso ajudá-la com um treinamento de defesa, se desejar.

A certeza de Félix foi ar fresco para a sala saturada e, definitivamente, desestabilizou o tênue controle do mago das sombras.

– Eu adoraria ver Melissa retirar sua energia até a morte, elfo... Você se oferece como cobaia para os testes de poder dela?

Arregalei os olhos.

– Eu jamais faria...

– Se for para ela usar esse poder a nosso favor, sim, com certeza.

O tom desafiador do elfo de fogo não ajudou. Vincent foi ao seu encontro antes que eu pudesse segurá-lo; pela determinação em seu rosto, estava disposto a extravasar toda a tensão da pior forma. Felizmente foi interrompido pela sereia. Ayla se posicionou entre os dois gigantes e, apesar de nossas desavenças, admirei sua coragem. A ninfa de curvas generosas apoiou as mãos no peito de Félix, impedindo que o elfo aceitasse a provocação. Pelo olhar fora de foco em seu rosto, conseguiu seu objetivo. Depois de perceber a proximidade excessiva entre eles, Ayla se afastou, desconcertada. Era a segunda vez que a sereia ficava sem jeito perto do elfo. Considerando sua constante desinibição, isso era novidade.

Limpando a garganta, ela se voltou, concentrando-se em Vincent.

– Estamos preocupados com nossos Reinos, Vincent, e também com quem nos importamos... – No rosto furta-cor estavam implícitos seus sentimentos pelo mago das sombras, meu consorte. Meu *marido*. A irritação dele ignorou esse detalhe, mas, pela expressão incomodada de Félix, aquilo estava claro até para um estranho. – Se está disposto a formar um cerco para capturar Ludwig, saiba que é melhor não haver elos fracos.

O curioso é que eu estava mesmo acreditando que Ayla queria ajudar... ou quase. Mesmo ferindo minha autoestima, aquilo pareceu um apoio. De qualquer forma, Vincent não pareceu feliz com a interrupção de sua *amiga*.

– Sei que toda a montanha está sendo afetada por essa ameaça, e nos mantive afastados justamente para que a ira de Ludwig não procurasse novas vítimas. Eu carrego essa responsabilidade todos os dias, Ayla, mas não posso agir por raiva ou vingança. Este momento pede cautela, precisão. – As palavras sensatas do mago das sombras lembravam muito a diplomacia de Nicolau, e até eu fiquei surpresa com a mudança. – Antes de qualquer ação, preciso rastrear o novo informante de Ludwig. – Os olhos negros de Ayla se estreitaram antes que Vincent continuasse. – Sim, há mais um. Alguém muito próximo. E com olhos tão perto, não acho prudente expor as fraquezas de Melissa em um treinamento de defesa. Além de anunciarmos sua vulnerabilidade, estragaríamos sua reputação. Você sabe como isso funciona, Ayla.

– Sei que o receio do desconhecido ainda é uma das melhores formas de intimidação. E não posso negar que os boatos sobre os poderes dela impressionam, principalmente depois da derrota de Hector. – A sereia me indicou com certo desdém. – Aos olhos do Mundo Mágico, Melissa é um ser letal.

– Mas todos já sabem das falhas em meu poder. Isso foi testemunhado no Conselho. Além disso, Aristela já propôs o treinamento das minhas habilidades. Não é segredo a ninguém do Mundo Mágico que tenho dificuldade de controlar



minha magia.

Vincent pousou um olhar duro sobre mim.

– Apesar dessa *dificuldade*, você invadiu a Dimensão das Sombras, devolveu a vida a um mago das sombras e derrotou um elfo das sombras treinado por Ludwig. Sozinha. Sabemos que Victor tinha retirado os poderes mágicos dele, e isso pode ter sido apenas sorte, mas o Mundo Mágico não sabe. O fato é que sua herança é poderosa e a intimidação não é apenas uma arma, mas uma excelente proteção. Não podemos abrir mão disso se queremos mesmo fazer um cerco para capturar Ludwig.

Vincent preferia me ter como um elo fraco do que como uma parceira de luta.

– Deixa ver se entendi... Você quer que eu use meu poder para intimidar, porque pareço poderosa... mas não sou. E não posso fazer nada para mudar isso porque atrapalharia os planos de captura de Ludwig.

– Sim.

Pisquei uma vez, levando minha aflição para meu único aliado. Mas os olhos alaranjados se desviaram dos meus.

– Você acha mesmo que um treinamento de defesa denunciaria nossos planos? – O elfo perguntou à sereia. Precisei piscar mais uma vez só para ter certeza de que estava vendo e ouvindo aquilo da maneira correta.

Ayla soltou o ar, e a voz cantarolada estava especialmente concentrada.

– Se houver mais um traidor, seria como colocar um alvo nas costas dela. É melhor deixar que Melissa pose de Deusa poderosa a ter mais um assassino oportunista tentando agradar ao mestre das sombras. – Com um longo suspiro, ela levou os olhos negros para Vincent. – Se perdermos Melissa para Ludwig, todo o resto estará perdido.

Franzi os olhos, duvidosa se aquilo era um tipo de empatia deturpada ou mais uma ofensa. Félix, no entanto, não pareceu ter dúvidas.

– Não precisa chegar a isso, Ayla. – O murmúrio do elfo estava carregado de censura... e algo mais incômodo.

Joguei as mãos ao alto, cansada de ser ignorada.

– Não quero continuar como elo fraco!

– Você não precisa. – Félix disparou em meu socorro, finalmente! – Se as aulas de habilidades com Aristela já foram acertadas, podemos fazer um arranjo e usar parte desse tempo para o que realmente interessa. Mas isto fica apenas entre nós. Estarei presente em suas aulas e usaremos a área privada do Jardim Amarelo para a instrução de defesa. Não teremos nada além do básico, mas isso deve bastar para que não seja surpreendida novamente.

Vincent ergueu os ombros.

– Não vejo porque ele seria...

Ele nem precisava completar o discurso sobre confiança, todos sabiam que ele seria contra a assessoria do elfo. Mas eu não poderia perder minha oportunidade.

– Eu já me decidi sobre isso, Vincent – interrompi o mago das sombras, era minha vez de assumir o controle. – Não quero ser acuada por mais ninguém. – Voltei-me para o elfo de fogo. – Sei que teremos pouco tempo, mas prometo me dedicar, Félix.

O elfo abriu um sorriso amplo e segurou uma de minhas mãos com firmeza, depois a envolveu com a outra, selando nosso acordo.

– Já a conheço o suficiente para saber que fará isso.

O elfo não escondeu a expressão vitoriosa e não fui a única a notar. O rosto de Vincent escureceu em cada curva e soube que havia comprado uma briga sem precedentes. Virando-se para a bancada, o mago apoiou as mãos na borda de madeira até que os nós de seus dedos estivessem brancos, mas, contrariando todas as expectativas, não replicou. Talvez porque desejava que eu não fosse um elo fraco... Ou porque sabia como era ser acuado por um inimigo.

Surpreendendo-me com um gesto nada gentil, Ayla tomou meu braço, virando-me para ela. A falta de paciência era até compreensível, mas o tom incomodado me deixou desconfiada.

– Você terá que se dedicar mesmo, o sigilo envolve muita coisa. Nada de agir por conta própria dessa vez. Nada de atos impulsivos ou heroicos... E nada de tomar decisões que coloquem outros em risco. Acha que pode fazer isso?

Livre-me dela, afastando-me um passo.

– Sim, eu posso.

– Veremos.

A sereia não estava convencida, mas recuou. Félix a seguiu, um pouco mais confiante.

– Encontro você amanhã, no Jardim Amarelo.

Assenti prontamente e o elfo se despediu com um sorriso.

Félix abriu a porta, sinalizando para alguém do outro lado. Vi a nuvem cinza se dissolver antes que ele a atravessasse, mas Ayla permaneceu no mesmo lugar. Seus olhos iam das costas de Félix para os ombros curvados de Vincent. Com os olhos no mago das sombras, ela deixou escapar um muxoxo e deixou a casa.

Quando a porta se fechou, eu inspirei longamente.

Vincent continuou calado e, apoiando as mãos na cintura, fixou os olhos nos meus. Sua passividade colérica estava além da dose de estresse que eu podia suportar em um único dia.

– Estou cansada, vou dormir. Preciso recuperar minha energia para começar as aulas amanhã.

Ele não falou nada, e eu não iria acrescentar nada. Girei nos calcanhares.

– Pensei que *eu* iria ajudá-la com seu aprendizado mágico. – A voz grave cortou a sala ampla, carregada pela mágoa.

Parei meus passos, surpresa.

– Então por que não se ofereceu para acompanhar as aulas de Aristela no lugar de Félix?

– Porque você não me deu chance.

Dentro dos olhos turquesa eu soube que ele tinha razão. Engoli em seco, afastando a culpa que não resolveria o impasse.

– Talvez seja melhor assim. Já tentamos uma vez, Vincent... Preciso ser sincera, minha concentração ficou um fiasco com você como meu professor. Não posso me dar ao luxo de vacilar dessa vez.

Ele cruzou os braços, e concordou com um gesto curto.

– Só quero que entenda que aprender sobre defesa não a torna um escudo humano. Nesse ponto, preciso concordar com Ayla: sua imprudência não vai ajudar em nada. Pelo contrário, colocará em risco a segurança de quem estiver ao seu lado.

O tom magoado foi substituído pelo contrariado. Vincent iria mascarar sua frustração com raiva e isso exigiria uma dose extra de paciência. Que eu não tinha.

– Você sempre concorda com Ayla – ralhei entre os dentes. – Quer saber? Nós já vivemos em risco. E, sinceramente? Já me cansei disso. Não me cobre prudência, mago. Se eu fosse prudente, nem estaria ao seu lado.

Talvez tenha sido dura, mas era tarde. Com mais um passo fui em direção à escada.

– Nunca neguei que sou nocivo para você e sempre deixei claro que é livre para fazer o que é certo. Sua vida, suas escolhas.

Virei para ele enquanto o sangue fervia em minhas veias. O conhecimento deste outro mundo, mágico e grandioso, me ensinou que sempre havia dois lados de uma mesma história. Duas verdades. Compreendi que este seria meu desafio de hoje em diante: encontrar a harmonia entre estes dois lados. E, quem sabe, uma forma de uni-los. Luz e Sombra, partes da minha nova vida. Mas nada era tão perfeito quanto parecia na teoria. Nesse ponto, o desânimo já tomava conta do meu coração... Minha parte humana me permitiu ser apenas uma mulher. Não a maga, não a consorte, não a herdeira. Nada de luz, nem sombra, apenas um pouco da cor dos dias felizes na Alemanha.

Observei seus movimentos irritadiços, calculando a potência do seu mau

humor para os próximos dias. E precisava admitir, era impossível conter meu próprio mau humor. Essa não era uma combinação *prudente*... Iríamos nos ferir em uma discussão inútil. E o pior, eu já me sentia ferida.

– Sabe... Posso não concordar com você em muitas coisas, e sei que você definitivamente não concorda comigo em outras. Mas *estou* do seu lado. E vou lutar para *ficar* ao seu lado. *Sempre*. – Fechei as mãos em punho. – Porque eu te amo, seu idiota.

Vi o relance de um olhar violeta, mas desviei dele para subir o primeiro degrau da escada com um passo firme. Apoiando-me no corrimão, pulei os restantes de dois em dois, ansiosa por uma ducha quente e por meu moletom puído de que senti tanta falta.

## Vida nova

### Vincent Dippel

EU NÃO ESTAVA com ciúme. Também não me sentia excluído de algo que deveríamos fazer juntos... Estava apenas frustrado. E percebi que o *apenas* era uma inverdade, já que isso acontecia com frequência graças ao seu temperamento intempestivo.

Parecia impossível fazer Melissa entender que nos proteger do inimigo era algo quase impossível, porque ele poderia estar em qualquer lugar! Uma caça às cegas levaria a um confronto sangrento e o resultado estava fadado a ser desastroso. Também não me agradava a ideia de esperar, mas, conhecendo Ludwig, qualquer precipitação significaria minha derrota. As cicatrizes espalhadas por todo meu corpo eram um bom lembrete disso.

—... Sua imprudência não vai nos ajudar em nada. Pelo contrário, colocará em risco a segurança de quem estiver ao seu lado.

Melissa murmurou algo entre os dentes e estava longe o bastante para que as palavras desaparecessem antes de chegar aos meus ouvidos. Era difícil dizer o que se passava dentro dos olhos amendoados, principalmente agora que o poder poderia esconder suas emoções. Mas eu conhecia aquela expressão... Ela estava aborrecida. O problema é que eu também estava.

— Quer saber? Nós já vivemos em risco. E, sinceramente? Já me cansei disso. Não me cobre prudência, mago. Se eu fosse prudente, nem estaria ao seu lado!

Ela deu mais um passo, mas suas palavras continuavam ecoando em meus ouvidos.

Estava consternado. Irado! Aquela era a vida que eu podia oferecer. Por mais de uma vez, deixei avisos e alertas sobre o desfecho dessa história... Ainda assim, sua insatisfação era esperada. O momento em que Melissa voltaria atrás em sua escolha era uma sombra em minha existência. O problema é que o passar do tempo trouxe a esperança. E eu odiava esse sentimento enganoso.

— Nunca neguei que sou nocivo para você e sempre deixei claro que é livre para fazer o que é certo. Sua vida, suas escolhas.

Atento aos olhos que mudavam rapidamente para o dourado líquido, eu aguardava sua resposta. Um segundo não havia passado e ocupei toda minha atenção com o leve som de sua respiração, antes que ela destruísse a casa de vidro novamente.

– Sabe... Posso não concordar com você em muitas coisas, e sei que você definitivamente não concorda comigo em outras. Mas *estou* do seu lado. E vou lutar para *ficar* ao seu lado. *Sempre*. Porque eu te amo, seu idiota.

Pisquei uma vez. *Idiota?*

A palavra que retumbava em meus ouvidos era uma punição compreensível para minha falta de fé. Eu até poderia estar aliviado por esclarecer minha dúvida, mas estava claro que me arrependeria profundamente por ter provocado essa resposta... Melissa girou nos calcanhares antes que eu pudesse abrir a boca e, com passos irritados, subiu a escada curva pulando os degraus. Meu primeiro reflexo foi segui-la, expor minha fração de sanidade. Mas no meio do movimento desviei meus passos para o deck. Forçar um confronto só iria piorar as coisas. Conhecendo Melissa, ela precisava de um tempo para se acalmar.

Passei alguns minutos admirando a paisagem por trás do escudo élfico, acompanhando o movimento dos guardiões que faziam a troca de turno. Pensei em reforçar a segurança com mais um escudo, mas eles demandavam muita energia e já era hora de resguardar meu poder para o confronto inevitável. E, conhecendo meu antigo tutor, Ludwig já estava pronto. O mago das sombras psicopata continuaria a testar nossa resistência com suas aparições, intensificando a tortura psicológica, tentando ao máximo nos desestabilizar antes de uma investida. Nesta perspectiva, o instinto justiceiro de Félix e a impaciência frustrada de Ayla eram um grande problema. Os líderes precisavam aceitar que recuar para nos proteger não era uma reação covarde, mas a única maneira de concentrar nossa força. Juntos, teríamos uma chance. Sozinhos, estávamos fadados à derrota. Eu já experimentara isso.

Como se não bastasse a inimaginável aliança entre os seres mais instáveis do Mundo Mágico, eles ainda contavam com a simpatia de quem deveria estar do meu lado. Balancei a cabeça para meu reflexo na vidraça cinzenta quando meus próprios pensamentos me contradisseram... Melissa *estava* do meu lado. Porque me amava.

De fato, eu merecia o adjetivo nada agradável do qual fui chamado alguns minutos atrás.

Preparando-me mentalmente para o confronto que me aguardava no andar superior, espiei a escada curva sobre os ombros... A teimosia nos tornava semelhantes, mas a falta de paciência nos cegava com mais frequência do que gostaria de admitir.

Subi os degraus vagorosamente, atento à movimentação no andar de cima, mas não havia nenhuma. O silêncio cobria tudo. As cortinas estavam esticadas e o amplo quarto superior estava tomado pela escuridão. Mas isso não significava que eu não podia enxergar. Chamei o poder das sombras e com facilidade

encontrei quem procurava. Melissa estava na cama, coberta pelo grosso edredom. Apesar da quietude, eu sabia que estava acordada. Ainda assim, continuei parado, ponderando se era seguro importuná-la. Afinal, seu imprevisível gênio irritável não era algo fácil de lidar. Com um suspiro que provavelmente foi notado, decidi usar a arma que tinha... o tempo.

Afastei-me pelo corredor do closet para um banho encorajador e retornei ao quarto ainda secando os cabelos. Sentei do outro lado da cama, avaliando a tranquilidade suspeita que permanecia inalterada. Limpando a garganta corajosamente, comecei:

– Melissa? Podemos conversar?

Um longo minuto se passou e nada mudou. Com um som impaciente, apoiei a toalha nos ombros.

– Sei que você não está dormindo.

Mais silêncio.

– E sei também que você quer ouvir que eu me arrependo... Admito, não deveria ter dito aquilo. O dia de hoje foi estressante o suficiente para me fazer falar coisas sem pensar, mas não quero terminá-lo dessa maneira.

Mais um irritante minuto silencioso.

– Melissa, se você me ajudar, gostaria de me desculpar.

Nada. Nem mesmo um suspiro.

Joguei a toalha sobre a cama, aquilo já era ridículo.

– Você está sendo infantil e teimosa, sabe disso!

Melissa se esticou até o abajur lateral, depois se virou com um único movimento. Passando os olhos por mim, ela se concentrou na toalha molhada sobre o edredom. Com a ponta dos dedos, jogou-a no chão. Eu deveria ficar aliviado por desencadear uma reação, mas o rosto furioso era uma garantia de que as coisas poderiam piorar com facilidade.

– Como você pode saber que eu não estava dormindo?

A transparência da regata puída foi um golpe certo para desafiar minha concentração.

– Porque você não estava se mexendo.

Seus lábios ficaram entreabertos, mas ela não falou. A resposta imediata pode tê-la surpreendido, mas era a mais pura verdade. Melissa não dormia pacificamente. Nunca. Embora não admitisse o fato, seu sono agitado não era um incômodo para mim... Mas parecia incomodá-la profundamente. Com uma careta, ela cruzou os braços sob o peito, enfatizando o motivo da minha distração.

– Pois eu *estava* dormindo. E não acredito que você me acordou para pedir ajuda em *suas* desculpas.

Com esforço levantei meus olhos, concentrando-me no rosto aborrecido.

– A ajuda era para desfazer o casulo do edredom. Estava me esforçando para que minhas desculpas fossem compreendidas.

– Como se *estas* desculpas fossem melhorar de alguma forma.

Ela indicou a toalha molhada no chão e confesso que não entendi seu objetivo.

– Você me chamou de idiota.

– Você foi um idiota.

Inspirei longamente.

– Eu sei.

A frase curta desarmou o rosto endurecido.

– Não duvide de mim de novo.

– Não vou – prometi, sustentando os olhos dourados.

O silêncio se transformou em algo quente e denso, que saturou o ar ao nosso redor. Melissa soltou os braços, deixando-os cair ao lado do corpo.

– Sei que se preocupa. E sei por que se preocupa. – Ela suspirou, pensativa.

– Não estou tirando seus motivos, Vincent, mas entenda que eu também preciso me preparar. Não posso viver à sombra do medo... E hoje tivemos a prova de que não posso depender de sua proteção. – Melissa fixou os olhos em meu rosto com aquela determinação impossível de conter. – Minha luta com Hector trouxe uma possibilidade para a qual eu não estava preparada... Mas preciso estar. Porque, se esse dom pode tirar a vida, ele também pode fazê-la renascer. Preciso saber como isso funciona! Não quero sentir medo de usar meus dons. Em um futuro próximo, meus dons podem ser a diferença entre nossa vitória ou nossa ruína.

Pensei com a maior calma que consegui em todas as suas palavras; de uma forma ou de outra, elas eram versões dos meus próprios pensamentos. Fui beneficiado por seu poder, ainda que de forma precária, e não podia deixar de imaginar o que ela poderia fazer se tivesse o controle total da magia dos Deva. Embora meu instinto egoísta quisesse colocar Melissa em uma redoma para protegê-la de tudo e de todos, precisava de alguma racionalidade. Se bem dosado, seu dom poderia ser muito eficiente. As imagens de sua luta com Hector, ou pelo menos do fim dela, torturavam minha alma, mas, se comparadas a nosso confronto com Piro ou com os duendes em sua casa, mostrava o óbvio. Aquilo que meu enlouquecido impulso protetor não queria ver... ela poderia lutar sozinha. Pela primeira vez, a ideia me encheu de orgulho.

Eu me aproximei pela cama, envolvendo sua mão na minha.

– Não vou me opor ao seu treinamento. E prometo ajudá-la a lidar com seus dons. Mas quero deixar claro que eu daria tudo para não vê-la em uma luta novamente. – Apertei os olhos com força, espantando as imagens que pareciam



queimar meus olhos.

O calor de sua mão deslizou pela minha, subindo por meu braço, depois pelo ombro, até contornar meu pescoço para se acomodar em minha nuca. Aquele toque enlouquecia meus sentidos.

– E eu daria tudo para não entrar em uma. Mas, se for necessário, vou lutar ao seu lado. Porque, se me ver machucada parece uma tortura a você, para mim, vê-lo machucado é como ser torturada mil vezes. – Com a expressão branda e voz macia, Melissa sorriu. – Acho que somos dois idiotas.

Puxei sua outra mão até meu peito, apertando-a com firmeza.

– Prefiro nos classificar como dois teimosos.

Ela perdeu os olhos em meu peito e engoliu em seco.

– Muito teimosos.

Eu conhecia aquele olhar... Apenas para provocá-la, subi os dedos de minha mão livre por seu braço, deliciando-me com o arrepio que cobriu sua pele. Vagarosamente eu me aproximei para deixar um beijo demorado em seu ombro. O perfume fresco e adocicado de seu sabonete me atordoou como de costume e, quando senti sua mão devolver o carinho em meu peito, perdi toda a conexão racional.

Com um único giro pousei Melissa sobre os travesseiros, segurando seu rosto com as duas mãos para me apossar de seus lábios. Ela retribuiu meu beijo com a mesma urgência, com o mesmo carinho, com a mesma promessa. Sentir seu corpo reagir ao meu aumentava a ansiedade, o desejo... Mas eu queria apreciar cada beijo, cada toque, memorizar cada centímetro de pele que se revelava por baixo da regata que me provocava há bastante tempo. E perder a noção do tempo ao lado da mulher que amava era tudo que eu mais queria nessa nova vida.

NAS SEMANAS QUE SE SEGUIRAM, a vigilância nas fronteiras do Mundo Mágico foi reforçada. No Mundo Físico, a guarda das sombras nos acompanhava a quase todo lugar. Melissa se reunia diariamente com Félix e Aristela no Jardim Amarelo, longe de olhos indiscretos, onde recebia instruções de defesa e sobre o uso de seu dom. Apesar de minha pouca interferência, seu treinamento de defesa evoluiu, não podia negar. Estava presente sempre que possível e me divertia cada vez que Ayla precisava interferir para que Melissa não machucasse seriamente o elfo. Embora ele não reclamasse por ser sua cobaia, achava curiosa a aflição no rosto de minha amiga sempre que Félix acabava a aula desacordado. Depois de alguns dias, percebi que sua solidariedade era, na verdade, preocupação disfarçada. Sua simpatia por alguém tão antagônico ainda era incompreensível.

Mas, se o dom de Melissa evoluiu com o treinamento de Félix, as aulas de habilidades de Aristela se tornaram um fiasco. A menina maga de apenas seis anos conseguia realizar proezas das quais sua irmã mais velha nem mesmo se aproximava, e o fracasso dessa evolução comprovava a falha no desenvolvimento de seu poder. Ao final de quatro semanas, Nicolau chegou à conclusão que ninguém queria ouvir...

– A absorção de Ludwig e a demora na evolução de seu poder pode tê-lo prejudicado irremediavelmente. Sinto muito, Melissa.

Sabíamos que nesta declaração estava confirmada outra sentença, que afetava também seu corpo físico. A compreensão trouxe os olhos dourados até os meus. No rosto que carregava não só o fascínio, mas também a grandeza dos Devas, eu vi o pesar que ela tentava esconder... Melissa não poderia dar continuidade à sua linhagem. Nem eu. E isto foi mais uma coisa que Ludwig nos tirou.

– É uma pena... Eu ainda tinha esperança – ela disse de súbito durante o caminho para casa.

Acelerei o BMW, ajeitando-me no banco com o assunto que era sempre desconfortável.

– Isso não importa, Melissa. Em nossa atual situação, seria imprudência colocar mais uma vida em perigo. – A tentativa de consolo não pareceu surtir efeito.

Os olhos dourados se perderam além da janela e não me restou nada além do silêncio.

Não podia dizer que estava aliviado por não poder ter filhos, mas a ideia estranhamente distante não me incomodava. Talvez porque tivesse outras preocupações, ou não quisesse pensar sobre o assunto. Mas ver a tristeza nos olhos de Melissa sempre que ela passava pelas numerosas cadeiras de nossa sala de jantar gerava uma espécie de frustração recíproca. Sabia que ela pensava em uma grande família quando via aquela mesa, e também no *Elixir da Vida* de Victor... o presente doado a George. Se a culpa em seus olhos já era aflitiva, imaginei o que aconteceria se ela tivesse que escolher entre sua própria família e seu avô. Balancei a cabeça. Era melhor nem pensar.

Como era de se esperar, assim que chegamos à casa de vidro, seus olhos correram para a mesa de madeira lustrosa... Se aquele não fosse um presente de seu avô, que eu também estimava, queimaria aquelas cadeiras até a última brasa.

Naquela noite, jantamos no quarto.

NA SEMANA SEGUINTE, Melissa estava mais cansada do que o normal. Dormia profundamente, se emocionava com facilidade e estava sempre irritada...

Já não sabia se isso ainda era um reflexo da notícia, sinais de uma possível fadiga mágica ou apenas o estresse de passar semanas vigiada de perto por guardiões nada discretos. O fato é que o tempo não poderia diminuir nossa cautela e continuávamos cuidadosos, sobretudo quando estávamos juntos. Dentro da montanha, estávamos sobre a constante vigilância da guarda das sombras e, nos raros momentos em que a deixava, Melissa era acompanhada de perto por um de nossos fiéis amigos.

Nossa investigação sobre um informante não evoluía na velocidade que eu esperava. Não tínhamos nenhuma pista consistente, porque elas sempre nos levavam ao Conselho. Mesmo que Nicolau se empenhasse em uma investigação dentro das paredes que controlavam o Mundo Mágico, necessitava de movimentos sigilosos... o que não ajudava. Eu estava certo de minha suspeita, mas uma acusação de traição contra um Conselheiro não era algo fácil de provar. Só me restava entender o objetivo de Lorelei ao unir forças com um mago das sombras, um ser que ela desprezava declaradamente.

Ainda que de forma limitada, a nova vida encontrou seu próprio ritmo. Havia negligenciado meus compromissos na montanha por muito tempo e era hora de assumi-los. Por mais que detestasse deixar Melissa longe dos meus olhos, precisava retomar o controle dos negócios na Terra das Sombras, e Armand não escondeu seu alívio. Apesar de aparentar imaturidade com frequência, precisei reconhecer sua competência como administrador, mas meu estimado amigo estava ansioso para voltar às suas antigas atividades na cozinha do Bistrô das Sombras. E quem era eu para criticá-lo, já que a clientela, em especial a feminina, exultou com seu retorno.

Infelizmente, na Casa Botânica as coisas foram um pouco diferentes.

Alex e Viviana se esforçavam, mas gerenciar um negócio na cidade acumulava detalhes físicos para o qual o casal de elfos não estava preparado. Apesar da interação com a cidade melhorar significativamente depois da comemoração do Pacto de Futuro, os elfos não eram capazes de compreender o processo que envolvia a moeda local e uma simples conta de energia elétrica. A Casa Botânica, seu *centro de pesquisas humanas*, estava um verdadeiro caos, e teria suas portas fechadas se eu não fosse rápido o bastante. Assim, acumulei problemas, me dividindo para atender os incêndios que um dia julguei ser a pior parte da minha vida.

Contornei o prédio da prefeitura com pressa, ignorando a placa de pare. Não havia motivos para me preocupar com a infração, pois a cidade parecia adormecer fora da temporada de turistas. Infelizmente, o mesmo não acontecia com a língua dos habitantes. As especulações sobre minha união com Melissa não cessaram desde a comemoração do Pacto de Futuro, há quase três meses, e

triplicaram com nosso retorno à cidade. Os Von Berg estavam muito satisfeitos por não serem mais o centro das atenções da cidade, em especial pelo risco de ataque à montanha; em compensação, os comentários sobre nossa lua de mel interrompida, como eles chamavam, não eram apenas invasivos, mas irritantes.

Toda essa atenção indesejada anulava o sonho de circularmos despercebidos. A possibilidade de que algum olhar mexeriqueiro notasse as sombras musculosas que nos escoltavam tirava meu sono. Isso já era uma boa justificativa para acelerar, já que eu dispensava a guarda das sombras quando precisava ir a lugares muito frequentados da cidade. Levantar suspeitas sobre as atividades secretas da montanha era uma preocupação antiga, e nunca foi tão complicado.

Apertei o volante, contendo a tensão... A falta de controle das habilidades de Melissa aumentava o pesadelo. Era comum vê-la perder o controle sobre elas, e meu receio de que isso acontecesse em público ainda era grande, mas não poderia privá-la da convivência com a irmã, das visitas ao seu revigorado avô, ou da pouca ajuda que fazia questão de oferecer.

Algumas semanas depois de receber o *Elixir da Vida*, o senhor que antes sofria com o desgaste dos anos agora esbanjava vitalidade. George poderia escalar o Everest sem nenhuma dificuldade e se orgulhava em dizer que a presença da família o deixava forte. Isso aumentou a implicância com a guarda, que se esforçava para proteger a casa... Suas reclamações frequentes não ajudavam a controlar a situação muito tensa.

Inspirando profundamente, vasculhei a rua com os olhos enquanto diminuía a velocidade, ciente de que as visitas à prefeitura poderiam se tornar brechas perfeitas para um ataque. Por força do hábito, procurei as sombras mais densas do estacionamento e deixei o BMW sob a proteção das grandes árvores; um caminho alternativo de fuga era sempre bem vindo. Agarrei o envelope de boletos atrasados e apressei-me até o prédio centenário, determinado a cumprir minha obrigação o mais rápido possível. No caminho avistei alguns moradores e elevei meu instinto das sombras ao máximo. A aparente calma de um dia comum era motivo suficiente para ser cauteloso e não poderia me dar ao luxo de cometer outro equívoco. Mas, como das outras vezes, a onda de poder invisível a olhos comuns não encontrou nenhuma energia suspeita. Ainda assim, me restava a atenção indesejada. Ignorando os olhares curiosos, cruzei a rua ainda avaliando os arredores... Senti o chão amolecer sob meus pés ao avistar um arcaico sedã azul estacionado a apenas alguns metros.

A impossibilidade fez meus pés se arrastarem pela calçada, levando meus olhos a comprovar o que provavelmente era um engano... Melissa deveria estar com Aristela e Félix, tendo suas aulas de habilidades na montanha, segura e

protegida pela guarda dos portais, não *aqui*! Dando chances para mais um *desastre*! Não queria acreditar na imprudência de minha consorte e, testando meus olhos, fui conferir as marcas da ferrugem que se estendiam como um mapa pela lataria... A surpresa deu lugar à irritação, porque eu provavelmente reconheceria aquela banheira ambulante entre milhares dentro de um ferro-velho!

Subi a primeira escadaria da prefeitura pulando os degraus, esforçando-me para desviar dos transeuntes que me olhavam alarmados. Lá se foi a escassa discrição.

Era de esperar que eu tivesse me conformado com os rompantes impulsivos de Melissa, mas sempre acabava alimentando minha fé em um miraculoso instinto de autopreservação. E só podia censurar a mim mesmo pela decepção. Mas ignorar a cautela era imperdoável! Pior, ela estava colocando em risco não apenas sua segurança, mas a de todas as pessoas que estavam ao seu redor! Segui para o terceiro andar, dobrando o corredor para a sala da administração, o lugar mais provável para encontrá-la. A garota dos arquivos era a responsável por quase todos os trâmites burocráticos e acumulava o título de amiga íntima de Melissa. Pareceu perfeito estrangular a mulher que amava na mesma sala onde me apaixonei por ela.

Em meio à minha fúria, um pensamento me fez estacar no segundo andar de forma abrupta... E se o pior já tivesse acontecido? Melissa poderia estar procurando por ajuda. Procurando por mim! Disparei pelos degraus mais uma vez, a tempestade do poder se espalhando por meu corpo enquanto o pensamento aflito sobrepujava todos os outros. Procurei por sombras escuras nas junções das paredes, mas a manhã ensolarada invadia os corredores pelas grandes janelas... Alonguei meus passos em uma corrida e desviei por centímetros de um grupo alheio ao meu tormento. Ignorando os olhares alarmados, alcancei a porta entreaberta da administração. Meu sangue aquecia com a intensidade do poder e, levantando uma das mãos, abri passagem com o ombro, preparando-me para qualquer ação necessária.

Talvez o nervoso, talvez o pavor, ou simplesmente a antecipação de um confronto não me permitiram assimilar o som tranquilizador até que tivesse atravessado a porta. Mas, assim que o eco em meus ouvidos se encaixou com a imagem dentro da sala, eu baixei minha mão. Enquanto o ar entrava em meus pulmões, conferi de forma minuciosa a integridade da mulher de costas para mim... Melissa ria de algum tópico incompreensível ao meu humor e a secretária, sua amiga, interrompeu a própria risada ao me ver.

A percepção das sombras não captava nenhuma presença e a descontração das duas garotas foi interpretada como segurança. Acalmei meus batimentos

cardíacos. Melissa estava bem. Muito bem.

Por pouco tempo.

Travei os dentes e, cerrando a mão, notei que ainda carregava o envelope de faturas. A raiva corria livremente por minhas veias, aumentando a vontade de colocar minha consorte sobre os ombros e mergulhar na primeira sombra que encontrasse... Mas, ao invés disso, permaneci imóvel, apenas pelo respeito às convenções que tentávamos manter. Uma exposição mágica era só o que faltava para completar a manhã gloriosa que merecia todo meu mau humor. Nuvens escuras se aproximaram da janela e, controlando a tempestade que agitava meu peito, fui ao encontro delas.

Um reflexo nervoso fez a secretária ajeitar os óculos, sua reação à minha presença já era rotina em nossos escassos encontros. Eu sabia que a impressão geral que deixei nos moradores de Campo Alto ainda a afetava e, mesmo sendo amiga de Melissa, sua opinião sobre mim dificilmente mudaria. Isso incomodava Melissa, mas eu pouco me importava. Elevando os ombros, assumi minha melhor postura intimidadora.

Melissa seguiu o olhar da amiga, e por seu rosto passaram sentimentos distintos... começando pela surpresa até chegar à preocupação. Conforme eu me aproximava, esse arroubo emocional se dissolveu no brilho dourado dos olhos magnéticos. Algo naquele olhar me lembrou de outro encontro, nesta mesma sala, quase um ano atrás. E como, naquele dia, a cada passo, eu me senti enfeitiçado... *Droga!* Quando já estava perto o suficiente para ouvir sua respiração, um leve tom rosado tomou seu rosto e foi acompanhado por um sorriso terno que se estendeu por seus lábios... Precisei piscar para não ficar hipnotizado. *Mas o que eu estava fazendo?*

Fugindo do encanto que sempre dominava meu corpo, reuni minha parca concentração, esforçando-me para encontrar a ira que me perturbava um segundo atrás. Quando as memórias da aflição clarearam minha mente apaixonada, endureci meu olhar. Sua reação à explosão de mau humor anunciada não foi bem a que eu esperava. Em uma mudança brusca, a cor deixou o rosto de Melissa e, sem nenhuma explicação, seus olhos perderam o foco. Ela os fechou, buscando equilíbrio... Quando ela balançou sobre os pés, eu segurei seu braço. Firmemente. Apoiando-a no lugar.

– Você está bem?

A pergunta não foi feita por mim, mas leu meus pensamentos.

Melissa abriu os olhos, piscando, como se tentasse se localizar. Ela levou a mão ao rosto, inspirando fundo. Procurando a voz da secretária, assentiu titubeante.

– Estou, Rose. Essa tontura é... meio que... normal ultimamente.

Assim como a secretária, franzi os olhos para sua resposta. Melissa estava estranha nas últimas semanas, mas não disse nada sobre estar doente. E ela estava? Desde quando?

Desci os olhos por seu rosto pálido. Podia ter me distraído nos últimos dias com nossa segurança e os assuntos burocráticos, mas nada era mais importante do que o bem-estar da mulher que estava sempre pronta para me enlouquecer. Se ela tivesse doente, eu saberia. Certo? Tentei lembrar algum sinal de desconforto... Concluí que, se Melissa estava se sentindo mal, esforçou-se para não demonstrar. Desta vez baixei e subi meus olhos por seu corpo, procurando ferimentos, algum descuido das malditas aulas de defesa de Félix... Se houvesse um só arranhão em Melissa, o elfo estaria morto.

Para melhorar minha análise tentei trazê-la para mais perto, mas Melissa se afastou, retomando o equilíbrio.

– Já estou melhor.

A secretária se endireitou do outro lado da mesa, balançando a cabeça.

–Você precisa se alimentar *melhor*, isso sim... – Já estava prestes a concordar com a sagacidade da moça quando ela completou. – Não dá pra viver de brigadeiro!

Levantei o rosto para discordar da garota de olhar crítico.

Melissa havia me apresentado à iguaria e, como ela, constatei que o doce de chocolate era perfeitamente indicado para repor as doses extras de energia que a magia consumia... Melissa o fazia quase todos os dias. Percebendo minha discordância sem que eu tivesse pronunciado uma única palavra, a secretária se encolheu. Por algum motivo, isso me incomodou e desisti da argumentação, não valia a pena. Melissa, no entanto, deixou escapar um muxoxo, acompanhado por um gesto de desdém. Ela obviamente concordava comigo quanto às propriedades revigorantes do chocolate, mas, quanto ao resto, precisava admitir, nunca se alimentava direito. Por muitas vezes Melissa permanecia de jejum durante todo o dia e isso causou algumas discussões em Goch... Mas notei que, desde que voltamos para a montanha, ela havia desenvolvido um apetite voraz. Lembrando a forma entusiasmada com que devorou as panquecas de mel esta manhã, podia afirmar que seu mal-estar nada tinha a ver com seu apetite. Ainda observava o rosto pálido quando os olhos amendoados encontraram os meus.

– O que está fazendo aqui?

– O que *você* faz aqui?

Recuperando sua concentração, Melissa uniu as sobrancelhas.

– Você está me seguindo?

Seu tom indignado atijou minha irritação, que esqueceu qualquer mal-estar e se reestabeleceu com vigor.

– Não. Mas vou tomar isso como uma sugestão. Você não deveria estar com Aristela? Na montanha?

Ela hesitou, mordendo o lábio. Os olhos agitados percorriam meu rosto, sem saber o que procuravam.

– Eu... vim... fazer uma visita à Rose.

– Percebi. E percebi também que não avisou da mudança em sua rotina.

Melissa soltou o ar com força, espiando a porta como se buscasse uma saída.

– Decidi de última hora, Vincent.

– Não estamos em um momento propício para improvisos, Melissa.

– Sei disso, eu... – Ela cruzou os braços, desviando os olhos de mim para a porta mais uma vez. – Só antecipei um compromisso. Prometi a George que pegaria Alice na escola daqui a pouco e *todos* sabem disso.

O argumento poderia ser válido, pois a rotina de Alice também era vigiada pelos guardiões, mas algo me dizia que esta justificativa era mais um improviso.

– Conheço os horários de Alice. Sei que ainda não está na hora de sua irmã deixar a escola. – Passei os olhos pela secretária confusa do outro lado da mesa e terminei a frase soltando as palavras entre os dentes. – Circular pela cidade fora dos horários de rotina é perigoso. Ainda mais sozinha.

– Ah, Vincent, por favor... Não há perigo algum aqui.

Ela mostrou a sala vazia e minha vontade era gritar a plenos pulmões enquanto a arrastava dali.

– Goch também era um lugar seguro, não acha? – Com um passo curto alcancei seu braço, levando-a para perto da janela, longe o bastante dos ouvidos curiosos da secretária. – Você está se arriscando. Sabe disso. Só quero entender o motivo!

Melissa soltou seu braço de minha mão, mas não se afastou. Pelo contrário, levantou o queixo para falar ainda mais perto.

– Você está aqui. Sozinho. E não parece preocupado com *sua* segurança.

– Eu *preciso* estar aqui. – Levantei o envelope amassado em minha mão. – É diferente. Além disso, estou apto para uma luta se necessário. *Você*, não.

Os olhos de Melissa faiscaram.

– Como você pode saber?

Dadas as circunstâncias, o tom de desafio foi injusto. Eu cruzei os braços.

– Aconteceu algo que não estou sabendo esta manhã? Talvez a recuperação total de suas habilidades?

Ela torceu os lábios, reprovadora.

– Não. Mas estou progredindo com as aulas de Félix.

Pisquei algumas vezes, incerto ao encontrar mágoa nos olhos dourados.



– Se deseja tanto assim ser eficiente em um confronto, deveria estar na montanha com Aristela. *Treinando*.

– Eu precisava... espairar. Conversar com minha amiga. – Espiando a secretária, Melissa uniu as sobrancelhas e suspirou profundamente, como se estivesse desapontada. Voltando os olhos para meu rosto, falou baixo. – As aulas de Aristela tomaram todo meu tempo livre desde que chegamos, e não preciso dizer que foram um desperdício de tempo. – De repente, sua expressão se tornou firme, como se tivesse encontrado o que procurava. – Mas não posso negar que o treinamento deste último mês ajudou a aprimorar meus sentidos, e *sei* que não há perigo aqui, portanto... – Suas palavras morreram e, imitando meu gesto impassível, ela cruzou os braços mais uma vez.

Com nossa proximidade foi impossível ignorar a visão privilegiada de seu decote, que parecia ainda mais proeminente... Depois da breve distração, voltei minha atenção à seu discurso.

– *Foram?*

– Eu desisti, Vincent. Larguei as aulas de habilidades mágicas – informou com um sussurro. – Mas darei um jeito de continuar com as aulas de defesa. Elas ainda são de grande utilidade, como você mesmo acabou de lembrar.

Ignorando a irritação em seu tom, eu me aproximei mais.

– Não tome uma decisão precipitada. Se não quer fazer as aulas com Aristela, posso assumi-las...

Melissa levantou os olhos, recuando com rapidez.

– Já tentamos no começo. – Ela limpou a garganta. – E no fundo você sabe que não vai adiantar.

– Podemos pelo menos discutir o assunto?

– Já discutimos o suficiente. – Melissa soltou os ombros e os braços, aparentando cansaço. – Minha única alternativa é aprender a me virar com o que tenho. Só assim não serei um peso, uma distração que só vai atrapalhar *você* em um confronto.

Rangi os dentes, entendendo sua referência às lutas anteriores.

– Abandonar tudo agora trará consequências...

– Estas consequências são permanentes. Sinto muito por decepcioná-lo.

As feições do rosto angelical endureceram. Desta vez, a mágoa era bem visível.

Soltei o ar, frustrado.

– *Precisamos* continuar esta conversa em outro lugar.

Os olhos dourados se estreitaram com o despontar de sua personalidade geniosa.

– Quer saber? Já me conformei por ter meus poderes incompletos e, se

fosse você, faria o mesmo. – O murmúrio trêmulo foi inesperado. Ela fechou os olhos, escondendo a emoção, depois inspirou longamente. – Não quero mais falar sobre isso.

Melissa voltou até a mesa da secretária, e com um gemido fraco buscou apoio.

– Por Deus! O que você tem?

A surpresa de sua amiga poderia mais uma vez ser o eco da minha.

Em dois passos eu estava ao seu lado, amparando-a. Ainda de olhos semicerrados, Melissa levantou o rosto para passar a mão pela testa, como se afastasse o começo de outro mal-estar. Foi minha vez de refazer a pergunta:

– Melissa? O que está sentindo?

Ela se esforçou para inspirar profundamente.

– Estou gastando minha energia com algo que nunca vai funcionar... Você entende isso agora?

A vulnerabilidade do rosto pálido dilacerou meu coração, e sua certeza levou qualquer argumento.

Com o canto dos olhos, vi a secretária estender as mãos para segurar os braços de minha consorte; em seguida, a garota me dirigiu um olhar frio. Aquilo não foi ameaçador, mas a cumplicidade protetora que ela dividia com Melissa deixou a acusação silenciosa bem evidente. E, segundo ela, eu era a causa do mal-estar. Contrariado, me vi recuando. A garota que amparava Melissa podia não entender o motivo de nossa discussão, mas seria fiel ao defender sua amiga. Mesmo sendo o objeto de sua reprovação, precisava admitir: sua lealdade ganhou pontos em meu julgamento.

– Você deve ir para casa e descansar. Eu cuido de Alice.

– Não. Vou ficar... Combinei com Rose que iria almoçar na Taberna Casella. Com Arthur.

A secretária piscou, jogando olhares desconfortáveis entre Melissa e eu. Não havia mais indícios de críticas agora. Sem nem notar o reflexo, esmaguei o envelope que por milagre continuava inteiro em minha mão. Melissa não perdeu minha reação e estreitou os olhos, duvidosa.

– Você quer ir?

– Você pretendia me convidar?

Os olhos amendoados pararam em meu rosto enquanto ela mordida o lábio inferior. Lá estava minha resposta.

– Você deveria ter me avisado, Melissa.

– Estou avisando, Vincent.

Os velhos receios nunca desapareceriam, mesmo com um Pacto de Futuro. Voltei para o seu lado, envolvendo seu cotovelo com a mão.

– Faremos isso outro dia. Você não está se sentindo bem e, infelizmente, não podemos ficar. – Baixei meus olhos até os seus. – Somos aguardados na montanha. *Todos* ficarão preocupados se não voltarmos logo.

Melissa se soltou, irritada. A reação intempestiva não lembrava o rosto pálido de um minuto atrás. Eu imaginava o que estava por vir e para me atormentar lá estava o olhar dourado, brilhante e desafiador.

– Devo avisá-lo das minhas decisões com antecedência, é isso? – Virando-se para a secretária, Melissa abriu um sorriso amplo, embora sua voz fosse mais ácida do que o normal. – Rose, que tal trocarmos o almoço de hoje por um jantar amanhã? Vincent e eu adorávamos encontrar você e Arthur para um jantar no centro turístico. Vou pedir para George levar Alice também... Será um adorável jantar em *família*!

A secretária prendeu o ar. E eu também.

Melissa sabia que eu não poderia argumentar sobre os riscos de uma exposição na frente de sua amiga, muito menos impedi-la de estar com sua família. Desta vez, minha inclusão foi uma armadilha perfeita. Endireitei os ombros, fuzilando-a com os olhos que, pela tempestade em meu peito, deveriam estar violeta. Já a secretária ajeitou os óculos, talvez para aprimorar a visão de nossa disputa silenciosa. Duvidosa se interrompia aquilo ou não, a garota limpou a garganta.

– Ah... nós? E... vocês? Na Taberna? Amanhã? – A voz desconfortável não causou nenhuma reação de remorso em Melissa. Ainda que sua amiga procurasse um caminho para fugir do convite, e eu esperava que conseguisse tal feito, Melissa confirmou com o maxilar rígido. – Seria ótimo, Melissa, mas você não acha que deve... ah... discutir melhor sobre isso com...

Essa era minha deixa. Me surpreendi ao notar que comecei a simpatizar com a garota.

– Definitivamente devemos discutir sobre isso, Melissa – completei entre os dentes.

Melissa me lançou um olhar furioso, como se minha proposta de negociação fosse acordar um dragão adormecido. Bem, talvez ele já estivesse acordado.

– Mas a ideia foi *sua*, Vincent. Você disse que faríamos isso outro dia. Amanhã é *outro dia*. – *Touché*. Voltando-se para a amiga, ela estreitou os olhos. – Então está decidido. Certo, Rose?

– Ah... certo?

Ignorando a hesitação da secretária, Melissa sorriu, vitoriosa. Pela noite escura... Eu tinha *mesmo* acordado um dragão furioso.

Por sorte, sua amiga possuía o bom senso que lhe faltava e, curvando-se

sobre a mesa, chamou Melissa para algum argumento particular. Apesar do murmúrio reservado, algumas palavras chegaram aos meus ouvidos... Meu nome, o de seu desprezível namorado e, finalizando com uma expressão preocupada, acrescentou o nome do tal restaurante no centro turístico. Melissa assentia educadamente, mas sua expressão deixava claro que não desistiria tão fácil. Por fim, a garota pronunciou uma última palavra: turistas. Como se isso resumisse todo o resto. De fato, fazia sentido. Se minha presença era capaz de afugentar moradores diariamente, imaginei que o efeito seria o mesmo para a parca clientela daquela espelunca. Não que eu me importasse. Bem, na verdade, olhares curiosos sempre me irritavam. Muito.

Arrependido por não tê-la arrastado dali quando tive chance, praguejei em alemão. Melissa levantou os olhos repreendendo-me com uma careta; a secretária de olhos arregalados se encolheu atrás da mesa. Só então lembrei que ela passara uma longa temporada nos Países Baixos e, ainda que diferente do holandês, o alemão poderia soar de maneira familiar em seus ouvidos. Se fosse assim, ela entendeu que eu acabara de amaldiçoar seu namorado e seu estimado restaurante.

– Acho... que preciso falar com Arthur. Talvez seja difícil conseguir a reserva de uma mesa tão grande assim, em cima da hora...

A iniciativa cautelosa fez com que ela ganhasse mais alguns pontos em meu conceito. A garota estava tentando se esquivar dos dominantes olhos dourados, e merecia meu reconhecimento por isso.

– Bobagem. É claro que vai ter mesas vagas. O movimento fora da temporada não é lá essas coisas, provavelmente vamos ter o restaurante só para nós. – Melissa virou-se para mim. – Além disso, tenho certeza de que Arthur vai nos fazer esse favor de *amigo*.

Esperava que meu rosto deixasse transparecer os outros xingamentos que passavam em minha mente, inclusive em outras línguas. Estava claro que, se esse encontro acontecesse, e eu faria de tudo para que esse se fosse muito improvável, seu *amigo* iria se esforçar para nos agradar. O problema é que não havia chances de eu estender minha paciência nem mesmo um único milímetro depois dessa manhã.

Enquanto tentava decifrar a mente insana da mulher a quem jurei meu amor, a secretária acuada se rendeu covardemente à ideia maluca, e o som que se seguiu foi de comemoração.

– Ah! Não vejo a hora reunir todos! Obrigada, Rose! – Melissa bateu as mãos e se esticou pela mesa para beijar o rosto da amiga. Quando já estava se afastando, seu rosto se iluminou com a urgência de algum pensamento. – Ah, diga à Lucila que há dias não paro de pensar no ravióli de abóbora... Se ela puder

incluir no cardápio do dia, eu agradeceria. – Melissa colocou as mãos sobre os lábios. – Só de lembrar, me dá água na boca!

Ignorando o desconforto que ecoava em nosso silêncio, ela passou por mim, acenando para o rosto congelado da amiga.

Melissa deixou a sala da administração e me virei para segui-la, mas retornei ao lembrar o motivo que me levou ao edifício centenário. Joguei o envelope amassado sobre a mesa e ele aterrissou com um estalo... A secretária se encolheu outra vez. Em minha defesa, não estava em um estágio aceitável de empatia. Uma luz dos velhos tempos me fez cogitar a possibilidade de usar um pouco de persuasão para que a secretária e seu detestável namorado desistissem do encontro, mas sua expressão assustada bastou para eu saber que ela negaria o convite de bom grado se não estivesse presa pelo carisma de minha consorte. Como eu.

Com um suspiro irritado, admiti a mim mesmo que simpatizava com a secretária. Murmurando um pedido de desculpas, acrescentei um volume significativo de cédulas sobre o envelope. Talvez mais do que o necessário para o pagamento das contas atrasadas da Casa Botânica, mas não estava disposto a fazer cálculos. Virei nos calcanhares o mais rápido que pude e já me aproximava da porta quando uma voz trêmula me deteve.

– Eu que peço desculpas. Não queria causar problemas.

Olhei sobre o ombro, engolindo a blasfêmia em alemão que provavelmente seria compreendida, e reafirmei a mim mesmo que aquela garota estava longe de conhecer a dimensão dos meus problemas. Por isso fiquei confuso com seu olhar solidário.

– Você não causou nada.

A garota uniu as mãos, como se o gesto pudesse esconder o temor que as fazia tremer.

– Na verdade, eu liguei para Melissa hoje. Disse que estava com saudades e ela interrompeu seus compromissos para me fazer uma visita. O convite para almoçarmos com Arthur veio naturalmente... Então, a culpa desta confusão é minha.

Mesmo com sua percepção limitada, a secretária possuía uma sensibilidade aguçada para enxergar o perigo à sua frente. O perigo que eu representava. Ainda assim, insistiu na sinceridade. Com um pouco mais de atenção, comecei a compreender a afeição que Melissa sentia por aquele par de olhos gentis. Apesar do mau gosto ao escolher o tipo grudento de homem para se relacionar, o que observei durante o passar dos anos era indiscutível: ela possuía um caráter exemplar.

– Melissa tem responsabilidades agora, dentro e fora da montanha. Ela não

pode se dar ao luxo de esquecer isso.

A garota se remexeu, desconfortável.

– Posso afirmar que ela é preocupada com suas responsabilidades. Mas também sei que sua determinação é impossível de corrigir. E a admiro por isso. Mesmo que às vezes ela seja...

– Teimosa. Eu sei.

Deixei escapar um suspiro frustrado e, para minha surpresa, ele foi compartilhado.

– Sei que esse jantar está fadado ao desastre, mas peço que não se irrite com Melissa. Ela só fez isso porque não perdeu a esperança de que sejamos amigos.

Estreitei os olhos, surpreso com a empatia que se tornava cada vez mais evidente. Um breve silêncio analítico, e argumentei com convicção:

– Não tenho nenhuma restrição a *você*.

– Mas tem muitas em relação a *Arthur*. – Sua voz era tensa, deixando claro o receio de que eu extravasasse minha frustração no queixo de seu namorado mais uma vez. O que era bem possível. – Sei que um desentendimento entre vocês é sempre possível, mas, se puder evitar, ficaria muito agradecida. O centro turístico é frequentado pela elite da cidade e Arthur está... – ela pareceu constrangida e desviou os olhos – tentando se tornar popular. Ele acha que pode fazer muitas coisas pela cidade e não gostaria de desencorajá-lo nessa empreitada política. – A garota baixou os olhos até o envelope na mesa. – Um conflito prejudicaria sua imagem, os negócios... Isso pode se estender à *sua* família também.

Levantei uma sobrancelha.

– Se consegue ter essa visão ampla, acho que também consegue imaginar a impossibilidade desse tipo de socialização.

A garota de olhos solidários soltou o ar enquanto retirava os óculos. Ela me olhou nos olhos desta vez, e não havia dúvida ou temor em seu rosto.

– Sabe... Melissa se tornou uma grande amiga desde que chegou à cidade. Acompanhei sua alegria quando vocês se acertaram e também sua tristeza quando você a deixou. – Ela levantou o queixo. Ver a dor solidária da garota não foi nada agradável. – Não posso negar que senti raiva de você pelo que fez. Mas vejo a forma como a protege, a intensidade com que a idolatra... Acho que esse pode ser um bom caminho para se redimir. De qualquer forma, o que aconteceu ficou no passado. E sou a prova de que cada coisa tem a hora certa para acontecer. O que importa é: Melissa está mesmo *muito* feliz. Por favor, não estrague isso.

Precisava reconhecer... Sua lealdade era mesmo espantosa. Esquecendo o temor presente em nossos encontros nos últimos três anos, aquela garota acabara

de me ameaçar de uma maneira doce e delicada. Pisquei uma vez, sem saber como reagir à sua ousadia educada. Antes que percebesse, suavizei minha voz, algo que há alguns minutos eu julgava ser impossível.

– Agradeço a sinceridade.

Ela baixou os olhos, inesperadamente encabulada. Pelo visto, era sua vez de duvidar.

– Não sei se sabe, mas devo *minha* felicidade à Melissa.

Troquei o peso do corpo sobre as pernas, detestando ser lembrado do fato.

– Sim, eu sei. E imagino que saiba o quanto *sua* felicidade me agrada.

– É justamente a isso que quero chegar. – Ela soltou o ar, como se o estivesse contendo, depois continuou, um tanto desconfortável. – Posso afirmar com meu coração que Arthur é um bom *amigo* para Melissa. Apenas isso. Como eu também tento ser. Somos agradecidos pelo que ela fez por nós e queremos que Melissa fique bem e feliz. Gostaria que acreditasse nisso.

Um breve silêncio foi necessário para digerir sua certeza perturbadora.

Com dificuldade, entendi seu propósito. Eu já havia notado a forma protetora com que o grudento cuidava daquela garota, mas, mesmo que seus sentimentos tivessem mudado, ele continuava um grudento inconveniente quando o assunto era Melissa. Duvidar de suas intenções era algo instintivo com o qual não podia lutar. Mas ali, diante daqueles olhos empáticos, cheguei a hesitar. Sua sinceridade merecia algum crédito e não vi motivos para disfarçar a minha.

– Prometo tentar com afinho, se acreditar que desejo a mesma coisa.

Um singelo sorriso brincou em seu rosto antes que ela concordasse cautelosamente. Com uma passividade assustadora, sua importância sobressaiu aos meus olhos. Afinal, mesmo com uma perspectiva limitada, *aquela garota* parecia ser a única a entender a reserva e a desconfiança que norteavam minhas decisões. Talvez por conseguir me chocar, ela mereceu *a verdade*.

– Sei que minhas atitudes são confusas e não espero qualquer simpatia milagrosa. Gostaria apenas que compreendesse minha motivação. – Alinhei os ombros, certificando-me de que tinha sua atenção. – Os Von Berg colocaram a cidade sob sua proteção há muitas décadas. Em troca, esperam viver em paz na montanha, porque lá é o lar deles. Muito antes de ser o meu ou o de Melissa. Nosso dever, como membros da família, é proteger e respeitar seu estilo de vida recluso. Admito que a privação do convívio com a cidade deixou-os frágeis, e esse é o principal motivo pela qual me preocupo com sua exposição. Por décadas, seu estilo de vida se tornou alimento para a imaginação, e sujeitar nossa presença à curiosidade da cidade não é algo agradável. Principalmente quando essa curiosidade pode destruir a paz que eles buscam há tanto tempo. – Era hora

de colocar uma dose a mais de seriedade em minha voz. – Minha obrigação é evitar aborrecimentos, mas, se eles forem inevitáveis, preciso ser implacável. – Esperava que meu alerta fosse suficiente para preveni-la das limitações dessa amizade. Afinal, Melissa era uma de nós agora e, mesmo sem ter a intenção, estava preocupado com as expectativas daquela garota. Mas sua empatia silenciosa deixou claro que ela... compreendia. Isso foi inusitado. – Quero deixar claro nunca tive a intenção de provocar desentendimentos. Se eles aconteceram no passado, pode apostar que foram embasados em provocações. E é justamente este o ponto, *não vou tolerar ser provocado*.

A garota ainda me olhava com aquela compreensão assustadora e assentiu com a cabeça, lentamente.

– Eu compreendo. Acho que nunca compreendi como agora.

– Bom. Isso é... bom.

Unindo as sobrancelhas, esforcei-me para entender o que *eu* via. E já não sabia se suas palavras eram consoladoras ou desesperadas. Sob meu olhar analítico a secretária piscou, recompondo-se.

– Agradeço seu esclarecimento. – Com gestos calmos, ela pegou o envelope da mesa, interrompendo a voz branda para deixar escapar um suspiro. Quando levantou os olhos, parecia ver um amigo. – Acho que agora consigo entender a insistência de Melissa para esse jantar. Mais uma vez, ela tem razão... – A garota disfarçou um sorriso. – E agora, *eu* gostaria muito que vocês pudessem ir.

Por incrível que pareça, não encontrei motivos para discutir com aquela criatura de olhos ternos. Esforçando-me para lembrar seu nome, deixei escapar um sorriso.

– Bem, então, acho que nos vemos no jantar amanhã. Até mais, Rose.

Ela tentou esconder a surpresa ao ouvir seu nome, mas falhou. Quando eu já cruzava a porta, respondeu:

– Até amanhã, Vincent.

TERMINEI O PRIMEIRO CORREDOR balançando a cabeça. Melissa havia alcançado seu objetivo... Eu acabara de socializar com sua amiga. Deixando a surpresa de lado, concentrei-me na forma manipuladora com que minha consorte arquitetou o feito. Não demorou para meu mau humor voltar a galope. Com as nuvens pesadas que ainda cobriam o céu acima da prefeitura, as sombras se tornaram fartas no corredor. Uma viagem rápida me levou ao hall da prefeitura. Avancei pela calçada e encontrei Melissa do lado de fora do prédio, abrindo a porta do velho sedã com uma tranquilidade irritante.

– Sua provocação tem um propósito? – rugi em meu melhor tom acusador.

Ela terminou de girar a chave na fechadura, mas não abriu a porta. Olhando



sobre o ombro, deixou escapar um suspiro.

– Não foi uma provocação, Vincent. Estava com saudade dos meus amigos e sei que não posso convidá-los para sua casa... Não me restaram muitas opções.

Eu me aproximei o suficiente para que ela tivesse que levantar a cabeça para me olhar.

– Você pode convidar quem quiser para *nossa* casa – corriji entre os dentes. Em seguida resolvi retificar a frase para não deixar brechas futuras. – Você pode convidar quem quiser, com exceção do Demônio das Sombras.

Ela estreitou os olhos.

– Mesmo que eu quisesse, Vincent, como posso fazer isso com aquela muralha de elfos do lado de fora?

Melissa aguardou, mas minha resposta demorou a sair. A verdade é que as visitas eram indesejadas, e pensei que os motivos para evitá-las não precisavam ser relembrados.

– Foi o que pensei – ralhrou, voltando os olhos para a porta enferrujada do velho sedã.

Mas eu não poderia deixá-la ir. Segurando-a pelo cotovelo, voltei-a para mim.

– Tudo bem, receber visitas do Mundo Físico não é algo simples no momento. Mas camuflar elfos em armaduras negras nas ruazinhas abarrotadas do centro turístico também não será uma tarefa fácil! O que você tinha na cabeça para sugerir algo assim?

A ironia poderia ser exagero, mas eu queria ter certeza de que Melissa entendia minha irritação. Ela entendeu, é claro. Jogando os braços ao ar, demonstrou *sua* irritação.

– Faz mais de um mês que a guarda está de prontidão, Vincent, e nada aconteceu! Isso porque não vou mencionar o tempo em Goch... É hora de mudar de tática, porque não me parece que Ludwig virá até nós. Se você quer pegá-lo, precisamos nos mexer!

Cerrei as mãos, porque minha vontade era chacoalhá-la.

– Nada aconteceu justamente por eles estarem lá! E se Ludwig está acuado é porque nossa tática está funcionando. Estamos perto de capturá-lo, Melissa, muito perto. Mas nossa segurança é parte do plano de ação. Se não tivermos certeza de nossa segurança, a guarda não pode agir. – Foi minha vez de jogar as mãos ao alto. – Porque não pode entender isso?

Ela cruzou os braços, desviando os olhos, e soube que seus argumentos não eram suficientes. Deslizei as mãos pelo cabelo, revoltado com sua teimosia.

– Desculpe se você se sente *aprisionada* na montanha, mas não pretendo abrir mão de nossa segurança sem justificativas.

– Eu não disse que me sinto *aprisionada* e não estou abrindo mão de nada. Sei da importância do que estamos fazendo. Eu só... É que estes dias eu... *Mas que droga!* Eu só precisava respirar!

Melissa virou novamente para o carro e o movimento a fez perder o equilíbrio. Mesmo apoiando as mãos na laticínios ela vacilou, seus olhos se fecharam e os joelhos dobraram ao som de um gemido engasgado. Neste instante, tudo mudou. A raiva por sua teimosia se dissipou, tudo que importava era *ela*. Como na sala da secretária, apoiei seu peso, trazendo-a para junto de mim.

– Melissa, o que você tem?

Ela não respondeu, ainda estava de olhos fechados. Isso já tinha ido longe demais. Com um chute, fechei a porta do sedã e, curvando-me rapidamente, enlacei seus joelhos com um braço enquanto apoiava suas costas com o outro. Acomodei Melissa em meu peito e caminhei até o estacionamento, precisava levá-la para casa. Olhei para o BMW, depois para o rosto inconsciente aconchegado em meu ombro e decidi que este mal-estar súbito era mais sério do que parecia. Sem hesitar, mergulhei na sombra densa das árvores.

A viagem durou poucos segundos e Melissa acordou no meio dela. Antes mesmo que emergíssemos no closet escuro, ela piscou os olhos, aflita, debatendo-se em meus braços. Pela minha vasta experiência, deveria ter imaginado que sua irritação retornaria com força total na pós-inconsciência. Já esperava seu tom irritado ralhar pela superproteção... Mas não esperava o gorgolejo aflito.

– Oh. Não. Eu vou...

Colocando as mãos sobre a boca, Melissa tropeçou em minhas pernas enquanto lutava pra alcançar o chão, e sem perder tempo correu pelo corredor escuro até o banheiro. O som que se seguiu foi indiscutivelmente chocante.

Ainda aturdido, dei um passo adiante para segui-la, sinceramente preocupado com seu bem-estar.

– Melissa? Você quer...

– Não! – Mais um esforço seguido de sons agonizantes. – Me deixe sozinha!

Parei na porta do banheiro, vendo seu corpo dobrado sobre o sanitário.

– Mas você está... vomitando!

Ignorando a réplica que foi engolfada por outro esforço, eu me aproximei para afastar seu cabelo do rosto e apoiei seu ombro para mais um esforço. Ela não me repeliu desta vez e imaginei que toda sua concentração estava voltada em eliminar o que quer que ainda restasse em seu estômago. O último acesso levou suas forças e, quando acabou, Melissa se ajoelhou no chão.

Eu me afastei para que ela recuperasse o fôlego e vi a confusão tomar seu rosto. Se ela não tinha ideia do que estava acontecendo, eu deveria ficar ainda mais preocupado, porque as possibilidades eram infinitas! Entreguei-lhe uma toalha molhada, avaliando o quadro com precisão.

– Obrigada. – A voz fraca acompanhou uma última inspiração.

Eu me abaixei ao seu lado e apoiei a mão em sua testa para checar a temperatura.

– Alguma chance de você ter cheirado mais uma flor envenenada pelos duendes?

Com uma careta, ela afastou minha mão.

– Aprendi minha lição, Vincent. Não fui envenenada. Posso não ter habilidades como você gostaria... mas, agora, sei muito sobre o Mundo Mágico.

– Eu nunca disse que queria que tivesse habilidades, apenas que você precisava delas porque... a magia é parte de você. – Melissa levantou os olhos com uma expressão quase dolorosa e me forcei a apertar os lábios para não continuar. Ela tinha razão, eu queria que ela tivesse habilidades. Não apenas pela garantia de seu poder completo, mas porque isso *a faria* completa. Na dor dos seus olhos, senti a perda de um sonho que nunca tive. Rendido, concentrei-me em seu rosto, deslizando os dedos pelo por seu queixo... Ainda que inconscientemente, procurei por sinais de envenenamento. – Acho melhor irmos até os Von Berg, procurar por Alex, apenas para termos certeza de que você não foi afetada por nenhuma substância mágica.

Melissa desviou a cabeça.

– Não há nada de errado comigo!

Afastei minha mão e, pelos olhos arregalados, ela mesma se surpreendeu com a explosão.

– Eu... estou bem. Sei que parece estranho, mas... Já passou.

– Como, passou? Há algo errado, Melissa. Você tem apetite, mas está fraca, teve tonturas e enjoos... Precisamos saber se está doente.

Melissa acompanhou meus olhos, depois parou o olhar em meu rosto enquanto o seu perdia a cor.

– Não. – A palavra foi pronunciada em um fôlego. Sua expressão estava entre o pânico e a surpresa. E me deixou intrigado.

– Não, o quê?

Ela piscou, engolindo em seco. Sua hesitação começou a me afligir de verdade.

– Não estou. Eu não acho que estou... doente.

– Se não foi envenenada e não está doente, o que foi isso?

Indiquei o sanitário e ela piscou, hesitante.

– Uma indisposição. – Melissa se levantou, apertando a toalha nas mãos. – Isso foi... uma indisposição. Só pode ser – repetiu, como se tentasse convencer a si mesma. – As aulas de habilidades mágicas me deixaram exausta, gastei muita energia treinando e não sabemos se meu poder consegue se refazer como acontece com vocês. Talvez, com essa falha, isso demore mais para acontecer... Talvez exija mais do meu corpo... É. Talvez seja isso.

A dúvida estava presente em sua voz, mas não podia negar que ela provavelmente estava certa.

– Se o esforço das aulas a está exaurindo, precisamos falar com Alex. E seja lá o que estiver acontecendo, é melhor fazer isso parar enquanto há tempo. Esse não é um bom momento para indisposições, Melissa. – O impulso de sinceridade a surpreendeu, da pior forma.

Escorreguei a mão pelo cabelo, não havia motivos para esconder minha preocupação com mais esse *problema*. Melissa girou o rosto, aborrecida, dispersa... Seus olhos literalmente saíram de foco. Cheguei a chamar seu nome, temendo que o mal-estar continuasse, mas então ela piscou... inquieta.

– Não pretendo causar mais problemas. Já interrompi as aulas de magia e esse mal-estar logo vai desaparecer – falou irritada.

Ela parou diante da pia e lavou o rosto repetidas vezes, depois o levantou para o espelho e pensei ter visto um murmúrio escapar de seus lábios, algo como *assim espero*. Mas *eu* não poderia continuar com essa dúvida.

– Já que é assim, acho melhor interromper as aulas de Félix também.

– As aulas de defesa são essenciais agora e... – Ela cruzou com meus olhos no espelho, e os desviou em seguida. – Vou pensar no assunto. Temos que voltar para a cidade agora. Você tem seus compromissos e eu preciso pegar Alice na escola.

Ajeitando os cabelos, Melissa caminhou para a porta e, com um gesto rápido, sua mão procurou apoio na parede. Eu me aproximei rapidamente, segurando-a pelos cotovelos. Ela não recusou o apoio. De olhos fechados, inspirou o ar com impaciência.

Para mim, aquilo bastava.

– É o quarto princípio de desmaio, Melissa. Você não vai a lugar algum. Vai ficar aqui. Sem discussão.

Melissa recuperou o equilíbrio e inclinou a cabeça, como se estivesse cansada demais para falar.

– Vou buscar Alice na escola, levo sua irmã até Aristela e volto com Alex. Alguém precisa avaliar esse mal-estar sem explicação. – Ajeitei seus cabelos para longe do rosto. – Seja lá o que estiver acontecendo, vamos resolver isso. Você não vai ficar vulnerável.

Os olhos dourados sondaram os meus e pensei que Melissa iria rejeitar a ideia. Mas sua expressão se tornou vazia, como se estivesse viajando dentro da própria mente. Quando percebeu que estava me encarando, desviou os olhos. Só então assentiu, falhando terrivelmente na tarefa de esconder sua angústia. Isso me deixou desconfiado. Melissa já sabia o que estava acontecendo, mas, por algum motivo, não queria dividir comigo. Isso, com certeza, *era* preocupante.

Ela me deu as costas, apoiando-se na pia de mármore. A evasiva confirmava minhas suspeitas, e a cada segundo ela se fechava mais. Cheguei a moldar a pergunta exigente nos lábios, mas me contive... As limitações de seu poder ainda eram uma incógnita para todos nós e sua frustração com a própria inabilidade já era penosa o suficiente. Pressioná-la tornaria tudo ainda pior, mas vê-la fragilizada estava me matando.

– Volto logo. E vamos resolver isso.

Melissa continuou diante do espelho, as costas curvadas e o olhar perdido. Sem conseguir conter o impulso, encurtei o espaço entre nós e deixei um beijo demorado em seus cabelos. No espelho, seus olhos fugiram dos meus. Com um suspiro impotente, eu a deixei.

Desci a escada curva para alertar a guarda das sombras que Melissa estava na casa, e incluí um pedido explícito para que nada nem ninguém passasse pela porta. Cruzando o pátio de cascalho, organizei meus pensamentos... De fato, não sabíamos muito sobre a herança Deva. E, no caso de Melissa, não poderíamos contar com a constância desse poder, abalado em sua origem, ou com uma evolução normal depois de tanto tempo inerte. Com as piores variáveis, era compreensível que o gasto extra de energia mágica sobrecarregasse seu corpo. Dimensionar o quanto essa falha consumia de sua energia era a chave da questão.

Lembrei-me do *Elixir da Vida* de Victor e pesei os riscos de lhe pedir uma nova remessa. A ideia não estava descartada, mas seria prudente eliminar todas as alternativas antes de arriscar mais uma dívida com o demônio. Outra solução, ainda mais compatível, era um compartilhamento Deva. Era óbvio que a magia de sua linhagem poderia fortalecer o que restava do poder de Melissa e, quem sabe, recuperar o que estava perdido. Mas também era sabido que Lorelei jamais ofereceria ajuda. Porque pouco se importava. Na verdade, parecia aliviada pela sobrinha não ter o domínio dos dons originais.

Mas, se essa falha colocasse em risco a vida da mulher que amava, eu faria qualquer coisa por sua ajuda. Até mesmo engolir minhas desconfianças, meu orgulho e implorar. Alcancei a sombra gelada das grandes árvores decidido a conquistar a compaixão forçada da Conselheira. E compreendi que deixar um ser tão instável se aproximar de nós poderia ser tão arriscado quanto um confronto

com Ludwig.

Com um último olhar para a casa de vidro, encontrei um rosto angelical do outro lado da vidraça superior. Melissa tinha os braços cruzados sobre o corpo, como se protegesse a si mesma de uma ameaça iminente. Mesmo à distância, sustentei seu olhar... e o que quer que a estivesse afligindo já era minha aflição. Só gostaria que ela entendesse isso.

## Uma nova vida

Encostei-me à pia de mármore para organizar meus pensamentos... Queria acreditar que foi apenas por saudade que desviei de meu caminho para encontrar com Rose, mas no fundo sabia que meu maior desejo era conversar com alguém normal sobre minhas dúvidas normais. De preferência, com uma mulher. Uma amiga. Não um *elfo* metido a médico.

Encontrei o rosto ansioso de Vincent no reflexo do espelho, avaliando-me como se eu fosse uma peça com defeito. Isso não estava ajudando. Seu olhar especulativo me deixava cada vez mais nervosa e, agora que sabia sua opinião sobre o assunto, imaginava qual seria sua reação se soubesse o que se passava por minha cabeça. Ainda que fosse algo que todos me diziam ser impossível!

Enquanto eu fugia do óbvio, me perdendo no emaranhado de possibilidades, Vincent anunciou sua saída; disse que voltaria logo, e esse *logo* passou a ser meu mais novo tormento. Se um mal-estar bastava para deixar o mago protetor apreensivo, imaginei o terror que veria em seus olhos se compartilhasse a possibilidade de uma gravidez. De qualquer forma, era loucura! Meu corpo mal conseguia manter os gastos de energia demandados pela magia e, por autopreservação, não iria se sobrecarregar com uma nova vida... Bem, foi essa a explicação que me deram. Então, meu mal-estar devia ser outra coisa. E se havia outra justificativa para os sintomas que se acumulavam com os dias, precisava encontrá-la.

Espiei o mago pelo espelho e tentei reunir coragem para falar, contar a verdade... *Mas, pelos céus... Qual verdade?* Antes que minha culpa vencesse o receio, Vincent se aproximou para deixar um beijo em meus cabelos. Sem saber o motivo, segurei o ar.

O homem de olhos perturbados desapareceu pela porta do banheiro e continuei onde estava. Imóvel. Tentando desvendar a tal *verdade* antes de criar uma confusão sem tamanho baseada em suposições. Imediatamente refiz alguns cálculos e, quanto mais cálculos eu fazia, mais apavorada ficava. Será que a legião de magos ao meu redor estava errada? Afinal, considerando a quantidade de falhas que meu poder tinha, a probabilidade de uma gravidez era a mesma de acertar na loteria. E eu não era uma pessoa que carregava a sorte como mascote. Pelo contrário... *Oh! Não!* Quase pude ouvir o eco das gargalhadas do universo se divertindo com meu desespero. Mas eu deveria estar desesperada? Ou agradecida? Na verdade, estava assustada. Muito assustada! Não queria desmerecer uma dádiva como essa, principalmente depois de acreditar que não

poderia tê-la, mas a verdade é que não sabia o que esperar do meu próprio corpo. E se isso fosse demais? Quais seriam as consequências? Como se já não estivesse assustada o suficiente, ainda podia imaginar a reação de Vincent a mais um *problema*. Abaixei o rosto nas mãos, lembrando suas palavras de dias atrás... *Em nossa atual situação, seria imprudência colocar mais uma vida em perigo*. Isso bastava para meu espanto se transformar em temor. Eu precisava de uma confirmação. Com urgência!

Quando deixei o banheiro, Vincent não estava mais no quarto. Não pude negar o alívio. Eu não estava preparada para encará-lo até ter minha resposta. Mas... onde a conseguiria? Não com Alex, definitivamente. Eu precisava de outra alternativa, feminina de preferência. Uma que não alarmasse a montanha toda com uma suposição. Mas quem poderia me ajudar em sigilo? Aristela e Viviane estavam descartadas pela lealdade à família. E se a ideia era discrição, Lume também estava fora da lista. Lembrei-me da pessoa que me ajudou antes, mas meu bom senso excluiu Ayla por motivos óbvios. Mas então, quem? Quem ficaria ao meu lado? Quem poderia priorizar um sigilo que excluiria Vincent e os Von Berg?

Parei diante da vidraça, vendo o escudo dos elfos se erguer do lado de fora... Estava presa na montanha. Longe de toda a facilidade do Mundo Físico, que incluía testes de farmácia e consultas médicas. Como antes, desejei ter ficado mais tempo com Rose na prefeitura e lamentei *timing* infeliz de Vincent. Mais do que nunca, invejei a facilidade do transporte pela sombra... De repente, compreendi que tinha acesso a outro transporte mágico: o Portal das Sombras!

O portal das sombras estava a apenas alguns metros, no quintal da casa de vidro, e levava à Vila Noturna, uma parte bem movimentada da Terra das Sombras. Eu me lembrava do comércio farto, da agitação das pessoas nas ruas iluminadas... E, mesmo reclusas, sabia que havia crianças lá. Pelo que sabia, no Mundo Mágico elas nasciam da mesma forma que aqui; portanto, deveria haver alguma forma de uma mulher saber se esperava um filho... Testes de gravidez ou bolas de cristal, não importava! Meu único problema era encontrá-la. Abraçando a mim mesma, deixei que o calor do sol aquecesse meu corpo tenso. E, além da luz, eu o vi.

Encoberto pela sombra das árvores, o mago das sombras olhava para a casa de vidro e, mesmo com a distância, sustentou meu olhar. Não pude evitar que a tristeza percorresse meu corpo quando imaginei a decepção que veria nos olhos turquesa. Ninguém precisava me dizer que esse não era o melhor momento para ter um bebê, mas imaginar que ele seria rejeitado por sua família dilacerou meu coração. Com um gesto inconsciente, cruzei os braços sobre o abdômen, protegendo... uma possibilidade.



Neste instante fui tomada por uma coragem que nunca senti antes, a certeza de que poderia enfrentar tudo para defender uma coisa que começava a ser mais importante do que... qualquer outra. Isso era loucura; afinal, essa nova vida talvez nem existisse. Mas a simples ideia de que ela estivesse ali foi suficiente para arrebatá-lo meu coração.

Meus olhos ainda estavam em Vincent quando ele mergulhou nas sombras... E eu já sabia o que fazer. Os vigilantes de armadura negra dificilmente permitiriam minha passagem sem uma boa justificativa. Mas eu era uma Deusa. Ninguém me impediria de ir ao encontro da *minha* família.

Girei nos calcanhares, apressada, mas desci os degraus da escada curva com cuidado. No andar inferior da casa, rezei para que minha tia fosse sensível à situação. Lorelei não era propícia a oferecer ajuda, mas era minha única saída... E talvez esse segredo fosse o elo necessário para nos aproximar. Minha *tia* era a referência que tínhamos do poder Deusa, ela poderia esclarecer as consequências das falhas dele em meu corpo e, se este não fosse o caso, saberia o que fazer para confirmar ou descartar uma gravidez.

Com um longo suspiro abri a porta de entrada da casa de vidro, e parei antes de atravessá-la. Não que tivesse dúvidas sobre o que ia fazer, porque não me sobravam opções, mas porque me deparei com meu primeiro obstáculo.

O guardião das sombras trocou a lança de mão; assim que o escudo élfico se desintegrou entre nós, ele se curvou em uma reverência. Disfarcei o nervosismo que sempre sentia ao lado dos gigantes de armadura negra... Meu temor estava ligado às lembranças da traição de Lúcius, e o recente confronto com outro elfo das sombras não ajudava em minha tranquilidade. Era verdade que o sangue dos elfos também corria na linhagem de Vincent, mas, mesmo tendo um grande apreço pela memória de Christine, não conseguia confiar nos perturbadores olhos felinos. Precisei lembrar a mim mesma que a confiança não se enquadrava em rótulos.

Com um cumprimento forçado, esperei que o guardião me desse passagem. Mas isso não aconteceu. Os olhos felinos do elfo continuavam atentos, e engoli em seco.

– Com licença, preciso passar... Tenho que encontrar alguém.

– Desculpe, senhora Dippel, mas não fui informado de nenhuma saída. Minhas ordens são para que ninguém entre ou saia da casa.

O ar saiu rápido demais, fazendo meus pulmões arderem.

– O quê?

– São as ordens do Senhor das Sombras.

– Senhor das Sombras?

Fiquei confusa quando a referência me levou a Victor, mas, no olhar

imparcial do elfo, eu entendi... Ele falava do herdeiro das sombras. Vincent. Mas a pomposidade do título não diminuiu a fúria que queimou meu corpo com a compreensão de sua ordem. O mix atordoante de revolta e indignação cresceu em meu peito e, se o calor era uma manifestação do poder, eu tinha pena do elfo à minha frente, porque dificilmente conseguiria controlá-lo.

– Pensei que era a dona dessa casa, não uma refém dela! – Irritada, indiquei a construção de vidro acima de mim.

O elfo recuou, descendo a escada, e pareceu menor... Só então me dei conta de que estava levitando. Inspirei, voltando ao chão. Mas o elfo continuou paralisado nos degraus da escada. Com surpresa, percebi que ele ficara intimidado. Com seu tamanho e a lança que ele empunhava, a cena chegava a ser cômica. E, se não fosse pela vontade de esganar um certo mago herdeiro superprotetor, eu provavelmente estaria muito satisfeita.

– Preciso encontrar minha... a Deva Lorelei. O assunto não pode esperar.

O espanto ainda tomava o rosto do elfo, mas ele o controlou com um profissionalismo impecável. Em instantes outros dois guardiões, também aturdidos com o espetáculo, vieram nos fazer companhia. Confirmando o apoio, o guardião falou com cautela:

– Não é nossa intenção desrespeitá-la, senhora. Mas peço que entenda, não podemos deixá-la sem proteção. Isso seria desacatar o Senhor das Sombras.

A acidental demonstração de poder rendeu algum respeito extra, mas eu sabia que nada se comparava à fúria de um mago das sombras. O receio no rosto do guardião comprovava minha teoria. Apertei a testa entre os olhos com o indicador e o polegar, buscando uma saída diplomática.

– Muito bem, solicito uma escolta de guardiões.

O elfo à minha frente pareceu despreparado para o pedido.

– Precisamos da autorização do líder dos elfos das sombras.

Bom, aquilo era razoável.

– Então levem-me até Anasor.

Sem perguntar novamente, esquivei-me do elfo e de sua lança para descer os degraus da escada externa. Os outros guardiões me deram passagem e, antes que percebesse, uma formação de guardiões estava ao meu redor. Exagero ou não, eu estava em movimento, e estar fora da casa já era meio caminho andado. Quando chegamos à margem do bosque, um conhecido arco de pedra se destacou pela presença de outros dois guardiões.

– Peço que espere aqui, senhora Dippel. – A voz do guardião que estava mais atrás reverberou até as árvores.

Por essa eu não esperava.

Deixando a formação, ele se adiantou pelo arco de pedra e desapareceu. Eu

devia ter argumentado, informado que conhecia o caminho ou que poderia ir ao encontro de seu líder sozinha... Então me ocorreu que, pelas restrições do poder das sombras, nenhum deles além do próprio Anasor poderia ir até a Torre dos Portais na Terra da Luz. E, levando em conta sua lealdade a Vincent, isso não me favoreceria. Mordi o lábio, eu tinha alguns segundos para agir... Seguindo o exemplo do elfo, cruzei o Portal das Sombras com um pulo. Não houve tempo para que a guarda das sombras me impedisse, mas isso não significava que eles não viriam atrás de mim.

Com poucos segundos de vantagem, firmei os dois pés no pátio de pedra do outro lado, preparando-me literalmente para fugir, mas fui impedida por uma armadura negra. Impiedosos olhos felinos me fuzilavam e quase perdi o equilíbrio. A sombra de quase dois metros se aproximou, e outras duas já estavam atrás de mim... Mas bastou um levantar de olhos de Anasor para que os guardiões recuassem. Com outro sinal de cabeça do líder dos elfos, um deles assumiu posição de vigilância. Voltando-se para mim com algo que parecia irritação, Anasor cruzou os braços no peito... Poderia facilmente ser confundido com uma muralha.

– Em que posso ajudá-la?

Esforcei-me para lembrar o motivo que me fez atravessar o portal.

Eu sabia que estava agindo pelo impulso da ansiedade, e também sabia que levantar o queixo e levitar não funcionaria com o líder dos elfos das sombras. Cheguei a pensar na hipótese de fugir novamente. Eu calculava minhas chances quando ele se aproximou, ocupando meu campo de visão... Seria fácil para ele me segurar e, frustrada, descartei a ideia. Mesmo que eu driblasse o líder dos guardiões, não tinha a menor ideia de onde ficava o próximo portal para a Terra da Luz. Eu estava encurralada.

– Preciso encontrar Lorelei na Torre dos Portais, com urgência, mas não posso ir sem uma escolta.

Anasor me olhou de cima, analisando cada músculo tenso.

– O mago Vincent sabe que pretende visitar a Terra da Luz?

Anasor era um ex-guardião experiente e seu olhar inquisidor era um lembrete de que eu teria que me esforçar na resposta.

– Não, ele não sabe. Como eu disse, é urgente. Não houve tempo para avisá-lo. – Não era mentira, mas, ainda assim, estava inquieta com sua avaliação. Incapaz de interpretar a seriedade do guardião, eu arrisquei. – Mas, se não puder ajudar, posso procurar Félix. Talvez ele ou a guarda do Jardim Amarelo estejam disponíveis e...

A postura do líder elfo mudou. Anasor soltou os braços e alinhou os ombros, crescendo mais alguns centímetros opressores. Eu recuei.

– Não será necessário. Sou o responsável por sua segurança na montanha e fora dela. Posso perfeitamente ajudá-la a chegar até a Terra da Luz. – Seu tom quase indignado indicava que eu tinha acertado na minha estratégia.

Apertei os lábios para conter o sorriso aliviado enquanto Anasor sinalizava para que outro elfo nos acompanhasse. Sem demora ele se pôs a caminhar no pátio circular de pedra, e tive que correr para alcançá-lo... Mas, para minha total decepção, ele parou alguns metros depois e quase trombei com suas costas. Anasor levantou o rosto para uma das construções caindo aos pedaços e pareceu apreensivo. Minha ansiedade voltou galopante.

– Pensei que iríamos para a Terra da Luz.

– O Ofício de Representação das Sombras possui um portal de condução. Vou pedir à Camilla que nos direcione à Torre dos Portais. É a maneira mais rápida de chegar lá.

– Representação? – repeti, aguardando algum complemento, mas Anasor apenas assentiu. Os olhos felinos ainda focavam a porta de madeira escura, e sua cautela com uma simples porta ligou os pontos. – Esse lugar pertence ao Demônio das Sombras!

Eu não fiz uma pergunta, aquilo era mais uma constatação alarmada. Mas o líder elfo não notou a diferença.

– Sim. – Ainda concentrado, ele soltou o ar, como se estivesse se preparando para algo muito complicado. Depois de bater na madeira lascada, virou para, finalmente, notar meu rosto abalado. – A Terra das Sombras pertence à Dimensão das Sombras, e este posto de representação é uma forma de Victor vigiar seu território. Não se preocupe, Camilla é uma aliada. Não negará ajuda.

Recuei um passo pelo pátio de pedra. Aliada ou não, ela trabalhava para o Demônio das Sombras, e envolver Victor nessa questão não estava em meus planos.

– A-acho que poderíamos apenas caminhar até a divisa de território... Imagino que não deva estar muito longe...

Anasor se moveu comigo, quase me tocando, como se fosse minha própria sombra, e não pareceu entender meu nervosismo.

– Na verdade está. E seria arriscado circular pela Terra das Sombras sem sermos notados. – O elfo estreitou os olhos. – Pensei que tinha urgência em chegar à Torre dos Portais.

Eu sabia que ele estava desconfiado; precisava decidir se continuava com o plano maluco para ter certeza do que estava acontecendo comigo, ou se voltava para casa com o peso da minha dúvida para encarar um mago das sombras que de qualquer maneira ficaria furioso com minha saída. Não precisei pensar muito a respeito.

– Certo. Você tem razão, é urgente.

A certeza em minha voz foi suficiente para convencê-lo.

Voltamos para a porta no exato momento em que ela se abria. Tentei me convencer de que não importava se a tal Camilla era elfo, maga ou duende... Eu deveria estar agradecida por tudo estar acontecendo mais rápido do que eu esperava. Em breve encontraria Lorelei e teria minha resposta. Apenas isso importava. E, com a diferença de tempo entre as dimensões, quanto mais rápido isso acontecesse, melhor! Na verdade, eu devia um agradecimento a Anasor pela presteza.

O pensamento foi interrompido pelo som das dobradiças enferrujadas... O líder elfo pareceu ansioso, a tensão cobria seus ombros e, como ele, me atentei à silhueta que aparecia na porta desgastada pelo tempo. A garota de cabelos cacheados estendeu um sorriso simpático e minha reação automática foi devolvê-lo. Mas ele congelou no meio do caminho assim que notei a cor de seus olhos: violeta. Como as bordas do entardecer que se tornava noite no céu acima de nós. Camilla era uma demônio das sombras! Embora não devesse estar surpresa, eu sabia por experiência própria que dever favores a um demônio não era uma boa ideia.

Os olhos violeta, perturbadores e intensos, brilharam com deleite ao identificar o visitante.

– Olá, Anasor. – A demônio ampliou seu sorriso.

O líder dos elfos das sombras trocou o peso do corpo sobre as pernas, ajeitando a armadura... Não acreditei que essa reação foi causada só pelo nervoso.

– Olá, Camilla.

A demônio pareceu alheia por um instante e, quando notou minha presença, a intensidade de seu sorriso foi abrandada pelo choque.

– Melissa Wels! Ah... Desculpe, senhora Dippel! Finalmente tenho a honra de conhecê-la! – Com uma breve reverência, ela cruzou as mãos sobre o peito.

Sua voz adocicada combinava com os gestos suaves e o conjunto simpático era  *muito* suspeito para a impressão que eu reunia de um demônio. Com quase meio corpo atrás de Anasor, tentei encontrar minha voz.

– Vo-cê sabe quem eu sou?

Ela pareceu espantada com a pergunta.

– Todos na Dimensão das Sombras sabem quem é a consorte de Vincent Dippel. Não só por sua linhagem, mas por sua coragem. – A admiração em sua voz definitivamente me desconcertou. – Se esquivar das Quimeras foi surpreendente, mas não tanto quanto sua incursão à mansão do Mestre. Sua bravura se tornou uma lenda por todo o Reino das Sombras, senhora Dippel!

Aquela demônio me achava corajosa? Imaginei o que diria se soubesse que eu estava tremendo só de me lembrar daquela noite. Balancei a cabeça, era surpreendente a visão equivocada que o Mundo Mágico tinha a meu respeito, exatamente como Vincent previu. Ainda assim, estes boatos eram apenas poeira perto da tempestade que estava por vir se uma gravidez repentina fosse confirmada.

– Melissa. Me chame apenas de... Melissa.

Apertei as mãos para conter o nervosismo, e Anasor limpou a garganta com um som seco. Se percebeu a fraude que eu era, não a contestou.

– E, bem... Eu não invadi a casa de Victor. Na verdade, fui convidada por ele.

Camilla uniu as sobrancelhas por cima dos olhos violeta e o elfo ao meu lado limpou a garganta mais uma vez. Já não sabia qual era a causa do novo desconforto quando uma conhecida voz cantada ecoou da saleta:

– *Por Nereu, você foi **convidada** porque já estava dentro da casa dele!*

A ousadia era inconfundível, assim como a silhueta voluptuosa que se aproximava por trás da demônio simpática...

– Ainda hoje me pergunto o que foi pior, o gesto cego de bravura ou a impetuosidade insana. – Ayla contornou Camilla com seu rebolado sinuoso e colocou as mãos sobre o quadril. – Por falar nisso... O que você faz aqui?

Olhei do líder elfo para a sereia, depois para o sorriso duvidoso da demônio das sombras, e imaginei o que esse dia ainda me reservava. Enquanto me recuperava da surpresa para buscar uma resposta convincente, Anasor se curvou com uma reverência formal.

– Soberana das Águas, não sabia que tinha compromissos aqui.

O elfo das sombras deu voz ao meu pensamento, porém com mais cordialidade.

– Pode ter certeza que estou mais surpresa do que você, Anasor. – Ayla voltou seu olhar negro para mim, cruzando os braços sob o decote nada discreto em seu peito. – E então, Melissa? Você não respondeu minha pergunta.

A intolerância ao rosto furta-cor ajudou a me concentrar. Saindo de trás do elfo, levantei o queixo, sentindo meus braços formigarem.

– Responderei sua pergunta assim que responder a Anasor... Quais compromissos a trouxeram aqui?

Ayla desviou os olhos para Camilla, a hesitação em seu rosto denunciou o quanto ela estava perdida com a reviravolta da indagação. Surpreendendo a todos, a demônio veio em seu auxílio.

– Ayla é minha amiga, senhora, e precisava de um favor. Desculpe não entrar em detalhes, mas o assunto é particular. – Camilla falava de forma

acanhada e não vi motivos para constranger a demônio.

Ayla esvaziou os pulmões com um sonoro suspiro, franzindo os olhos para Anasor. Curiosamente, ele não insistiu, apenas desviou o olhar.

– Acho que chegou minha vez. – Ayla retomou o ar soberbo.

Não ia perder a oportunidade de provocar a sereia e falei apenas com a demônio a seu lado.

– Sei que acabamos de nos conhecer, Camilla, mas Anasor me trouxe aqui porque também preciso de um favor. Ao que parece você possui um portal de direcionamento, e precisamos usá-lo para chegar à Terra da Luz. Tenho urgência em ir à Torre dos Portais.

– O quê? – Ayla se agitou ao meu encontro.

Ignorando a sereia, esperei a concordância de Camilla, mas a demônio não respondeu de imediato. Franzindo o cenho, ela consultou o elfo ao meu lado; não podia afirmar que estava duvidando de mim, mas não parecia segura o suficiente para tomar a decisão sozinha. O diálogo silencioso dos dois foi interrompido pelos gestos ansiosos da sereia.

– *Por Nereu...* O que foi dessa vez? – Ayla tentou segurar meu braço, mas eu me esquivei com rapidez. Encarando a profundidade dos olhos negros, esperei que a sereia completasse seu interrogatório, obviamente questionando a integridade do *meu* consorte... – Vocês estão bem?

A referência no plural foi inesperada.

– Nós? Sim. Mas preciso muito me encontrar com Lorelei.

– Com a Deva? Para quê?

E lá vinha a familiar intromissão da sereia inconveniente.

– O assunto também é particular.

Ayla apertou os lábios em uma linha fina. Sabia que ela não estava satisfeita, mas também sabia que ela não poderia questionar, não sem deixar uma brecha para que eu fizesse o mesmo. E minhas suspeitas diziam que ela estava ali pelo mesmo motivo que eu... o tal portal de direcionamento. Como esperado, a sereia deixou escapar um som irritado. Já a demônio ao seu lado pareceu exultante.

– Será uma honra ajudá-la, senhora... Ah... Melissa. – Camilla nos deu passagem à saleta no interior do prédio, mas, no segundo passo, a sereia bloqueou a porta.

– Vocês estão loucos? – Os cabelos flutuantes de Ayla se agitaram enquanto repreendia a amiga demônio e o elfo de olhos felinos logo atrás de mim. – Depois de todo o trabalho que tivemos para manter o plano de segurança, levá-la até a Terra da Luz é entregá-la em uma bandeja! Justo agora que as pistas estão nos levando a algum lugar... Sem mencionar que *ele* vai enlouquecer com isso!

Temos que avisá-lo!

Anasor se empertigou.

– Sou o responsável pela guarda pessoal de Melissa. Tenho tudo sob controle, Ayla.

– Não estou questionando seu trabalho, Anasor, mas você não conhece a *senhora encrenca*! – Ayla apontou o queixo para mim e senti minha mão arder. Ela estava implorando para receber uma boa dose de *encrenca*. E, depois de semanas acompanhando minhas aulas de defesa com Félix, a sereia sabia que eu poderia fazer algum estrago.

– Minha tarefa é avaliar os riscos, Ayla. E escolhi o caminho mais curto, de menor exposição. Trazer uma Deva à Terra das Sombras seria chamativo.

– Já temos uma Deva na Terra das Sombras, Anasor! E, quanto menos *esta* Deva se deslocar, melhor. Sei que o plano de segurança só funcionou até agora por mérito seu e de seus guardiões. Justamente por ele estar funcionado é que não podemos arriscar. Se Melissa precisa falar com a outra Deva, é mais sensato trazer Lorelei aqui. Em um lugar onde controlamos as variáveis e podemos vigiá-las de perto.

– Sou um guardião, não um carcereiro. Preciso considerar a vontade dos meus protegidos.

Anasor desviou os olhos para mim, me consultando sobre a ideia. Naquele momento revoguei qualquer desconfiança restante.

– Não me importa o local, desde que tenha alguma privacidade para minha conversa. E... obrigada por me consultar, Anasor.

O elfo assentiu discretamente, sem entender minha gratidão... Já a sereia massageou as têmporas. Eu a conhecia o suficiente para saber que ela estava se controlando para não explodir.

– Aquele *neurótico* vai nos matar quando souber que Melissa está no Mundo Mágico. E, depois de nos fritar, com certeza vai acorrentá-la na cozinha de Aristela!

Com um gesto, interrompi a enxurrada ofensiva.

– Não sou prisioneira de *Vincent*, Ayla. Sou sua consorte! Posso tomar minhas próprias decisões e ele tem que se acostumar com isso.

A sereia piscou os olhos rapidamente, como se acordasse de um sonho ruim.

– E quem está falando de Vincent? Aquele mago idiota pode urrar, mas, por pior que seja *sua* loucura, nunca vai contrariá-la. Segundo ele, isso é *amor*. – Ao perceber minha confusão, a sereia jogou as mãos ao ar. – Pelas profundezas, garota, quando vai entender que Vincent foi capaz de morrer para ver *você* feliz?

Minha boca ficou aberta... por surpresa e constrangimento. Poderia dar



exemplos de descontrole que contestariam seu discurso, mas, no fundo, sabia que estava certa. Não sabia o que era mais incômodo: perceber que Ayla tinha razão ou reconhecer que a sereia conhecia Vincent tanto ou talvez mais do que eu.

– E-eu – gaguejei, sem conseguir esconder minha insegurança. E, sob o olhar crítico do rosto furta-cor, limpei a garganta. – Mas, se não estava falando de Vincent, então...

– Félix! Estou falando de Félix! Aquele elfo de fogo infernizou minha vida neste último mês com esse plano de segurança e está obcecado pela captura de Ludwig desde que descobriu que ele é o responsável pelas mortes na montanha! Há um mês está cercando cada centímetro da Terra das Sombras, esperando o primeiro desliz. E não é só ele... *Todos nós* estamos nos empenhando para que vocês fiquem em segurança enquanto buscamos um assassino! – Ela balançou a cabeça, aborrecida. – E agora você quer circular por aí e colocar nosso trabalho por terra!

– Reconheço o que todos vocês estão fazendo por nós. – Por um momento, ela conseguiu o que queria, me deixar culpada. – Por reconhecer esse esforço, estou pedindo *ajuda*. Se não percebeu, não estou fazendo isso sozinha. Não quero arriscar o que conquistamos, Ayla, mas preciso muito falar com Lorelei.

A sereia me fitou diretamente nos olhos, apertando os lábios.

– Espero que isso seja mesmo muito importante porque, se algo der errado, é *você* quem vai se explicar com aquele elfo insuportável!

Ayla estava mesmo determinada a defender os interesses de Félix... algo curioso para quem estava cansada da presença dele. Por mais que tentasse evidenciar sua repulsa quando falava de Félix, Ayla não soava convincente o bastante para enganar alguém que já havia se apaixonado. Estreitei os olhos, observando com atenção seus gestos ansiosos e a voz irritadiça, e cheguei à conclusão de que sua aversão forçada era completamente contraditória a seu fervor ao defender o líder dos elfos de fogo. Isso me lembrou do sentimento conflitante, mas muito poderoso, que transformou toda a minha vida, e a determinação com que a sereia o escondia revelou muita coisa.

Baixei o rosto para esconder um sorrisinho espremido, não podia negar que estava muito satisfeita por descobrir isso. Pelo canto dos olhos, percebi que Camilla também tinha o mesmo tipo de sorriso furtivo no rosto, e aquela foi a confirmação da coisa mais improvável que eu já havia visto no Mundo Mágico. Bom, nem tanto... Minha história era a prova de que o amor não escolhe heranças ou linhagens, pelo contrário, apenas ele poderia unir opostos como Sombra e Luz. Ou, no caso de Ayla e Félix, *água e fogo*.

– Você está achando isso engraçado, Melissa?

A voz alterada da sereia me retirou do devaneio romântico. Ela apoiava as mãos nos quadris, olhando-me com indignação, e só então percebi que meu sorriso havia saído de controle.

– Não... claro que não. – Limpei a garganta. – Estava apenas imaginando como foi terrível para você ser obrigada a passar tanto tempo ao lado de alguém tão controlador como Félix.

Pela careta da sereia, ela ainda demoraria muito para assumir esse sentimento. E, sem conhecer as intenções da outra parte, não poderia incentivá-la. Muito menos provocá-la. Neste quesito, eu nem precisaria me esforçar.

– Você pode se divertir com nossa preocupação, mas a pressão de um confronto está sobre todos nós. Ou você acha que algumas aulas de defesa são suficientes para enfrentar um mago das sombras poderoso como Ludwig?

Eu estava pronta para responder que não era a primeira vez que o enfrentaria... Mas a quem eu queria enganar? Um novo encontro com Ludwig não seria amistoso como o anterior. Depois de Hector, ele tinha ideia da extensão dos meus dons e não me trataria como uma distração. Engoli em seco, incomodada com a verdade indiscutível da ninfa.

– Você está certa, Ayla. Se um confronto acontecesse agora, eu não teria muitas chances contra Ludwig. Ainda assim, eu o enfrentaria, porque ele é minha responsabilidade. – Ao menor sinal do olhar reprovador, levantei o queixo. – Sei o que vai dizer... Mas, se Ludwig estiver procurando por mim, não espero que outra pessoa pague o preço da minha covardia.

Algo mudou no rosto da sereia e aquilo estava longe de ser uma repreensão.

– Você não entende, não é? Mesmo que Ludwig venha por você, todos temos motivos para enfrentá-lo... – Ela levou a mão até a cicatriz no pescoço. – Por lealdade, ódio ou vingança, *todos* temos motivos para lutar. Isso não é uma opção.

Mais uma vez, a verdade nos olhos negros era indiscutível.

O que Ayla não entendia é que *eu* também não tinha opções. Assumir o risco *sozinha* não era um ato de coragem, mas de amor. Jamais conseguiria viver sabendo que fui a responsável por um confronto que resultasse na perda de alguém que amava. Foi então que uma nova perspectiva mudou todo o meu mundo... Eu poderia não estar mais *sozinha*. Sem conseguir conter o impulso protetor, levei a mão ao ventre. A sereia não perdeu o gesto. Quando os olhos negros se estreitaram, movi minha mão rapidamente. Ayla demorou mais um segundo para levantar o olhar.

Encarando-me com muita atenção, a sereia recuou um passo.

– Vocês esperam aqui. Eu vou chamar a Deva.

Mesmo com a falta de sutileza, a sereia estava determinada a ajudar, e

pareceu sensata o suficiente para merecer minha confiança. E também minha sinceridade.

– Ayla, é possível que Lorelei não se mostre disposta a vir ao meu encontro. Ela não tem... ah... – Parei, sem saber como explicar. – Muito interesse nesse parentesco.

A sereia estreitou os olhos negros.

– Você é uma Deva. Ela não poderá negar seu chamado. – Ayla girou nos calcanhares. – Camilla, vou precisar de sua ajuda na condução do portal mais uma vez.

Com um suspiro, a demônio de sorriso simpático apenas meneou a cabeça enquanto Ayla desaparecia no interior do prédio. Antes de segui-la, Camilla espiou o pátio de pedra atrás de nós e sinalizou para que a acompanhássemos.

– Será mais seguro se esperarem aqui dentro.

Incerta da sugestão, foi minha vez de consultar Anasor. O elfo concordou rapidamente.

– Ela tem razão, é melhor ficar fora do alcance de curiosos.

Dei um passo relutante à frente. No íntimo, ainda duvidava que estar dentro do território de Victor fosse uma boa ideia... Mas, de qualquer forma, eu já estava nele. Prendi a respiração e entrei na saleta revestida pela cerâmica gasta.

Segui os passos de Camilla, notando as semelhanças entre aquele edifício e a mansão de Victor... a começar pelas paredes vazias e a escassez de móveis. Um pressentimento cobriu meu estômago com uma nuvem de pavor e procurei me convencer de que aquilo era apenas um *déjà vu*. Apesar da demônio suspeita e da sereia desequilibrada, eu estava na companhia de um guardião. E precisava dar algum crédito à ele. Espiei a armadura negra que me seguia de perto, esperando que a expressão confiante de Anasor me acalmasse... Isso não aconteceu.

Depois de cruzar um longo corredor, alcançamos Ayla na porta de uma sala mal iluminada... E pior, sem janelas. Notei a naturalidade com que a sereia circulava pelo lugar e concluí que era frequentadora assídua do local. O uso do portal para algum fim mágico até poderia ser justificado, mas a camaradagem com a demônio era curiosa, ainda mais para a sereia que não escondia sua aversão aos demônios. Ou melhor, a Victor.

Com seu rebolado despreocupado, Ayla estacionou suas curvas ao lado de um familiar elevado de pedra, no centro da sala, e aguardou que Camilla se aproximasse.

– Não preciso avisá-la que o percurso do portal do ofício cruza toda a Dimensão das Sombras. – A demônio pareceu realmente preocupada. – Um direcionamento para a Sala dos Portais pode ser notado, então seja discreta, fique

alerta e...

– Tenha cuidado. Eu sei!

As duas trocaram um sorriso recheado de cumplicidade. Mas, antes que Ayla tomasse sua posição sobre o elevado, um chiado ecoou pelas paredes, vindo do portal à sua frente. Todos congelaram em seus lugares, talvez por dividir um único pensamento: quem quer que viajasse pelo tal portal do ofício de Victor, trabalhava para ele. Comprovando o óbvio, um par de olhos violeta surgiu em meio à chama rosa. Talvez não fosse a pior versão daqueles olhos, mas, ainda assim, pertenciam a um demônio. *Uma demônio*, para ser mais exata.

Ao notar o grupo incomum à sua frente, o rosto inexpressivo de Dalilah ganhou traços de surpresa, que ela eliminou sem muito esforço.

– Presumo que os visitantes sejam a causa da demora do seu relatório. – Com o rosto livre de qualquer emoção, a demônio de cabelos platinados ergueu a saia do vestido longo para descer do portal e, com movimentos calculados, caminhou até o líder dos elfos das sombras. – Novamente por aqui, Anasor? Suas visitas se tornaram muito frequentes, não é mesmo?

O elfo apenas meneou a cabeça.

Observar Dalilah me fez imaginar que a desenvoltura poderia ser um traço da herança do poder das sombras. Mas, indo contra a teoria, a outra demônio se remexeu como um galho ao vento.

– O relatório está pronto, Dalilah – Camilla anunciou, apressando-se até uma mesa no corredor. Voltando rapidamente, indicou a chama de uma vela que crepitava em tons de violeta sobre uma discreta mesa aparadora. – Eu já ia enviá-lo, mas, se veio por isso, aqui está... – Estendeu o envelope para a outra demônio.

Dalilah observou o envelope à sua frente, mas não o pegou. De forma lenta e deliberada, passou o olhar violeta por cada integrante do grupo. Até chegar a mim.

– Por certo a justificativa desta reunião integra as minúcias do relatório que está prestes a enviar. – Ao notar a ausência de uma confirmação, Dalilah voltou sua atenção para o outro par de olhos violeta. – Hum. Vou avisar ao mestre de que você precisa de mais tempo.

O tom gélido pareceu irritar Camilla, que, mesmo contrariada, assentiu. Talvez por não lhe restar alternativa. Algo naquela disputa velada evidenciava a rivalidade entre elas. Mas suas diferenças não eram delimitadas apenas na aparência, havia algo visivelmente antagônico ali. Contrariando minhas expectativas, concluí que Dalilah e Camilla eram demônios muito diferentes.

– Enviarei o relatório com minhas justificativas ao mestre.

Desviando sua atenção para o elfo de armadura negra, a demônio de

cabelos platinados levantou uma sobrancelha.

– Devo lembrá-la de que o mestre não é dotado de futilidades como a paciência. Suas distrações estão se tornando um tormento, Camilla.

Enfatizando sua indiferença ou insistindo em sua superioridade, Dalilah virou o corpo. Com gestos calculados, estava sobre o portal de pedra mais uma vez. Sem fazer menção a nenhum dos presentes, desapareceu em meio à chama rosa. E a sala voltou a respirar. Ou quase.

Anasor se aproximou da demônio, que resmungava algum desaforo, enquanto uma mão fria se fechava em meu braço, também praguejando algo em voz cantada. Eu não sabia se deveria me preocupar com a ira de Camilla, mas a reação irritada de Ayla era previsível e, infelizmente, eu já estava habituada.

– *Por Nereu...* Agora até Victor vai saber que você esteve no Mundo Mágico!

Puxei meu braço da mão de Ayla. Não tinha motivos para contestá-la, mas estava aliviada por não ter visto o próprio Mestre das Sombras no portal de pedra.

– Não pretendia fazer segredo disso por muito tempo.

Ayla jogou as mãos para o ar.

– Claro que não! – disse com ironia, e levou a mão ao queixo. – Precisamos pensar em *como* contornar isso...

Depois do apoio de Anasor, Camilla pareceu mais calma.

– Dalilah vai monitorar o portal, Ayla. Não posso omitir seu uso desta vez. Não vou poder omitir nada.

A sereia desistiu de reclamar quando percebeu as implicações do alerta.

– Nossa visita e o uso do portal vão constar no seu relatório.

– Sinto muito, Ayla... Não tenho alternativa. Me indispor com o mestre neste momento seria muito prejudicial, você sabe.

– Sim, eu sei.

O sigilo presente naquela troca de olhares aumentou a clareza da situação. De alguma forma, a demônio simpática era mesmo nossa aliada. E, se eu havia entendido bem, sua camaradagem se estendia a muitas ações omitidas da Dimensão das Sombras... Era assim que os acontecimentos da montanha ficavam fora do conhecimento de Victor. Se ela estava disposta a se arriscar para nos ajudar, merecia minha consideração.

Com um gesto impulsivo, dei um passo até Camilla para tocar seu braço.

– Desculpe, não queria criar problemas para você.

O toque na pele da demônio irradiou um tipo de choque que correu por meu corpo até se alojar em algum lugar até então adormecido do meu abdômen. Aquilo pareceu uma transferência de calor, embora soubesse que não estava

conectando *meu* poder. Como eu, Camilla percebeu a conexão. Ela baixou os olhos para minha mão em seu braço e, como que guiada pela corrente de poder, para minha barriga. Sua reação foi inesperada... começando pelo sorriso lento, que relaxou seus lábios e deu início a uma expressão maravilhada. Os olhos violeta se iluminaram, como se estivessem comovidos, e subiram lentamente até meu rosto. De alguma forma, ela sabia. E sua compreensão desta outra fonte de poder em meu corpo fui simultânea à minha.

Eu pisquei, acompanhando a descoberta em seu rosto. Ela afastava qualquer incerteza.

– Isso não é um... problema. – A demônio falou devagar, os olhos violeta fixos em meu rosto, e então piscou, esfregando o braço onde minha mão repousava um segundo atrás. – Eu acho.

Abalada, eu me afastei com passos trôpegos e torci para que meu choque não fosse percebido pelos demais. *Era verdade... Eu tinha outra vida dentro de mim!* O ar deixou meus pulmões de forma sonora enquanto eu procurava uma parede para me apoiar.

Surpreendendo-me pela segunda vez, Camilla levantou a voz com firmeza.

– Acho que esse pedido deve se tornar formal. Desta maneira, não causará problemas com Victor, além de impedir qualquer chance de recusa da Deva Lorelei.

A determinação da demônio foi contestada pelo olhar negro da sereia.

– Mesmo sendo uma representante de Victor, você é um demônio... E um demônio na Torre dos Portais vai causar um frenesi sem tamanho, Camilla. Ainda mais quando souberem que há uma Deva no Ofício das Sombras. – Ayla esfregou a testa e levantou a mão para meu corpo atordoado. – Como eu disse, *ela* é um chamariz de confusões!

– Sou representante do Ofício das Sombras, Ayla, e estarei na Torre dos Portais em nome da consorte do *senhor das sombras*. Pelo protocolo do Mundo Mágico, estou em serviço diplomático. A Conselheira Deva não pode negar meu chamado.

De repente, o elfo de armadura negra pareceu  *muito* incomodado. Sem se conter, aproximou-se da demônio de forma bem íntima.

– Dalilah vai lhe causar problemas com Victor devido à minha presença. Você tem certeza de que quer se envolver ainda mais nessa situação?

Camila levantou os olhos violeta para o elfo.

– Não poderíamos esconder isso por muito tempo, Anasor. Sei que nossa proximidade vai deixar Victor alerta para uma possível aliança de interesses, mas... Vai ser bom ver você fora destas paredes, para variar. – Camilla afagou o queixo tenso do guardião. E, pelo brilho do olhar felino, ele concordava com ela.

– Além disso, algo me diz que o mestre ficará decepcionado se eu não atender ao pedido da consorte de seu herdeiro. Aliás, levando em conta a estima que ele tem pela nova Deva, acho que vai me parabenizar.

A lucidez da justificativa deixou a sala em silêncio... No meu torpor, eu me perguntava se a confirmação de Lorelei ainda era necessária. Mas, se esse bebê realmente existia, precisava saber das implicações de uma gravidez em minhas condições, se haveria energia mágica suficiente em meu corpo para nós dois... Nesse momento, um medo absoluto me dominou. Talvez o poder de compartilhamento Deva pudesse me ajudar, e a visita de Lorelei se tornou mais necessária do que nunca.

Anasor acompanhou Camilla até o portal e, com um afago em seus cabelos, ergueu-a pela cintura, colocando-a sobre o elevado de pedra. O gesto esclareceu qualquer dúvida sobre a existência de um romance entre a demônio e o elfo.

– Tenha cuidado. – A intensidade do pedido fez Camilla corar.

Ela balançou a cabeça uma vez; em seguida, fixou seu olhar no meu. Tentei agradecer, mas, aparentemente, tinha perdido a capacidade de pronunciar palavras inteligíveis. Quando os olhos violeta desapareceram na chama rosa, percebi que continuaria em meu entorpecimento por algum tempo.

## Sombras do passado

Anasor já estava montando guarda no corredor quando Ayla atravessou o cômodo mal iluminado para fechar a porta, confinando-nos à privacidade da sala sem janelas.

– Espero que isso seja mesmo muito importante, porque estou pensando em entregar você de aperitivo ao guardião das Águas Profundas!

A lembrança dos tentáculos gigantes daquele guarda-chuva luminoso não pareceu tão assustadora quanto o ataque de um inimigo.

– Não arriscaria se não fosse, Ayla. – Com um gesto inconsciente abracei a mim mesma, tentando proteger aquela nova vida de meu próprio nervoso.

Algo em meu murmúrio torturado fez Ayla se empenhar em uma análise minuciosa e, seja lá o que viu, fez a sereia unir as sobrancelhas. Ser o foco de sua atenção na sala claustrofóbica me deixou ainda mais incomodada. Com receio de que a sereia desvendasse meu segredo com um único olhar, virei o corpo para o lado oposto, e uma leve tontura abalou meu equilíbrio. Apoiei-me em um canto escurecido da parede, deixando a emoção ser mascarada pelo cansaço.

– O que está acontecendo, Melissa?

A sereia falou de mais perto e, quando levantei o rosto, vi que ela observava minha postura... Só então me dei conta de que ainda abraçava meu ventre.

Abaixei os braços.

– Eu já disse, o assunto é particular – falei enquanto inspecionava as rachaduras da parede.

– E imagino que também seja muito grave para você ter todo esse trabalho de encontrar a Deva longe de Vincent.

Voltei minha atenção para os olhos negros, astutos e inabaláveis... De fato, mais cedo ou mais tarde, todos saberiam sobre o bebê. Mas não parecia justo espalhar a novidade pela montanha sem ter avisado o próprio Vincent.

Ainda ponderava a melhor resposta para a sereia quando o som característico de pólvora se consumindo anunciou o uso do portal. Endireitei-me de imediato e a sereia virou ao mesmo tempo. Juntas, acompanhamos a chama rosa crescer sobre o elevado de pedra, diminuindo em seguida e revelando duas silhuetas femininas. Camilla desceu do portal com agilidade, vindo ao nosso encontro. Mas a mulher atrás dela permaneceu onde estava. O rosto que lembrava o meu estava muito aborrecido e, embora eu recepcionasse Lorelei com um sorriso, minha *tia* não demonstrou tanto entusiasmo. Ela passou os



olhos por mim e parou na sereia.

– Qual é o assunto urgente? – inquiriu, sem se dar ao trabalho de descer do elevado de pedra.

Pisquei para sua indiferença. Lorelei nem mesmo me dirigiu a palavra; compreendi que, para ela, era uma grande tortura simplesmente me olhar nos olhos.

– O chamado não foi meu, *Conselheira*. – O tom provocador ficou evidente quando Ayla se curvou com uma reverência nada animada. – Mas também estou curiosa para saber o motivo de tanta urgência.

Ter a empatia da sereia não era algo com que pudesse contar e fazer essa revelação em sua presença não ajudava. Nesse momento, a voz da demônio se fez ouvir da porta.

– Acho que elas preferem conversar sozinhas, Soberana das Águas.

Ayla deixou um olhar crítico sobre a amiga e, mesmo relutante, acompanhou-a para fora. Mas, antes de deixar o cômodo, fixou seu olhar no meu.

– Estarei do outro lado da porta... se precisar.

O aviso carregado de intensidade soou como um alerta. Assenti, ainda que confusa, enquanto Ayla e Camilla deixavam a sala. Por que a ninfa estava preocupada? Haveria motivo para temer ficar sozinha com Lorelei? De qualquer forma, a expressão apática de minha parente mais próxima não era um incentivo. Lá estava eu, prestes a ter a conversa mais importante da minha vida com alguém que não dava a mínima para minha existência.

Quando a porta se fechou com um som seco, eu apertei as mãos, procurando palavras para começar... Encarando o rosto presunçoso da Deva, percebi que não haveria palavras fáceis nessa conversa.

– Obrigada por ter vindo tão depressa, Lorelei.

Ela mudou o peso do corpo sobre as pernas, como se me dar atenção fosse algo muito enfadonho.

– A emissária de Victor disse que o assunto era urgente. – Lorelei continuava sobre o elevado de pedra e, gesticulando, indicou que eu devia ir logo ao assunto.

Engoli com dificuldade.

– Pedi esse encontro porque preciso conversar... – A pausa foi forçada pelo nervoso, o que não agradou à bela mulher de olhos frios.

– Não tenho o dia todo, menina. Tenho responsabilidades no Conselho. Do que se trata?

A ausência de uma resposta cortês só me deixou mais constrangida por importuná-la. Com um daqueles gestos impensados, minhas mãos subiram

vagarosamente para meu ventre. Os olhos de Lorelei notaram o movimento.

– Bem, na verdade, preciso que me ajude a confirmar se... – uma longa inspiração – se estou grávida.

Quando as palavras saíram, percebi o quanto estava ansiosa para pronunciá-las. Um sorriso tímido se esticou em meu rosto, mas a reação da Deva não foi nem de perto parecida com a minha. Era como se a notícia a tivesse machucado fisicamente; a careta de dor que tomava seu rosto logo se transformou em pavor.

Lorelei saltou do portal, ativando a levitação ainda no ar e, veloz, encurtou a distância entre nós. Quase meio metro acima do chão, a Deva de densos olhos amendoados parecia mais perigosa do que um demônio. Curvando-se obre mim, ela alcançou meu braço, e o toque indelicado foi acompanhado pela mesma sensação de choque que experimentei com a demônio.

– Não! – A palavra foi quase inaudível. A Deva me soltou e, com a mesma expressão de dor, recuou dois metros pelo ar antes de se apoiar no chão. Balançando a cabeça ela repetiu. – Não... Você não poder estar. Não poderia.

Mais do que ninguém, eu sabia da impossibilidade da notícia ao levar em consideração as consequências da falha em meu poder. Além disso, havia o risco de carregar um herdeiro às vésperas de um confronto... Isso não era seguro, não era responsável. Mas eu também não podia ignorar o milagre dessa oportunidade.

– Sei disso, mas se de alguma forma aconteceu. Preciso saber se minha energia será suficiente para manter essa nova vida, Lorelei.

A Deva não estava me ouvindo. Movia as mãos de um lado para outro, balbuciando palavras desconexas. Apenas algumas eram compreensíveis.

– Mas... retirou. Tudo. Ele... todo o poder. O... da Luz não está completo. Não há maneira de gerar um... Não há! *Não!*

Ver a reprovação a essa nova vida em um rosto que deveria compartilhar minha alegria feriu meu coração.

– Sei que isso é uma surpresa, Lorelei. Acredite, ninguém está mais surpresa do que eu. Mas...

– Você *não* pode dar um herdeiro a *ele*! – exclamou com irritação.

Arfei, surpresa. O tom raivoso estava muito além do que eu esperava. Na verdade, ninguém espera ouvir algo assim quando descobre que carrega outra vida dentro do próprio corpo. Minha reação foi apertar a mão que repousava sobre a barriga.

– Bem, se isso é sua confirmação... Não resta dúvida de que Vincent vai ter esse herdeiro. – Estreitei os olhos, tentando sentir a vida que se aconchegava dentro de mim.

Lorelei se empertigou e toda sua roupa começou a se agitar, como se

estivesse imersa em uma tempestade. No rosto transformado pela fúria, não havia nada que lembrasse um ser angelical. Pelo contrário.

– *Não vai.* – O murmúrio aconteceu enquanto ela ativava a levitação. Lorelei ficou a centímetros do meu rosto e não tive chance de recuar quando ela agarrou meus ombros. – Porque vou resolver esse problema. Agora!

*Problema?* A intenção por trás dos olhos amendoados estremeceu meu corpo.

– Tire as mãos de mim! – esbravejei me debatendo, mas a Deva estreitou seu aperto, lutando contra minhas mãos. Ao primeiro sinal de calor vindo de seu toque, um primitivo instinto de defesa se apoderou do meu corpo. Reagi, impulsionada por essa força que parecia ainda mais perigosa do que o calor do poder e, afundando minhas unhas em seus pulsos, senti a carne ceder sob a pressão. Quando a Deva grunhiu de dor, girei os polegares, forçando suas mãos para longe da minha pele. – Eu disse para tirar as mãos de mim!

Lorelei pareceu surpresa com meu revide, ou talvez com a força que nem eu mesma sabia que possuía. Recuperando o fôlego, apertou os ferimentos que sangravam.

– Sua tola! Já enfrentei dores piores, ganhei cicatrizes eternas para impedir que Ludwig tenha o que quer. E um herdeiro é *tudo* que ele quer.

*Ludwig?* Balancei a cabeça, tentando acompanhar a enxurrada de palavras da Deva.

– Tive que sacrificar tudo o que tinha para impedi-lo da primeira vez, e não vou deixar que  *você*  dê a ele um herdeiro da Luz. Nunca!

Ela avançou mais uma vez, os olhos amendoados ferviam com um tipo de ressentimento feroz. Mais uma vez eu me esquivei, desta vez na direção da porta.

– Fique longe de mim! – gritei, girando a maçaneta para sair dali.

Do outro lado, uma voz veio ao meu encontro.

– *Melissa? Está tudo bem?*

Eu não saí, não houve tempo. Mas Ayla rompeu a sala intempestivamente... E estacou logo depois de cruzar a porta.

Dentro da sala sem janelas, uma brisa gelada se espalhava por todos os lados, agitando nossos cabelos. Pelo canto dos olhos vi Lorelei movendo os braços de forma ritmada, como se deslocasse o ar com um tipo de magia que envolveu meu corpo, cobrindo minha pele com um tipo de dormência. Engoli em seco. A *Brisa Paralisante* era um feitiço de dominação eficiente, por isso era usado como proteção no Jardim Azul. Droga! Viviana tinha tentado me ensinar essa habilidade nas aulas de Aristela, era uma das habilidades da Luz que eu não controlava. E algo me dizia que Lorelei sabia disso. Grandes olhos negros

concordaram comigo e, lendo o temor neles, eu entendi... Longe de seu território, Ayla pouco poderia fazer com a magia das ninfas.

Lorelei levantou os lábios de forma soberba quando notou nosso pânico.

– Isso acaba aqui, Melissa. Não vou permitir que exista um herdeiro da Luz e da Sombra.

O tom foi baixo, mas a sereia de rosto congelado estava perto o bastante para captar cada sílaba. Os olhos negros, que já estavam estalados, quase pularam para fora das órbitas. Ainda assim, da boca paralisada não saiu nenhum som.

Pelo canto dos olhos, vi uma armadura negra despontar no longo corredor. Mas não fui a única. Lorelei se apressou em fechar a porta; logo após, se concentrou em outro feitiço.

– *Escudo de Luz.*

Uma luz tímida se tornou uma barreira espelhada sobre a madeira gasta da porta e desdobrou-se como uma cascata luminosa pelas paredes, circulando toda a sala. Lorelei encarou os próprios olhos na camada reflexiva, depois jogou os cabelos sobre o ombro. Ignorando completamente os socos que ecoavam do outro lado da porta, virou-se devagar.

– Isso garantirá um pouco de privacidade – murmurou para si. E, voltando-se para mim, entortou os lábios com desprezo. – Eu poderia dizer que não é pessoal, Melissa, mas acho que já está na hora de você assumir a responsabilidade por seus atos. Você foi muito displicente, assim como seu pai. Mas, ao contrário do meu irmão, *eu* nunca me esqueci do meu dever, e vou proteger a soberania da nossa herança a qualquer custo. – Ela se curvou para meu ouvido. – Nunca vou deixar que o poder da Luz acabe nas mãos de Ludwig.

Eu não podia me mover, não podia gritar. A única coisa que se movia em mim era meu coração, que acelerou ainda mais quando a Deva foi na direção da sereia.

– Quanto a você, *soberana*, devo confessar que sua presença aqui torna tudo muito mais convincente. – Lorelei circulou Ayla. – Você será a responsável por um trágico assassinato passional, e caberá a mim fazer justiça à filha do meu irmão. Como mortos não questionam a verdade, tudo estará resolvido.

Mais pancadas firmes estremeceram a porta.

– *Melissa? Ayla?*

A voz forte chegou até nós com urgência, e tentei acreditar que Anasor ou Camilla pudessem fazer alguma coisa, mas a frieza dos olhos da Deva dizia que nada poderia nos ajudar.

– Seres inúteis... Como se a sombra pudesse transpor um escudo da Luz – Lorelei murmurou com indiferença.

Indignada como eu, vi quando os olhos negros de Ayla tremeram... De alguma forma, soube que ela estava lutando. A sereia concentrou seu esforço com um rosnado, provando que podia ser mais eficiente. Ou forte. Ela tombou para frente e, mesmo com o gesto limitado pela paralisia, levou Lorelei ao chão. A Deva não teve dificuldades em se livrar do ataque e endireitou-se com desenvoltura, deixando Ayla no chão. Seu sorriso arrogante pareceu surpreso com a coragem da sereia.

– Sempre soube que seu instinto de defesa era muito forte, Soberana das Águas. Mas dessa vez ele será inútil. Não é a primeira vez que presencio uma tragédia como esta e, como antes, ninguém tem motivos para questionar minha palavra como testemunha.

A eloquência de Lorelei mostrou a versão oculta da Deva. Uma mulher ardilosa, intolerante e extremamente perigosa, que se escondia atrás de uma aura angelical. Isso certamente a tornava letal.

Os estrondos aumentaram do outro lado do escudo, indicando que Anasor tentava arrombar a porta. Foi bom saber que ele não desistiria. Dentro da sala, os olhos de Lorelei ainda estavam no corpo da sereia. Ela se abaixou para tocar em Ayla e, aos poucos, a vida se apagava no rosto furta-cor. A Deva estava usando o dom do compartilhamento para sugar cada gota de sua energia vital. Lorelei não iria parar... Eu precisava impedi-la!

Dentro do meu entorpecimento, me concentrei no calor que se agitava inquieto, aprisionado; com toda minha determinação, direcionei-o para uma das mãos. A mão mais próxima à Lorelei. Seguindo o exemplo de Ayla, usei tudo que tinha e descarreguei a potência do poder nas costas da Deva. Eu a atingi em cheio e seu grito ocupou a sala, fazendo o escudo de Luz oscilar. Os estrondos chacoalharam a porta, mais altos do que antes. Eu queria gritar por Anasor... mas não podia, porque, como aconteceu com Ayla, o esforço para vencer a paralisia me levou ao chão.

Não conseguia falar ou me mover, e a onda gelada que se espalhava por meu corpo confirmava que usei o limite de minha energia. Não poderia ir além. Sem um segundo golpe, Lorelei se reergueu, apoiando o ferimento. Ele era grande, assim como sua fúria, e agora eu não tinha meios de me defender. Um instante bastou para que as paredes voltassem a cintilar, abafando o som do lado de fora, aumentando o eco de um grunhido irritado.

– Você acha que vai me deter? Depois de tudo que tive de fazer? Depois de tudo que tive de abdicar para garantir que Ludwig não tivesse o poder da Luz, para que o poder dos Deva permanecesse supremo? – Curvando-se para as manchas vermelhas em suas vestes, Lorelei chegou mais perto. – Já impedi um herdeiro da Luz e da Sombra de vir ao mundo antes, e não hesitarei em fazer isto

de novo!

Tentei piscar, fechar meus olhos, gritar... mas nada afastaria a fúria do rosto angelical que ficava cada vez mais próximo. Com os olhos abertos e vitrificados, senti uma lágrima escorrer.

UM CHIAR AGUDO cresceu atrás de nós e com ele uma familiar claridade rosa tomou as paredes, o que bastou para desviar a atenção da Deva. Eu não podia ver quem chegava, mas notei os olhos de Lorelei se tornando ainda mais ferozes, numa hostilidade que escondia algo pior do que o medo. Quem quer que tivesse vindo pelo portal de pedra, parecia ser minha salvação...

– *Vejo que o tempo não apagou seu rancor, minha querida!* – O sotaque marcou o português enferrujado, lembrando-me dos meus piores pesadelos.

– Como passou pelo escudo da Luz? – Lorelei tentou encobrir o espanto pela presença do visitante com indignação, mas não conseguiu.

– Eu carreguei sua essência, Lorelei. Já absorvi sua energia antes, com seu consentimento. Já se esqueceu? – A voz dos meus pesadelos ecoou de mais perto, acompanhando passos lentos no piso que rangia bem atrás de mim. – Pensei que a memória de nossos momentos juntos fosse preciosa para você também. Confesso que estou magoado.

A ironia na voz ameaçadora deixou evidente a intimidade entre a Deva e o mago das sombras... A revelação que parou meus pulmões fez Lorelei ranger os dentes.

– Eu me esforço todos os dias para esquecer qualquer minuto que passamos juntos, Ludwig.

O homem de meia idade, vestido unicamente de preto, parou o corpo esguio dentro do meu campo de visão... O pavor tomou conta do meu corpo congelado.

– Ah, isso soa melhor.

O sorriso maldoso do mago das sombras fez os olhos da Deva ferverem em ódio líquido.

Ludwig observou o cenário, virando o rosto para o lado, onde julguei estar o corpo da sereia; depois, parou os olhos no escudo que cobria a porta. Como nós, ouviu os sons agudos que estalavam do outro lado da madeira e, constatando minha imobilidade, levantou um dedo, girando-o pela sala.

– Preciso ser justo, você sempre foi uma excelente estrategista. É triste saber que desistiu de nossa parceria... Éramos excelentes juntos. Não sente falta disso?

Lorelei se levantou com dificuldade, apoiando o ferimento. A postura defensiva indicava que nada iria pará-la.

– Estou imune a você, Ludwig.

Estreitando os perversos olhos violeta, Ludwig se concentrou na Deva.

– De fato, isso pouco importa agora. Nunca foi segredo que minhas estimas sempre foram reservadas à outra.

– Você perseguiu aquela pobre elfo quando ela escolheu outro mago das sombras. Isso não é estima, é falta de amor próprio!

– O ciúme contradiz seu discurso, minha querida. Além disso, no fim, Christine se rendeu a mim.

– Christine preferiu morrer a ficar com você!

– Absorver a essência de Christine pode ter levado sua vida, mas sua energia sempre fará parte de mim. O que nem precisei fazer com você... – Ludwig desceu o olhar violeta pela Deva. – Você se doou de coração. – O toque cruel daquelas palavras fez o rancor se transformar em fúria no rosto de Lorelei. Satisfeito, Ludwig baixou os olhos para meu corpo. – Talvez por isso eu tenha sido misericordioso quando você me deixou. Mas, se estragar meus planos outra vez, não terei tanta piedade.

– Acha que vou permitir que tenha o poder desse herdeiro, quando não deixei que fizesse isso com o seu próprio?

– Felizmente, desta vez, não é você quem decide. – Ele indicou meu corpo no chão. – Pelo que tenho observado, esta aqui pode até carregar sua linhagem, mas não é como você... Jamais mataria o próprio filho para manter a primazia dos Deva.

– Quando isso importou? Quando eu importei? Você só me queria para remontar a maldita lenda... para ter poder! Impedi nosso filho de nascer para que você não o matasse!

Ludwig pareceu pensativo. A frieza de seu olhar era dolorosa.

– Você me impediu porque jamais aceitou a supremacia do poder das sombras. E apenas adiou o inevitável. A sombra se expande a cada dia por todo o universo, engole qualquer porção de Luz, é impossível impedir seu avanço. A prova disso é que o destino me presenteou com mais uma chance. Isso não é fantástico? Cheguei a pensar que precisaria absorver até a última alma mágica para elevar meu poder, mas, agora, o que você negou me é dado de presente pelo acaso... por outra Deva e por outro herdeiro das sombras. – Ele se esticou para tocar o rosto da Deva. – Vou conquistar o domínio da Dimensão das Sombras de qualquer maneira, minha querida. E, desta vez, não tenho planos de ter ninguém ao meu lado.

Eu estava congelada, mas meu cérebro se movia em todas as direções... Nós estávamos errados. Sobre *tudo*! A perseguição de Ludwig à família de Vincent, os detalhes da lenda que unia o herdeiro da Sombra e a herdeira da Luz... o fruto desse amor. Como um dia eu mesma sugeri! Saber que Ludwig já havia

encontrado a resposta e falhado era reconfortante, mas o preço pago por sua derrota era aterrorizante. Não era surpresa que ambição do mago fosse maior do que sua capacidade de amar, mas saber que Lorelei colocou sua vingança acima do próprio filho era cruel demais!

A Deva se encolheu com o toque de Ludwig e, fechando os olhos, recuou com repulsa.

– Não vou deixar que encoste nela! Farei qualquer coisa para impedi-lo de levar este herdeiro!

– Até matar a *sua* herdeira? – Ludwig balançou a cabeça. – Sempre disse que o ressentimento a levaria à loucura, minha querida... E onde chegamos? Você matou seu próprio filho, seu irmão, e está prestes a eliminar a única herdeira que resta na linhagem Deva para me impedir de chegar ao meu destino.

– Você sabe que eu não queria matar Eddall! – esbravejou Lorelei. – Foi um acidente ele estar no lugar da maga renegada no momento em que libertei o Manticore!

– Mas você o deixou morrer. Não pode negar isso. – Ele balançou a cabeça mais uma vez, com um riso sinistro. – Você não salvou seu irmão para que ele não manchasse sua linhagem, e aqui está sua herdeira renegada, bem aos nossos pés. Isso é irônico até para as artimanhas do demônio. Há coisas que não se pode impedir, minha querida, já deveria saber disso. – Abaixando o rosto, Ludwig falou diretamente a mim. – Não se preocupe, não vou deixar que ela faça o mesmo com você. Como pode ver, sua *tia* não tem muitos escrúpulos quando o assunto é vingança ou poder.

Eu mal o via com tantas lágrimas em meus olhos.

– A quem quer enganar, Ludwig? Até essa tola sabe que você vai matá-la!

– Sim, eu vou. Mas não com o herdeiro em seu ventre. Sabe, não sou tão cruel quanto alguns insistem em julgar.

Lorelei levantou o queixo... escondendo o horror de sua alma atrás de sua beleza.

– Farei tudo de novo se for para impedi-lo.

O mago das sombras arqueou uma sobrancelha.

– Sabe, Lorelei, sua teimosia irritante mal disfarça seu ressentimento. Isso é uma pena, eu gostava mesmo de você. Eu a deixei viver para guardar nossas memórias, nosso segredo. Mas vejo que é hora de esquecer o passado. – Com um movimento que não vi, Ludwig estava ao lado de Lorelei. Uma das mãos segurava seu pescoço e a outra apertava o ferimento exposto em suas costas, fazendo com que ela se curvasse em sua direção. Os gemidos suplicantes da Deva tomaram a sala e se transformaram em prazer no rosto do mago. – Adeus, querida.



Mesmo sabendo de seus crimes, assistir a vida agonizante deixar o corpo de Lorelei era uma tortura cruel. Não sabia o que era pior: assistir aquilo ou não poder fazer nada. Daria tudo para simplesmente fechar os olhos... Quando o movimento aconteceu, entendi que meu corpo se libertava do torpor. Controlar a magia se tornou demais para um corpo que lutava com a morte e Ludwig só compreendeu isso quando eu estava de pé, tentando libertar o corpo inconsciente da Deva de suas mãos.

No mesmo instante, a chama rosa cresceu sobre o portal de pedra. Uma armadura negra se tornou visível, mas, antes que sua lança chegasse até nós, uma nuvem negra já sufocava o guardião. Ocupando uma das mãos com a Deva, Ludwig levantou a outra para o elfo e, com um único gesto, o guardião caiu morto aos meus pés. Meu grito de horror foi sufocado por um estrondo alto na porta. À frente dela, outro corpo permanecia imóvel...

– Ayla! – Eu me joguei sobre a sereia, chamando-a repetidamente para que encontrasse o caminho da própria vida, mas minha resposta foi roubada por braços decididos.

Enquanto era arrastada para longe da sereia, os estrondos se fundiram ao eco de madeira se partindo. Comandos de luta tomaram as paredes e, sem perder tempo, Ludwig me apertou pelas costelas com firmeza, levando-nos para a junção das paredes. O reflexo me fez levantar os braços para proteger o rosto do choque, mas antes da próxima respiração eu já mergulhava nas sombras para uma viagem rumo ao desconhecido.

O vento rodopiava ao meu redor e eu me debatia contra ele sem parar. Por saber que Ludwig não iria me matar, eu estava em vantagem. Isso foi suficiente para viabilizar um plano ousado. Mas precisava agir rápido! Escapar dele nos primeiros segundos da viagem das sombras era minha única chance de não ir parar em algum lugar longe demais. E, como fiz ao próprio Vincent certa vez, daria a Ludwig uma prova do seu próprio veneno.

Quando parei de lutar contra seus braços para laçar seu pescoço, o mago ficou surpreso o suficiente para baixar a guarda. Assim que seu rosto se inclinou para frente, eu toquei seus lábios com os meus, prendendo-o a mim. Imediatamente busquei o calor de seu poder e, quando encontrei o caminho da energia das sombras, percebi que ela era muito mais poderosa do que a de Vincent. Aquilo sufocou como um engasgo, mas, usando o máximo de concentração que possuía, acomodei a enxurrada de energia no centro do meu peito. O calor impiedoso queimava como brasa e acompanhou o gosto pesado de fel. Sem conseguir suportar mais, preparei-me para o golpe final... Interrompendo o beijo, coloquei a mão no peito de Ludwig para uma descarga de poder. A força do golpe explodiu em seu alvo e ainda sentia a carne em meus

braços queimando quando percebi que estava em queda livre. Sozinha.

Não via mais Ludwig e agora outro pânico tomava meus sentidos, porque estava desgovernada, pronta para me espatifar... sabe-se lá onde! Concentrando minha energia na sobrevivência, controlei meu corpo no ar e, lembrando os movimentos de Vincent em nossas viagens pela sombra, estiquei as pernas, forçando os músculos até sentir a aura de poder contornar meu corpo. Ela ajudou a frear aquela velocidade insana e seu brilho pareceu muito forte, talvez pela escuridão ao meu redor. Sem ter certeza do quanto me restava de energia, procurei diminuir sua intensidade e nesse instante senti o toque de uma espécie de massa negra sob meus pés. Assim que meus pés tocaram aquilo, começaram a afundar como se eu estivesse em areia movediça. Para meu alívio, foi rápido o suficiente para eu perceber que estava apenas atravessando a Dimensão das Sombras até o plano seguinte.

Do outro lado, o céu ainda era um crepúsculo de bordas violeta, mas a paisagem ao meu redor não era nada parecida com a Vila Noturna... Eu estava na parte esquecida da Terra das Sombras, aquela pintada de verde purulento, que cheirava a podridão.

Respirando em golfadas curtas, disparei entre os troncos esverdeados, mas precisei parar depois de poucos metros. O cheiro putrefato de enxofre asfixiava, iniciando uma nova onda de enjoos. Uma forte tontura abalou meu corpo e, antes que vomitasse em meus próprios pés, abaixei-me ao lado de uma árvore musgosa. Precisava me apoiar ou iria realmente cair de cara na gosma verde.

Apoiei a mão sobre a barriga e fechei os olhos por um instante.

– Sei que o dia está sendo bem agitado para você, mas por favor, por favor, me dê um tempo, ok? Precisamos fugir! Depois eu vomito o quanto você quiser. Prometo. – Era um pouco cedo para falar com meu ventre, mas já não sabia o que fazer para me livrar do enjoo que bagunçava meus sentidos.

Concentrando-me em inspirações curtas, fiquei aliviada quando o mal-estar passou. Pelo visto, a primeira conversa *mãe e filho* tinha dado certo. Levantei o rosto, atenta aos arredores, e tentei acalmar meus batimentos cardíacos... Queria esquecer o rosto do elfo morto, a angústia de ter deixado Ayla para trás, o horror da absorção da vida de Lorelei... Então, encontrei meu foco. Precisava me concentrar em outra vida, esta que se abrigava dentro de mim. Que, mesmo sem desejar, sentia todo meu terror. Testando meu equilíbrio, eu me levantei, determinada a encontrar um meio de sair do mar de musgo verde antes que Ludwig viesse atrás de mim.

O problema é que eu nem sabia para onde estava correndo.

Acionei a aura de poder dos Devas para iluminar o caminho, indicar uma direção... Mas logo a recolhi, preocupada com o gasto extra de energia. Depois

de uma rápida avaliação do calor em meu peito, me surpreendi ao perceber que ainda possuía o bastante. Foi a primeira vez que assimilei energia apenas para armazená-la e, por incrível que pareça, não senti remorso. Ao contrário, eu sentia o gosto inebriante da vingança. Não que tivesse sido influenciada pela energia das sombras, que preenchia meu peito agora, mas porque achei justo tomar um pouco do que me foi tirado há tanto tempo.

Libertando a aura de luz, deixei que o feixe esbranquiçado se estendesse ao meu redor. E, ativando a levitação, impulsionei o corpo para me mover a uma velocidade segura. Era um alívio saber que as aulas de levitação de Viviana foram bem aproveitadas. Olhando para baixo, estudei a paisagem nada animadora de troncos e musgo... Eu estava literalmente perdida. Assim que encontrei um local mais seco, voltei ao chão. O lugar não era estranho, mas, como tudo parecia uma colagem do mesmo cenário, não deveria estar surpresa.

Eu precisava de um novo plano. Mas nem cheguei perto de uma ideia. Um vulto surgiu entre as árvores e, antes mesmo de ser dominada pelo medo, assumi a postura defensiva ensinada no treinamento de Félix.

Com as mãos estendidas, me preparei para atacar.

– *Melissa! Não! Sou eu!*

A voz grave fez meus joelhos dobrarem até o chão.

Em um instante Vincent estava sobre mim, apoiando-me em seus braços.

– Você está bem? Está ferida?

Eu balançava a cabeça freneticamente. Sabia que ele estava aflito por respostas, mas eu só queria respirar.

– Vou levar você para casa.

Levantando-me em seus braços, Vincent já estava em movimento.

– Não... Não podemos! – Tentei descer de seus braços, mas ele não permitiu. – Vincent, não podemos! Ludwig pode estar nos seguindo, acabaria ferindo mais pessoas inocentes...

– Não podemos é continuar expostos. Precisamos nos juntar aos outros.

Os *outros*.

– O elfo... e Ayla... ela está... ela...

– Ela ainda está respirando. Foi tudo que consegui ver.

O som aliviado escapou em um suspiro, que se misturou aos passos do mago apressado. Queria perguntar sobre Lorelei, mas, se Vincent mal sabia da sereia, que era sua amiga, imaginei que não se importou em checar a vida da Deva.

– Como você me encontrou?

– Camilla estava me esperando na casa de vidro. Voltamos ao Ofício das Sombras no instante que Anasor invadiu a sala do portal... Vi quando Ludwig

levou você pela sombra, tentei um escudo, mas não consegui detê-lo. Persegui vocês pela Dimensão das Sombras até que vi sua aura de poder... A propósito, foi uma grande ideia, mas muito arriscada. Se eu pude vê-la da Dimensão das Sombras, qualquer um aqui também pode. – Ele apertou os lábios. – Melhor não fazer de novo.

Assenti uma vez enquanto ele parava ao lado de um grande tronco oco. Os olhos violeta muito próximos.

– Melissa? Eu não entendi ainda... Camilla disse que você tinha ido falar com Lorelei? Porque ela chamou você lá? Por que você foi até o Ofício das Sombras?

Havia tanto a dizer, e ordenar essa avalanche parecia mais difícil do que eu imaginava. Ainda mais com outro *detalhe* crucial a ser revelado.

– Eu precisava falar com ela, porque eu... eu... – Engoli em seco. – Eu tinha muitas dúvidas... e Anasor me levou lá para usar o portal do ofício para chegar à Terra da Luz, mas Ayla achou que... *Ah, Meu Deus...* Ayla foi atacada por minha causa... Ela ia matá-la! *Ela ia matá-la!* Depois Ludwig nos surpreendeu e absorveu o poder de Lorelei para me levar e...

O palavrão em alemão cortou minha explicação confusa.

– O que é? Vocês querem me enlouquecer? É isso?

– Vincent, eu não tinha escolha, precisava confirmar se...

– Por que você não falou comigo?! Por que não veio a mim para procurar ajuda?

Soltei o ar, frustrada.

– Se você me deixasse...

– Tem ideia do que aconteceu lá? Do meu desespero quando vi Ludwig levar você? Do que poderia ter acontecido se ele não tivesse emergido aqui, perto da divisa? A Dimensão das Sombras é maior do que pode imaginar, eu nunca acharia você! – Como poderia interromper sua fúria para dizer que sabia disso? E que, justamente por saber, arrisquei interromper uma viagem pela sombra? Ele bufou. – E nem imagino porque ele a deixou aqui!

Estava claro que os turbulentos olhos violeta não queriam uma explicação, queriam apenas expressar sua revolta. Isso não ajudava minhas outras explicações. Tentei descer de seus braços, porque naquela situação era impossível argumentar sem me sentir uma criança imprudente. Mas Vincent forçou os braços, nos levando ao encontro da fenda do tronco musguento. Agarrei a casca esverdeada, parando seu avanço.

– Me deixe... – Finalmente consegui descer de seus braços e me endireitei.

– Ele não me deixou aqui, eu fugi! Escapei dele durante a viagem da sombra depois de assimilar seu poder. Ele tem muita energia, Vincent, muita mesmo. Por

isso seu escudo não o impediu, e isso quer dizer que ele poderia passar por qualquer escudo, se quisesse. Mas não fez isso. Agora entendo o motivo... Ele estava esperando. Apenas isso. Mas agora resolveu que era hora e só não me levou porque ficou abalado com meu ataque. Tanto que nem percebeu onde eu caí. Imagino que seja isso ou já estaria aqui. Sei que estamos expostos e precisamos nos esconder. – Aponte a fenda do tronco. – Mas antes preciso contar uma última coisa que...

Um som raivoso escapou do mago das sombras.

– Pare! – Ele levantou as duas mãos. – Você ouviu o que disse? Está maluca? Interromper uma viagem das sombras poderia ter te matado!

– E qual era minha opção? Ir com Ludwig?

– Sua opção era falar comigo antes de atravessar o portal para a Terra das Sombras! E nada disso teria acontecido!

– Você não me entenderia! Não me deixaria falar com Lorelei e graças a essa conversa descobri muita coisa!

– Por que será? Por que será que evitei seu encontro com a Deva ou sua passagem para a Terra das Sombras? Seria pelos motivos que nos trouxeram aqui? – Ele abriu os braços para o musgo verde ao nosso redor.

– É sobre isso que estou tentando falar, Vincent! Não foram só os meus motivos, mas as coisas que aconteceram lá. Nós estávamos errados sobre tudo! Sobre Lorelei e Ludwig. Ele queria matá-la porque...

O mago agarrou meus ombros, interrompendo-me mais uma vez.

– Sei que a Deva é sua parente, mas não vale o ar que respira! Se Ludwig a matou, talvez tenha sido a única coisa boa que fez ao Mundo Mágico! Só não consigo parar de pensar que poderia ter sido você!

Ele escorregou as mãos pelos meus braços e, curvando-se para frente, agarrou minhas pernas. Seguindo com os murmúrios desconexos em alemão, Vincent me jogou sobre os ombros. Senti o solavanco em meu abdômen e tentei me apoiar em suas costas com as mãos enquanto era chacoalhada de ponta cabeça para dentro do tronco oco.

– Me ponha no chão! Estou de cabeça para baixo! Não posso ficar de cabeça para baixo! – O eco de minha voz reverberava pela madeira ao nosso redor e, conforme a passagem ficava mais estreita, meu quadril batia nas paredes, me comprimindo ainda mais contra o ombro de Vincent – Pare! Você está me apertando!

– Depois de se jogar no vácuo da Dimensão das Sombras, está reclamando por ser espremida?

– Pare, Vincent! Me coloque no chão!

Para variar, ele não estava me ouvindo.

– Cheguei à conclusão de que você não precisa de Ludwig para ameaçar sua vida, porque consegue fazer isso sozinha!

Mais um sacolejo e uma claridade rosa despontou do outro lado.

– Estou grávida! Me coloque no chão, estou grávida!

Vincent deu um último passo para sairmos da passagem. E parou imediatamente. Com movimentos cuidadosos, me devolveu ao chão.

O mago deu um passo para trás, enquanto os olhos violeta desciam e subiram por meu corpo. Talvez confirmando se o gesto intempestivo havia me machucado, ou para ter certeza de que era eu mesma quem tinha dito aquilo. Sondando meu rosto, Vincent procurou algo perdido.

– Você o quê?

Tomei fôlego, piscando algumas vezes para me adaptar à claridade rosada.

– Sei que na minha situação parecia impossível, mas é isso. Aconteceu. *Ele* está aqui.

Coloquei as duas mãos sobre o ventre, ainda sentindo a pressão do sacolejo em minha musculatura abdominal. Vincent observou o gesto, unindo as sobrancelhas.

– *Ele*?

– Seu herdeiro.

Um longo minuto de silêncio fez o rosto do mago perder sua expressão.

Ali estava o olhar que tanto temi, aquele que escolhia entre aceitar ou rejeitar sua própria herança. Eu me abracei instintivamente, e Vincent não perdeu o movimento. Com o rosto torturado, ele se aproximou e parou. Diante de mim, sua respiração vinha rápida, e nos olhos vitrificados estava claro o seu temor.

Descendo o olhar, ele pegou minha mão.

– Vamos sair daqui.

Com a claridade rosada da Terra da Luz, era mais fácil andar com rapidez, mas, ainda assim, Vincent não largou minha mão. Depois de alguns metros avistamos o primeiro grupo de guardiões de fogo e, correndo os olhos pelas lanças afiadas, ele se dirigiu ao mais alto do grupo.

– Avise Félix e toda a guarda dos jardins que Ludwig está nas divisas. – A ordem foi direta e, mesmo sem a habitual formalidade, o elfo de olhos alaranjados a acatou prontamente. – Precisamos de escolta até o Jardim Amarelo.

Sem demora uma formação de quatro elfos estava ao nosso redor, enquanto bolas de fogo voltavam para o portal que tínhamos acabado de atravessar. Espiei a máscara concentrada do mago, que acompanhava a movimentação ao nosso redor, e não tinha ideia de onde estavam seus pensamentos. A falta de emoção com a notícia de um filho não foi totalmente inesperada; na verdade, eu me

preparava para esse tipo de reação. Para ele, essa nova vida era mais um contratempo problemático... E ainda nem imaginava o quão complicado ele poderia ser.

Deixei escapar o ar com um suspiro decepcionado e atraí a atenção dos olhos violeta. Vincent baixou o rosto e notei que observava distraidamente meu abdômen, mas o rosto sério não melhorou minhas expectativas. Apertando firmemente minha mão, ele desviou os olhos para os guardiões que seguiam ao nosso lado. O percurso foi tenso e silencioso. Mais uma vez, não tinha ideia de onde poderiam estar seus pensamentos, mas os meus estavam em um futuro incerto e assustador.

## Despedida

ERA NOITE do outro lado do Jardim Amarelo, mas, mesmo cercados pela proteção das bolas de fogo, acompanhei os olhos violeta que varriam os arredores em busca de uma possível ameaça.

Um rosto aflito nos encontrou na escadaria do palacete. Assim que os olhos da maga telepata encontraram os meus, ela soltou um grito surpreso. Não havia segredos com Aristela quando eu estava distraída.

– *Ma chère*, isso é possível?

A pergunta foi direcionada a mim, mas a resposta veio de Vincent.

– Por favor, Aristela, nos dê um minuto.

Vincent desviou da maga Von Berg e, sem soltar minha mão, me levou até a grande porta de madeira. No hall de pedra polida, cruzou com outro rosto atordado.

– Reforce a guarda, Nicolau, não sabemos se Ludwig nos seguiu.

O mago robusto não teve tempo de concordar porque Vincent já nos levava para a proteção do palacete. Pelo espanto generalizado, imaginei que os acontecimentos no ofício de Victor já eram de conhecimento de todos na montanha e, quando chegamos à sala da lareira, entendi a razão.

– Ayla!

Soltei-me de Vincent para correr até o corpo estendido sobre um dos sofás. Cercada por elfos preocupados, a sereia piscou os olhos, como se lutasse pela consciência... Alex manuseava um de seus vidros de elixir e pedia ajuda a Lume para encher um cálice. Já Félix estava ajoelhado no chão, ao lado da ninfa, e com todo cuidado se esforçava para colocar uma almofada sob sua cabeça. Precisei tocar seu ombro para que o líder dos elfos de fogo notasse nossa presença. De imediato, as labaredas flamejantes se concentraram em uma única pergunta, que respondi prontamente.

– Não foi Ludwig quem a atacou. Foi Lorelei.

– Imaginei, quando não encontramos marcas de absorção. – Félix tensionou o maxilar, voltando os olhos alaranjados para a ninfa à sua frente. – De qualquer forma, Ayla foi vingada.

Arregalei os olhos.

– Lorelei morreu?

– Neste momento, espero que não sobreviva. – Desviando os olhos do rosto furta-cor, ele me encarou. – Sei que vocês são ligadas pela linhagem, mas não resta dúvidas sobre a verdadeira índole de Lorelei.



Eu estava pronta para confirmar sua conclusão quando Aristela tocou meu ombro, a expressão solidária compreendendo de forma errada o pesar que ocupava minha mente.

– Lorelei foi levada para a Torre do Conselho por Anasor e Camilla. Eles devem retornar com notícias em breve. Sinto muito.

Fechei os olhos, apertando-os com força.

– Mas eu não.

Na verdade, eu sentia, sim. Sentia remorso e culpa... mas por outra perda. Desta vez Aristela foi precisa.

– Não pudemos fazer nada pelo guardião.

Meu silêncio reverenciou a vida anônima do elfo que estava cumprindo sua tarefa ao nos defender... Prevendo minhas lágrimas emocionadas, outra mão segurou meu braço, de forma delicada e insistente.

– Precisamos conversar, Melissa. – Vincent foi firme.

O rosto impassível acima do meu se esforçava para permanecer alheio a qualquer emoção e, mesmo preocupada com a sereia, sabia que havia muito mais para ser discutido. Talvez todo nosso futuro.

Concordei, espiando uma última vez os dedos de Félix afagarem os cabelos negros da sereia. Então, segui o mago de postura rígida até a biblioteca.

FECHANDO A PORTA atrás de nós, Vincent indicou uma das poltronas de leitura. Eu precisava mesmo me sentar.

– Você disse que queria uma confirmação. Por isso procurou Lorelei? – A voz grave ecoou ao meu redor, exigente.

Inspirei profundamente, vendo o mago andar em círculos à minha frente como um grande felino enjaulado.

– Sim.

– Por que não falou comigo? Eu poderia ajudar com a confirmação.

Mais uma longa inspiração, e hesitei.

– Tinha medo da sua reação. – Vincent parou de andar para me olhar, a evidente inquietação nos oceanos turquesa anulava qualquer argumento. Eu continuei. – Precisava saber como o poder Deva reagiria a isso... quais seriam as consequências da falta dele. Queria saber dos riscos a essa nova vida e ao meu corpo também. – Vi a pergunta se formar na boca do mago e antecipei minha frustração. – E não me pergunte *como*... Eu também não sei como isso foi possível depois de todos dizerem não ser!

Vincent escorregou as duas mãos pelos cabelos e voltou a andar enquanto um murmúrio grave praguejava em alemão. Esse tipo de reação não ajudava com a mágoa que crescia cada vez mais.

– Tenho certeza de que Nicolau e Aristela ficarão felizes em descobrir. E poderiam ter ajudado antes, se você tivesse...

Não podia deixá-lo continuar.

– Eu estava assustada, Vincent. Não sabia o que fazer. Não tinha certeza de nada! Só precisava de respostas de alguém que sabia mais do que nós!

Estacando à minha frente, ele apoiou as mãos nos quadris, atento à angústia em minha expressão.

– Quanto às consequências... – Ele estudou meu corpo recostado no estofado. – Como se sente?

Tive vontade de suspirar outra vez.

– As tonturas e os enjoos são bem incômodos, mas me sinto muito bem quando *ele* desiste de me fazer vomitar.

Pousei as mãos sobre a barriga. Vincent acompanhou o movimento com os olhos, ainda paralisado à minha frente.

– Isso faz sentido agora.

Desta vez, não retirei minhas mãos. Talvez ele precisasse de um incentivo para entender que essa nova vida não pertencia apenas a mim. Da maneira mais suave que consegui, foi minha vez de perguntar:

– Você disse que poderia ajudar a confirmar, mas como faria isso?

– A herança reconhece a energia de sua linhagem – disse de pronto.

Lembrei-me do choque que senti com Camilla e depois com Lorelei. Essa nova vida reconhecia os dois lados de sua linhagem. Porque pertencia à Sombra e à Luz... Porque já era a união das duas metades do Mundo Mágico.

Baixei os olhos, curvando-me levemente para olhar minhas mãos.

– Desculpe não falar com você. Eu estava... assustada.

O silêncio foi ocupado pelo som da minha respiração e fechei os olhos, sem saber como continuar. Porque não havia mais nada a acrescentar. Ele poderia não estar de acordo, poderia estar irritado com a surpresa, mas eu já era grata por esse milagre que se abrigava em mim.

Então, eu senti... Um toque muito familiar.

A mão de Vincent pousou sobre a minha, espalhando seu calor por minha pele. Abri os olhos devagar, ao mesmo tempo em que deslizava minha mão para o lado, deixando que a dele pousasse sobre o tecido fino da minha camiseta. A calça jeans de cintura baixa favorecia o contato quase direto com a pele e, conforme o calor do mago das sombras se espalhava, aquela eletricidade crescia em meu ventre. O mago de olhos turquesa ajoelhado à minha frente levantou os lábios no canto, admirando a própria mão. Eu sabia o que ele estava sentindo, porque sentia a mesma coisa. A troca de energia que não era minha. Que reconhecia sua herança.

Vincent levantou os oceanos fascinados até meu rosto.

– Também estou assustado.

Soltei o ar preso pela emoção, levando minha mão até seus cabelos.

– Eu sei.

FICAMOS POR UM BOM tempo na biblioteca, em silêncio, presos em nossos próprios pensamentos, diante de nossos medos, imaginando um futuro. Vincent continuava com a mão em minha barriga, sentindo nosso filho; vez ou outra, cruzava meu olhar. Nele, eu via parte dos meus próprios temores, parte de minha incredulidade, parte de meu fascínio... E nada daquilo estava relacionado com magia, suas exigências ou a responsabilidade de enfrentar um inimigo. Na verdade, pouca coisa parecia ter importância fora de nossa bolha. Porque dentro dela só havia a preocupação fervorosa de cuidar dessa nova vida. Uma vida que dependia exclusivamente de nós. E, por mais que o sonho de uma família habitasse meus pensamentos no passado, nada havia me preparado para isso.

Quando a mão que ocupava meu ventre finalmente se moveu, foi para deixar um carinho em meu rosto. Dentro dos oceanos turquesa, o temor se transformou em afeto. Amor... A esperança em uma promessa. E foi minha vez de colocar a mão sobre a dele, segurando seu toque, sua certeza. Porque seu apoio parecia o único caminho para eu deixar meu próprio medo para trás.

– Vai ficar tudo bem, não vai?

Minha pergunta covarde não teve resposta. Talvez porque Vincent tivesse dúvidas, talvez porque soubesse dos desafios... Então, ele se inclinou para me entregar a única resposta que tinha: seus lábios. O beijo delicado era como o sopro da brisa, mas tinha o calor do sol, a força da noite, e confortou meu coração com sua proteção.

VINCENT ARRASTOU uma poltrona para sentar ao meu lado e entendi que queria detalhes do encontro que mudaria nossas vidas. Enquanto eu descrevia a intimidade da conversa entre Ludwig e Lorelei, sua expressão passou de surpresa para furiosa. Saber do real motivo da perseguição de Ludwig à sua família e da paixão platônica de seu inimigo por sua mãe era um bom motivo para extinguir seu controle... Mas, além das mãos que se apertavam ferozmente, Vincent permaneceu imóvel. Outros pontos só confirmaram suas suspeitas, como a morte de meu pai e as verdadeiras intenções da Deva. Neste ponto, não consegui esconder meu próprio rancor. Saber que Lorelei era a responsável pela crueldade que transformou minha vida fez seu nome ser apagado do meu coração.

Mas havia mais... Estava claro agora que a ambição de Ludwig havia

traçado um plano para alcançar o poder das sombras muito antes de Vincent sonhar em ser seu discípulo. Mas, quando Lorelei negou a ele a chave desse poder – um herdeiro unindo Sombra e Luz – Ludwig precisou buscar alternativas, e absorveu a energia mágica de outros magos e seres mágicos para acumular poder. Isso levou tempo, mas ele havia conseguido, e tive a prova da extensão de seu poder ao absorver uma pequena parte dele durante a viagem pela sombra. Mas Ludwig precisaria de *muito mais* para tomar o controle da Dimensão das Sombras do próprio Victor. E, como ele mesmo disse, a pequena vida dentro de mim era sua miraculosa segunda chance.

Nosso filho era a prova da união do Mundo Mágico, Luz e Sombra em um único ser, e Ludwig estava disposto a tudo para ter esse herdeiro. O mago das sombras havia se tornado um competente maestro, manipulando acordes para que a peça alcançasse o desfecho conforme sua vontade. E, se já estávamos apreensivos com uma simples gravidez, chegar a esta conclusão só agravou o quadro.

– Em nosso encontro em Amsterdam, Ludwig já sabia sobre mim, sobre minha linhagem Deva. – Limpei a garganta para disfarçar o temor em minha voz. – Acho que se referia a um filho quando disse que queria eu e você *juntos*... Por isso esperou. Por isso foi paciente por tanto tempo. Nossa união era parte fundamental do plano dele.

Ter ciência disso era perturbador.

Vincent se inclinou em minha direção, sua mão procurando a minha.

– Pelo que você disse, ele precisa esperar mais... Até o bebê nascer. – Vincent rangeu os dentes. – Talvez por isso não tenha ido atrás de você na Dimensão das Sombras.

– Mas ele foi ao meu encontro... Estava disposto a me levar, lá no escritório de Victor. Isso quer dizer que ainda pode voltar.

Eu me encolhi na poltrona, abraçando os joelhos para me proteger da lembrança. Vincent me observou, unindo as sobancelhas.

– Tem uma coisa que não entendi... Como conseguiu baixar a guarda de Ludwig e se conectar para assimilar a energia dele?

Pisquei algumas vezes, sabendo que Vincent não gostaria de ouvir aquilo.

– Ah... Eu o surpreendi.

– Como, Melissa? – A voz grave carregou o sotaque enquanto ele se endireitava na poltrona, talvez suspeitando dos meus meios.

– Bem, como você disse, eu precisava de uma conexão. Para conseguir isso, precisei me aproximar... para surpreendê-lo...

Vincent se levantou num salto, quase derrubando a poltrona.

– Você o beijou? Você *beijou* Ludwig? – repetiu com asco.

Fechei os olhos, me encolhendo ainda mais.

– Não é minha melhor memória, pode acreditar. Mas não podia ficar parada, esperando que ele nos levasse... – O grunhido do mago se espalhou das estantes de livros até o mezanino. – Pode ter certeza que concordo com você. A prova disso é o enjoo que sinto toda vez que lembro daquilo.

Vincent gesticulou, exasperado.

– Isso é o nosso bebê, demonstrando sua revolta pelo que *você* fez.

Não pude deixar de sorrir para a referência de posse, algo caloroso no meio de sua ira mal contida.

– Pelo visto, você e *ele* são muito parecidos.

Vincent continuava revoltado, mas deixou o ar escapar com uma careta.

– Por que chama o bebê de *ele*?

– Porque os magos das sombras são sempre meninos. – Levantei os ombros.

– Nunca vi um mago das sombras *menina*.

Seus lábios se levantaram no canto com algum tipo de orgulho primitivo, que foi rapidamente engolido pela sombra que tomou seu rosto.

– Não quero que nosso filho se pareça comigo. – A veemência de sua voz me preocupou.

Eu me levantei também, aproximando-me do mago tenso.

– Nosso filho terá a melhor parte de você e a melhor parte de mim. E não estou falando só de herança mágica.

A mão do mago procurou meu rosto.

– Não vai ser fácil carregar as duas maiores forças do Mundo Mágico. Só quero que ele tenha sua própria personalidade, que saiba se encontrar no meio disso. – Vincent apertou os lábios, pensativo. – E espero ser capaz de ajudá-lo.

O orgulho de Vincent naquelas palavras trouxe um sorriso bobo ao meu rosto, assim como o tom decididamente protetor que aplacou qualquer dúvida. Vincent seria um bom pai.

– Você vai. E, se depender de mim, nada, nem Ludwig, vai chegar perto dele.

Minha certeza fez o mago sorrir.

– Contanto que não saia por aí beijando mais ninguém, estamos de acordo.

UMA REUNIÃO com os Von Berg na sala da lareira aconteceu em seguida. De pé e com uma mão apoiando protetoramente minhas costas, Vincent anunciou a chegada do novo herdeiro do Mundo Mágico. Entre congratulações, abraços afetuosos e olhares receosos, a notícia se tornou oficial.

De forma mais concisa possível, detalhei os acontecimentos dentro da sala

do portal no Ofício das Sombras. Embora a maioria não demonstrasse surpresa com a responsabilidade de Lorelei na morte de meu pai, seu caso com Ludwig arrancou muitas exclamações surpresas da plateia, assim como o esclarecimento das lacunas nos propósitos de Ludwig. Agora que todos sabiam *como e por quê*, era hora de evitar o pior. A preocupação de resguardar uma vida que mal havia começado se espalhou por toda a família.

Depois de deixar Ayla aos cuidados de Lume e Félix, Alex chegou até nós com uma alternativa muito racional para proteger nosso bebê, e ainda garantir seu crescimento saudável.

– Passar a gravidez no Mundo Físico é uma incógnita. A influência do Mundo Mágico durante o período gestacional deve garantir que você e a criança fiquem saudáveis. Afinal, não sabemos como este gasto extra de energia vai ser compensado por seu corpo. – A sensatez do elfo de olhos prateados era inquestionável.

Nicolau se aproximou.

– De fato. Lá poderemos manter uma proteção mágica eficiente, com escudos, feitiços, além de uma guarda efetiva e sem restrições. – Percebendo nossos rostos preocupados, completou. – Sei que isso implica em um afastamento radical, mas não temos alternativas seguras. O Mundo Físico possui limitações indiscutíveis!

Vincent pareceu agitado.

– Sabemos disso, Nicolau, e também sabemos que não é tão simples passar tanto tempo do outro lado.

O tom grave e decidido do mago das sombras espalhou silêncio por toda a sala, levando a mais uma rodada de possibilidades que incluíam outro plano elaborado de segurança para a montanha e um refúgio em local distante e desconhecido. Mas nada parecia suficiente.

Enquanto Nicolau e Aristela tentavam convencer Vincent, eu observava Ayla se amparar em Félix para tomar mais uma dose do elixir oferecido por Lume. O cuidado do elfo de fogo era a prova que faltava de que, em meio ao caos, o amor mais uma vez florescia na montanha. Essa compensação do destino ainda era um mistério, e sempre me surpreendia ao unir opostos, forçando escolhas que desafiavam o coração. Achava uma pena que mais ninguém ali notasse a beleza daquela troca de olhares que não podia mais esconder um sentimento tão forte. Ver a vida em seus pequenos gestos era uma dádiva... Mas, mesmo sem vê-los, eu precisava protegê-los. Porque todos mereciam ter uma chance.

Com um longo suspiro toquei o braço de Vincent, chamando sua atenção.

– Eu concordo com Alex e Nicolau. Precisamos escolher qual dos mundos é

mais seguro agora... para nós, para todos. E você sabe minha resposta, Vincent.

– Você tem certeza disso?

Ao contrário de Vincent, eu estava cada vez mais calma. Porque essa parecia a única maneira de proteger nosso filho, nossa família, nossa montanha. E, mesmo preocupado, Vincent concordava comigo. De certa forma, estava aliviado por minha escolha.

– Não é um exílio, Vincent, são apenas nove meses. – Abaixei a voz. – Provavelmente menos. Se nós estivermos longe o bastante, todos ficarão seguros. É o único jeito.

– Não que não concorde com a ideia, mas você sabe o que são nove meses no Mundo Mágico? Quando nosso filho nascer, quase uma década terá se passado aqui. O mundo que você conhece estará bem diferente. Para mim isso é normal, Melissa, mas, para você... – Ele hesitou. – Pode não fazer diferença agora, mas o tempo é cruel em suas marcas.

– Não tão cruel quanto Ludwig vai ser se nos encontrar, ou se quiser usar minha família para me chantagear. – Suspiro. – Eu sei o que estou propondo, Vincent. Mas não temos alternativa. Realmente não temos.

Depois do *Elixir da Vida* de Victor, meu avô poderia suportar facilmente o peso dos anos para cuidar de minha irmã. E, mesmo sabendo que os dias no Mundo Mágico se multiplicariam em semanas aqui, preferia ter apenas a saudade para me torturar. Não havia outro caminho. Eu precisava da magia, não apenas para proteção, mas para garantir que meu filho crescesse saudável. A parte mais difícil seria explicar isso à minha família comum e normal.

Enquanto os acertos eram feitos sob o sigilo do círculo mais fechado dos Von Berg, descemos a montanha para dividir a novidade com George e Alice... Aos outros, restaria a indigesta omissão. Avisar meus amigos de uma nova partida era inevitável, mas não poderia falar sobre uma gravidez que se estenderia por anos!

Já era noite quando o BMW estacionou diante da casa amarela, e Vincent se deteve no jardim para uma breve reunião com a guarda que se camuflava nas sombras. Eu o esperava no pequeno alpendre, retorcendo as mãos com ansiedade. Podia imaginar a felicidade de meu avô com a notícia de um bisneto, mas também previa sua amargura ao saber de mais um afastamento. George estava magicamente protegido contra fragilidades físicas, mas sua tristeza só aumentaria a culpa que eu carregava por deixá-los.

Ao redor da mesa para mais um jantar familiar, anunciamos a chegada do nosso filho. George piscou uma vez... Largando os talheres no prato, me olhou com atenção. Depois de um segundo embasbacado, seus olhos passaram para Vincent e, quando a surpresa permitiu, ele encontrou sua voz.

– Eu vou ser bisavô? Tem certeza dessa vez?

Não pude deixar de rir ao lembrar sua reação quando achou que Vincent sumiu porque eu estava grávida.

– Sei que já passamos por isso antes, *Opa*, mas desta vez é oficial.

Meu avô se levantou para contornar a mesa. Um sorriso largo cresceu no cavanhaque ruivo e ele jogou os braços ao meu redor.

– Então, não custa repetir... Você pode contar comigo para o que precisar, Mel. Estou do seu lado. E estou muito feliz, *filha*. Muito feliz!

A compreensão da voz paternal se completou no conforto daquele abraço, e, mesmo com o olhar curioso do mago das sombras, foi muito bom receber o apoio de George.

– Eu não entendi. – A dúvida na voz infantil veio com certa curiosidade.

Afastei-me dos braços protetores para encarar a menina do outro lado da mesa.

– Você vai ser titia, Alice.

Mais um olhar espremido.

– Eu vou?

– Vai. E espero que cuide muito bem do seu sobrinho.

Minha irmã pulou da cadeira com entusiasmo

– Eu vou, Tata, eu vou!

– Mas, enquanto ele não nascer, vou dar um jeito de você ir me visitar no Mundo Mágico. Não quero ficar sem notícias como da outra vez.

Alice sorriu satisfeita e George se empertigou ao meu lado.

– O que quer dizer, Mel? Você não vai ter seu filho aqui?

Cruzei meu olhar com o mago das sombras, pedindo ajuda. Vincent se encarregou da resposta.

– Ainda é cedo para saber onde ele vai nascer, senhor George. O que sabemos é que vai ser mais seguro para Melissa e para o bebê se eles passarem esse período do outro lado, onde a energia mágica não vai apenas fortificá-los, mas também proporcionar-lhes proteção.

George voltou o rosto para o meu, avaliando a informação.

– Mas, Mel, do outro lado o tempo não é como aqui, certo?

– Certo. – Minha pausa era apenas uma forma de protelar a tristeza nos olhos oliva. – No Mundo Mágico, o tempo passa de forma lenta. Bem lenta.

– Mas... isso quer dizer que vamos ficar muito tempo sem ver você!

Meu avô não entendia a lógica da decisão, porque não conhecia completamente os riscos. Mesmo não querendo mudar isso, sua expressão sofrida era difícil de suportar.

– Eu sei do que estou abrindo mão, *Opa*. Do tempo. De anos de



convivência com vocês. Sei que, nesta escolha, vocês vão sofrer com a distância tanto ou mais do que eu. Mas preciso proteger esse bebê... Ele vai precisar de energia mágica para crescer e não sei como minha magia incompleta vai se comportar com mais essa exigência. E, como Vincent disse, ainda há a proteção. Agora, precisamos dela mais do que nunca. Se eu ficar aqui, colocarei todos em risco: vocês, eu e o bebê. Preciso estar do lado da magia agora, *Opa*, como jamais precisei.

Pelo rosto de George passaram várias emoções, e, na máscara final, eu reconheci sua impotência diante de algo que ele fazia questão de evitar.

– Melissa... – Ele baixou os olhos. – Eu entendo sua escolha. Sei que fará tudo que puder por seu filho. Como um dia fiz por vocês. – George desviou o olhar para Alice, depois o voltou para mim. – Mas não sei quantos anos mais poderei esperar aqui. É verdade que me sinto muito bem nos últimos tempos, nem sei explicar isso, mas pareço ter voltado aos trinta anos... De qualquer forma, tenho consciência de que não sou tão jovem quanto gostaria.

Precisei conter meu sorriso aliviado.

– Não se preocupe com isso, *Opa*. – Tentei me solidarizar com sua preocupação. – Tenho certeza de que você nunca vai se curvar diante do tempo. Esse afastamento não é definitivo... e você também pode me visitar, não pode?

Meu avô mudou o peso do corpo de um lado para outro. Em uma escolha mais antiga do que minha vida estava a resposta. Deixei os ombros caírem, decepcionada.

– Eu vou te visitar, Tata, todos os dias! – Alice parou, pensativa. – Ou sempre que puder.

– E o que vamos dizer aos outros?

Por *outros*, eu sabia que George estava falando dos nossos amigos, nossa outra família.

– Seria difícil explicar uma gravidez tão longa, mas podemos anunciar nossa partida. Temos um jantar com Rose e Arthur amanhã. Podemos nos reunir, todos, e então eu anuncio nossa mudança. Será bom me despedir direito, desta vez.

A inocência infantil de Alice se animou com a notícia.

– Puxa, Mel, é a terceira mudança que você vai fazer desde que casou com o Vincent! – Sentando-se sobre os joelhos, minha irmã pareceu realmente empolgada. Eu, nem tanto.

Vincent limpou a garganta.

– Esta vai ser temporária, Alice.

O sorriso compreensivo de minha irmã era único na cozinha.

Sabíamos do que eu estava abrindo mão, mas esta escolha não se referia

apenas a mim. George não se conformaria tão cedo e, mesmo sabendo que ele, ou seu corpo, superaria essa decepção, seu coração ficaria marcado. Como o meu. Este era o momento que eu tanto temia... A hora de me dividir entre minhas duas famílias. Com a mão sobre minha barriga, soube que a escolha já tinha sido feita.

Fui colocar minha irmã na cama antes de ir embora, apenas porque estava com saudade desse momento que dificilmente iria se repetir. Apertando meu pescoço com um abraço de urso, Alice se afastou o suficiente para descer seu olhar até minha barriga. Estreitando os olhos, pareceu confusa.

– O que foi Alice?

– Mel... Como esse bebê entrou em você?

Pisquei uma vez, despreparada para a pergunta.

– Ah... bem, ele...ah... – Tentei lembrar a historinha da abelhinha e da florzinha, mas sabia que Alice era muito perspicaz para aceitar algo assim. – É um pouco complicado para você entender isso agora, mas prometo que teremos essa conversa quando você crescer.

Com os olhos no rosto decepcionado, percebi que minha promessa não iria se cumprir. Mesmo que Alice me visitasse com frequência, sabia que a diferença de tempo entre as dimensões me faria perder muita coisa... A principal delas, seu crescimento. Com um carinho lento no rosto pequenino, inspirei profundamente.

– Alice, eu nem sempre vou estar ao seu lado quando tiver dúvidas ou medos. Mas quero que procure por mim sempre que seu coração precisar. Sempre que não souber o que fazer. Sempre que achar que está sozinha. Porque você não está. Entendeu? Vou ficar longe deste mundo por um bom tempo, mas uma parte de mim sempre vai estar com você, bem aqui. – Coloquei meu dedo indicador em seu coração. – E você também estará comigo, aqui. – Repeti o gesto, tocando meu próprio peito. – Nada, nem mesmo uma dimensão mágica, vai nos afastar. Estarei sempre à sua espera. E, um dia, estaremos juntas de novo. Como uma família. Eu juro.

Alice concordou, mesmo sem compreender as lágrimas em meus olhos, e selamos nosso acordo com mais um abraço esmagador... Nele, deixei um pedaço da minha alma e levei, em seu lugar, um amor que me fazia ter esperança.

DE VOLTA À CASA de vidro, fomos recepcionados ainda no pátio de cascalho. Um elfo das sombras em sua armadura negra e uma demônio de sorriso simpático faziam companhia a uma elfo de luz e um mago encantado. A expressão do quarteto inusitado não era nada boa e, antes mesmo de descer do BMW, já imaginava a notícia que iria receber.

A morte de Lorelei foi informada por Viviana e, com as três testemunhas

exigidas pelo Conselho da Tradição, a líder dos elfos de luz anunciou que eu era a última na linhagem Deva em todo o Mundo Mágico. O momento de silêncio que se seguiu à nomeação não foi nada comemorativo. Eu nunca quis a pressão de carregar o fim de uma linhagem, e muito menos a responsabilidade de ter como herança uma cadeira no Conselho da Tradição

– Como assim, você vai rejeitar a ordem de sucessão? – Viviana pareceu preocupada.

Armand cruzou os braços ao lado de Anasor, balançando a cabeça.

– Eu avisei que você não ia aceitar isso, Melissa, mas eles não acreditaram em mim.

Era bom saber que algum deles me conhecia o suficiente para entender que *liderança* não era minha vocação. O problema era convencer os outros rostos alarmados.

– Eu posso, não posso? Rejeitar a indicação?

– Não é bem uma indicação, Melissa, é seu direito. Sendo a última Deva, a cadeira no Conselho é sua. Se renunciar, a vaga no conselho se extingue... – Viviana se aproximou para pegar minha mão. – Não seria nada bom para o Mundo Mágico se você fizesse isso agora. O Conselho da Tradição está muito vulnerável depois que as atrocidades de Lorelei vieram à tona. Achemos que o acidente com Eddall é apenas o começo. Lorelei manipulou o poder, escondeu informações e as usou para favorecer a si mesma. Isso abalou uma estrutura de séculos! Para o bem do Mundo Mágico, precisamos restaurar a credibilidade do Conselho.

– Vocês poderiam usar o modelo adotado na Dimensão das Sombras, a herança partilhada – Camilla sugeriu, prestativa. – O sistema permite que todos os herdeiros tenham direito a uma parte da liderança. Se usarem isso, qualquer outro elfo que descenda dos Deva originais poderia assumir a cadeira de Lorelei no Conselho da Tradição. Inclusive você, Viviana.

Anasor colocou a mão no ombro da demônio, suavizando a voz.

– Temos que ser honestos, Camilla, nos últimos tempos esse sistema não funcionou muito bem para a Dimensão das Sombras também.

Camilla levantou os ombros.

– Ele funcionou bem até Ludwig achar que todo o poder era seu por direito.

Um suspiro foi inevitável, aquilo era mais complicado do que eu imaginava... Por isso, agradeci quando Vincent veio em meu socorro.

– E se Melissa solicitar a suspensão temporária deste direito? Afinal, as circunstâncias não são favoráveis para um cargo de grande exposição.

Viviana avaliou a ideia.

– Colocando nestes termos, acho que seria possível um arranjo. Contanto

que seja temporário.

Vincent murmurou algo como *tudo parece ser temporário* e nem me importei com a ironia porque estava mesmo agradecida. Com um gesto inconsciente, apoiei a mão sobre a barriga.

– Obrigada, Viviana. Obrigada a todos vocês. Sei que passaram por muita coisa nas últimas horas, viram amigos feridos... ou mortos. – Cruzei meu olhar com Camilla, depois me concentrei em Anasor. – Nada que eu disser poderá compensar uma vida.

– O guardião estava fazendo seu trabalho. Como todos nós.

Anasor não disse aquilo com rancor; ainda assim, foi implacável em uma verdade: qualquer um deles poderia ter morrido também. Era terrível apenas pensar nessa possibilidade... Eu não queria mais mortes.

Percebendo minha aflição, Viviana se aproximou.

– Há muito mais decisão em nossas ações do que imagina, Melissa.

O olhar prateado da elfo não permitiu argumentos. Tentei sorrir para sua gentileza, mas me distraí com a aproximação de outro par de olhos violeta.

– E agora que a notícia é oficial, quero dizer que estamos muito felizes com a chegada do herdeiro. Acredito que falo por todos nós. – Camilla indicou o grupo, ampliando um sorriso afável.

Acreditar na sinceridade de uma demônio era algo novo, mas, antes que percebesse, eu sorria em resposta. E, se minha simpatia era inesperada, ver Armand interagir com Camilla era no mínimo curioso. O mago encantado tinha por regra desconfiar de qualquer ser que servisse a Victor, mas parecia bem à vontade com a demônio no grupo. Talvez o evidente envolvimento com Anasor ajudasse em sua popularidade, mas o fato é que Camilla parecia ser aceita pela maioria dos Von Berg. E quem era eu para duvidar do julgamento da família?

Em mais um gesto descontraído, o mago de olhos cinzentos contornou Camilla, abrindo os braços.

– Quer dizer que vou ser tio!

Armand me envolvia em um abraço cuidadoso, mas Vincent logo se colocou entre nós.

– Claro, Armand, o único *tio* que ele vai ter.

A declaração transformou o rosto do mago, e Armand nem se importou com a intromissão.

– Isso é bom, porque quero que fique registrado que foi o tio dele quem encontrou o lugar perfeito para vocês ficarem até ele nascer! – Os olhos acinzentados brilharam enquanto os nossos se enchiam de surpresa.

Na verdade, os de Vincent pareciam desconfiados.

– Que lugar seria esse, Armand?

– O mesmo onde você me deixou quando precisei evitar a fúria de Dalilah.  
– Armand levantou os ombros. – Se ela tivesse me encontrado, aposto que a maldição seria minha menor preocupação. E, se a miragem naquele lugar funcionou com uma demônio, é segura o suficiente para passar despercebida a qualquer outro.

Vincent tinha os olhos grudados em Armand, os pensamentos distantes, avaliando chances... riscos.

– Bem... A casa é pequena, mas aceitável. Acho que seria fácil manter um escudo permanente. Sem contar que o acesso externo é difícil... e isso é bom. No entanto, seria necessário um ajuste, uma saída segura dentro dela. No caso de emergências.

– Podemos colocar um portal de condução gêmeo. Com ligação exclusiva para a casa dos Von Berg. Seria uma forma dupla de proteção.

– Pode funcionar. – A expressão no rosto de Vincent se suavizou, talvez pela chance de segurança que Armand vendia de forma tão competente. – Você está certo, Armand.

Eu estava ansiosa para confirmar a localização desse lugar seguro. Mas, de fato, nem precisava. Como uma exímia conhecedora da história de Armand, sabia que Vincent o havia resgatado depois da confusão com Dalilah e o levado para um lugar muito remoto da Terra das Sombras... onde Armand ficou até que Vincent encontrasse os Von Berg: o Deserto Prateado. O lugar distante e inóspito era famoso por sua paisagem fantástica, que confundia seus visitantes com miragens naturais. Elas poderiam ser facilmente ampliadas com o dom da ilusão do mago de cabelos cinzentos.

– Que bom que gostou da ideia. Posso preparar tudo em um dia. Se quiser, amanhã mesmo posso acompanhá-los até lá.

– Você vai conosco? – A surpresa no rosto de Vincent poderia ser um espelho da minha.

– Meu dom vai ser indispensável para mantê-los invisíveis. Na verdade, preciso ficar com vocês para garantir sua proteção. – A voz decidida do mago ecoou no silêncio do grupo.

E eu só conseguia pensar em uma menininha ruiva que ficaria para trás.

– Mas, Armand... – comecei, e nem precisei continuar.

– Eu sei, Melissa, eu sei. Vou conversar com Alice sobre isso. Mas sei que ela vai concordar comigo. Vocês precisam dessa chance. E sério, não há mais ninguém... – Armand levantou o queixo para Anasor e Viviana. – Os líderes não podem abandonar seus Reinos e meus pais não podem deixar a montanha. Alguém precisa acompanhar vocês dessa vez. E eu me prontifiquei. É o certo a fazer.

Eu ainda procurava um meio de discutir com sua certeza quando o mago das sombras deu um passo para apoiar a mão no ombro do amigo. O gesto era uma mistura de solidariedade e gratidão.

– Obrigado, irmão.

O JANTAR NA TABERNA Casella com Rose e Arthur estava marcado para a noite seguinte, e não foi difícil convencer George e Alice a nos acompanharem. Junto de uma legião de guardiões camuflados, obviamente.

Assim que Lucila conseguiu uma folga das outras mesas para se sentar conosco, anunciei nossa *mudança*. Como era de se esperar, a notícia silenciou a mesa. A confusão era unânime nos rostos dos meus amigos.

– Mas vocês acabaram de voltar... Para onde vão agora? – A pergunta direta partiu de Arthur, claro.

Vincent se empertigou do outro lado da mesa estreita.

– Não temos um destino certo. Vamos testar lugares antes de nos fixar.

Observando o rosto compenetrado do mago, imaginei que, em um jantar regado à omissão, aquelas palavras eram simplesmente... verdadeiras. Não poderíamos afirmar que ficaríamos no refúgio de Armand até o fim, porque venceríamos um dia por vez.

Suspirei alto.

– Sei que a mudança é inesperada, mas precisamos fazer isso agora. – Corri os olhos pelos rostos ao meu redor. – E aprendi que o *agora* é um tempo que não podemos desperdiçar.

Arthur soltou os talheres para me olhar nos olhos. A profundidade de sua percepção me preocupou. Como se meu amigo pudesse mesmo ver além dos meus segredos. Mas, antes que ele continuasse suas perguntas diretas, Rose se aproximou para segurar minha mão. Apertando-a de leve, buscou meus olhos.

– Está tudo bem, Melissa? – Assenti com os olhos mareados. – Mesmo?

– Você quer saber se eu estou feliz? Sim, Rose. Eu estou. – Levantei os olhos para Arthur e encontrei os oceanos turquesa ao meu outro lado. – Ter todos vocês aqui, juntos, é a realização de um sonho. E esse momento é... muito importante para mim. – Limpei uma lágrima e Rose uniu as sobrancelhas para meu excesso de emoção. – Sei que ninguém ficou feliz com minha mudança, principalmente meu avô. Mas há coisas que precisamos fazer. Ainda assim, vou sentir muita saudade de tudo aqui.

Rose me olhou nos olhos, depois os levou até Arthur e deixou o ar escapar vagarosamente.

– Eu entendo. Sei que ninguém aqui vai entender seus motivos... mas eu entendo. Porque também já tomei uma decisão assim. – Voltando o rosto para o

meu, ela finalizou com uma grande dose de bondade. – Sei que você vai voltar renovada dessa temporada fora. O mundo jamais será o mesmo, eu garanto.

Nesse instante Lucila chamou George para um brinde e, depois de um discurso sobre amor e família, até Vincent levantou sua taça. Mesmo com os olhos tristes, meu avô se esforçou para sorrir; completando as palavras da amiga de tantos anos, nos desejou *boa viagem*. Talvez isso fosse o máximo de emoção que podia suportar naquela noite.

Mas estava enganada.

Alice contornou minha cadeira com sua perspicácia infantil e, aproximando-se do meu ouvido, foi direta.

– Você tá sentindo enjoo da comida? – Alice se afastou para avaliar meu prato intocado. – Ouvi o Vincent dizer ao vovô que você tem andado bastante enjoada. Eu fiquei preocupada que você estivesse doente, mas aí o vovô disse para o Vincent que era normal. Ele falou que nossa mãe também ficava assim... E eu não entendi porque ele disse isso. Porque ficar doente não é normal.

Pisquei uma vez e segurei as duas mãozinhas da minha irmã nas minhas.

– Alice... Eu gostaria muito, *muito*, muito mesmo que você não ouvisse conversas de adultos. Muitas vezes elas não são para seus ouvidos.

A pequena maga de cabelos cor de fogo espremeu as esmeraldas cintilantes com astúcia e se aproximou do meu ouvido mais uma vez.

– Eu posso ouvir muita coisa, mas sei que não devo falar tudo que ouço. Fica tranquila, Tata, não vou falar sobre do bebê para ninguém. Eu já gosto demais do meu sobrinho.

Pisquei mais algumas vezes, qualquer coisa que quisesse dizer para repreendê-la se perdeu com a coerência daquele pensamento. Por fim, eu sorri. Porque no fundo sabia que Alice era mais, muito mais do que eu esperava. E era agradecida por isso.

– Está bem. – Suspiro. – É que não vou estar por perto e gostaria muito que você tomasse cuidado... Não estou falando em expor a magia, estou falando de perigos que só nós conhecemos. – Alice concordou. – Também quero que fique perto do vovô quando ele ficar triste. Por mim.

Alice baixou os olhos e os levantou em seguida.

– Ele não vai ficar doente de novo, vai, Mel?

– Não. Não vai. – A certeza em minha voz convenceu minha irmã. – Mas seria bom se você ficasse perto dele nestes dias, para ele não ficar sozinho.

A pequena maga chegou mais perto.

– Hoje eu pedi ao Heros para ficar perto de você também. Para você não ficar sozinha enquanto estiver no Deserto Prateado. Eu sei que não vou poder ficar lá com vocês o tempo todo, por isso ele vai te fazer companhia. Ele é bom

nisso, em ser companheiro.

– Mas Alice... Se o Heros for... Vocês vão ficar separados. Sabe disso, não é?

Minha irmã levantou os ombros.

– Eu vou ver ele, quando for ver você. E ele prometeu vir me ver também. Ele quer proteger você, Mel. E ele pode... Você sabe, o Armand pode. E confio nele para isso.

As palavras evaporaram em minha garganta ao ver minha irmãzinha abrir mão do seu melhor amigo. Eu sabia que esse já era o plano de Armand; ainda assim, separar esses dois era algo inconcebível para mim. Mas sabia que era impossível discutir com dois turrões guiados por corações altruístas.

Nas despedidas, eu me permiti exagerar nos abraços, inclusive a Arthur. Vi o mago das sombras orbitar ao meu redor, sabia que uma parte de Vincent estava satisfeita por colocar uma dimensão inteira entre Arthur e eu, mas sua milagrosa – e minúscula – parte empática entendeu que eu ficaria sem ver estas pessoas por muito tempo... E por isso, apenas por isso, ele não nos interrompeu. Depois do abraço que testou os limites do controle de Vincent, Arthur me colocou no chão. Afastando-se um passo, colocou a mão sob o queixo.

– Engraçado... Você parece diferente. Não sei dizer o que é.

– A felicidade faz isso com as pessoas. – Desviei o rosto para Rose, que conversava de forma distraída com Vincent... Estreitei os olhos para confirmar a imagem. Isso era promissor demais para ser interrompido. Com outro sorriso, voltei minha atenção para o rosto ensolarado. – Também posso ver isso em seu rosto, Arthur. Você e Rose estão felizes.

Arthur também reparou na conversa paralela e se remexeu à minha frente.

– Não estou tão feliz agora. Acredite.

– Ora, ora... A implicância está do seu lado agora, Arthur?

– Por mais que vocês duas tentem me convencer do contrário, ainda tenho minhas reservas, ok? – Meu olhar enviesado buscou minha amiga. Rose também estava na defesa de Vincent? Isso era quase um sonho... que, pela careta de Arthur, não era compartilhado. – Ele ainda me deve um revide pelo gancho de direita. Não quero perder minha oportunidade.

– Arthur! Por favor!

– Tá bom... Eu sei! – Ele bufou, escorregando a mão pelos cabelos que voltaram teimosamente até sua testa. – Não estou dizendo que não vou ser amistoso... Só não estou tão motivado a isso. – Arthur espiou o mago e sua namorada sobre meu ombro. – Mas, se ele for o responsável por esse brilho em seus olhos, posso até pensar com mais carinho no assunto.

O sorriso no rosto ensolarado era tudo que eu queria guardar na memória.



– Ele é, Arthur. Ele é.

– Fico mais tranquilo por saber que você está bem e que vocês dois conseguiram resolver os problemas para seguir com a vida. Isso me deixa feliz também, Mel. Mas não vou me tornar o amiguinho confidente do *Darth Dippel Vader*...

Espiei Vincent e Rose sobre o ombro.

– Acho que o papel de melhor amigo confidente já foi preenchido. Ou melhor, *amiga*. Quem diria.

A careta de Arthur mereceu uma gargalhada e, desta vez, fomos nós que chamamos atenção. Um par de olhos turquesa se agitou na nossa direção e, antes que qualquer mal-entendido pudesse atrapalhar a noite perfeita, chamei Rose para me despedir também. Lucila foi a última; como sempre, me deixou muitas recomendações. Quando eles se afastaram, acompanhamos George e Alice até a caminhonete. Com um breve aceno para as sombras camufladas dos guardiões, que aprendi a identificar, ajudei minha irmã com o cinto de segurança. Depois de um beijo demorado em seus cabelos rebeldes, voltei-me para um avô emocionado.

– Vai ficar tudo bem, *Opa*. Vamos nos ver em breve.

Meu avô assentiu, embora não estivesse totalmente certo disso. George desceu os olhos por mim e, com um gesto carinhoso, tocou minha barriga.

– Espero que fiquem bem. Estarei bem aqui quando voltarem.

Minha garganta fechou e senti uma mão firme de calor conhecido envolver a minha. Levantei os olhos até os oceanos turquesa, grata pelo apoio.

– Obrigado, senhor George. Mandaremos notícias por Aristela assim que nos instalarmos. Se quiser, será bem-vindo em nosso refúgio.

Meu avô recuou um passo.

– Sim... veremos isso. – A incerteza em sua voz foi marcante mais uma vez. Com um longo suspiro, ele se aproximou para beijar meu rosto. – Até breve, Mel.

George entrou na caminhonete e logo se afastou na companhia de algumas sombras protetoras. Mas seu *até breve* continuaria em meus ouvidos, partindo meu coração.

SUBIMOS A MONTANHA em silêncio. Não havia o que dizer, sabíamos o que iríamos enfrentar naquele lugar remoto... A questão era: estávamos preparados? Ainda pensava na questão quando o BMW parou no pátio de pedra do palacete. Diante dele, toda a família Von Berg nos esperava para mais uma despedida.

Dentre tantos rostos, um par de olhos cinzentos dividia nossa angústia.

Armand afastou-se do grupo, o rosto se esforçando na fachada confiante.  
– Preparados para partir?

## **Tempo**

### **Armand Poe**

A PRINCÍPIO, eu brinquei com o tempo. De fato, não o respeitava. Vivia com a errônea sensação de que o manipulava a meu favor, de que ele e eu não éramos ligados ao mundo onde existíamos. Esta foi uma das primeiras lições que aprendi com minha maldição: ele e eu somos um só. Eu não o controlo, nem ele a mim, mas sua existência marca a minha de forma impiedosa. Ele me mantém respirando, preso à vida ao meu redor como um expectador, condenado a vê-la chegar e partir. E eu, na maior parte do tempo, o ignoro. Porque assistir às mudanças além do meu controle se tornou minha verdadeira maldição.

Por falar em controle, os tremores em minha pele indicavam a mudança que eu não poderia evitar. Do lado de fora da vidraça, os poucos raios de luz do crepúsculo se tornavam noite, o aviso que eu jamais ignorava. Em outros tempos, os primeiros, eu era rebelde o suficiente para não me importar com a mudança, nem mesmo com minha nudez diante de expectadores. Na verdade, meu único prazer era chocá-los. Mas há bastante tempo as coisas mudaram... E a prudência, que se instalou aos poucos, foi o início de um outro tipo de transformação.

Vincent me disse que eu finalmente tinha amadurecido, e lhe dei um soco por sua conclusão. Mas, mesmo sem admitir, sabia que ele estava certo. Algo mudou. Eu não conseguia ver o mundo da mesma forma que antes. O antigo Armand poderia ignorar o fato, afirmar que não sabia exatamente quando isso aconteceu, mas a verdade é que eu sabia.

Levantando-me do tapete com movimentos cuidadosos, desviei da mesinha de centro e parti para o vestibulo. Melissa levantou os olhos por trás do livro e, com um sorriso ansioso, abaixou-o no braço da poltrona. Nos últimos tempos ela ficava mais ansiosa do que eu pela transformação. Talvez porque sentisse falta de conversar com alguém que não parecesse um cabo desconectado irradiando faíscas. O mau humor de Vincent, sua característica marcante, diminuiu muito depois de Melissa. Seu amor por ela foi um divisor de águas em vários quesitos. Mas, com o fim do exílio se aproximando, meu amigo pareceu concentrar a tensão que deveria ser de todos nós. Eu não o culpava. Ver o volume gigantesco na barriga de Melissa assustava qualquer um, e nem conseguia imaginar como ela conseguia se manter tão calma com o inevitável.

– Vou fazer um chá para nós. Preciso lhe contar sobre esse livro... Quero

saber o que você vai dizer sobre o final da história.

Melissa adorava discutir sobre livros, talvez porque este fosse seu único passatempo aqui. Sabendo do baixíssimo nível de tolerância de Vincent para romances, me tornei seu confidente literário. Embora nunca tenha admitido, ela sabia que eu os apreciava. Na verdade, tentava entendê-los. Suas razões, suas motivações... Ainda que me frustrasse com os finais perfeitos, que eu nunca poderia ter.

Deixei o ar sair pelo nariz, algo que Melissa nunca conseguiu interpretar como insatisfação. Não que sua percepção fosse ruim, ela quase sempre conseguia me compreender com um olhar. Quase sempre. A questão é que não queria decepcioná-la, mas nos últimos tempos, não estava com espírito para discutir romances. Talvez por presenciá-lo diariamente, talvez por não tê-lo há muito tempo... Enfim. Estava longe deste tipo de motivação.

Eu me chacoalhei, deixando escapar um rosnado, que provavelmente seria interpretado da maneira correta.

– Ah... Você está ocupado hoje. – Frases afirmativas eram seu principal meio de comunicação. Com um silvo canino, deixei clara minha concordância. – Tudo bem, mais tarde então. – Como eu poderia negar? Porque o *mais tarde* não era duvidoso, mas um fato. Com um latido breve, espiei a saleta do portal. – Você vai sair, eu entendi. Mas você não quer esperar desta vez? Alice deve vir logo mais... Faz tempo que você não a vê. Pensei que gostaria... – Baixei a cabeça, analisando meus pelos que se acumulavam na trama do tapete. Isso bastou para interrompê-la. – Bem... Eu digo a ela que você mandou lembranças.

Era por isso que eu gostava de Melissa.

Arrastando minha forma canina pelo corredor, me peguei imaginando se estava feliz ou triste por Melissa não possuir o dom da irmã... Lembrar da *minha menina* foi uma péssima ideia.

Não que estivesse arrependido da decisão que tomei, porque era a certa, mas Alice me fazia muita falta. Com ela, aprendi a gostar de uma parte de mim que eu odiava. O cão. E viver com ele na ausência dela era muito difícil. Sentia falta da alegria e da liberdade em minha própria pele, algo que conquistei ao lado dela. Com Alice, eu não era um cão quando estava na forma de Heros. Eu era um amigo. Alguém com quem ela se divertia, aprendia, trocava confidências... E era dessa cumplicidade que eu mais sentia falta.

No começo, não vê-la era torturante. Mas o tempo implacável me mostrou justamente o contrário. Por causa dele, diminuí as visitas. Porque em cada encontro a mudança era inevitável. Minha menina não existia mais. O olhar alegre e o sorriso lambuzado se transformaram em algo desconhecido. As marcas dos anos, que se acumulavam em seu corpo, controlaram seus ímpetos

infantis, as gargalhadas... Alice não queria mais correr pelas colinas, não me contava seus segredos, e já não me olhava como antes. Os anos, ignorados desse lado, levaram minha amiga. E, por mais que me negasse a acreditar, eu sabia... Quando tudo acabasse, eu estaria sozinho com o cão mais uma vez.

Mas ela parecia muito bem sem o amigo fiel. Alice vinha sempre que podia visitar a irmã; algumas vezes, forçou o avô a vir com ela. Ainda que George renegasse a magia em sua vida, precisou aceitar que foi graças a ela que recuperou sua vitalidade. No princípio, ele não ficou satisfeito com a interferência, mas não se zangaria com a neta exilada – e grávida – por tê-lo feito. Pelo contrário, acho que foi a partir daí que começou a admirar alguns benefícios do mundo que ignorava. A começar pela praticidade dos portais de condução. Eu gostava de George. Ele nunca mudou com os anos. Não podia dizer o mesmo de sua neta caçula.

As visitas de Alice não tinham um dia ou horário certo para acontecer, e a diferença de tempo entre as dimensões não colaborava com a previsibilidade. Mas, sempre que via a irmã, os olhos de Melissa concordavam comigo... O tempo era cruel, conduzindo a vida sem se importar com nossa dificuldade em acompanhá-lo. Talvez, por ver o que eu via, Melissa entendeu meu afastamento. Como cão, era fácil ignorar a estranheza da minha antiga amiga... A cordialidade a fazia cumprimentar-me com um carinho nas orelhas e se afastar, ignorando-me em seguida. No entanto, quando estava na forma de homem, tudo ficava ainda pior.

Antigamente, Alice não aceitava dividir seu amigo com um intruso. Agora, essa forma intrusa era um completo estranho para ela. Assim, por inúmeras razões, eu evitava encontrar com a nova Alice. Como cão e, principalmente, como homem. De fato, encontrei justificativas louváveis para minha ausência... a começar pela segurança. Era minha função manter e checar o escudo de ilusão. Mas por iniciativa, ou solidariedade, passei a ajudar Vincent na administração dos negócios, em especial o Bistrô. Nos últimos tempos, minha fatia de colaboração aumentou significativamente.

Calçado e vestido, cumpro minhas responsabilidades com a segurança e, antes de partir para mais uma etapa furtiva de compromissos, me obriguei a conferir alguns documentos no escritório. A previsível desatenção de Vincent se confirmou na falta de algumas assinaturas... Não poderia culpá-lo. Retornando à sala, fui recebido pelo sorriso satisfeito de Melissa, que se ocupava com mais uma árdua discussão sobre o nome do bebê. Pela careta do meu amigo, ela estava vencendo. Sua disposição em irritá-lo era meu passatempo favorito. E, ainda que a discussão o desagradasse, a devoção no rosto de Vincent confirmava que o inferno seria o paraíso ao lado dela.

E, mais uma vez, senti falta do meu passado.

**Valentin**  
**Vincent Dippel**

MELISSA PARECIA uma bomba relógio e ficar assustado era meu estado permanente. Não só porque temia o que iria acontecer depois que nosso filho nascesse, mas também, porque fazia meses que me preparava para uma responsabilidade que, eu sabia, nunca estaria pronto para assumir.

Ela estava serena, encostada à janela, reluzindo a aura Deva com tanta intensidade que precisei inspirar duas vezes para dissipar o poder hipnótico. A ordem de Alex era deixar Melissa calma, e eu fazia isso o máximo que podia. Mas sabia que até a vista da nossa janela a perturbava. Mesmo que nunca assumisse, às vezes eu precisava concordar... A vasta extensão do Deserto Prateado era uma ótima forma de proteção, mas, ainda assim, ter diante dos olhos aquela imensidão de rochas e areia, que se desdobravam em miragens sem fim, era um lembrete de como estávamos isolados. E a expectativa do encontro com a realidade do outro lado do mar de areia crescia junto com a barriga de Melissa.

Aproximei-me devagar, para abraça-la pelas costas, e senti sua respiração acelerar sob minhas mãos. Melissa estava mais cansada nos últimos tempos, mais lenta nos movimentos, mais pensativa... mais redonda. Não precisava de nenhum outro “mais” para saber que o fim de nossa espera estava próximo.

Desci o rosto sobre seu ombro e deixei um beijo suave em seu pescoço, que subiu lentamente até o canto dos seus lábios. Eu sabia que minha proximidade a acalmava, e a confirmação foi o suspiro longo que escapou de seu peito.

– E então, já escolheu?

A voz mansa preencheu meu ouvido com uma dúvida que me perseguia há dias.

– Ainda estou pensando no assunto.

Outro suspiro, curto, impaciente. Não demorou para que Melissa virasse em meus braços. O movimento pedia cuidado e um pouco mais de espaço. Eu recuei, ainda ligado aos calorosos olhos dourados.

– Já disse que, na falta de opções, minha escolha será voto conclusivo.

– Meu filho não vai se chamar *Arthur*, isso já foi discutido. – Não era minha intenção enfurecê-la, mas a careta indignada foi impossível de conter.

Acho que não tive sucesso.

Com um som aborrecido, Melissa manobrou a circunferência que protegia

nosso filho para desviar de mim; alisando a barriga protuberante, se acomodou na poltrona ao lado da lareira para retomar sua última leitura... algo romântico e açucarado, claro.

– *Arthur* é um nome lindo. Não só porque é o nome de um grande amigo, mas porque carrega certa... dignidade.

– Tirar de você seu primeiro beijo, sem o seu consentimento, não me parece nada digno.

O olhar enviesado deixou claro que eu não deveria me aprofundar no assunto. Rangi os dentes, revivendo a gloriosa lembrança do meu punho no queixo do *seu amigo*.

– Não me sobram alternativas, Vincent, já que você mesmo não me deu nenhuma... – Ela acomodou o livro aberto sobre a barriga enquanto jogava os cabelos para trás, a naturalidade de seus movimentos era tão hipnótica quanto sua beleza. – Por mais que admire meu pai, *Eddall* é um nome élfico demais para um descendente de Victor. E concordamos que *Victor* é um nome fora de questão. Por outro lado, eu amo meu avô, mas *George* me parece um tanto antiquado e... – Ela piscou os magníficos olhos dourados antes de franzir o nariz, como sempre, flutuei até ela. – Claro, eu sempre gostei de...

– Não vamos chamar nosso filho de *Júnior*.

– Não ia dizer isso. – Ela mordeu o lábio. – Mas *Vincent* é um nome lindo, é importante para mim. Muito sonoro e...

– É um nome marcado pelo passado. – Percebi a crítica surgir em seus lábios e contornei a justificativa. – E é antigo, como o de seu avô. – Soltei o ar ao perceber que não fui convincente. – Não. Esse nome também está vetado.

– Mas teria significado para mim. – Melissa uniu os lábios em um beicinho magoado. – É melhor me dar uma opção, ou vai ter que conviver com outro *Arthur* em breve.

Eu não sei o que mais assustou, me referir ao meu filho usando um nome que eu desprezava, ou a proximidade assustadora do *em breve*.

Para meu conforto, a análise foi interrompida por nosso cão de guarda, que retornou em sua forma humana com uma pilha de documentos nas mãos.

– Ele pode se chamar *Armand*. Não sei porque vocês ainda não cogitaram a ideia.

– Porque nós te amamos, mas não tanto assim.

Não poderia dizer que a resposta honesta de Melissa ofendeu meu amigo. *Armand* se adiantou para trocar cumprimentos humanos, em interpretações de vozes nada humanas, com o futuro sobrinho. Depois de falar com a barriga de Melissa, retornou sorridente, chacoalhando um calhamaço de papéis em uma das mãos.



– Desculpe atrapalhar seu momento *sem ideias*, mas preciso que revise isso. Os negócios não se conduzem sozinhos, meu caro.

Meu amigo tinha razão e, mesmo à distância, era preciso dedicação para garantir um futuro confortável para minha família. Ainda bem que podia contar com Armand para fazer isso, porque eu nem saberia dizer o que ele tinha nas mãos. Mas sabia que minha desatenção era perdoada, e algumas vezes achei que ele era agradecido pelos motivos que o tiravam da casa quando assumia a forma humana. Talvez meu amigo estivesse cansado de ser nossa babá neste exílio, mas nunca assumiria isso. A nós, ou a ele mesmo.

Armand me entregou a pilha de papéis e espiou Melissa sobre o ombro.

– Então, vocês podiam mesmo cogitar *Armand* para o nome do bebê. É um nome muito bom.

Vistoriando os papéis misteriosos, soltei o ar com frustração.

– Que tal guardar seu nome para um dos *seus* próprios filhos, *Armand*? – O silêncio me fez desviar os olhos dos documentos, e o que encontrei me deixou extremamente desconfortável. – Desculpe, eu não queria...

Meu amigo amaldiçoado levantou uma das mãos, demonstrando descaso quando percebeu que seu abalo foi percebido.

– Você está certo, vou precisar dele e de outros dezenove para nomear minha ninhada. – Olhando a sala de tamanho claustrofóbico, ele colocou as mãos nos bolsos. – Bem, não quero atrapalhar o horário de visitas... por isso reforcei o escudo e conferi a troca da guarda. Os guardiões de fogo acabaram de assumir seus postos, então... – Ele indicou os papéis em minha mão. – Vou aproveitar minha saída para resolver alguns assuntos do outro lado. Volto mais tarde.

Armand ergueu os olhos para o relógio de seis ponteiros acima da lareira, deixou um aceno para Melissa e, sem perder tempo, se dirigiu para o portal de direcionamento no cômodo ao lado. Quando ele sumiu do meu campo de visão, um livro me atingiu nas costas. Eu me virei surpreso, encarando lindos olhos cheios de censura.

– O livro não era bom?

– Pelo contrário, ele era ótimo! E você com certeza deveria lê-lo.

– Desculpe, mas se a ideia era uma indicação, a sugestão física me deixou confuso.

Melissa apoiou as mãos nas costas, curvando-se para frente com graça, desenvoltura, e... amplitude.

– Não acredito que disse aquilo. Você o magoou!

– Você sabe que não tive a intenção. – Desviei o rosto dos olhos dourados para pegar o livro no chão.

– Então diga isso a ele. Agora!

A ordem foi direta, e eu não era louco para desacatá-la. Mas isso era mais complicado do que sua fúria.

– Eu vou, assim que ele voltar... sei que Armand gosta de ficar longe do deserto quando pode, mesmo com Alice aqui.

Melissa soltou o ar com indignação.

– É por causa dela que ele saiu! – revelou, como se aquilo fosse óbvio.

Para mim, certamente não era.

– Mas Armand adora Alice.

– Exatamente! Se não percebeu, minha irmã cresceu, Vincent... Se eu fico chocada e perdida todas as vezes que a vejo, imagine o que acontece com ele. Alice vai completar dezessete anos daqui a alguns meses... Bem, em meses do Mundo Físico, e já faz muito tempo que não vê Heros como um amigo ou companheiro. E isso o machuca. – Melissa suspirou tristemente. – O *tempo* se tornou o pior inimigo de Armand.

Franzi os olhos para sua conclusão e aos poucos percebi que ela estava certa. Não éramos os únicos confinados no Deserto Prateado.

– Eu vou... conversar com ele. Tentar ajudá-lo. Acho que devo isso ao meu amigo.

– Nosso amigo. – Melissa desviou os olhos para a janela, acariciando nosso filho dentro da barriga. – Você, definitivamente, precisa ler mais romances, Vincent.

Eu sabia das consequências da maldição de Armand e, avaliando a solidão do quadro presente, precisava dar razão à Melissa... Feri-lo com algo tão pessoal foi injusto. Mesmo que meu amigo preferisse ter as unhas arrancadas a retomar o assunto desconfortável, isso não diminuía a necessidade de uma retratação. Ainda mais quando esse amigo abrisse mão da própria liberdade para nos ajudar.

*O palavrão em minha mente foi merecido.*

Eu era a prova de que o desejo de uma família existia no íntimo abissal da alma. Justamente na parte couraçada, que se dizia invulnerável ao zelo ou amor incondicional. Mesmo nunca desejando uma, eu amava fervorosamente a minha. Daria a vida por Melissa e por meu filho. E nunca, em tempo algum, poderia me imaginar sem eles. Essa certeza me fez sentir culpado. Porque eu queria o mesmo para alguém que considerava um irmão.

Arrastei-me até o escritório da casa modesta, certificando-me de que a culpa era mesmo uma condição terrível de aprendizado. Passei um bom tempo analisando os documentos de Armand e, quando tudo fora revisado no mínimo três vezes, resolvi organizar a bagunça de papéis que ocupava minha mesa... Devia isso ao meu amigo.

E ali, esquecido sob uma pilha de folhas e arquivos, me deparei com o

Gramaire das sombras. Fazia muito tempo que eu não consultava aquelas páginas. Debruçando-me sobre o livro violeta dos meus ancestrais, eu o abri devagar. Não angustiado por respostas, como sempre fazia, mas distraidamente, demoradamente, como se lembrasse de um sonho distante. A análise detalhada rendeu-me uma surpresa. Colado à última página pelo selo da família, encontrei um papel dobrado que eu nunca havia notado antes...

*Meu filho,*

*Não quero que estas palavras sejam um conselho, mas um legado. E, se eu não estiver mais aqui, que elas sirvam de alicerce e conforto. O momento não é favorável para nossa linhagem, e temo que nunca seja. Talvez nosso mundo tenha se tornado tão cego quanto o outro; por isso, mudanças serão necessárias. Suas escolhas, boas ou más, fazem parte de seu aprendizado, e vão determinar se você acredita ou não na perseverança do destino. A responsabilidade por suas escolhas vai trazer o medo de falhar, mas lembre-se, o erro é necessário para aprimorar sua visão da vida. As desventuras não serão explicadas, mas delas virão oportunidades para o renascimento. A vida pode ser inconstante, como uma folha voando ao vento, mas, mesmo que ela repouse sobre uma rocha firme, não quer dizer que seu caminho chegou ao fim. Então, viva. Ame. Lute. E se o arrependimento lhe importunar, mude. Transforme. Recrie. Você nasceu dentro de uma linhagem, mas o livre arbítrio garante que ela não tem poder para aprisionar seu coração. Você não precisa aceitar a história que construímos, porque tem poder para modificá-la. Com suas decisões. E, ainda que tenha dúvidas, não desista de continuar. Porque sempre vou acreditar em você.*

*Valentin Dippel.*

Olhei longamente para o papel em minha mão. Para a sabedoria incrustada naquelas palavras, lembrando-me da preciosa memória do homem que eu não conheci, mas que tentava orgulhar com minhas decisões. E, de repente, o nome de meu pai se tornou o eco dos meus desejos, das minhas descobertas. De tudo que eu esperava da vida. De tudo que eu desejava ao meu filho.

Levantei-me ainda com a carta nas mãos, ansioso para contar à Melissa sobre minha decisão... Mas parei no corredor ao entender a cena que encontrei na sala.

Melissa se segurava à poltrona com uma das mãos, enquanto a outra apoiava a barriga. Seu corpo estava curvado, como se ela tivesse sido pega de surpresa... Em sua expressão marcada pela alegria, também havia dor... Pisquei uma vez. Era hora.

Valentin estava a caminho.

## Tempo

### Alice Wels

Desci da caminhonete com pressa e, enquanto meu avô cumprimentava o guardião das sombras parado em nossa varanda, eu me dirigi para a lateral da casa, na direção do bosque.

– Vou até o palacete!

Com a famosa expressão contrariada, meu avô ajeitou as calças na cintura.

– Já está tarde, Alice! Isso não pode esperar até amanhã?

– Amanhã é dia de visita, e prometi à Melissa que ia levar bolo de cenoura com cobertura de chocolate... Ela está com desejo de novo. E finalmente achei o caderno de receitas da vovó! Aquele de que ela tanto fala! – Enfiei a mão no bolso da mochila e puxei o volume encadernado que havia encontrado no baú.

Meu avô franziu os olhos.

– Você não sabe cozinhar, Alice...

– Por isso estou indo ao palacete, Aristela disse que ia me ajudar.

– Por que não procura Lucila no restaurante?

– Porque, se o tio Arthur estiver por perto, não vai sobrar nem mesmo uma migalha!

Meu avô soltou o ar, balançando a cabeça enquanto apoiava as mãos na cintura.

– Quase dez anos de desejos... É muito tempo! Ainda bem que estamos no fim disso.

Sorri. Meu avô era um otimista nato e eu admirava o fato de ele encarar as dificuldades com humor. Sabíamos muito bem o quanto esses *quase* dez anos foram difíceis, mas vê-lo aceitar o fato de que nossa espera estava no fim também me dava ânimo. Esse era nosso trato secreto: apoio mútuo para enfrentar a saudade.

– Não me espere acordado, vou pedir para Aristela voltar comigo.

Acenei brevemente para ele e para o guardião de armadura negra ao seu lado, depois, disparei pelo bosque da montanha em um caminho que poderia fazer de olhos fechados. Mesmo no escuro, desviei dos outros três guardiões, porque sabia onde cada um deles estava; e pulando galhos, alcancei o portal da montanha. Cruzando com outros cinco guardiões, atravessei outro portal, que ligava a Colina da Luz ao Jardim Vermelho... Eu fazia aquele caminho todos os dias, há anos, e conhecia todas as outras passagens na divisa do Mundo Mágico.

Como dizia Aristela, eu havia me tornado perita nos caminhos mais curtos até o palacete, e me orgulhava de saber muito mais que a maioria dos magos da minha idade. Esta foi a grande vantagem de começar meu aprendizado com tão pouca idade.

O volume de conhecimento que adquiri sobre o Mundo Mágico era invejável, assim como as habilidades, que eu aprimorava com empenho capaz de surpreender minha tutora.

Como a formalidade exigia, cumprimentei alguns duendes que vigiavam a saída do Jardim Vermelho e, contornando os muros do palacete, me apressei para a entrada dos fundos... Embora morasse no Mundo Físico, era uma das poucas magas, além de Nicolau, que conseguia calcular as horas no *Relógio do Tempo* da Sala do Portal. Sabia que as horas aqui seriam minutos para minha irmã. E, entre o preparo do bolo e a noite de sono que me aguardava, eu precisava me apressar.

Aristela deveria estar me esperando na cozinha, por isso, entrei no cômodo amplo chamando por minha tutora... Mas, para minha surpresa, outra pessoa respondeu meu chamado.

– Ela não está, precisou ir até o Conselho com meu pai.

O leve sotaque francês não se comparava ao de Aristela; ainda assim, a voz rouca de Armand era inconfundível.

Estaquei no lugar, apertando a alça da mochila no ombro.

Ele estava sozinho, sentado à grande mesa diante de uma xícara de chocolate quente. Eu nunca admitiria isso, mas ele me intimidava. Muito. Talvez pela postura rígida e impessoal, que deixou impressões fortes em minha infância, talvez pelos olhos do meu amigo canino, roubados por um humano estranho. O fato é que nunca sabia o que fazer diante dele. Em minha memória, Armand era a porção triste de Heros, o rapaz de cabelos cinza e olhar melancólico que chegava todo fim de tarde para levar meu amigo feliz. Por mais que soubesse que eles eram um só, não conseguia ser eu mesma diante dele. E o que mais incomodava era saber que aqueles olhos aprisionavam alguém que eu conhecia tão bem.

Mas eu não era mais uma garotinha.

– Ah... – Disfarcei meu silêncio com uma surpresa verdadeira. Forçando meus movimentos, dei mais alguns passos até a mesa de madeira. – Esperava encontrá-la aqui. Na verdade, havia marcado um encontro.

– Foi uma convocação urgente de Camilla. Depois de tanto tempo, parece que Anasor finalmente conseguiu rastrear os caminhos do portal de direcionamento no ofício de Victor. Se eles descobrirem de onde Ludwig partiu, teremos uma pista do *traidor*.

– Isso é bom... – essa era minha deixa, poderia encerrar a conversa cordial e me despedir. Hum – Porque ainda acho que há mais alguém... Pelo que Melissa contou, e ela me contou *todos* os detalhes daquela noite; não acredito que a outra Deva fosse cúmplice de Ludwig. Não naquele ataque.

– Também acho que concluir isso é precipitado. Sempre me pareceu que o traidor tem facilidades, e uma delas é a capacidade de apagar seus passos... antes que o Conselho ou qualquer um chegue a ele.

– Talvez seja por isso que o Conselho tenha se apressado em culpar a Deva. A função deles é evitar o pânico no Mundo Mágico, e depois de tanto tempo, a crise está prestes a explodir... Neste caso é melhor ter alguém para culpar do que admitir que o cúmplice de Ludwig ainda está à solta.

Armand concordou, pensativo. Sem saber como agir diante do seu silêncio, coloquei minha mochila sobre a mesa. Ele acompanhou o gesto, unindo as sobrancelhas. Só então me lembrei de que o formato da mochila era o rosto de um cachorro. O tecido cinza reforçado tinha enfeites perto da alça, basicamente, orelhas de pelúcia. Mais ao centro, olhos de plástico no mesmo tom do tecido... Aquilo foi constrangedor.

Ele levantou o rosto, lutando contra o sorriso triste que curvava o canto dos lábios para baixo. A nebulosidade nos olhos cinzentos ganhou um brilho quase hipnótico. Aquele era o olhar que me intimidava.

– Gostei da mochila.

Desviei os olhos, ajeitando os fios de cabelo que escapavam da trança volumosa.

– Obrigada. Eu gosto de... – A palavra *cachorros* seria estúpida. Engoli em seco, correndo desesperadamente os olhos pela cozinha. – Será que Lume está por aqui? Não tenho muito tempo e preciso voltar logo.

– Não que eu saiba. – A voz rouca chamou minha atenção novamente. – Você veio sozinha?

Assenti, esforçando-me na respiração, que por algum motivo ficou difícil.

– Nenhum guardião a acompanhou? – Ele pareceu indignado. – Isso é perigoso, Alice. Sei que está familiarizada com os caminhos, mas não deveria circular pela montanha à noite, sozinha.

Apoiei as mãos na mesa, também indignada, mas com seu julgamento. *Eu*, mais do que ninguém, sabia como era viver cercada de segurança, seguida por guardiões que se camuflavam nas sombras onde quer que eu fosse... para me proteger de um mal que eu mesma nunca havia visto de verdade.

– Há guardiões em todos os portais, Armand. Eles não precisam me seguir porque estão por todo o caminho. Além disso, fui treinada durante anos. Sei me defender. – Soltei os ombros ao perceber meu tom quase ríspido e, com uma

breve expiração, levantei uma mão na sua direção. – De qualquer forma, não estou sozinha. Você está aqui.

A constatação pareceu pegá-lo de surpresa e sua postura, habitualmente rígida, pareceu insegura.

– Você disse que precisa de ajuda... Posso tentar ajudá-la. – Ele hesitou. – Se quiser.

Olhei para minha mochila, lembrando-me da promessa que fiz a Melissa... E, no fim das contas, eu era uma boa irmã. Encarei os olhos cinzentos, que de alguma forma ainda eram familiares. E, sem nem mesmo saber o motivo, suspirei.

– Bem, eu não sou muito boa nisso. – Puxei o livro de minha avó de dentro da mochila, abrindo-o na página certa. – Esperava que Aristela ou Lume pudessem me ajudar com uma receita. É um bolo. Para Melissa.

Ele levantou uma sobrancelha.

– Deixa eu adivinhar... Mais desejos?

Pelo visto, isso não era uma piada apenas para mim e de meu avô.

– Pois é. – Não pude deixar de sorrir.

Incentivado por meu humor, Armand riu. Uma risada longa e constante que iluminou o rosto tristonho, acendendo uma chama calorosa em meu peito. Aquele som me lembrava algo há muito perdido.

– Desculpe, eu gosto muito de sua irmã, mas imagino que é muito tempo para alguém acumular desejos. – Armand se levantou e, curvando-se sobre a mesa, girou o livro para espiar a receita. – Acho que posso dar conta disso. Se você quiser, é claro.

– Eu sei que pode. – Ele estava sendo modesto, era óbvio. Mesmo aparentando pouca idade, Armand acumulava bons anos de experiência como chef. E mais alguns que eu nem imaginava. Todos sabiam que ele era o responsável pelo impecável cardápio do Bistrô das Sombras, reconhecido em todo o Mundo Mágico... até mesmo na Terra da Luz. – Eu me lembro daquele bolo de aniversário que você fez quando eu era criança... O de cobertura rosa. Foi um dos melhores aniversários que tive... – falei distraída, retorcendo a trança que pendia em meu ombro. E lá se foi outro suspiro. Limpei a garganta. – Seria ótimo se pudesse me ajudar.

Armand não se mexeu, não falou. Eu não ouvia nada, nem mesmo sua respiração. Curiosa, levantei os olhos, deparando-me com uma expressão diferente de tudo que já havia visto naquele rosto estranhamente familiar. E me vi presa pelo brilho dos olhos cinzentos. Por mais tempo do que estava acostumada.

– Eu sempre vou te ajudar, Alice.



A intensidade da voz rouca arrepiou minha pele e, confusa, senti o rosto corar. Não sabia ao certo porque estava tendo aquelas reações a Armand, e preferi não pensar no assunto.

– Obrigada. – Com um sorriso incontrolável eu me afastei, retirando o agasalho. Eu o deixei sobre a cadeira e fui inspecionar o armário de mantimentos. – Mas preciso esclarecer uma coisa... Não tenho a mínima ideia do que fazer. Não levo jeito para isso e provavelmente vou estragar tudo. – Olhei para as prateleiras repletas de potes e frascos de vidro. – A única coisa que sei fazer na cozinha é pipoca de micro-ondas. Então, é melhor você assumir daqui.

Eu estava agindo como uma idiota, mas, de alguma forma, isso pareceu divertir o mago de olhos cinzentos.

– Sem problemas.

Armand deixou o livro sobre a mesa e, passando muito perto de mim, curvou-se para o armário. Era impossível não notar a desenvoltura do corpo esguio, a estatura que marcava presença no ambiente, ou ainda os músculos de suas costas, esticando-se sob a camisa justa... Engoli em seco quando ele se virou, e percebi que continuava perto demais. Armand colocou alguns potes em minhas mãos e recuei um passo, voltando aos pensamentos coerentes.

Depois, ele reuniu assadeiras, tigelas, e utensílios que eu nem imaginava existir. Com habilidade, dobrou as mangas da camisa, expondo braços fortes e mãos hábeis ao lidar com todo tipo de ingrediente. Por mim, ficaria assistindo as manobras orquestradas de suas mãos, mas, em determinado momento, *ele* pediu minha ajuda. Como uma boa voluntária que não tinha a mínima ideia do que estava fazendo, achei melhor proteger minha saia nova com um avental improvisado. Depois de prender o pano de cozinha em minha cintura, segui suas orientações, mexendo sem parar uma panela com leite e chocolate picado.

– Você leva jeito...

– Não tenho tanta certeza.

– Eu poderia ensinar você a cozinhar.

– Quem sabe um dia, quando me sobrar algum tempo entre os estudos e a magia... – falei distraída, observando seus movimentos cuidadosos ao colocar a massa do bolo no forno. – Por enquanto, prefiro fazer como meu avô, inventar maluquices digeríveis na cozinha e apreciar a comida de Lucila, nossa vizinha. – Mais algumas voltas distraídas com a colher de madeira... – Ela é dona de um restaurante no centro da cidade. Eu e meu avô estamos quase todos os dias lá. Com a correria, acaba sendo bem prático. – Armand se aproximou, pensativo. Provavelmente se lembrava dos meus vizinhos, mas eu não tinha certeza. – O filho dela, Arthur, é o prefeito agora. Acho que se lembra dele... é amigo de Melissa. Aquele que irritava Vincent no começo. – Ele assentiu, observando o

ritmo das minhas mãos ao mexer a panela. Esforcei-me no movimento contínuo, talvez para impressioná-lo. – O tio Arthur se casou há alguns anos com outra amiga da minha irmã, a tia Rose.

Levantei o rosto da panela e me deparei com Armand, mais uma vez, muito perto.

– Sim, eu me lembro deles.

Nervosa, levantei a voz sem necessidade.

– Ficamos sabendo ontem que a tia Rose também está grávida! Não vejo a hora de contar isso para...

Surpreendendo-me com um gesto firme, Armand colocou a mão sobre a minha, freando meu movimento apressado e voltando aos círculos regulares. O calor de seu toque, ou sua proximidade, me fez pular para trás. Quase derrubei todo o chocolate no chão. A habilidade de Armand ao conter o desastre provavelmente lhe causou uma queimadura. Se aquilo doeu, ele não exteriorizou o desconforto.

– Desculpe... Eu avisei que poderia estragar tudo.

Armand me olhou com curiosidade.

– Não, você fez tudo certo. – Ele pausou, de repente concentrado. E lá estava aquele olhar que me perturbava. – E, por mais que diga o contrário, parece muito à vontade na cozinha... – Assumindo meu lugar diante da calda de chocolate, ele continuou. – Você adorava ficar aqui comigo quando era criança.

– Porque eu adorava comer. Era uma criança gulosa.

– Não era. – Ele defendeu imediatamente. – Você era ativa demais, precisava repor energia.

Eu em remexi, incomodada. Com um gesto rápido, retirei o pano de prato preso à minha saia jeans, ajustando a camiseta justa na cintura.

– Mas eu exagerava. Todos achavam bonitinho me dar comida... Ainda bem que não fiquei gorducha. – Armand me espiou sobre o ombro, de cima a baixo. Seu olhar atento me fez corar mais uma vez. Cruzei os braços, desviando sua atenção. – E, na verdade, eu ficava com o Heros.

Armand desligou o fogo e, virando-se para mim, voltou a ser o estranho triste das minhas lembranças.

– Somos um só, Alice.

Eu me apertei em meu abraço, desconfortável.

– Eu sei. – Encarar aquele rosto foi diferente agora... Algo nos olhos cinza acelerava meu coração. Por mais que tentasse evitar, a necessidade de ser sincera parecia me controlar. – Acredite ou não, ainda é difícil me acostumar com isso. E parece ainda mais difícil tentar explicar, mas... Às vezes, sinto falta dele. Apenas dele. Heros. Ele era meu... amigo. Você entende?

Armand baixou os olhos e não disse nada, apenas assentiu.

Um longo momento silencioso se passou até que a voz rouca chegou até mim com uma espécie de proposta.

– Bom, ele ainda está aqui. Se quiser falar com ele.

Quando ele levantou os olhos, eu o vi. Não o homem, mas meu amigo.

MAIS TARDE, naquela noite, Armand me acompanhou até em casa. Havíamos conversado por horas... Sobre minha vida, os estudos no Mundo Físico, magia, sua paixão pela culinária, minha irmã, seu melhor amigo... E, claro, sobre o futuro do *nosso* sobrinho. Porque ele insistia em dizer que também era *tio* do bebê de Melissa e Vincent.

Estar com Armand foi diferente de estar com Heros. Não pela forma externa, mas porque, com Armand, eu consegui alcançar outra forma de comunicação. Uma não consciente, que se estabelecia em gestos, expressões, sorrisos e olhares. Fascinada, respondi a cada estímulo de forma espontânea e desajeitada. E essa, definitivamente, não era eu.

De alguma forma, reestabelecer essa amizade foi algo natural. Ela não era como a antiga, mas também não poderia ser chamada de nova... Então, compreendemos, o que tínhamos era único. Isso foi estranho. Conhecer alguém por toda a vida e de fato não saber quem ele era.

NO DIA SEGUINTE, ainda de manhã, voltei ao palacete. Lume havia acomodado o bolo em uma linda travessa, se desculpando pela ausência na noite anterior. Aristela tinha um discurso um pouco diferente, que justificava sua ausência com algumas novidades sobre a investigação dos caminhos do portal do ofício... Segundo ela, Armand havia se prontificado a fazer outras verificações. O que me deixou curiosa, claro. Eu tinha novas teorias e agora estava ansiosa para saber as dele, principalmente por saber que dividíamos a mesma opinião sobre o caso.

Enquanto eu me perdia em possibilidades, imaginando uma forma de acompanhar estas novas investigações, Aristela rondou meu pensamento. A maga telepata queria apenas oferecer sua companhia na visita à Melissa e Vincent... e levantou uma sobrancelha ao sondar meus pensamentos. Alguns truques aprendidos com minha irmã mais velha eram muito úteis e, concentrando-me nas médias das provas bimestrais, escapei de sua atenção. O esforço na distração precisava ser convincente, mas, depois de subir no portal de pedra com minha tutora, isso não foi difícil.

Assim que a chama rosa diminuiu sobre o portal da casa pequena no Deserto Prateado, eu me apressei para a sala. Estava ansiosa para mostrar à

minha irmã o fruto do meu esforço, contar sobre a aproximação de Armand e a gravidez de Rose... Mas tudo perdeu sua importância quando vi Melissa curvada sobre ela mesma na poltrona ao lado da lareira.

– Alice! Aristela! – Vincent nos chamou do corredor, ele vinha do quarto com uma manta nas mãos. De forma apressada e desajeitada, colocou-a nas costas de Melissa, depois a ajudou a se levantar. – Estávamos indo para a montanha. Por favor, diga-me que Alex está lá!

Aristela rompeu seu torpor e se apressou para ajudar a apoiar o corpo curvado de minha irmã.

– Oh, *mon cher*, temo que não! Quando saímos, ele tinha acabado de ir para o Conselho com Viviana, precisavam averiguar algumas informações da investigação...

Um gemido de Melissa interrompeu a maga e foi seguido por um palavrão em alemão. Mesmo sendo repreendido pela voz ofegante, Vincent o repetiu outras três vezes.

O instinto me alertava que o pânico masculino não iria ajudar em nada neste momento e, unindo lógica e alguma coerência, que obviamente faltava os demais, assumi o controle. No segundo gemido de Melissa, larguei a travessa de bolo na primeira superfície que encontrei e, tomando a mão de minha irmã, ocupei o lugar de Vincent ao seu lado.

– Alex não está, mas Lume está. Tenho certeza que ela vai saber o que fazer. – Falei decidida, levantando os olhos para o mago das sombras perdido. – Vá na frente, Vincent. A velocidade de uma viagem pela sombra pode ser prejudicial para Melissa e o bebê, por isso nós a levaremos pelo portal. Você vai chegar mais rápido, então alerte a todos!

Percebi minha irmã sorrindo, talvez agradecida, talvez surpresa. Aristela não pareceu diferente.

– Alice tem razão, *mon cher*... Vá, e peça à Lume para se preparar. Chegaremos em seguida.

Vincent levou mais alguns segundos para concordar. Ele observou enquanto amparávamos Melissa até a saleta do portal de condução, e desapareceu na sombra no instante seguinte. Enquanto ajudava minha irmã a subir no elevado de pedra, ela apertou minha mão com um sorriso cansado.

– Obrigada, Alice.

Devolvi seu sorriso com confiança.

– Vai dar tudo certo, Tata. Estou com você.

Abraçadas, deixamos a chama rosa nos consumir... e o tempo voltou a correr.

## Retorno

AQUILO, COM CERTEZA, foi uma das coisas mais difíceis que fiz na vida!

Exausta, eu tinha ciência da presença de Lume, ainda ajeitando os lençóis limpos, e também ouvia a voz de Aristela no corredor, segurando a fila de visitantes ansiosos... Mas de forma alguma conseguia desgrudar os olhos de Vincent, andando de um lado a outro no seu antigo quarto com nosso filho nos braços.

Ao perceber minha atenção, ele voltou até a cama e, sentando-se ao meu lado, colocou a pequena trouxinha de lã em meus braços. Enquanto eu aconchegava Valentin, protegendo-o do frio da montanha, Vincent se curvou para beijar delicadamente meus lábios.

– Obrigado – disse com intensidade. – Eu não sabia o que era felicidade até esse momento.

As palavras de ternura e admiração encheram meu coração com amor. Hipnotizada, pisquei lentamente. Naquela fração de segundo eu vi o futuro... Talvez não o que eu imaginava, mas não importava. Agora eu sabia, com meus amores ao meu lado, ele seria perfeito.

ESTÁVAMOS NO PALACETE há quase três semanas e tudo indicava que não deixaríamos o reduto dos Von Berg tão cedo. Todos justificavam que este era o melhor lugar para eu me recuperar, porque dispunha de todo auxílio e segurança, mas no fundo sabia que nenhum dos integrantes dessa devotada família queria ficar longe de Valentin.

Nicolau e Aristela agiam como avós radiantes, dispostos a qualquer esforço para adaptar a casa a essa nova vida... Até mesmo minimizar as sonoras confusões que eram quase rotina nos jardins da casa. E, se os conselheiros se empenhavam na diplomacia, Lume se esforçava ainda mais. A elfo de fogo passou a controlar sua voz estridente, evitava os duendes e estava sempre a postos para qualquer necessidade... Por muitas vezes, cheguei a achar que ela também lia minha mente. Viviana e Alex também eram figuras presentes, se intitulavam padrinhos de Valentin e não houve sequer discussões sobre o assunto. O que mais eu poderia desejar além de uma madrinha *fada*, com paciência infinita para embalar meu filho, e um padrinho capaz de curar qualquer indisposição ou cólica?

Não poderia ignorar o carinho e cuidado que recebíamos aqui, mas, depois

de meses no ritmo vagaroso do Mundo Mágico – *ou anos afastados da loucura acelerada do Mundo Físico* –, ainda precisávamos nos adaptar a uma vida que dependia de nós... de nosso tempo livre, e da maioria das nossas horas de sono. Neste ponto, estar no coração da montanha, endereço certo de balbúrdias de duendes incontroláveis, definitivamente não combinava com a tranquilidade que desejávamos. Mas, tinha que admitir, a casa de vidro não poderia reunir a proteção que tínhamos aqui. Cada mínima confusão era uma tensa avaliação de nossa segurança, confirmando que todos no palacete estavam em constante estado de alerta.

Mesmo com a guarda dos jardins redobrada, escudos mágicos e a presença de magos experientes, eu sabia que cada rosto ao nosso redor apenas fingia tranquilidade. Não tínhamos sinal de Ludwig e, embora as investigações do Conselho sobre o traidor declarassem que Lorelei era sua cúmplice, eu não estava certa disso. Por insistência de Anasor e Camilla, as investigações continuaram, mas não demandavam tanta preocupação quanto a captura do mago das sombras. Enquanto isso, eu estava mais uma vez restrita às paredes que me protegiam. Havia repousado por tempo suficiente para recuperar a energia gasta na gravidez, meu corpo havia se recuperado do parto... Mas convencer os outros de que estava recuperada era um desafio. A começar pelo meu próprio consorte.

Vincent estava mais protetor do que nunca, um felino raivoso pronto para colocar suas garras no primeiro que perturbasse sua família. Enquanto isso, eu só desejava retomar uma parte da minha vida... comum e normal.

Em suas visitas diárias, George se encarregava de trazer notícias deste Mundo Físico de que eu sentia tanta falta. Meu avô parecia disposto a ignorar a presença da magia para estar perto de seu bisneto, mas eu sabia que esconder duendes e bolas de fogo dos meus antigos vizinhos era impossível.

Saber que eles estavam tão perto aumentava a saudade, assim como o desejo de apresentá-los a Valentim...

– Foi mesmo uma pena eu ter perdido o casamento de Arthur e Rose. E pensar que já fazem dois anos!

Meu avô colocou Valentim no *bassinet* de madeira com um sorriso satisfeito; só depois notou o pesar em meu rosto.

– Não fique assim, Mel, agora você vai poder estar presente em outro momento importante da vida deles. Vai poder acompanhar a gravidez de Rose, dividir suas experiências, e tenho certeza que eles vão ficar muito contentes com isso.

– É, acho que sim. Só não sei quando vou poder fazer isso.

Mudei de posição na poltrona, que agora parecia confortável demais. Meu avô avaliou minha frustração, depois fitou o rosto adormecido de Valentim.

– Você se sente bem? Mesmo?  
– Definitivamente. Só estou cansada de ficar presa. – Um suspiro se uniu à minha resposta.

Meu avô se empertigou.

– Então, porque não anuncia seu retorno à cidade de uma vez?

Outro suspiro tristonho.

– Ainda não é seguro deixar o palacete e a proteção da montanha.

– Sei que esse lugar parece uma fortaleza, mas nossa casa também fica dentro da montanha... Além disso, temos aqueles brutamontes que moram nas sombras da minha varanda. Eles devem servir para alguma coisa.

– Opa, o que você está sugerindo?

– Você acabou de ter um bebê, Mel. Todos iriam entender se você resolvesse encontrar Rose e Arthur em nossa casa.

Não pude deixar de me animar com a ideia, mas ainda havia mais um empecilho.

– Ainda precisaríamos convencer Vincent.

– Bem... Se é o que você quer, pode contar comigo para ajudar na persuasão.

Esbocei um sorriso, agradecida pelo esforço do senhor de idade avançada que vendia disposição.

– Opa... Vincent é especialista na arte da persuasão.

Meu avô preferiu não questionar, ele sabia que vencer as barreiras cautelosas do mago das sombras não era tarefa fácil. Ainda assim, manteve o tom confiante.

– Então vamos ter que nos esforçar.

Desta vez eu sorri de verdade, agradecida pelo apoio de quem sempre estaria ali para me ajudar... No que quer que fosse. Levantei da poltrona para um abraço quando duas batidas leves na porta anunciaram mais visitas. Alice entrou no quarto de mansinho, dando passagem para Aristela, que carregava uma bandeja.

– Olá, *ma chère*! Trouxemos seu almoço.

Espiei o conteúdo da bandeja, que poderia alimentar uma pequena família... O esforço da maga para me manter nutrida chegava a ser exagerado. Aristela logo me deu uma repreensão mental por me ver de pé e, deixando a bandeja sobre a mesa de canto, foi afofar os travesseiros, indicando onde deveria me recostar.

– Na verdade, Aristela, pensei em me juntar a vocês na cozinha para...

A resposta da maga veio antes que eu finalizasse meu argumento.

– Você ainda está de repouso, Melissa.

– Posso garantir que me sinto muito bem. Acho que até Valentim está ansioso para deixar este quarto. Na verdade, se continuarmos aqui, *eu* sou capaz de enlouquecer!

Olhares se cruzaram e percebi que Alice ria.

– Eu disse que ela não ia aguentar muito tempo.

A observação de minha irmã arrancou um suspiro impotente de Aristela. George acompanhou o humor da neta mais jovem e, com a desinibição adquirida nas visitas das últimas semanas, levou uma das mãos ao ombro de Aristela para confortá-la.

– A determinação sempre foi um traço marcante da herança dos Wels. – Meu avô não escondeu o tom orgulhoso.

Aristela jogou as mãos para o alto.

– Muito bem, eu pego Valentim. – A maga caminhou para o *bassinet* de madeira. – Alice, ajude sua irmã na escada... E desçam devagar. Por via das dúvidas, é melhor ter algum cuidado.

VINCENT INVADIU a cozinha medieval intempestivamente no final do almoço, parando logo depois de cruzar a porta. Pelo olhar furioso, não gostou de encontrar seu antigo quarto vazio. E, mesmo que sua expressão irritada dispensasse uma legenda, ele colocou sua frustração em palavras.

– Porque deixaram que *ela* saísse do quarto?

O mago julgava com pouca cordialidade os rostos ao redor da grande mesa... Aos seus olhos, meus cúmplices. Limpei minha boca no guardanapo de linho enquanto devolvia seu olhar cortante.

– Acho que posso falar por mim, Vincent. E, como pode ver, estou me sentindo *muito* bem. Até mesmo para discutir com você.

Risadas se espalharam ao redor da mesa, enfurecendo o mago das sombras.

– Você não deveria estar aqui, Melissa, ainda precisa descansar. Além disso, Valentin é muito...

– Não estou doente, Vincent, apenas tive um bebê. E posso garantir que Valentin adorou conhecer a casa. – Indiquei o bebê envolto em uma manta que dormia confortavelmente nos braços de Viviana. – Nosso filho é saudável e resistente, assim como eu. Deixe de paranoia.

Alex se levantou na extremidade oposta da mesa e, exibindo um sorriso confiante, caminhou ao encontro de Viviana.

– Fique tranquilo, Vincent. Posso garantir que mãe e filho passam muito bem.

Com um sinal para a elfo de luz, Alex se despediu de seu afilhado. Viviana pareceu relutante, mas se aproximou do mago carrancudo para deixar Valentim



em seus braços.

– Se nos derem licença, está na hora de nosso turno na vigília.

Com um breve aceno para Nicolau e Aristela, os elfos deixaram a cozinha. Vincent acompanhou a saída do casal de amigos com os olhos e, ajeitando nosso filho nos braços, voltou aos resmungos.

– Ainda acho que você deveria esperar mais alguns dias, Melissa...

Um grande cachorro cinza se moveu ao lado da lareira e passou por Vincent com um rosnado, que evoluiu para um latido moderado. Heros levantou a cabeça na direção da mesa e Alice se levantou imediatamente. Deixando um beijo no rosto de George, a jovem maga de cabelos vermelhos se aproximou de Vincent em tom conspiratório.

– Heros disse que você não vai conseguir convencê-la do contrário. E que sabe disso. – Com um carinho no sobrinho, Alice piscou um olho para mim. – Acho que você é voto vencido, Vincent.

O mago das sombras levantou os olhos para os rostos que se enfileiravam ao meu lado, e a tenacidade neles dava fim a qualquer argumento. Este era o fim da discussão. Fui ao encontro do mago que embalava nosso filho e, com um sorriso apaziguador, estiquei-me na ponta dos pés para um beijo em seu queixo. No segundo suspiro do mago, tomei Valentin em meus braços.

– Por falar em esperar, você perdeu o almoço.

Vincent ajeitou a manta do bebê em meu ombro, e só depois pareceu relaxar.

– Estava do outro lado, na Terra das Sombras. Fui me inteirar das investigações sobre os caminhos do Portal do Ofício que podem levar ao traidor... – Procurando algo próximo ao chão, Vincent levantou uma sobrancelha. – Fiquei surpreso ao saber que Armand e Alice estão fazendo segredo sobre as novas pistas.

O espanto do mago foi compartilhado. Meus olhos procuraram a maga de cabelos ruivos.

– Alice? Desde quando você está envolvida nas investigações do Conselho?

Ela estava perto o bastante para eu ouvir seus lábios estalando. Sua resposta foi bastante técnica:

– Não estou. Armand e eu estamos fazendo algumas pesquisas independentes, e o sigilo é fundamental para chegarmos a uma conclusão. Camilla e Anasor concordaram com a iniciativa.

– É justamente por isso que estou surpreso – Vincent arrematou. – Não sei o que fizeram para convencer Anasor, mas com certeza devem levar o crédito por conseguir que o líder dos guardiões das sombras abra mão dessa investigação.

Foi a vez de Nicolau deixar a grande mesa.

– Na verdade, para todos os fins, Anasor continua no comando da investigação. Concordamos em deixar essa nova pesquisa fora dos registros. Faz parte do plano de Armand.

Ajeitei Valentin nos braços para me aproximar de Alice e senti o mago das sombras orbitar atrás de mim.

– Alice... Isso é perigoso?

– Está tudo sob controle, Mel! – O grande cachorro cinza se espremeu entre nós com um rosnado e, encostando o focinho gelado em meu braço, empurrou Alice com a cabeça. – Por falar nisso, precisamos ir.

Observei a garota ruiva e o cão cinza deixarem a cozinha pela porta dos fundos. Juntos. Eu sabia que Alice e Armand haviam se reaproximado antes do meu retorno... Graças aos meus mal falados desejos e um bolo de cenoura que nunca cheguei a experimentar. Não podia dizer que estava tranquila ao vê-la envolvida em possíveis confusões, mas estava feliz porque a menina... quer dizer, a garota e o cão estavam juntos mais uma vez.

Depois que Nicolau também se despediu para cuidar de seus compromissos do outro lado, Vincent voltou sua atenção a um sanduíche feito por Lume. George resolveu ajudar Aristela com os pratos da mesa e eu voltei para o quarto... Era hora do almoço de Valentin.

Eu já devolvia o bebê ao *bassinet*, para mais um cochilo, quando batidas fracas se repetiram na porta. Acostumada às visitas constantes, murmurei um convite e só depois me virei para recepcionar a visita inédita.

– Ayla!

– Desculpe, não queria incomodar...

A sereia pareceu encabulada com minha surpresa, e eu estava mesmo surpresa. Não apenas pelo sorriso no rosto à minha porta, mas também porque sabia que a ninfa das águas estava afastada do Mundo Físico desde o ataque, por necessidade. Ayla teve quase toda sua energia mágica retirada por Lorelei e precisou se recuperar no Mundo Mágico por um longo tempo. Portanto, sua visita poderia significar duas coisas: seu retorno... ou um grande esforço.

– Entre, Ayla, por favor.

Os olhos negros pararam no pequeno berço ao meu lado e um sorriso curioso ficou suspenso no silêncio.

– Como você está? – perguntei de súbito.

Ela estreitou os olhos negros, dando um passo hesitante para dentro do quarto.

– Acho que *eu* deveria estar fazendo essa pergunta.

– Ah, com certeza estou feliz por ver novamente meus pés. – Sorri, voltando o rosto para checar o sono de Valentin... No caminho de volta, meus

olhos acompanharam as curvas da silhueta que se aproximava ainda mais. Elas não pareciam tão pronunciadas como antes. – Ayla... eu gostaria muito de me desculpar pelo que aconteceu a você. Não tive oportunidade antes e... Bem, todos disseram que sua recuperação foi muito difícil.

A sereia levantou os ombros, fitando a pequena trouxa de lã em seu berço.

– Lorelei era uma Deusa, mas você não precisa se desculpar por sua linhagem... Tem coisas que não escolhemos, e parentes são uma delas. Além disso, ficar reclusa no Reino das Águas não foi tão difícil assim... Gosto de estar em minha própria forma. E recebi muitas visitas, também. Elas me ajudaram a esquecer do tempo. – A ninfa ajeitou os cabelos flutuantes para longe do rosto para poder ver Valentin com mais clareza. – Isso é curioso, não é? Descobrir o quanto somos importantes para os outros.

Seu sussurro parecia uma forma de respeitar o sono do bebê, mas estava convencida de que escapuliu de forma inconsciente. Sabia que Vincent havia ido visitá-la assim que retornamos, e sabia também que toda a montanha estivera preocupada com a sereia. Principalmente, um certo elfo de fogo.

Meu pensamento foi interrompido por mais batidas suaves, e não me surpreendi ao encontrar o rosto de Félix na porta entreaberta.

– Olá, Melissa, desculpe a invasão.

Com um aceno meu, o elfo já estava dentro do quarto. Espiou o berço e se aproximou da sereia para segurar seu braço.

– Você não deveria estar aqui, Ayla... Ainda está fraca, precisa descansar.

Não pude deixar de sorrir, porque conhecia aquele discurso.

– Estou me sentindo muito bem – ela respondeu com um murmúrio, livrando-se da mão possessiva.

– Você estará bem quando Alex liberá-la do repouso. Até lá, tenho ordens para não deixá-la ir a nenhum...

– *Por Nereu*, Félix! Eu era a única que não conhecia Valentin. – O tom irritado da sereia foi amenizado em respeito ao sono do bebê.

– Bem, agora que já o conhece, podemos ir?

Ayla se voltou devagar, as mãos apoiadas no quadril, e a expressão furiosa direcionada ao elfo grande demais para ser delicado.

– De uma vez por todas... Eu não preciso de babá!

Com um olhar beirando a mágoa, Félix deixou a cabeça cair levemente para o lado.

– E, de uma vez por todas, *eu* fui encarregado da sua recuperação. Estou apenas seguindo ordens. Não estou aqui por opção.

Eu poderia tomar as dores da sereia, mas ver a tristeza de um coração partido nos olhos alaranjados justificava qualquer grosseria. Estava óbvio que

este romance ainda não havia deslanchado e, antes que eles arriscassem um futuro promissor, resolvi intervir.

– Está tudo bem, Félix, vou ficar com ela. Posso chamá-lo, se necessário.

O elfo tensionou o maxilar enquanto os olhos alaranjados passaram do meu rosto para o da sereia.

– Estou esperando lá fora.

Quando Félix deixou o quarto, Ayla se amparou na poltrona ao lado do berço. Parecia respirar com dificuldade. Me apressei em apoiá-la.

– Droga... Odeio quando ele tem razão. – A voz cadenciada da sereia não continha nada que lembrasse raiva. Resolvi arriscar.

– Sei que a superproteção dele irrita você, mas... acho que esta é a forma de Félix demonstrar o quanto você é especial para ele.

– Sei disso. – Com um longo suspiro, Ayla se voltou para mim. – Mas nada é tão simples.

Dentro dos olhos negros eu vi uma nova dor, nada relacionado ao desgaste de sua magia. Era hora de ser sincera.

– Nada é. Mas vou torcer para que fique simples.

A emoção que brilhou no rosto furta-cor não me decepcionou, porque eu conhecia muito da sereia agora. Esfregando o rosto, Ayla se endireitou para espiar Valentin mais uma vez.

– É melhor eu ir antes que ele volte e acabe acordando o bebê.

– Obrigada por ter vindo.

A sereia concordou, parecendo agradecida por eu não prolongar o assunto constrangedor. Eu a acompanhei até a porta e, antes de cruzar com a silhueta musculosa, Ayla se virou.

– Acho que sou eu quem precisava lhe agradecer.

Com um sorriso a sereia acompanhou o elfo, até que os dois desapareceram no longo corredor de pedra.

NA SEMANA SEGUINTE, tive a ajuda de George para iniciar uma batalha: o anúncio de nosso retorno à cidade. Segundo Nicolau, não havia motivos para não fazê-lo; na verdade, Alex e Viviana pareciam ansiosos para ter a ajuda de Vincent mais uma vez. Com dificuldade, a Casa Botânica estava sobrevivendo ao caos da burocracia do Mundo Físico, mas o mago das sombras não pareceu nada solidário. Vincent só falava da dificuldade em remanejar a guarda das sombras, dos contratempos de ajustar novos turnos de vigilância... E, neste ponto, sabia que ele tinha razão. Viver cercada por elfos em armaduras negras não era a vida que eu planejei, mas qualquer coisa parecia melhor do que ficar prisioneira no palacete.

Por dias o assunto gerou discussões, mas Vincent foi vencido pela insistência. Um encontro com Rose e Arthur foi programado na casa amarela, e planejado com todo cuidado para que a guarda das sombras seguisse cada passo da minha família. George estava ansioso e, com a ajuda de Lucila, organizou o almoço que marcaria nosso retorno oficial à cidade. Na véspera do encontro, o mago das sombras pareceu se conformar... E resmungou algo sobre *uma oportunidade de reparação*. A princípio achei que ele estava falando de se redimir por seu comportamento com meu amigo de infância, mas, no dia seguinte, entendi que Vincent esperava justamente o contrário.

Embora soubesse que os guardiões camuflados estavam de prontidão para uma eventual surpresa, pouco me lembrei de Ludwig naquela tarde... porque esperava há muito tempo para rever as pessoas que eu amava. Rose me repreendeu pelas poucas cartas, mas não se queixou tanto quanto Arthur por eu não estar presente em seu casamento. Agora minha amiga tinha algo ainda mais grandioso para partilhar, e eu tinha a exata dimensão do que ela estava sentindo. Rose estava grávida de poucos meses, mas, graças a exames modernos, já sabia que esperava uma menina... Anna.

– Uma menina! Mas vejam só... – O mago das sombras estalou os lábios, aproximando-se de Arthur com certa premeditação. – Imagino que agora suas preocupações devam aumentar.

A filha já era o grande orgulho de Arthur, que não escondeu sua irritação com as provocações de Vincent.

– Não vejo por quê.

– Bem, se eu tivesse uma filha, certamente ficaria preocupado com a aproximação de garotos oportunistas... A possibilidade de beijos roubados... Sabe como é. Mas isso não vem ao caso; afinal, *eu* tive um *menino*. – Vincent ajeitou Valentin nos braços, e Arthur finalmente entendeu o objetivo do comentário. – O mundo é um lugar curioso, não é mesmo?

A sugestão roubou o ar de Arthur e vi o pavor passar por seus olhos. Isso pareceu satisfazer o mago das sombras. Vincent fez questão de ficar com Valentin nos braços o máximo de tempo possível... Tive a impressão de que o exibia, como se *nosso* filho fosse um troféu. Dando um basta à tortura, tomei Valentin nos braços para entregá-lo à Rose. Não queria acreditar que as atitudes de Vincent faziam parte de uma disputa machista, mas o sorriso arrogante em seu rosto era uma evidência incontestável.

Com uma expressão curiosa, ou quase alarmada, Arthur se aproximou dos ombros da esposa para espiar Valentin... E Vincent já o tomava nos braços mais uma vez. O ciúme desconcertante do mago das sombras chegava a ser embaraçoso, apenas Rose pareceu compreendê-lo.

– Sim, ele é. Eu falava isso para Arthur ainda hoje... Sobre o quanto o mundo pode ser curioso. Imaginar que nossos filhos podem crescer juntos neste mesmo lugar foi um grande presente para mim.

As palavras suaves de minha amiga não foram provocativas, pelo contrário, evocavam carinho; ainda assim, sua visão de futuro não pareceu tão fabulosa para mim. Eu tinha alguns vislumbres das dificuldades de uma amizade no futuro destas duas crianças. De alguma forma, Arthur pareceu partilhar minha falta de empolgação.

Depois do almoço, foi a vez de avó e bisavô se gabarem de sua herança genética...

– Ele não vai ficar ruivo, George... Isso é impossível! Mas minha neta com certeza será loira.

George pareceu indignado e, acomodando Valentin nos braços, ajeitou a manta ao seu redor.

– Ele é careca, Lucila. Não há como saber. Mas é possível, sim... Afinal, ele também tem sangue dos Wels. Valentin pode ser qualquer coisa.

Ouvindo a conversa paralela, imaginei que meu avô não falava apenas do cabelo do bisneto. As expectativas de George podiam ser preocupantes... Mas precisava admitir que ele estava certo. Valentin era a união de dois mundos, e poderia ser o que quisesse.

Ainda falando do futuro, George e Lucila levaram Valentin para conhecer o jardim de sua bisavó, lembrada com muito carinho. Não tivemos alternativas a não ser segui-los. Talvez o ar gelado do inverno na montanha fosse o responsável por refrescar os ânimos, levando a assuntos mais diplomáticos como política e administração. Arthur passou a falar como prefeito da cidade... Certamente, descobriu no cargo sua vocação. Simpático e muito mais maduro do que me lembrava, ele conduziu a conversa com cordialidade, surpreendendo até mesmo o mago das sombras. Discutindo assuntos pertinentes à administração de Campo Alto, Vincent, o Von Berg responsável pelo maior fundo de contribuição da cidade, manteve seu interesse nos tópicos sugeridos, prolongando a conversa por quase meia hora.

Rose e eu trocamos um longo olhar solidário. Quem poderia entender os homens?

A normalidade do momento pareceu um lembrete, uma nova possibilidade de futuro muito mais promissor. Mas a realidade de um *outro* mundo, que sempre me surpreendia, fez questão de lembrar que esta era apenas uma parte da minha vida.

Correndo como uma criança, a maga ruiva contornou o portão externo do quintal, chegando ao jardim na companhia de um cachorro cinzento. Com duas

frases esbaforidas, Alice mudou todo o planejamento da tarde.

– Nós conseguimos! Nós a encontramos!

Arthur respondeu com humor à empolgação de minha irmã.

– Nossa! É um milagre esse cachorro ter encontrado a Mel... Ele é bem velho para ter um faro tão bom.

Um rosnado se misturou a uma risada de George.

Eu sabia do que Alice estava falando, e certamente não era de *mim*. Em um segundo, uma sombra vestindo preto estava ao meu lado, poderosos olhos violeta encontraram os meus e eu soube que nossa visita cordial chegara ao fim. Os assuntos da montanha nos chamavam mais uma vez.

## Luz e Sombra

AINDA ESTÁVAMOS no meio da tarde quando coloquei Valentin em seu *bassinet*, mas seria quase impossível fazê-lo dormir com a agitação que ocupava cada milímetro da montanha.

Mesmo antes de nossa chegada, os Reinos estavam em polvorosa com a denúncia formal à Dalilah. A investigação de Armand e Alice acusou o braço direito de Victor de ser a informante de Ludwig... Isso levantou antigas questões, como a maldição impiedosa conjurada contra Armand. O Conselho havia se reunido para um julgamento especial, surpreendendo toda a Dimensão das Sombras, e havia rumores de que a presença do próprio Victor estava sendo aguardada. De certa forma, isso deixou um gostinho de justiça a todos da casa Von Berg. Na verdade, o clima no palacete era quase de festa. E, embora estivesse satisfeita com mais essa vitória, as comemorações antecipadas nos jardins não ajudavam o sono de Valentin.

Ecoando meu pensamento, outra explosão dos duendes pintou a vidraça com arco-íris e estrelinhas brilhantes, e foi seguida por um choro estridente. Suspiro. Eu ainda resmungava sozinha, olhando a vidraça à minha frente, quando a porta do quarto se abriu. Vincent caminhou até mim e, depois de um carinho no filho, deixou um beijo em meus cabelos.

– Estou esperando seu pedido e terei boas justificativas para jogar aqueles duendes no ar, junto com suas explosões.

Soltei o ar, contendo minha devoção materna que concordaria com as ações do mago das sombras sem nem mesmo piscar.

– Armand merece esse momento de vitória.

Vincent se virou, soltando os ombros.

– Todos merecem. E estou feliz por meu amigo. – Ele estreitou os olhos violeta ao perceber mais uma reação de Valentin a outra explosão. – Mas isso não diminui minha vontade de jogar um duende na parede.

– Vou descer com Valentin, talvez consiga evitar o barulho se estiver em um dos andares inferiores.

Vincent me alcançou antes que eu chegasse à porta.

– É melhor ficarem aqui mesmo.

Franzi os olhos.

– Pensei que já havíamos resolvido isso na semana passada. Não vou ficar trancada neste quarto e...

– Alice trouxe seu avô. Eles querem ver Valentin.



– Eles acabaram de vê-lo ainda há pouco. Agora Valentin precisa dormir, e não vai conseguir dormir aqui.

Tentei passar pela muralha vestida de preto, mas Vincent bloqueou a porta mais uma vez.

– Prefiro que vocês fiquem aqui. Juntos, de preferência.

Encarei o mago com atenção, entendendo que algo estava acontecendo. Mas, em vez de me dar uma explicação, o mago tomou nosso filho nos braços e voltou para o quarto. A urgência do gesto dizia que o assunto era sério.

– Vincent! O que está acontecendo?

Ele colocou nosso filho no *bassinet* de madeira. Quando os olhos violeta encontraram os meus, um tremor percorreu meu corpo.

– Victor está no Conselho, para acompanhar o depoimento de Dalilah. Ninguém contava com isso, já que ele nunca pareceu interessado com o que acontece na Dimensão das Sombras. – Vincent ajeitou a manta sobre o bebê que ainda resmungava. – Até agora.

– Você acha que ele vai vir atrás de Valentin?

– Eu não sei, Melissa. Camilla o avisou formalmente do nascimento há algum tempo. E, mesmo que não tenha mostrado interesse antes, ele pode mudar de ideia.

– Talvez ele continue desinteressado.

– Victor é imprevisível. Se resolver usar o julgamento como pretexto para vir até nós, temos que saber como reagir. – Ele escorregou uma mão pelos cabelos. – E esse é o problema. Desta vez não há escudo de contenção, não há planos de segurança ou acordos, não há nada! Não estamos preparados para o Demônio das Sombras!

Inspirei longamente, levantando uma das mãos para os pontos pretos que circulavam pelo gramado verdejante.

– Nada além de dúzias de guardiões, escudos de bloqueio, elfos, duendes... e dentes de um mago encantado na forma de um cão de guarda.

– Estou falando sério, Melissa. Preciso ir até o Conselho descobrir as intenções de Victor e impedir essa aproximação. Os líderes dos Reinos estão lá para julgar a traição de Dalilah. Será prudente ter a companhia deles para confrontá-lo.

Deixei o impacto da notícia se dissolver com sensatez.

– E por que você precisa confrontá-lo? Por que impedi-lo? Você sempre pode fazer um convite... surpreendê-lo. Foi isso que fizemos até agora.

Vincent me direcionou seu melhor olhar violeta, aquele que excluía qualquer necessidade de resposta.

– Fique aqui com Valentin. Não saia até eu voltar.

– Você não pode estar falando sério... – Mas ele estava. – Por que esse quarto seria mais seguro do que qualquer outra parte da casa?

– Porque vou colocar mais um escudo nele.

– Quer saber? Eu já recebi uma visita surpresa de Victor antes... Não foi agradável, mas sobrevivi. E, depois do *Elixir da Vida*, tivemos a prova de que ele não quer nos fazer mal. – Joguei as mãos para o alto quando o mago de olhos violeta arfou à minha frente. – Está certo, bem e mal dependem do ângulo que se olha. Mas, se Victor quisesse, já teria feito algo contra nós. – Levantei o queixo, certa da minha decisão. – Se ele quiser conhecer Valentin, terá minha permissão. Quer queira ou não, ele também é sua família. Por isso, sejamos justos... Nada de escudos, nada de confrontos. Usaremos a diplomacia. Isso parece funcionar muito bem com ele.

O mago de olhos violeta me olhava com assombro.

– *Justos?* Qual parte do *Victor é imprevisível* não ficou clara para você? – Vincent indicou o pequeno rosto inquieto envolto em mantas de lã e, esticando uma mão até o cercado de madeira, acalentou nosso filho. – Valentin é filho da Deva e do senhor das sombras, reúne mais magia agora do que muitos seres mágicos sonhariam possuir! *Justamente* por ele ser o legítimo herdeiro da Dimensão das Sombras é que quero impedir essa aproximação. Não lhe ocorreu que Victor pode querer usá-lo em sua sucessão?

Cruzei os braços. Já bastavam às explosões do lado de fora para assustar Valentin, não precisava acrescentar uma briga com Vincent. Buscando a paciência que a falta de sono já havia levado, me esforcei para manter a voz em tom sereno.

– Se bem me lembro, foi você quem disse que Victor jamais abdicaria do poder da Dimensão das Sombras. Além disso, o Demônio das Sombras nunca toma as coisas, ele as conquista. Ficarei muito mais preocupada com a influência de Victor quando nosso filho estiver crescido o suficiente para ser testado. Até lá... – tomei o bebê choroso nos braços – pare de exageros. Você está assustando Valentin.

A indignação do mago foi exteriorizada com um palavrão em alemão. Mas, para encerrar completamente a discussão, meu avô, minha irmã e Armand, ou melhor, Heros, se aglomeraram na porta aberta. O grupo hesitou por um segundo diante do quarto antes de invadi-lo.

Sem paciência ou aflito demais para ser sociável, Vincent agarrou um tufo de pelo do pescoço de Heros enquanto se curvava em sua direção. Fiquei com dúvidas se o cão cinzento sentiu o gesto.

– Vou até o Conselho com os outros, preciso entender as intenções de Victor. – Os olhos violeta pousaram sobre mim, depois voltaram sua atenção

para o mago encantado.— Por favor, cuide deles — O tom autoritário não existia mais. Apenas o apelo.

Heros piscou os olhos cinzentos, passando-os por mim e parando em Alice, que já embalava Valentin nos braços. Com um latido controlado, deixou clara sua promessa.

Percebendo a urgência do momento, meu avô se uniu à dupla.

— Algum problema, Vincent?

— Nada que não possa resolver, senhor George.

Suavizando a expressão, meu avô alcançou o ombro de Vincent com um gesto inesperado.

— Você está fazendo o melhor que pode, meu *filho*, e admiro seu esforço. Mas lembre-se: às vezes, não controlamos o inevitável. Neste caso, um par de mãos extras pode ajudar a resolver o que não conseguiríamos enfrentar sozinhos.

Vincent piscou, surpreso pela referência afetuosa ou pela percepção aguçada do senhor conservado pela magia.

— Obrigado, senhor. Pela confiança e pelo conselho.

George assentiu uma vez e, voltando-se para Alice, invocou seu direito de bisavô para consolar o bebê que se agitava em seus braços.

Ainda atordoado com a abordagem, Vincent deixou um longo olhar sobre nosso filho, que finalmente se acalmou no colo do bisavô e, procurando minha mão, levou-me com ele até a porta.

— Seu avô conseguiu entender meu esforço sem nem ao menos conhecer nossos problemas. Tem certeza de que é neta dele?

Soltei o ar.

— Ele também disse que nem sempre controlamos o inevitável. Você ouviu essa parte?

Vincent desceu os olhos por meu rosto, depois espiou Valentin mais uma vez, e se manteve firme.

— Você pode achar Victor inofensivo, mas eu já vi coisas demais no Mundo Mágico... Sempre vou tentar controlar qualquer coisa que ameace nossas vidas. — Vincent apertou minha mão na sua e, com um puxão, me levou para o corredor junto com ele. Apertando-me em seus braços, beijou meus lábios com firmeza, acendendo o calor que girava em meu corpo. Separei os lábios, exigindo mais do que um roçar delicado, mas, com um suspiro, Vincent se afastou. O suficiente para avaliar minha silhueta com os faiscantes oceanos turquesa. — Vou voltar o mais rápido que puder.

Enquanto eu regularizava minha respiração, Vincent desapareceu no corredor.

Voltei para o quarto, mais corada do que deveria.

– Pelo jeito, vocês já se acertaram. – Alice disparou. Como sempre, sua sagacidade não perdia nenhum detalhe. – Imagino que Vincent deva estar uma pilha com a visita do tal Victor. Eu me lembro vagamente dele, em seu casamento... Acho que ele não representa uma ameaça.

Soltei o ar quando um cão rosnou do tapete. Observando meu avô colocar Valentin no *bassinet*, sentei ao lado de minha irmã na cama.

– Também acho que não, mas Vincent não confia em ninguém. – Levantei os ombros. – E não posso julgá-lo.

– Ah... Vocês estão falando daquele parente de novo? Então é disso que se trata? – Meu avô arrumou a calça na cintura. – Neste caso, acho que um pouco de desconfiança faria bem.

Enquanto Heros concordava com outro rosnado breve, imaginei o que meu avô diria ao saber que Victor era o responsável por sua vitalidade inabalável.

Uma nova sequência de explosões se repetiu do lado de fora do palacete e o choro dentro do quarto foi previsível.

– Desculpe, Heros, sei que o momento é de comemoração, mas será que já não houve barulho demais? – Indiquei a vidraça que ainda brilhava com uma chama vermelha. – Estou a ponto de concordar com Vincent: amarrar alguns duendes não parece uma má ideia.

Já estava ao lado do cercado de madeira quando percebi Alice de pé, ao lado da cama. Ela não olhava para a vidraça, olhava para o corredor, e Heros estava logo à sua frente, rosnando.

– Esse último não foi uma comemoração, Mel. Se não me engano, é o alerta dos duendes.

Enquanto Alice e Heros conferiam o corredor, George se aproximou da vidraça para averiguar. O som que escapou de sua garganta foi o segundo alerta de que algo muito errado acontecia nos jardins do palacete.

– *Por Deus!* O que é aquilo?

Aconchegando Valentin em meus braços, olhei além da vidraça e, com um espasmo correndo meu corpo, recuei rapidamente. Ludwig já tinha dizimado os guardiões do lado externo do palacete e se dirigia à porta principal!

– Temos que sair daqui! – exclamei, saindo depressa para o corredor – Estamos sob ataque, não podemos ficar encurralados!

Imediatamente Heros veio para minha dianteira e Alice se posicionou atrás de mim.

– Quem está nos atacando, Mel? Victor?

– Não. *Pior!* – Alice fez menção de voltar, mas eu a segurei pelo agasalho, não queria que ela visse o terror espalhado no gramado do lado de fora – É Ludwig, e ele vai tentar passar pelos guardiões da porta!

Os olhos verdes se arregalaram diante dos meus e um latido ecoou pelo corredor. A respiração de Alice era descompassada; ainda assim, ela disse com rapidez:

– Armand tem razão, temos que chegar à Sala do Portal! É a saída mais rápida!

Desviei os olhos para o cachorro cinza que avançava cuidadosamente para o corredor. Heros ou Armand, não importava, ele tinha razão. O portal dos Von Berg era nossa melhor saída.

Alice agarrou o braço do avô atordoado enquanto eu abraçava Valentin com firmeza. Seguimos Heros pelos corredores intermináveis, ouvindo os sons da luta que ecoavam nas paredes de pedra. Explosões e gemidos se multiplicaram, misturados a gritos abafados e estrondos secos. A ideia de chegar até o andar inferior e encontrar parte de minha família no chão era aterrorizante, mas foi exatamente este terror que fez crescer minha revolta. Eu precisava lutar, defender minha família, meu filho! E daria minha vida para que ninguém o machucasse!

Freei o grupo que estava a um corredor de chegar à escada do vitral.

– Não! Se Ludwig já entrou, estaremos vulneráveis na escada principal. – Apertei Valentin enquanto recuperava o fôlego. – Vamos para o mezanino da biblioteca. Chegaremos à Sala do Portal pelo corredor interno.

Ninguém discordou. Heros derrapava no assoalho e Alice já arrastava George pelo caminho contrário antes mesmo que eu terminasse a frase. Quando chegamos ao mezanino, Heros se espremeu pelas frestas do parapeito para observar o andar inferior. Nesse momento, ouvimos a voz...

– *Não se esconda, minha querida! Vim buscar meu herdeiro!*

Minha vontade era gritar uma resposta desaforada, mas Alice comprimiu a mão em meus lábios enquanto me empurrava para a escada em caracol. No piso inferior da biblioteca, Valentin, assustado, começava a emendar um choro audível que denunciaria nossa fuga. Fiz sinal para que o grupo me seguisse até a última estante, e esperava que fosse distante o suficiente para mascarar qualquer som. Sem pestanejar, Alice me empurrou para o chão e, olhando para George bem ao meu lado, pareceu mais adulta do que nunca.

– Tive uma ideia – sussurrou. – Vou subir com Armand e distrair Ludwig nos corredores do andar de cima. Enquanto isso, você e o vovô atravessam a biblioteca para pegar o corredor de baixo para a Sala do Portal.

– Não, Alice!

Minha irmã me calou, colocando a mão sobre minha boca mais uma vez.

– Eu sei me defender, Mel. Melhor do que você. Você leva Valentin e o vovô. Se eu encontrar alguém para ajudar, mando te encontrar.

Antes que eu concordasse com a oferta, Alice já se levantava para seguir Heros de volta à escada em caracol. Tentei me esticar para agarrá-la, mas ela já corria para longe.

– Dê-me o garoto. – George ordenou. – E deixe Alice. Ela é esperta e tem um gigante como escudo. Agora precisamos tirar *vocês dois* daqui.

Eu não entendia de onde vinha aquela confiança. De George, de Alice. Mas, mesmo tremendo, soube que eu partilhava da mesma coragem. A coragem dos Wels. Até eu me surpreendi com o tom firme da minha voz:

– Vamos tirar *todos nós* daqui.

George assentiu. Confiei Valentin a seus braços, porque precisava das mãos livres para nos defender, e me levantei. Posicionei minhas mãos espalmadas a frente do corpo, pronta para um ataque. Meu avô me seguiu de perto. Com passos cuidadosos, caminhamos para a porta de saída do andar inferior, e percebi que não havia mais nenhum som, dentro ou fora da casa. Tudo parecia absurdamente silencioso. Onde estaria Vincent, onde estariam os outros? Tomei fôlego. Eu já tinha visto Vincent morrer uma vez. Não iria ver de novo!

Abri uma fresta da porta e, no acesso ao corredor na sala do piano, vi o que não desejava: dois rostos conhecidos, presos a corpos imóveis no chão. Meu sangue ferveu e meu primeiro impulso foi correr na direção de Aristela e Lume, precisava salvá-las! Mas fui detida por uma mão que me forçava para o chão. George, logo atrás de mim, levantou o queixo para um vulto dentro da biblioteca. Ludwig não estava sozinho. Dalilah vistoriava o corredor entre as estantes no lado escurecido da sala, onde estávamos há um minuto. E, quando se voltou, ela nos viu. Minha fúria se misturou ao instinto protetor, e não vi meu próprio movimento. Precisava impedir a demônio de dar o alarme. Puxando meu avô para trás de mim, descarreguei uma grande dose de poder sobre a traidora.

Seu grito ecoou pelas paredes, chamando a atenção que não desejávamos. Empurrei George na direção da saída e virei rapidamente para trás, conferindo a mancha vermelha que crescia no peito da demônio. Foi um erro. Neste instante, fui atacada. Caí de joelhos, a visão escurecida pela nuvem negra que cobria meu rosto e roubava meu ar. Meu avô era uma imagem turva que voltava para me socorrer, sem ver a sombra que se esgueirava na parede, pronta para atacá-lo. Lutei contra a névoa para alertá-lo, mas ainda estava presa quando Ludwig alcançou George.

Vi as mãos de Ludwig no pescoço de meu avô. Vi o ferimento abrindo, o sangue vermelho escorrendo. Vi quando George fechou os braços, protegendo meu filho e não a si mesmo. O horror trouxe também a força para defender os que eu amava. Parei de me debater e, espalhando o poder por todo o meu corpo, fiz explodir uma aura atordoante de luz que ofuscou o mago das sombras,

livrando-me da nuvem asfixiante.

Alice surgiu de repente na grande sala e, aproveitando-se da distração de Ludwig, atacou-o pelas costas com um raivoso feitiço de punição. Era minha chance.

Alcancei George quando ele começava a fraquejar e, apoiando seu peso, levei-o o mais longe que pude. Meu avô se recusou a soltar o bisneto e, aflita, usei meu agasalho para tentar estancar o sangue que fluía do seu pescoço. Olhei para trás e o repertório de Alice parecia estar acabando. Minha irmã direcionava objetos voadores de tamanhos consideráveis sobre o mago, e aquilo só parecia irritá-lo. Eu precisava voltar para ajudá-la... Se não derrotássemos Ludwig, nenhum de nós se salvaria!

Na decisão mais difícil da minha vida, tive o apoio dos olhos oliva. Meu avô fechou os braços ao redor de Valentin e, num murmúrio fraco, ordenou:

– Eu cuido dele... Lute!

Olhei meu filho protegido pelos braços corajosos do bisavô e voltei para a luta. Alice estava no chão, atordoada, mas já se reerguendo. A fúria fez ferver meu poder e, naquele momento, eu estava pronta para qualquer coisa. Queria absorver até a última gota de poder daquele monstro e me atirei sobre ele, tentando um contato que foi prontamente impedido pela força das sombras. O golpe queimante de Ludwig me jogou a vários metros de distância, eu sentia meu corpo arder, meu braço latejar, ferido e sangrando, mas o poder borbulhava dentro de mim como nunca acontecera antes.

Ele não esperava que eu reagisse tão rápido, meu disparo o acertou no centro do peito, e Alice seguiu meu exemplo. O mago vacilou diante do ataque duplo. Alice fechou-o num escudo e, no segundo que ele levou para se livrar, eu reuni tudo o que tinha para atacá-lo mais uma vez.

Ludwig recebeu o impacto no momento em que Heros saiu da biblioteca embolado com Dalilah em uma batalha mortal. Alice correu para eles, mas foi atingida pela demônio no segundo passo. Desta vez, minha irmã não levantou.

Com um uivo aterrorizante, Heros se tornou uma fera incontrollável, enquanto o mago das sombras se aprumava com um sorriso diabólico. Gritei por Alice, atingindo Ludwig com o que restava do meu poder. O ataque quase não teve efeito. O mago ignorou meu disparo, encarando-me com seus mortais olhos violeta.

– Isso é tudo que tem, minha querida? – A voz seca arrastou o português enferrujado. – Pensei que aproveitaria melhor a energia que levou de mim.

Ludwig me atingiu e caí de joelhos, era como ser eletrocutada. Tentei me arrastar até Alice, que lutava contra uma nuvem asfixiante... Foi quando vi Heros saltar alto no ar. Desta vez, Dalilah não se levantaria mais.

Nem Heros.

O disparo de Ludwig no mago encantado foi certo e o enorme cão cinza caiu do outro lado da sala, imóvel. A magia da demônio se extinguiu com sua vida, libertando Alice que engasgava, ofegante.

Observando o caos, Ludwig caminhou lentamente até nós.

– Se me permite, vou terminar com isso. – Os olhos violeta cintilaram nos meus, com o brilho da morte. – Primeiro você, depois seu herdeiro.

– Não!

Com um impulso desesperado, joguei meu corpo para trás, para alcançar George e Valentin. Meu filho chorava, George não tinha mais forças para acalmá-lo, meu poder não respondia... Mas eu enfrentaria aquele mago psicopata até o fim e usaria meu corpo como escudo para proteger aqueles que eu amava!

Ludwig ria da minha impotência quando a voz grave ecoou por toda a sala, sacudindo o vitral da grande árvore com seu rugido:

– *Fique longe da minha família!*

Na escadaria do vitral, eles surgiram em sequência: Nicolau, Viviana, Alex, Anasor, Camilla, Félix, Ayla. À frente de todos eles, o dono da voz grave.

O primeiro golpe foi de Vincent, que estava enfurecido o suficiente para fazer Ludwig se curvar. Mas não seria tão fácil derrotá-lo. O mago das sombras havia acumulado muito poder, suficiente para resistir ao ataque combinado de todos eles. Enquanto Vincent e Nicolau se revezavam com Anasor, Félix e Viviana para minar a resistência de Ludwig, Ayla, Camilla e Alex correram para socorrer quem estava no chão.

Os sons de golpes se repetiam, mas Ludwig permanecia assustadoramente de pé. Tomado pelo ódio, Vincent partiu para uma luta corpo-a-corpo, atacando Ludwig com ferocidade quase irracional. Vendo a precisão de seus golpes, eu me senti vingada.

Com delicadeza incompatível com a violência da luta, retirei Valentin dos braços flácidos de George.

– *Opa... Opa...* Olhe pra mim... – Com uma das mãos afaguei o rosto pálido, mas a consciência de George já havia se perdido em um lugar muito distante. Tirei o agasalho ensopado de sangue de seu pescoço e meus olhos ficaram embaçados pelas lágrimas. – *Opa*, por favor, por favor... Olhe para mim!

Meu avô piscou uma vez.

– Valentin está... a salvo...

Não sabia se aquilo era uma pergunta ou uma afirmação, mas respondi:

– Sim, *Opa*, ele está.

Meu avô ainda estava de olhos abertos quando retirei a manta de Valentin



para pressioná-la no ferimento que ainda sangrava.

– Acabou... Mel... Acabou... para mim.

Encarei-o, procurando as profundezas dos olhos oliva que se tornavam cada vez mais opacos.

– Não, *Opa*, não!

Sem hesitar, apoiei Valentin contra meu peito e com a outra mão segurei o rosto de George, chamando o poder Deva com todas as minhas forças, decidida a compartilhar o que restava da minha energia... Mas não havia mais nada.

Quando o frio polar cortou meu corpo, comecei a chorar.

– Mel... Não chore... Eu vivi... mais do que esperava... Vi mais do que desejei... Amei... o quanto pude... Acabou.

– Não! – Levantei o rosto e, lutando com as lágrimas, procurei ajuda. – Não desista, *Opa*! Não desista!

Repeti as palavras, de novo e de novo, buscando desesperadamente uma solução. Buscando ajuda! Precisava haver alguma, tinha que haver!

A luta continuava ao meu redor, misturando imagens a sons desagradáveis em um cenário que parecia meu pior pesadelo. Vi Vincent vacilar, e Nicolau atacar... Ayla proteger Aristela e Alex arrastar o corpo inconsciente de Lume. Vi Anasor se unir à Viviana para defender Camilla, e o chefe dos duendes sair de seu esconderijo para ajudar Félix... Mais murmúrios agonizantes, mais explosões de luz... Desviei meus olhos do caos quando uma mão fria encontrou a minha. Ela chamou minha atenção para uma dor que eu não poderia evitar.

Impotente, testemunhei a vida se apagar nos olhos oliva... Aquilo não era justo, não era certo! Tentei falar, expressar minha revolta, dizer que tudo ficaria bem... mas apenas soluços deixaram meus lábios.

– Filha... – A voz fraca fez uma longa pausa, George piscou com mais dificuldade e apertei sua mão na minha. Meu avô tentou sorrir, mas nada surgiu em seus lábios. – Está... tudo... bem...

As palavras quase inaudíveis cortaram meus ouvidos. Agarrada a Valentin, eu me curvei ao encontro de George, na esperança de segurar sua vida com as mãos... Mas eu não senti nada, nenhum calor, nenhuma respiração. Apenas minhas lágrimas.

O mundo parou.

Presa nesse vácuo de agonia, estava ciente da guerra na grande sala, da fragilidade do bebê em meus braços, do corpo imóvel diante de mim... Do choro silencioso da garota ruiva, que me encarava do outro lado da sala, encolhida ao lado de uma montanha de pelos acinzentados. Eu podia sentir tudo, e não sentia nada ao mesmo tempo. Só sabia que a dor pulsante nos olhos de Alice era o reflexo da minha própria dor. E não podia fazer nada por ela... nem por mim.

Naquele momento, ninguém mais poderia. A vida de George, que escapou por meus braços, era apenas uma parte desse sofrimento que parecia não ter fim.

Ao meu redor, amigos ainda socorriam amigos. Amigos ainda lutavam por amigos... Minha família se esforçava para permanecer unida, e essa parecia a única chance de derrotar a causa de tanto mal.

Vincent me localizou na sala quando eu me endireitei diante do corpo de George, protegendo Valentin que chorava desesperado. Ele tentou se aproximar para nos defender de outro ataque... Mas ninguém esperava que houvesse uma ameaça maior do que Ludwig.

O chão de madeira tremeu sob meus pés com um grande estrondo, chacoalhando os móveis ao redor. O temor do desconhecido foi a distração que Ludwig aguardava e em um piscar de olhos o mago de olhos perversos mergulhou na sombra para surgir diante de mim. Sem magia, meu reflexo foi usar o corpo como bloqueio para absorver o golpe... Ouvi Vincent gritar um comando em alemão, mas as mãos de Ludwig já haviam parado, impedidas por um potente escudo violeta.

Seu grunhido frustrado foi abafado por uma risada diabólica.

– *Ah, meu caro mago das sombras... Você parece tão ansioso por poder, mas está preparado para ter o que quer?*

A pergunta na voz espectral retumbou em cada parede. Estremecendo meu corpo. Atrás do escudo eu recuei, enquanto Vincent corria ao meu encontro. Mas seu movimento foi interrompido por uma nuvem negra... Levantei os olhos para a sala e percebi que não era apenas ele, *todos* pareciam paralisados em seus lugares.

Uma silhueta sombria emergiu no alto da escada do vitral, e não havia mais luta, não havia nenhum som... nem mesmo de Ludwig. Apenas a expectativa.

O Demônio das Sombras desceu a escada ao nosso encontro, os olhos violeta atentos a cada reação de Ludwig.

– Eu fiz uma pergunta, mago.

Ludwig tensionou o maxilar, olhando rapidamente Valentin em meu colo, do outro lado do escudo.

– Sempre estive pronto.

Victor parou, pensativo, avaliando o mago das sombras de cima a baixo.

– E se eu lhe oferecesse o que quer, você aceitaria?

Controlando a ansiedade, Ludwig estreitou os olhos violeta.

– Seria um tolo se não aceitasse.

– Então hoje é seu dia de sorte, mago das sombras.

Victor não parecia um inimigo, mas também não agia como um aliado. Como eu, o mago das sombras se esforçava para compreender a simpatia do

demônio, mas não recusaria sua oferta.

VICTOR AGARROU LUDWIG pelo pescoço, conectando-os para entregar o que ele tanto desejava: PODER.

Sem hesitar, Ludwig absorveu a energia pura das sombras, que transbordava de seu corpo numa aura negra. Na pele que se dissolvia, os músculos aumentavam, as deformidades cresciam... Era terrível. Ele não era mais um mago, estava se tornando um monstro. Uma criatura bizarra com poder suficiente para destruir qualquer coisa!

Meu pavor crescia conforme a absorção de poder evoluía, e ficava nítido que a ambição de Ludwig não conhecia limites. Sua resistência demonstrou o quanto ele esteve perto de realizar seu feito. Talvez Vincent e os outros não fossem fortes o bastante para derrotá-lo, talvez Ludwig tivesse mesmo acumulado poder para enfrentar Victor... Mas seu corpo suportaria mais? Com surpresa entendi o truque do demônio: um corpo mortal não poderia acumular seu poder. Ao dar o que Ludwig queria, Victor o estava destruindo!

O poder primitivo de Victor saturava o corpo de Ludwig e, com uma explosão, sua matéria se desfez. Uma nuvem negra se elevou na sala, carregando partículas que se dissolviam diante dos meus olhos, deixando o ar impregnado com uma espécie de energia mágica. Imediatamente eu me curvei sobre Valentin, protegendo-o do que quer que fosse aquilo.

Quando o minuto pós-catástrofe acabou, os braços do meu mago das sombras estavam ao meu redor, apertando-me com desespero. Ou talvez alívio.

– Acabou – ele disse. – Conseguimos.

Eu tentei concordar, mas um soluço rompeu meu peito.

– Ele não conseguiu, Vincent... George não conseguiu.

Os braços protetores me apertaram ainda mais.

À minha frente, uma garota de cabelos ruivos e olhos cor de esmeralda estava ajoelhada em silêncio. Uma de suas mãos segurava os lábios, a outra se estendia até o corpo de George. Seus olhos tristes estavam fixos nos meus, e Vincent tomou Valentin dos meus braços para que eu fizesse a única coisa que podia... abraçar minha irmã.

Algun tempo depois Alice levantou, cambaleante, e com alguns passos se deixou cair ao lado de outro corpo imóvel. Ela acariciou a cabeça de Heros derrubando mais lágrimas silenciosas. Eu queria poder confortá-la, fazer qualquer coisa para diminuir a destruição em seu coração, mas não podia... Mais uma vez, minha irmã havia perdido mais do que eu.

Aos poucos, amigos, família e aliados começaram a se mover entre os corpos. Vi Alex erguer Viviana, que tinha sido atingida gravemente. Félix e Ayla

socorriam Lume, que parecia muito ferida, mas estava de olhos abertos. Vincent acalmava Valentin em seus braços, Camilla ajudava Anasor a levar o corpo de Dalilah para fora... Pela porta aberta, pude ver os corpos de alguns guardiões. Nicolau ainda reanimava Aristela, e nenhum deles havia percebido Alice encolhida ao lado do corpo de Heros. Minha irmã apertava os joelhos com um dos braços enquanto a outra mão afagava o amigo, mas seus olhos não abandonavam George. E eu permaneci ao lado do meu avô, recordando a bravura do homem que deu sua vida por meu filho.

Uma figura distinta caminhou com elegância entre os móveis destruídos, vindo ao meu encontro. Os olhos violeta passeavam pelo terror, mas o rosto ilegível estava longe de parecer vitorioso. Victor não expressou nenhuma emoção, apenas dividiu o silêncio repleto de dor.

– Sinto muito por sua perda, Anjo.

Levantei os olhos molhados, engolindo o nó em minha garganta.

– Ele... ele poderia ter sido salvo. Meu avô poderia... – Minha voz falhou e a raiva tomou conta do meu coração.

Victor não respondeu de imediato.

– Sei que gostaria que seu avô estivesse aqui, mas ele teve mais da vida do que ele próprio esperava.

Abri a boca, surpresa. Nem imaginava *como* ele poderia saber que George tomara o *Elixir da Vida*... Mas era óbvio que Victor sabia de muita coisa.

– Você poderia ter detido Ludwig antes.

O Demônio das Sombras levantou os olhos violeta sobre os ombros, na direção de Alice e Heros, e soltou o ar com um sonoro suspiro.

– Algumas coisas precisam acontecer na hora em que têm que acontecer. É como o amor... que pode ser uma prisão, mas também tem poder para libertar.

Fiquei olhando para os olhos violeta, imaginando se Victor ainda precisava das charadas para se divertir com tanto caos ao seu redor. Mas ele não pareceu se importar com meu julgamento ou com minha mágoa. Levando os olhos até Vincent, que ainda embalava Valentin, o Demônio das Sombras levantou os lábios de forma muito sutil. Não poderia dizer se aquilo era um sorriso.

– Parabéns por seu herdeiro, Deva Melissa. Que ele seja o início de sua história.

Com um passo para trás, Victor abaixou os olhos com uma reverência e simplesmente afundou na própria sombra.

Pisquei os olhos, balançando a cabeça... E pulei com o grito de minha irmã.

Alice segurava alguém em seus braços, um corpo ainda mole e desnudo, que mostrava os primeiros sinais de reação.

– Ele voltou! Ele voltou! – ela repetia sem parar. – Armand! Armand!

Armand! Ele está vivo... Ele está vivo!

Voltei a cabeça para a luz que ainda brilhava através do vitral da grande árvore e, piscando os olhos, concluí que definitivamente não era noite. Então, a transformação de cão em homem não poderia ter acontecido pela maldição. Seria o fim da maldição de Armand? Seria possível que algo de bom tivesse acontecido no meio de tanta destruição?

## Epílogo

### Sorrisos de um verão

Abri os olhos, piscando algumas vezes. A luz morna do entardecer banhava meu rosto e, por um momento, tive dúvidas se estava mesmo acordada.

Afastando meu receio, o som que me despertou da inconsciência se repetiu, ecoando nas paredes de vidro. Procurando sua origem, meus olhos contornaram a lareira de ferro... parando na porta aberta do deck. Quando as risadas inocentes de Valentin se repetiram mais uma vez, eu inspirei lentamente, livrando-me da sonolência. Afastei as almofadas e, antes mesmo de me sentar na *chaise*, um baque seco ressoou no chão de madeira. Apanhei meu livro, parando os olhos na página marcada...

*Achamos na quebrada de uma montanha um lindo retiro, um verdadeiro berço de relva suspenso entre o céu e a terra por uma ponta de rochedo. Aí abrigamos o nosso amor e vivemos tão felizes que só pedimos a Deus que nos conserve o que nos deu; a nossa existência é um longo dia, calmo e tranquilo, que começou ontem, mas que não tem amanhã.*

Fechei meu exemplar em brochura de *Cinco Minutos*, apertando-o contra o peito... Sim. Havia acabado. Era hora de viver o resto de nossos dias. Ainda que o tormento de uma grande batalha demorasse a deixar meus sonhos, a realidade garantia que nosso futuro ainda era uma linha em branco. E nos esforçaríamos para preenchê-lo com a alegria da cor, a vivacidade da luz e a saudade que ficaria para sempre guardada nas sombras de nossa memória.

Deixei meu livro sobre a mesa de jantar e caminhei até o deck de madeira, admirando a cena que enchia meu coração. Seguido de perto pelos atentos olhos turquesa, Valentin se apoiava nas pedras que salpicavam o gramado, treinando seus primeiros passos. Vincent acompanhava nosso filho em cada descoberta, vigiando seus movimentos hesitantes com um eterno sorriso orgulhoso. O mago das sombras estaria sempre ali para ele, pronto para defendê-lo ao menor sinal de perigo; ainda assim, não iria interferir em suas escolhas. Disso eu tinha certeza. E nem mesmo eu conseguia imaginar o tamanho de seu esforço para conter o impulso.

Meu mago das sombras havia mudado. E, como ele, eu também mudei. Não podia mais permitir que a impulsividade inflamasse minha coragem, agora

precisava da cautela de um guardião. Como uma Conselheira da Tradição, era responsável não apenas por proteger minha família, meu devotado consorte ou um lindo garotinho de cachos avermelhados e cintilantes olhos turquesa... Agora todo o Mundo Mágico estava sob meus cuidados. Uma parte por vez, era verdade. E se o amor por nosso filho nos ensinou a construir um escudo com a magia, o conhecimento nos instruiu a usá-la apenas quando necessário.

Fechando os olhos, deixei a brisa morna do verão varrer meu rosto, depois os abri para o verde profundo que se estendia pelo vale de montanhas à minha frente. A paz naquela paisagem era meu presente. Minha esperança. Que renasceu ao final de uma batalha com o fim de uma maldição. Como eu imaginava, a aproximação de Alice e Armand era definitiva. O amor deles era um exemplo do que a amizade e a tolerância podiam fazer por corações tão diferentes. Não sabíamos ao certo se foi a morte de Dalilah, o sacrifício de Heros ou a piedade de Victor que trouxe Armand de volta à sua forma humana... Mas a disposição do Demônio das Sombras em proteger nossa família foi um divisor de águas para estabelecer nossa confiança.

Por muitas vezes não entendi o que Victor dizia, mas, pensando em todas as coisas que vivemos, nas que trouxeram sorrisos e nas que deixaram tristeza, aprendi a respeitá-lo. E o respeito era a melhor forma de conviver com nossas diferenças. Com a dualidade de heranças que se uniam em uma casa, em nossa família, em meu coração.

Nicolau e Aristela reergueram a família Von Berg com bravura e viraram lenda por todo o Mundo Mágico. Os Reinos ainda possuíam conflitos, mas, segundo Félix, estes contratempos tornavam os dias suportáveis. Não queria acreditar que meu amigo carregava tanta amargura, mas era verdade que entre ele e Ayla as coisas continuavam confusas. Embora tivessem o apoio da montanha, em seus Reinos as barreiras iam além da diplomacia... E esta era a palavra chave para qualquer impasse da montanha.

Quanto aos outros elfos, um período de descanso se tornou inevitável. Viviana descobriu que estava grávida algum tempo depois do confronto, e convenceu Alex a passar o comando da Casa Botânica para Alice. Minha irmã também me ajudava a cuidar da revendedora Wels e dividia seu tempo entre os estudos e os negócios da família. Minha rotina era um pouco mais complicada. Não era fácil transitar entre os dois mundos para honrar meus compromissos, ainda mais com a diferença de tempo entre eles, mas ter a ajuda de Lume tornou tudo mais simples. A elfo de fogo passava boa parte do dia em minha casa, apesar das reclamações de Vincent, que ainda relutava em perder sua estimada privacidade.

Com as artimanhas de Ludwig reveladas diante do Conselho, Vincent

reestabeleceu algum prestígio para a Dimensão das Sombras. Ele sempre seria o herdeiro do demônio, mas agora não era temido, e sim respeitado por ser quem era. E, mesmo Vincent sendo seu representante direto, Victor jamais abriria mão de seu domínio... Porque não tinha motivos para isso. De fato, não nos importava. Ver a tranquilidade se estender além dos limites da montanha era nossa única missão.

O Mundo Mágico ainda escondia seus desafios, mas viver sem uma ameaça constante mostrou uma perspectiva de vida que eu nem imaginava ser possível. Uma delas era ter a visita de Anasor e Camilla apenas por diversão. O casal vivia na Terra das Sombras, do outro lado do portal, o que os tornava nossos vizinhos mais próximos. Isso era ainda mais curioso, dividir meu cotidiano mágico com uma rotina comum e normal.

A prosperidade da montanha se espelhava na cidade, que progredia sob o comando de Arthur... Depois da fase das cólicas, Rose e Anna nos faziam visitas frequentes, e ver duas crianças de mundos tão diferentes convivendo em harmonia era a prova de que tudo era possível.

Voltei pela sala ampla, descendo a escada externa da casa ao encontro dos meus dois meninos... meus dois amores. As gargalhadas de Valentin ficaram mais altas e logo avistei um topo de cachos vermelhos e um par de inocentes olhos turquesa, idênticos aos do pai. Quando me viu, ele deu dois passos bambos ao meu encontro, mas tropeçou em seguida... Sem esmaecer, o menino levantou o queixo e ficou em pé novamente. Valentin podia ter herdado os cabelos dos Wels e a falta de equilíbrio da mãe, mas, com certeza, tinha a altivez de um mago das sombras. Bastou um olhar meu para seu anjo protetor, e Vincent pegou nosso filho nos braços. Aninhando o corpo miúdo nos ombros largos, o mago caminhou ao meu encontro. Parei para admirar a cena que preenchia meus sonhos.

– Quer se juntar a nós em um passeio, senhora Dippel?

– Isso é um convite?

– Na verdade, é um sequestro. – Vincent capturou o olhar do menininho em seus braços. – E precisamos agir rápido, Valentin, antes que alguém apareça com um assunto urgente e leve a mamãe para o Conselho.

Agora, dois pares de olhos turquesa me encararam, brilhando, idênticos. Cedi ao anseio das mãos pequeninas e, quando tomei meu filho nos braços, outras mãos me envolveram. Quentes. Protetoras.

– Isso seria impossível, porque já estou comprometida com um assunto muito urgente. – Vincent uniu as sobrancelhas e com um sorriso completei. – Minha família.

O mago abriu um sorriso grandioso, porque ouviu exatamente o que queria.



Sua alegria tinha poder para colorir meu coração. Dentro do abraço de Vincent eu fechei os olhos, deixando que lábios ternos encontrassem os meus. O carinho não foi perdido pelos pequenos oceanos cristalinos. Valentin sorriu encabulado, e emendou uma gargalhada infantil.

Descobri que naquele som morava minha felicidade. Algo simples, que carregava outro tipo de magia... Amor. Nossas perdas faziam parte de uma história, que marcava o recomeço de nossas vidas. Não tinha ideia de quanto tempo esse período de paz poderia durar, mas não deixaria que a escuridão do passado assombrasse *nossa* felicidade.

Por ela, eu acreditaria no impossível, confiaria no destino, me comprometeria com o amor e lutaria com coragem pela esperança de uma vida sem medo.

## Agradecimentos

Obrigada a todos os leitores que entregaram seus corações à magia desse mundo surpreendente. Dividir essa paixão com vocês foi um privilégio! Espero que a semente dessa aventura fique para sempre na memória.

Aos parceiros literários, amigas e amigos dos Blogs Literários, meu agradecimento. Sem o apoio de vocês, essa história não teria chegado tão longe. Do meu coração, obrigada!

À minha amiga de letras Mari Scotti, à minha *ADM Terapia* Ana Paula, do blog Livros de Elite, e às meninas Heloisa, Sandra e Suzana, do maravilhoso Fã-Clube Mundo Keiliano... Meu mundo é todo de vocês! Tenham a certeza da minha amizade e sincera gratidão. S-E-M-P-R-E!

À minha editora fervorosa, Eleonor Hertzog, você me colocou na linha para que esse final fosse ainda melhor do que eu planejava. Muito obrigada!

Aos amigos que tiveram a paciência de me dividir com esse outro mundo por quatro anos... Eu voltei!

Um beijo especial à minha família, por doar tempo, amor e compreensão.

Jamais imaginei embarcar em uma aventura dessas proporções, vocês sabem disso, e sabem também que essa surpresa se tornou um grande presente. Uma grande parte da minha vida. Sem a ajuda de vocês, eu não conseguiria. E, definitivamente, obrigada por aceitar que esse *outro mundo* é parte de mim. Amor eterno.

Por fim, aos mestres, obrigada pela honra de me confiar essa missão.

A música alimentou essa saga, por muitas vezes criou emoções para cenas e por outras, indicou o caminho dos personagens. Para tentar explicar um pouco do que se passou em meu coração, deixo uma última playlist internacional, que me acompanhou no fim dessa aventura. *Divirtam-se!*

No Rain (1993) – Blind Melon; Let Me Go – Avril Lavigne; Ho Hey – The Lumineers; Daylight – Maroon 5; November Rain (1992) – Guns N' Roses; Gotta Be Somebody – Nickelback; Never Let Me Go – Florence + The Machine; The First One – Boys Like Girls; The Days – Avicii; Good Riddance – Green Day; Hide – Creed; Photograph – Ed Sheeran; She Likes (acoustic) – Forever The Sickest Kids; I For You – The All-American Rejects; Echo – Jason Walker; St Jude – Florence+The Machine; Love Ain't No Stranger – White Snake; Wake Me Up – Avicii; If Today Was Your Last Day – Nickelback; Chasing Cars – Snow Patrol; I'd Come For You – Nickelback; A Call To Arms – 30 Seconds To Mars; Don't Stop Dancing – Creed; Remember When – Avril Lavigne; Story Of My Life – One Direction

Uma receita que apareceu muitas vezes na trilogia *Cores* é uma das minhas especialidades. Foi uma das primeiras receitas que fiz para meu marido e a preferida da minha ratinha. E, como a maior parte dos detalhes dessa história, essa receita faz parte do meu cotidiano e tem um significado especial para meu coração. Espero que gostem!

Panquecas (americanas)

1 ovo

1 fio de óleo (aproximadamente duas colheres de sopa cheias)

1 ½ xícara de leite

1 xícara de farinha de trigo

1 colher de sopa cheia de açúcar

1 pitada de sal (apenas a ponta de uma colherinha de café)

1 colher de sopa rasa de fermento químico em pó.

Com o auxílio de um *fuê*, misturar separadamente os ingredientes líquidos.

Depois unir a mistura líquida à mistura seca.

Como auxílio de uma concha, colocar porções da massa (quase líquida) em uma frigideira untada e aquecida em fogo médio. Quando as primeiras bolhas de ar se formarem na superfície da massa, vire-a com o auxílio de uma espátula e espere dourar do outro lado.

Coloque a cobertura desejada.

\*As panquecas ficam maravilhosas com manteiga e mel. *Enjoy!*

# Table of Contents

[Aprendizado](#)  
[Primeiro Dia](#)  
[Anjo](#)  
[Demônio](#)  
[Conselheiros](#)  
[Demônio irritado](#)  
[Sonhos reais](#)  
[Segundo Dia](#)  
[Planejamento](#)  
[Surpresas](#)  
[Acerto de contas](#)  
[Dia sem noite](#)  
[A nova Casa de vidro](#)  
[Terceiro dia](#)  
[Convidados](#)  
[Recepção de Anúncio](#)  
[Luz de inverno](#)  
[Goch](#)  
[Montanha](#)  
[Família](#)  
[Uma oportunidade](#)  
[Vida nova](#)  
[Uma nova vida](#)  
[Sombras do passado](#)  
[Despedida](#)  
[Tempo](#)  
[Valentin](#)  
[Tempo](#)  
[Retorno](#)  
[Luz e Sombra](#)